

# REVISTA LUSITANA

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XIII

1910

N.ºs 1-2

## DOCUMENTOS

DE

## SANTA MARIA DE AGUIAR

(CASTELLO RODRIGO)

Quando nos falta um convento em determinada região de país que compunha o primitivo Portugal, torna-se difficil fazer a historia d'ella. Quanto mais abundante em documentos é esse cartorio, tanto mais nos é permittido penetrar no conhecimento da civilização e costumes do povo. Os cartorios da collegiada de Guimarães, da Sé de Coimbra e do mosteiro de Lorvão, pode dizer-se serem archivos condaes, na falta de privativos dos condes de Portugal. Mais perto de nós, os cartorios dos mosteiros da Costa (Guimarães) e Alcobaça são tambem archivos reaes, ao lado do da capella do rei. O aproveitamento de um logar sagrado para archivo secular não é exclusivo do catholicismo; já Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana*, 1, 3, dizia que os antigos «tinhão Archivos publicos nos templos e lugares sagrados». Os modernos trabalhos archeologicos na Grecia mostram como as columnas e paredes dos templos serviam para repositorio de factos notaveis e até insignificantes da vida das cidades e respectivos cidadãos. Alguns historiadores gregos percorreram os templos da sua patria para escreverem os seus trabalhos, como muito depois entre nós fizeram os Brandões, João Pedro Ribeiro, e Herculano.

No templo de Selinunt foram recentemente encontrados numerosos sellos que antes estavam presos a documentos<sup>1</sup>. Da Grecia

<sup>1</sup> Ziebarth, *Kulturbilder aus griechischen Städten*, no capitulo 1 intitulado «Antike Archive».



nos veio o nome *archivo*, *arquivo*, correspondente á *arca*, onde nas camaras dos concelhos de Portugal se guardavam documentos municipaes e particulares.

Assim é que se Herculano tivesse conhecido a tempo o cartorio de Santa Maria de Aguiar da Beira, junto a Castello Rodrigo, por certo que a nota 1 do vol. II da sua *Historia* teria saído mais clara e perfeita <sup>1</sup>.

\*

\* \* \*

O reino de Leão fundiu-se em 1230 com o reino de Castella. Era Leão o estado mais antigo da península (pois nelle vivia a antiga monarchia de Oviedo ou Asturias), de que se desmembraram ao Oriente e Occidente respectivamente Castella e Portugal, ficando o velho reino a separar as duas novas potencias, até que no anno referido caiu por completo aquella parede.

Os limites de Portugal e Leão no interior ou sertão, até mesmo durante o governo do Conde D. Henrique e do rei seu filho, são muito vagos. O litoral português sabe-se por uma carta de 1096 *ia a flumine minco usque in tagum* <sup>2</sup>. Ao norte do Douro até o anno 1100, o ponto mais oriental, que eu conheço, podendo considerar-se português, é Campiã (Campelana) <sup>3</sup>.

Ao sul do Douro, os territorios da moderna Beira Baixa tinham o nome de *estremadura*, segundo um documento de 960 <sup>4</sup>; outro de 1059 diz *in extremis ex alia parte durio* <sup>5</sup>.

Os castellos que ficavam naquella estremadura eram, segundo a carta de 960: «Trancoso moraria longobria nauman uacinata amindula pena de dono alcobria seniorzelli Caria cum alias penel-as et populationes».

O documento de 1059 repete quasi todos os nomes: «Trancoso cum suas villas longobria, terrenio moraria naumam uacinata penna de dono amendula seniorzelli alcobria et caria».

<sup>1</sup> Aqui estão as suas palavras em 1857 sobre esse cartorio: «Ha, pouco, Senhor, que examinando-se por ordem desta Classe os restos que escaparam do rico *archivo* do mosteiro de Aguiar, conservados no Thesouro publico, ahí se foram encontrar no original muitos documentos politicos e economicos da mais alta importancia relativos aos seculos XIII e XIV...». *Do estado dos archivos ecclesiasticos do reino*, «Opusculos», I, pag. 221.

<sup>2</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Dipl. et Cart.», p. 504.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 455, em 1091.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 51.

<sup>5</sup> *Idem*, p. 262.

D'estes nomes não sei localizar *uacinata*, *alcobria* e *seniorzelli*. *Alcobria* poderia ser Alcofra em Oliveira de Frades, Alcoba <sup>1</sup> nome antigo da serra do Caramulo, ou menos provavelmente Algodres.

Para além pois de Trancoso, Moreira de Rei, Langroiva, Numaão, Almendra, Penedono, Terrenho e Caria, havia um território de que os documentos portugueses nos não dão noticia a quem pertencesse. É bem possível que os teimosos Beirões o tivessem ido conquistando pacificamente com a enxada, mais que com a espada. Do sul da Beira Baixa, ou o moderno districto de Castello Branco, coube a uma ordem nũltar a conquista ou colonização; o norte ou districto da Guarda ficou debaixo das vistas do rei.

Pode afirmar-se que todo o territorio da margem esquerda do Coa, desde Sabugal até á sua foz no Douro, era e foi sempre português. Pinhel recebeu em 1191 o seu primeiro foral, Belmonte e Guarda em 1199. Em 1220, 1228, 1229 receberam Touro (*Taurum*), Sortelha, Castello Mendo e Moreira de Castello Mendo os seus foraes.

Herculano reduz o territorio português, attribuindo a Leão o terreno que jaz entre os rios Pinhel e Coa <sup>2</sup>. Para este effeito julga que Castello Mendo do foral de 1229 seja Villa Mendo ou Villa de Mendo, que fica a les-sueste da Guarda, e que o Coa seja o rio Pinhel. Os seus argumentos não me parecem convincentes, e sem os rebater apontarei o que me leva a crer na localização do antigo Castello Mendo na actual povoação do mesmo nome. No foral d'esta villa mencionam-se *Magidi*, *Azjal* e *Cerzeira* <sup>3</sup>, que correspondem a Mido (ou Mangide em Pinhel), Azinhal e Cerdeira, povoações que ainda pertenciam ao concelho de Castello Mendo quando foi extinto pelo decreto de 24 de outubro de 1855. Entre 1229 e 1248 foi dado foral á herdade de *Moraria in termino de Castello menenda* <sup>4</sup>, povoação correspondente á freguesia da Amoreira do referido concelho de Castello Mendo. Em 1223 foi vendida a herdade de *anade* (*Ade*) *quomodo diuidit per signas cum fratribus de templo et quomodo intrat anade in cola et de alia parte quomodo intrat Noeme in cola* <sup>5</sup>. Nesse contracto lê-se ainda

<sup>1</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Inq.», p. 828; e Baptista, *Chorographia Moderna*, II, p. 583

<sup>2</sup> *Historia de Portugal*, II, 103, 121 e 315.

<sup>3</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 612.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 632.

<sup>5</sup> Cartorio de Aguiar, maço 7, n.º 13.

*Regnante rege in Portugali Domino Alfonso, domino terre.* Este documento parece-me capital para demonstrar que Castello Mendo já pertencia a Portugal muito antes do tratado de Alcanices, pois que Ade fica a dois passos d'aquella villa.

Um documento de 1230, que só conheço por uma versão do sec. xv, menciona um acordo feito pelo concelho e alcaides de Castello Mendo, com licença de D. Sancho, rei de Portugal, e pelo abbade de Aguiar e seu convento, sobre a granja e villa de Cerdeira <sup>1</sup>. D. Affonso III em 1264 escreve ao alcaide de Castello Mendo sobre a observancia do referido acordo <sup>2</sup>. Um documento feito na Guarda em 1260, relativo á herdade de Azinhal no termo de Castello Mendo, diz que reinava D. Affonso <sup>3</sup>. Estes documentos, de que não teve Herculano conhecimento, mostram que a margem esquerda do Coa, desde a sua foz até á villa então leonesa do Sabugal, era toda portuguesa no sec. xiii, se bem que no sec. x e xi para além do rio Almendra tivesse sido dependencia da Beira.

\* \* \*

Peio tratado de 12 de agosto de 1297, celebrado em Alcanices, foi o territorio leonês situado a oriente do rio Coa reconhecido a Portugal, que o occupara militarmente pouco antes. Nelle encontrava-se o mosteiro de Santa Maria da Torre de Aguiar, junto de Castello Rodrigo, e que já existia em 1165. Apesar de situado em territorio estranho os portuguezes não desdenhavam de entrar nelle, como se lê num documento de 1269: «frater Stephanus et frater Dominicus fernandj Portugalenses Monachi Monasterij supradicti [Turris Aquilaris]» <sup>4</sup>.

O documento mais antigo dos reis de Leão que se encontra no cartorio de Santa Maria de Aguiar é datado de 1176, e diz respeito a uma doação na foz do rio de Aguiar <sup>5</sup>. No mesmo anno D. Fernando *hispaniarum rex* fez doações ao mosteiro de dez jugadas junto da *fontis de vervenosa* (Vermiosa) <sup>6</sup>. D. Affonso,

<sup>1</sup> Cartorio de Aguiar, maço 4, n.º 210.

<sup>2</sup> Idem, maço 5, n.º 14.

<sup>3</sup> Idem, maço 5, n.º 21.

<sup>4</sup> Idem, maço 5, n.º 10 e 11.

<sup>5</sup> Idem, maço 7, n.º 12.

<sup>6</sup> Idem, maço 1, n.º 25.

*rex legionis et galecie* doou ao mosteiro a *grangiam turris aguilaris*, a *grangiam de ryo chico* e a *grangiam de fonte de Cantis* <sup>1</sup>.

Em 1194, o mesmo rei dá a *meam grangiam de turones que est in termino Civitatis Roderici* <sup>2</sup>. Em 1217, recebeu o mosteiro tambem do referido rei licença para comprar o *locum de cortiçada* <sup>3</sup>. Estando D. Affonso em Alfaiates em 1226 deu ao convento tres jugadas em Villar Formoso <sup>4</sup>. Affonso X, em 1252, isentou o mosteiro de Aguiar do pagamento de quaesquer direitos <sup>5</sup>. Ecclesiasticamente pertencia Santa Maria de Aguiar, junto de Castello Rodrigo, ao bispado da Cida Rodrigo, ainda em 1365 <sup>6</sup>.

Se o mosteiro de Aguiar tinha antes de 1295 herdades em territorio portuguez, passando para Portugal continuou a ficar com propriedades em reino diverso. O tombo de 1354 menciona:

«a quintaam toda da bouça que sta en no Reino de Castella [aquem do] Rio dageda.

It. a granja de tourões que sta aquem da quintãa da bouça no reino de Castella.

It. a granja da cortiçada que sta alem daguida no Reino de Castella.

It. a granja de rio chiquo que jaz contra almofala» <sup>7</sup>.

O villar de *Boucia vetus* foi doado pelo rei Afonso de Leão em 1210 <sup>8</sup> e Cortiçada que está junto de *San Felice de los Gallegos* foi comprada pelo mosteiro em 1218 <sup>9</sup>. A Granja de Turões já estava desde 1194 em poder do mosteiro, como indiquei acima.

Herculano julgou infundadamente que Rio Chico, que é ultima granja mencionada acima, correspondia á freguesia de S. Pedro do Rio Seco, no concelho de Almeida <sup>10</sup>. É nesta freguesia que nasce

<sup>1</sup> Cartorio de Aguiar, maço 1, n.º 31. Esta granja pertence á freguesia de Freixeda do Torrão.

<sup>2</sup> Idem, maço 1, n.º 38.

<sup>3</sup> Idem, maço 1, n.º 40.

<sup>4</sup> Idem, maço 1, n.º 27.

<sup>5</sup> Idem, maço 1, n.º 8.

<sup>6</sup> Idem, maço 1, n.º 18.

<sup>7</sup> Idem, maço 1, n.º 23.

<sup>8</sup> Idem, maço 1, n.º 37.

<sup>9</sup> Idem, maço 1, n.º 39.

<sup>10</sup> Antes de 1230 já apparece *San Pedro de Arroyo seco* nos *Costumes de Castello Bom* (*Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 745), como limite de Castello Rodrigo. Vê-se que Herculano não aproveitou para as novas edições da *Historia* o que ia publicando nos *Monumenta*.

a ribeira de Aguiar, também chamada Rio Seco no seu primeiro percurso.

Em 1758 ainda se conservava o nome de Rio Chico, deturpado em *Rexico*, como leio na memoria do cura da Nave Redonda, que diz: «Deste pouo ao rio dista hum coarto de legoa pouco mais ou menos; chama-se esta ribeira de Aguiar por ficar perto a Senhora de Aguiar. Aqui em esta vezinhança em o inuerno he caudelozo toma bastante agoa; em elle se mete outro pequeno chamado o Rexico e este seca mais breve em o tempo do ueram»<sup>1</sup>.

Ainda é mais explicito o abbade de Mal Partida: «O Rio deste lugar passa em distancia delle hum tiro de balla de espingarda; chama-se Rio Secco, nasce na fonte do Rôbere. Nam entram rios nelle e só as agoas que vertem os fundos de alguns outeyros que pela sua abundancia no inverno adquirem nome como he a ribeyra das Alvercas, rio chico, Ribeyra das Tallas, ribeyra d'Aguiar, e todas estas so correm quando chove»<sup>2</sup>. O abbade diz ainda: «Conserva o nome de Rio Secco de donde nasce athé aonde o perde duas legoas de distancia deste lugar . . . e adquire o nome de ribeyra com o nome de Ribeyra de Aguiar no sittio aonde chamam o Val das Arias lemite da Vermioza (inafortunado acontecimento a quem nasce varam achar-se femca)». Fica, pois, demonstrado que Rio Chico não passou para Rio Seco, como já o conhecimento das regras foneticas fazia prever<sup>3</sup>.

\*  
\*   \*  
\*

A região de Riba-Coa deu a Portugal o ingenho Fr. Bernardo de Brito, o compilador das gestas medievaes que elle julgava boa historia, o qual está sepultado no mosteiro de Nossa Senhora de Aguiar. O primeiro historiador que se consagrou ao estudo da incorporação d'aquelle territorio foi Fr. Francisco Brandão na *Monarchia Lusitana*, mas de tal forma procedeu que foi difficil a Herculano na nota já citada lançar um pouco de luz naquella escuridão.

<sup>1</sup> *Diccionario Geographico*, ms., tomo XXI, p. 54.

<sup>2</sup> *Idem*, tomo XIII, p. 255.

<sup>3</sup> *Chico* não é vocabulo portugês. Por isto é curiosa a permanencia d'elle na fronteira.

No cartorio do mosteiro existe um caderno com o seguinte titulo: «Memorias tiradas do cartorio do Real Mosteiro de Santa Maria de Aguiar da Ordem de S. Bernardo, sito em Riba Coa, junto á villa de Castello Rodrigo, nos confins da Provincia da Beira alta e limites do Bispado novo de Lamego e comarcas de Pinhel». D'ellas se tirou uma copia na Secretaria da Administracão da Guarda (Governo Civil), que foi assinada pelo secretario geral do districto, Antonio José Vieira Santa Rita, em 19 de junho de 1837. O autor das *Memorias* é o academico Fr. Manuel da Rocha, monge de S. Bernardo <sup>1</sup>.

Em poder do sr. João Correia Aires de Campos encontra-se um ms. que tem o seguinte titulo: «Abreviadas memorias do mosteiro de Santa Maria de Aguiar, etc.» É datada de 1785, e diz-se que o seu autor é Fr. Manuel de Figueiredo <sup>2</sup>. Entre os apontamentos dos Brandões é de presumir que se encontrem extractos de documentos do mosteiro <sup>3</sup>.

\*  
\*   \*  
\*

O cartorio de Santa Maria de Aguiar não se perdeu completamente, pois encontra-se hoje em grande parte na Torre do Tombo.

A primeira remessa entrou no Archivo em junho de 1865, vinda do archivo da Direcção Geral dos Proprios Nacionaes; a segunda entrou em novembro de 1881. É provavel que ainda por lá se encontre mais alguma cousa, pelo menos livros. Não é facil achar explicação para a divisão do cartorio em duas remessas sendo os documentos da mesma especie. Isto é apenas uma amostra da leylandade com que tem sido tratados os archivos dos conventos desde a extincção d'estes; mas a historia deveras instructiva dos vandalismos commettidos por pessoas relativamente incompetentes ficará para outro logar.

Os documentos de pergaminho e de papel datados de 1169 (falso) até 1830 são em numero de 367, repartidos por oito maços. Acrescem ainda tres livros, um dos quaes é o caderno das visita-

<sup>1</sup> Cartorio de Aguiar, maço 2, n.ºs 52, 53 e 58, e maço 3, n.º 139.

<sup>2</sup> Brito Aranha, *Diccionario Bibliographico*, tomo xvi, p. 214.

<sup>3</sup> O sr. Gabriel Pereira, no seu opusculo *Bibliothecas e Archivos Nacionaes*, 1903, dá conta do material historico recolhido pelos Cistercienses.

ções da igreja de Bouça, villa hespanhola. Este caderno é interessante e por elle vemos que os curas dessa freguesia eram portuguezes. O visitador Fr. André Saraiva, em maio de 1763, escreveu naquelle caderno o seguinte: «Por nos constar que algumas pessoas esquecidas do bom exemplo que devem dar sem escandalo algum uzando do jogo das cartas nascendo d'esta abominaveis desordens como nos foi zellado e notorio; mandamos e ordenamos que daqui em diante toda a pessoa que foy achada neste abominavel exercicio ou os concinta em sua caza pagara pella primeira vez 1200 réis e pellas mais vezes ficará a nosso arbitrio».

Entre os documentos do primeiro maço encontram-se dez que tinham já estado na Torre do Tombo, como se conhece em todos pelas antigas marcações nas *gavetas* d'aquelle archívo e em alguns pelos summarios lançados nos versos pelos escrivães da leitura nova. É provavel que estes documentos fossem levados para Riba-Coa pelos chronistas-mores Brandões, um dos quaes foi algum tempo guarda-mor na Torre do Tombo.

De tres documentos do mesmo maço só existe a memoria, em consequencia de terem sido enviados pelo Thesouro Publico em 1859 ao ministro portuguez em Madrid. Talvez tivessem o destino que soffreu no mesmo anno o *Tirant lo Blanch* !

\*

\*      \*

A lingua falada no territorio de Riba Coa a aceitar-se a hypothese de Herculano «que Castello Rodrigo foi povoado com colonos de aquem do Coa, ao passo que Castello-melhor se povoava com gente leonesa» <sup>1</sup>, não deveria ter unidade. Parece-me, porém, arriscado, só pelo estudo da linguagem dos *Costumes*, dever deduzir-se a do povo em que elles se praticavam. A difficuldade maior consiste em que não devemos aqui procurar o portuguez ou o castelhano, mas o intermedio leonés. Da-se, porém, o caso que Leão perdeu a sua autonomia em 1230, quando a lingua vulgar só raras vezes era empregada nos documentos, de forma que nos faltam testemunhos ou padrões por onde a possamos bem conhecer.

<sup>1</sup> Sobre este negocio vid. *O: Incunabulos da Bibliotheca Publica do Porto*, por Artur Carvalho, 1904, pg. 110.

<sup>2</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», t. p. 742.



É de crer que a lingua falada em Riba Coa se estendesse mais para o oriente, pois que ainda hoje, segundo escreve o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, em territorio hespanhol se encontra na povoação de Alamedilla o uso do português<sup>1</sup>. E tambem provavel que na villa de *Bouza* ou Boiça elle ainda se use, pois que até 1833 os parochos nomeados pelo abbade de Santa Maria de Aguiar pertenciam á nossa nacionalidade e sabe se a influencia que exerceu na lingua vulgar o clero<sup>2</sup>.

Apesar do pequeno numero de documentos do cartorio de que tenho tratado neste artigo, ainda assim os que estampo dão-nos a esperanza de reflectirem a linguagem do povo de Riba Coa. D'estes cinco documentos que publico apenas o primeiro, datado de 1261, tem certo valor: o que se lhe segue a larga distancia é datado de 1302.

Da segunda metade do sec. XIII é o documento n.º 1 de Aguiar o segundo em data que eu até agora conheço, pois o mais antigo é de 1255 e pertence ao convento de Arnoia, seguindo-se-lhe em terceiro lugar um de 1262 de Ave Maria do Porto (Cfr. *Rev. Lusitana*, ix, 258). Mas como Sabugal, a terra onde elle foi escrito, pertencia ainda em 1261 ao reino de Castella e Leão, este documento não nos pertence por direito. Outro documento do Sabugal já foi publicado na *Rev. Lusitana*, xi, 85.

PEDRO A. DE AZEVEDO.



I. — Partilha que fez Maria Gonçalves de seus bens pelos filhos.  
Sabugal, era de 1299 (1261).

A B C D E

Conoçuda cousa seia a todos que esta Carta ujrẽ Como eu Maria Gonçalvez fiz tal partiçõ con meos fillos e con esteuã suarez meo gẽro A meo pagamẽto e a seu deles. Recebj por mja

<sup>1</sup> *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, 1661, p. 18.

<sup>2</sup> Hoje sãõ os jornaes que modificam o vocabulario e a sintaxe da lingua popular. A elles devem a substituiçãõ quasi completa em Lisboa da palavra *entrudo* por *carnaval*.

mevadade nas herdades que auja... meo marido dō Mēedo. Coujē A saber quanto aujamos en Sabugal e en seu termjno. Saluo de Caria talaya. E quanto aujamos en Alfayates e en seu termjno e A Torrē con seu termjno. Esto sobredito recebj eu Maria gonçaluez por mja mevadade. E por esto quito a meos fillos. E recebē na outra sa mevadade quanto al eu auja con meo marido dō Mēedo en Caria talaya e en termjno de ujar mayor e de Castell bóo. e as fresnedas con todo seu termjno e con quanto a ellas pertence e quanto aujamos en Castell rodrigo e en seu termjno e con todas as outras cosas que aujamos en Portugal. e quanto aujamos desde vilar Mayor ata nas aguas de doyro en Regno de Leō. E nos ponemos tal preyto e tal cōposiçō entre nos que se per uentura alguē uier que faça alguna demanda a dōa Maria en este herdamento que recebeo por sa mevadade. Nos seu fillos de dōa Maria e eu esteuā suarez seu gēro nō seeremos tenudos de lo defender e outrosi se alguno fizer alguna demanda a nos seus fillos ó a esteuā suarez seu gēro en este herdamento sobredito que nos recebimos por nosa mevadade. Outrosi dōa maria nō seer tenuta a defendelo. Saluo ó das fresnedas que e nosa partiçō a que somos chamados per carta del Rey que respondamos dela a nuno eanes per que eu Maria gonçaluez outorgo a pagar as meyas das custas que fizerē sobresta demanda das fresnedas sobreditas a meos fillos e a esteuā suarez meo gēro así de cōposiçō como dauenencia que fizeren sobresta demanda con nuno eanes. E se per uentura foren uençudos meos fillos e esteuā suarez meo gēro desta demanda das fresnedas cola en auja con meo marido dō mēedo a sa morte. Eu Maria gonçaluez sō tenuta per mjn e per quanto ey por dar a meos fillos e a esteuā suarez meo gēro a ualia da mevadate das fresnedas como la auja con meo marido mēe perez a sa morte en herdade ou en auer que lo uala. E esta demãda de Nuno eanes fenida. Eu dōa Maria gonçaluez nō seer tenuta de la defender a neguno que la demande. Que eu Maria gonçaluez con meos fillos e con esteuā suarez meo gēro componemos e outorgamos entre nos que qual quer de nos que esta partila queira reuogar ó contradizer peyte en pēa. C. marauedis a la outra parte. E eu Maria gonçaluez outorgo so pēa de. C. marauedis polos meos fillos que nō son de idade e por Maria mēdez mea tila que os faça outorgar esta partiçō quando forē de idade. E eu esteuā suarez meo oblijo e outorgo so pea destes .C. marauedis sobreditos que eu faça outorgar a mja moler Chamoá mēdez esta partiçō ata dia de San Martino primeiro que uē per ella ó per carta aberta Seelada do seelo de Celorico e depoyz que chegar Chamoá mēdez a otorgar esta partiçō seer quite desta pea destes .C. marauedis e darē me mja carta. E eu fernā mēdez outorgo esta partiçō que se a

<sup>1</sup> Este nome corresponde ao castelhano *Lambra*, *Lhambra* ou *Hambra*. Cfr. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Estudos sobre o Romanceiro peninsular*, p. 30.

eu quiser demandar ou reuogar que peyte .C. marauedis e la particiõ seer estauil. It. eu Maria gonçaluez quito a meos filoz e a meo gêro esteuã suarez as arras en que me recabedara meo marido mõe perez. It. a mada que me mãdara que seya no testamento que tenja õ abat dagujar en fieldat. It. eu esteuã suarez meo quito da demãda do Casamento que eu fazia e per esta partila seja todo quite. Esta partila e esta composiciõ sobredita foy feyta .iiij.<sup>a</sup> feyra .iiij. dias andados de Mayo nos palacios de vila bõa a pagamento danbalas partes. Perdante Martin Domingez de Sabugal e perdante Pasqual perez canonjgo de badaloz e perdante Pedro esteuanez dallayates que forõ fies desta particiõ e desta composiciõ e desta Auençia asi como sobredito e per mandado dos alcaldes de Sabugal. Ts. Gonçalo fernandez clerigo Mõe martinez escriuã Lopo martinez seu yrmão Pero joanes filo de joan grande. Lorenço eanes. Barnabe de Castell rodrigo E en outro dia .v.<sup>a</sup> feyra .v. dias andados de Mayo Eu Meen gonçaluez con meo filo fernã mõe-dez e por meos filoz aqueles que nõ son de edade e con Esteuã suarez meo gêro uemos a Sabugal e nas mias çaixas outorgamos esta particiõ e esta composiciõ e esta auência asi como... estas testemunias dõ joan paez. joan paez alcalde Mõe diaz... Esteuã perez caualeiro. Pero Martinez lucas. joan suarez. Vicente alfonso... martinez peliteiro. Pero paez carneiro. Esteuã joanes do Castello. du... dor de Salamãca. Maestre bõ omõe. joan grande. ... Era M.<sup>o</sup> CC.<sup>o</sup> xc.<sup>o</sup> ix.<sup>o</sup> e por que estas cartas seia... estauiles mãdamolas fazer partidas per A. B. C.

No dorso. Carta ista non detur nisi filiis melendi petri et stephano suerij suo genero et carta ista sub talj conditione demr ut reuertatur semper in monasterium.

(Mosteiro de Santa Maria de Aguiar da Beira, maço 8. n.<sup>o</sup> 18).

II. — Avença e escambo que fizeram o mosteiro de Santa Maria de Agular e João Domingues de bens situados em Castella por outros em Portugal. Castello Rodrigo, 12 de julho de 1340 (1302).

A B C

Sabhã quantos Esta carta vyrẽ Cõmn Nos dom ffrey Andres Abbade do Moesteyro de santa Maria daguyar e nos ho conuento desse Méesmo e Cõ outorgamento de Nosso Abbade e de ffrey Garcia Celhareyro e do ffrey domjgo priul e de ffrey Martin supria e de ffrey domjgo abbade sancrystã Nos os sobreditos Abbade e cõvento ffazemos tal Auijça e Cambho cõ uosco Joã domjgiz e cõ vossa Mollher elhena piriz Comvẽ a ssaber aãvçeça e ho cambho qual e Nos abbade e cõvẽto sobre dito Damos A uos Joã

domígiz e A uos elhena piriz todo ho nosso erdamênto que nos Auemos em sesmyro termo de Cyda Rodrygo e damos uollo cõ entradas e cõ saydas e Cõ môtes e cõ ffontes e cõ prados e cõ ortos e cõ eyras e cõ flaceyras e cõ todallas outras coussas que nos y Auyamos e Auer deuyamos por qual quer Maneyra. Outro sy uos damos e cãbhamos A nossa açuda dos Moynos que nos Auyamos êno Ryo dagada Aho porto de san fñiz o chyco e damos uollo cõ todo o dereyto do peço e do ryo que nos y Auyamos e Auer deuyamos deste dia doye que Esta carta é fleyta adeante e Nos damos A uos sobre ditos Joã domingiz e A uossa Molher elhena piriz o Jur e o poder E a propriedade e A apossysom de todo esto que uos damos e que con voscõ cãbhamos que ho possades entral e tomar e lhaural e dar e cãbhar e baratar e ênagenar e vender e êpenar e flazerdes del e en el Toda vossa uõotade Come do uosso Méesmo lyure e quyte flaryades e flazedeho asy ena vyda cõme êna Mortê. E eu Joã domígiz e elhena piriz os sobre ditos por Esto que Recebemos de uos don fley Andres Abbade daguyar e ho couento sobre dito damos uos e outorgamos uos todo qũanto Erdamento Nos auyamos na torre de Cabrões e damos uollo cõ entradas e cõ saydas e cõ môtes e con ffontes e Cõ todos aquelles dereytos que nos y. auyamos e deuyamos áuer e damos uollo e outorgamos uo lho per estes Loguares Certos que diz ena carta do cõçelho de Castel Rodrygo que nos uos demos seellhada cõ seu seello e outro sy uos damos e houtorgamos As nossas quatro arañçadas de vyña que nos auyamos A par da uossa Abbadia Carreyra da pedreyra a qual vyña floy de doña Justa e de dom saluador de flygeira e doie este dia que Esta carta e flecta ade Ante vos damos o Jur e ho poder e a propriadade e a possysom desto todo que uos damos que ho possades entrar e tomar e lhaural e dar e cãbhar enagenar e uender e enpenar e flazer del e en el toda uossa uõotade Cõme do uosso Meesmo lyure e quite flaryades e flazede ho assy êna vyda cõme na morte E outrosy uos damos todo ordamento E cassas e flaceyras e hortos e prados que Auyamos em flygeyra pera flazerdes del e em el cõme das outras coussas sobreditas que uos damos E nos as partes sobreditas somos bẽ entregados cada hũus de Nos desta auença e cãbho que flazemos e prometemos e houtorgamos Cada hũus de Nos e de Mays obrygamos os bẽes que Cada hũu de nos as partes hoie dia auemos Cõmo os que Auemos da quy en de Ante Que se qual quer de uos hou outrẽ por uos hou por qualquer de nos que contra esto que dito é quyssesse uñr en Alguu Tenpo hou quyssessemos vijr pera Reuogalho hou pera desfazello Todo ou parte delle por que quer hou por qual maneyra quer hou querer queyra chamar a emgano que nom valha e que peyte mill marauedis da bõa Moeda já parte que quysser estar e Esto. E toda vya seer esta Auijca E cambho flyrme e valyosso pera senpre ya mais E sobre Todo esto Cada hũu de nos as partes Renocamos fleyras e Cartas e pryuillegios e Merçees De rey e de raña e dynflãte e de papa e darcebyspo e de Byspo guianados e por guãanar E prazo de terçel dia e de noue dias e de Trĩjta dias e Tralhado desta Carta e prazos Mudados e

prazos de Cōselho e de vogado E toda outra Eyseição e deflenson  
 E tōdo dereyto scryto e não escryto Assy Cressyastyco cōmo se-  
 gral e todo fforo e toda lhey e todo husso e todo Costume E toda  
 Costyticō e deflencō e Outro sy Renuçamos A eyseicō Canonyca  
 e Çeuyt E todas Aquellas Coussas que aã parte que contra esto  
 quyssesse vijr e que lhe poderya sobre esto Aproueytar e aã outra  
 enpécçer que lhe nõ valha Nen lhe seya ouuydo e Juyzo nõ flora  
 de Juyzo E por que Esto seya ffirmme E nõca possa vijr En duuyda  
 E por que nos ho Conuento sobre dito Non Auemos seelho pro-  
 prio Outorgamos que ho seelho de nosso Abade que seya posto  
 en Esta Carta E eu dito ffrey Andres Abbade sobre dito seelhej  
 Esta Carta cō no Nosso seelho pendente e por que Esto er seia  
 Mais ffirmme E não possa pois vijr en duuyda Nos Abbade e Con-  
 uento e Nos Joã domigiz e elhena piriz os sobre ditos Rogamos  
 A lourenço Anes Tabaliõ En castel Rodrygo e en Mõfforte que  
 ffezesse ende duas Cartas partydas a. b. c. A tal a hũa cōma a  
 houtra. Testemoyas que iforom presentes A esto ffrey domigos  
 priul e ffrey domigo Abbade sancrystã E ffrey garçya Çelhareyro  
 e ffrey Martin E ffrey Martin Monyz E ffrey Sancho e Domigos  
 Martijz pan de Tres e Domigos Cabáacos e Pedro Anes Douteiro  
 Moradores ãna Guarda E Joã sobryño priul de Ifygeyra E martyn  
 Anes genrro de Domigo Almoço e Pedro Çentêho e Domigo san-  
 cho e Martyn Eagos E Pedro Martijz seu filho Moradores en Ify-  
 geira E garçia piriz filho de Pedro ffurtado E eu Lourçco Anes  
 Tabaliõ sobre dito A esto presente fluy e A rogo e a Mandado  
 das sobre ditas partes Estas duas Cartas partydas per a. b. c. Cõ  
 mha Mãho propria escreuy e e Cada hũa dellhas Meu synal puysy  
 en testemoyo de verdade que taes son ✕ ffeytas as cartas doze  
 dias de Julho Da era de Mill E trezçtos e quarçeta Anos . . . . .

*No dorso, letra do sec. XVI:* Escambo de hũa terra e moinhos no  
 termo de cidade Rodrigo por outro herdamento a torre de cabrões  
 e quatro alamedas de vinha na pedreyra termo de Castello Ro-  
 drigo<sup>1</sup>.

(Convento da Torre de Aguiar, Maço 1, n.º 22).

### III. — Arrendamento da Cortiçada. Santa Maria de Aguiar, 27 de outubro de 1369 (1331)

Sabeam quantos esta carta viren Cōmo Nos don ffrey domingo  
 Abbade do moesteiro de santa Maria dagiar e o cōuento desse  
 meesmo lugar Conhoscemos e outorgamos que arrendamos a uos

<sup>1</sup> As palavras d'esta carta estão separadas umas das outras com pontos,  
 os quaes omitti para facilidade da composição, deixando apenas os essenciaes.



migeel fagundo filho de don fagundo dascarigo visinho e morador em san fñz dos galegos a nossa granja da corticada que iaz en terminho de san fñz o galego e esta dita granja uos arrendamos assy cõmo a nõs oie este dia auemos e de dereyto deuemos a auer e os muynhos que auemos ãna rribeira dagada os que agora moen que ten Pero ascarigo da uermeosso (sic) e outro homee da aimoffala de uos arrendados e que aiades uos a dita granja e muynhos cõ entradas e saydas e con todas sas perteenças por xv. anos conpridos per tal preyto e cõdicõ que uos migeel fagundo dedes ao nosso moesteiro de cada hũ ãno conuẽ a ssaber. Lv. libras de dinheiros portugeeses en paz e en saluo ãno dito moesteiro e a paga seia feyta en esta gissa a meatade por dia de pascoa da rressurreççõ e a outra meatade por dia de santa Maria dagosto e a cabo dos .xv. ãnos acabados que leyxedes a dita granja cõ quatro boys cõ seus gissamentos e cõ dous apeyros e cõ quatro rre-lhas ou que dedes pelos ditos boys .xl. libras en dinheiros se os y nõ leyxardes e deuedes a dar ao dito moesteiro por dia de san Johan bautista hũ carneiro e duas cantaras de vinho e xxx paes e prouerdes ao Abbade hũ dia se allo quiser ir ben e honradamente e deyxardes a cassa cõ sementeyra feyta assy cõuẽ a ssaber de tres cahizes e v. fanegas de centeo e dous cahizes hũa fanega de trijgo e xj. fanegas de ceuada e pagada anafaga de dous Jugeyros e do fferreyro e uos migeel fagundo manteyredes as cassas cõ melhoria e lauraredes a uinha bẽ de todo seu lavor e deueres y leyxar duas ayxadas e dous ayxadoos e uos dito abbade e conuento outorgamos que uos migeel fagundo que aiades a dita granja pelos ditos xv. ãnos e que nos nõ outre por nos que uola nõ possamos tirar e se uola quissermos tirar que uos peytemos en pãa C. liuras de dinheiros portugeeses e todauia ficardes uos ãna dita granja assy como dito he pagando uos aos prazos que ditos son e uos nõ pagando que uos possamos preudar e entrar ãna dita granja assy cõmo nossa e outrossy nos abbade e conuento nos obligamos ffazer saa a dita granja de quen quer que uola demandar con dereyto e que esto seia firme e gardado nos abbade e conuento e o dito migeel fagundo ffizemos duas cartas en hũ tẽnor partidas per a. b. c. e seeladas do seelo do dito moesteiro. ffeyta fuy a carta ãno dito moesteiro .xxvij. dias de Oytubro Era de mil e CCC. e lxxviii anos :— :— :—

Abas vidit :

MIGUEL FAGUNDO

A B C D

(Mosteiro de Aguiar, maço 5, n.º 1).

IV. — Carta da povoação do Monte Margarida. Castello Mendo  
29 de maio de 1385 (1347)

.....  
 chêa ou per Mêgua de Ponte e de chea que vos enbargẽ e que nõ  
 possan Moher ¶ E vos ditos Moradores tirardes obreyros sse-  
 gundo Tirã os da cerdeira quando colerdes vossos pães ¶ E de-  
 poys que vos sobreditos brauardes a dita nossa Erdade como dito he  
 laurardes da outra hũa quaqlia (?) achardes e nõ dardes dela Raçõ  
 a nos ¶ E sse Alguã de vos a dita nossa Erdade leyxar por brauar  
 a nos tepos aldêmehos de tres en tres años Dardes a nos tal Raçõ  
 qual nos derẽ doutra ou qual flor estimada da que esteuer cabo  
 dela ssen cõtêda ne hũa ¶ E uos sobreditos e cada hũus de uos  
 nõ poderdes vèder nẽ doar nẽ aliar nẽ doar nẽ leyxar nẽ de  
 Marcar a dita Erdade nẽ parte dela ssen nosso Mādado. E sse a  
 quiserdes vèder fazerde lho a nos ante saber e vederdes ha ante  
 a nos ca houtrẽ tato por tato ¶ E sse ha nos nõ quissermos ve-  
 derdes ha per nosso outogarmêto a tal homẽ que a nos sseya fliel  
 e obidiẽte vassallo e que nos pagẽ todo ho nosso dreyto e nõ ha  
 uèderdes a homẽ nẽ a Molher flidalgo nẽ a crerigo nẽ a homẽ de  
 Religiõ ¶ E vos sobreditos nõ vos chamardes ende a outro se-  
 nhor saluo a nos nẽ criardes hy homẽ nẽ Molher flidalgo ¶ E otorgamos  
 vos que ssemẽedes senhõs ochauos de flêrae pera vossos boõs  
 e nõ dardes delas Raçõ se a comerdes cõ elies ¶ E nos ditos Mo-  
 radores Obrigamos quãto auemos Mouel e Rajz a cõprir e aguar-  
 dar e a pagar todalas cousas e cada hũa delas como dito he por  
 nos e por todos aqueles que depois nos vierẽ e Mādamos e otorgamos  
 que sse nõ gardarmos todalas craussolas e cada hũa delas  
 assy como dito he que pagemos a vos ditos abade e Couẽto por  
 cada hũa delas vite Maravedis de Portugal por coõmja ¶ E nos  
 ditos abade E conuento ¶ Outro ssy mādamos e otorgamos que  
 sse nos flormos contra este floro Ou sse uos quissermos tolher a  
 dita erdade Ou quebrantar o dito floro fazedeo vos todalas cousas  
 e cada hũa delas que uos pagemos vite Maravedis de dinheiros  
 portugeses ¶ Das quaes coussas e floro Eu sobredito abade  
 por nos e por ho dito Prihor e Conuento cuyo procurador sson  
 ¶ E nos domjgos do trechouso Juiz dos moradores da dita Aldêa  
 e nos Martin Camarra e viçẽte Juanes e steuã Juanhes e frausto  
 goçalvez e Johuã fernades e Mateus diaz e gõçalo martins mora-  
 dores da dita Aldêa por nos e por os que desspois nos vierẽ otorgamos  
 ho dito floro como dito E ¶ E rrogamos e Mādamos a dom-  
 inge anes Tabaliõ del Rey en Castel mēdo que fizesse ende  
 Duas cartas de floro anbas de hũa tior e partidas per abeçe e hũa  
 de a nos dito abade e cõvento e outra de a vos moradores da dita  
 Aldêa as quaes cartas floro fleitas na Aldêa da Cerdeira Termeho  
 de Castel Mēdo dẽtro na grãga vite e noue dias de Mayo Era  
 de mil trezentos e oytenta e cinco anos Ts. Johuã fernandez e  
 domingos Martijnz malsola e Johuã Martijnz e domingos andre

e outros. Eu Domjge anes Tabellion del Rey en Castel mēdo que Esta carta de fforo Escreuy per otorgamento das sobreditas pessoas anbas de hũ tihor partidas per abeçe Este meu sinal hj fiz que tal — he :-

*No verso em letra do sec. XVIII.* — Carta de povoação feita pello mosteiro de Aguiar aos moradores de Monte Margarida terra pertencente á Cerdeira. Contém o que hão de pagar quando e como. Era de 1384 (*aliás 1385*). Cortarão hũ pedaço a este pergaminho.

(Mosteiro de Aguiar, maço 6, n.º 6).

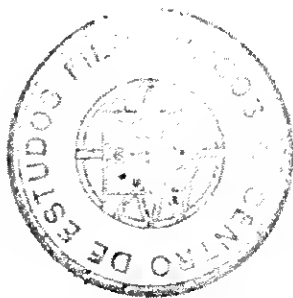
**V. — Doação que fez Pedrona Fernandes,  
ao mosteiro de Aguiar, de todos seus bens. Castello Rodrigo,  
4 de novembro de 1436 (1398)**

Sabham quantos este publico estormento virem que Eu pedrona fernandez molher que foi de domingo Julian da pereira em estando cõ saude E cõ todo meu puro Entendimento deseiando saluaçon pera minha alma E daqueles a que Eu são tjuda E deseiando o sseruiço de deos E de sua madre Santa maria por minha alma E daquelles por que são tehuda faço liure pura doaçõ pera sempre valedoira ante os viuos ao moesteiro de santa maria dagiar que he açerca de Castel Rodrigo de todolos bēes de Raiz que Eu ey no logar da pereira termho de Castel Rodrigo e em sua comarca e em algodrres hũ casal que foi adega de migel pereira o qual parte cõ os Erēes do dito migel pereira outrossi duas vinhas que ey na comeeira cõ seu lagar na medade E dũ casal que ey em Castel Rodrigo que parte cõ casal que foy de Pero simoes e cõ casal de afonso domingez e cõ Rua do concelho E geeralmente de todollos outros bēes de Raiz que Eu ey e de dereito deuo dauer em outros quaees quer logares que seĩa nos Reinos de Portugal E de castela E no logar que dizem sobradelo pera que o dito moesteiro os aia E possa auer os ditos bēes com esta condicõ que Eu a dita Pedrona fernandez aia na minha vida os effytos e rrendas dos ditos bēes pera meu mātijmento E que ao depois da minha morte que todo seĩa liure E quite do dito mōosteiro E me façam toda onrra e em cada hũ ãno hũ aneuersario por minha alma E daquelles a que são tjuda tres dias andados do mes de nouēbro de pois de dia de todolos santos E que Eu a dita pedrona fernandez do dia deste estormento feito avante nõ possa vender nē escanbar nē ealhēar nē hũus dos ditos bēes nē os arrendar sem outorgamento do dito abade e cõuēnto (*sic*) do dito moosteiro E que Eu a dita pedrona fernandez de em cada hũ



año das Rendas e nouos dos ditos bês que eu assy dei ao dito  
 moosteiro tres cantaras de vinho de Renda E per poder deste Es-  
 tormento meto em corporal posioem o dito moosteiro de santa  
 maria dagiar dos ditos bês de que lhe asj fiz doacom pera que os  
 aia E posa auer pera todo senpre lures e quites E desenbargados  
 sem outro embargo nê hũu que lhe sobrelo seia posto por que o  
 meu talante E uõotade he de os o dito moosteiro auer E outro nê-  
 hũu nõ E pera esto arredõ todos los outros parentes de todo paren-  
 tesco E proujncos E lanço mãã maldiçõem a todos aqueles que  
 contra esto forem E que lhe nõ vãã contra elo e en testimonho  
 desto lhe mandey dar este estormento ao dito moosteiro e abade  
 e conuento del feito foj en Castell Rodrigo nas casas do dito moos-  
 teiro vjnte E quatro djas do mes de nouembro Era de mjjll E  
 quatroçentos E trijnta E seis anos. Testemunhas que presentes  
 foram gonçalo eanes escudeiro da dita villa e afonssõ eanes e  
 afonso martjnz genro de mygel vaqueiro dascalhom E frey pedro  
 priol do dito moosteiro E lopo Vaasquez saraiva omẽ de Vaasco  
 fernandez e outros e Eu afonssõ eanes publico Tabaliõ de nosso  
 Senhor ElRey en Castell Rodrigo que a esto presente foj cõ as  
 ditas testemunhas E per mandado e outorgamento da dita pedrona  
 fernandez este estormento screuj e en ele meu sinal fiz que tal  
 he . . .

(Mosteiro de Aguiar, maço 5, n.º 6).



## INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

## 1

## Usos e costumes minhotos

a)

Na freguesia de S. João Baptista do Rio Caldo, arcebispado de Braga, havia o antigo costume de «as mulheres solteiras, que viviam sobre si em casa áparte, fazendo fogo, andarem em gyro aos mezes a varrer a Igreja e lançar agua nas pias d'agua benta aos sabbados»; depois impuseram esta obrigação ás *moças erradas*, isto é, deshonestas e corruptas; mas em 1744 foi abolido este costume e imposta semelhante obrigação aos mordomos da freguesia.

b)

Nos officios por defuntos celebrados na referida Igreja, ha offertas, ou obradas, que constam de conducto, pão, vinho e candeia. «Não ha quantidade certa para estas offertas; uns dão mais, outros menos; mas sempre consta cada offerta, pelo menos, de tres ovos, ou tres sardinhas, ou uma posta de carne; de grão, ou de pão cozido, que cada um leva em maior ou menor quantidade, como pode, e a seu arbitrio; de uma cabaça de vinho; e de uma candeia de cera, de palmo; e esta obrada é de obrigação. A obrada de corpo presente é mais avantajada, e com maior candeia, que se acende por ambas as partes. As candeias são de cera amarella».

c)

Na freguesia de S. Lourenço de Cabril, termo da villa de Montalegre, os direitos parochiaes pelo fallecimento de qualquer pessoa, «que tenha de seu», são os seguintes:

11 quartilhos de vinho a 30 réis.....	330
11 quartos de pão a 120 réis.....	1320
De uma cabeça de pescada.....	150
De covagem.....	200
De luctuosa.....	600
3 libras de cera.....	3000
De direitos das 3 missas.....	60
De 4 velas de cera nos 4 domingos.....	500
De reza annual.....	1250
<i>Total</i> .....	<u>7420</u>

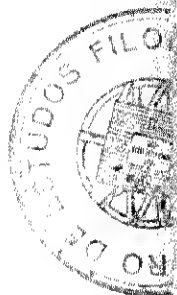
d)

Na freguesia de Santa Marinha de Covide, arcebispado de Braga, é o Reverendo Vigário quem tem a obrigação de, nos dias santos, tanger por tres vezes o sino para a missa; e é costume dar o mesmo vigário nesses dias, pela manhã, a chave da porta da igreja ao freguês que lh'a pedir para a abrir, e não indo alguém pedir-lhe a chave, abre o vigário a Igreja quando vac dizer missa.

## II

### Um testamento minhoto do seculo XVI

«Em nome de Deos Amen. Saybam ququanto esta manda, cedala e testamento virem em como no Anno do nassimento de nosso senhor Jesus Christo de mil quinhentos e quarenta e quatro annos aos quatrô dias do mes de Feuereiro eu Martinho da Fonte e Isabel Diz minha mulher ambos juntos moradores em a Aldea de Busticham, freguesia de Sam Lourenço de Cabril, que por sermos velhos e doentes e temermos a ora da morte e o dia de Juizo fazemos ambos em huma nossas mandas e testamentos em esta maneyra. Item Primeyramente emcommendamos nossas almas a Deos que as fes e á Virgem Maria Sua Madre com todos os Santos e Santas que as goardem do poder do Diabo, e man-



damos lançar nossas carnes no Adro, e cemiterio de Sam Lourenço, e que nos farão muito bonas sepulturas no primeyro dia, e outras emxequias huso, e costume da terra, e pagarão todos los direitos á Igreja acostumados, e nos diram cada hum seu trintayro aberto, e para se tudo isto hauer de cumprir apartamos cada hum o seu terço asim mouel como rais. E digo eu Martinho da Fonte que todo o meu terço asy mouel como rais que o dou a Thome Martins meu filho e que me faça estas honrras e mande dizer este trintayro. E asim digo eu Isabel Diz que todo o meu terço dou a minha filha Igues Martins e fará estas honrras e mande dizer este trintayro. E mando a minha filha Igues Martins que dou mil réis do terço a Thomé Martins porque lhos deuo, e asy mandamos ambos que se cumpra todo como dizemos. E asy dizemos e confessamos que he verdade que por certas cousas que deuemos á Igreja de Sam Lourenço lhe deixamos esta caza em que moramos e asy a cortinha debaixo que tras Thome Martins nosso filho athe á Eyra toda e o Lameiro do Porto de Bustichão. E mando sobre bençam e maldição aos nossos filhos e filhas e nettos e genrros que não vão contraisto porque o deuemos á Igreja de Sam Lourenço. Asy dizemos que demos a cada huma de nossas filhas em cazamento des reis / e estas são as diuidas que deuo Item deuo a Affonso Dis cento e des reis †. E deuo a Diogo Fernandes seis alqueires de pão e por cumpridor de tudo isto nosso filho Thome Martins. E mandamos que esta nossa manda se cumpra, etc., etc. Eu Diogo Fernandes, Capellam, que esta manda fis a rogo d'ambos, e á mingoa de Tabeliam aqui todos asinamos, etc., etc.

*Tombo dos Praços e Fazendas da Igreja de S. Lourenço de Cabril, termo da villa de Montalegre, diocese de Braga, feito aos 6 de julho de 1749. fol. 25.*

### III

#### Lenda barcellense

A igreja do Bom Jesus da Cruz de Barcellos, toda de pedra, notavel exemplar de architectura, anda ligada a seguinte lenda: Depois de edificada, tratava-se de apear o arcaboço de madeira

---

† Isto prova o grande valor e o reduzido curso que a moeda tinha naquella aldeia, onde, de certo, se vivia sob o regime economico da permuta de generos e de serviços.

que se armou para construcção da abobada, mas o architecto allegou que semelhante trabalho não lhe pertencia e sim ao carpinteiro que armara o arcaboijo; intimado que foi o carpinteiro para effectuar o apeamento, recusou-se, e ameaçado de prisão, fugiu e não se soube mais d'elle. E ficou por largos annos o arcaboijo sem ser apeado, porque ninguem, por medo, a isso se atrevia, temendo ficar esmagado debaixo da abobada. Até que o carpinteiro, já velho, voltou um dia a Barcellos: indo logo a igreja observou a abobada, e vendo o emmadeiramento já apodrecido em parte, não teve duvida em se offerecer ao respectivo prior para effectuar, como effectuou, o apeamento.

#### IV

##### Outra lenda

Na igreja parochial da povoação da Amoreira, freguesia de Nossa Senhora de Aboboris, concelho de Obidos, existe uma columna de pedra, com corrente de ferro, que se mostra aos fieis, e a que está presa uma curiosa lenda: — Um christão, aprisionado pelos mouros, foi conduzido a qualquer povoação de Marrocos, onde o fizeram escravo. Lembrou-se um dia de pedir auxilio á Senhora, e teve a felicidade de arranjar um transporte facil, rapido e economico, pois que apparecia dentro em pouco na igreja da Senhora de Aboboris dentro de um caixão de pedra, preso com uma corrente de ferro a uma pedra, e deitado em cima do caixão o mouro de quem o christão era escravo!

*Lévia Illustrada*, n.º 235, de 29 de julho de 1909.

#### V

##### Autos sacramentaes

Na villa do Bispo, ainda no anno de 1861 se representaram autos sacramentaes, nas noites do Natal e dos Reis, como se conhece pela seguinte noticia publicada em o n.º 57 do periodico *O Bejense*, de 25 de janeiro de 1862:

«**Pedradas na villa do Bispo.** — Estando na noite de natal a representar-se ali um «auto sacramental» foi a casa do especta-

culo atacada com um chuveiro de pedras que lhe partiu portas e telhados; os agressores evadiram-se. Repetindo-se o mesmo divertimento pelos Reis, tambem se repetiu o ataque das pedradas, mas d'esta vez o regedor, que se achava emboscado com os cabos de policia, poudo capturar dois dos criminosos, que já se acham nas cadeias de Beja. Dizem-nos que são pessoas de «gravata lavada».

## VI

### A prova do ferro em brasa

«Argulho certo homem morador nas vesinhanças de Leça a sua mulher do crime de adulterio; Sabia a triste, que não estava culpada, mas via-se sem meios de desmentir as sospeytas, as quais tinham apparencias de evidentes: Recorria a Deos com devotas orações, implorando a intercessão d'aquelle Servo seu (o Beato Dom Garcia Martins, Portuguez); E vendo-se hum dia mal tratada com excessivo rigor, & perigo de perder a vida, levada de superior impulso, & fiada na sua innocencia, & protecção do Santo, a quem tomara por valedor, pegou de hum ferro em braza viva, & com elle nas mãos (como se fora huma palma, insignia dos puros, & innocentes) sem a menor offensa foy até a sepultura do varão de Deos (na Igreja de Leça), render-lhe as graças, por se ver livre da imposta calumnia com hum meyo tão prodigioso. O ferro se conserva ainda na mesma Igreja, em memoria de tão estupenda maravilha».

Fr. Francisco de Santa Maria, *Anno historico*. tomo 1,  
p. 2.

## VII

### A festa e procissão das Candeias

«Dizem alguns que esta Festa fora instituida em Constantino-  
pla pelo Imperador Justiniano em o anno do Senhor 542, e deci-  
moquinto do seu Imperio; não só pela sua grande devoção para  
com a Mãe de Deos, senão muito mais para pacificar a justa indi-  
gnação do Todo Poderoso, e suspender o rapido curso de huma  
mortal peste, que assolava então aquella nova Roma, capital do  
Imperio do Oriente. Outros dizem que o papa Gelasio Primeiro

(que viveo antes daquelle Imperador mais de trinta annos) estabelecêra esta Festa em Roma para extinguir a que chamavão dos *Lupercaes*, ou Purificações profanas, que os Romanos, ainda *Gen-tios*, celebravão neste mez de Fevereiro.

O certo he, que a Santa Igreja, illustrada pelo Divino Espirito, instituiu a festa da Purificação da Santissima Virgem com a cerimonia da Procissão e das vélas, denominadas *Candeias*, a fim de abolir com a santidade dos nossos *Mysterios* a profanação, e as infamias, que aquelles impios commettião neste tempo, levando tôchas accezas, e fazendo diversas ceremonias supersticiosas á roda dos seus Templos (a que chamavam *Lustrações*) para obsequiarem ao Deos *Fébruo*, ou *Plutão*, a quem se consideravão devedores da fundação, e glorioso augmento do seu Imperio».

Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento, *Directorio Saero*, p. 11.

## VIII

### Na procissão do Enterro do Senhor

«... Havendo de ir figuras, que representem as tres Marias, irão com diademas na cabeça, vestidas de Tunicas, e Mantos soltos de seda roxa, adiante do andor da Senhora em linha recta. E atrás dellas pode ir a figura, que representa o Evangelista, tambem com diadema, em Tunica vermelha, e capa verde, com um livro na mão esquerda, encostado ao peito, e na direita hum penna. E á sua mão esquerda outra figura, que represente a gloriosa Magdalena, vestida honestamente, com hum vaso de aromas na esquerda, e na direita hum lenço, tambem com diadema na cabeça».

*Ibidem*, p. 208.

## IX

### Proibições das «Constituições do Bispado d'Elvas»

—... Que nenhuma pessoa nem represente comedias, autos, colloquios, ou outras cousas semelhantes em publico, ou secreto, sagradas ou profanas, sem primeiro serem vistas e examinadas por nós: e ainda que sejam por nós approvadas as não representarám em lugar sagrado (Tit. 1, § 1v).

—... Deve ser mais acompanhada (a procissão de *Corpus Christi*) de cantos e hymnos espirituaes que provoquem a devação que de festas profanas e lascivas, que movão o riso... que na dita procissão não aja representação alguma deshonesta ou outras invenções indecentes... nem mulheres que representem santas. (Tit. vi).

## X

## Contra o Demonio

«Trazer consigo Reliquias Sagradas, principalmente Santo Lenho, Corporaes, Baeve (*sic*) da Marca, Veronica de S. Bento sendo benta por quem tem a jurisdicção naquella Ordem, Cruzes de Jerusalem, Veronica com a Cabeça de Santo Anastacio, Reliquias de Santos, e algumas Oraçoens, mas só aquellas que o Exorcista lhe der, ou as approvar. Tambem a imposição de mãos sagradas, he de muita utilidade, e virtude à imitação de Christo, que assim sarou huma mulher vexada havia dezoito annos».

Fr. Joseph de Jesu Maria. *Itognolo recopilado*, p. 66.

## XI

## Açouros

No mesmo dia em que Gallatea viste,  
Vi eu deste meu mal tristes açouros,  
E tu hum corvo á parte esquerda ouviste:

Diogo Bernardes, *Olym*, Lisboa 1820, egloga iv, p. 25.

Não ves que o Ceo stranha isso q̄ tratas,  
Não ves que a ti te matas cobiçoso:  
Na porta o novo esposo tropeçou,  
Na casa não entrou co pé direito,  
Gritou sobelo teyto a noite inteira,  
A ave mesageira de fins tristes;  
O mesmo vós sentistes, caens d'aldea,  
Quando por má estrea juntos todos,  
Com diferentes modos ouviastes.

*Ibidem*, egloga xv, p. 41.



Por cima da corrente doce, e clara,  
 Hum freixo te mostrei, cuja verdura,  
 Hum rayo, que deu nelle chamuscara.  
 Em cujo tronco nu, e seca altura,  
 Huma gralha tres diaz gritou tanto,  
 Que sem folgo cahio na vea dura.  
 Causou isto entre nós, hum grande espãto,  
 Mas despois hum sinal, q̃ no Ceo vimos,  
 Nos fez mayor pavor, mayor quebranto.  
 Logo iposto que tudoi presumimos,  
 Mortes dos mayores, pestes, stragos,  
 Inde mal, porque nisso não mentimos.

*Ibidem*, egloga xvii. p. 103.

## XII

### Amuletos

**Olhos de gallinha choca. — Olhos do lobo**

«Tomem os olhos de huma gallinha choca, & tragãonos consigo ao pescoço em hum cendal, faz muyto proveyto a quẽ tiver mal de olhos. -- Tomem os olhos do lobo, & tragãonos ao pescoço, & sararãõ».

Gouçalo Rodrigues de Cabreya, *Compendio de muitos e varios remedios de Cirurgia. & outras cousas curiosas*, pp. 12 e 13.

## XIII

### Pregões

.....  
 «PAPAGAIA: Quem vem, quem as quer quentinhas?  
 Quem vem á Castanheira,  
 Que tem colherinhas  
 Com gosto especial?  
 .....

ISABEL, preta: Ero tem sua pimentão,  
 Cebora, cravo ero tem:



Ero tem sua aio, aio,  
 E azeite de Santarem.  
 Pleta giro todo os rua,  
 Por gaiar a sua vintem,  
 Ero tem sua aio, aio,  
 E azeite de Santarem.  
 Quem chama pleta, quem compla  
 O Mixião glande de Avero:  
 O Mixião vai de glaca,  
 O moio vare os dinheiro».

*Entretenhimento Novo da Castanheira, ou A Brilhes Papagaia.*  
 pp. 1 e 3. Lisboa 1813.

## XIV

### Antigas danças

«HETERISTA. Dança-se, joga-se, canta-se, fazem-se versos...

POLITRILLO. Basta, basta. Isso tudo era o que se fazia no meu tempo; mas com muito melhor modo, e mais galantaria. Ora pergunto eu: tão má he a *filhota do compasso* que se não possa dançar entre gente polida? Pois na *filhota do compasso*, no *fandango* e nas *cheganças* não houve quem comigo tivesse partido. Eu não sei que mais possa agradar o *amarel*, ou a *favorita*: ainda as passagens destas danças tem menos trabalho que as daquellas: bem sei que dantes quando algum dançava lá parecia endemoninhado pelos tregeitos que fazia com os pés, mas também agora muitos dançam, e fazem coisas que ora parecem reumaticos, ora estopados».

Farça intitulada *A menina Instruída*, p. 3. Lisboa 1847.

«PANCRAÇIO. ...E demais a mais queres que te dé quatro moedas para os Balharotes...

LUCAS. Então quer v. m. que eu falte á minha palavra? que eu fique mal? que se rião todos de mim?

PANCRAÇIO. Antes os outros se rião de ti, que eu chore por mim; era o que me faltava gastar eu quatro moedas de ouro em *Chacoína*».

*Nova comedia de um Eugenio Portuguez denominada*  
*Assemblea*, p. 12. Lisboa 1781.

## XV

## Antigas modas e modinhas

«Havia uma moda  
 Poucos annos ha  
 Que era o perum velho  
 Não não ha de cazar.»

*Nona peça intitulada A Velha Garrida, p. 16. Lisboa  
 1788.*

.....  
 «Com que agrada mais ouvir hum gaguejo Italianado, que as  
 mais das vezes nem o percebe quem o canta, do que agradaria a  
*Amoroza*, e o minuete do *Passarinho trigueiro* feito pelo gosto  
 Portuguez, que até os nossos meninos o cantavão e entendião?»

*Farça intitulada A Menina instruida, p. 3. Lisboa 1817.*

.....  
 «DONINHA: E que grande crime é esse? Chegar a uma janella  
 para ouvir cantar alguma *modinha carioca*, que chegou no comboio,  
 he por ventura dar alguma facada, matar alguém, furtar alguma  
 cousa? Forte historia!»

*A encamiçada ou o Amante Labrego. Farça jocosa. Lis-  
 boa 1814.*

## XVI

## Folklore de Francisco de Pina e de Mello

(Na *Bucolica*, ou *Ethica Pastoral*.)

## Egloga I

.....  
 pratiquemos, que o rifão,  
 tambem diz q̄ he pasto d'alma  
 a boa conversação.

.....  
 que bem do mundo sabia  
 quem disse, que tanto tarda  
 o bêm, como o mal se avia.

.....  
 tras do Verão vem o Inverno,  
 tras da tormenta a bonança.

.....  
 Já nós estamos na Aldeia  
 e aposto não vês as cazas?

#### Egloga II

.....o sengo dizia,  
 que era a maior valentia  
 vencerse hum home a si mesmo.

.....  
 tanto dá a agoa na pedra  
 que ella a faz amolecer.

.....  
 elle traz tanta barriga  
 que parece elRei de França.

#### Egloga III

.....  
 Essa magoa traz consigo  
 muito grande rozalgar,  
 he como a do outro amigo,  
 que começou a chorar  
 depois de morto o inimigo.

.....  
 Tu quês lubrigar o centro  
 como faz a centinella;

e sem metter a mão dentro  
 ver o que está na panella  
 pelo cheiro do coentro?

.....  
 não como o gato escaidado,  
 que até da agoa fria há medo.

.....  
 para que hei de andar á roça,  
 se me hão de pregar o mono:

.....  
 Cantando quatro cantigas,  
 a modo que as leva o vento,  
 sem cuidados, nem fadigas,  
 sem ter algum pensamento,  
 dando ao amor quatro figas:

Egloga IV

.....  
 q̃ hei de ter? a dececrina  
 de andar sempre para traz,  
 que eu naci com esta sina.

.....  
 elle he para isto hũ belliz;  
 nem o rafeiro amarello  
 tem mais faro no nariz.

.....  
 até dará n'hum Convento  
 com huma moura encantada.

.....  
 de huma para a outra hora  
 muda hũ homem condição.

.....  
 Pois he coiza mui sabida

que quando alguém se desterra,  
se quer ter boa guarida,  
há de conformar co'a terra  
todo o costume da vida.

.....  
Q'ò prudente tudo mede,  
que inda q̃ ao primeiro abrigo  
com grande gosto se hospêde;  
se o tal não he mui amigo  
aos tres dias sempre fede.

.....  
melhor caie na esparella  
o que mais juizo tem.

.....  
bem dizia quem dizia  
que o ruim boi no corno crece.

.....  
pois são coizas bem trilhadas  
q̃ o bem tem poucos caminhos,  
e o mal tem muitas estradas.

.....  
quanto mais possante a nau  
tanto maior a tormenta.

.....  
que em se gastando estas rodas  
da vida, que caia o Ceo,  
mate as cotovias todas.

.....  
..... que garganta  
para enxotar codornizes,  
e espantar Maria manta!

## Egloga V

.....  
Não vês o campo alvejar?  
esta noite, porquem sou,  
mui bem se desenfadou  
a velha de peneirar.

.....  
E na verdade és da minha  
laia também; mas a folha  
dobremos no ponto; e olha  
não te caia a machadinha.

Dizes bem; pois com desvello  
a conta estarei botando,  
e ficaremos olhando,  
talvez para o sette estrello.

Perdoeme Deos, se pecco.  
que estava para dizer  
que hei de folgar, por te ver  
ficar cos beijos em secco.

Quererás papel, e tinta  
para o escrever no correio,  
ora, pois, não é tão feio  
o demo, como se pinta.

Porem é tão solitario,  
tão cerrado, que essas vezes  
que o vimos há nove mezes  
podem porse no Calendario.

.....  
panella, que não tem bojo,  
tem menos onde se assente.

## Egloga VI

E já pelo sitio ameno  
 deste campo, desta arcia,  
 desta relva, este terreno  
 fora assim, se hũa Sereia  
 não salvasse este veneno.

Huma Sereia, que espanta  
 as funestas influencias  
 quando os seos olhos levanta;  
 e leva a rasto as potencias,  
 e os sentidos, quando canta.

Daria, na segurança  
 que só não se continua  
 na morte a nossa esperança.

## Egloga VII

.....  
 todos clamão q̃ he perdido  
 que dá com tudo em Pantana.

.....  
 que eu posso fazer então  
 orelhas de mercador.

.....  
 tirarei sequer o andar  
 cá por onde anda a rapoza.

.....  
 Ai lá li, ai li, ai le,  
 he uma grande parvoice  
 o remar contra a maré.



## Egloga VIII

.....  
que a quem Deos quer ajudar  
acha mais, que quem madruga.

Por mais que algum vá, e venha  
traz a cêlla na barriga,  
e ás vezes quem não se empenha  
em andar nesta fadiga,  
o vento lhe apanha a lenha.

.....  
Hirá mais alegre á rua,  
que o que traz as sobrancelhas  
postas nos cornos da lua.

.....  
que he ditado bem antigo  
que para escapar do laço  
se diz: Faze o que te digo,  
sem attender ao que faço.

.....  
que a tais beiços, tais alfices.

.....  
pois diz que quem ama o feio  
que formoso lhe parece.

.....  
Tu não sabes que he tão manca,  
nossa vista, que primeiro  
verá lá em Salamanca  
n'outros olhos hum agreiro,  
e nos seos nenhua tranca?

Não sabes que os namorados  
tem lá posto no sentido,  
que para ver seos cuidados  
trazem os outros perdido  
o timo, e os olhos quebrados?

## Soneto XXIV

Hum corvo sobre aquella sovereira  
 Tres vezes tem grasnado, e de improviso  
 Encobrio da manhã o doce riso  
 Esta nuvem tão triste, e tão grosseira.

.....  
 O teu grande saber de que te monta  
 Se vemos que não pode o teu cuidado  
 Dar á falsa Violante quatro figas?

## XVII

## Ciganos

(Carta regia, que está a fls. 315 do Livro vi dos Originaes da Camara de Evora)

«Juiz vereadores e procurador da cidade devora/ eu el Rey vos envio muito saudar. Vy a carta que me escreuestes acerca dos furtos e dannonos q̄ dizeis que os ciganos fazẽ nessa cidade e no termo della e porque per minhas hordenações he defeso que não andem pello Reino nẽ entrẽ nelle, e somente se passou hũa provisão a alguõs naturais do Reino com certas limitações/; e por q̄ o treslado della q̄ laa foi oferecido ao L.<sup>do</sup> Ruy fernandes De Castanheda Juiz de fora dessa çidade por parte das duas ciganas que tẽ presas e me foi enviado: he m.<sup>to</sup> sospeito de falso, lhe mando q̄ sem embargo delle proceda contra as ditas presas e cumpra a dita hordenação dos ciganos, e q̄ tendo elles algum privilegio ou provisão q̄ a derogue lhe peça o proprio e mo entue com a apellação das ditas presas para eu o ver e se prouer no caso como for Justiça. Antonio Carualho a fez em lizboa a xbj de Setº de mil b e bx bi. pão fernandes a fes escrever. = O Car. Inff.<sup>to</sup>»

*Evora antiga.* por Antonio Francisco Barata. Evora 1906. p. 68.

## XVIII

O caspacho <sup>λ</sup>

É sabido que o caspacho ou gaspacho—sopa de pão, azeite, vinagre, agua, sal e alhos pisados—é a comida habitual dos ceifeiros na provincia do Alemtejo e na provincia da Estremadura hespanhola, comida que não só os alimenta, mas que altamente os refresca. Seria já dado este alimento aos ceifeiros no tempo de Vergilio? No principio da Ecloga II diz elle:

Thestylis et rapido fessis messoribus astu  
Allia serpyllumque herbas contundit olentes.

O serpão, ou erva ussa, não se mistura hoje no caspacho.

## XIX

Comer no mesmo prato <sup>X</sup>

Ainda hoje nalguns logares da provincia do Alemtejo persiste o costume de marido e mulher comerem no mesmo prato, «para que se não quebre a união entre os casados». Subordinar-se-ha esta tradição a uma das fórmulas do casamento dos antigos Romanos, a da *confarreatio*? Os noivos na cerimonia nupcial partiam um pão de trigo, *panis farreus*, e comiam-no juntos, *como sinal de união*.

## XX

<sup>X</sup> Superstições alemtejanas

A cabeça da criança de mama não se deve lavar senão quando ella saiba pronunciar—Jesus.

Os pregões para o casamento devem ser *aparados* por mulheres da amizade ou da familia da noiva, a fim de o enlace ser feliz. Para esse effeito *fazem collo*, com os vestidos, ao ouvirem o padre apregoar. A noiva nunca deve ouvir os seus pregões.

Quem come marmellos dá de comer ao coração.

Rapariga que faz as cousas tortas ha de ter marido bebado.

## XXI

## X Linha curta, nó na ponta

(Conto escolar)

Era um alfaiate que tinha uma filha, e na loja trabalhavam dois officiaes: um a quem o alfaiate muito estimava, e outro de quem a filha muito gostava. O pae queria casar a filha com o primeiro, e a filha só queria para si o segundo. Depois de muitos dares e tomares, propôs o alfaiate que, dos dois officiaes, casaria com a filha aquelle que mais depressa acabasse a empreitada de costura que ia dar a cada um d'elles. A proposta foi accete, e aqui se põem os dois officiaes a dar á unha sem descanso. O primeiro, com o intento de ganhar tempo, enfiava na agulha linhas muito compridas, e a filha do alfaiate, vendo isto, aproximava-se de vez em quando do seu querido, e dizia-lhe baixinho: *Linha curta e nó na ponta, linha curta e nó na ponta*. E afinal foi este quem venceu, porque linha comprida na costura pouco despacha, e por isso se lhe chama *linha de preguiçosa*.

(Recolhido em Elvas.)

## XXII

Proverbios alemtejanos

Gallinha de monturo não quer côvo.  
 Ao lavrador preguiçoso levam ratos o precioso.  
 Grão formado, trigo guardado.  
 Anno geado, anno de pão dobrado.  
 Deita esterco na terra, que terás que colher.  
 Quem planta no outono leva um anno de abono.  
 Semeia-me em pó (diz o trigo) não tenhas de mim dó.  
 Nem todo o grão vac ao olho do moinho.  
 O vinho anda com o azeite. (Anno abundante de vinho, anno abundante de azeite).  
 Se queres que a tua seara te pareça bem, vê-a pela *manhem*;  
 e se queres que te pareça melhor, vê-a ao pôr do sol.  
 Quem mais jura, mais perjura.

Prometteu Deus á terra que nada se fizera que se não soubera.  
Por linha lhe vem a tinha.

Até o doce contra vontade é amargoso.

Quem trintou, fecha os olhos e agarrou. (Refere-se ao casamento).

A boca não quer fiador.

Quanto mais barato estiver o pão, melhor canta o coração.

Tanto ganha quem bem fia, como quem mal fia.

Os filhos das minhas filhas, meus netos serão; os filhos dos meus filhos, ou serão, ou não.

Bem o prega frei Thomás; mas o que prega nunca o faz.

Quem tem de morrer no palheiro, não lhe erra a porta.

### XXIII

#### Exorcismos

A p. 81 do vol. XII d'esta *Revista*, transcrevi uma noticia d'*O Archivo Popular*, sobre certa cerimonia, que se passava, em antigos tempos, na igreja de S. Bento da cidade do Porto: «No altar collateral da direita, de hora em hora, estava hum frade rezando os exorcismos e orações de levantamento da excommunhão; no fim das quaes sahia pela igreja abaixo batendo com humas varinhas de marmelleiro *presas na extremidade de huma comprida cama*, em as pessoas, que de joelhos querião receber esta cerimonia».

Costume quasi semelhante se dá nada menos que na Basilica de S. Pedro de Roma, como li na traducção hespanhola, de Eusebio de Llanza, da obra *Roma*, de Francisco Wey. Diz-se ahí, no principio do cap. XII: «Bajo las naves por donde es grato pasear-se meditando, en quanto uno prescinde de las minuciosidades del análisis, todo concurre á elevaros al sentimiento de una concepción universal. Ciertos usos contribuyen á esta impresión: alrededor de los brazos de la cruz, lo mismo aquí que en San Juan de Letran, los sacerdotes de diez naciones, casi perennemente, escuchan á los penitentes sometidos al mismo dogma, que vienen á profesarlo en todas las lenguas; los idiomas están indicados con una enseña en el frontón de cada confesonario. Señalaremos sobre este particular una costumbre que se remonta á la antigüedad, y que causa á los extranjeros cierta sorpresa: delante la puerta de cada tribunal está fija una larga caña como la de los

pescadores, y á menudo, mientras un sacerdote presta oído á su penitente, veréis llegar á un fiel que, cruzadas las manos, hinca la rodilla ante el confesonario, á cinco ó seis pasos; entonces, sin interrumpir sus exhortaciones, levanta la caña el sacerdote, y extendiendo el brazo, toca con el extremo de la percha la cabeza de este penitente de paso. Es una forma sumaria de reconciliación. «Yo te haré pescador de hombres», ha dicho el Salvador. Verdaderamente, con este acto, el confesor no puede borrar sino pecados veniales, casi involuntarios, cometidos entre la absolución y la eucaristia. En las edades antiguas para manumitir á un esclavo, su señor le golpeava la cabeza con una varita llamada *Vindicta*: la *Cannuccia* de las basilicas es el signo de la manumisión espiritual. Por esta confirmación de la absolución recibida, el siervo del pecado queda exonerado; interpretacion de este adagio del Pórtico: «Solo el justo es libre». Muchas gentes sorprendidas por esta costumbre, han llegado á imaginar que en San Pedro un golpe de caña puede reemplazar la confesion».

## XXIV

### Cavallo de Maio

«Out'ora em Viseu, e seus contornos, se pagava hum certo tributo no 1.º de Maio de cada anno por todos aquelles *cabeças de família*, que não tinham *carallo de marca*, seu proprio, e capaz de servir na guerra. Corresponhia este tributo (que se chamava *Cavallo de Maio*) á *colheita*<sup>1</sup>; e a *pena* ou *multa*, dos que o não apresentavão na fórma dita era pagarem *cavallaria*, isto he, *jugada*, ou *fossadeira*, sendo unicamente isentos os Conegos da Sé. Ainda no anno de 1438, ElRei D. Affonso 5.º, nos Capitulos Especiaes, que fez dar á camara de Viseu, diz que ElRei D. João 1.º concedeo a esta cidade, que nenhum com o pretexto de qualquer doação regia, ou privilegio fosse escuso de pagar o direito, a que chamão *Cavallo de Maio*, o qual desde o principio da monarchia houve sempre em Viseu. E prova-se, por documentos antigos,

<sup>1</sup> «*Colheita* era antigamente certo fôro, e pensão, que os vassallos pagavão ao Principe ou Senhorio, quando este vinha á terra huma vez cada anno; e não vindo lha não pagavão».

que não só em Viseu, senão em outros pontos do reino <sup>1</sup>, se pagava semelhante tributo, que não sabemos quando foi abolido. El-Rei D. Manuel reformando o foral dado á villa de Fonte Arcada, por D. Sancha Vermuiz, diz assim: «o que no 1.º de Maio apresentar nesta villa cavallo de marca não pagará direito algum». Pagava-se este tributo por *cabeça* dos que não tinham o dito *cavallo*, e constava de 20 soldos, moeda antiga, cada hum dos quaes valia perto d'onze ceitis, ou 37 réis proximamente da nossa moeda actual».

*Bibliotheca Familiar e Recreativa*, vol. v, n.º 20, Lisboa 1850.

## XXV

### Apodo local

«Aqui (em Cardiellos, nas proximidades de Vianna do Minho) ha huma formosa e alta torre, que foi do tempo dos Mouros; não tem senhor particular, ainda que alguns o querem ser. He tradição vivia nella um Regulo pouco Chrystão, chamado Floretim Barreto...: este se fez tão tyranno, que as vassallas donzellas; contractadas para casar, havião de estar com elle os dias que elle quizesse, antes que ellas se juntassem com seus maridos, os quaes, quando elle mandava, as vinhão buscar, trazendo-lhe de offerta quantidade de feijões, a que era mui affeçoado: historia, que ainda hoje permanece, com tanta paixão dos moradores, que quando os barqueiros do Lima navegão por ali, e lhes perguntão *se já levarão os feijões ao Floretim*, a mais affavel resposta que lhes dão, he chamar-lhes nomes affrontosos, e às vezes passão de palavras a obras».

Padre Antonio Carvalho da Costa, *Corographia Portugueza*.

<sup>1</sup> Em Sabugosa, por exemplo: «Tambem pagam os de Sabugosa em cada hum anno por Direito Real 664 réis de Colheita, os quais se pagam por dia de Maio: e chama-se este Direito *Cavallo de Maio*». (*Foral de Sabugosa* de 1514. Apud Fr. Domingos Vieira, *Grande Dicionario Portuguez*).



## XXVI

## A Rainha Jacinta

«A rainha Jacintha I foi levada ao throno por aquelles a quem a rainha Julia chamou rebeldes ha pouco mais de dois mēses. Isto, que nāo é novo entre nōs, foi mais uma especulaçāo.

Foram tres dias de festa no pagode da floresta a 11, 12 e 13 de abril; espalharam-se programmas no estilo das peças officiaes do nosso governo; criados, sotas, cocheiros vestiam igual fardamento dos da casa real! camaristas, as damas, o mordomo-mōr, até o capitāo da guarda real foi habilmente parodiado, e todos mui bem guarnecidos de commendas *a valer*, habitos, fitas, gran-cruzes, etc.

Se até aqui foi bem concedida a parodia, nāo nos compete analisar; mas que ella chegasse á igreja! foi demasiada condescendencia!

Ao chegar a mãe Jacintha ao real convento de Santa Joanna repicaram os sinos! os camaristas vestiram sobre as fardas capas da irmandade do Rosario, e vieram com tochas acezas receber a sua rainha, que se apeava de um bello trem puxado a quatro.

Encaminharam-se á capella mōr, aonde tres padres e um sacristāo entoaram o *Te Deum* (!) e logo as religiosas tocaram o orgāo, isto num dia em que ella nāo figurava de juiza.

A sahida, as religiosas os fizeram regalar com dōces que nāo foram feitos para beijos grossos.

Escusado serā dizer que a concorrēncia do povo era extraordinaria, assim como para muitos foi esta cerimonia tambem extraordinaria, posto que alguem sustente que isto lhe pertence como juiza da irmandade e nāo como rainha, e que por isso foi advertida a que tirasse o manto regio!

Se os nossos reis antigos (D. Manoel e D. José) continuaram a conservar aos pretos algumas regalias,—approvando-lhes até um celebre compromisso que dá o titulo de rainha á mulher preta que fôr juiza da irmandade de Nossa Senhora do Rosario,—foi mera condescendencia aos obsequios que el-rei D. João II praticou com os filhos e parentes do rei do Congo *Caramançá*, que a este reino vieram (de presente) mandados pelo valente *Diogo Cão* descobridor da costa de Guiné em 1482».



## XXVII

A campanha dos trovões <sup>1</sup>

... «Item deixo á dita Antonia Jacinta a minha Campanha dos Trovoens; e todas as mais reliquias que estão na canastrinha»...

(Testamento, de 20 de Dezembro de 1768, de D. Luísa Michaela de Nossa Senhora e Ataíde, viúva de André de Azevedo da Silva e Moura, Capitão de Cavallos. — Archivo da Misericórdia de Elvas).

## XXVIII

## Trova popularizada

Ainda sobre a conhecida trova

No ventre da Virgem bella  
Encarnou Jesus por graça,  
Entrou e saiu por ella  
Como o sol pela vidraça,

de que tratei a p. 343 do vol. II, e a p. 74 do vol. XII, d'esta *Revista*, encontrei num livro do sec. XVIII, intitulado *Vida admiravel de Santa Getrudis a Magna*, a p. 89, o seguinte:

«Seguiu-se dia de Natal, onde esta Santa viu espiritualmente nascer a Christo das purissimas entranhas da sempre Virgem Maria, da sorte que o Sol penetra o vidro, sem macular a vidraça».

## XXIX

## A camilha ✕

Todos sabem que na provincia do Alemtejo rara é a casa em que a familia se não sirva do braseiro durante todo o inverno; o que alguns ignoram, porém, é que, ha alguns annos a esta parte, se faz uso, pelo menos em Elvas, de um *guarda-fogo*, a que cha-

<sup>1</sup> Tambem chamada *Campanha de S. Jeronymo*. Agita-se pelas casas quando troveja, e é crença que *afugenta os raios e coriscos*.



mam *camilha*, e que é uma pequena mesa de madeira de pinho (de 7 decímetros de altura), circular, ou quadrada, debaixo da qual collocam o braseiro com a respectiva caixa; mesa que é rodeada por uma *saia* de fazenda de lã, e com o tampo, em parte perfurado, coberto com um pano, ou oleado. Sobre a *camilha* se põe o candieiro, e em volta se assenta a familia a fazer serão, recebendo o suave calor que da *camilha* se exhala. Este movel, de procedencia espanhola, foi introduzido em Elvas haverá quarenta annos; mas parece que é grego de origem.

Numa obra da primeira metade do seculo passado, intitulada *Historia de Affonso e Dalinda*, a p. 43 do tomo II, lê-se:

«Nas casas dos Gregos não ha chaminés, servem-se em lugar dellas, de hum brazeiro no meio da sala, para a aquecer, e perfumar. Em todo o Oriente he este uso antiquissimo, nem tinhão outro os Romanos: e o tem os Turcos conservado. Para resguardar a caza da incommodidade, e calor do brazeiro, idearão o guarda fogo: que he huma banca quadrada, debaixo da qual se põem o brazeiro. Esta banca he coberta com hum tapete, que por todos os lados chega ao chão, e por cima deste lanção hum panno de seda mais ou menos rico, que nada deixa ver do guarda fogo. A roda delle em canapés de damasco estufados, em bancos de encosto, em cadeiras de braços &c. se assentão os convidados. Não he prohibido a ninguem, metter debaixo desta rica cobertura as mãos, ou pés tantas vezes, quantas cada individuo apetercer, e então se experimenta hum calor grato, e moderado, que por muito tempo se conserva. Este mesmo uso com muito pouca differença, houve antigamente na Hespanha. A Marqueza de Villars, acompanhando seu marido, quando alli passou no character de Embaixador observou, que nas casas nobres, havia sempre brazeiros de prata em que se queimávão certas maçãs, que dando calor, exhalávão juntamente o mais excellente, e exquisito cheiro».

### XXX

#### Adagios

Muitos dos nossos adagios nos vieram de Hespanha, e alguns d'elles correm estropeados, revelando uma descuidada traducção. Exemplos:

«Vida sem amigo, morte *sem castigo*».

Não se percebe.

Vae-se ao refraneiro espanhol, e encontra-se:

«Vida sin amigo, muerte *sin testigo*».

Assim, entende-se.

\*

«O arado *barbudo*, e o lavrador barbado».

Arado barbudo:

*Rabudo*, é que diz o rifão espanhol:

«El arado *rabudo* y el arador barbado».

\*

«Abelhas e ovelhas em *suas* dehezas».

Em *suas*, não; em *tuas*. Isto é: em terras *tuas* e não nas de outrem:

«Ovejas y abejas em *tus* dehesas».

\*

«Não ha bóda sem *torna bóda*»

Má traducção de

«No hay boda sin *doña Toda*»<sup>1</sup>.

\*

«Ao bom calar chamam *Santo*».

*Santo*, não, e sim *Sancho* (allusão ao Sancho Pansa de o *Dom Quixote*):

«Al buen callar llaman *Sancho*».

---

<sup>1</sup> Nome de mulher: «A Raynha Dona Mecia Lopes de Haro foy filha de Dom Lope Dias de Haro, Conde de Biscaya, & de *Dona Toda* sua molher», (*Anno Historico*, p. 434).

\*

«A mulher e a cachorra, a que mais cala é a mais boa».

Pessima traducção de

«La mujer y la pera la que calla es buena».

Tomaram *pera* (fruto) por *perra* (cadella).

\*

«De má mata nunca boa caça».

Está *caça*, em vez de *zarça*:

«De mala mata nunca buena zarça».

\*

«Quem em velho engorda, de boa mocidade se logra».

Má traducção de

«Quien viejo engorda, dos mocedades goza».

\*

E, como estes, muitos outros. Taes como:

«Quem em ruim logar põe vinha, ás costas a tira».

Em Hespanha:

«Quien en ruin lugar hace viña, á cuestras saca la vendimia».

\*

«Cada dia *peixe*, amarga o caldo».

Em Hespanha:

«Todos los dias *olla* amarga el caldo».

\*  
«De corsario a corsario *perdem-se* os barris».

Em Hespanha:

«De corsario à corsario *no se pierde sino* los barriles».

\*

«Calar, *costrar* pela terra e pelo mar».

Em Hespanha:

«Calar y *obrar*, por la tierra y por la mar».

### XXXI

#### Tradições alemtejanas X

Quem, por divertimento, veste um vestido de noiva, não casa.

Para o casal ser bem unido, o marido e a mulher devem dormir na mesma cama. (Cfr. o rifão italiano: *Chi si divide di letto, divide l'affetto*).

Para a cura do reumatismo: frigir uma rã em azeite cru, juntando-lhe uma vela de cebo de Hollanda, e friccionar com esse oleo o sitio da dôr.

Para a cura das frieiras: assar um pedaço de nabo e friccioná-las com elle bem quente.

Para a cura dos callos: friccioná-los com a erva chamada *sombreirinhos dos telhados*.

Em havendo dois candieiros accesos numa mesa, está para casar alguma das pessoas presentes.

Nas familias mais nobres e ricas d'esta provincia é frequente continuar assistindo na casa, ficando de certo modo incorporada na familia, a ama que criou os filhos dos donos da casa. Costume igual havia antigamente entre os Gregos.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

## ANALECTA LITTERARIA E HISTORICA

**Os vocabulos****Abada, Abbada, Bada, Ganda, Bicha,**

considerados sob o aspecto da especie e do sexo  
que representam

A interessantíssima leitura das APOSTILLAS AOS DICIONARIOS PORTUGUESES, do Sr. A. R. Gonçalvez Viana, nos suscitou o desejo de coordenar algumas despretenciosas annotações que se nos afigura merecerem o beneficio da publicidade, redigidas, como vão, dentro dos limites impostos a um profano em materias philologicas, e pensadas apenas com o desejo de testemunhar ao douto Philologo quanto presamos o mimio com que se serviu honrar-nos, e quanto desejasmos que a nossa pouquidade possa corresponder ao seu favor.

Ácerca dos dois primeiros vocabulos supra, começaremos, pois, a pôr por obra o nosso proposito, recordando um caso singular.

Regista o DICIONARIO DA ACADEMIA, como se sabe, o vocabulo em sua altura propria: «ABADA», e abona a definição; — «o mesmo que *Rhinoceros*», — com tres passos, um, das PEREGRINAÇÕES, cap. 73, outro, do ITINERARIO DA INDIA, cap. 7; o terceiro, dos APOLOGOS DIALOGAES, a pag. 454. Os dois ultimos batem certo. Fr. Gaspar de S. Bernardino imprimiu, com effeito: «os Reynocerontes, que são as Abadas» (1). Nos APOLOGOS tambem D. Francisco Manoel faz dizer a Justo Lipsio: «He cousa natural pelejar o Leão com o Tigre, a Abada & o Elephante». Quanto, porém, a Fernão Mendes, tanto no cap. LXXIII, lembrado no DICCION., como no XII, citado nas APOSTILLAS do Sr. Gonçalvez Viana, o que lemos na ed. Rolland (1829), que seguiu «com a possivel fidelidade» a de 1614, é o que o auctorizado auctor daquelle excellente livro já lera: — «bada», não «abada». De modo que, se a Academia chegasse a

imprimir a letra B, seria ao artigo «BADA» que conviria a citação das PEREGRINAÇÕES, de qualquer dos dois mencionados capitulos.

Para justificar, pois, a fôrma «ahada», além dos dois auctores supra lembrados, assim como do P. Cardim, citado pelo Sr. Gonçalves Viana, temos ainda, do mesmo seculo, o auctor da BENE-DICTINA LISITANA, Fr. Leão de Santo Thomás, que em seu tom. II, (1651), a pag. 385, se expressa nestes termos:

«Ao Papa Leão X mandou El Rey D. Manoel hum Elephante, & huma Abada, que forão os primeiros, que em a cidade de Roma se virão do Oriente».

Em contraposição graphica a estes escriptores, é de lembrar tambem o auctor, quem quer que foi, da ARTE DE FURTAR, o qual escreveu:

«Não me dirão de donde lhe vierão tantas colgaduras de damasco e têla, tantos bofetes guarnecidos, escritorios marchetados, com pontas de *abbada* em cima?»

Ora, a proposito desta duplicação da primeira das consoantes, occorre-nos o que escreve o auctor do art. «ABADA», do DICCION. UNIV. PORTUGUÊS, edit. Zeferino, e é o seguinte:

«ABADA, ABBADA OU BADA. Nome indigena *africano* do Unicornio ou Rhinoceronte: *Rhin. afric.* Cav. Foi descripto a primeira vez pelo missionario capuchinho italiano, Montecuccolo na sua *Istorica descrittione de tre regni Congo, Matamba e Angola*, pp. 37 e 38, onde falla tambem de outra féra, denominada pelos indigenas ABBADA OU NDEMBA, a qual elle não viu, mas pela descripção parecia-lhe nada ter de commum com o rhinoceronte, e ser antes algum boi selvagem (*tuna specie di vacche selvatiche*)».

Não conseguimos ver a «*Istorica descrittione*», e como infelizmente o auctor do art. do DICCION. UNIV. não acompanhou a citação com a nota do logar e data da impressão do livro, nem conjecturar pudemos que este, sendo acaso mais antigo do que a 1.<sup>a</sup> ed. da ARTE DE FURTAR (1652), como, com effeito, cremos que é, haja sido lido pelo auctor, e dahi o emprego dos dois *bb*, como se acham naquella 1.<sup>a</sup> ed., e se repetem na de 1820, mais conhecida (2). Tambem pode dar se que o supposto P. Antonio Vieira applicasse, por analogia graphica, a este vocabulo a regra que manda dobrar o *b* em «*Abbade*», e consemelhantes; regra que Madureyra Feyjó sancionou, em fins do seculo seguinte, e se observa ainda.

Insistimos no pormenor, porque se nos afigura que o auctor da ARTE DE FURTAR, apesar de averiguadamente não ser o celebre jesuita, não é para ter, por tal facto, em menos conta, e não se

lhe pode fazer a injúria de suppor-se que escreveu «Abbada» por capricho ou por acaso. Alguma razão teve, ou lhe pareceu ter, para se afastar da regra geral, podendo entender-se haver sido igual á que levou o capuchinho Montecuccolo a empregar do mesmo modo os dois *bb*. Este também teve outras razões, que não as da dobra do *b*, na sua lingua, analoga á regra que lembrámos, na nossa, visto como o vocabulo «abate» (abbate) foge exactamente a ella, e só se lhe conformam «abbadessa», «abbadia», e consemelhantes.

Consigna o sr. Gonçalvez Viana o facto de se terem attribuído ao vocabulo «abada» duas origens diversas: a arabica e a malaia, dando-se em certo modo no GLOSSARIO DE PALAVRAS E FRASES ANGLIO-INDIAS, de Yule e Burnell, preferencia á primeira, e neste caso haveria de accentuar-se *ábada*. Seguiriamos assim os Italianos, que optaram por esta graphia, naturalmente pela adopção da origem arabica. Mas, se, como ensina Dümichen, e o lembra Brehm, os antigos Egypcios empregavam a imagem do rhinoceronte, que muito bem conheciam, para exprimir a particula «*ab*», se ainda agora auctores ha que distinguem o rhinoceronte asiatico pelo «*abada dos Indios*», e se, finalmente, o conspícuo auctor do MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA também declara a «palavra de origem asiatica, mas profundamente deturpada», que havemos de pensar da assignalada preferencia arabica? (3).

Por outro lado, se a fórma malaia tem de entrar em competencia com a arabica, parece que o vocabulo «bada», empregado por auctores nossos, do mesmo seculo dos que vulgarizaram o termo «abada», não deva considerar-se a prefiguração do vocabulo «badaq» ou «badak», que distingue o rhinoceronte *exclusivo* habitante de Sumatra (4).

Suppõe-se, com effeito, de razão que não haja sido o vocabulo indicador de uma especie confinada numa dada região da Oceania o preferido para designar os individuos vistos e conhecidos em toda a peninsula indo-china.

Não poderá argumentar-se, porventura, tanto fundamento, haver, neste caso, para generalisar o nome malaio ás alimarias, ás quaes Fernão Mendes e Fr. João dos Santos se referem, como para entender que elles, em vez de «badas», fórma ateruada de «*badaq*», lhe poderiam ter chamado «*varas*», isto é, o nome privativo do rhinoceronte javanês, não conhecido fóra de Java, como o «badaq» ou «badak» o não é fóra de Sumatra:

Salvo o devido respeito e a fouce em seara alheia, a fórma «bada» afigura-se-nos antes abreviação de «abada», escripta por



qualquer dos dois viajantes nossos compatriotas, sem intenção alguma de relacionarem o termo com o nome que os insulares sumatrenses dão ao seu rhinoceronte. Fernão Mendes, no passo do cap. xli, refere a informação que a Antonio de Faria deram os habitantes de uma pequena povoação das margens do Tinacoreu acerca de uma terra «muyto agreste, & de grandes serranias», onde havia os taes «alifantes, badas, lões, &c.», situada lá para o sertão d'aquella costa, e por perto do reino de Sião, a dous e tres meses de caminho. Passava-se, pois, tudo pelo interior da terra firme.

Como quer que seja, certo é que nós conservámos até agora a fôrma completa que nos legaram os escriptores nossos compatriotas do seculo xvii; — «abada». Ainda no vol. i do PANORAMA (1837) se publicou, a pag. 154, um artigo tendo por epigraphie: «O *Rhinoceroté da Asia, ou Abada*». Nesta graphia não se nota só o nome da alimaria, escripto segundo a maioria dos auctores seiscentistas, quer viajantes, quer simples litteratos; seguiu-se tambem, como se vê, a lição do DICCION. DA ACADEMIA, para a denominação latina do pachiderme (5). Chenu, em sua ENCYCLOPEMIA DE HISTORIA NATURAL, referida ao anno de 1874, registou o vocabulo, no vol. aos Pachidermes consagrado, como de origem *indica*. Nelle, a pag. 7, se vê com effeito: — «*R. unicornis*, de Boddaert e Línæu, *R. Indicus*, de G. Cuvier, é o *Abada dos Indios*»; isto é, a graphia portuguesua, tal qual (6).

\*  
\* \* \*

Este ABADA DOS INDIOS, do naturalista francês, lembra o caso do DICCION. CONTEMP., declarando «indiano» o vocabulo; conceito que o Sr. Gonçálvez Viana reputa, e com tal qual razão, «quanto pode ser vago», mas que, segundo fica registado, tem illustres predecessores.

E o caso é tanto mais para pôr em limpo, da parte dos competentes, quanto resolveria a duvida que attribue ao vocabulo a origem *arabe*, havendo, por outro lado, em sãoscrito outro termo que tambem designa o rhinoceronte, e que nós apropriámos a nossa pronuncia, quando, no seculo xvi, tivemos de nos referir aquelle animal.

O que se apura da História da nossa passagem pelo Oriente, é, com effeito, no tocante a este caso, em resumo, o seguinte:

No seculo xvi conhecemos o rhinoceronte, com o nome sãos-



critico «*gand'd'a*», que para nosso uso *crystalizámos* em «ganda». No seculo XVII, as noticias que temos do mesmo individuo designam-no pelo nome «abada», ou abreviadamente, quanto a nós, «bada». É racional suppor que no seculo de Affonso de Albuquerque tivemos noticia dos individuos *machos*, e que só no de Fernão Mendes vieram as *femeas* a nosso conhecimento:

Se fôsse crível semelhante selecção do acaso, bastaria, para me desfazer as probabilidades, o facto de parecerem nossos escriptores quinhentistas conceder ao rhinoceronte, «ganda», o sexo feminino, visto como nunca escrevem «o ganda», «os gandas», mas «a ganda» «as gandas», não sendo menos certo que da maneira por que se expressam Fernão Mendes, Fr. João dos Santos e P. Cardim outra cousa se não pode inferir, senão que se referem á *especie*, sem motivo para haverem de distinguir o sexo.

Portanto, se é facto que os escriptores das nossas cousas da India attribuiram ao vocabulo «ganda» a acceção feminina, quer subentendessem, em certos casos, o substantivo alimaria, fêra, ou outro semelhante, quer se deixassem ir pela toada, governando-se pelo final, em «-da», do substantivo que tiraram do vocabulo indigena, não se prova de modo absoluto nem que o rhinoceronte mandado a el-rei D. Manoel fôsse femea, nem que, sempre que a elle se referiram os que d'elle escreveram, quisessem dizer que o era.

Correlativamente, vemos que os que attribuiram com desenganho o sexo feminino aos «*abadas*», quando escreveram destes animaes, não foram os que os viram, ou a elles se referiram, em suas noticias, senão os que só de ouitiva, ou *por palpite*; porque «abada» acaba, como «ganda», em «-da», em summa, entenderam que aos «*abadas*» lhes convinha o determinativo «a, as», em vez do seu opposto masculino.

E tanto bastou para que os lexicographos, que tem, aliás, auctoridade para reconduzir os extraviados do senso verdadeiro das cousas e da logica «*à la diritta via*», equiparassem o «abada» ao seu parônimo, fazendo-o feminino, como elle, e applicassem igualmente ao vocabulo «*ganda*» o mesmo genero!

Não advertiram, portanto, não só os auctores portuguezes, como os italianos tambem, no contrasenso que denuncia esta definição: «O Rhinoceronte é a abada dos indios; é a ganda dos escriptores portuguezes do XVI seculo». Escapou-se ao absurdo a etymologia franceza, que, segundo suas leis, considera, lembrando a descripção de Bontius, o vocab. «abada» masculino, como d'este genero faz «*choléra*», «*opéra*», etc.

Emtanto, é caso para pergantar: qual é, logo, o masculino dos dois vocabulos? Por outra: como é, que, em sãoscrito, se chama o rhinoceronte *macho*, já que a *femea* deste pachiderme se chama «gan'd'a»?

Qual é o masculino de «abada», quer o vocabulo seja arabe, quer de origem malaia?

\*  
\*   \*  
\*

Lisbôa foi a primeira cidade da Europa que viu, nos primordios do seculo xvi, o rhinoceronte indio e unicornio. Enviara-o da India Affonso de Albuquerque, e terá partido de Goa pouco antes da morte do Grande Conquistador, como parece certo (7). Era um dos presentes que o rei de Cambaia mandára ao rei D. Manoel; e ser-lhe-ha consagrada esta parte de nossos modestos apontamentos. Aproveitaremos egualmente a occasião para registar a denominação «*Bicha*», com que, logo ao começo da nossa revista, nos apparece designado o famoso pachiderme, que foi encontrar a morte na bahia de Genova. Começaremos, pois, pelos COMMENTARIOS DE AFFONSO DE ALBUQUERQUE, escriptos pelo filho do Grande Conquistador, por ordem de El-Rei D. Manoel.

Contando, com effeito, as grandes e valorosas acções de seu illustre pae, bem como os actos do seu governo, e narrando no cap. xxiii da parte iv o regresso a Goa de Diogo Fernandes de Beja, e seu companheiro Jayme Teixeira, embaixadores áquelle potentado, é elle que reduz o famoso pachiderme ás proporções de «*bicha*»... De tal qualificativo poucas noções haverá.

«Despedidos, escreve, vieram-se a casa do Çodamação, e elle lhes deo huma carta do Rey pera Afonso Dalboquerque, e hum presente de cousas de Cambaya e *huma bicha* por ser cousa monstruosa, e nunca vista nestas partes, a qual estava em Champanel, e que elle lha mandaria a Çurrate».

E mais abaixo, completando a narrativa:

«... e nelles mandaram (os embaixadores) embarcar o fato e a *bicha*, que já era chegada, a qual veyo a este Reyno e El Rey D. Manuel a mandou ao Papa, e no caminho se perdeu a nao em que hia».

Ora, parece que o qualificativo attribuido por Bras de Albuquerque ao celebre rhinoceronte, longe de ser invenção do narrador, era, com effeito, applicado na India ao pachiderme de que se trata. Vamos ver Gaspar Corrêa confirmar o caso. Emtanto, entra pela primeira vez no discurso o vocabulo «ganda».

Contando este mesmo passo da despedida dos embaixadores portugueses do feitor do rei de Cambaia, escreve o pictoresco auctor das *Lendas* no tomo II, parte I, p. 373:

«... e que se fossem a Currate, onde lhes mandava dar embarcação; e que levassem *huma ganda*, que lhe lá daria, que El Rey mandava ao Governador, porque nunca outra vira».

O dedicado amigo de Affonso de Albuquerque, o corajoso capitão da «Flor de la Mar», teve de invernar, com seu companheiro, em Currate. Gaspar Corrêa, continuando a narrativa, diz:

«... e em passando o inverno, em setembro (de 1513), forão a Goa em duas fustas e outros barcos, em que foy a *ganda*, que desembarcando em Goa fez espanto sua vista. *Esta ganda* e o catele (8) mandou o Governador a El Rey. E porque assy era espantosa a vista *da ganda*, El Rey a mandou ao Papa».

Vem agora de novo a *ganda* reduzida a *bicha*; caso que não seria de extranhar, se os dois auctores tivessem escripto «bicho».

Descreve Gaspar Corrêa, na *Lenda do Governador Nuno da Cunha*, tomo III, parte II, pp. 573-574, a batalha que o Rei Candar deu ao Bobor.

«E diante dos alifantes iam oitenta *gandas*, como *huma* que foy a Portugal, a que *chamarão bichá* [sic], que no corno que tem no focinho tinhão ferros de tres pontas com que pelejavão muy fortemente».

Cumpra declarar que, em obsequio á fidelidade da transcrição, se acentuou o «a» como está no texto, e cada um póde verificar, não tendo sido emendado o lapso na respectiva taboada final. Não ha, porém, dúvida que o é, pois que foi contraprovada a sua exactão graphica com o texto dos *COMMENTARIOS* da ed. de 1576, que estampou «bicha», como igualmente se lê na reedição de Pagliarini, pela qual lemos. Seria, emtanto, curiosa a averiguação do porquê o auctor dos *COMMENTARIOS*, tendo a seu dispor *dois* vocabulos correntios para designar o pachiderme, quando não quisesse empregar o nome greco-latino, commum, foi buscar um terceiro vocabulo que decerto não colheu na correspondencia de seu illustre pae, e apouca a nossos olhos a corpulencia, e até a configuração e especie do animal, segundo a noção que temos, e os lexicos confirmam, do vocabulo «bicha».

Por outro lado, permite o texto de Gaspar Corrêa suppor que foi por méro accidente, por gracejo, digamos, que os nossos chamaram «*bicha*» ao disconforme animal?

Se tal interpretação valesse, teria Brás de Albuquerque cahido em attribuir muito a sério ao «*ganda*» do rei de Cambaia a clas-

sificação infima que os Portuguezes de Goa haveriam dado á alimaria, por zombaria, para frisar-lhe por antilitese burlesca, as formidaveis proporeções.

«*Bicha*», além dos significados infimos que lhe attribuem os lexicographos, e do que tem, quando empregado no plural — sanguexugas para sangria — é termo applicavel, segundo as APOSTILLAS a que nos temos referido, á «vibora», em Trás-os-Montes, ao «milhafre», na Ilha da Madeira. Daqui, porém, não passa. Mas se consultamos um DICCION. ETYMOLOG. da lingua franceza, encontramos o vocab. «*Biche*» como designando «a femea do veado e de muitas especies do mesmo genero». É mais alguma cousa, mas não é tudo, e . . . está em francês.

Emtanto, poderá haver alguma correlação, ainda quando remota, entre o vocabulo francês, e o portuguez? Aos competentes o decidir.

Passemos agora aos escriptores letrados; vejamos como se expressam os mestres no escrever das nossas cousas da India, neste mesmo seculo. Comecemos, como de razão, pelo vernaculo João de Barros.

É em sua DECADA II, liv. 8, cap. 1, que o grande historiador noticia igualmente a vinda para o Reino, e o infeliz fim do rhinoceronte do rei de Cambaia.

Eis os termos da narrativa de João de Barros:

«E em retorno de muitas peças ricas, que elle Diogo Fernandes levou a El Rey, além de outras que mandou a Affonso d'Albuquerque, foi uma alimaria, a maior que a natureza creou depois do Elefante, grande sua imiga, e fereo fere-o com hum corno, que tem direito sobre o nariz de comprimento de dous palmos, grosso na raiz, e agudo na ponta, á qual os naturaes da terra de Cambaya, donde aquella veio, *chamam Ganda*, e os gregos e latinos Rhinoceros, e Affonso d'Albuquerque a mandou a El Rey D. Manuel, e veyo a este Reyno, e perdeu-se em huma não caminho de Roma, mandando-a El Rey de presente ao Papa».

Passemos a Castanheda, tão rico em datas e em curiosos pormenores.

Em sua HISTORIA DO DESCOBRIMENTO DA INDIA, tomo III da ed. de 1833, cap. CXXXIII, a pag. 419, referindo-se, no final do sobre-dito capitulo, ás despedidas dos embaixadores de Albuquerque do ministro de el-rei de Cambaia, escreve o diligente e copioso historiador:

«... & Codamação [sic] lhes deu pera ho gouernador hum

terçado rico & hũas peças de beatilhas muyto finas do deli q̄ antreles seruem de fotas q̄ aquilo mandaua el rey ao gouernador e sinal damizade, & lhe mandaria hũa alimaria chamada *ganda*, q̄ lhe leuarião a curreate» (9).

Logo no capitulo seguinte:

«E auendo dez dias q̄ o embaixador era chegado a Çurrate, chegou a *ganda*, q̄ era hũa alimaria quasi da grossura de hũa pipa, &... E estas alimarias se criã em desertos do sertão da India, & chamanhe os Indios *gandas*, & cuido q̄ sam os Rinoce-rôtes q̄ Diodoro diz q̄ pelejão cõ os alifantes & os matão...»

Chegou o famoso rhinoceronte a Lisbõa, a meados de 1515, como acima notámos, sem que da correspondencia do inclito Governador da India circumstancia alguma se possa colher, que nos elucide acerca da remessa da alimaria para o Reino, e motivos de demora em sua expedição, bem como do modo como Albuquerque a designaria (10).

O caso, agora, é com Damião de Goes, chronista, valha a verdade, em nosso entender humilde, e salvo o devido respeito ao sentir do academico Marquês de Alegrete, muito inferior ao reinado de que foi historiographo. É na *Quarta Parte* da sua *Chronica*, e cap. xviii, que elle se resolve, enfim, sem mais antecedentes, nem informações, a contar-nos o inesperado desfecho que teve o spectaculo a que D. Manoel se propusera assistir, no pateo da Casa da India, e em que deviam ser *actores* um elephante e o nosso já conhecido rhinoceronte. Acreditava-se então no odio irreductivel entre as duas racas, tornando irreconciliaveis inimigos os respectivos representantes.

«A outra alimaria que natureza deu por imiga ao Elephante, escreve Goes, ao começar a narrativa do estupendo caso, he o Rhinocerota, ou *Ganda*, como lhe chamam os Indios» (11).

D. Manoel, porém, lido nos auctores gregos e latinos, uma vez que as circumstancias lh'o permittiam, queria — e muito louvavelmente — ajuizar por um facto positivo do crédito que deveria dar-se ás affirmativas de Strabão, Diodoro Siculo, Plinio, e outros.

Infelizmente, a prudencia do elephante não permittiu que o monarcha se desenganasse. A meio do pateo da Casa da India dependuraram-se uns grandes pannos de armar. Para uma das duas metades do pateo, assim dividido, entrou o rhinoceronte, conduzindo-se para a outra o elephante. Mal este entrara, correu-se a pesada cortina, e viram-se, de repente, em conspecto as duas

alimarias. O elephante era novo, tinha apenas tres palmos de dentes a acompanhar-lhe a tromba. Assim mesmo, o terror que o dominou, ao ver o rhinoceronte escarvar a terra com o temivel chifre, meneando a cabeça, como que a pedir ao guarda que o segurava pela pesada cadeia, que o deixasse avançar, foi tal, que partindo em louca e vertiginosa corrida, e arremecendo-se a uma das janellas do pateo, defendida por grossos varões de ferro, a risco de despedaçar o *kornaka*, que mal teve tempo de se deixar resvalar no solo, quebrando os varões de ferro, enfiou a janella, e largou a fugir em direitura aos Estaos, onde tinha a estrebaria. Ficava assim reservada ao seculo XIX a averiguação que parece, emfim, decisiva, de que o odio attribuido ás duas raças, e suas mortaes consequencias, não passam de pura fabula. Neste caso, o que houve foi medo.

\*  
\*       \*  
\*

Descurára Goes, acaso porque teve por de pouco valor mencioná-las, não só a data da chegada a Lisboa do famoso pachiderme, mas a indicação do dia em que se realizou a gorada *função*. Passaram seculos. Chegamos a 1867, e zanga-se connosco, Portugueses. — e por menos exacta comprehensão dos factos — o sabio orientalista Angelo De Gubernatis. Desta zanga resulta a monographia cheia de fel que se intitula: «MEMORIA INTORNO AI VIAGGIATORI ITALIANI NELLE INDIE ORIENTALI, &c. &c.» (12). Dentre os «*Documenti inediti*» que o acompanham, avulta o VI, que tem por titulo: «*Lettera scripta da Valentino Moravia (sic) germano ali mercatanti di Nuringberg*». Este inedito precioso, tal como o notámos em artigo publicado em 1894 na REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, epigraphado «*Os Pachidermes do Estado de El-Rei D. Manoel*», tem para nós duplo mérito: — confirma o celebre impressor, sem o saber, a narração de Goes, e precisa o dia certo em que tal aconteceu. Além disto, dá-nos a data da entrada em Lisboa do presente do rei de Cambaia.

Estes são os termos da carta do celebre impressor da VITA CHRISTI, taes quaes os publicou De Gubernatis, por nós traduzidos e transcriptos naquella REVISTA, IX anno, pag. 84.

«No dia 20 deste mês de maio de 1516, chegou aqui, a Lisboa, cidade nobilissima de toda Lusitania, emporio ao presente excellentissimo, um animal chamado pelos gregus Rhynoceros, e pelos

Indios Ganda<sup>1</sup>, presente do rei poderosissimo da India, da cidade de Cambaia, a este serenissimo Manoel, rei de Portugal, o qual animal no tempo de Pompeio Magno foi mostrado, com outros animaes, aos Romanos, em seus Jogos, segundo conta Plinio. Este Rhynoceros, diz elle, tem um chifre sobre o nariz, é inimigo do elephante, e havendo de combater com elle, aguça o chifre em uma pedra, procurando no combate ferir o seu adversario na barriga, por ser no elephante a parte mais vulneravel. Diz o mesmo auctor que o Rhynoceros é tamanho como o elephante, mas tem as pernas mais curtas e a côr semelhante á do buxo».

(Segue-se uma informação em latim, copiada de Strabão, e que De Gubernatis omittiu).

«E isto diz o dito Strabão, no que mostra concordar com o que aqui vimos, e principalmente no que toca á inimizade que se dá entre os dois animaes, porque em dia da Santissima Trindade (113), sendo o elephante introduzido em certo pateo junto ao palacio do rei, e sendo conduzido ao mesmo lugar o supradito Rhynoceros, vi eu que tão prompto o elephante deu por elle, começou a correr furioso para cá e para lá, e approximando-se de uma janella gradeada com varões de ferro da grossura de um braço, accomettendo-a com os dentes e com a tromba, lhe quebrou os varões, fugindo...».

Além das mais circumstancias que, segundo fica apontado, valorizam este documento, não é menos de estimar a nota do douto orientalista, posta ao designativo «ganda», da carta de Valentim Moravo. Ella nos certifica a procedencia do vocabulo, e por isso, quanto a este, ao menos, a sua origem bem definida não permite mais o emprego do vago qualificativo «indiano». É indiano, porque é sãoscritico. Poderá dizer-se o mesmo, com respeito ao vocabulo «abada»?

\*

\* \* \*

Já agora, duas palavras mais, no tocante ao miserando fim do pobre *ganda*. Prestou-se este de tão boa sombra a provar que os escriptores, nossos compatriotas do seculo XVI, outro nome de

<sup>1</sup> «Exactamente a *gand'á* do sãoscrito». (Nota de De Gubernatis).



origem, quasi, não conheceram á especie, dando-se em todos a mesma conformidade, se exceptuarmos os dois accidentaes passos em que este exemplar é tambem designado «*bicha*», que seria ingratição, até, não lhe desafrontar a memoria da accusação que lhe faz Chenu, não atinamos porquê, de ter sido elle o causador do naufragio que padeceu a não em que era transportado para a Italia! (14).

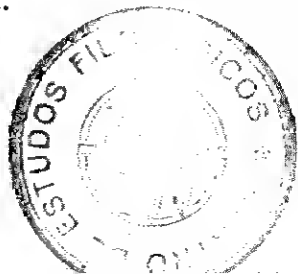
Resolvido D. Manoel a que fizessem parte do seu presente ao Papa o elephante e o rhinoceronte, perdida, provavelmente, a esperanza de averiguar se, de feito, um e outro seriam irreconciliaveis e mortaes inimigos, visto o *fiasco* do pateo da Casa da India, foi o segundo dos dois pachidermes embarcado em a não, de que era commandante João de Pina, fidalgo da casa de el-rei. Como porventura succederia com o elephante, e mais companheiros, á «*bicha*» tinha-se-lhe posto por nome «*Guarda*», e emmalhetara-se-lhe em um dos pés vistosa cadeia dourada (15). Foi assim que desembarcou em Marselha, onde então estava Francisco I, a quem foi apresentada, e que brindou João de Pina com «cinco mil escudos de *ouro do sol*», pela condescendencia do fidalgo capitão, em consentir no desembarque do bicho, para que el-rei o visse, e pela gentileza com que João de Pina se houvera com o monarcha, offerecendo-lhe um formoso ginete bem ajaezado.

A não conduzia tambem a baixella de prata, dourada e esmaltada, que devia ser offerecida ao Papa; constando de 14 peças, com o peso de 198 Marcos e 6 1/2 oit., bem como 7:444 tonel. de especiarias diversas (pimenta, canella, benjoim, cravo, &c.) equipvalendo a cêrca de 29:040 tonel. metr. (16).

Agora, o fim de toda esta riqueza, e o que o motivou, contados em duas linhas pelo breve Damião de Goes:

«De Marselha foi ter á costa de Genoa, onde se perdeu *com tormenta* sem se da nao salvar cousa alguma, & o Rhinoceros saio morto á praia, onde lhe esfolarão a pelle, e foi leuada a Roma, e apresentada ao Papa chea de palha» (17).

Fica a memoria da pobre «*Guarda*» desafrontada, coitadita. Exemplo triste dos vaes-vens deste mundo, veiu a pagar na morte ingloria, e decerto afflictiva que a accommetteu, a honra insigne de ter sido debuxada por um dos grandes artistas do seu tempo, o famoso Alberto Durer. Brehm consigna, com effeito, em sua HISTORIA NATURAL que, por um desenho que lhe mandaram de Lisbõa, cópia *d'après nature*, gravara o insigne Mestre a primeira imagem que na Europa se divulgou da configuração, nada elegante, é de confessar-se, deste pachiderme (18).



Andemos agora para diante, saltemos «del tempo felice», do Venturoso D. Manoel, ao anno subsequente, ao nefasto de 1578. Residia então em Lisbôa um certo Filippo Sassetti, florentino, instruido, ladino, dotado de genio mordaz, mas observador e arguto. Foi morrer a Goa, aos 48 annos de idade, tendo nascido em 1540.

Deixou este Sassetti uma collecção de 111 cartas, que foram reeditadas em Milão, em 1880, por E. Sonzogno. Servindo-nos desta economica edição, dêmos, em 1893, no *Commercio de Portugal*, alguns excerptos de varias de taes cartas, relativas a Lisbôa, ao character de seus habitantes, e ao dos Portugueses, em geral, e do modo como elles entendiam o trabalho e a vida, que (entre parenthesis seja dito) é ainda em muita maneira o vigente (19).

Ora, em principios de 1579 chegara a Lisbôa outro rinoceronte. Se não fosse a loquacidade critica e mordaz de Filippo Sassetti, ficaríamos ignorando o facto. Isto por cá andava, por então, muito atrapalhado, e pouco vagar havia para dar attenção a semelhantes raridades, deixando aos posteros qualquer menção d'ellas.

Sassetti, porém, remediou o descuido, tomando o caso á sua conta, para chasquear a respeito da «bada» com o seu correspondente de Florenca, Francesco Bonciani.

A 19 de fevereiro, d'aquelle anno, começa a folia.

«Conduconcisi — escreve — tali volte, ma poche, delle novità stravaganti, e perciò dilettevoli, come animali e altre cose criate dalla natura: e ora ci si trova la Bada, altrimenti *Banda* (sic); dagli antichi detta Rinoceronte, ancora che in Persia ella ritiene il nome antico. La quale è una bestia tanto contrafatta e tanto nuova, e così fuori della immaginazione di chi non l'ha veduta che concetto malvolentieri potre' farsene» (20).

Cogitando com quem pudesse comparar o pachiderme, Sassetti declara que, após maduro exame, acabara por entender que a alimaria poderia ter semelhanças com «madonna Laura», se fosse viva, fundando-se naquelle verso de Petrarca:

«Che sol sè stessa, e null' altra, simiglia»

do soneto: «*Amore ed io, etc.*» (21).

«Se eu puder, escreve ainda, vir a entender-me com ella, hei de contar-vos tudo a preceito, porque o negro que a governa (apesar de ella ter, não ha muitos dias, pisado um individuo a pés) conversa com ella, como vós falais com a velhota, vossa criada. E o melhor de tudo, é que ella entende-o e obedece-lhe...».

Noutra carta, sem data, mas que deve ser do mesmo anno, — uma carta repassada, em certos passos, de caustica mordacidade, a respeito da nossa triste situação politica, e do breve e terrível futuro que se nos andava apparelhando, escreve ainda o zombeteiro florentino:

«Das cousas de cá, já vos dei conta da Bada, e por muito que vos eu quisesa entreter a respeito de quaesquer outras cousas deste país, dos homens d'elle e seus costumes, força seria que eu discorresse da Bada, do reino, do rei, e da successão da Bada e do estado dos nossos negocios. Falemos pois deste *passarinho*, chamado Bada, que tudo é mais animal, do que a disforme e desmesurada Bada...».

Escusado será advertir que o mordaz epistolographo subentende nesta *Bada*, de quem quer falar, a propria nação portuguesa, á qual mimoseia com alguns periodos pouco agradaveis, ainda que estribados em factos de difficil contestação.



Affirma-se no artigo do DICCION. UNIV. PORTUG., a que acima nos referimos, que o rhinoceronte *africano* foi a *primeira vez* descripto por Montecuccolo. Como não conseguimos ver este auctor, não podemos comparar a sua descripção com a que Fernão Lopez de Castanheda nos deixou do exemplar asiatico vindo para Lisbôa. Brehm, ennumerando os caracteres do «*Rhinoceros africanus*», mostra-nos que se refere aos *bicornes*, aos quaes tal circumstancia basta para formarem *typo* especial na espécie. Especificando as differenças de conformação deste *typo*, diz que «a pelle, lisa e pellada, só apresenta uma reprega bem acentuada entre o cachaço e o tronco, e não se divide nem em escudos, nem em fachas, ou ondulações».

Referindo-se, porém, á gravura, espalhada na Europa por Alberto Durer, cópia do desenho que de Lisbôa lhe fôra mandado do pachiderme de Cambaia, diz que «representa um animal que parece estar coberto com um cabeção, ter escamas nos pés, se-

melhantes ás de uma couraça, e um cornicho em uma das espaduas».

Ainda, descrevendo o «*Rhinoceros de escudo*», diz que se distingue pela sua couraça, composta por uma especie de placas ou escudos, formados pela pelle grossa e dura. No cachaço e nos hipochondrios observam-se varias repregas, bem desenvolvidas, e no focinho um só chifre».

O rhinoceronte de Cambaia, descripto, ainda que em breves traços, e sem pretensões scientificas, é claro, por Castanheda, «era hũa alimaria quasi da grossura de hũa pipa & curta dos braços & das pernas, & toda cuberta de côchas pelo corpo, saluo a barriga, & a cabeça como de porco, & no meyo da testa hum corno muyto agudo de comprimento dhum palmo ou mais».

Ha, pois, na gravura dó celebre artista allemão e na descripção do «Rhinoceronte de escudo» taes quaes afinidades, salvo, bem se entenderá, o «cornicho de uma das espaduas», que se nos afiguraria, ou mal entendido pormenor da gravura, ou menos perfeita comprehensão do gravador, em face de um «mau desenho», se se não justificasse, como adiante veremos. Quaesquer, porém, das duas descrições accommodam-se razoavelmente com a do «Rhinoceronte» de Castanheda, e esta ainda melhor com a do «*Rhinoceronte indio e unicornio*», deduzindo-se daquella descripção que o pachiderme enviado a el-rei D. Manoel devia ser novo, pois que tendo o chifre pouco mais de um palmo, costumam estas armas ter 0<sup>m</sup>,55 de altura.

«Cobre o corpo, escreve ainda Brehm, uma pelle mui forte, mais dura e sêcca do que a do elephante, assentando sobre uma capa de tecido cellular frouxo, que lhe dá elasticidade. Fôrma uma espessa couraça, quasi cornea, dividida por pregas numerosas e profundas, dispostas com regularidade, e que permitem ao animal mover-se á vontade. . . A primeira grande prega desce verticalmente por detras da cabeça e deslisa pelo cachaço, onde fôrma uma especie de papo». [É o çapuz da gravura de Durer]. «Toda a pelle se acha coberta de pequenas escamas irregulares, arredondadas (são as «conchas pelo corpo», de Castanheda), mais ou menos lisas e corneas». O cornicho, apontado pelo gravador allemão na espadua do animal é a revelação de que o original tinha, «como se observa em alguns individuos, protuberancias na pelle, mais ou menos semelhantes ao chifre que tem no focinho, e em grande numero, ás vezes». Não era, pois, tão mau, como a este auctor se lhe afigurou, o desenho ido de Lisbôa, para servir ao grande artista (22).

As conclusões que nos parece podermos tirar da coordenação de nossos modestos apontamentos serão, pois, as seguintes:

1.<sup>a</sup> Dois rhinocerontes vieram a Lisbôa, cada qual em seu seculo. Ao primeiro chamou-se «*ganda*», ao segundo «*bada*», por abreviação de «*abada*».

2.<sup>a</sup> Não se prova que um e outro destes dois vocabulos designe, mais do que a *specie*, o *sexo* dos pachidermes assim chamados.

3.<sup>a</sup> A circumstancia, meramente accidental, de acabar qualquer dos dois vocabulos pela syllaba «-da», não auctoriza a concluir-se que se devam ter por pertencerem ao genero feminino, e, como consequencia, que ambos os pachidermes vindos a Lisbôa hajam sido *fêmeas do rhinoceronte*.

4.<sup>a</sup> Nestes termos, opta o auctor, na impossibilidade de se decidir, em face de prova escripta, pela etimologia franceza, a qual attribue o genero masculino ao substantivo «*abada*», attribuindo elle proprio o mesmo genero ao vocabulo «*ganda*», convencido como está de que é este o que convem a um e outro dos dois substantivos, por concordarem com o greco-latino que designam, e se se não prova ser *feminina* a forma sãoscritica «*gand'd'a*», geradora do vocabulo portuguez.

5.<sup>a</sup> A variante «*bada*» por «*abada*» não parece, em vista da differença de região, dever representar a atenuação do vocabulo «*badak*», e sua pronuncia, do archipelago da Sonda, visto como os exemplares que tal vocabulo designa são *exclusivos* de Sumatra, e aquelles a que nossos viajantes do seculo xvii alludem pertencem á peninsula indo-china.

6.<sup>a</sup> Fica, pois, para assentar definitivamente pelos competentes se o vocabulo «*abada*» pertence, em sua origem, á Arabia, se a um dos dois dialectos malaios provindos do ramo malaio-javanês; isto é, em summa, se o berço do vocabulo «*abada*» está na Asia occidental, se na Oceania; se entre os Ismaelitas, se com os Malaios de Sumatra.

7.<sup>a</sup> Por egual se não pode, por agora, averiguar se o motivo da duplicação do «*b*», em «*Abbada*», empregado por Montecuccolo, e o auctor da ARTE DE FURTAR, é accentuadamente philologico, como representante de algum dialecto da parte occidental de Africa,

se, o que não parece verosímil, é, principalmente no segundo dos dois escriptores, o resultado de falsa orientação etimologica.

8.<sup>o</sup> A breve descripção que o historiador Castanheda faz do rhinoceronte existente na costa do Hindustão, e mandado para Lisbôa, concorda não só com a gravura de Alberto Durer, mas com as descripções que os modernos naturalistas teem feito do pachiderme, por elles classificado «*R. Indicus*, ou *Abada dos Indios*». Por onde fica apurada a fidelidade da descripção portuguesa, feita pelo unico de nossos historiadores da India que deixou notada a conformação desta alimaria.

Lisboa, Dezembro de 1909.

GOMES DE BRITO.

## NOTAS

(1) Servimo-nos da 2.<sup>a</sup> ed. Typ. de A. S. Coelho, Lisboa, 1842, pag. 79.

(2) Colheramos o vocabulo na ed. de 1820, de nosso uso, mas tomámos a peito verificar se a duplicação do *b* vinha ou não da primitiva. Recorremos, para o elleito, ao exemplar da Bibliotheca Nacional, e por esta occasião nos permittimos lembrar aos estudiosos que este se acompanha com a *Carta Apologetica*, do P. Freire (Candido Lusitano), contestando, e bem, a opinião que attribuiu a Vieira a paternidade d'este livro.

(3) Devemos, emtanto, registar a expressão completa de Fr. Gaspar de S. Bernardino: «Africa, escreve, he a Mãe e patria mais propria, de feras monstruosidades, de indomaveis e medonhos animaes, como são... os Reynocerontes, que são as Abadas, &c.».

(4) Conforme o adverte o Sr. Gonçalvez Viana, «a letra final, *g*, da palavra malaia *bidaq* é quasi imperceptivel, e é proferida na farinje». Igual observação faz Chenu, em sua *HIST. NAT., Mamíferos* (1874).

(5) *Rhynoceros* e vocabulo latino, que se declina, como anda sabido, *Rhynoceros, -otis*. É composto de dois gregos, que designam o focinho e o chifre que este animal tem nelle. O autor do artigo do PANORAMA, citado no texto, inclinou-se, pois, à etimologia latina, como o haviam feito os redactores do 1.<sup>o</sup> e unico tomo do DICCIONARIO da Academia, em homenagem às noções da Linguistica, então prevalectentes, e ao pouco que se sabia das influencias morpologicas, na construcção de qualquer lingua.

(6) Notemos que a classificação do individuo, attribuida a Cuvier pelo autor do artigo do DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUÊS, que fica citado, differe da de

Chenu. Este lembra, segundo vemos, a origem *indiana* que o celebre naturalista terá attribuido ao exemplar *unicornio*; aquelle attribue ao mesmo sabio a classificação *africana*.

Não atinamos nos motivos da discordancia, e limitamo-nos a notá-la, por nos parecer que o merece.

Quanto à traducção do determinativo empregado por Chenu, referindo-se ao «Abada dos Indios», fizemo-la *masculina*, por estarmos convencido que o naturalista francês não empregaria o artigo «la», se as regras syntaticas da sua lingua lho permitissem; isto é, entendemos que Chenu viu em «Abada» a especie do individuo, não o *sexo*.

(7) A alimaria partiu de Qurrate para Goa em setembro de 1513, mas só chegou a Lisboa a 20 de maio de 1515, como se verá do texto. É possível que a demora em ser expedida para o reino tivesse por causa a falta de embarcação idonea para a transportar, a ausencia de Affonso de Albuquerque da capital do novo imperio indiano, durante o resto do anno de 1513 e principios de 1514; qualquer obice de circumstancia, enfim, que protelou por tão largos meses a remessa do pachiderme para Lisboa.

(8) Especie de leito de recosto, que o elucidativo Gaspar Correia já deixara descripto: «de luor de madreperola, cousa rica, com varandas e paramentos».

(9) Aqui se apresenta, como já se apresentara em Barros, o caso que acima demos por provavel: o substantivo «ganda» determinativo do nome da alimaria, tal qual se Castanheda ou Barros tivessem escripto: «hũa alimaria chamada «abada» ou «bada». Se, porém, em vez de «alimaria» estes auctores tivessem empregado o vocabulo «animal»,ahi teriamos invertido o sexo do bicho, sem reparo possível. Logo no passo seguinte, de Castanheda, se manifesta o contrasenso illogico da aproximação dos dois vocabulos designativos desta especie de pachidermes: «chamam-lhe os Indios gandas (feminino plural), e cuida que são os Rhinocerontes, &c.».

Nem da femea do elephante, nem da do rhinoceronte se vulgarizou entre nós correspondencia feminina para o nome da especie. Dizemos: «a femea do elephante», devemos dizer «a femea do rhinoceronte». MORAES, *Dicc.*, s. v., regista porém a palavra *elephanta*, como usada por alguns auctores. A mesma observação para o pachiderme de que aqui se trata. O que talvez conciliaria todas as divergencias, a respeito dos generos dos vocabulos «ganda» e «abada» ou «bada» seria a applicação a estes pachidermes da regra observada na capital da Ilha de Ceylão a respeito dos elephantes sem dentes, conforme a expõe P. Manoel Barradas, em sua *Discrição da Cidade de Colombo*, in *HISTORIA TRAGICO MARITIMA*, I, pag. 256 («Alêa he todo o Elefante sem dente, quer seja macho, quer femea»). Mais a diante, porém, determina este escritor o genero grammatical do vocabulo. «Dizem comtudo que os Alêas machos são mais fortes e valentes. E referindo-se ao parto das femeas, escrever: «a que logo acodem as outras Alêas femeas». De onde se infere a applicação naquella Ilha dos dois generos, segundo os casos, o que não se deu nos vocabulos «ganda» e «abada» ou «bada», substantivos que passam por communs de dois, posto que os lexicographos menos advertidos, a nosso ver humilde, attribuem aos dois vocabulos o genero feminino exclusivamente.

(10) Veja-se em CARTAS DE AFFONSO DE ALBUQUERQUE, publicadas sob a direcção do academico Raymundo Antonio de Bulhão Pato, o que se lê na parte inferior da pag. 323, texto da Carta LXXV, de 25 de outubro de 1514, a El-Rei D. Manoel.

(11) CRONICA DO SERENISSIMO SENHOR REI D. MANOEL — Parte IV, p. 489, (ed. de 1749).

(12) Firenze, 1865.

(13) A Paschoa de 1515, segundo o kalendario Juliano, cahiu a 8 abril, e é por este kalendario que se ha de fazer o calculo, pois que o Gregoriano só foi admittido em Portugal por lei de 20 de setembro de 1582. Assim, em 1515, o domingo da Santissima Trindade terá sido a 3 de junho. (*Nota do auctor do artigo da REVISTA*).

(14) A pag. 3 do t. II dos *Mamíferes*, conta-nos este autor, com effeito, o seguinte:

«Le premier individu que l'on est vu (en Europe) fut envoyé (en 1515) à Emmanuel, roi de Portugal, et fit périr le bâtiment qui le transportait en Italie, comme un présent fait au Pape par ce roi».

Referindo-se á ferocidade accidental deste pachiderme, escreve ainda:

«Si sa fureur est impuissante contre ses ennemis, il cherche à l'assouvir contre lui même, et heurte sa tête contre les obstacles qu'il trouve devant lui; c'est ainsi que le Rhinocéros qu'Emmanuel envoyait au Pape fit périr le navire qui le portait. . .» — São nossos os italicos.

(15) Pormenores collidos no Cod. Ms. da Bibliotheca Nacional, n.º 886, da Collecção «Vimieiro», copia que se reputa ser do *Diario* de Pedro d'Alcaçova Carneiro, secretario de estado dos reis D. Manoel e D. João III. O texto, a pag. 6 a 8, diz:

«Lembrança das couzas que El Rey enviou de presente ao Papa Leão X, e a nao em que estas cousas hião se perdeu na ribeira de Genova, e se perdeu tudo isto, tudo o q̃ a nao levava, e toda a gente».

(16) *Ibidem*. Reduzimos ao essencial a nota desenvolvida por Pedro d'Alcaçova, tanto acerca da baixella, como a respeito das especiarias de que elle dá as toneladas, referidas a cada qual dos generos enunciados, approximando nós os pesos antigos dos actuaes correspondentes, a fim de tornar mais sensivel a importancia da remessa.

(17) Nova collisão entre os dois generos, correspondendo aos dois sexos. Entanto, a circumstancia de ter sido posto ao animal um nome *feminino* auctorisita a crer-se que elle fosse de facto femea de rhinoceronte.

(18) Tomo I, *Mamíferos*, p. 573.—Trad. castelhana sobre a ultima ed. allemã. Barcelona, 1880. E acrescenta:

«En un espacio de cerca de doscientos años, esta fué la única imágen que se tuvo del rhinoceronte, y no debemos admirarnos de que tambien Gessner se serviera de él».



(19) Filippo Sassetti passa por ter sido um dos primeiros europeus que chamaram a attenção dos doutos para a linguagem sãoscritica, mas as suas *Cartas* só começaram a ser publicadas, em parte, no vol. III das PROSE FIORENTINE (Parte IV); isto é, de 1716 a 1745. Em 1855 é que Le Monnier deu a primeira edição d'este curiosissimo e eruditissimo repositório. Não somos nelle, já se vê, bem tratados pelo viajante florentino, mas é de justiça reconhecer que os motivos apaixonados que elle teve para a attitude que tomou para conosco, foram admiravelmente servidos pela pessima maneira que tivemos sempre de entender a vida e os nossos proprios interesses. Neste particular, Sassetti tem carradas de razão.

(20) Muito de proposito trasladamos este trecho no proprio idioma em que foi escripto, para lhe conservar todo o original aspecto, e não desfazer o effeito da emenda de Sassetti ao nome que se Java ao rhinoceronte.

Das hypotheses são de admitir: — ou involuntariamente errou Sassetti, escrevendo «Banda», e bem poderia ter assim succedido, estando elle com os olhos no *b* maiusculo que acabava de empregar; ou, inadvertido, se deixou o copista tomar do erro, que pode ainda ter-se dado por negligencia ou falta de percepção do revisor. O de que nós estamos, em summa, convencido, é que Sassetti quiz escrever *Ganda*, e não *Banda*. Mas... é já agora tarde para o afirmar:

(21) É o cxxvii. da Parte Prima, na ed. de Parigi, 1789, conforme verificámos.

(22) A gravura do METODO FACILISSIMO, de Emilio Achilles Monteverde, vindo a lume, em 1.<sup>a</sup> ed., em 1836, terá constituído, nos parece, a primeira representação graphica, entre nós, do celebrado pachiderme.

Se a compararmos com a descripção de Castanheda e com a da gravura de Durer, achar-lhe-hemos semelhanças com a primeira, no tocante á «cabeça como de porco», e com a segunda, no «cabeção», do qual Brehm muito perfeitamente explicou a causa.

A nossa impressão, pois, é que a gravura do METODO FACILISSIMO é copia da de Durer, que o naturalista Gessner divulgou.



## CARTAS DE TOCAR OU DE PACTO COM O DEMONIO

Em 1717, uma Maria Antonia, natural de Madrid, declarou na Inquisição de Évora, em cuja prisão estava recolhida, que D. Sebastião de Redondo, natural de Granada, lhe redigira uma *carta de tocar* para ter fortuna nos negocios, carta que elle assinou com o sangue que obteve picando em um dos dedos. Maria Antonia, antes de ser presa, residia em casa do hespanhol José Bernardo, casado com Maria Rosa, e paes de Rosalia. Maria Rosa tambem possuia uma das taes cartas, bem como os seus patricios Manuel Antonio, José de Mendiola e Margarida de Castilho a *Malagueña*.

José Bernardo e sua mulher vieram residir para Lisboa, continuando esta com a sua afleição aos pactos.

Em 1721, José Bernardo, que se declarava natural de Valença (Hespanha), veio fazer denuncia de um tal D. José, hespanhol, que conhecia um francês, homem este que era possuidor de um livro de nigromancia, como lhe certificou o religioso castelhana Fr. Manuel José de Villar, de quem tambem temos o respectivo depoimento feito na Inquisição de Lisboa.

De não menos valor que esta referencia a cartas de pacto com o demonio, mas agora para a historia do theatro em Portugal, é a circumstancia de que quasi todos estes Hespanhoes eram comediantes, residindo José Bernardo, que se dizia musico, com sua mulher ex-comica, no Beco das Comedias em Lisboa. Alem dos individuos que mencionei, ainda se acham nas denuncias os nomes das comediantes Benita Trancoso, Petronilla e Anna Lourenço.

Seguem-se agora os documentos respectivos.

PEDRO A. de AZEVEDO.

Aos quatro dias do mes de Novembro de mil e setecentos e vinte e hũ annos em Lisboa nos Estaos e casa do Despacho da Santa Inquisição, estando ahí em audiencia de menhãa o Senhor Inquisidor João Paes do Amaral, mandnu vir perante sy a hũ religioso que da sala pedio audiencia; e sendo presente por dizer a pedira por ter que denunciar nesta mesa, cousas a ella pertencentes, lhe foi dado o juramento dos Santos Evangelhos em que pos a mão sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade, e ter segredo o que tudo prometeo cumprir e disse chamarse frei Manoel Joseph de Villar Religioso da Ordem de Sam Basilio, professo no convento de Madrid da mesma Ordem, natural da mesma Corte de Madrid, e assistente nesta de Lisboa, em casa de Affonso Golmedo no beco das Comedias de sincoenta annos de idade, e denunciando:

Disse que haverá dezoito ou vinte dias sendo elle denunciante chamado por Joseph Bernardo, musico, Espanhol, natural do Reyno de Valença e assistente nesta cidade no beco das Comedias em humas casas que são de Joseph Dinis, e indo a casa do mesmo para effeito de ver hum livro que o dito Joseph Bernardo lhe disse tinha hum estrangeiro, que então se achava em casa do mesmo, que lhe tinha custado cinco mil cruzados, nella achou o dito estrangeiro, que não sabe de que nação seja, mas entende ser italiano, nem lhe sabe o nome e só que he contratador e que embarca para varias partes com alguns negocios; e este lhe apresentou o dito livro para que lho traduzisse por ser latino para o dito estrangeiro poder usar delle; e abrindo elle denunciante o Livro em algúas partes para se certificar da materia que continha, vio diversas figuras de animaes immundos, e lendo algúas regras veyo a conhecer que o tal livro era de nigromancia, e que em varios capitulos ensinava o modo de descobrir Thesouros, e fazerse invizivel invocando sempre o Demonio, e que o denunciado lhe disse que por força da dita invocação apparecia o mesmo nas ditas fequras, as quaes se movião como se fossem viventes, e vendo elle denunciante que o livro era prohibido, e contra nossa santa fé catholica, desejando trazello a esta mesa, o pedio ao delato com o pertexto de dizerlhe se queria capacitar mais nas materias que continha, porem o denunciado lho não quiz dar, do que sabem o dito Joseph Bernardo a quem elle denunciante advertio que o dito livro era prohibido e hum Dom Joseph Estrangeiro que estava na casa do dito Joseph Bernardo, de quem elle poderá dar a confrontação.

Declara mais que Maria Rosa, mulher do dito Joseph Bernardo, que foi representante de Comedias, pela lancarem fora da companhia das ditas comedias, dissera que havia de vingarse das pessoas que lhe fizerão o dito dano, ainda que entregasse a sua alma ao Demonio e que proferira outras mais blasfemias de que poderão dar noticia Benicta Trancoso, e Petronilla, mulher de Luiz e Anna Lourença, todos comediantes, e as mais pessoas da mesma companhia; e acrescenta ouvir que a dita Maria Rosa tinha carta de tocar, e que fora buscada para ser presa pela Inquisição de Evora,

o que sabe por lho dizer Maria Antonia, que foi castigada pela Inquisição de Evora pela mesma culpa, e Margarita de Castilho a Malaganha, e Manuel Antonio e Joseph de Mandiôla, que tambem se delatarão a dita Inquisição pela mesma culpa. E que isto he o que tem que denunciar nesta mesa, o que faz por descargo de sua consciencia e não por odio, ou má vontade que tenha aos denunciados, e mais não disse nem ao costume e sendolhe lida esta sua denunciação disse estava escrita na verdade o que nella se affirma, e ratifica, e torna a dizer de novo sendo necessario e que nella não tem mais que acrecentar diminuir, mudar, nem emmendar nem de novo que dizer ao costume sob cargo de juramento dos Santos Evangelhos que outra ves lhe foi dado ao que esteverão presentes por honestas e religiosas pessoas que tudo virão e ouvirão e prometerão dizer verdade e guardar segredo no que fossem perguntados debaixo do mesmo juramento dos Santos Evangelhos que tambem bem receberão os lecceniados João Cardoso e Manoel Rodrigues Ramos notarios desta Inquisição que *ex causa* assistirão a esta ratificação e asinarão com a testemunha e com o dito Senhor Inquisidor. Manoel de Figueiredo o escrevi. = *João Paes do Amaral Padre D. Mânuel Joseph del Villar.*

E hido o denunciante para fora, Iorão perguntados os ditos lecceniados se lhes paressia que falava verdade, e merecia credito, e por elles foi dito lhes paressia falava verdade, e merecia credito, e tornarão a assinar com o dito Senhor Inquisidor. Manuel de Figueiredo o escrevi. = *João Paes do Amaral.*

Aos cinco dias do mez de novembro de mil setecentos e vinte e hum annos em Lisboa nos estaos e Casa do Despacho da Sancta Inquisição estando ali em audiencia da tarde o Senhor Inquisidor João Alvres Soares mandou vir perante si a hum homem que da sala mandou pedir audiencia, por dizer que tinha que denunciar nesta mesa e sendo presente lhe foy dado o juramento aos Santos Evangelhos em que poz sua mão sob cargo do qual lhe foy mandado dizer verdade, e ter segundo o que prometteo cumprir, e logo disse chamarse Joseph Bernardo Hespanhol natural da cidade e Reyno de Valença e morador em esta de Lisboa no Beco das Comedias aonde tem partido de musico, de sincoenta annos de idade, e Christão velho; e denunciando disse:

Que haverá mez e meyo pouco mays ou menos por ocazião delle denunciante em sua casa estar falando com outro homê por nome Dom Joseph não sabe de que, nem que officio tem e so lhe parece, que será hespanhol porque o fala e tratarem entre si do modo que podia ter pera melhor passar a vida o dito Dom Joseph lhe disse que na mão de hum frances vira hum livro. o qual tratava de alguns thesouros o que ouvindo elle denunciante disse ao dito Dom Joseph que folgaria de ver o dito livro por cuja rezam passados alguns dias veyo o dito Dom Joseph a casa delle denunciante com o dito estrangeyro que trazia o dito livro e que por o dito livro ser em lingua latina e elle o não entender elle denunciante pedio a hum religioso de São Bazilio chamado Frey Manoel

del Villar, pera que vendo o dito livro lhe dissesse em lingua vulgar o que elle na latina continha, e que vendo o dito religioso o dito livro o qual era muyto velho e manuscripto de quatro, que faria volume de dous dedos de altura, disse a elle denunciante e ao dito Dom Joseph, que o tal livro era de Nigromancia magica o que ouvindo elle denunciante e o dito D. Joseph nam quizeram cousa alguma do dito livro e este ficou outra vez em poder do dito estrangeiro, a quem não sabe o nome, nem de que nascão he nem aonde mora e tambem nam pode dar noticia das confrontações pessoas do dito estrangeiro porque so o viu por' espaço de hum quarto de hora e que nunca o tornou a ver e que isto he o que tem que denunciar nesta mesa e mais nam disse nem ao costume, e sendolhe lida esta sua denunciação e por elle ouvida e entendida disse estava escripta na verdade e assignou com o dito Senhor Inquisidor, Thomaz Feyo Barbuda que o escrevy. — *João Alvares Soares* — *Joseph Bernárdo*.

Culpas que ha nesta Inquisicam de Evora contra Maria Rosa Castelhana, natural do Reino de Valença, moradora que foy nesta cidade e de prezente na de Lisboa no Beco das Comedias.

Do processo de Maria Antonia, viuva de Manuel de Flores de Andrade, natural de Madrid, reino de Castella, e moradora nesta cidade de Evora.

A qual foy preza por culpas de feytiçarias em 7 do mes de Julho de 1717 nos catseres secretos desta Inquisicam e na primeira sessam que com ella se teve em os 9 do dito mes e anno comessou a confessar suas culpas e dice desta ré o seguinte de 24 annos de idade pelo que lhe foy dado curador, foy penetensuada no auto publico da fee que se celebrou na igreja de S. João Evangelista em os 22 de mayo de 1718, e foy degradada por tempo de dois annos para a cidade da Guarda:

Aos nove dias do mes de junho de mil sette centos e dezacete annos em Evora na primeira casa das da audiencia da Sancta Inquisicam, estando ahy em a de menhãa o Senhor Inquisidor Ignasio de Cabedo de Vasconcellos, mandou vir perante sy por pedir audiencia a huma molher, que em os sete dias deste prezente mes veyo preza para esta Inquisicam e sendo presente lhe foy dado juramento, por dizer que queria confessar suas culpas, lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos sua mão sob cargo do qual lhe foy mandado dizer verdade e ter segredo o que prometeo cumprir.

E logo dice chamarse Maria Antonia de nassam hespanholla viuva de Manuel Flores de Andrade reposteyro do Conde de Palma de Castella, natural da Corte de Madrid, e moradora nesta cidade de Evora e disse ser christã velha e de vinte e quatro annos de idade.

Perguntada para que pedio audiencia dice que para confessar suas culpas.

E logo foy admoestada na forma do estillo do Santo officio, ao que respondeo que só a verdade diria e esta he:

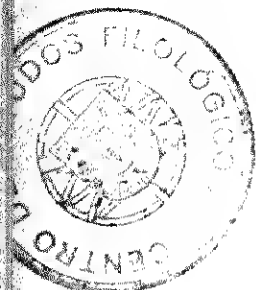
Que haveria seis mezes pouco mais ou menos em casa de Joseph Bernardo christão velho hespanhol de nassam a seu parecer cazado com Maria Rosa tambem Castalhana, natural do reino de Valensa, e morador nesta cidade alguns annos e ao presente o he na cidade de Lisboa no Beco das Comedias, se achou com a Jitta sua molher Maria Rosa e com huma filha do ditto Joseph Bernardo chamada Rosalia e entre praticas lhe disse a ditto Maria Rosa a ella confitente que hum D. Sebastiam de Redondo christão velho, cavaleyro que dizia ser do habito de Santiago não sabe o nome de seos pays, solteiro natural de Granada acestente então nesta cidade em casa do ditto Joseph Bernardo, e agora não sabe donde aciste e foy prezo duas vezes no Santo officio de Lisboa e desta cidade lhe dicera queria fazerlhe huma carta de tocar para que tivese boa fortuna na venda da agoa ardente que era o trato de seu marido Joseph Bernardo, e no mesmo tempo sahio de huma casa interior ahonde acestia o ditto D. Sebastiam de Redondo, e vindo conversar com ella declarante e com Maria Rosa esta lhe deu parte do que ella declarante tem referido, ao que respondeo o ditto D. Sebastiam Redondo não fizera bem a ditto Maria Rosa em dar conta a ella declarante da offerta da carta, e então respondeo a ditto Maria que não importava que ella declarante soubesse da ditto carta porque o não havia dizer a ninguem e nestes termos dice o dito D. Sebastião Redondo a ella declarante que se queria outra que lha faria para conseguir hum dos intentos ao que ella respondeo que sim, e elle lhe dice que queria entrar no pacto sem declarar com quem era o pacto e ella declarante lhe replicou que se o pacto era, e consestia em não rezar oracoins a Deos Nosso Senhor que a não queria e nestes termos a começou a fazer e tendo já feyto, e escrito parte da carta lhe tornou a perguntar se queria entrar no pacto e se sabia escrever ao que ella respondeo que nem sabia que cousa era pacto, nem sabia escrever ao que elle respondeo que nam importava, que elle faria a carta, ao que ella declarante não deu resposta alguma e então a ditto Maria Rosa dice D. Sebastiam Redondo, que importava o que prometia nas cartas, se elle quando lhe parecia as podia quebrar e não terem efeyto ao que respondeo o ditto D. Sebastiam Redondo que tal não socederia, e que para seguransa de tudo elle as firmaria com letras do seu sangue como com effeyto se picou em hum dedo e com o seu sangue escreveo algumas cousas na ditto carta, e na mesma entende pos o nome della declarante, porque lhe perguntou como se chamava o que ella não sabe de certo, porque não sabe escrever, e quasi nada de ler.

Dice mais que depois de feytas as dittas cartas pelo ditto D. Sebastiam Redondo e antes de lhas entregar a ella declarante huma, e a ditto Maria Rosa a outra lhes dice que haviam de hir a ouvir huma missa em cujo altar havia elle ter metido as dittas cartas para se dizer missa sobre as mesmas, e em effeyto elle falou a hum sacerdote que dice a missa e lhe deu hum cruzado

novo de esmolla, pelo que o mesmo dice, que ella não lhe vio dar a ditta esmolla e acestiram a missa ella declarante, e a ditta Maria Rosa e D. Sebastiam Redondo o qual depois de acabada a missa tirou debaxo da toalha do altar huns papeis e passado hum dia lhe deu a ella declarante a ditta carta de tocar dizendolhe que sobre ella se havia ditto a missa e he o que tem que declarar acerca do que passou com o dito D. Sebastiam Redondo e mais não dice nem ao costume e sendolhe lida esta sua confissam e por ella ouvida e entendida dice estar escripta na verdade e que nella firmava, ratificava e tornaria a dizer de novo sendo necessario e assignou pela ree de seu contentimento em presença do seu curador o notario Joam Martins Aranha e o ditto Senhor Inquisidor. Joam Martins Aranha, notario do Santo Officio que o escrevi — João Martins Aranha — Balthesar Afonso Banha — Ignacio de Cabedo de Vasconcellos.

A qual culpa foi trasladada bem e fielmente de proprio original com que concorda e faço fee estar ratificado no mesmo a que me reporto e consertei este traslado com o notario abaxo assignado em presença do promotor desta Inquisição. Evora no Santo Officio 7 de Novembro de 1721. = *Bento Franco*.

Concertado comigo Notario = *Francisco Gonsalves Galvão*.



## FALAS E TRADIÇÕES

DO

### DISTRITO DE VIANA-DO-CASTELO

*Antes aprender que ensinar.*

CRIMM.

#### NOTAS

O distrito de Viana-do-Castelo comprehende os concelhos de Caminha, Vila-Nova-de-Cerveira, Valença, Monção, Melgaço, Paredes-de-Coura, Viana-do-Castello, Ponte-do-Lima, Arcos-de-Valdevez e Ponte-da-Barca.

— «O rio Lima foi até ao anno de 1444 o limite das dioceses de Tui e de Braga; até esta epoca o territorio aquem Lima estava mais ou menos influenciado pela politica da Galliza, e assim sujeito aos azares da guerra: com a fundação da monarchia portugueza passou a pertencer ao novo estado, e só em 1512 se libertou de todo da tutela episcopal de Tui.

Ao começar o seculo xiii, isto é, pouco tempo antes da formação do nosso concelho e da fundação da Villa de Vianna, o traço de terreno por onde corre o rio Lima achava-se dividido em terras ou districtos, entremeados de varias Villas, coutos e honras, que diremos».

[Luís Figueiredo da Guerra, *Archivo Viannense*, 1891, vol. 1, pág. 49].

— «Por Escriptura, feita em Braga a 20 de Setembro de 1512, conveio este Arcebispo [D. Diogo de Sousa] com o Bispo, que então era de Ceuta, em que ficassem incorporadas na Mitra Primaz as terras de entre Minho e Lima, que tinham sido dadas ao Bispado de Ceuta, e tinham sido do Bispado de Tui; recebendo a Igreja de Ceuta em compensação Olivença, Campo Maior, Ouguela, e o mais, que em outro tempo pertencia ao Bispado de Badajóz, e depois tinha sido dado aos Arcebispos de Braga por motivo de indemnização, etc. . . . Este contracto, feito com consentimento d'ElRei D. Manoel, foi



confirmado por Letras Apost. de Leão X. datadas de 25 de Junho de 1513. Elle foi de grande utilidade para ambas as Mitras e seus respectivos Diocesanos».

[*Serie Chronologica dos Prelados conhecidos da Igreja de Braga desde a fundação da mesma Igreja ate o presente tempo.* Coimbra 1880, pái. 57-58].

Sobre o mesmo contrato, vid. páj. 47 e 51 da citada *Serie*. É esta a ultima das muitas mudanças da Igreja de Viana.

«A parochia de S. Salvador de Atrio, erecta por D. Afonso III, ao mesmo tempo que o nosso concelho, compunha-se da *Villa de S. Salvador*, que correspondia aos actuaes bairros da Bandeira e Abelheira, da *Villa do Atrio*, e do *Crasto*; o nome de Vianna que tinha o lugar de Atrio já então designava toda a freguezia d'esse nome».

[*Archivo Viannense*, já citado, pái. 113].

— «Item, in parochia Sancti Salvatoris de Atrio, que agora chamam Viana». «... Item, da vila de Atrio, que chamam Viana...».

[Inquirições de D. Afonso III, etc. in *Archivo Viannense*, já citado, páj. 133].

A antiga Viana não era precisamente no Atrio. Disto falarei mais tarde. — Deve-se escrever *Viana* (só com um n). Assim está em escritos antigos. «... ac resignato postea Archiepiscopatu, inter eosdem Patres Praedicatorum in Coenobio Vianae aetate pressus, ...».

[*Decretum — Romana seu Bracharen. — Beatificationis et canonizationis — ven. servi Dei — Fr. Bartholomaei de Martyribus...* in *Archivo Viannense*, páj. 100].

Em a nota antecedente se vê duas vezes *Viana*.

Na *Serie Chronologica*, atrás citada, está escrito *Viana*, páj. 117: «... os Fóros da Rua nova de Lisboa, e as Rendas Reaes de Viana».

O *Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino — novamente compilado* por Joaquim José da Costa e Sá, Lisboa 1794, inclui:

«VIANA, ... Villa de Portugal. *Viana, petite Ville de Portugal.* (Viana, de ... Viana Limij)».

As expressões e tradições que vou apontar não são jerais (algumas o serão talvez) no distrito: não serão poucas as que pertencem a mais terras do que as especificadas, sendo ainda natural que muitas se usem fora do distrito e fora da provincia até.

A pronúncia é muito variável. Diverge às vezes de uma terra a outra vizinha: Viana e Darque, que apenas o Lima sépara, por es., apresentam modos de pronunciar muito diversos.

Com o vocabulário o mesmo succede.

As relações comerciais entre os povos de esta região tam densa, as feiras, as romarias, a lavoura, as *modinhas*, o serviço militar dos mancebos, a ida para as cidades de omens (estucadores, caiadores, pedreiros, etc.) e de mulheres (criadas-de-servir, amas, costureiras, etc.), são factores que concorrem para a variedade, mistura e alteração de pronúncias e de vocabulários, tornando a observação da verdadeira linguagem popular de um local bastante difficil.

Indico sempre a terra ou terras onde notei o que esponho ou onde sei, por informações seguras, que se dá o que menciono, — devendo-se atender ao que deixo declarado no principio de esta nota.

Adeantado este trabalho, — com o auxilio do que se tem já escrito ou se venha ainda a escrever, similarmemente, sobre esta região, mais fácil será, relacionando todos esses elementos, fazer o estudo nos aspectos que nos interessam de este *classico povo*, como Camilo lhe chamou, [*Noites de Insomnia*, n.º 2, 1874, páj. 35: «... classico povo do Minho e Traz-os-Montes». — *A Bruxa de Monte-Cordova*, Lisboa, páj. 11: «... do mais classico povo de Portugal (o do norte.)»].

Que estes insignificantes apontamentos, — obra de um ignorante que não tem mais do que boa-vontade e escrúpulo a servi-lo —, alguma utilidade tenham para quem sábiamente se dedica a estes estudos — é o desejo do seu autor.

Falas e tradições vão sem ordem, consoante as vou colhendo. Mais tarde, valendo a pênna, se colleccionarão com método.

## A) VOCABULÁRIO

### **Petim**

Pão de trigo sobre o comprido, a que no Pôrto chamam *cacete*.

### **Sarronca**

É o *papão*; ser imaginário para atemorizar as crianças. (Alvarães, Anha, Barroselas).

— «Não vás para a beira do poco, que lá está uma *Sarronca*, e come-te. — Não vás para o sol ou não vás mexer naquella plantação porque lá tenho eu uma *Sarronca* e come-te». — Esempllos que me dá pessoa de Alvarães).

Uma mulher de Geraz-do-Lima (Ponte) diz:

«Fui criada em Geraz; sempre ouvia dizer a meus pais que a *Sarronca* me comia se eu fizesse mal. . . aos 12 anos fui para

o Rio-de-Janeiro e lá ouvia dizer também aos pais das crianças... : tu foste aqui ou ali mas a *Sarronca* qualquer dia engole te direito». (Informação, por escrito como as antecedentes, da mesma pessoa).

O Sr. J. Leite de Vasconcelos menciona nas suas *Tradições Populares de Portugal*<sup>1</sup> — *Farronca* (Carrazeda-de-Ansiães)<sup>2</sup>.

FARRONCA por aqui é *basófia*.

## Lábia

É como em aldeias vizinhas, para os lados de Anha e Castelo-do-Neiva principalmente, chamam ao *relicário* (nome que os ourives lhe dão).

O *relicário* tem ainda outros nomes: — em várias terras do distrito chamam-lhe CUSTÓDIA, noutras (Donas, Ponte-do-Lima) RELÍQUIA, e noutras (Santa Marinha-de-Forjães, por es.) BRASILEIRA.

\*

\* \* \*

À LABIA, em espanhol como em português, com diferente significação.

O *Diccionario enciclopédico hispano-americano de literatura, ciencias y artes* (Barcelona 1892, tomo XII) interpreta assim o vocábulo: *afluencia persuasiva y gracia en el hablar*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Tradições Populares de Portugal*, Porto 1882, páj. 297.

<sup>2</sup> Deve se escrever *Ansiães*, de *Ansiães* (de *Ansilanis*). [Vid. *Subsídios para um dictionário completo (historico-etymológico) da lingua portuguesa*, por A. A. Cortesão, Coimbra 1900.]

<sup>3</sup> — Eis como o vocábulo é abonado por este dictionário:

«Pero es muy ladino, y sabe de todo, y tiene una *labia* y escribe que da gusto. — L. F. DE MORATÍN».

«Con su *labia* y su oropel  
Y su erótica dulzura  
Dió (Micaela) con mi juicio al través.

BRETÓN DE LOS HERREROS».

«. . . irás allí y con esa chachara que gastas y esa *labia* que Dios te ha dado, le infundirás en los cascos la resignación y la dejarás consolada; etc. — VALERA».

Segundo o *Novo Dicionario Hespanhol-Portuguez*, Paris 1897, ... pelo Visconde de Wildik, LÁBIA quiere dizer «*graça persuasiva no fallar... palrice*».

Para estes lados, como em muitas partes, também *láb*ia se emprega no sentido de *treta*, *palarrreado*, *paleio*, *parola*, para persuadir mas nem sempre para iludir maldosamente, — como dá a entender o Sr. Goncalves Viana <sup>1</sup>.

O *Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino*, de Marques-Sá traz:

«LÁBIA, s. f. (T. Famil.). Falladura, palradura. *Babil, caquet*».

Este dicionário é de 1794. Fr. Luis do Monte Carmelo (1767) <sup>2</sup> não menciona *láb*ia na longa lista de *Abusos, e Vocabulos Vulgares, ou menos cultos, &c.*

João de Moraes Madureira Feijó <sup>3</sup>, na parte da sua *Orthografia* em que emenda os *Erros communs da Pronunciaçãõ do vulgo*, inclui:

«Lábia, huma certa meiguice no fallar».

Os *Subsidios para um dictionário completo da lingua portuguesa*, de A. A. Cortesão, trazem este passo do P.<sup>o</sup> Manuel Bernardes <sup>4</sup>:

«O seu engenho era astutissimo para fingir, a sua *labia* muy apta para persuadir». (*Nova Floresta*, IV, p. 261).

O vocábulo é oje <sup>5</sup> popular, exprimindo loquacidade que pretende agradar, cativar, persuadir, — às vezes com intenção mal-

<sup>1</sup> *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, Lisboa 1906, t. II, pág. 50.

<sup>2</sup> *Compendio de Orthografia...*, Lisboa 1767.

<sup>3</sup> *Orthografia, ou arte de escrever, e pronunciar, com acerto a lingua portugueza...*, Lisboa 1815 (oitava impressão), pág. 336.

Na edição de 1734, a primeira, vem «Lábia, hũa certa meiguice no fallar» (pág. 370). Está melhor com *ã* (a agudo).

<sup>4</sup> Vid. *Libia*.

<sup>5</sup> Tem-se dito tam mal do *h*, e com tanta razão, já desde tempos bolorentos, que julgo não causar estranheza o eliminá-lo da escrita. Não à, de feito, motivos para o conservarmos.

Referente à eliminação de letras desnecessárias em a nossa grafia, poderei formular a seguinte regra:

— «Proscrição de *h*, *k*, *y* e *w* em vocábulos portugueses, aportunados ou aportunáveis, próprios ou comuns. Es.: *ó!*, *onra*, *desonesto*, *quisto*, *niquel*, *Edivjes*, *tate*, *talvegue*, *vagão* ...

Nas consoantes palatinas usar-se-á *h* até que tenham símbolos especiais.

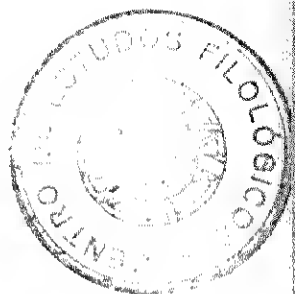
— Conservar-se-á o *h* como simbolo do hidrójénio (*H*), e nos símbolos *Ph* do fósforo (mais usado sómente *P*). *Hg* do mercú-

dosa como qualquer das outras palavras sinónimas (treta, parola, palavreado, *cantiga*).

[Além do termo popular *cantiga*, emprega-se por aqui, equivalendo a *lábia*, SAIA: — «Aquilo é que tem saia!». «Que roda! (= que roda tem a saia!)». Saia é chulo e emprega-se com intenção de enganar .

Aquelle mulatão de ganforina  
erriçada e que lembra a carapinha  
de um negro do Bihé — diz-me a vizinha —  
que é «*bom vivant*» e toca concertina.

Jogo do pão e do florête ensina! . . .  
O figurão tem lábia, o «*aplomb*», a linha! . . .



\*

\* \* \*

Vê-se, pois, que *lábia* não era termo chulo<sup>3</sup>, como o classificou Morais, e que o seu uso se foi restringindo ao passo que se pervertia o seu verdadeiro significado. Para isto concorreu, naturalmente, o êle se tornar também termo de calão.

rio, *Th* do tório, *Rh* do ródio (também usado *Ro*), *He* do hélio, e nas abreviaturas *hg*, *hm*, *hl* e semelhantes.

— Conservar-se-á o *k* nos símbolos *Kr* do cripton, *K* do potássio, e nas abreviaturas *kg*, *km*, *kl*, *kgm* e semelhantes.

— Conservar-se-á o *y* no símbolo do ítrio (*Y* ou *Yt*) e no do itérbio (*Yb*).

— Conservar-se-á o *w* como abreviatura de *oeste* e como símbolo do tungsténio.

A, além destes, outros símbolos internacionais que é de necessidade conservar embora compreendam *h*, *k*, *y*, *w*. [Vid., por es., Hospitalier, *Formulaire de l'Électricien*, 1893].

<sup>1</sup> As transcrições são sempre teistuais.

<sup>2</sup> Gomes Leal, *Mefistófeles em Lisboa*, Lisboa 1907, pag. 75.

<sup>3</sup> «LÁBIA, s. f. chulo. Ter muita *lábia*, é fallar muito; e também fallar com destreza para persuadir. *Arte de furtar*».

A *lábia* ainda na escrita: — «Escrevo-lhe cartas grandes, com *lábia fina*». E a *lábia* nas maneiras, hipocrisia: — «Anda agora muito calado, mas a *lábia* conheço-lha eu!».

### Joelho-queimado <sup>1</sup>

Chama-se assim popularmente ao omem casado:

Num periódico de 1876 vejo a expressão *de joelho queimado* que tem o mesmo significado que *joelho-queimado* apenas.

«De tarde percorreram as ruas da cidade alguns mascarados <sup>2</sup>, tornando-se muito notável um grupo de mancebos de bom gosto, mas já quasi todos de *joelho queimado*».

[A *Aurora do Lama* (Viana do Castelo), de 12 fev. 1876].

— Por tal motivo se diz também dos omens casados que *cheiraram a chamusco*.

Em Forcadela, aldeia galega fronteira a Campos (e naturalmente noutras terras da Galiza), dizem *xoello romendado* (= xuei-lho rumendado).

### Uveira

Árvore onde se agüenta <sup>3</sup> e se dispõe a videira.

A palavra é conhecida em Viana, mas na cidade e nos arre-

<sup>1</sup> Na cidade pronuncia-se *juêlho*, o e como em *paguei-lho*. Aldeias á onde, se diz *joêlho*, e outras onde se diz *joêlho*. O lh desenvolve atrás um i pouco nítido, nestes casos.

Ainda se diz, como é sabido, *joêlho*, nas aldeias.

<sup>2</sup> Chama-se ao *mascarado* — *mascara*, masculino e femenino: *um máscara, duas mascaradas*. Também se diz *mascarada*, m. e f., por mascarado. *Mascarada* é também um grupo de mascarados.

<sup>3</sup> Escrevo *je, ji* sempre, no meio ou no principio de palavra. Assim se uniformiza a grafia, simplificando-a racionalmente.

O sr. Gonçalves Viana [*Orthog. Nacional*, Lisboa 1904] acha conveniente que assim se escreva sempre, embora ainda o não faça no principio das palavras a não ser quando a etimolojia e a analogia a tal o obriguem. [Vid., no entanto, *Bases da Orthografia Portuguesa*, Lisboa 1885].

Ficando o valor fonético do *j*, ficamos consequentemente o do *g*.

Escrevendo sempre *je, ji*, — o *g* proferir-se á sempre como em *agarrar, agora, guloso*.

dores, como em grande parte da provincia, não se usam *uveiras*. As vides são postas em *rinha* ou em *bardo*<sup>1</sup>.

«Em Miranda, Arcos, José d'Araujo caiu de uma uveira, fracturando o craneo».

[O *Para* (Viana do Castelo), de 21 out. 1009]

*Uveira* também é bago-de-uva [ver nota 2, pág. 89].

\*

Este vocábulo é incluído nos dicionários, mas poucos o explicam convenientemente.

O *u* em *gue*, *gui* torna-se portanto desnecessário, quando se não profira.

Além da vantagem de ficar cada letra com seu valor, não era preciso acentuar o *u* de *gue*, *gui*, quando êle se ferisse na pronuncia. Escrever-se-ia: *gorar*, *gato*, *giar*, *Gilherme*, *por conseguinte*, e *arguente*, *arguir*, *guardar*, *exiguo*.

Já alguém dissera:

...«Ha uma articulação *je*, que se representa umas vezes por *j* outras por *g*. Esta segunda letra chama-se *gé*, e a razão onomatopica mandava (como em *ce*, *qe* e *ze*), que esta letra representasse sempre esse som: porém ella é o unico signal de representação do som guttural que temos, e que sóa em *fogo*; e em tal caso era logico que a representação de *ge* ficasse ao *j*. Mas não se atendeu a isso; e o *g* ficou-o representando, na grande maioria dos casos, antes de *e* e de *i*, constituindo a maior difficuldade para os meninos a distincção na pratica entre os dous sons d'esta letra».

... «... é nullo *u* n'uma infinidade de palavras: quando precedido de *q*, ou precedido de *g* e seguído de *e* ou de *i*. Ora isto é mais para notar: que fosse nullo o *h*, importava pouco, visto que nada representa; já importava alguma cousa a nullidade das consoantes visto representarem as articulações; mas ser nullo uma letra vogal, que representa som claro, distincto e perfeito!... E haveria razão sufficiente para esta anomalia? Parece nos que não.

Dir-nos hão que os latinos sempre usaram de *u* entre *g* e *e* e entre *g* e *i*; mas é porque assim era forçoso, visto que o pronunciavam. Dir-nos hão que elle serve para que se dê o som guttural ao *g*; isto é, que tem valor de posição como o *h* em *ahi cahi sahi*; mas então porque não usaremos tambem do *h* n'este caso, visto usarmol-o já assim nos casos como *cherubim chimica*, etc.? É o que fizeram os italianos, e crêmos que fizeram bem».

[*Considerações sobre a Orthographia portugueza*, por ... — Memoria offercida ao Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. Conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, ... Porto 1873, pág. 30 e 36].

<sup>1</sup> *Vinha* e *bardo*. Referir-me-ei a estes vocábulos noutro artigo.

O *Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino*, de Marques-Sá<sup>1</sup>, dá-lhe acepção diferente:

«UVEIRAS... Vides sustentadas sobre arvores; arvores com vides... (Arbor amicta, ou juncta vite. Ovid. Arbor intexta vite. Virg. Maritae arbores. Plin.)».

## Malato

== doente. — «... *está malata*» por *está doente*, — ouvida esta expressão na Serra-d'Arga, S. Lourenço-da-Montaria.

João de Moraes Madureira Feijó menciona esta palavra: — «Maláto, queixoso da saude»<sup>2</sup>.

O Dicionário de Moraes também inclui o vocábulo, abonando-o<sup>3</sup>. É também mencionado no de Roquete<sup>4</sup>.

[Vem de *male-aptus* > *malato*, esp. e ital.; *malant*, prov.; *malade*, fr. .

Em galego, também *malato*.

## Temperar — Governar — Arranjar

Muito usados por *compor*, *consertar*.

No mesmo sentido se usa *aquelar*, que tem muitos outros significados.

<sup>1</sup> «Diccionario Portuguez-francez-e-latino novamente compilado, que a augustissima senhora D. Carlota Joaquina, princeza do Brasil, offerece, e consagra Joaquim José da Costa e Sá, Professor régio de lingua latina, e Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa» Lisboa 1794». É a 2.<sup>a</sup> edição, transformada, do *Diccionario das Linguas Portugueza e Franceza*... do Padre José Marques. Por isso ponho Dicionário de Marques-Sá.

<sup>2</sup> *Orthographia* «ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza», 8.<sup>a</sup> edição, Lisboa 1815, pág. 351; e 1.<sup>a</sup> edição, Lisboa 1734, pág. 387.

<sup>3</sup> 3.<sup>a</sup> edição.

<sup>4</sup> *Diccionario da Lingua Portugueza*, de José da Fonseca-Roquete, Paris 1878.

Outros dicionários mencionam o vocábulo.



## Arranjadeira

O mesmo que *governadeira*. Muito usada a expressão *arranjadeira-de-casa*.

«...quarentona vermelhaça, filha da provincia do Minho, e famosa arranjadeira de casa».

[Camilo Castelo Branco, *A Filha do Doutor Negro*, Porto 1864, pag. 250-251].

## Fatão<sup>1</sup>

Palavra já mencionada nas *Apostilas aos Dicionários Portuguezes*, do Sr. Gonçalves Viana.

É o nome de *uma ameixa grande, sobre o comprido*, como lá se diz. Usado na cidade e nas aldeias próximas pelo menos. Ouve-se também para os lados de Ponte, de Monção, e em Tui e aldeias vizinhas (*fatón*).

<sup>1</sup> Em Viana o *-ão* pronuncia-se *-om*. *Bão* (=vão) soa como *bom*.

Para Ponte-do-Lima soa *-oum* (já notado nos *Dialectos Interamneses*, Porto 1885, do Sr. J. L. de Vasconcelos). Ao norte da provincia, na raia e perto dela, soa como o *-ón* galego (=õ).

Nas aldeias do concelho de Viana pronuncia-se como na cidade (*mita*, como ainda dizem os aldeãos) ou apossimadamente como em Ponte (assim se chama resumidamente a Ponte-do-Lima, desde tempos longinquo: — «...et por festa de Sancto Jacobo dá j. almude de tritico, et j. alqueire de cevada per alqueire de Ponte, et j. afusal de lino arestelado de xij. strigas». — in-*Archivo Viannense*, pag. 117, — «Inquirições de D. Affonso III no julgado de Ponte de Lima»).

— Já Fr. Carmelo dizia: «A *Plebe Interamnense*, e Trasmontana, deve corrigir em commum a ultima syllaba *om* do antiquissimo *Dialecto Portuguez*, e dizer *am* no fim dos *Vocabulos* do numero singular, e dos Verbos, exceptuando estes Nomes *Bom*, *Dom*, *Som*, *Pom*, e os Nomes peregrinos, que pronunciamos por *om*, e *on*, como, v. g., *Edôn*, *Obededôn*, *Pantheôn*, *Sarôn*, *Siôn*, &c.»

[*Compendio de orthographia* ... por Fr. Luis do Monte Carmelo. Lisboa 1767. pag. 500].

— *am* e *-ão* não se confundem, porém, ortologicamente.

Em Tui<sup>1</sup> ouvi dizer *fatoeiro* (sic), afirmando-se-me lá que este vocabulo (árvore que dá fatões) era usado naquelas bandas.

A uma mulher de perto de Ponte-do-Lima ouviu pessoa minha amiga dizer *fatãozeiro* (ameixoeira que dá os fatões).

A outra qualidade de ameixa, pequena, amarelada e aromática, a que chamam por cá *carangueja* (= carangueija)<sup>2</sup>.

*Carangueja*, ou *caranguejola*, é também um crustáceo grande, do feitio de um caranguejo pequeno, especial, a que chamam *manco* (Viana).

A ainda a *navalheira* (caranguejo pequeno, muito saboroso) e o *caranguejo-mole* que serve para *isco* (*isca*, para pescar). Também se usa para *isco* a *maga* (tripas de sardinha). — (Viana).

Voltarei a falar de caranguejos, que á mais que dizer.

## Gravalha

= *grabalha* (pop.) — fôlhas sêcas de pinheiro. (Colectivo).

«As tendas desconcertadas, as pipas entaladas nos foiceiros dos carros, os taboleiros de raminhos de papel esbicado<sup>3</sup>, de bolos e cavacas<sup>4</sup>, os amontoados de melancias... crivam o chão, poirento em redor da antiga

<sup>1</sup> — Tui não é só nome de povoação. Também quiere dizer *papagaio*, ou melhor, uma espécie de papagaios, no Brasil.

... porque na Índia o papagayo se chama *Carindi*, & no Brasil se chama *Aiuru*, ou *Aiurucuruca*, ou *Tui*, *Tuiete*, *Tuípara*, &c., conforme as suas diferentes especies; ...»

[*Vocabulário português e latino*, de Blument, 1720, t. vi].

<sup>2</sup> Em *-ejo* como em *-enho*, o *e* soa dos modos que foram apontados quando tratei da pronúncia de *-elho* [ver nota 1, p. 78]. Antes do *e* tónico, nota-se ainda muitas vezes um *i* atenuado: *t(i)ênho*, *t(i)enho*; *ab(i)eria*, *v(i)ento*. Esta ditongação dá-se com *e* tónico, aberto ou fechado. [Refere-se a *riênho* o Sr J. Leite de Vasconcelos, in *Dialectos Interamnenses*, Pôrto 1885, páj. 7, — onde se transcreve este passo dos irmãos Castilhos (*Livraria classica portugueza*, Lisboa 1845, t. x): «convertido o *sempre* em *siempre* á castelhana, e não só á castelhana, mas á moda de Guimarães e boa parte da sua província», páj. 129].

<sup>3</sup> Aos bicos. *Esbicar* = fazer bicos.

<sup>4</sup> Espécie de doce, aos quadrados, muito duro. De doce apenas tem a capa de açúcar.

capellazinha e tapetado de escorregadia grabalha adentro da pinturesca matta, que o custeador da festa amavelmente cede ao bulício dos romeiros»<sup>1</sup>.

[A *Aurora do Lima* (Viana), de 2 agosto 1907].

A origem do vocábulo é talvez *maravalha*: *maravalha*, *marabalha*, *barabalha* (cf.: *belancia*, *bilhafre* por *melancia*, *milhafre*, avendo ainda a influência da segunda labial), *garabalha* (cf. *gomitar* de *bonitar* (vomitar); em esp. *abuelo* e *agüelo*), *grabalha*. Acrescendo, para esta provável transformação, a influência de *grabato* (garavato).

Já se referiram a *garavalha*, que eu sabia, o sr. J. L. de Vasconcelos<sup>2</sup> e o sr. Figueiredo da Guerra<sup>3</sup>.

Para Anha, Caminha, e outras terras, diz-se *graranha*. (Cf. *quelha* e *quenha*, como em muitas aldeias dizem).

Gonçalves Viana escreve<sup>4</sup> que *graranha* é «rama sêca dos pinheiros». Já quando trata de *caruma*<sup>5</sup> diz que esta palavra quere dizer «rama de pinho». Emprega o Sr. G. Viana a expressão *rama de pinheiro* para assim mostrar que *graranha* e *caruma* são colectivos e não designam (uma) fôlha de pinheiro<sup>6</sup>.

Por certo que não designam *uma* fôlha, mas *fôlha* também pode ser um colectivo. O Sr. Figueiredo da Guerra, por es., assim empregou *fôlha* no passo que cito abaixo, nota 3.

<sup>1</sup> Notícia a propósito da romaria da Senhora das Areias, no Cais-Novo, na margem esquerda do rio Lima, em frente a Viana.

— [Lima, como se sabe, vem de *Limia*, que é como se diz ainda na Galtza: «falhou a tentativa pois viu-se forçado a recuar depois de oito dias, ahí de *Baños de Bande*, além da *Limia* como lá dizem».

M. Capela. *Millarios do Convento Bracharagostavos em Portugal — Relíquias d'epigraphia romana, trasladadas dos proprios monumentos*. Porto 1895, p. 15.

<sup>2</sup> *Dialectos Interamnenses*, Porto 1885 — «Lingoagem de Ponte-do-Lima»: «GARAVALHA, agulhas sêccas de pinheiro. Na Beira ha *garavêlho* no sentido de chamifcos provenientes das limpezas das arvores».

<sup>3</sup> *Vida-Nova* (Viana-do-Castelo), de 7 de setembro de 1905: «*Gravalha*, *maravalha*, *caruma*, *folha de pinheiro*». — Fôlha-de-pinheiro sêca, é que é.

<sup>4</sup> *Apostilas*, cit., vol. 1, p. 517.

<sup>5</sup> *Idem*, p. 250.

<sup>6</sup> É o que se depreende de o que diz no final do artigo CARUMA.



O povo até muitas vezes diz *folheira* para nomear a fôlha concretamente (v. nota 2, pág. 89).

Dos muitos nomes que a fôlha sêca do pinheiro tem, talvez só *agulha* e *agulheta* se empreguem concretamente e colectivamente.

*Rama-de-pinheiro* é coisa diferente. Chamam assim aos ramos do pinheiro.

Como disse já, são muitos os nomes que a *gravalha* tem, sendo rara a terra onde não sejam conhecidos mais que um. Aí vão alguns de que tenho apontamento:

*Agulha* Viana, Santo-Tirso, Oliveira-de-Azemeis.

*Agulheta* Carrazeda-de-Ansiães, Chaves.

*Argaço* Vid. *Apostilas*, vol. II, pág. 513. Artigo 'TURPI'.

#### 1 ARGAÇO.

Não quiere dizer *caruma* nesta rejão. Quere dizer *vegetação marítima que se aproveita para adubos de terras*; é constituído por algas e fragmentos de algas de variadas espécies, jeralmente arrojados à praia.

Em Viana, na sua maior parte é *botelha* e *lismo* (*bodelha* e *limo*).

Tem-se dito que é corrupção de *sargaço*. Não é. Vem de *algaço*: (*alga* >) *algaço* > *argaço*; ainda se diz *algaço*, vocábulo incluso em o *Nôvo Dicionário*: — formas correspondentes às espanholas *algaço* e *argaço*.

Vários dicionários portuguezes trazem *argaço*; os espanhóis trazem *algaço*, e encontrei *argaço* no «*Diccionario Español-Portugues... compuesto por Manuel do Canto e Castro Mascarenhas Valdez*», t. 1, Lisboa 1864. Em Tui e nos arredores dizem *argaço*.

*Sargaço* é uma alga especial, de côr azeitonada, às vezes em fitas compridissimas (*correões*), nascendo sôbre os penedos da costa; porções que se desprendem vão formar o *argaço* juntamente com outras castas de algas.

Ora o que há é confusão de *argaço* e de *sargaço*. O povo só diz *argaço*; e os que pretendem ser bem-falantes só dizem *sargaço*: de modo que não é feita ordinariamente a distincção entre os significados dos dois vocábulos.

«Rejubilem os nossos lavradores-sargaceiros!

A apanha do *sargaço* nas nossas praias, que desde tempos immemoriaes se exercia durante o dia e a noite, a qualquer hora, como e quando o mar o permitisse... vem de ser convenientemente esclarecida na parte do... regulamento, cuja restricção apenas alludia à apanha ou côrte, no local da sua origem ou vegetação.

O *sargaço* pode, pois, ser colhido de dia e de noite, sempre que o mar, por effeitos da maresia, o arroje às praias.

Tal concessão, que representa um grande beneficio para os

*Arguiço* [Lousada].

*Candeia* [Arredores de Valença].

*Caruma* Viana, Ponte-do-Lima, Arcos-de-Valdevez.

*Chumaco* [Amarante, Lousada].

*Cisca* [Celorico de Basto].

*Cisco* [Celeirós (Braga), S. Pedro-da-Tôrre (Valença)].

*Fagulha* Monção (arredores), Quintiães, Esposende, Coimbra.

povos da beira-mar, que teem nas algas ou vegetaes maritimos um optimo adubo das suas terras. . . »

[Esposendense (Esposende), 10 de novembro de 1909].

Por esta transcrição se vê o que dissemos, claramente. É mais — que o *argaço* também pôde ser *apanhado* ou *cortado* nos locais onde se desenvolve, isto é: que o *argaço* pode ser formado pelas algas que o mar traz à praia ou pelas algas variadas que aonde crescem se vão colhêr.

Os *omens-do-argaço* e as *mulheres-do-argaço*, — como em Viana dizem, — fazem a *apanha* com *ancinhos* especiais de rabo muito comprido e em que há também dentes para trás: entram pelo mar e com tal apresto colhem o *argaço*, sobrenadante, que fica preso entre as duas ordens de dentes. Dos penedos tiram-no à mão e com foicinhas.

\*

Os de Castelo-do-Neiva e de Anha — para o sul de Viana — procedem assim:

Com uma rede em forma de sacco, em que a bôca é semi-circular (feito que é dado com um pau de loureiro recurvado por uma corda), cohem o *argaço* que hôia na água. Ao arco de loureiro prende-se o cabo, que é muito comprido.

Á uma alga castanho-escura, com talo ai de meio metro com pseudo-fôlhas estreitas e compridas, — a que chamam *tabórro*. Aos *correões* chamam *fitas*.

A corta dos *tabórros* faz-se com *foicinhões* [foices com cabos (varas) compridos] pois é preciso cortá-los no fundo do mar, não longe da terra é claro. Os lavradores vão em jangadas, que são de choupo, e depois de cortados os *tabórros* apanham-nos com *croques*. — *ancinhos* especiais de ferro, com dentes recurvos, de meio metro pouco mais ou menos, reunidos todos junto ao *encabadôiro*. O cabo, de salgueiro, é sempre compridissimo, podendo ter dez metros. Escusado será dizer que é formado por mais que uma vara, prêsas tôpo a tôpo.

A apanha do *argaço* (em especial *tabórros*, pois das *fitas* não fazem caso) faz-se nos *carreiros*, que são corredores de penedos indo de terra até à *parede*. *Parede* é a última fiada de penedos ao largo, no *profundo*, para além da qual passam os vapores. Nesses *carreiros* á correntes que veem directamente, para assim dizer, do alto mar, trazendo de lá a vejetação que se espedaça e se



*Fasco* [Monção].

*Faíla* [Darque (Viana), Barcelos, arredores do Pôrto (Lima-rinho)].

*Faúlha* [Arredores de Monção, Quintiães, Braga].

*Gravalha* [Viana, Ponte-do-Lima, Arcos-de-Valdevez].

*Graranha* [Anha (Viana), Caminha].

*Irguiço* [Paço-de-Sousa (Penafiel)].

desprende com a violência da água. Esses *carreiros* são conhecidos por nomes que vamos apontar:

*Carreiro do Malhacu* (Máha-cu) [porque o mar nele é tam bravo que atira a gente abaixo]; *c. da Lagosteira*; *c. da Gateinha* (gateinha) [porque na praia, defronte do carreiro, á um penedo que parece um gato]; *c. da Pedra-Alta* [tem dois penedos salientes á entrada]; *c. do Lousado* [as pedras parecem-se com a lousa, á entrada]; *c. da Lousa* [constituído por lousas, tam lisas que a vejetação não se dá nelas]; *c. da Amorosa* [porque o mar é muito manso].

No *carreiro da Amorosa* á um penedo monumental (ao qual é decerto devido o sossêgo do mar), a que os do Castelo (da Neiva) chamam *Oliveira*, e os de Anha *Lobeira* (por semelhança com um lóbo); no centro dêsse penedo á uma espécie de *enseada*, com entrada estreita, e onde o mar é mansíssimo, a que chamam *quinteiro*.

Ainda á os *carreiros de Tabôrros* (por nele aver muitos *tabôrros*); *Pontal* [entra pela terra dentro, como uma ponta]; *Rêgo-de-Anha*; e *Nabe*.

Além dos *tabôrros* e das *fitas* á *botêlha* e *lismo*.

O conjunto de toda esta vejetação marítima e o *argaço*, no qual á algas que, como nas outras terras, são distinguidas por nomes especiais.

— [As razões dos nomes dos *carreiros* foram-me dadas pelo informador].

— Em Afife (ao norte de Viana) o *argaço* é apanhado com redes como as usadas em Castelo-do-Neiva e em Anha, e chamam-lhes *REDENHOS* (redeinhos).

Só é permitida a *corta* durante três dias do ano, no primeiro *ésto* antes do dia 15 de agosto — pelo que me disse um afifano. Este informador falou-me em *correbês*, *limo* e *botelha*.

O *argaço*, depois de sêco, é posto em pilhas cuboides a que chamam *PALHEIROS*, por semelhança com os *PALHEIROS* de palha.

\*  
\* \* \*

O que dizem dicionários espanhóis :

— ARGAZO, *m.* V. *Algaço*.

ALGAZO, *m.* Porção de sargaço fluctuando.

SARGAZO, *m.* (*bot.*) Sargaço.

[*Dic.* de Valdez, atrás citado].

- Moliço* [Maia, Foz-do-Sousa].  
*Moniço* [Lordêlo-do-Ouro (Pôrto), ? Barca (Maia)].  
*Munha* [Celorico de Basto, Sabrosa, Vila-Rial].  
*Musgo* [Sabrosa].  
*Pico* [(?) Arredores do Pôrto (Avintes), ? Valença].  
*Pinhel* [Caide (Lousada)].  
*Pinho* [Caide (Lousada), Gondomil (Valença)].

- ALGAZO, *m.* Alga que sobrenada.  
 SARGAZO, *m.* Alga de color rojo parduzco.

[*Nuevo Dictionario enciclopédico, ilustrado de la lengua castellana por Miguel de Toro y Gomez*. . . — 2.<sup>a</sup> ed. — Paris-Barcelona, 1905].

- ALGAZO. . . La porción grande de alga que á veces se encuentra sobrenadando en el agua.

SARGAZO. . . Género de plantas ficeas, que son algas de tallo de 1 metro de longitud, dividido en numerosos ramos algo pinados. . .

[*Diccionario Popular Universal de la lengua española. . . redactado por distinguidos escritores y hombres de ciencia. . . compilado e dirigido por D. Luis P. de Ramon*, tomos I e VI, Barcelona 1885 e 1886, respectivamente].

• \* •

O *Nôvo Dicionario da lingua portugúesa* incluí *sargaço*, fazendo-o sinónimo de *bodelha*.

Já dissemos que *bodelha* não é *sargaço*: — e não é só o povo que faz a distincão:

«A alface do mar, os limos, as bodelhas e os sargaços são *Algas*».

[Antonio Xavier Pereira Coutinho, *Curso elemental de Botanica para uso dos Lyceus*, II classe, 1896, pp. 71-72].

A *bodelha*, que também se dá aos porcos, é pequena e escura. A côr varia: ouve-se dizer a uns que é negra e a outros vermelho-escura, cobreada, verde-carregada, etc. — Esplicava-me um indivíduo de Alvarães: «è que a *botelha* toma a côr dos penedos em que nasce».

Vários dicionários portuguezes incluem *argaço* e *sargaço*, confundindo-lhes os significados. Jeralmente definem *sargaço* como sendo *argaço*.

O *Compendio de Orthografia* de Fr. Luis do Monte Carmelo não menciona *argaço* no catálogo dos *Vícios, ou Abusos mais ordinarios da Plebe*, mas inclui-o na páj. 240 (dições que se escrevem com c, ç):

«*Argaço*, os. Herva do mar. Melhor se diz *Seba. Agraço* he uva verde».

*Pruma* [Alvarães, Anha, Quintiães, Afife, Viana, Barcelos, Braga .

— Pus interrogação (?) onde tenho dúvida.

Por aqui diz-se *grabalha*, *pruma* (pluma), *agulha* e *caruma*.

Na Galiza (Tui e aldeias vezinhas) ouvi *pico* e *candeia*, como creio dizer-se nalgumas terras da margem portuguesa do Minho.

Dizem-me que em Sabrosa as fôlhas de pinheiro sêcas, em separado, se chamam *agulhas*, e no conjunto *musgo(-de-pinheiro)*<sup>1</sup>.

### B) ADIVINHAS

Úa coisa que tanto chôra, tanto chôra, nunca é farto<sup>2</sup> de chorar? (Sinot).

O mesmo *Compendio* traz na pág. 248 (lições que se escrevem com *c*, *ç*):

«*Sargaço*, os . . . Alguns escrevem . . . com *s* no principio».

Não vem *sargaço* definido, mas também não é relacionado com *argaço*.

\*

Em conclusão: *argaço* e *sargaço* são vocábulos distintos: *argaço* não é corrupção de *sargaço*.

\*

\* \* \*

Noutras terras designam•êstes vocábulos vejetação do monte, não sei de que espécie.

*Sargaço*, em tal acepção, diz-se por *es*, para Lousada.

«*Sargaço* chama-se em Sabrosa a uma planta (um sub-arbusto) que juntamente com outro *mato* serve para depois de curtido adubar as terras. (In-formação).

« . . . Angelica, tão depressa vigorou, subiu ao alcantilado recosto da serra e parou no rocio da capellinha, verdejante de sargaço e urzes».

[Camilo Castelo Branco, *A Bruxa de Monte-Córdora*. Lisboa, s. d., p. 207].

Vid. também *Apostilas* . . ., artigo MORRACA.

<sup>1</sup> Uma *agulha de pinheiro*; um *mólho de musgo* (Sabrosa).

<sup>2</sup> Concorda com o objecto que tem de se adivinhar.



— Ûa coisa do tamanho <sup>1</sup> duma purga e ódepois bóta ãs orêlhas que néim ãa mula? (Coibeira) <sup>2</sup>.

— Qui é ãa coisa por haixo pinho, porriba linho, de bórtã amôres, no meio flores? (Mêsa).

— O qui é ãa coisa, redondinho, redondoque, num téim tapo néim betóque? (Óbo).

[Ouidas a uma môça de S. João-da-Ribeira (Ponte-do-Lima).

### C) JOGOS

#### Jôgo do peão

Em Viana-do-Castelo

É feita no chão uma circunferência de raio curto. Êste pequeno círculo circunscrito é a *mólha* <sup>3</sup>.

Antes de se começar o jôgo, fazem-se os *ajustes*: marcam-se as *portas*, — ponto até onde será preciso levar um peão, *dando-lhe de rasteiros*, para o jôgo ser ganho — ; combina-se o número de *nicos* que o vencedor dará no peão do vencido e que alguns

<sup>1</sup> O *nh* desenvolve atrás, como o *lh*, um *i* pouco nítido: — *tamá(i)inho*.

<sup>2</sup> A coisa do tamanho de uma pulga é a semente: as orêlhas de mula são as fôlhas de couve. (Coibeira (coiveira) é uma fôlha de couve [diz-se *couve e coive*].

Cfr.: uma *azeitoneira* (azeitona); uma *palheira*; *folheira* [de folha: — ouvi na Miadela (Viana): «num á bento nenhum, num bóle uma *folheirinha*»]; *uveira* [bago de uva. Também significa a árvore onde se sustenta e dispõe a videira]; *pingueira* (pinga), etc., e *cabeleiro* (cabelo); *bigodeiro* (pêlo do bigode); *peleiro* (pêlo); *gracero* e *greiro* (grão). — [Na Galiza ouvi *granceiro*, por influência talvez de *-cinho* e *-cito*: *granciño*, *grancito*, *granceiro*]; *milheiro* (grão de milho); *arrozeiro* (grão de arroz); *chumbeiro* (grão de chumbo), etc.

<sup>3</sup> De *molhar*. Cf. *salva* [no *jôgo-da-bilharda*, no *jôgo-das-fôrmas* (bottões), etc.], de *sablar* [a bilharda, as fôrmas, etc.].

A a expressão *molhar a sopa*, que quer dizer bater também quando outros batem.

«Sabes que hateram a Fulano? — Se sei! eu também molhei a sopa» ou «eu também molhei a minha sopa». — É fácil a explicação desta frase em tal sentido.

Talvez fôsse também por parecer que os rapazes molham os peões no círculo apontado, quando jogam, que a êste puseram o nome de *mólha*.

Pronuncia-se *mólho*, *mólhas*, *mólha*... *mólhe*, *mólhem*... e não com o aberto.



rapazes substituem por *bólos* (palmatoadas jeralmente com a mão) ou por *cabalotes* (= *cabaleiras*: — andar às cavaleiras); acordam-se as palavras que os jogadores terão de pronunciar a cada fase do jôgo, etc.

Vai-se depois marcar a ordem por que os rapazes ão de jogar; chamam êles a isto *apelar*. Jogam todos a seguir, e o jogador cujo peão ficar na *mólha* ou mais perto dela é o que joga primeiro, e depois os outros pela ordem de distancia dos respectivos peões à *mólha*. O peão, que tiver ficado mais lonje, *fica* dentro dela.

O *jôgo*: — O primeiro jogador, *embaraçado*<sup>1</sup> o peão, joga o *d'altos*<sup>2</sup> com mira a dar *nico*<sup>3</sup> no peão que está na *mólha*; depois *apara-o*, isto é, passa-o a jirar para a palma-da-mão, e *dá de rasteiros* com êle no outro peão, de modo a apossimá-lo das portas.

Muitos rapazes não querem dar *nicos d'altos*, e jogam o peão para *darem de rasteiros* apenas, — depois de o *apararem*, é claro. A vantagem do *nico d'altos* está em que o jogador, dado o *nico*, já não perde, mesmo que não *apare* sequer o peão.

Êste primeiro jogador continua a jogar até perder: até não *nicar*, não *dar de rasteiros* no peão do chão, ou não dizer as palavras combinadas.

Perdendo, é o seu peão que *fica*: que é posto no lugar de o que estava no chão.

Depois joga o segundo, etc., — semelhantemente.

Aquele que, por fim, levar o peão *inté portas* é o que ganha,

<sup>1</sup> *Embaraçar* = pôr a *baraça* [por *baraço*. Vid. *baraça* nos *Subsidios...* de Cortesão, *Suplemento*].

<sup>2</sup> Também se joga o peão por baixo, mas neste jôgo não convém, pois não é possível dar *nicos* nem é fácil *apara-lo*, desta forma.

<sup>3</sup> *Nico* é pancada com o ferrão do peão. Noutras partes diz-se *nica*. As beatas chamam *nico* ao diabo (Viana).

Outra acepção de *nico*:

«Pois bem, princeza, com desdem cruel  
Zombas d'um coração limpo de fel...  
.....  
Agora já não peço nem supplico...  
Já não faço a teus pés papel de nico...  
Hasde ã força ceder ao meu desejo,  
Senão dou-te um sopapo que te aleijo»

e dará nesse peão os *nicos* dos *ajustes*; ou, em vez de *nicos*, dará bôlos ou andará a cavalo, consoante o ajustado.

Alguns rapazes, para se não deteriorar o peão com que jogam, teem outro para os *nicos*, ao qual chamam *pandelha*<sup>1</sup> (= *pan-deilha*).

\*  
\*      \*

O peão tem um *ferrão* ou dois *ferrões*.<sup>2</sup> Nos que só teem um, a substituir o segundo ferrão á uma saliência da mesma madeira a que chamam *sêlo* ou *carapiça*. A ferrão de mêsá, de prego, de parafuso. O de mêsá tem um pratinho que o impede de se afundar.

Em jeral os rapazes não gostam dos peões com *carapiça*, e, quando encontram algum jogador com um peão de êsses, tiram-lho e lançam-nó fora dizendo:

*O peão que tem sêlo  
hai p'ra casa do Campelo.*

São variados os ditos que se ajustam para as operações do jôgo. Ao jogarem o peão<sup>2</sup>, dizem muitos:

*Á mólha, á mólha  
quém quisêr que pônha*

<sup>1</sup> É o peão dos *nicos* ou *peão das nicas*. — como se diz vulgarmente, em sentido figurado:

«... e só o inclito Gonçalves está em foco — para aparar, para sofrer os golpes. Como quem diz: — é o peão das nicas».

[A *Voz Publica*. (Porto), de 3 de março de 1907].

<sup>2</sup> Assim joga, em jeral, a garotada das ruas de Viana. Os nomes que ôles empregam são usados em muitissimas terras, e só o não são aqueles cujo uso é moderno. Sabe-se a facilidade com que os rapazes adaptam palavras aos seus brinquedos e as formam.

Em Forcadela (Galiza) dizem *mólha* e *tralla* (tralha = *baraça*).

Em vez de *baraça*, dizem noutras terras *feira*:

«... Os 100 ou 20 réis, que nos apanhava por uns *aparos*, pelo *papel-chupa*, por um pião e *feira*»...

*A Revolta* (Coimbra), n.º 28—Carta sobre a educação num colégio de Braga, escrita por um indivíduo de Ponte de Lima: — não sei por isso onde é que se diz *feira*.

O Dicionário de Moraes traz — «*FEIRA* ... cordel de atar o pião para o fazer dançar».

e outros :

*Lá bai o Fabiom (Fabião).*

Quando o peão é levado *de rasteiros* para as *portas*, dizem :

*Inte portas*

E quando está próximo delas :

*Á beira da barra  
se pérde o nabio*

— Quando o peão, ao ser *deitado*, fica suspenso da *baraça* por nela se enrodilhar o ferrão, — dizem que o peão *faz figo maduro*.

— Quando o peão jira no mesmo ponto, diz-se que *dorme*, e chamam-lhe *nairinho*; os rapazes comentam então : — que *nai-reza!*

«...mas como o «nairinho» que, acabando de dormir, tomba sôbre o solo descrevendo larga espiral.»

[*Notiscos* (Viana), de 6 de set. 1900].

— Ao peão que anda a descrever curvas, balanceando-se, chamam *esgaravelhão*.

— Às lascas de peão tiradas com os *nicos* chamam *pau santo*. De troça, os garotos cospem nesses bocados de madeira e enteram-nos dizendo : «pau santo p'ra nascer p'rô anno».

#### D) CANTIGAS

Já lá bai o sóre abaixo,  
já o sóre abaixo bai,  
som oras d'arrecolhêr  
pará casa de mêu pai.

Quém me déra sêr o sóre,  
qu'intrára péla jinela,  
qui o fôra bêr à cama,  
alegres dias léu (lh'eu) déra.

Quém quiser q'a-i-água cõrra  
dê-le um córte na lebada <sup>1</sup>;

quém quiser o amôr firme  
cale-se num diga nada.

[Ouvidas a uma rapariga de S. João da Ribeira  
(Ponte do Lima)]<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Lebada* — levada.

Em muitas partes, tem *levada* o verdadeiro significado: *corrente de agua que corre com maior força* (como a define o *Dicc. Portuguez-Francez-e-Latino* de Marques-Sá).

Mas em bastantes terras do Minho, como nos arredores de Viana, Carreço, Afife, Ancora, etc., chamam *levada* a um *açude*. As *levadas* são jeralmente nas águas correntes. As águas não correntes são estancadas por *reprêzas* ou *prêsas*. Esta distincão não é feita, no entanto, sempre.

Um meu amigo de Alvarães diz-me: — «*Lebada* é por aqui o que noutras terras se chama *açude* (açude). A montante da *lebada* á a *FERRIA*, que é por onde se escapa uma corrente de água cuja fôrça motriz é aproveitada (para moinho, por esemplo)».

De Sabrosa dizem-me: — «*Açude* é a prêsa da água; *levada* é o *rego* que, partindo de montante do açude, conduz a água ao moinho». E o informador avisa-me de que é assim em todo o distrito de Vila-Rial.

Um individuo da Póvoa-de-Lanhoso, á muito tempo em Viana, diz-me que *lebada* é *açude*, e ao *rego* em que atrás se falou pôs o nome de *regueira*.

Na cantiga, *lebada* é *açude*: é preciso cortar o açude para a água correr (livremente).

*Levada* veio a significar açude provavelmente assim: — Como a água se escapa com fôrça por sôbre o açude, chamou-se *levada* a essa *corrente-de-água*. De feito, quando se está deante de um açude, tem-se a impressão de que ali se despenha uma *levada d'água*; e, assim, quantos açudes quantas *levadas*.

Percebe-se como por último ficariam a chamar *levadas* aos açudes, isto é, aos lugares onde as *levadas* são mais evidentes.

Também se diz *lobada*, como se diz *lobar* (levar), [cf. *romendo, rodondo, bober*]. Uma variante da cantiga acima apontada:

Quém quiser qu-i-água cõrra  
dê um córte na lobada,  
quém quiser qui-o amôr fãle  
cale-se e num diga nada.

[Beiral (Ponte)].

*Levada* vem de *levata*. Vid. *Subsídios*, de Cortesão.

<sup>2</sup> Esta rapariga está na cidade á anos.

**Nota.** — Qualquer correção e aditamento ao que aí fica despretensiosamente escrito, agradece o autor que lhos remetam para VIANA-DO-CASTELO.

Novembro a dezembro de 1909.

CLAUDIO BASTO.



## NOVO SUPPLEMENTO

AS

## TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM

DE

## VILLA REAL.

## ORAÇÕES

1

*O raminho de N. Senhora*(Variante do n.º 15 das Orações,  
*Rev. Lus.*, IX, 234)

Eu ergui-me á meia noite,  
 Ao cantar do perdigão,  
 Encontrei Nossa Senhora  
 C'um ramo d'ouro na mão.  
 Eu pedi-lhe um bocadinho,  
 Ella me disse que não.  
 Tornei-lh'o a pedir  
 E ella deu-me o seu cordão.  
 Ó meu Padre S. Francisco,  
 Desatae-me este cordão  
 Que me deu Nossa Senhora  
 Na manhã do S. João.  
 S. João lá está á porta  
 Com sua capinha de volta.  
 Desanda o menino,  
 O menino do Jordão,  
 Que sabia a oração,

A oração do peregrino,  
 Quando Deus era menino,  
 Que andava pelo mar,  
 Com seu sangue a pingar.  
*Tata, tata, Madalena,*  
 Não lh'o queiras alimpar,  
 Que isto são as cinco chagas  
 Que Nosso Senhor tem p'ra passar  
 E o mundo p'ra remir  
 E as almas p'ra salvar.

(Freguesia da Trindade)

2

*As tres Marias*

Onde vão as tres Marias  
 De noite pelo luar?  
 — Em procura de Jesus,  
 Não no puderam achar.  
 Foram dar com Elle em Roma  
 Revestido no altar,  
 C'um calix d'ouro na mão,  
 Missa nova quer cantar.

(Idem).

3

*Confissão de Nossa Senhora*

Ó meu Padre S. Domingos,  
Confissão me heis de ouvir,  
Que eu vejo-me pejada  
E em vespervas de parir.

Assentou-se o confessor,  
Ajoelhou-se a donzella,  
Responden-lhe uma luz  
Do seu ventre á terra;  
Veio-lhe a revelação,  
Revelou-lhe o pensamento  
Que se não podia confessar  
Sem ser por mandamento.

O primeiro que eu amei  
Foi um Deus e Senhor,  
Que o trouxe no meu ventre,  
D'elle recibo favor.

O segundo é jurar  
Muita jura de continuo;  
A 24 de março  
Encarnou o Verbo divino;  
A 25 de março  
Teve grande occupação  
De suspiros e soluços  
Da eterna salvação.

O quarto é honrar  
Nosso pae mais que a nós;  
Cuido que será peccado  
Chamar a Deus por *vós*.

O quinto é não matar:  
Eu nunca matei ninguém,  
Mas antes, podendo ser,  
Desejava fazer o bem.

No sétimo é que eu furtei  
Ao Padre Eterno seu Filho,  
Que o trouxe no meu ventre  
Nove meses escondido;  
Veio ao mundo esclarecido  
Para resgate dos homens,  
Está o mundo combatido.

Ó meu Padre S. Domingos  
Aqui está a confissão,  
Deitae-me a penitencia,  
Dae-me a absolvição.  
— Alevanta-te, pomba branca,  
Meu espelho cristalino,

Não tenho de que dar-vo-la,  
Nem de confessar sou *dimo*.

*(Idem).*

4

*Padre nosso pequenino*

Padre nosso pequenino,  
Sete livros a rezar,  
Sete candeias a alumiar,  
Nosso Senhor é meu padrinho,  
Nosso Senhora é minha madrinha.  
P'ra que me fez a cruz na testa:  
Pra que o diabo me não impeça  
Nem de noite nem de dia  
Nem á hora do meio dia.  
Já os gallos *canto', canto'*,  
Já os anjos se *alevanto'*,  
Já o Senhor sobe á cruz,  
P'ra sempre, Amen Jesus.

*(Gravetos).*

5

*Oração do deitar*

Graças a Deus, que já estou deitado,  
Com sete anjos acompanhada,  
Tres aos pés, quatro á cabeceira,  
Nossa Senhora na dianteira.

Nossa Senhora me disse:

Dorme e repousa,  
*Num* tenhas medo de nenhuma cousa;  
Estou aqui para te guardar,  
Jesus Christo p'ra te fallar.

Se a morte por mim vier,  
Dirá o meu coração  
Tres vezes: Jesus, Jesus, Jesus  
P'ra me salvar, Amen Jesus.

*(Idem).*

6

*Ao erguer a Deus*

Toca o Salvador,  
Vamos a ver Deus Nosso Senhor,  
Hostia santa consagrada,  
Corpo e sangue de Jesus,  
Dae-me um bocadinho d'aquella missa  
P'ra sempre, Amen Jesus.  
A Deus Padre me encomendo,  
Espírito Santo me dê luz;  
Encomendo a minha alma  
Ao Santo Nome de Jesus.

*(Idem).*



7

*Oração de Sant'Anna*

Senhora Sant'Anna  
Subiu ao monte;  
Aonde se assentou  
Nasceu uma fonte.  
Vieram os anjos,  
Beberam nella:  
Que agua tão doce,  
Senhora tão bella.  
Vamos ao Calvario  
Visitar a cruz:  
Achamos a cama feita,  
Senhor bom Jesus.

8

*Oração para quando nos virmos  
num perigo*

Saíngue de Deus vivo,  
Soide commigo,

*(Item).*

Mettei-vos em mim,  
Defendei-me de todo o perigo.

*(Gravado).*

9

*Versos a Santa Luzia*

Ó Senhora Santa Luzia  
Do lugar de Carrazedo,  
Dae-me vista pr'os meus olhos,  
Que o ser cego é um degredo.

Ó Senhora Santa Luzia  
Do lugar de Carrazedo,  
Todo o caminho fui bem,  
Só na barca tive medo.

Fostes á Santa Luzia  
Nem um *pito* me trouvestes:  
Nem os mouros da Mourama  
Faziam o que tu fizestes.

*(Pena).*

## ROMANCES

1

*D. Filomena**(Cfr. Rev. Lus., VII, 70)*

Estando D. Filomena  
No seu jardim a fiar,  
Foi caso acontecido  
De passar um militar.

Anda cá, ó soldadinho,  
Vens em boa ocasião;  
Meu marido não 'stá cá,  
Foi pr'a serra do Marão.  
Palavra não estava dita,  
Seu marido a chegar.  
— Tu que tens, ó Filomena,  
Ó minha branca flor?  
— Perdi as chaves da adega  
No cimo do corredor.  
— No cimo do corredor  
Não as has de tu achar,

Que eu vou já tirar a vida  
Ao ladrão do militar.  
— Antonio, meu Antoninho,  
Não mates o militar;  
Tu és o causador  
De eu me deitar a afogar.  
— Se te deitares a afogar  
A culpa é toda pr'a ti;  
Olha que vaes pr'o inferno  
Para seculos sem fim.

*(Item).*

Variante

Estando D. Filomena  
No seu banco assentada,  
C'um pente d'ouro na mão  
Seu cabelo penteava.  
Chegando um soldadinho  
Pegou-lhe na mão.  
— Pr'a onde está teu marido?  
— Está pr'a serra do Marão.  
Se queres que elle cá não torne,  
Bota-lhe uma maldição:

7

Ó corvos, tirae-lha os olhos  
Da raiz do coração.

Estavam elles nesta conversa  
E o marido a chegar.

— Tu que tens, ó Filomeninha,  
Que estás tão desesperada?

— 'Stou c'uma dor de dentes  
Que me tem atormentado.

— De quem é aquelle cavallo  
Que está tão bem aparelhado?

— É de meu mano mais novo  
Que vem da tropa de soldado.

— De quem é aquelle punhal  
Que no ar faz um bordão?

— Pega nelle, ó meu marido,  
Crava-m'ó no coração.

(Idem).

2

### Aldininha

(Cfr. Rev. Lus., IX, 303, 304)

Aldininha, Aldininha,

Queres ser minha namorada?

Eu de ouro te vestia

E de prata te calçava.

O papá quando ouviu isto

Numa torre a pôs fechada.

P'ra lá estar sete dias

Sem comer nem beber nada.

Ao cabo dos sete dias

Já a sede lhe apertava;

Aldininha ficou triste

Sem comer nem beber nada.

Olhou para uma janela

Que a mesma torre tinha,

E lá viu sua mamã

Numa cadeira assentadinha.

— Ó mamã que Deus me deu,

Dê-me uma pinguinha d'agua,

Já que a alma deixa o corpo,

E o coração deixa a alma.

— Dava, dava, minha filha,

Dava sem me custar nada;

O papá, se o soubesse,

A cabeça me cortava.

Olhou p'ra outra janela

Que a mesma torre tinha,

E lá viu sua irmã

Numa cadeira assentadinha.

— O mana que Deus me deu,  
Dá-me uma pinguinha d'agua,

Já que a alma deixa o corpo

E o coração deixa a alma.

— Dava, dava, minha filha,

Dava, sem me custar nada;

O papá, se o soubesse,

A cabeça me cortava.

Olhou p'ra outra janela

Que a mesma torre tinha,

E lá viu o seu papá

Numa cadeira assentadinho.

— Ó papá que Deus me deu,

Dê-me uma pinga d'agua,

Já que a alma deixa o corpo,

E o coração deixa a alma.

— Correi todos, cavalleiros,

Levar agua a Aldininha:

O primeiro que chegar

Casará co'a filha minha.

O primeiro que lá chegou

Foi o rei de Inglaterra;

Aldininda quando o viu,

Reitou os olhos em terra.

O segundo que chegou,

Foi o rei de Aldeliana;

Aldininha quando o viu,

Ficou morta por instante.

Aldininha não quer agua

Que a tem á cabeceira,

Que lh'a trouxeram os anjos

No calix da vidraceira.

(Idem).

3

### Canario lindo

Esta noite fui á caça.

Lindo canario cacei;

Fu' levá-lo de presente

À filha do nosso rei.

A filha do nosso rei

Ella era brasileira,

Mandou fazer uma gaiola

Da mais fininha madeira.

Depois da gaiola feita,

Metteu-se o canario dentro;

Quer de dia quer de noite

Era o seu divertimento.

O canario *adormeceu* (sic)  
Com grande constipação;  
Mandou fazer uma junta  
De trinta e um cirurgião.  
Dos trinta e um cirurgião  
Nenhum lhe deu co'a cura;  
Lá vae o triste canario  
Caminhando p'r'a sepultura.

(Idem).

4

## D. Silvana

Andando D. Silvana  
Pelo corredor acima  
Tocando numa viola,  
Até acordaram seus paes  
Co'strondo qu'ella fazia.

— Que tens, ó D. Silvana,  
Que tens tu, ó filha minha?  
— Tres irmãos que nós eramos  
São casados e tem familia,  
E eu, por ser a mais formosa,  
Porque causa ficaria?  
— Já não ha com quem te cases  
Nem palacio havia;  
Só se for o *condi-Arbel*...  
É casado e tem familia.  
— Mande-me cá chamar esse *home*  
Da sua parte e da minha.

Aqui está o *condi-Arbel*,  
Que me quer, Vossa Senhoria?  
— Manda el-rei que mates tua mulher  
Para casar com minha filha.  
— Minha mulher não a mato,  
Qu'ella a morte não merecia.  
— Mata, conde, mata, conde,  
Antes d'uma Ave Maria.  
Traz-me aqui a cabeça  
Nesta sagrada bacia.

Foi o conde para casa,  
Tão triste como se via;  
Mandou vestir a familia  
De luto, que bem par'cia;

Mandou fechar as janellas,  
Coisa que elle nunca fazia;  
Puseram-lhe o jantar na mesa  
E o conde não comia!  
Os suspiros eram tantos,  
Que até a mesa estremecia.  
— Que tens, que tens, conde?  
Que tens tu, o vida minha?  
— Manda el-rei que te mate  
P'ra casar com sua filha.  
— Escuta, escuta, conde,  
Que isso remedio teria;  
Manda-me para um convento  
Alem de Santa Maria.  
Manda-me o pão por onça  
E a agua por medida,  
O bacalhau ás arrobas  
Para me acabares com a vida.  
— Se isso remedio tivesse  
Por fazer não ficaria;  
Manda que leve a cabeça  
Nesta maldita bacia.  
— Deixa-me dar um passeio  
Da sala para a cozinha?  
«Adeus moças, adeus aias,  
Adeus filhinhos que eu tinha.  
Anda cá, filho mais velho,  
Eu te quero ensinar  
Á madrasta que tiveres  
Como a has de tratar:  
Deita os joelhinhos em terra  
P'ra t'ella não *cascar*.  
Anda cá, filho *chegante*,  
Mama o leite da paixão,  
Amanhã por estas horas  
Outra mãe te dará pão.  
Anda cá, filho mais novo,  
Mama o leite da ternura,  
Amanhã por estas horas  
Já estarei na sepultura».

Tocam os sinos na Sé...  
Ai Jesus, quem morreria?  
Morreu a D. Silvana  
Co'a traição que comettia:  
Descasar os bem casados  
Era coisa que Deus não queria.

(Villa Real)

5

## D. Albenina

(Cf. Rev. Lus., IX, 278, 290)

Minha mãe fiz uma aposta  
De perder ou de ganhar:  
De dormir com Albenina  
Antes dos gallos cantar.  
— Não apostes, ó meu filho,  
Não queiras apostar;  
Albenina é tão discreta,  
Não se deixa enganar.  
Veste o meu manto de seda  
E por cima o meu *brilhar*,  
Diz-lhe que és uma tendeira nova  
D'areias d'alem do mar.  
Tens a teia nas *minganças*,  
Que o fiado vaes buscar.  
Ella lá te ha de recolher,  
Com ella te has de ir deitar.

— Que faz por aqui, menina,  
No seu balcão a trabalhar?  
— Venha com Deus, passageira,  
Tambem me pode ajudar.  
— Sou a tecedeira nova  
D'areias d'alem do mar,  
Tenho a teia nas *minganças*  
E o fiado venho buscar.  
— O fiado ulli o tenho,  
Ainda está por dobar.  
— Dobe, menina, dobe,  
Depressa, não devagar,  
Depois faz-se-me tarde  
Para a minha casa voltar.  
— Não se atlijja, menina,  
Comigo se ha de ir deitar.  
— Tenho medo aos seus perros,  
Que elles me venham ladrar:  
Tenho medo ao seu pae,  
Que elle me venha ralhar.  
— Não tenha medo aos meus perros,  
Que os vou mandar fechar;  
Não tenha medo ao meu pae,  
Que o vou mandar deitar.  
As chaves das altas torres  
Eu lh'as virei entregar.

Lá pelo meio da noite  
Albenina deu um ai.  
— Tu que tens, Albenina,  
Tu que teos, ó filha minha?  
— Não se assuste, ó meu pae,  
Nem se deixe assustar,  
Isto foi um triste sonho  
Que eu tinha para passar.

Ainda não rompia o dia  
Já elle se andava a gahar  
Que dormira co'a menina  
Antes dos gallos cantar:  
Desde que nasci até 'gora  
Nunca vi cara tão linda!

Disseram seus irmãos uns para os outros:

— Ai quem seria? ou quem era?  
Seria a nossa Albenina.  
Que não ha outra na terra?  
Disse o irmão mais velho:  
— Vamos nós a queimá-la?  
Disse o irmão *chegante*:  
— Vamos nós a enforcá-la?  
Disse o irmão mais novo:  
— Vamos nós a casá-la?  
Que a poder de dote  
Alguem ha de accetá-la.

— Ó minha querida Albenina,  
Tristes novas te vou dar:  
As barbas de teu pae e rei  
Mal as soubeste prezar.  
Hoje te cortam a lenha,  
Amanha te vão queimar.  
— Não se me dá que me queimem  
Nem que me deixem por queimar;  
Tenho pena d'este meu ventre,  
Trago cá sangue real!  
Quem me dera ter um irmão  
Que me fosse bem leal,  
Que me fosse levar uma carta  
Ao conde de Montalvar.  
— Escreve, ó mana minha,  
Depressa, não devagar,  
Jornadinha de oito leguas  
Em tres horas se ha de andar.  
Cavallo com ferraduras de prata  
D'oiro lh'as mandou deitar.

— Ala, ala, meu cavallo,  
Quanto mais puderes alar,  
Aos palacios de D. Carlos  
Lá iremos descansar.

— Se o achares a dormir,  
Espera, deixa-o acordar;  
Se o achares a jantar,  
Tratareis de o ajudar;  
Se o achares a passear  
A carta lhe ireis entregar.

Foi tanta a sua fortuna  
Que o achou a passear.  
— Viva o senhor conde de Montalvar  
E o seu lindo passear!  
— Donde é o *chiquitito*  
Que tão bem sabe falar?  
— Sou criado de Albenina,  
Venho aqui ao seu mandar.

— Minha mãe, minha mãezinha,  
Tristes novas lhe vou dar:  
A minha amada Albenina  
Ámanhã vae a queimar.  
— Acode-lhe tu, ó meu filho,  
Se lhe poderes valer.  
Vae, veste-te de padre,  
Ao caminho lhe vae ter.  
Diz-lhe que és um anjo do ceu,  
Que vaes para a confessar.

Sobe aos mais altos montes,  
Desce aos mais baixos valles.  
— Aonde levaes essa menina  
Que ainda vae por confessar?  
— Sereis vós algum ladrão  
Que a quereis vir roubar?  
— Sou um anjo do ceu,  
Venho aqui p'r'a confessar.  
— Ficae vós a confessá-la  
Emquanto nós vamos jantar.  
— Emquanto o lenço abanar  
Ella está por confessar.

— No meio da confissão  
Um abraço me ha de dar.  
— Onde o conde pôs os braços  
Não é para frade abraçar.  
— No meio da confissão  
Um beijinho me ha de dar.  
— Onde o conde pôs os labios  
Não é para frade beijar:  
Pelos sinaes que me daes  
Sois o conde de Montalvar.  
— Sou eu, menina, o mesmo,  
Vim aqui para te salvar.

— Ala, ala, meu cavallo,  
Quanto mais puderes alar;  
Aos palacios de D. Carlos  
Lá iremos descansar.  
— Os sinos da minha terra  
Bem os oiço tocar;  
Tenho uma tia em casa  
Bem a oiço chorar.

(Villa Real).



## PARLENDAS

1  
Em Lisboa se formou  
Palacio de grande altura;  
Muita gente lá penou,  
Outra foi p'r'a sepultura.  
Casa grande tem fartura,  
Quem doba tem sarilho,  
Vae a gallinha ao milho,  
A culpa é dos pardaes,  
Um burro tem atafaes,  
Tambem tem os seus estribos;

Na praça se vendem figos  
Para contentar os rapazes,  
No mar andam alcatrazes  
E tambem andam gaivozas;  
Coitados dos pernas-tortas,  
Tambem se chamam canejos,  
Curam-se sezões com desejos  
E as feridas com unguento,  
O moinho moe com vento,  
Oh que cantiga tamanha,  
Não tem principio nem fim,

Um raminho de alecrim  
 Que se dá aos namorados.  
 As armas são p'ra's soldados  
 E tambem p'ra's caçadores;  
 Coitado de quem tem amores,  
 Diligente pode andar,  
 Uma gaita p'ra tocar  
 E um pente p'ra a cabeça;  
 Menina, não endoideça,  
 Pode dar-se por feliz  
 Quem tem assim um nariz,  
 Nariz de palmo e meio.  
 Que chega da cara ao seio,  
 Grito com tal riger  
 Que inda honte foi gabado  
 Para bigorna dum ferrador.

(Pena).

2  
 Tenho um papagaio verde  
 Que lindamente cantava,  
 Cantigas que declina  
 Sua bella sabelina.  
 Oh que o tempo muda tudo,  
 Já fui louco, sou sisudo.  
 Senhora de Nazareth,  
 Viva quem sisudo é;  
 Valei-me e sede commigo,  
 Que eu já não tenho um amigo,  
 Que lealmente me seja.  
 Fui á barca da Pereira  
 Sem saber o que fazia;  
 Os fatos hão de ir á rua  
 E eu hei de ir á romaria.  
 Meninas que no monte moram,  
 Lá mesmo vos hei de ir ver;  
 Aqui não ha maior rigor,  
 A fonte vae a Leonor,  
 Maria, mai-la Francisca;  
 Ambas vão lavar ao Tejo  
 Por não ir lavar ao mar.  
 Maricotinhas do Brejo  
 Tem um veu sem refêgo;  
 Dizem que vem o gallego  
 Com tamanho desatino  
 Que cae a torre do sino.  
 O carrasco é desterro,  
 Eu bem desterrado ando;  
 O *anau* do anjinho  
 A Lisboa vem chegando

Carregadinho de vinho  
 Oh que linda letra aquella,  
 Vac de mando da donzella.  
 Hei de metter-me estudante  
 Em S. Gonçalo de Amarante,  
 Que moraes ao pé do rio,  
 Em que mates meu fio,  
 Salotinha dos meus olhos.  
 Tecedeira rachadora,  
 Sois a mais branca senhora,  
 Partiram os tres reis magos,  
 Aos pastores do gado branco  
 Deixaram caminho franco.  
 Oh que sentidos combates  
 Ouvires meus disparates,  
 Olivae de Santarem.  
 O regalo da cachopa  
 Não no alcança ninguém;  
 Só eu corri e alcancei,  
 E fiz muito bem.

(Pena).

## Versos da Sulipanta

Sulipanta da Sulipanta,  
 Mariquinhas hoje apañhou:  
 Seu pae, seu pae  
 Foi dar com ella  
 Mesmo mesmo á janella,  
 Conversando, palavriando  
 Com um sujeito  
 Que gostava d'ella.  
*Oh de juque macatrufe,*  
 Bofetada, cachação,  
 Tanto pontapé,  
 Tanto cachação,  
 Que a pequena  
 Caiu ao chão.  
 Vem d'alli o derriço...  
 Dá cá a mão:  
 — Que linha pequena  
 Caiu na areia!  
 Tu serás a causa  
 D'eu ir á cadeia.  
 Se tu me acompanhas  
 No pranto e na dor,  
 Eu sim, eu hei de t'amar,  
 Mimosa flor.

(Samaritã)

## COSTUMES

*As cavalhadas da Campeã*

No ultimo domingo de julho, ou no primeiro de agosto, celebra-se na freguesia da Campeã, quasi ás abas do Marão, a grande romaria de Sant'Anna, que attrae o povo de todas as freguesias em roda. Apesar das suas tres leguas de distancia, lá vão florear os moços de Villa Real, armados de guitarras e montados em vistosos e enfeitados cavallos, formando uma longa cavalgada pela estrada fora. Ao voltarem no fim da tarde, correm as ruas principaes da villa, como a dar uma ideia da romaria aos que lá não puderam ir.

Tem esta romaria uma singularidade, que denota a influencia da raia minhota: as conversas dos namorados são perfeitamente como as do Minho, vendo-se a cada passo os conversados a fallarem dois a dois, o que raramente se vê nos arraiaes de Trás-os-Montes.

Porém o que ha mais caracteristico nesta romaria são as *cavalladas* que a precedem, porque me parecem uma verdadeira novidade nos costumes do pais.

Um ou dois domingos antes da festa percorre todos os logares da freguesia e ainda das circunvizinhanças uma cavalgada de mais de trinta homens mascarados, mas muito bem postos: ao chegarem a cada aldeia, param todos deante do povo, que se apinha para os ver e ouvir, e então adianta-se um d'elles (unico que vai sem mascara) e lê em voz alta uma serie de quadras em que se faz o programma espaventoso da festa, enquanto os outros que estão ao lado vão applaudindo ou batendo as palmas de quando em quando.

Pouco depois vai percorrendo os mesmos logares outra cavalgada de igual numero de homens, mas em tudo contraria a primeira, rôtos, mal ageitados, e lendo umas quadras em que se mette a ridiculo tudo quanto os outros prometteram.

Eis algumas quadras, *pró* e *contra*, das cavalhadas de 1904:

1

Illustre e nobre auditorio,  
Prestae-me a vossa attenção,  
Dissimulae meu discurso,  
Minha tosca narraçào.

2

Tres eleitos varões,  
De quem corre elegante fama,  
Querem glorificar  
A milagrosa Sant'Anna.

3

Esse terrível flagello  
Que assola as povoações,  
Levando a fome aos lares  
E a tristeza aos corações.

4

Moveu nossos antepassados  
A fazer esta função,  
Que ainda hoje tem o nome  
De festa por devoção.

5

A tres mordomos elegantes  
Coube este anno a festividade,  
E são dignos de elogio  
No meio da sociedade.

6

Resolveram por este meio  
Eu vos vir anunciar  
Esse grandioso dia  
Que elles querem festejar.

7

Para que fiquem scientes  
Vou-lhes amostrar o programma  
D'essa festa grandiosa  
Á milagrosa Sant'Anna.

8

É dia trinta e um de julho  
(A todos fique em memoria)  
Que verão esses tres mancebos  
Triunfar com victoria.

9

De hoje até o fim do mês  
A festa se anunciará  
Pelo grande estrondo dos morteiros  
Que até a terra tremerá.

10

Dez arrobas de polvora  
P'ra esse fim foram compradas,  
E dizem que d'aqui até lá  
Que hão de ser todas queimadas.

11

No sabbado, vespera de festa,  
Durante todo o dia  
Quatro musicas a tocar  
Correrão a freguesia.

12

Haverá um grande arraial  
Que causará admiração  
Pelo soberbo fogo preso  
E magnifica illuminação.

13

Serão cem tamborileiros  
Que depois de reunidos,  
Tocando onde houver vidraças  
Partirão todos os vidros.

14

Dois fogueteiros a despique  
Toda a noite deitarão fogo;  
Mas como as noites são pequenas  
Ainda o não deitarão todo.

15

Brilharão no arraial  
Vinte e duas arvores de fogo,  
Para o engrandecimento de Sant'Anna  
E admiração do povo.

16

Doze girandolas de foguetes,  
Dez duzias de foguetões  
Farão ver á Campeã  
Que os mordomos são pimpões.

17

Uma duzia de musicas  
No arraial hão de tocar,  
Pois onze já estão justas,  
Falta uma para justar.

18

As figuras e os anjinhos  
Sem d'elles nenhum faltar,  
Em tão grande numero serão,  
Que ninguem os poderá contar.



19

Se alguém duvidar d'isto  
Que lhes acabo de dizer,  
Para prova da verdade  
Peço a todos que vão ver.

20

Poderá alguém dizer o contrario,  
Porque temos inimigos,  
Rogo por favor a todos  
P'ra que lhes não dêem ouvidos.

21

Pois já me vieram dizer  
Que eramos perseguidos  
Por uns pobres esfarrapados,  
Miseráveis e bandidos.

22

Pois os piochos que elles trazem  
Pelos farrapos assoalhados,  
Deviam trazê-los na lingua  
Para andarem mais calados.

23

Vou terminar meu discurso  
Que vae sendo prolongado,  
E pela attenção que prestastes  
Agradeço penhorado.

*Resposta*

1

Ao respeitavel publico  
Me venho apresentar,  
Pedindo a sua attenção  
Para o que lhes vou narrar.

2

Antes porem de mais nada  
Desejava perguntar:  
Viram ou deram fé  
D'uns intrujões aqui passar?

3

Uns loucos, desajuizados,  
Faltos de entendimento,  
Que andam a apregoar coisas  
A que não dão cumprimento.

4

Querem esses desgraçados  
Ter a nota de pimpões,  
Querem no mundo figurar  
Sem terem dez réis p'ra feijões.

5

São mentiras d'alto bordo  
As que p're hi tem contado,  
Tão grandes e tão completas  
Que tem cabeça e rabo.

6

Dizem que trinta e um de julho  
Ha de haver uma grande funcção:  
Haverá, eu não duvido,  
Mas na Campeã é que não.

7

Dizem que o estrondo dos morteiros  
Até fará tremer a terra!  
Só se for a China e o Japão  
Co'as granadas de guerra.

8

Dizem que tem muita polvora  
E que ha de ser toda queimada!  
Elles não tem nem uma onça,  
Porque ninguem a dá dada.

9

Dizem que muitas musicas  
Andarão por ahí a tocar!  
Não será nem uma só,  
Qu'ellas de graça não sabem andar.

10

Dizem que ha de haver  
Uma grande illuminação!  
Só se for que peguem fogo  
Nas vertentes do Marão.

11

E que muitas arvores de fogo  
No arraial brilharão!  
So se queimarem os castanheiros  
Que naquelle sitio estão.

12  
 Notam que cem tamborileiros  
 Farão um grande estrondo :  
 Não acreditem, senhores,  
 Não virá sequer um hombo.

13  
 Emfim dizem que na procissão  
 Irão figuras e anjinhos :

Só se forem dois dos mordomos  
 Por serem muito tenrinhos.

14  
 Posso porém agradecer-vos  
 Vossa attenção delicada :  
 E enquanto á festa de Sant'Anna  
 É farellorio. — Festas, de Braga!

### DITADOS

1. Osso da suã, unta a barba e deixa a barriga vã.
2. Pessoas quatro e talladas tres, é andar adiante e não ser descortês.
3. Chuva de maio me molhou e logo me enxugou.. (*Var.* O maio me molhou, o maio me enxugou).
4. Está dia de S. Fernando, dá no criado e arreneg' o amo.
5. O verão de S. Martinho, a vareja (= ventania forte) de S. Simão e a cheia dos Santos são tres cousas que nunca faltaram nem faltarão.
6. Dia de nevoa, dia de sesta.
7. Lá vem o irmão março, que fará o que eu não faço.
8. Matar só Deus e os de Abbaças.
9. Ter paciencia com o João do Outeiro, que só esteve tres dias viuvo, e mesmo nesses fugia p'r'a criada.
10. Leitão de mês, cabrito de tres.
11. O azedem (especie de linho) á roca vem.
12. A margacha (uma especie de herva) sae á massa.
13. O prisoiro (especie de herva) sae ao Doiro.

14. Se chegou, relvou; se não chegou, tem comido. (Isto costuma dizer a gente quando está cansada de esperar por alguém para o jantar).
15. Se queres teu *home* morto, dá-lhe couves em agosto.
16. Nasceu co'as febras de fevereiro (dizem de uma pessoa má que haja nascido neste mês).

## VOCABULARIO

(As palavras colhidas nos arredores de Villa Real não levam sinal algum. As que foram colhidas em Alondrões levam *M.* e as de Gándes levam *G.*)

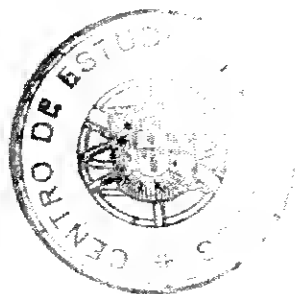
- acorreitar**, sarar de uma doença, melhorar. Na *Rev. Lus.*, III, 321, saiu errado *acorrentar*.
- almendrilhas**, bríncos, arrecadas. *M.*
- apo**, temão do arado. *M.*
- aguando**, quando. *G.*
- balsão**, especie de funil de madeira que se colloca em cima dos toneis para lhes introduzir o vinho. *G.* No Minho chama-se *balde do vinho*.
- bandeiriola**, a bandeira do milho, a flor.
- basofias**, especie de guisado composto de leite e ovos, e muito doce. *G.*
- borrالheira**, parte posterior da lareira para onde se deita o borralho depois de apagado o lume. *G.*
- borrão** (= varrão), porco de cobrição; (fig.) borrão do concelho = homem muito libertino e deshonesto.
- brochas**, correias de corô que prendem os bois aos canzís. *M.*
- cabeçalho**, cabeçalha do carro. *M.*
- canado**, vasilha de vinho. O mesmo que canada. *G.*
- canga**, jugo dos bois. *M.*
- canzís**, paus que atravessam a canga e aos quaes se prendem as brochas. *G.*
- caracha!** caramba! (interj. para exprimir a dor ou a admiração). *G.*
- casqueiro**, codea de pão. *G.*
- cebolinho**, canteiro de terra onde se cria o cebolo, que depois ha de ser transplantado. *G.*
- chaça** ou **chaço**, 1.º, remendo nas meias; 2.º, cunha em que se bate com o martelo para apertar os arcos das vasilhas.
- chiquita**, borracheira. *G.*
- chisnar**, estorrar, queimar. *G.*
- choina**, faula do lume. *G.*
- colchão de livro**, colchão de

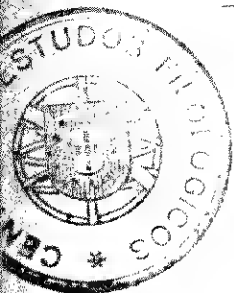
- duas metades, que podem fechar uma sobre a outra.
- comadre**, botija de agua quente para aquecer os pés na cama. *G.*
- condeiréllos**, jogo do pilha. *M.*
- consciencia**, é uma consciencia — é uma injustiça.
- cortiço**, caixão de madeira de forma variavel onde se deita o sal. *G.*
- couçoës**, peças de pau que atravessam as chêdas e as cantadeiras e entre as quaes gira o eixo. *M.* É neste sentido que se emprega a palavra um grande parte do Minho; porém em Villa Real parece-me caso estranho, e tanto mais que ainda em Baião (*Rev. Lus.*, XI, 189) e Amarante, concelhos vizinhos, apesar de serem do Minho, significa *contrafortes pregados por baixo das chêdas*, como em toda a provincia de Trás-os-Montes. É provavel que seja erro do informador.
- dente**, peça do arado que assenta no leito do rego, e tem a relha na extremidade dianteira e a rabiça na retaguarda. *M.*
- desvestir**, despir.
- empeso**, pedra grande em forma de cone truncado que serve de contrapeso nos lagares. *M.*
- enq'rer**, corda de enq'rer — corda de apertar os estadulhos de um lado do carro contra os do outro, quando a carga é maior do que é costume.
- enrôlar**, afagar, ameigar as crianças.
- entremês**, uma especie de trigo. Deve ser o que noutras partes chamam *tremês*. *G.*
- estronca**, pau que sustenta a cabeçalha do carro para não poisar no chão, quando se tira da canga. *M.* É o que no Minho chamam *pi-garro*.
- faula**, 1.º, scintilla ou chispa do lume; 2.º, pellicula branca que envolve a base do grão, quando está na espiga. *G.*
- fresquita**, guisado ou petisco feito de carne fresca ou caça apanhada no proprio dia (ordinariamente coelho, lebre ou perdiz).
- gancho**, braço ou cano de arvore (cfr. CANCIONEIRO n.º 299).
- grã**, molestia do gado suino, que consiste numa excrescencia carnosa que lhe nasce na bôca. *G.*
- injeitado**, ninho deixado pela ave, por lhe mexerem. *M.*
- langosta**, pessoa magra e desageitada.
- levandisca**, lavandeira ou boieira (ave). *G.*
- lobête** (termo de moinho), peça de madeira que encaixa na haste do rodizio.
- malga**, vaso de comer, feito de barro (cfr. *tigela*). *G.*

- martengil**, especie de maçã.  
(No Minho dizem *martingil*).
- meão**, miúdo da roda do carro. *M.*
- murraça**, vinho de borracha. *G.*
- murrão**, doença do trigo e do centeio, que consiste numa excrescencia negra que apparece na extremidade do grão e que lhe dá alguma semelhança com o murrão da candeia. *G.*
- palitos**, fosforos, lumes (sobretudo os de enxofre). *G.*
- peças**, correias que prendem o boi á canga. *M.*
- pinha**, prenda do casamento. *M.*
- rasoeira**, rasoira. *G.*
- redonda**, aguardente redonda, — a que não faz mal, que se pode beber.
- registo**, peça que prende o apo ao dente, ou melhor o temão á rabiça. *M.* No Minho chama-se *ateiró*.
- relvar**, restivar ou semear o milhão no restolho do centeio; (fig.) repetir (cfr. o n.º 12 dos DEITADOS).
- resalgar**, bicho venenoso.
- rima**, o resto, o que fica, alguma cousa; ex.: uma doença, ainda que a gente sare, sempre deixa rima.
- rubar**, pente de rubar = ponto meudinho.
- santoro**, bolo de «pão podre» que se dá pelos Santos.
- sapa**, pessoa baixa.
- sequeiro**, conjunto de taboleiros onde se secam figos, uvas ou outra qualquer fruta. *C.*
- tenrada**, pedaço de milho basto destinado para os bois.
- tim-tim**, nome de uma ave que tem o canto parecido com o som d'esta palavra. *C.*
- vadoria**, vedoria (cfr. *Rev. Lus.*, x, (33)).

Porto, Abril de 1910.

A. GOMES PEREIRA.





## VOCABULARIO TRASMONTANO

(COLHIDO NO CONCELHO DE MONCORVO)

### A

- abiochar**, conseguir alguma cousa.
- abizeiro**, sitio collocado ao norte, sombrio.
- abréspa**, vespa.
- acessar**, dificuldade da respiração. Refere-se principalmente aos cães.
- acessoar**, humedecer a terra.
- achada**, coima; ex.: fulano assentou-lhe uma achada.
- acizentar**, arrelhar, provocar.
- açucrer**, açucar.
- ade-Maria**, ave-Maria.
- á dependura** (estar), a acabar, a morrer, na pobreza.
- á divina**, sem nada; ex.: João está á divina.
- afête**, enfeite.
- afilhastro**, filho natural; enteadado.
- afinhar**, importunar, emmagrecer.
- afinheiro**, importuno, teimoso.
- aforrar**, andar em camisa com o calor.
- afumados**, arredores, arrabal-des; ex.: Carviças tem bons afumados.
- aganado** -a, offegante com o calor.
- aganar**, cansar com o calor.
- agazolar**, asphixiar.
- agostar**, murchar (a fruta) com o calor, correspondente a *alfar*.
- aguas-bellas**, criança pallida e muito magra.
- ailila**, janotinha, pedante.
- airo**: vigairo, seminairo.
- ajêtiivar**, arranjar, conseguir uma cousa.
- alacraia**, escorpião.
- alanzoar**, mentir e falar muito.
- alcagote**, accusador, official de diligencias.
- alcocres**, certos pessegos.
- aldiagante**, vadio.
- aldiagar**, vadiar.
- alecraia**, escorpião.
- alecrã**, lacrau.
- alfa**, labareda, côr rosada das faces.
- alfacia**, alface.
- alfar**, secar (o fruto) com o calor; sinonimo: *agostar*.
- alfêrga**, medida de semente de sirgo.
- alfreoha**, certa especie de pessego.

- alibertar**, evitar uma questão.  
**alibertar**, resgatar, libertar.  
**alimaira**, animal bravo.  
**alimal**, animal.  
**aljofre**, aljofar.  
**ala! gira!** vae-te!  
**almanicha**, brejeiro, vadio;  
 ex.: olha o almanicha!  
**alqueire meado**, metade de trigo e metade de cevada ou centeio.  
**alquinar**, morrer. *Está a alquinar!* Está a morrer!  
**aluda**, formiga alada.  
**alvécharas**, pessego de abrir.  
**alveiro**, panno de linho para cobrir o pão do forno.  
**alvidar**, olvidar.  
**alvio**, -a: alvo.  
**alvixeras**, -e, -es: alviçaras.  
**amarnado**, cansado.  
**améixoa**, ameixa.  
**améixoas**, sujeito astuto e velhaco.  
**amigar**, andar amancebado.  
**amigo**, -a: amante, amancebado.  
**amolar**, ludibriar alguém.  
**amostrogar**, pisar de leve.  
**andar ós ovos**, vadiar.  
**ande**, hão-de.  
**andêve**, andei.  
**anduve**, andei.  
**aneiril**, alecrim, rosmaninho.  
**Angelca**, Angelica; também se diz Ingelca.  
**antão**, então.  
**Antoino**, António.  
**Antõinho**, António; em Ligares diz-se *Intonio*.  
**apaijar**, attender.
- apparelhos**, corda e sobrecarga.  
**apeceujar**, attender.  
**apertuna**, aperto de serviço.  
**aporrinhado**, -a: esmagado, escravizado.  
**aporrinhar**, escravizar, opprimir alguém.  
**aqueirado**, ensinado (o cão).  
**aquella**, arrelia, desgosto.  
**argonar**, colher agridões; syn. agrionar. Usa-se, sobretudo, em Ligares.  
**Armino**, Herminio.  
 1) **arnaz**, estomago; ex.: fulano tem bom arnáz.  
 2) **arnaz**, robusto.  
**arnazudo**, robusto; de bom estomago.  
**arolas**, sujeito sem valor, vadio.  
**arólo**, madeira podre.  
**arrampanar**, decair, empobrecer.  
**arrat' a meio**, arratel e meio.  
**arreçains**, rosmaninho.  
**arreçanhas**, rosmaninho.  
**arrefinludo**, atrevido.  
**arreguludo**, -a: alegre, vivo.  
**arreguilhar**, alegrar; responder com azedume.  
**arresponder**, responder.  
**arribozes**, sitios fundos e escuros.  
**arrincar**, arrancar.  
**asa do braço**, clavicula.  
**ascordar**, acordar.  
**asperar**, esperar.  
**assancanhar**, pisar, andar ligeiro.  
**assêma**, parece-me; ex.: assêma que sim, parece-me que sim.

**assentar**, parecer; ex.: *assenta-se-me*, parece-me.  
**asseparar**, separar,  
**atalho de gado**, porção de gado.  
**atamar**, evitar uma questão.  
**aterminar**, determinar.  
**atramado, -a**: murcho, doente.  
**atramar**, secarem-se os frutos com muito calor; andar um sujeito muito doente.  
**atrelourar**, atordoar.  
**atrezentar**, affligir; rogar pragas.  
**auga**, agua.  
**augar e ougar**, aguar; estar com o sentido de alguma cousa.  
**ave lobagneira**, abetarda.  
**ave-morta**, pessoa tristonha.  
**aventar**, arremessar.

## B

**baohucor**, salpicar com lama, com agua.  
**badalhoca**, choca.  
**badanau**, ruínas; ex.: ficou tudo num badanau!  
**badil**, ferra da cozinha.  
**bafareira**, basofia.  
**baila-no-orivo**, entremettido, janota.  
**baixar as calças**, dejectar; syn. *dar de corpo*.  
**bancar a vinha**, empar.  
**Barbola**, -ora: Barbara.  
**barjoco**, barranco, algar.  
**barrada** (de), pedra atirada com a mão levantada e estendida; antithese: *solimão* (vid. este vocabulo).  
**basculho**, porção de silvas; mulher gorda.  
**bas-traz! basta-traz!** emprega-se unicamente para o gado bovino.  
**beldar**, falar muito e sem attenção alguma.  
**beldro**, breido.  
**belfa**, arreio dos jumentos.  
**belfo, -a**: animal com os dentes grandes e sobrepostos.  
**beltruzio, -a**: tolo, maltrapilho.  
**benairo**, roupa velha e rota; homem desprezível.  
**bença**, benção.  
**benzer**, passar adeante a miúdo.  
**bergério**, vergel.  
**berjóga**, furunculo.  
**berrar**, chorar (a criança).  
**berreiro**, grande gritaria.  
**Bertlameu**, Bartholomeu.  
**bicheiro**, passarinho; vendedor de sanguesugas.  
**bigote**, bigode.  
**bisborria**, pandilha.  
**bisca**, homem astuto; ex.: fulano é uma bisca!  
**bisganau**, homem alto ou pessoa astuta.  
**bó**, bom.  
**bõa**, boa.  
**boches**, pulmões.  
**bolcar**, voltar de bruços.  
**bolco**, volta.  
**bolhacra**, bogalha.  
**bormelho**, vermelho.  
**borralheira**, courella estreita entre duas paredes.  
**borralho**, rescaldo do lume; tambem se diz borralheira.



**branduzio**, mal presado, mal vestido, maltrapilho.

**breoha**, furto de frutos.

**brinquinho**, primor, muito asseado.

**brancoas**, má cara.

**buber**, beber.

**burganço**, -a: pequeno.

**burgancinho**, criancinha.

**burgiganga**, ninharia.

**burra**, astuto; ex.: fulano é uma burra!

**burra**, cavalgadura; diz-se de um cavallo, de um macho, etc.

**burro da noria**, palerma.

**burzigada**, sarrabulho.

**bustella**, mau artista.

## C

**cabanel**, cabanal.

**cabano**, boi com os galhos baixos; o opposto é *pinheiro*.

**cabeceiro**, outeiro, terra magra.

**cábrio**, caibro.

**cacada**, grande numero; ex.: fulano pagou uma cacada de custas.

**caoanoso**, velho, ruim, porco.

**caoarinhas**, cocoras.

**cácavo**, cágado.

**oachafrelho**, guarda fiscal.

**oachafurgo**, sitio fundo.

**caohimbar**, soffrer um desgosto, ter um prejuizo.

**oaco**, cabeça.

**cadime**, pratico; ex.: está muito cadime.

**oalagouça**, foice (das silvas).

**calagouço**, foice de cabo mais curto para roçar o matto.

**calatrão e calatre**, mulher velha e magra.

**calhada**, pedrada.

**caligeiro**, muito calor; tambem se diz *calugeiro*.

**calino**, quente.

**cambalhota**, volta, collocando a cabeça no chão.

**cambanido**, combalido, tremido, fraco.

**camboio**, comboio.

**campos**, paus do fumeiro.

**cambrina**, caramello.

**camorra**, estertores do pião.

**campeiro**, pão cozido e baixo.

**campichano e campoebano**, popular, muito amistososo.

**cangalhada**, moveis ruins, multidão.

**cangalhas**, instrumentos para levar estrume.

**cangalho**, movel ruim, multidão.

**canhona**, ovelha ruim e muito velha.

**canijo**, Canizio (nome de homem).

**cantarinhas**, bolha de agua.

**carambello**, caramello.

**carapanta**, bebedeira.

**carava**, companhia.

**caraveiro**, companheiro.

**caravelhas**, dentes grandes.

**carcavão**, barranco.

**carga d'ossos**, preguiceiro, ocioso, vadio.

**caricaoho**, pedaço de terreno.

**carnião**, caroço de um tumor.

**caroal**, affectuoso; sitio muito fertil.

**oarólo**, fatia de pão.  
**carrapiço**, graveto.  
**carrapito**, certa avezinha.  
**cascanas** (do nariz).  
**cascato**, sujeito de mau genio.  
**castinheiro**, castanheiro.  
**castrinar**, cobrir o animal.  
**catramolo**, malfeito.  
**catatau**, cavallo estafado.  
**catinga**, miseravel.  
**catrambias**, de bruços.  
**catramolo**, mal ageitado.  
**catrapiscar**, lobrigar.  
**Catrina**, Catharina.  
**caunho**, calhau.  
**ceinteio**, centeio.  
**cepisco**, coelho novo; syn. *lapouço*.  
**cerabolar**, tartamudear, a falar muito.  
**chabasqueira**, terra ruim.  
**chafurgo**, canada entre muitas terras fundas.  
**chalano**, carneiro fraco.  
**chambaril**, osso de carneiro, vitella, porco, etc., com pouca carne.  
**chança**, replica, imposição.  
**chapaceiro**, lamaceiro, sitio pantanoso.  
**chape e chapear**, errar fogo a arma.  
**chapiçada**, borrifo de agua.  
**chapiçar**, molhar ou borrifar com lama.  
**chapiceiro e chapaceiro**, lamaçal.  
**charrafusca, charrafusca-da**: barulho, desordem.  
**chasoo**, certa ave.  
**chechizinho**, pedacito.

**chêde**, certa avesinha.  
**cheiroga**, urze rasteira; terra muito ruim.  
**cherinola**, um ninguém.  
**ohiar**, retrucar.  
**chicharro**, pequeno (o feijão).  
**chichizinho**, pedacito.  
**chicoso, chocoso**: «Está lá chicoso» = não está. Só se usa em phrases negativas, ex.: «Tu tens dinheiro?» «Tenho-o cá chocoso!» Isto é não tenho nenhum.  
**chilondra**, porca magra e grande.  
**chinar**, pôr marcos nos campos.  
**chinhas! chinas!** voz para chamar gallinhas.  
**chimo**, marco de campos.  
**ohiqueiro**, loja de gado suino e lanigero.  
**ohó** (interjeição), para bestas.  
 1) **ohou**, tóa; ex.: ó chou = á tóa.  
 2) **chou!** (interjeição), para gallinhas; ex.: chou cá!  
**chuchar**, sorver, apanhar com os labios.  
**chumiço, cheringarço, cheringalho**, homem fraco.  
**churmigueira**, certo arbusto das margens do Douro.  
**ch** soa *tx*, como em chapeu, chave.  
**Cigadonha**, Cidadonha, sitio e castello lusitano-romano de Carviças.  
**oinceira**, certa planta das margens do Douro.  
**cispelho**, homem fraco.

**côcão**, primeiro ovo da perdiz posto fora do ninho.  
**oôche!** (interj.), para suínos.  
**coohino**, porco, sujo.  
**coocota e ooote**, nuca.  
**códeas (um)**, pobre e sujo.  
**codórno**, fatia de pão; syn. *carolo*.  
**coia, cóira e coirão**: concubina.  
**compangar**, misturar pão e queijo.  
**concão**, primeiro ovo da perdiz posto fora do ninho; vid. *côcão*.  
**concharola d'agua**, bolha de agua.  
**conoho!** caramba!  
**concho**, -a: soberbo; ex.: fulano anda muito concho!  
**congaro**, congro.  
**congra**, congrua.  
**considra** (verbo), considera.  
**contemplizar**, contemporizar.  
**côpreiro**, fatia de pão.  
**cornel**, coronel; sujeito enganado na fidelidade conjugal.  
**cornicho**, rabicho da albarda; extremo de um saco.  
**corunha**, carçoço.  
**cóscas, cóscas e cócecas**: cocegas.  
**ousar e coisar**, fazer alguma cousa.  
**ourão**, concubina.  
**cravão**, carvão.  
**crelgo**, clérigo.  
**crueiro**, terra magra.  
**cudado**, cuidado.  
**cuia e culandro**: anus.  
**cunca**, malga grande.  
**cnnenas (um)**, sem rasgo, acanhado.

**cunques e conques**, dinheiro.  
**curriça**, curral.  
**curricer**, canal.  
**cúrrio**, carne.

## D

**dante**, dente.  
**d'aquisso, d'aquillo**,  
**dar ao demo**, praguejar.  
**dar de corpo**, dejectar.  
**deondimento**, descimento; descida.  
**delgado (doutor)**: delegado (do procurador regio).  
**demônho e demontre**, demónio.  
**denuncia**, coima.  
**dequisso**, d'isto. Usa-se mais *dequisso, de quisso*, ou *d'equisso*, do que *d'aquisso*. Avulso não se diz *quisso, equisso* ou *aquisso*; só com preposição.  
**desacherumar**, secar (a terra).  
**desaustinado**, forte (calor, etc).  
**desgracia**, desgraça.  
**desinquirir**, seduzir, importunar.  
**deslado**, ao lado.  
**desne**, desde.  
**desonte** = des onte, desde ontem.  
**de sorte!** não é certo.  
**despois**, depois.  
**desquer** (verbo), descrê.  
**dezêndes**, dizeis.  
**dezer**, dizer.  
**dianho**, demonio.  
**dia santo**, terra sem ser cavada, mas coberta com terra.  
**di-le, diz-lhe**.



**dixe**, disse (eu).  
**dixo**, disse (elle).  
**domnio**, dominio.  
**drento**, dentro.  
**drumir**, dormir.

## E

**edra**, hera.  
**ei** = é em Freixo; ex.: *Num  
 sé!* Em Moncorvo *ái*; ex.:  
*Ribáira!*  
**eis**, elles; ex.: eis num venem.  
**embelga**, -ar: leira, lavar ás  
 leiras.  
**embolcar**, virar. Vid. *bolcar*.  
**enchicharrar**, escamar, arre-  
 messar.  
**endeis** (héndeis), haveis (de).  
**enviusado**, torcido, obliquo.  
**-erem**, -aram (nos verbos),  
 como *vierem* = vieram, *es-  
 petarem* = espetaram.  
**erguer a vinha**, empar.  
**érvado**, medronho.  
**escova**, giesta.  
**esfoirar-se**, sujar-se o ani-  
 mal com as proprias fezes.  
**esgueirar**, fugir á pressa e ás  
 escondidas.  
**Estêvo**, Estevão.  
**estibeira**, esteva.  
**estudar para galgo**, emagre-  
 cer.  
**estuve**, estive.  
**ético**, etico.

## F

**façamos**, façâmos.  
**facel**, facil.  
**faohariz**, chafariz.  
**fachnqueiro**, lumieira de pa-

lha; tambem se diz *chafus-  
 queiro*.  
**fai**, faz.  
**fainarina**, janota, pedante.  
**fainonra**, pião feito com po-  
 dão.  
**fallar com fulana**, andar  
 amancebado.  
**fandinga**, garoto, maltrapilho,  
 homem muito rabugento e  
 miseravel.  
**fanega**, fanga.  
**fanfar**, retilar, retrucar, bater.  
**fano**, feno.  
**farda**, homem astuto; ex.: fu-  
 lano é uma farda!  
**farfalhão**, homem basofia,  
 syn. bafareira.  
**farfantão**, homemzarrão; ho-  
 mem valente e basofia.  
**farnétigo**, activo, trabalhador  
 (phrenetico).  
**far-se-te será**, facil será.  
**Faz-coa**, Foz-coa.  
**fazer o mandado** (infantil), de-  
 jectar.  
**fedanho**, -ar: importuno, im-  
 portunar.  
**feijões**, engina.  
**fermoso**, formoso.  
**flanella**, flanella.  
**fleteira**, sitio de muitos fetos.  
**fleito**, feto (planta).  
**figueira do demo** ou **do dia-  
 bo**, estramonio.  
**figuro**, cavalheiro.  
**fijeste**, fizeste.  
**fijo**, fez:  
**filheiro**, pae muito amante dos  
 filhos.  
**finca-rabunha**, de má fé, de  
 proposito, com malicia.

- fistor**, basofia, entendedor, astuto.  
**fite**, alvo; jogo de rapazes.  
**fuje**, fuligem.  
**fófres**, fosforos, fulminantes.  
**folecro e frefolho**, certo pas-saro.  
**fona**, faisca de lume.  
**fónas**, sujeito sem importancia.  
**fórem**, foram; usa-se muito em Lagoaça; ex.: elles já lá fo-rem. Em Lagoaça dizem sem-pre assim; ex.: *andarem* == andaram, *espetarem* = espe-taram.  
**fraca-ohicha**, homem ruim e muito magro.  
**fraga**, fragua da forja.  
**frangalho**, bocado, farrapo.  
**franjosoa**, amante, concubina.  
**frecheiro**, passarinheiro, rapaz amigo de andar aos ninhos.  
**freijões**, feijões.  
**frexoal** (com *x*, e não com *ch*), sitio de cannas-frechas.  
**frijóoo**, barranco.  
**friu**, frio.  
**frofe**, espaleta.  
**frosquinha**, festa, cumpri-mento enganador.  
**frosquinhas e fôsquinhas**, piraetas.  
**fumos**, fomos.  
**fussa**, fôssa.  
**fuste**, foste.  
**fustes**, gravetos.  
**futre**, miseravel.
- G**
- gaoho**, cacho.  
**galapios**, mãos grandes.  
**galdério**, vadio, esbanjador, intrujão.  
**galfeira**, labareda.  
**galhastro, galhusco, galhis-tro**: animal de um só testi-culo.  
**galheiro**, pau cheio de galhos para segurar o fumeiro.  
**gallo de laranja**, gomme.  
**gambias**, pernas altas. Dar ás gambias; fugir.  
**gambuzinos** (andar aos), an-dar a vadiar.  
**ganho** (andar de), estar pre-nhe; ex.: fulana anda de ga-nho.  
**garejeira**, varejeira (mosca).  
**garimba**, garupa.  
**garimbar**, bater, castigar.  
**gata**, lebre.  
**gateira**, agueira dos campos; orificio numa parede para en-trarem as aguas, ou numa porta para entrarem os ga-tos.  
**gavarinho** (de), de vagarinho.  
**gaziar**, o gritar das aves, prin-cipalmente as gallinhas.  
**gemelgar**, ter duas crias (os animaes); duas gemmas as plantas.  
**gemelgo**, gmeo.  
**gerigóto**, fino, esperto, traba-lhador.  
**gingueiro**, bonito, catita.  
**gino**, rebento; vid. *guico*.  
**Ginueva**, Genoveva.  
**glontrão**, comilão.  
**gódia e godiar**, falar muito; começar a falar a criança; *dar gódia*: falar muito.  
**gólar**, berrar muito, ralhar.

gólas, guelas.  
 góldre, desavergonhada, concubina, descarada.  
 golgueira, peito.  
 górdar, guardar.  
 Gracia, Garcia.  
 grões e grões, grãos de bico.  
 graiço e grainço, granizo.  
 grainçar, granizar.  
 grasnar, correr o entrudo, deitar pulhas, criticando alguém com a voz demudada.  
 gricha, fenda numa fraga cu num vaso, por onde corre agua.  
 grima, horror, medo.  
 guerriento, importuno, enfadonho, rabugento.  
 guindia, malagueta.  
 gulaimar, comer e beber muito.  
 gulaimas, comilão, lorpa.

## II

hájamos, hajamos.  
 hilverneira e hilvernada, tempestade.  
 home, homem.  
 horreiro, lameirinho; sitio muito fresco e fertil.

## I

iatado, sem rasgo, sem expediente.  
 iba, iva: ia.  
 -ige = -igem: impigem.  
 image, imagem.  
 imbilhar, enganar com astucia.  
 imboflas, pimpão, basofia.

imparo, amparo.  
 imprêgado, entrevado.  
 inquietar, seduzir.  
 incandleirado, bebado.  
 incellente, excellente.  
 inclamidade, calamidade.  
 incolito, inconico e inoonito: incognito.  
 indorinha, andorinha.  
 injangrar, -ado: entreter, demorar o serviço de proposito.  
 injêgado, -a: atrophiado; diz-se principalmente das crianças.  
 ingarella, -ar: certo meio de carregar molhos de centeio, trigo, etc.  
 Ingelca, Angelica.  
 ingrampar, enganar.  
 ingreja, egreja.  
 ingrír, apertar com a corda a engarella. *Corda de ingrír* = corda do carro, calibre.  
 inimigo, demonio.  
 inloular, seduzir, enganar.  
 inreminar, desafiar, reponar.  
 inzona, enredo.  
 inzoneiro, enredador, mexeriqueiro.  
 intê, até.  
 Interio, Anthero.  
 intolhar, parecer; ex.: *intolhar-se-me* que sim.  
 intolar-se, atolar-se.  
 intolhar, encher muito.  
 intramôços, tremôços.  
 intravessar, vimar as terras.  
 1. introsga, entorse.  
 3. introsga, roda da azenha (moinho).  
 introuxo, cunhas da parte de fora do eixo.

**inveca**, aiveca.  
**inxido**, quintal.  
**inzeminar**, examinar.  
**inzército**, exercito.  
**inzona**, -eiro: enredo, enredador.  
**ir á serra**, encavacar.

## J

**jamboto**, cacete.  
**jinella**, janella.  
**João-da-rua**, vento.

## L

**lacosso**, -a: pantanoso, humido; ex.: esta terra é muito lacosa.  
**lágamo** (esdruxulo), paul.  
**lambisgoia**, mulher delambida, petulante, presumida.  
**lambitar**, -eiro: gulosas, gulosar.  
**langueirão** ou **langueiro**, preguiçoso, vadio.  
**lanhaço**, ferida muito grande e profunda.  
**lápantim**, garoto, atrevido, maroto.  
**laparoto**, astucioso, enganador.  
**lapouço**, coelho novo, homem gordo.  
**larada**, multidão; ex.: fulano tem uma *larada* de filhos.  
**laraita**, leitoa. — *Oh! laraita!* Muito bem! Bravo!  
**larego**, porco novo e ruim.  
**largueirão**, pequenino.

**laroteiro**, mandrião, astuto, velhaco.  
**larpar**, -ão: comer, comilão.  
**larvão**, -ada: sujeito que fala mal, asneira.  
**lastra**, pedra grauda.  
**lastrão**, -ada: pedra, pedrada.  
**lastroada**, pedrada.  
**lavoriado**, -a: muito ornado, primoroso.  
**leino**, bonito, catita.  
**leitão**, terra para cavar dentro do montão, deixando-se no interior a terra crua: synonymo de *queijo*.  
**leitazóna**, lebre.  
**lenteiro**, terreno humido; lameirinho.  
**levante**, motim; ex.: foi tudo num *levante*, em massa.  
**libertar**, evitar uma questão.  
**Lixandre**, Alexandre.  
**loije** e **loigea**, loja.  
**lónas**, mentiras. Um *lonas* = sujeito sem valor.  
**lorga**, lura.  
**lóstro**, bofetada.  
**lumiaco**, morrão para crestar as colmeias.  
**lurda**, bofetada, castigo.  
**lureiro**, loureiro.  
**luvar**, levar.  
**luz-fusque**, anoitecer; tambem se diz *luzque-fusque*.  
**lüzios**, olhos.

## M

**macha-femea**, hermaphrodita.  
**Madanela**, Madalena.  
**madureiro**, celleiro de frutos no campo feito pelos rapazes.

**mãezeiro**, menino muito amigo da mãe. Vid. *paizeiro*.  
**maila**, mais a; ex.: fui eu e *maila* Maria.  
**majedoura**, manjedoura.  
**málanho**, -anhas: mal haja. mal hajas.  
**mamão**, ladrão.  
**manda**, peditório para festas religiosas.  
**mandilête**, trabalho pequeno, recado.  
**mangorriar**, não fazer nada.  
**manhão** e **manhê**, manhã.  
**manjor**, major.  
**manta**, terra para cavar no interior do montão.  
**mão beijada**, certo direito de estola.  
**marezia**, multidão.  
**marralheiro**, alquebrado, preguiçoso.  
**martambuzio**, macambuzio, bruto e tristonho.  
**martle**, martyr.  
**melgotão**, maracotão.  
**melgueira**, pechincha, mimo.  
**merujar**, chover a meudo.  
**merujo**, chuva meuda.  
**mestronço**, bruto, inepto, andrajoso.  
**Metildes**, Mathilde.  
**migar**, cortar carne com a faca para se cozer.  
**milde**, mão do mangual.  
**milgrada**, -eira: romã.  
**mirantêgo**, maranteu (passaroi).  
**misgar**, ver com muita atenção.  
**missóco**, porção diminuta; por ex.: um *missóco* de pão = uma fatia.

**mistella**, mistura.  
**miudos**, gravetos.  
**mochico**, pedaço de pão.  
**mófas**, faiscas apagadas.  
**molejar** e **molinhar**, chuva meuda.  
**móna** e **mórra**, estertor do pião.  
**monha**, dissimulado.  
**montão**, typo inepto, porco.  
**moquir**, comer a meudo.  
**morar**, entreter (crianças).  
**mórdo**, fatia de pão.  
**moreira**, amoreira.  
**moroça**, parede baixa e estreita no campo.  
**morondar**, andar de vagar e com disfarce.  
**morreu-se**, morreu.  
**mortorio**, vinha morta; terreno magro e inculto.  
**mosear**, partir, andar.  
**mozeta**, criada ruim.  
**murdo**, dissimulado. Vid. *Salamurdo*.  
**murilhos**, ferros de cozinha.  
**musgão**, inhabil, sem valor.

## N

**nafo**, -a: animal com a anca dascaída.  
**nãfilho**, enteado.  
**nanja**, não já; ex.: *nanja* por isso.  
**nascença**, tumor, e nascimento; ex.: tem uma *nascença*; é cego de *nascença*.  
**nêdinho**, mínimo (dedo); também se diz *mindinho*.  
**nêna**, boneca.



**nevegar**, ir; ex.: anda! na-  
vega!  
**nica**, ferroadada do pião; no plu-  
ral emprega-se acêrca de um  
sujeito miseravel.  
**nicrar**, -ado: picado das be-  
xigas.  
**nôdia**, nodoa.  
**norégo**, terreno inculto e sem  
valor.  
**nôrinha**, doninha.  
**num**, não; ex.: num vou.  
**nuvia** e **nuvre**, nuvem.

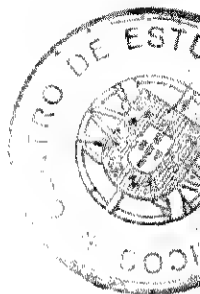
## O

**o**. O o soa aberto em *oro*,  
*môrto*, *pôrco*, *côrro*, etc.  
**obrar**, dejectar.  
**ó chou** (com *ch*), á toa.  
**oitro**, outro,  
**ôla**, terra muito mole (nos ca-  
minhos).  
**olhapudo**, criança com o sen-  
tido em comida.  
**olharapa**, larapio, patife.  
**olheiro**, terreno pantanoso;  
nascente de agua.  
**omage**, imagem.  
**onte**, ontem.  
**or'**, ora.  
**oração** (um), oração. Fazem a  
palavra masculina; ex.: Eu  
sei *um oração* muito bonito.  
**orelheira**, aiveca.  
**osga**, aversão.  
**ougar**, apertar os feiches de  
lenha.  
**oulá!** olá!  
**ouvo**, ouço,  
**oveiro**, vadio.

**ovo de pata ohristã**, escre-  
mento.

## P

**pagarote**, contribuição, dívida.  
**paizeiro**, menino muito amigo  
do pae. Vid. *mãezeiro*.  
**paivante**, cigarro ordinario.  
**panariz**, certa especie de tu-  
mor.  
**pandorca**, mulher feia e muito  
magra.  
**pantesma**, phantasma.  
**palaio**, paio.  
**palancho**, gordo.  
**pão**, centeio.  
**papa-labrestos**, bruto, sem  
expediente.  
**papão**, medo ás crianças, in-  
trujão.  
**papar**, comer, intrujando.  
**pardaleja**, pardoca.  
**parpalhaz**, codorniz; sujeito  
bonacheirão.  
**parrascana**, bruto, desalma-  
do, simplorio.  
**párrico**, parocho.  
**pascoeira**, certa herva seme-  
lhante a grama.  
**passarinha**, baço, e certa es-  
pecie de herva.  
**patachim**, certo passaro.  
**patata**, batata.  
**pateira**, plana (rua).  
**pecissão**, procissão.  
**pedival**, terra solta de pedra  
lascada de schisto; terreno  
inculto.  
**peguilho**, queijo, azeitona, etc.  
Alimento leve para se comer  
com pão; ha o verbo *apegui-*



- lhar* = comer carne e pão, e não só a carne, como fazem ás vezes as crianças.
- peinaça**, mulher ventruda, gorda.
- pelar-se por**, desejar muito; ex.: fulano *pela-se por* dinheiro.
- peligrino**, peregrino.
- pelo-d'ora**, por ora.
- percebelho**, persevejo.
- periquito**, paio.
- pernostigo**, repontão.
- perspineiro**, mexilho do arado.
- pépia**, concubina.
- pesperneiro**, mexilho.
- pexégo**, pessego.
- piara**, rebanho de gado.
- Piares**, Poiares.
- piasua**, puãozinho.
- piçarreira**, rocha de schisto.
- pido**, peço.
- pilata**, -as ou **pirata** -as: pedinchão.
- pileu**, miseravel, sujeito sem palavra nem valor.
- pimpar**, bater.
- pimparralhão**, -ona: pimpão.
- pinção**, pedunculo dos frutos.
- pincha-carneira**, trambulhão.
- pinheiro**, de chifres levantados (boi).
- pi!** **pi!** ou **pulinha!** **pulinha!** voz para chamar as gallinhas.
- piquenino**, pequenino.
- piranga**, -ar: pelintra, esmollar.
- pirar**, fugir.
- pirata**, malandro.
- pirum**, peru.
- pisgar-se**, desaparecer.
- píta**, gallinha.
- pito**, pintainho.
- plantar oimos** ou **choupos**, mandriar no trabalho.
- plauriz**, pleuriz.
- Plinairo**, Apollinario.
- ploura**, pneumonia.
- pocéca**, pocinha.
- poico**, pouco.
- poisado**, pousio.
- pônem**, põem.
- ponta de gado**, porção de gado.
- porquisso**, por isso.
- pôrse na pirez**a, desapparecer. fugir.
- prantar figueiras**, cair nos caminhos.
- pratiga**, pratica.
- precatar-se**, dar pela conta; ex.: quando mal se precatou, onde estava elle!...
- prêcurar**, procurar.
- prepõe** ou **prepõezinho**, typo ruim e sem actividade.
- proio**, anus.
- propio**, proprio.
- prosmá**, historieta, mentira.
- prove**, pobre.
- pruma**, pluma.
- puxar**, provocar.



- quecido**, aquecido.
- quecote**, nuca.
- queijo**, terra por cavar dentro do montão.
- ques** e **quije**, quis (3.<sup>a</sup> pessoa; a 1.<sup>a</sup> *quijo*).
- quesilha**, -ar: arrelia, arreliar.
- quespoço**, pescçoço.
- quetote**, nuca.

quetovia, cotovia.  
 quetrofe ou cutrofe, nuca.  
 quijo, quis.  
 quinochar, guinchar (o leitão).  
 quinchoso, quintal.

## R

rabaoeiro, amigo de fruta.  
 rabioseca, volta, rodeio; anus.  
 rabiosque, anus.  
 rabistel, ponta de gado.  
 rafado, sem dinheiro.  
 rais, raio (em frase), por ex.:  
 um rais te parta!  
 raitana, leitoa.  
 rancólho, mal castrado.  
 raparigo, rapaz.  
 rascalho, -anho: franças.  
 raspanço, reprehensão.  
 rata, toupeira.  
 Reboredo, Roboredo (serra).  
 reco, porco.  
 redólho ou redrólho, cordeiro  
 ultimo a nascer.  
 refletario, refractario.  
 rei da vida, certo passaro  
 (= rei David?)  
 reixinol, rouxinol.  
 relampar, luzir, brilhar.  
 relampo, relampago.  
 relamposo, lustroso.  
 relar, -ado: emagrecer, ma-  
 gro; importunar.  
 relate, sobrecarga.  
 reloujo, relógio.  
 remanguenza, -nheza: des-  
 culpa.  
 repuxada, reprimenda.  
 rescurdar, recordar.  
 resenta, humida (terra).  
 resura, muito calor.

retrouxo, cunha do eixo do  
 carro.  
 rincoalho, certo insecto (   
 ralo); e tambem instrumento  
 infantil.  
 riu, rio.  
 ronoal, seara muito forte.  
 rôço, dinheiro; ex.: fulano tem  
 muito rôço.  
 rôcos, cogumellos.  
 roncha, ruga (na cara).  
 rumella, ramella.  
 ruvinhão, percevejo.

## S

safle, facil (metathese).  
 salagre, quebradiço (ramo ve-  
 getal).  
 salamurdo, dissimulado, des-  
 confiado. Vid. *murdo*.  
 salimão: sob mão; ex.: pe-  
 drada de *solimão* — por baixo  
 da mão; oppõe-se à pedra-  
 da — de *barrada*.  
 samear, semear.  
 samos, somos.  
 sanceno, caramello das arvo-  
 res.  
 sanchas, certos cogumellos.  
 santairo, santuario.  
 sapeira, aversão, fome,  
 sapoila, -ar: vagaroso, andar  
 de vagar.  
 saquiada, sacco.  
 sarambeco e sacaramello,  
 gago, tartamudo.  
 sarinhola e sairinhola, terra  
 ruim.  
 Saviel, Xavier.  
 scabichar, investigar com mui-  
 ta attenção.

- 'scambrão, scambreiro: espinheiro.
- 'soambrar, parar de chover; syn. estinhar.
- 'scambrueiro, espinheiro.
- 'scampar, parar a chuva.
- 'sca-, soumungado: escomungado, malvado, maroto.
- 'scapulir, fugir; ex.: fulano escapuliu-se.
- 'soarduça, tosa, castigo.
- 'soarmentado, ferido, ensinado, pratico.
- 'scarnar a carga, alarga-la.
- 'scarolar, tratar bem as crianças.
- 'scaarrilhado, magro.
- 'soocar, beber.
- 'soontra-ounhado, concunhado.
- 'soõparo, escopro.
- 'scoura, scouradal: escoria, sitio de escoria.
- sêoca e sôlha, ferroada do pião.
- seooadal, terreno seco e inculto.
- selamurdo, pouco fallador, disfarçado.
- semiscarunfo, feio.
- senoitar, seroar.
- sentidoso, -a: criança amiga de receber dê comer.
- serapião, criança pallida e muito magra.
- serigaita, mulher lepida ou muito magra e delambida.
- servir-se de fulana, andar em mancebia; ex.: fulano serviu-se de fulana.
- 'sfoirar-se (é sempre reflexo): sujar-se nos proprios dejectos.
- 'sfrangalhado, -ar: roto, desprezível, maltrapilho.
- 'sfregante, nesse instante.
- 'sgaurido, desprezível, cheio de fome.
- 'sgodar, cortar muito uma arvore.
- 'sgórrir, escorregar, fugir.
- 'sgrouviado, lepido, bonito.
- sigura, suôrrro, roda do pião.
- silestre, raras vezes; ex.: por silestre avêzo dinheiro.
- sinhora, senhor, num sênhora.
- sintido, sentido.
- 'semisoarunfo, feio.
- sobrelhal, sobreiral.
- sobróssso, remorso.
- sócro, sóco, calçado de pau.
- soidade, saudade.
- sovinha, pau de segurar o presunto.
- 'spiolhar, prezar muito as crianças.
- 'sreviço, serviço.
- 'stamago, estomago.
- 'stanamétre, systema metrico.
- 'stapor, estupor.
- 'stelicar, -ado: emagrecer, emagrecido.
- 'sterco, barulho; ex.: fazem um esterco levado da breca.
- 'sterloquio, colloquio.
- 'stinhar, parar a chuva.
- stravessar, vimar as terras.
- 'strefogueiro, ferro do lume.
- streitoeiras, certas peças do carro.
- strepôr, pôr do sol; passar adeante.
- 'stringar, cortar, esgalhar muito as arvores.

'**Stnvaes**, Estevaes, nome ed povoação.

**sucho**, medo; ex.: metti lhe um sucho!

**sumbir**, subir. Ex: faça favor de *sumbir*, eu *sumbo* a esta arvore.

**surríoha**, -ar: bochecho, bochechar.

**surricho**, -a: o fundo do caldo; uma pinga de agua.

**susparar**, -ção: separar, separação.

## T

**talegre**, telegrapho, marco geodesico.

**tamoella**, timão da grade.

**tanga**, tabua.

**tánhamos**, tenhamos.

**tanho**, tenho.

**tarieiro**, **tariento**: bulhento.

**tarono**, pião feito ao podão; oppõe-se ao pião torneiro.

**tarrão**, torrão.

**tarrinheira**, viella.

**tatau**, castigo.

**tato**, demente, tolo, tartamudo.

**tem-te-na-raiz**, certo passaro.

**ténem**, teem.

**térvio**, trevo.

**tindes**, tendes.

**tinente**, tenente.

**toalta**, pimpão, basofia.

**tôpeira**, toupeira.

**terrinheira**, montão de pedra no campo.

**torsa**, padieira.

**tosoar**, entender, perceber muito bem.

**toutello**, terra muito magra e empedrada.

**toutiço**, -ada: cabeça; pancada.

**traí**, traze.

**trainar**, passear, gozar.

**tra'la**, detrás da; ex.: vae *trála* egreja.

**tralhar**, coagular; ex.: o leite tralhou-se.

**trambolho**, pau grosso e curto, homem muito gordo e mal feito.

**trambusana**, homem desageitado.

**tranqueiro**, hobreira.

**trapeiro**, sóbrado do carro.

**trasgo**, vivo, bulçoso; diz-se das crianças.

**trasguinho**, duende; espirito batedor, de um palmo de altura, e com alforge e martello para fazer barulho.

**travella**, gorgulho do pão.

**treitouras**, peças do carro.

**trê'lo**, detrás do; ex.: venho de *trê-lo* o forno; vid. *tra'la*.

**tremer** (os frutos), murcharem com o calor.

**triato**, theatro.

**trigueo**, trigo.

**trivão**, trovão.

**trotó**, terra ruim (leira).

**tulogramma**, telegramma.

## U

**ugar**, apertar os molhos.

**ullo**, -a: ex.: *qu'è d'ullo?* (onde está elle?). Só se usa nesta

phrãse, ou em *a ullo?* «onde está elle?».

**unha-gata**, certa herva espinhosa.

**unhas**, avaro, miseravel; ex. fulano é um unhas.

**urca**, mulher gorda.

### V

**vaganau**, corpulento.

**valga** (palha), palha centeia; oppõe-se á palha triga.

**vanho**, venho.

**varas verdes** (vestido de) = castigo. Tremar como varas verdes = recear muito o castigo.

**varejo**, reprimenda.

**varjador**, varejador.

**vasa**, vagem.

**vazio** (gado), carneiros castrados e ovelhas não cobertas.

**Vences**, Wenceslau.

**vênem**, veem.

**vêo**, yeio.

**vigairada**, vida airada.

**vinheste**, vieste.

**vintuzios**, vintens.

**Vitaro**, -orio: Victor.

**voicê**, vòncê: você.

**vòssinhoria**, vossa senhoria.

**vrido**, vidro.

### X

**xiquera**, sequer.

**xôrdo**, surdo.

**xustro**, susto.

### Z

**zabumba** = **zabumbar**, bombo; bater.

**zaburro** (milho), certa especie de milho.

**zaino**, -a: malicioso, -a.

**zambóto**, pau curto e grosso.

**zamborra**, instrumento de musica popular.

**zamburrada**, grande quantidade.

**zangarrão**, bezouro.

**zanziuo**, moscardo.

**zaragata**, barulho, desordem.

**zaralho**, typo ruim.

**zarapilheira**, mulher mal educada e maltrapilha.

**zarelhar**, enredar.

**zavado**, -a: manhoso, -a.

**z'balgir**, desperdiçar; tambem se diz esbalgir.

**zembro**, torto das pernas.

**zerapilharia**, panno ruim.

**z'grouviado**, muito lavado e janota.

**zornar**, zurrar.

**zorro**, -a: filho natural; pessoa muito preguiçosa.

**zoura e -ar**: diarreia, dejectar.

**zourado**, snjo nos seus dejectos.

**zuate**, anus.

**zurpa**, molho ruim.

**zupar**, bater; ex.: zupa-lhe para baixo.

**zurrar**, bater.

**zurva**, caldo ruim.

Carviças (Moncorvo).

Abb.<sup>o</sup> TAVARES TEIXEIRA.

## MISCELLANEA

## I

## A procissão das lanternas em Lamego

Como succede a todas as povoações cuja fundação se occulta na penumbra dos seculos, Lamego possui lendas e fabulas, que a poesia tem revestido de roupagens pittorescas, embora a historia as ponha de parte, porque, mais prosaica e positiva, não se prende com as lendarias ficções que as gerações vão transmittindo umas ás outras.

Entre as antiguallias curiosas de Lamego merece especial registo a chamada *procissão das lanternas*, talvez unica em todo o país. Apresenta muitos pontos de contacto com a tambem chamada *feira das lanternas*, que se realiza no Celeste Imperio desde o dia 13 ao dia 17 do primeiro mês do anno, e que achamos descrita no *Diccionario Historico*, de Pinheiro Chagas, vol. VII, pag. 96.

Na segunda quinta-feira da quaresma, á noite, é conduzida a imagem do Senhor dos Passos do extincto Convento da Graça de Lamego para a Sé, de onde sae a procissão no domingo seguinte. O prestito nocturno é um cortejo a capricho e com toda aquella feição antiga que dá certa côr local a estas festas populares. Nelle se encorporam centenaes de homens, mulheres e crianças, todos munidos de balões transparentes de differentes côres, suspensos no alto de cannas, varapaus e ramos de arvores, e illuminados pelos classicos pavios que já em parte vão sendo substituidos pela

brilhante luz de acetylene. Os balões são adornados com figuras, de côres variadíssimas, nelles pintados.

Figuras e feitios dos balões ou lanternas representam quanto a imaginação popular fantasia e devaneia mais extravagante. Assim vêem-se lanternas com o feitio de castellos, navios, edificios, tulipas, sapatos, gaiolas, cestos, igrejas, colletes, vasilhas, etc., etc.

Outras vezes são enormes lanternas de vidro multicolores, em que tambem se acham representados os mais variados desenhos. Naquella noite não ha rapaz, por mais pobre que seja, que não saia para a rua munido da sua lanterninha. O mais interessante é que todos á porfia procuram saber uns dos outros quaes os modelos que tencionam apresentar, para com o maior sigillo mostrarem melhor novidade.

De modo que com tal capricho o aspecto da procissão é verdadeiramente bello e muito curioso.

Eis algumas das trovas que os frades entoavam durante o trajecto e que aqui podemos reproduzir graças á amabilidade de um antigo cidadão de Lamego:

O Senhor vae para baixo,  
Ninguem falte a acompanhá-lo;  
Quem não pode reze em casa  
E amanhã vá visitá-lo.

Ó que linda quinta-feira,  
O que lindo claro dia,  
Vai o Senhor para baixo  
Visitar o d'Agonia.

Descançae, ó meu Jesus,  
Vossa cruz em nossos braços;  
Dae-nos a coroa de espinhos,  
Divino Senhor dos Passos.

O Senhor vae para baixo,  
Os frades ficam chorando;  
Luminarias ás janellas  
Que o Senhor já vae passando.

Aos pés do Senhor dos Passos  
Vamos fazer oração,  
Para que sejamos dignos  
Dos frutos da Redempção.

Refere tambem a tradição que em tempos remotos a procissão acabava por serios motins entre o rapazio das duas freguesias, Santa Maria Maior de Almacave e Sé, em que a cidade se divide. Como o Senhor passava da primeira para a segunda, a rapaziada formava dois partidos, e então se desenvolvia a immemorial rivalidade que existia entre os dois bairros. As chufas cruzavam-se logo apenas saía o andor, e ao mesmo tempo os dois bandos entoavam com grande algazarra — os da freguesia de Almacave



(praça de cima) estas quadras, e outras que aqui não podemos reproduzir por demasiado livres:

O Senhor dos Passos tem  
Um madeiro de oliveira,  
Que lh'o deram os judeus  
Da rua da Carquejeira.

Os judeus da praça de baixo  
São um bando de ladrões,  
Levam Nosso Senhor  
Para a Sé aos trambulhões.

O Senhor vae para baixo,  
Vai para a terra dos judeus;  
Vamo-nos d'aqui embora  
Por causa dos phariseus.

O Senhor vae para cima,  
Vae para a terra dos anjinhos;  
É um gosto lá estar,  
São todos innocentinhos.

O Senhor dos Passos chora,  
Chora sem consolação;  
Os judeus da praça de baixo  
Alancearam-lhe o coração.

A que os da Sé (praça de baixo), replicavam:

O Senhor vae para baixo,  
Vem da terra dos judeus;  
Vamo-nos d'aqui embora  
Que lá vem os phariseus.

O Senhor dos Passos chora  
P'lo seu dedo polegar,  
Que lhe cortaram os judeus  
Quando estava no altar.

O Senhor dos Passos tem  
Um madeiro de papelão,  
Que lhe puseram os judeus  
Em frente da Relação.

O Senhor dos Passos chora  
Pelo seu dedo mendinho,  
Que lhe cortaram os judeus  
Quando era pequenino.

Os judeus da praça de cima  
São um bando de piratas,  
Trocaram Nosso Senhor  
Por um sacco de batatas.

Com o andar lá iam de envolta com esta estrondosa cantilena, até que á porta e até dentro da cathedral, por despedida, partiam uns nos outros as cannas e varapaus, e semeavam pedras como doidos, assistindo sempre o Senhor dos Passos a este espectáculo com paciencia evangelica. Afinal intervinham os homens mais sensatos, e dispersavam a rapaziada, que por vezes se desafiava para segunda luta, que quasi sempre tinha por campo de acção o santuario dos Remedios, aonde por seu turno acudia a força armada.

Felizmente a procissão na actualidade não é caracterizada pelos motins a que nos referimos, e a rivalidade entre os bairros da cidade pertence apenas á historia local.

Nos ultimos annos tem-se organizado procissão semelhante por occasião do saimento da imagem da Senhora dos Remedios do respectivo santuario para a igreja das Chagas, mas não é revestida da imponencia da sua congenere quaesimal.

Aqui registamos em breves palavras a tradicional procissão, receando que com o decorrer do tempo venha mais ou menos a cair em desuso, com outras usanças do nosso povo; o que, porém, não é muito crível, pelo enthusiasmo com que ainda hoje o povo de Lamego concorre aquella solemnidade religiosa.

Lamego, 11 de Outubro de 1909.

FERNANDO BRAGA BARREIROS.

## II

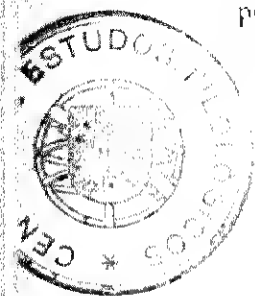
### Colaga

Da palavra *colaga* «viella», mencionada como trasmontana por Gonçalves Vianna na *Revista Lusitana*, 1, 209, tratam Meyer-Lübke e Schuchardt na *Zs. f. rom. Philol.*, xxviii, 602, e xxix, 225, indicando aquelle como etymo o latim *cloaca* no sentido de «cano de limpeza», e presuppondo este a serie *cloaca* > \**colaca* > *colaga*.

Devo acrescentar que *colaga*, a ter aquelle etymo, não pôde ser originariamente palavra portugueza, pois que o *-l-* intervocalico devia cair, o que não acontece em castelhano. Considero, pois, *colaga* palavra castelhana, passada para o vocabulario trasmontano-raiano. A palavra *colaga* não vem em dictionarios hespanhoes; mas quantas não faltarão lá, tanto mais que esta é provinciana?

Da ideia de *cloaca*, isto é, de «cano», passar-se-hia para a de *colaga*, isto é, «viella», como da de *canaliculus*-*canalicula* se passou para a de *quélho*-*quélha*, que tambem significam «viella». As palavras *quélha* e *quélho* são correntes na Beira-Alta, no uso commum; o onomastico mostra-no-las tambem em Trás-os-Montes e Entre-Douro-e-Minho.

Em Lisboa ha uma *rua do Quelhas*, mas *Quelhas* é aqui manifestamente um appellido adaptado a nome de rua. O appellido *Quelhas*, que existe, por exemplo no Porto (vid. *Almanach Commercial*, de 1903, pag. 1:395), proveio, inversamente, de um nome geographico. A cada passo succede que uma designação geogra-



phica passa a appellido, e que, por outro lado, um appellido passa a designação geographica, — porque um individuo pôde tomar para si como appellido o nome da terra em que nasceu, em que habitou, ou d'onde os seus procedem (o que se vê dos seguintes: *Braga, Faro, Guimarães, Lisboa, Porto*), e pôde, com o seu proprio nome ou sobrenome, denominar qualquer terreno que possuia, o qual com o tempo se torne povoação (por exemplo *Brettiande*, de Bretenandi), genetivo de um nome godo). Pelo que toca ás ruas, as denominações d'ellas, quando tiradas de nomes pessoaes, resultam geralmente ou do de alguém que ali viveu, e que por qualquer circumstancia se tornou célebre (é o caso de certo com *Rua do Quêlhas*), ou de imposição official (por exemplo: *Rua de D. Carlos Mascarenhas*, em Campolide.)

J. L. DE V.

### III

#### Nomes de cavallos e mulas no seculo XVI

Quanto mais nós profundamos o estudo do passado, tanto mais achamos que o presente pouco difere do tempo que o precedeu.

A psychologia é invariavel dentro do periodo de que temos monumentos; o progresso só consistiu na posse do estado consciente e na distincção do absoluto e do relativo.

É ler a lista dos nomes dos cavallos, eguas e mulas que se encontravam em 1516 nas cavallariças do rei D. Manuel, e logo salta aos olhos o humorismo das denominações. Nem mais arrojio, nem mais ironia se pode encontrar hoje nos amadores hipicos.

Ali encontramos appellidos de pessoas bem conhecidas naquelle tempo, como Borba, Mendonça, Meneses, Brandão, Barreto; nomes de cargos e officios: Conde, Bispo, Alcaide, Toureiro, Hortelão; de logares: Granada, Lisboa, Carnide, Collares; de animaes, povos e pedras: Gato, Lobo, Alarve, Safira; de sinaes, manhas ou côres: Ruço, Fouveiro, Murzelo, Baio, Mofino.

A proveniencia de alguns dos animaes era de Marrocos ou de Inglaterra. O sustento era-lhes ministrado na conformidade das folhas que ainda hoje se encontram e que nos deram os nomes acima referidos dos habitantes das reaes cavallariças. Nas suas doenças recorria-se provavelmente ao livro de alveitaria de Mestre Giraldo, publicado na *Revista Lusitana* pelo Sr. Gabriel Pereira.

Seguem-se as listas:

Cavallos: O Borba; O Mendoga; O Alesymãao; O Meneses ruam; O Alarue lourigado; O Gato fouveyro; O Palha ruço; O Atayde; O Conde; O ruço d'Azamor; O castanho d'Azamor; O alazam Barbudo; O Bernalldo; O outro Lopez; O Meymaão craro; O Brandam; O Xeque; O Grada; O ruço Babeca<sup>1</sup>; O Allcayde; O Lobo; O Çafira; O Malauer; O outro Allcayde; a faca Tristoa; a mula Amaral; O Gato ruam; o fouveyro de Çaffim; a ffaca ingresa; o ffouveyro allfenado; a ffaca ruça ingresa; o castanho Ata he; o ruço Ata he; a mula Secretarea; o outro Gato; a mula dos Farelos; a mula murzela; a ruça Qeymada; O outro Palha ruço; a mula Condessa; a ffaca murzela do principe; o ruço Camyle; O Rodrygez; a ffaca rodada jngressa; a mula baya; a ffaca Rendeyra; a mula Rybeira; o Barreto; a mula Monteyra; a ffaca Myranda; O Remendado que foy do bispo; a mula de Joana Garcia.

Azemolas: O Toureyro; O Doutor; O Lopez; O Doyro; O Prioll; O Bobadylla; O Castanho; O Medyna; O Rybeiro; O Sousa; O Moffino; O Sampayo; O Lisboa; O Carnyde; O Viçoso; O Crasto; O Ruy dellpoço; O Ortellam; O Myranda; O Mendez; O Seuyllhano; O Colares; O Pacheco; O Arevalo; O Garrunylhas; O Noronha; O Castel Branco; O mu Bispo; O mu Guarda; a mula parda; a mula Medyna; a outra mula parda; a mula Godinz.

(Torre do Tombo. — *Corpo Chronologico*, parte II, maço 67, doc. 38 e 52).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

#### IV

### Portugal num romance do seculo XVIII

— Em um romance irlandês de aventuras, do sec. XVIII, intitulado **The story of Eagle-boy**, figura uma criança como nascida do casamento de Ricardo, filho primogenito do rei de Portugal, com a filha do rei da Scythia. «Au moment de la naissance de cet enfant, Richard venait d'être assassiné par son frère cadet, et la veuve de Richard, la fille du roi de Scythie, était prisonnière

<sup>1</sup> Assim se chamava o cavallo do Cid.

«dans une tour. Aussitôt né, l'enfant, que son oncle voulait tuer, fut enlevé par un aigle, et sa mère, grâce à un déguisement, s'échappa de la tour. Quant à l'aigle, il donna l'enfant à un des chevaliers du célèbre roi Arthur, c'est-à-dire au chevalier noir, fils du roi de France; ce chevalier l'éleva, puis l'enfant, devenu homme, vengea son père par la mort du meurtrier, et monta sur le trône de Portugal». — *Revue Celtique*, xxx, 323.

J. L. DE V.

V

Camões e W. Warner

Em 1586 appareceu em Londres um poema inglês intitulado *Albion's England*, escrito por WILLIAM WARNER. O assunto do poema é mythologico, e historico, mas no fim da obra o autor acaba a sua tarefa com uma relação das viagens dos navegadores ingleses. Se Ovidio e Vergilio lhe suggeriram o assunto mythologico e historico, quem o moveu a falar de viagens de descobrimentos? Os meus leitores portuguezes dirão a uma voz: Luis de Camões. Não se trata porém aqui de imitação servil; o autor inglês quis sómente mostrar que os seus compatriotas não ficavam na retaguarda. Indicaremos agora alguns exemplos de imitação<sup>1</sup>.

William Warner<sup>2</sup> tentou nada menos que rivalizar com o cantor da linda Inês no seu episodio de Rosamunda, amada do Rei Henrique II e victima do ciúme da sua mulher (*Albion's England*, p. 600); comtudo, em vez de cruzados de ouro, offerece-nos patacos! Em vez de Magriço temos no poema inglês o cavalheiro Mandevil (*Albion's England*, p. 632). Ambos são viajantes.

*Lus.*, vi, 54:

Fortissimos consocios, eu desejo  
Ha muito já de andar terras extranhas,  
Por ver mais aguas que as do Douro e Tejo,  
Varias gentes e leis, e varias manhas.

<sup>1</sup> [Talvez estes exemplos sejam meramente casuaes. — J. L. DE V.]

<sup>2</sup> Citarci as paginas da reimpressão da sua obra no vol. iv dos *Works* *th e English poets by Alexander Chalmers*, Londres, 1810.

*Albion's England*, p. 633:

Bills of exchange, and all things els,  
 Prepar'd for trauell fit,  
 Vnto his friends, grieu'd he would goe,  
 He then imparteth it.

*Lus.*, vi, 53:

Já do seu Rei tomado têm licença  
 Para partir do Douro celebrado.

*Albion's England*, p. 633:

The King did giue him letters for  
 Safe-conducts of the corte  
 Loth him to leaue, he taketh leaue.

Ambos apparecem na justa no tempo opportuno.

*Lus.*, vi, 62:

Eis entrar um cavalleiro, que trazia  
 Armas, cavallo, ao bellico serviço.

*Albion's England*, p. 633:

...when mounted well,  
 Both man and horse in greene,  
 A knight appear'd.

Nos amores do cavalleiro Mandevil e de Elenor o autor inglês segue á risca os da Imperatriz Archisidea com o Principe Rogel na novella hespanhola «Florisel de Niquea».

A lealdade de Sir Alexander Seiton (*Albion's England*, p. 573) faz-nos pensar logo em Egas Moniz, mas eis aqui algumas semelhanças mais:

*Lus.*, II, 108:

Agora lhe pergunta pelas gentes  
 De toda a Hesperia ultima, onde mora:  
 Agora pelos povos seus vizinhos,  
 Agora pelos humidos caminhos.

*Albion's England*, p. 640:

Him often questioned this king  
Of vs, and Europ's strength.

*Lus.*, v, 86:

Crês tu, que tanto Eneas e o facundo  
Ulysses, pelo mundo se estendessem.

*Lus.*, v, 89:

Que por muito, e por muito que se afinem  
N'estas fabulas vãs, tão bem sonhadas,  
A verdade, que eu conto nua e pura,  
Vence toda grandiloqua escriptura.

*Albion's England*, p. 644:

The Iliads, and Æneados,  
For texte, and truth, might yeeld  
Vnto that learned Muse that should  
Manure that plentious field.

.....  
In fiction, or in mysterie,  
To reade would lesse delight,  
Than would significantly some  
Their glorious iornies wright:  
The paines of such invited pens  
Such subiect would requite.

*Lus.*, v, 11:

Ouvi! que não vereis com vãs façanhas,  
Phantasticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas extranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas:  
As verdadeiras vossas são tamanhas,  
Que excedem as sonhadas, fabulosas.

*Lus.*, v, 23:

E tudo sem mentir, puras verdades.

*Albion's England*, p. 634:

In trewer perils, and more braw  
Achieuements, than the tailes  
Of Iason and Vlysses, of  
Their fabled sea-toyld sailes.

*Lus.*, VIII, 2:

Este que vês, é Luso, d'onde a fama  
O nosso reino Lusitania chama.

*Lus.*, VIII, 5:

Ulysses é, o que faz a sancta casa  
À deusa, que lhe dá lingua faconda;  
Que se lá na Asia Troia insigne abraza,  
Cá na Europa Lisboa ingente funda.

*Albion's England*, p. 604:

He (Brute), conquering this ile, his name  
Vnto his conquest gaue:  
.....  
Yorke's builder, Ebranke...

*Lus.*, VIII, 63:

Que toda a terra é patria para o forte.

*Albion's England*, p. 636:

..one resolu'd  
Makes euery country his.

Worcester (Massachussetts), Estados Unidos da America.



JOSEPH DE PEROTT.



## VI

## Nomes do typo de «Suatorre»

Na *Revista Lusitana*, VIII, 67-69, estudei um processo glotto-lógico usado no Alto-Minho na formação de nomes de lugares ou sitios, cujo typo é *Suatorre* por *soib*) a torre.

Nas matrizes prediaes do concelho de Villa do Conde (Baixo-Minho) encontrei varios exemplos do mesmo processo:

*Sorrego* = so o rego: freguesia de Macieira;

*Suavilla* = so a villa: freguesia de Gião;

*Subillar* = so o villar: freguesia de Mindello;

*Suamanga* = so a manga: ibidem;

*Semoimenta* = so moimenta: ibidem. Cfr. *senoute* < so noute.

Provavelmente, *Soateiro* está também por *so o eiteiro*, por isso que no Minho *oiteiro* soa *eiteiro*, e facilmente se confunde *ei* atono com *ai*. Temos igualmente *Soeira*, que, se não é o feminino de *Soeiro*, nome de homem, se explica por *so a eira*.

J. L. DE V.

## VII

## Etymologias

## I. chêdas.

Em celtico havia \*cleta, a que em irlandês antigo correspondia *cliath*, no sentido do latim «crates»: vid. A. Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, s. v.

De \*cleta veio o francês *claié*, que tem varias significações, «cançada» e congeneres, e veio o deminutivo latino-medieval *cletella*, que Gregorio Turonense emprega neste texto adduzido por Holder, *l. c.*: *plaustra cum arietibus*, *CLETELLIS et axebus tecta*, onde se faz referencia a machinas de guerra a que os soldados se acolhiam no cêrco de certa praça.

Creio que \*cleta é o etymo da palavra portuguesa *cheda*, usada de ordinario no dual: *chêdas*. Phoneticamente, nada temos que objectar: *ci-* > *ch*, como em *clave* > *chave*; *-i-* > *d*, como em *rota* > *roda*. Pelo que toca á semantica, também me parece que achamos confirmação: significando *chêdas* as duas taboas lateraes do leito do carro de bois, que se prolongam um

pouco fóra, e nas quaes se fixam os estadulhos, os taipais e as sebes, podemos admittir que essa palavra designou primeiro a propria sebe ou o taipal, e depois se applicou (metonymia) ás taboas. A sebe é feita de varas de salgueiro, de castanheiro, de vime, etc., entrelaçadas; aparenta-se pois ideologicamente muito bem com a *clate* francesa. Em vez de *sebe*, palavra que se usa, por exemplo, na Beira, diz-se no Minho *caniço*, e na Galliza e Trás-os-Montes *caniça*. No Alemtejo usa-se, com accepção semelhante, o *taipal*, feito de taboas ou de vergas, e o *espartão*, que, como o nome o diz, é feito de esparto.

## 2. chuchar.

De *succus* (não *sucus*) veio \**succulare* > \**succ'lare*, que deu regularmente \**suchar*, porque *ccl* > *ch*, como em \**roccula* > \**rocc'la* > *rocha*. Depois a consoante inicial foi assimilada á palatal seguinte, como nas palavras populares *chacho* > *sacho*, *Chancha* < *Sancha*; cfr. fr. *chercher* < \**circare*.

A par de *succus* houve tambem na Lusitania *sucus*, d'onde \**sucare* > *sugar*, como é já sabido.

## 3. escabichar.

O verbo *escabichar* decompõe-se em *es-cab-ich-ar*. Formou-se do radical lat. *capere* com o suffixo *-ich-*.

## 4. rhinoceronte.

O instructivo artigo que a cima se lê, do Sr. Gomes de Brito, fez-me pensar na etymologia de *rhinoceronte*, visto que em portuguez do sec. xvi é *rhinocerote*, o que concorda com o lat. *rhinoceros*, *-otis*, e o gr. *ῥινόκερος*, *-οτης*. A par de *rhinocerote*, já porém no mesmo seculo ha *rhinoceronte*: vid. Bluteau, que diz, com razão, no seu *Vocabulario*, que essa pronuncia se encosta á hespanhola (*rinoceronte*: o *Dicc. de la Academia* cita a palavra em textos do sec. xvii). Podia o douto theatino acrescentar que tambem em italiano ha *rinoceronte*, já testemunhado, pelo menos, desde o sec. xvi (vid. o *Vocabulario della Crusca*, s. v.). Quanto á etymologia, nota Bluteau que o *-onte* provém do «uso, que muda o incremento». De facto, o *-nte* nas tres linguas citadas é por analogia com o *-nte* de *elephante* (port.), *elefante* (besp. e ital.). Assim como em latim se declina *elephas*, *-ntis*, (gr. *ελέφας*, *-οτης*), assim os literatos imaginaram \**rhinoceros*, *-ntis*. A palavra foi decerto formada na Italia, que era o foco do latinismo, e de lá veio para a peninsula iberica.

### 5. mendinho, mindinho (dedo).

Ao tratar do dedo minimo no seu livro intitulado *Die romanischen Namen der Körperteile*, Erlangen 1903, pp. 115-118, cita Zauner o gall. *mainiño*, e o hesp. *meñique*, mas omitta as formas portuguesas. Estas são várias; aqui porém só fallarei de *mendinho* e *mindinho*. O gallego *mainiño* provém de *meimiño*, que tambem se usa, e ascende a \*miniminu-, isto é, minimus + suff. -inus, como Zauner diz. O nosso *mendinho-mindinho* penso provir de \*minutinu- (isto é, minutus + -inus), mudado em \*minitinu-, \*menitinu-, por influencia do referido \*miniminu-; quanto ao abrandamento do -t- em -d-, e queda do -i-, cf. *vindouro* <\*venitoriu- (de venire).

J. L. DE V.

## VIII

### A Menina e Moça e o Hamlet

O seguinte passo da *Menina e Moça* merece ser posto em confrontação com a descripção tão decantada da morte de Ophelia no *Hamlet* de Shakespeare:

«Não tardou muito que, estando eu assi cuidando, sobre um verde ramo que por cima da agua se extendia, se veo pousar um roussinol: e começou a cantar tão docemente, que de todo me levou após si o meu sentido d'ouvir.

E elle cada vez crecia mais em seus queixumes, que parecia que, como cansado, queria acabar, senão quando tornava como que começava então.

Triste da avezinha, que, estando-se assi queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agua! Cahindo por antre as ramas, muitas folhas cahiram tambem com ella.

Pareceu aquelle signal de pesar, naquelle arvoredado, de caso tão desastrado. Levava-a após si a agoa, e as folhas após ella, e quisera-a eu ir tomar; mas pola corrente que alli fazia, e pelo matto que d'alli pera baixo acerca do rio logo estava, prestesmente se alongou da vista».

Eis agora o trecho do *Hamlet*:

There is a Willow growes aslant a Brooke,  
That shewes his hore leaues in the glassie streame:  
There with fantasticke Garlands did she come,

Of Crow-flowers, Nettles, Daysies, and long Purples,  
 That liberall Shepheards giue a grosser name;  
 But our cold Maids doe Dead Mens Fingers call them:  
 There on the pendant boughes, her Coronet weeds  
 Clambring to hang; an enuious shuer broke,  
 When downe the weedy Trophies, and her selfe,  
 Fell in the weeping Brooke, her cloathes spred wide,  
 And Mermaid-like, a while they bore her up,  
 Which time she chaunted snatches of old tunes,  
 As one incapable of her owne distresse,  
 Or like a creature Natiue, and indued  
 Vnto that Element; but long it could not be,  
 Till that her garments, heauy with her drinke,  
 Pul'd the poore wretch from her melodious buy,  
 To muddy death.

Shakespeare esquece a corrente!

Worcester (Massachusetts) Estados Unidos.

JOSEPH DE PEROTT.

## IX

### Notas a uma poesia de D. Juan Garcia de Guilhade

Na poesia n.º 37 do *Cancioneiro da Vaticana*, p. 21, ed. de Monaci, lê-se este verso numa poesia de D. João Garcia de Guilhade, trovador galleco-português do século XIII: *comout's arlottas uiuê na raçõ*. Na sua edição do *Cancioneiro da Ajuda*, onde esta poesia também vem, interpretou assim o verso a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, p. 884: «*Come outras arrlottas<sup>1</sup> vivem na raçon (?)*», lição igualmente adoptada pelo Dr. Nobiling na edição que fez das poesias de Guilhade<sup>2</sup> (com excepção de *come*, a que preferiu *com*). Evidentemente *raçon* não faz sentido. Visto que o poeta está fallando sarcasticamente de duas donzellas que, em vez de boas acções que podiam praticar, se metteram freiras, entendendo que a frase *na raçon* significa «na oração», e está pois por *na 'raçon*, lição que prefiro a *n'oraçon*. A graphia *na 'raçon*

<sup>1</sup> Talvez possa traduzir-se por «ociosas».

<sup>2</sup> Erlangen 1907, p. 35.

não é mais violenta que *querria 'sandezer, coita 'ndurar*, etc., que se lêem naquelle *Cancioneiro* (p. 194, 142, 211).

Na mesma poesia os vv. 291 e 292 acabam em identica palavra: *alguen*. À Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis occorre que os dois versos possam estar viciados. Nobilem, p. 35, pergunta se *alguen* estará por *al ren*. Gassner, no *Literatublatt f. germ. u. rom. Phil.*, 1910, col. 114-115, propõe sem fundamento *a ren*. Lang, na *Zs. f. rom. Phil.*, xxxii, 397, contorce-se em volta do verso, sem resolver nada. Se attendermos a que na *cobla* 2.<sup>a</sup> o poeta diz:

Mays eu por alguen ja mort' ey de prender  
que non vej', e moyro por alguen veer,

e que na 3.<sup>a</sup> tem:

Que farey, coytdado? Moyro por alguen  
que non vej', e moyro por veer alguen,

chegámos á conclusão que *alguen* está propositadamente nos dois versos, pois que o poeta repete nelles o que havia dito nos antecedentes. Não é a presente poesia a unica dos *Cancioneiros* em que apparecem rimas assim.

J. L. DE V.

## X

### Esp. port. «mecha»

On sait que le grec *μύξα* veut dire «morve, pituite, viscosité», mais aussi «champignon qui vient à la mèche des lampes». Martial s'est servi d'un lat. *myxus* «lumignon, mèche ou bec de lampe».

Depuis longtemps on est parti de *μύξα* pour expliquer le v. fr. *mesche*, fr. *mèche*, esp. port. *mecha* «mèche». L'idée «mèche» vient de «morve, etc.»; cf. fr. *moucheron* et son primitif latin *mūccus* (class. *mūcus*) «morve, etc.».

Depuis longtemps aussi on est parti de *μύξα*, «fruits du sebestier», ainsi nommés à cause de leur chair visqueuse, et qui ressemblent à des prunes, pour expliquer le port. *ameixa* «prune» (Eguillas y Yanguas, *Glosario Etimologico*, etc., copié par Körting, 3<sup>e</sup> édition, art. 6430), et Madame C. Michaëlis de Vasconcellos a insisté de nouveau sur cette étymologie dans la *Revista Lusitana*, xi, 58-59.

Or une chose est claire: c'est que si l'on accepte  $\mu\acute{o}\xi\alpha > \text{lat. } myxa > \text{port. (a)meixa}$ , on ne peut en même temps avouer  $\mu\acute{o}\xi\alpha > \text{lat. } myxa > \text{port. } mecha$ , comme semblent le faire Körting (art. 6429, 6430) et Madame de Vasconcellos.

Disons que l'étymologie d'*ameixa* par  $\mu\acute{o}\xi\alpha$  a des chances d'être la bonne (cf. lat. *pisces*  $>$  \**pece*  $>$  port. *peixe*). Il faut comparer au port. *ameixa* divers noms du *prunus cerasus caproniana* dans les dialectes du nord de la France (Rolland, *Flore Pop.*, v, 353). Le type primitif du nom du fruit serait représenté par *mêche* dans l'Aisne ( $myxa > *mesca > mêche$ ); *amêche* de Domfront, *amegh'* du Bessin montrerait, comme le port. *ameixa*, une prothèse d'un *a*. On dit aussi dans l'Aisne *cerise de mêche* par suite, peut-être d'une confusion avec *mêche* en d'autres sens; de là comme noms du fruit *dêmêche* (Mayenne), *doumêche*, *dumêche* (Ille et Vilaine). Enfin, dans le picard *cherisier de messe*, nom de l'arbre, il semble qu'on ait *myxa* sans la métathèse.

Revenons au port. *mecha* «mêche» et notons que l'explication qu'on cherche doit être bonne pour l'esp. *mecha* de même signification. Je propose \**myxūla*. \**Myxūla*  $>$  \**mesc[o]la*  $>$  port. *mecha* présente toutes les garanties; on comparera l'esp. et port. *macho* ( $<$  lat. *māscūlūs*).

Il est évident que l'esp. *mecha* «mêche» doit être distingué de l'esp. *mecha* «lardon» qui se rattache au verbe *mechar* «larder» du lat. *miscūlare*.

Université de Leeds 23 juin, 1910.

PAUL BARBIER FILS.

## XI

### Dois passos do «Lyra»

No *Lyra* de Diogo Bernardes (sirvo-me da ed. de 1596, que é a 1.ª, fl. 184 v., diz o poeta, em uma carta a D. Gonçalo Coutinho, o qual estava ao tempo numa quinta:

Ahy viveis em fim sem cerimonia,  
E ledes (sem estoruo) hum dia todo,  
Sem vos ser necessaria *Sellidonia*.

Que quer dizer o terceiro verso? Supponho que a ultima palavra se deve escrever *celidonia*, que significa «pedra . . . que se acha



no ventre das andorinhas novas», segundo Bluteau, *Vocabul.*, s. v., crença que já vem da antiguidade: *lapilli chelidonii* em Plínio, *Nat. Hist.*, XI, § 203 (ed. de Detlefsen). A palavra *celidonia* é de origem litteraria (medica), e d'ella se vê que a crença o é tambem. O nosso povo tem para si que a *pedra d'andorinha* serve não só para as andorinhas abrirem os olhos aos filhos <sup>1</sup>, mas para lhes restituirem a vista, quando alguém os cega nos ninhos, e para curar nos proprios homens as molestias oculares <sup>2</sup>. D'aqui o declarar Diogo Bernardes que o seu amigo não precisava de pedra de andorinha para ler, porque tinha boa vista. Em todo o caso a celidonia entra nos versos, mais por causa de necessidade ritmica, do que por exigencias da logica.

\*

Na mesma carta, fazendo o elogio da vida rustica, prosegue o poeta:

Ahy, não da *ribeira*, mas do mato,  
Vos trazem perdigões, e laparinhos,  
O cabrito de mama, o tenro pato.

Perdigões, laparos e cabritos em ribeiras, quer se entenda por estas palavras a agoa, quer as margens, não seriam concepção muito poetica no caso presente. A incongruência desaparece, porém, escrevendo-se *Ribeira* com *R*, pois Bernardes tem em mente a Ribeira de Lisboa, que de todos os tempos foi mercado célebre <sup>3</sup>. Comprehende-se agora o contraste que elle estabeleceu entre mandar o seu amigo comprar os comestiveis na praça, ou virem-lhe fresquinhos do mato.

J. L. DE V.

<sup>1</sup> Vid. as minhas *Trad. Pop. de Portugal*, § 218.

<sup>2</sup> Vide Consiglieri Pedroso, *Trad. Pop.*, viii, *Varia*, § 471.

<sup>3</sup> Cf. Julio de Castilho, *A Ribeira de Lisboa*, 1893, p. 191 sgs.

## CHRONICA

**Sociedade internacional de dialectologia romanica.**—Nos fins do anno de 1907 um grupo de dialectologos romanicos pensou em reunir quantos, nos diversos paises, fazião estudo especial das falas locaes, no louvavel intento de, pelos esforços combinados de todos, salvarem da total ruina, que cada vez mais os ameaça, os dialectos romanicos existentes, avassalados pelas linguas officiaes, recolhendo não só o seu vocabulario e variados modos de dizer, como tambem as suas poesias e mais material folklorico. Logo na primavera seguinte, uma commissão, composta de romanistas de todos os paises, publicou um manifesto no qual se convidava para tomarem parte na nova *Sociedade internacional de dialectologia romanica* aquelles, especialistas ou não, a quem os estudos dialectaes mereciam sympathia. O apelo foi ouvido, correndo logo a alistar-se na nova sociedade quantos tomavam a peito o assunto que ella se propunha estudar; eleva-se hoje o seu numero a cêrca de 300 membros, figurando entre elles nomes de reputação universal em questões de linguistica.

Que o alvo tem sido atingido, ahi estão a atestá-lo plenamente os seus órgãos de publicidade, o *Bulletin de dialectologie romane* e a *Revue*, nos quaes a filologia é versada com toda a competencia, porquanto cada especialista tomou a seu cargo os dialectos do pais a que pertence.

Compreende cada numero do *Bulletin* um artigo referente á dialectologia, critica dos livros publicados que têm por objecto a filologia, cronica sobre o estado da sociedade, e finalmente noticia desenvolvida das publicações (livros ou artigos) de assuntos linguisticos e especialmente dialectal. Até hoje os artigos, que são escritos, em inglês, allemão e linguas neo-latinas, versam a investigação e historia dos dialectos em territorio romanico; os judeus espanhols do oriente e a sua lingua; geografia linguistica; hesita-



ções e limites dos erros na violação fonética e investigação linguística.

A *Revue*, nos seis numeros publicados, tem tratado os seguintes assuntos: n.º 1.º: Literatura popular dos Vosges — Notas varias — O perfeito dos verbos em *-ar* em antigo aragonês — Anuario critico (o dominio gascão), critica literaria retrospectiva até 1907; n.º 2: Estudo sobre o espanhol novo-mexicano — Notas italianas centro-meridionaes — Miscellanea (o lat. *dǎcylus* e seus derivados populares — Mallorca): n.º 3-4: Estudos sobre o espanhol novo-mexicano — Fonética e morfologia de documentos na antiga lingua de Malhorca — Miscellanea (apontamentos sobre o dialecto de Scanno nos Abruzos — Notas etimologicas — Relações entre as linguas europeias e americanas) — Critica literaria — Anuario critico — Os Judeus de Levante; n.ºs 5 e 6: Fonética e morfologia de documentos na antiga lingua de Malhorca — Os sufixos em rumeno — Um exemplo de selecção morfologica: o indicativo presente de *facer* e no gascão de Landes — Miscellanea (respigos vênets — passagem de *r + es > s + es* e vice-versa em dialectos logudoreses — portugûês-brasiliano *deixe eu ver*) — Critica — Anuario critico.

Encarecer a importancia d'esta sociedade e dos seus orgãos de publicidade é perfeitamente escusado: impõe-se por si mesma. Só quem desconhecer quanto vale perante a sciencia todo o material folclórico e quantos problemas, quer linguisticos, quer ethnologicos, encontrão nelle a sua solução, deixará de apreciar e reconhecer os merecimentos de taes publicações.

J. J. NUNES.

\*

**Chronique étymologique des langues romanes.** — Depuis quelques années la science étymologique a fait de rapides progrès dans le domaine des langues romanes. Les résultats des recherches, faites par un très grand nombre de savants, sur les origines du vocabulaire roman, sont malheureusement dispersés dans des revues, déjà nombreuses, dans les glossaires qui accompagnent les éditions critiques d'anciens textes, dans les dictionnaires étymologiques, dans d'autres ouvrages dont le nombre va toujours augmentant.

D'autre part, aucun ouvrage de référence ne s'est proposé de noter, à mesure qu'ils paraissent, tant les résultats acquis en ma-

tière d'étymologie romane que les hypothèses quelquefois fructueuses auxquelles a donné lieu l'étude du vocabulaire roman. Et cependant le temps est venu, nous semble-t-il, de créer pour le savant un moyen de se mettre, le plus promptement possible, au courant de ce qui a été fait dans cet ordre de recherches; s'il s'occupe d'étymologie lui-même, il est évident qu'il lui importe de savoir tout ce qui a été dit sur le problème spécial qui, à un moment donné, concentre son attention; s'il ne s'en occupe pas, il veut pour le moins constater les résultats auxquels on a abouti.

La *Société Internationale de Dialectologie Romane*<sup>1</sup> se propose d'enregistrer dans sa *Revue*, d'une façon sommaire, les résultats de toutes les recherches étymologiques qui concernent les langues romanes et qui ne sont pas d'un intérêt purement local, et de tenir le registre au courant de tout ce qui se publiera à l'avenir.

C'est dans le but de faciliter cette tâche que les soussignés, s'adressant à tous les savants qui s'occupent de philologie romane, aux éditeurs et rédacteurs des revues, les prient instamment de bien vouloir contribuer au succès de cette entreprise, en envoyant, aussitôt que possible après la publication, un exemplaire de tout ouvrage d'intérêt étymologique (traités spéciaux, glossaires, mélanges), ou s'il s'agit d'articles de revue, le numéro de la revue ou un tirage à part de l'article, au *Secrétaire de la Société Internationale de Dialectologie Romane*, Richard Wagnerstrasse 43, Halle a. S. (Allemagne).

P. Barbier fils, Leeds.

B. Schädel, Halle a. S.

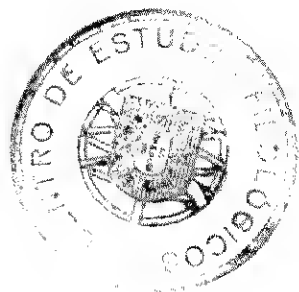
<sup>1</sup> *Rédacteurs*: C. Salvioni, L. Gauchat, A. Doutrepont, A. Rivard, J. Anglade, A. M<sup>o</sup> Alcover, J. Jud, R. Menéndez Pidal, J. Leite de Vasconcellos, O. Nobiling, M. G. Bartoli, B. Schädel, E. Staaff, J. Geddes.

*Publications*: *Revue de Dialectologie Romane* et *Bulletin de Dialectologie Romane* (depuis janvier 1909). — *Cotisation* annuelle: membres actifs 25 frs. (reçoivent toutes les publications), membres adhérents 10 frs. (reçoivent le *Bulletin*). Les publications de la Société ne sont livrées au commerce qu'à des prix fortement augmentés.

Prière d'adresser les adhésions et cotisations au *Secrétariat*, Halle a. S. (Allemagne), Richard Wagnerstrasse 43.

La Société rend compte de tous les ouvrages rentrant dans son cadre dont un exemplaire est envoyé au *Sécrétariat*. Les titres des ouvrages seront signalés dans la *Bibliographie* de la Société.

## BIBLIOGRAPHIA



## VARIA QUAEDAM

— **Dialecto rio-grandense**, estudo por Joaquim Gomes de Campos Junior, Pelotas 1909, 16 pag.

— **Difficuldades da lingua portuguesa**, por M. Said Ali. Rio de Janeiro 1908.

— **Elementos de gramática histórica gallega**, por D. Vicente García de Diego, Burgos 1909, 200 pag. Preço, 6 pesetas.

— **Cantos Populares Portugueses**, de Antonio Thomás Pires, vol. III, Elvas 1909. Está em publicação o vol. IV.

— No *Literaturblat f. germ. u. rom. Philolog.*, 1910, col. 111-118, insere Gassner uma noticia de dois opusculos de Nobiling: *Cantigas de Guilhade*, e *Introdução á mais antiga poesia portuguesa*, os quaes louva, como é natural, juntando observações, nem todas porem accitaveis.— \* *Lamaçar* por *lamaçal* tem pouca defesa, porque no onomastico antigo e moderno ha sempre *-al*, e porque a rima de *-ar* com *-al* não é cousa estranha; *lamaçal* formou-se já em portugûes. Mudar *mao mal* em *mal pesar* é arbitrario. As emendas *do vingar e vençudas son muyto nada* as justifica <sup>1</sup>. *Colher* explica-se sufficientemente por \* *colligére* (\* *colliére*;

<sup>1</sup> Esta ultima frase é da poesia n.º 15 de Guilhade, na optima ed. de Nobiling. A *vençudas* appós este autor entre parenthesis uma interrogação dubitativa, mas julgo-a injustificada, pois nos vv. 5 e 11 diz o poeta que certa moça venceu em formusura muitas outras, e no v. 15 repete na voz passiva a mesma idéa: *de parecer todas vençudas son*.

cf. *mulher*). O port. *nulho* tenho-o como de origem provençal. Os pronomes *noutro*, *nesse*, *num*, etc., já ha muito os tinha explicado o sr. Epiphanio Dias: vid. *Gram. port.*, § 71. A forma *sodes* tambem eu a havia explicado em 1882 no meu *Dialecto mirandês*, p. 24. Acêrca de *raçon*, vid. supra, pag. 140. Às hypotheses que já ha sobre a origem de *morrer*, a que o crítico allude, juntarei mais uma: de *morëris* vinha regularmente *morres*; esta fórma provocava *morre*, *morrem*, *morreis*, e depois *morro*, *morremos*, *morrer*.

—Na *Zeitschrift f. germ. u. rom. Philol.*, xxxiii, 632-633, vem uma noticia critica de Herzog acêrca da parte 2.<sup>a</sup> de *Die Sprache des Königs Denis von Portugal*, de Gassner.

J. L. DE V.



# REVISTA LUSITANA

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XIII

1910

N.ºs 3-4

## MESTRE GIRALDO

E OS SEUS

TRATADOS DE ALVEITARIA E CETRARIA

### PARTE I — ESTUDO LITERÁRIO

Duas obras em prosa arcaica, relativas a passatempos cavalleirescos, tão importantes e tanto do agrado da aristocracia como a falcoaria<sup>1</sup> e o hipismo, recheadas naturalmente de noções muito positivas e de termos técnicos curiosos, merecem a atenção de todos quantos se occupam da lingua, da literatura e da civilização pátria. Merecem-na, mesmo no caso de elas revelarem pouquissimo do espirito portuguez, por não serem mais do que nacionalizações livres de outras obras, originariamente redigidas por estrangeiros, quer no latim medieval, quer no romance de qualquer dos países mediterrâneos mais adeantados: meros elos portanto nas correntes vivas de doutrina comum, internacional, que partindo do Oriente — *ex Oriente lux* — onde ella se havia assimilado elementos do saber greco-romano, arraigara sobretudo em centros meridionaes de cultura, primeiro no império de Frederico II, da Sicilia, em seguida no Limosim, e pouco depois na côrte castelhana, irradiando de lá para o Occidente e para o Norte, de onde tornara a reflectir-se no Sul, impregnada de idéias novas e materiaes novos<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Num artigo de Paz y Melia (*Zeitschrift*, 1, 222) ha pormenores valiosos, relativos á paixão dispendiosa dos Magnates pela criação de falcões.

<sup>2</sup> As opiniões sobre as origens da falcoaria e a sua evolução divergem ainda bastante. O caminho esboçado no texto tem todavia probabilidades de ser o verdadeiro.

Compostas por ordem ou instigação del Rei D. Denis por um seu médico, as obras de *alveitaria* e *altanaria* de que vou occupar-me confirmam o alto conceito em que tradicionalmente o fundador da Universidade era tido, e tornam cada vez melhor documentado o haver este principe (1261-1325), que foi o mais distinto e fecundo trovador da península, desempenhado propositadamente no seu reino a elevada missão civilizadora que em Castela acabava de realizar com rara magnificência seu avô Afonso X, e em Catalunha e Aragão seu sogro-avô D. Jaime, o Conquistador<sup>1</sup>. As versões da *Crónica* do Mouro Rasis, dos tratados teológicos de Gastão de Fox, das *Sete Partidas* e da *Crónica Geral* de Afonso, o Sábio, às *Flores de Direito* de Mestre Jacobo das Leis, juntam-se agora opúsculos cirúrgicos de Frei Theuderique de Valencia e Jordão de Calabria.

Procurar e estudar os modelos directos de que derivam as compilações de que se trata; descobrir as raizes d'esses, assim como paralelos coevos e adaptações posteriores; restabelecer pelo confronto passos deturpados; fixar o sentido e colleccionar exemplos elucidativos de vocábulos ignotos ou pouco usados; determinar o lugar que cronologicamente compete aos tratados portuguezes, e aos autores catalães e sicilianos que lhes serviram de fonte, na evolução das respectivas sciências e artes; eruir, se for possível, os pormenores com que a doutrina foi modificada na península por médicos, agricultores, filósofos de origem judaica ou moura<sup>2</sup>; indagar, se os Catalães compuseram (em latim vulgar) livros de medicina, e congéneres, apenas como participantes da cultura provençal e siciliana, ou se porventura tomaram a deanteira neste ramo, como verdadeiros Hispanos, directamente influidos pelos sabedores semitas; definir afinal os progressos realizados pelo compendiador portuguez: eis o melhor modo de provarmos o nosso reconhecimento a quem nos patenteou novas fontes de saber, até hoje inéditas; o melhor meio também para incitarmos outros investigadores, lusitanófilos, á publicação de manuscritos correspon-

<sup>1</sup> Todos sabem que Afonso X de Castela, filho de Beatriz da Suábia (*Hohenstaufen*), casara com Violante (1237-1300), filha de Jaime I (1213-1270), e que Santa Isabel (1271-1336), esposa de D. Denis, era filha do herdeiro do mesmo Jaime (Pedro III), que descendia de Constança de Sicilia.

<sup>2</sup> Acimatados no solo hispânico, estiveram em contacto directo com os seus produtos, mas também com os da Africa, e posteriormente com os do Ultramar, que exploraram com método.

dentes, que estejam ao seu alcance, em Paris, em Londres, em Madrid, no Escorial, ou alhures.

Claro que não pretendo, de modo algum, realizar todos esses *desideranda*. Muitos ficarão inexecuáveis, enquanto não forem impressos (ou reimpressos) os escritos de Frei Theoderique, Jordão de Calábria, Pero Menino, João da Costa, e os mais a que aludo neste ensaio. Nas *Notas Soltas*, que apurei durante a leitura, de-sejo patentear apenas quanto está por fazer.

\*

Os tratados sobre enfermidades, cura e medicação de cavalos e de aves de caça, que foram *tresladados e ordenados*, segundo o preceito *do muy noble Senhor Rey D. Donis*, por Mestre Giraldo, seu físico, no ano de 1318 e em Lisboa <sup>1</sup>, conservam-se num só códice da livraria pública da capital. Infelizmente o códice, cartáceo <sup>2</sup> (marca 2294), não é original. Apógrafo, do século xv, é mesmo assaz imperfeito e incompleto. No fim faltam uns cinco capítulos, como se vê pela *Táboa*, e pelo confronto com outros livros de caça, de que tratarei. Além d'isso, muitos vocábulos e bastantes trechos estão deturpados. Nem o nome de um dos dois autores, a que Mestre Giraldo principalmente recorreu, ficou intacto. Que eu saiba, embora pertencentes ao núcleo antigo da *Biblioteca Nacional*, os tratados nunca foram descritos ou explorados modernamente <sup>3</sup>, até que, ha pouco, o seu inspector os tirou á luz, imprimindo primeiro o opúsculo relativo ás *Aves Caçadores* <sup>4</sup>, em edição independente <sup>5</sup>; e logo depois o *Livro de Alveitaria*, nesta *Revista Lusitana* <sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Aparentemente, comquanto essas datas fossem exaradas por Mestre Giraldo apenas com respeito ao *Livro de Alveitaria*, que precede o da *Caça*. Este segue-se sem Introdução ou rubricas explicativas. O primeiro ocupa as fls. 1 a 44 v; o segundo, fls. 45 a 59. Cada página in-fol. tem 30 linhas, termo médio.

<sup>2</sup> De papel *ceuti*? (= de Ceuta).

<sup>3</sup> Demonstrarei que pelo menos dois escritores os exploraram, antigamente.

<sup>4</sup> Assim está na *Taboada* primitiva. E assim está muito bem (apesar do sic do editor), visto que os adjectivos verbaes em -or eram de género comum, ao modo latino, nos primeiros dois períodos da linguagem literária.

<sup>5</sup> Gabriel Pereira, *Mestre Giraldo: Tratado das Enfermidades das Aves de Caça*. Segundo um manuscrito do século xv. Lisboa, Officina Typographica da Calçada do Cabra, 7. — 1909 (26 pp.).

<sup>6</sup> Vol. xii, p. 1-60 (1909).

As suas edições são diplomáticas. Em alguns passos deteriorados Gabriel Pereira pôs, porém, ora sinais de interrogação, ora tentativas de restituição; juntou várias notas; precedeu o *Livro de Caça* de um breve Vocabulário; e ambas as publicações de *Explicação prévia*. Nessas ha, além da descrição do códice, notícias bibliográficas relativas a Mestre Giraldo e Frei Theoderique <sup>1</sup> (ou Thierry, como prefere chamá-lo, á francesa), assim como conjecturas vagas sobre uma fonte arábica. Para espicaçar a nossa curiosidade foi todavia tão parcimonioso, que julgo adeantar-me aos desejos dos estudiosos, sendo mais explicita <sup>2</sup>.

Um dos beneméritos que principiaram, no século xvii, a reunir materiaes para a História da Literatura Portuguesa, teve presentes os tratados de Mestre Giraldo, quer no próprio traslado que subsiste, quer em outro semelhante; ou no autógrafo. Em todo o caso, os parcos apontamentos bibliográficos que extraiu do manuscrito condizem com os que agora constam. Os seus apontamentos foram ministrados ao architecto da *Bibliotheca Hispana*, na qual entraram, como o leitor sabe, representantes da península inteira. D'essa obra monumental passaram, após meio século, á *Bibliotheca Lusitana* (1747). E ahi, e na reimpressão aumentada do trabalho de Nicolas António (1788), dormitaram durante século e meio. Apenas um investigador alemão os acordou, outro dia, por um momento, inserindo-os num cuidadoso estudo geral sobre obras de falcoaria e montaria nas literaturas occidentaes <sup>3</sup>. Sem os comentar proficientemente, bem se vê <sup>4</sup>.

O Português seiscentista que coligiu, com diligência notável, materiaes para uma *Bibliotheca Lusitana*, em papeletas soltas (*schedae*), é Jorge Cardoso (1606-1669), erudito autor d'aquella magna obra (incompleta e indigesta, mas cheia de materiaes de

<sup>1</sup> Cita Nicolas António e A. Morel-Fatio. E aproveitou também a *Bibliotheca Hispana* de Rodríguez de Castro. Mas parece desconhecer a parte que Jorge Cardoso teve nos artigos dos dois Peninsulares.

<sup>2</sup> Um leitor, Epiphanio Dias, já publicou umas breves notas etimológicas (*Rev. Lusitana*, xii, 142).

<sup>3</sup> H. Werth, «Altfranzösische Jagd-lehrbücher, nebst Handschriften-bibliographie der abendländischen Jagd-litteratur überhaupt», em *Zeitschrift*, xii, 146 e 381; e xiii, 1-34.

<sup>4</sup> Vid. *Zeitschrift*, xii, 410 e xiii, 29. As *Cédulas* de Jorge Cardoso ficaram incógnitas, não só para ele, mas também para os escritores nacionaes.



valor) que se chama *Agiológio Lusitano*<sup>1</sup>. Em correspondência com Nicolas António (1617-1684) enviava a esse activíssimo trabalhador, residente em Roma, preciosas notas como contribuição para a *Bibliotheca Hispana*, sobre manuscritos antigos e modernos, em geral exactas e criteriosas, como tive ensejo de verificar<sup>2</sup>. O Sevilhano, pela sua vez, confessa, gratíssimo, quantos favores deve a Jorge Cardoso: dedicou-lhe o artigo obrigatório (I, 411), o qual alargou no *Apêndice*, após o falecimento prematuro do illustre Português<sup>3</sup> (II, 295); refere-se à laboriosidade d'ele no Prefácio (fl. G, 1-21); louva-se nele em numerosos artigos, relativos a Portuguezes<sup>4</sup>; e mais de uma vez menciona as taes papeletas que viu: *in schedis ad Bibliothecam quas nos vidimus—in schedis laudatis*.

Os artigos que importam aqui, por serem dedicados a D. Denis e Mestre Giraldo, dizem o seguinte:

*Dionysius Galvão*<sup>5</sup>, Lusitanus, Bracarensis Ecclesiae archidiaconus, jussu *Dionysii* Portugalliae Regis (qui xxv anno hujus saeculi ad superos abiit) partem aliquam Gastonis Fuxii operum in vernaculam hujus regni vertisse linguam dicitur, *Georgio Cardoso* si credimus in schedis ad *Bibl. Lus.*, quas nos vidimus testimonium ferenti, [Gastonis tamen] Fuxii unicum laudatum opus novimus *De Canibus & accipitribus*, Gallicum ut fas [par] est credere<sup>6</sup>.

No parágrafo imediato (202) continua:

Ejusdem Regis praecepto obsequutus *Giraldus* quidam scripsit librum *De Albeyteria y volateria* hoc est *veterinariae artis et accipitrariae* quam vidit MS. in-folio idem *Georgius Cardoso* inque schedis laudatis annotatum reliquit.

<sup>1</sup> Nos tres volumes publicados, que vão de 1 de janeiro a 30 de junho, e constituem portanto metade da obra, Jorge Cardoso refere-se diversas vezes á sua *Bibl. Lusitana*; por ex.: no vol. I, pp. 24 e 214, e no III, p. 74. Uma vez diz com relação a certos escritos «dos quaes, Deos querendo, daremos razão na nossa *Bibl. Lusitana*». A morte inhibiu-o de realizar os seus planos. — Cfr. Barbosa Machado, II, p. 801.

<sup>2</sup> Num livro meu, inédito, sobre o *Palmeirim de Inglaterra*, trato mais por extenso das relações literárias entre os dois bibliógrafos.

<sup>3</sup> Em 1669, pouco antes do seu fim, Jorge Cardoso fóra a Madrid. Ignoro, se na mesma ocasião Nicolas António veio de Roma, a fim de se encontrar com ele.

<sup>4</sup> P. ex. no vol. II, 237, s. v. «Summa de Confessores», e 274 «Ditos da Freyra».

<sup>5</sup> Incorreção, salvo êrro, por *Petrus Galvão*. Vid. *Apêndice III: GASTÃO DE FOX*.

<sup>6</sup> *Bibl. Vetus* (1696), liv. IX, cap. IV, § 201 (= vol. II, p. 98 b, ou vol. II, p. 144, da ed. Bayer. O que está entre [ ] é variante do texto de Bayer.

D'este verbo *reliquit* (= deixou), que se repete em outros artigos, concluo que o patriarca da historiografia literária da Península adquiriu as papeletas de Cardoso, quer fôsse na entrevista de 1609, quer depois<sup>1</sup>. Desiludido por se sentir doente, ou desgostoso pela concorrência de *João Soárez de Brito* e *João Franco Barreto*, esse talvez se resolvesse a entregar ao *Mestre* todo o pecúlio que juntara, opinando que em Portugal já não mais era preciso<sup>2</sup>.

Barbosa Machado (1682-1772), ao tratar de Mestre Giraldo, dá informações muito mais completas, que seguramente foram hauridas no próprio texto. Mas não por ele, pessoalmente, visto que deturpa o nome, e não indica o paradeiro do manuscrito, como é seu costume. Eis o que escreve:

«Mestre Giraldes (*sic*), cujo nome proprio se ignora, quando he constante fora medico del Rey D. Dinis e insigne na Arte de Alveitaria, compondo por ordem deste Principe um *Libro de Alveitaria*, dividido em duas partes. Na primeira trata das cousas que convem ao cavallo desde que nasce até que lhe poem a sella e o freyo. A segunda trata de todas as enfermidades dos cavallos e suas curas. Consta de 77 capitulos<sup>3</sup> e foy escrito em Lisboa no anno de 1318.

Do author e da obra se lembra Nicolas Antonio (*Bib. Hisp. Vet.*, lib. 9, cap. iv, § 202) onde escreve por assim o ter lido nas Memorias M. S. para a *Bibl. Lusitana*, de Jorge Cardoso, e que mais compuzera *Arte de Volateria*, M. S.»

Repito que o titulo, alargado, do tratado de hipiátrica foi evidentemente extraído do Prólogo, em que Mestre Giraldo narra o conteúdo do modo seguinte:

«E este livro he partido em duas partes. A primeira he das cousas que conuê ao cauallo do tempo em que nasce ataa o tempo que lhe deytam freo e

<sup>1</sup> Nicolas António refere-se no artigo sobre Jorge Cardoso a ambos e á sua planejada *Bibliotheca Lusitana*: «in quo tamen argumento praeuentum se fuisse a Joanne Soares de Brito & Joanne Franco Barreto, qui exactissime id tractaturi sunt, eodem die VI Maji [erro por IV Maji] lit. i annotatum voluit». Nos Comentários a esse dia lê-se de facto essa referência: «Aproveitemos agora da nossa *Bibliotheca Lusitana*, em ordem a suas letras (sc. de Bento Gil), já que o Doctor João Soares de Brito e o Licenciado João Franco Barreto nos desobrigarão deste glorioso assumpto, trattando ambos delle ex-professo com grande exacção».

<sup>2</sup> Note-se que não consta que em Portugal alguém visse as papeletas. O *Theatrum Lusitanae Litteratum*, de Soares de Brito (1611-1664), conserva-se, pelo contrário, e a *Bibliotheca Portuguesa* de Franco Barreto (1600-1674, ou depois) só perdeu no terremoto de 1755.

<sup>3</sup> É erro. Dezasete no livro I, e sessenta e um no livro II, dão setenta e oito. «Segundo Adam Riese», como dizemos na Alemanha, tributando homenagem ao grande calculista germânico (1492-1559). *Rechenmeister*, ou *Rechenkünstler*.

sella. A segunda he de todallas enfermidades que podem acaecer aos cauallos da cabeça ataa os pees tambem de doencas naturaaes como doutras accidentaes que lhes podem aqueecer. E este liuro contem per todo esto sateenta e sete capitollos»<sup>1</sup>.

O nome do autor, e a sua condição social, tão pouco mencionada por Nicolas António, constavam do parágrafo final do mesmo tratado.

«Aqui se acaba hũ liuro de aluejtarja que treladou e hordenou mestre Giraldo fisico do nobre senhor rrey dom denys per seu mandado na çidade de Lixboa na era da encarnaçõ de Jhesu Christo mjl̃ iiii. xviiijº (1318 anos) 2.

Quem lhe ministraria estas notas? Provavelmente encontrou-as nos manuscritos dos dois rivaes de Jorge Cardoso<sup>3</sup>, que como este teriam examinado os textos arcaicos. Mas onde? Nalguma livraria de convento, depois encorporada na Biblioteca Nacional? No Museu da Casa de Bragança, reinante desde 1640? Na de algum magnate apaixonado por cavalos e aves de caça<sup>4</sup>? Ou antes na de algum dos muitos profissionaes tardios, que pela sua vez escreveram Livros de Cetraria, e de Alveitaria, ou Artes de Cavalaria? — Por ventura na dos herdeiros de Diogo Fernández Ferreira?

Indirectamente vou testemunhar a favor da última hipótese, provando que a doutrina de Mestre Giraldo e a sua terminologia era familiar a esse afamado especialista de falcoaria. É também a um Castelhana de justo renome. Quanto aos mais que compuseram obras relativas à mesma matéria, e sobre alveitaria, tratados por ora occultos, pôde ser, é mesmo provável, que também se aproveitassem dos trabalhos preexistentes. É um lugar-comum, que não vale a pena repisar, que não são apenas superstições, costumesiras, crenças, doutrinas religiosas e politicas que se transmitem de geração em geração, e de século em século, mas também teorias e praxes relativas a artes e sciências, letras e indústrias, quer por tradição oral, quer em textos manuscritos e impressos.

<sup>1</sup> Ibid.

<sup>2</sup> Como suplemento, talvez de mão alheia (de algum possuidor do manuscrito) seguem-se a essa rubrica final, no que subsiste, cinco receitas (§§. 62-66).

<sup>3</sup> Seria bom que alguém examinasse na Biblioteca Nacional de Lisboa, no *Theatrum Lusitaniae Litteratum*, os artigos relativos a Mestre Giraldo, D. Denis, e Gastão de Fox.

<sup>4</sup> No *Catálogo* importante da livraria dos Condes de Vimieiro, publicado pela Academia de História, na qual tinham dado entrada as colecções de Severim de Faria, não encontrei vestígios de Mestre Giraldo.

## 1. — O Livro de Alveitaria

Começo com o Livro de Alveitaria.

Da personalidade de Mestre Giraldo não se sabe senão o que revelam os dois opúsculos de que trato. Não me lembro, pelo menos, de haver encontrado o seu nome em documentos históricos; <sup>1</sup> nem tão pouco na galeria de *Médicos Portuguezes* desenhados com tanta dedicação por Sousa Viterbo <sup>2</sup>. Que o douto físico *tresladasse e ordenasse* também alguma obra geral de *Física e Cirurgia* <sup>3</sup>, e que a prosa antiquada d'essas primeiras nacionalizações fôsse retocada, em fins do século ou principios do xv, sob a égide igualmente bemfazeja de D. João I ou de algum de seus filhos — *Inclya geração, altos Infantes*, como não me farto de repetir — é por ora mera suspeita minha, fundada nas afirmações contidas no Prólogo do *Livro de Monteria*, composto ou compilado por esse rei. Vendo que «homens sabedores» já haviam redigido livros de *física*, de *celurgia*, de *alveytaria* e de *falcoaria* <sup>4</sup> (mas nenhum de *monteria*, entendo eu), — é que o monarca se resolveu a preencher essa lacuna <sup>5</sup>, olhando para o país vizinho, onde um reinante,

<sup>1</sup> *Mestre Giraldo físico* figura como testemunha num auto lavrado em 1336 a respeito de um Milagre da Rainha D. Isabel. — Vid. *Boletim da 2.ª Classe da Academia Real das Sciencias*, vol. III, p. 302.

<sup>2</sup> *Noticia sobre alguns Medicos Portuguezes ou que exerceram a sua profissão em Portugal*, Lisboa, 1893. — 2.ª serie, 1895. — 3.ª serie, 1895.

<sup>3</sup> Servindo-se da de Frei Theoderique? Claro que a *Cirurgia* do Dominicano catalão também não é absolutamente original. Deriva, segundo a sua própria confissão, de outra de Hugo de Lucca (que desconheço).

<sup>4</sup> Entenda-se *em linguagem (portuguesa)*. Assim é lei e costume interpretar com relação a livrarias medievas, sempre que não haja declaração em contrário. Bem sei que era uso dar o titulo de *Livros* de física e cirurgia não só a tratados independentes, mas também a *Partes* de Obras de Montaria e Cetraria em que se discursava da cura de feridas e doenças naturaes e accidentaes de cavalos, cães e aves de caça. Mas D. João I refere-se claramente à primeira categoria. — Note-se que no mesmo *Prólogo*, notável, posto que não se distinga por clareza e elegância, o monarca menciona também livros de *gramática* e de *retórica*, e livros de *cantigas*.

<sup>5</sup> A respeito do importante, conquanto prolixo *Livro de Monteria* de D. João I — 207 pág. — que se conserva inédito na Biblioteca Nac. de Lisboa, num traslado do século xvii, ha referências e extractos nas obras seguintes: Fernão López, *Cronica de D. João I*, prólogo da parte II; Rei D. Duarte, *Leal Conselheiro*, cap. xxvii; Id., *Enssynança de bem cavalgar toda sella*, parte III, cap. xi; Th. Braga, *Universidade*, I, pp. 206, 218, 225 e 226; Gabriel Pereira,

o vencedor do Salado (1140), havia escrito um, muito belo <sup>1</sup>, por julgar a montaria a lobos, ursos, javalis e sobretudo a veados, arte muito mais alta e mais nobre, cavalleirosa e proficua do que o passatempo da falcoaria <sup>2</sup>, conforme explica com muita graça e ingenuidade.

Eis como Mestre Giraldo expõe as razões porque e o modo como redigiu o seu *Livro de Alveitaria*:

«Quando as sciências e as artes ssom escriptas e ensinadas segundo hordenamento quall devem, podennas os honiões achar mais asinha; e ho entendimento er podellas ha mais ligeiramente filhar e entender. Hende: porque hy ha hũu *livro de alveitaria que fez Theuderique*, e achãno escripto desuairadamente segundo desuairados liuros, e ha hy outro *livro que fez Jurdam de Caluero* que foy tirado deste de *Theuderique*, segundo como parece, pero que pos em ell mays e menos segundo como lhe semelhou, e outrossy este achãno escripto em desuairadas guisas e sem hordenamento dereyto, — porende o muy nobre Senhor rrey *don Donjs* mandou a mÿ *mestre Giraldo* que conposesse e hordenasse hũu liuro ho mjllhor que e (l. a) my semelhasse, em que compillasse hordenadamente todallas cousas que ssom contheudas em cada hũu destes liuros de suso dictos. E eu com ajuda de deos assy trelladey e hordeney todo per linguagem portugues o mjllhor que pude e entendy».

Sabedor de que sciências e artes se tornam tanto mais acessíveis aos «aprendizes», quanto mais clara e metódicamente são descritas em vulgar, o monarca português convidara aquelle seu

---

*Estudos Eborenses: Caçadas*, passim; Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal*, vol. 4, pp. 427 sgs.; Carolina Michælis, em *Grundriss*, n.º, 242; Dr. J. Leite de Vasconcelos, *Textos Archaicos*, 2.ª ed., p. 54. Um exemplar — ou dois — andavam na livraria del Rei D. Duarte (n.º 68 e 72, *Livro de Monteria por castelão*) onde também se guardava o *que compillou o virtuoso Rei D. João* (n.º 32). Nem faltavam os de cetraria, a que o pae se refere: um, *por castelão* (n.º 37) que deve ser o de D. Juan Manuel, ou com mais probabilidades, o de Pero López de Ayala; e outro *que foi del Rei D. João*, que suspeito ser o do falcoeiro de D. Fernando, chamado Pero Menino. Vid. *Grundriss*, n.º, 251, e mais abaixo, p. 196. — No precioso *Catálogo* dos livros de uso de D. Duarte, de 1438, não se regista livro algum de *Física* nem de *Cirurgia*. Talvez por andarem na mão dos especialistas práticos da corte? ou porque formavam apenas partes dos livros de *Agricultura* (n.º 16 e 60, *que foy del Rey D. João*), se este título designava, como presumo, adaptações do admirável livro enciclopédico de Pedro Crescentino, a que aludo no texto.

<sup>1</sup> O *Livro de Monteria* de Alfonso XI, impresso em 1582, por Argote de Molina, é accessivel na reimpressão da *Biblioteca Venatória* de Gutiérrez de la Vega, vol. 1 (Madrid, 1877).

<sup>2</sup> *Debates* sobre o valor superior da Montaria ou da Cetraria eram frequentes na idade média, e ocuparam poetas e prosadores. Vid. p. 214.

físico a inspirar-se em alguns livros estrangeiros, dos que até então haviam servido de manuaes nas coudelarias nacionaes, e de fazer outro novo, bem coordenado, aproveitando as melhores variantes dos exemplares que vieram a Portugal. E ele obedeceu, compendiando o que lhe parecia prestimoso para a criação e cura de cavalos. Em seguida fez o mesmo com respeito a aves de caça.

Os dois autores que escolheu, ou aceitou, para base do primeiro tratado, torna a citá-los no corpo do livro <sup>1</sup>. Mas não diz, de que lingua os verteu; nem explica, se o *Livro das Aves Caçadores* deriva das mesmas autoridades, se sòmente da primeira, ou de outras totalmente diversas.

Pelo contexto reconhece-se que, além de Frei Theoderique e Jordão de Calábria, o erudito Português ia consultando outros autores, recorrendo também, em casos duvidosos, verbalmente, a entendedores coevos. O *mestre que fez este livro* (*Alveitaria*, I, cap. xx), julgo ser o Dominicano catalão. Igualmente o *que este livro fez* (*Caça*, cap. viii), embora não esteja provado que Frei Theoderique usasse do titulo *Mestre*. Uma vez refere-se a *outros livros* (*Alveitaria*, I, cap. xx); ora a certo *Eogeryo* (*ibid.*, cap. vi); ora a um *freire*, provavelmente português (*ibid.*, II, cap. iiii); ora a peritos nacionaes em globo <sup>2</sup>; ora a alguns *Provençaes* (II, cap. xxi) <sup>3</sup>.

Quanto aos idiomas dos modelos, não ha no texto indicio de que fòssem *vulgares*: catalanescos, provençal, siciliano, castelhano, e francês. Os numerosos termos medicinaes *latinos*, de que Mestre Giraldo se serve <sup>4</sup>, falam, pelo contrário, a favor da hipótese *latina*, com relação ao livro de alveitaria. E essa lingua internacional dos eruditos seria a originária, tanto de Frei Theoderique como de

<sup>1</sup> Na parte II do *Livro de Alveitaria*, cap. II (pp. 19, liv. xxv sgs.) ha a expressão «segundo o que diz Theoderiqui... e non he achada [certa receita] no lyuro que se chama de Jurdam de Calaura».

<sup>2</sup> Cap. xxi.

<sup>3</sup> Nada sei de Tratados de veterinária provençaes. Quanto a Livros de Caça, consulte-se H. Werth, que admite um de Cetraria (do typo *Darcus*) perdido, como ponto de partida de todos os posteriores, e trata em especial do poema *Dels auzels cassadors*, de Daude de Pradas (*Zeitschrift*, XII, 155, 156).

<sup>4</sup> *Anticora* — *arrigiatura* (*arrugatura*?) — *attinctio nervi* — *axstrum* — *barbulos* — *chimorra* — *cornu* — *crabunculos* — *crepacia* — *curba* — *equoinfasticon* — *espallatia* — *estrictorio* — *ficus* — *filoncellos* — *furina* — *galla* — *gedra* — *grapa* — *impetradura* — *inclavatura* — *larda* — *latumadura* — *lesiofaleis* — *malleferuga* — *malum linguae* — *morus* — *morbus pulsivus* — *pulmo* — *scortiliadura* — *sparvanus* — *spinella jarrety* — *strepe* — *iurta* — *stallo* — *superpositura pedis* — *vermis* — *vinulas*.

Jordão de Calábria. Quanto ao *Livro de Caça* note-se que não contém termo algum latino, e que nem mesmo sabemos, ao certo, se houve um original redigido no idioma do Lácio.

Seja como fôr, quer latinos, quer provençaes, quer catalães, é muito possível que os livros recomendados por D. Denis, quanto à essência, mas não quanto à forma, fôsem introduzidos pouco antes em Portugal, como novidade, por algum fisico de Dona Isabel de Aragão (1282), ou por seu meio-irmão D. Pedro (1297), ou por outro letrado aragonês, do tempo de D. Afonso III e seu filho, dos que citei no *Cancioneiro da Ajuda* <sup>1</sup>.

Pouco se sabe de Jordão, cujo apelido está deturpado, conforme deixei dito, no apógrafo que comento. Tanto ele como Frei Theoderique são estrelas de tão pequena grandeza, que nem mesmo um recantinho occupam num dos capitulos de somenos importância da *História da Literatura Latina da Idade-Média* <sup>2</sup>. Na das Sciências e Artes talvez refulgiriam com mais algum brilho entre os tratadistas do século XIII, se fôsse escrita minuciosa e imparcialmente?

*Jurdam Calabro*, isto é, *Calabrês*, ou *da Calábria*, (e não de *Calavero*, nem de *Calavera*; nem de *Calahorra*, como se podia supôr), chamava-se, mais completamente, *Jordanus Rufus Calaber* <sup>3</sup>, e foi, de facto, autor de um livro sobre a medicamentação dos cavalos: *De medicaminibus equorum* ou *De morbis equorum* <sup>4</sup>. D'esse livro nunca impresso apenas sei que o dedicou ao grande Imperador Frederico II (1194-1250), magnânimo fundador da Universidade de Nápoles, e tão adicto á cultura do Oriente, que lhe deram o sobrenome de *Sultão baptizado da Sicília*. Já aludi mais acima numa nota ás relações de parentesco entre os Hohenstaufen e as casas reinantes em Aragão, Castela e Portugal.

<sup>1</sup> Vol. II, p. 609.

<sup>2</sup> Faltando no excelente Manual concentrado, que Gröber deu a lume no *Grundriss*, II (pp. 97-432), não admira que Gabriel Pereira ficasse ás escuras a seu respeito. Nos capitulos VII, *Naturkunde und Physik*, e VIII, *Medizin*, ele menciona apenas a pp. 256 e 258 o afamado Arnaldo de Vilanova, 1312, Catalão como está provado. E Gui de Chauliac (p. 260), que considera oriundo da França Meridional, ao passo que Morel-Fatio (*Grundriss*, III, p. 112) o conta entre os Catalães. Diogo Fernández Ferreira, que utilizou o seu *Collectorium*, servia-se provávelmente da impressão de 1490 (Veneza).

<sup>3</sup> Ha vários latinistas do mesmo apelido, por serem da mesma provincia. Por ex.: o continuador de Homero, *Quintus Calaber*, celebrado em fins do século XV por um humanista português. Vid. *Apêndice III*, p. 218.

<sup>4</sup> Du Cange dá-lhe ora este, ora aquele titulo.

Se Mestre Giraldo não se enganou em aplicar ao Calabrês o título de *imitador de Frei Theoderique*<sup>1</sup>, este ultimo deve ter escrito a sua *Cirurgia* (dedicada a um Bispo de Valência que governou a diocese de 1248 a 1276) entre 1248 e 1250, dando ainda lugar a que o Calabrês a imitasse nesses mesmos dois últimos anos da vida do Emperador. Quanto aos restantes quatro opúsculos que se lhe atribuem<sup>2</sup>, é muito provável que, como no assunto, assim também se lhe seguissem muito de perto, quanto ao tempo de elaboração.

Comtudo pode ser que o tradutor português confundisse o papel dos dois ou explicasse mal a analogia que ha entre eles, derivando um do outro, em lugar de a considerar como resultante de ambos haverem haurido simultânea mas independentemente numa mesma fonte comum, anterior<sup>3</sup>.

Exactamente o que succedeu com Mestre Giraldo e Pedro Crescentino (ou De Crescentiis). Este sábio Bolonhês condensou o saber do seu tempo antes de 1310, na obra *Ruralium Commodorum Libri XII*, sobre agricultura, sciências naturaes e congéneres<sup>4</sup>. Num dos doze (x) occupa-se de cetraria. Em outro (ix) ha noções de alveitaria. Para este ultimo utilizou, salvo erro, largamente os trabalhos de Jordão de Calábria; e para ambos os de Frei Theoderique<sup>5</sup>, de sorte que muitos capitulos de *De avibus rapacibus* concordam com outros de Mestre Giraldo, conforme já foi indicado por Gabriel Pereira<sup>6</sup>. Antes d'esse Português — séculos antes — o eruditissimo autor do *Glossarium Mediae et infimae latinitatis*,

<sup>1</sup> No prólogo que transcrevi mais acima ele diz do livro de Jordão que foi tirado do de Theoderique. Talvez porque assim estava exarado nos próprios textos que utilizava.

<sup>2</sup> *Arsénico* — *Cavalos* — *Aves de Caça* — *Aguardente* ou espirito de vinho. Pelo menos os traduzidos por Galieno de Maiorca parecem ter formado um conjunto com a obra principal.

<sup>3</sup> Hugo de Lucca? o que já citei mais atrás (p. 158). Cfr. p. 162.

<sup>4</sup> Vid. *Grundriss*, n.º, p. 257; *Zeitschrift*, xii, 157; e sobretudo Fabricius, *Bibliotheca Latina mediae et infimae aetatis* (Florença 1858, vol. v, 224). Traduzida em francês em 1373, impressa em 1471, e d'ahi em deante repetidas vezes. a *Agricultura* figurava em todas as bibliotecas medievas de renome, e ainda nas do século xvi. Por ex.: no Escorial (Serojas, n.º 73), segundo Beer, *Handschriften-schenkung Philipp II*, pp. xxxi, xxxix e cii. Em 1564 ainda entrou numa *Recopilación* castelhana de Alonso Suárez. Mesmo no século passado teve novas edições na Itália. Gabriel Pereira serviu-se da de Milão, 1805.

<sup>5</sup> Quanto ás aves de caça utilizou também escritos de Alberto Magno.

<sup>6</sup> *Livro de Caça*, p. 4; *Livro de Alveitaria*, p. 1. Sem prova documental.



Carlos Du Fresne du Cange <sup>1</sup>, já havia afirmado a dependência de Pero Crescentino de Jordão Rufo Cálabro. Foi em artigos d'ele, relativos a termos de alveitaria <sup>2</sup>, por mim consultados para melhor compreensão de Mestre Giraldo, que colhi essas indicações, positivas mas poucas <sup>3</sup>.

Oxalá eu possa ampliá-las no futuro, se não houver quem caridosamente se me antecipe.

\*

*Frei Theoderique* (Thederic—Thierry — Theoderico) ou *Lo Thederic*, como parece o chamavam familiarmente no século XIII, era Dominicano. Por isso teve quem se ocupasse d'ele, embora com mais carinho que critério. Na *História da Ordem dos Predicadores*, começada pelo P.<sup>o</sup> Jacobo Quetif (1618—1698) e continuada pelo P.<sup>o</sup> Echard <sup>4</sup>, ha pormenores acêrca da sua carreira eclesiástica e científica, que não posso verificar. Eis como Rodriguez de Castro (1739—1799) traduz o respectivo artigo na sua *Biblioteca Española* <sup>5</sup>, que serviu de fonte a todos quantos falaram posteriormente do Thederic:

*Fr. Theoderico Catalan* floreció en el siglo XIII (por los años de Christo 1276) en tiempo del Rey D. Jayme I de Aragon, el Conquistador, siendo Obispo de Valencia Fr. Andres de Albalate del Orden de Predicadores, que ocupó la Silla Episcopal desde el año 1248 al de 1276. Que fue varon de piedad no vulgar, de una consumada erudicion á que llaman *πικρὸς λόγος* y de todas las dotes mas esclarecidas, lo prueban los cargos que obtuvo de Capellan del Romano Pontífice y de Penitenciário Apostólico, su grande intimidad que siem-

<sup>1</sup> 1610—1688. A 1.<sup>a</sup> edição é de 1678. Eu sirvo-me da de 1840—1850 (Paris).

<sup>2</sup> Por ex.: *Ficus — Spallatia — Stranguillo*.

<sup>3</sup> Por engano ha ás vezes *Risus*, em lugar de *Rufus*, — êrro de impressão, ou de copista.

<sup>4</sup> *Scriptores ordinis praedicatorum recensiti* (Paris, 1719—1721). O trecho relativo ao sábio Catalão está a p. 354 sgs.

<sup>5</sup> Impressa em 1781—1786. Vid. vol. II, 691. Acompanho a transcrição de algumas notas.

<sup>6</sup> As datas são seguras. Veja-se o autor mais moderno dos que se ocuparam do Conquistador de Valença: F. Darwin Swift, *The Life and Times of James the First*, Oxford 1894, p. 285; e também Gams, *Kirchengeschichte von Spanien*, Regensburg, 1876.

Pérez Bayer introduziu na reedição da obra de Nicolas António um artigo relativo a André de Albalat, bispo de Valência. (*Bibl. Hisp. Vetus*, p. 47, n.<sup>o</sup> 3531).

pre tuvo con dicho Obispo de Valencia, su pariente y condiscípulo <sup>1</sup>, nombradíssimo entre los ilustres de su tiempo, y las Obras que dió á luz, de las quales se conservan aun estas, escritas en lengua catalana <sup>2</sup>.

La 1.<sup>a</sup> empieza así: *Le comensament del libre lo qual compila Frare Theuderich de l'orde delz Preicadors explanat per Galien Correger de Mayoche* <sup>3</sup> (sic) *et content (sic) al comensament quina cosa es cirugia*: «Al honorable i pare e amich molt car an Andreu per la gracia de De bisbe de Valencia Frare Theuderic», etc.

Dividese la Obra en 3 ó 4 libros <sup>4</sup> que tratan de *Cirugia* exponiendo el libro de Hugon de Luca peritissimo en esta facultad. Al fin añade el Autor un Tratado en su misma lengua materna *del sublimament del Arsenich o de la preparacion del Arsenico o Sal Armoniaco* <sup>5</sup>.

Otra empieza así: *Asa (sic) comença la cirugia delz cavalz per so que sien curats he nudrats he engendrats secons la sua valor que li porteyn (sic)*. Esto es *De la curacion de los caballos como se tengan, nutran y engendren como conviene segun la nobleza de su genero*. Tiene esta obra cix capitulos <sup>7</sup>.

La 3.<sup>a</sup> empieza así: *Assi comensa lo libre del nudriment he de la cura dells ocells los quales (sic) se portayen (sic) ha casa*. Id est *de cura accipitrum avium que aucupum liber unus in librum Isaaci filii rege Almassore scriptum ex Arabico translatum a Gallieno de Cremona* <sup>8</sup>.

Las quales obras estan MSS. en Paris en la Bib. Real escritas en perg. en folio n. 7149 (sic), de letra del s. xiii <sup>9</sup>, dedicadas por el Autor á Fr. Andres de Albalate, Obispo de Valencia, como que las habia escrito á persuasion suya.

Tambien se hace mencion en el *Cat. de los Codices MSS. de Inglaterra*, T. 1, P. 1, n. 7802, de una Obra intitulada *Cirugia*, id. est *chirurgia F. Theoderici Ordinis Praedicatorum* en un Tomo en 4.<sup>o</sup> escrito en pergamino <sup>10</sup>.

Del mismo parece ser el otro Tratado que hay en la misma Biblioteca intitulado *Tractatus de virtutibus aquæ vitæ* per Fr. Theoricum (sic) Ordinis Praedicatorum... <sup>11</sup>.

<sup>1</sup> Na dedicatória Frei Theoderique chama-o *amigo* (*amich molt car*), mas não *padre* ou *parente*.

<sup>2</sup> É facto que se conservam em lingua catalana. Mas não foi o autor que as redigiu em vulgar, como logo se dirá no texto.

<sup>3</sup> *Mayo[r]cha*, segundo Morel-Fatio.

<sup>4</sup> *Honrad*, segundo Morel-Fatio.

<sup>5</sup> Quatro, salvo erro.

<sup>6</sup> Este opúsculo, ou apêndice, não se regista na descrição moderna.

<sup>7</sup> Se o algarismo estiver correcto, ha differença, quer na matéria, quer apenas na sua repartição. O leitor já sabe que o tratado de Mestre Giraldo está dividido em apenas 78 capitulos. O texto catalão principia: *Com lo caval sia prous e noble entre totes besties que son deputades als huses dels homens*. Não corresponde, portanto, literalmente ao português.

<sup>8</sup> Aos erros contidos neste parágrafo dedico o *Apêndice IV*.

<sup>9</sup> Sec. xiv e xv, segundo os entendidos modernos.

<sup>10</sup> Não me é possível verificar se Pascual de Gayangos se occupou d'esses manuscritos, porque nenhum exemplar do seu *Catálogo* chegou a Portugal!

<sup>11</sup> Suprimo comunicações de Simler e Bingham, por serem sem valor.

De Frei Theuderico hace esta mencion Fr. Luis de Valdeolivo en su Tabla n. 60: *Fr. Theodericus scripsit summam pulchram de scientia chirurgiae* 1.

O benemérito Espanhol não emenda nenhum dos erros de facto ou de transcrição cometidos pelos eruditos Franceses. Individualmente acrescentou breve noticia de uma versão castelhana da *Cirurgia*, existente na livraria do Escorial (da qual logo me occuparei no *Apêndice I*), noticia que foi confirmada no século passado por Amador de los Ríos 2, e por R. Beer na sua indispensável obra sobre *Manuscriptos Españoles* 3.

Antes de Rodriguez de Castro, Pérez Bayer já havia insertado na reedição da *Bibliotheca Hispana* os principaes tópicos, exarados pelos Dominicanos franceses, juntando-lhes apenas a curiosa declaração que debalde havia procurado o n.º 7249 na Biblioteca Régia de Paris 4.

Passando por alto pela descripção d'ele, dada por Paulin Paris, no *Catálogo dos Manuscriptos* 5, devo notar que Jaime de Villanueva encontrou na sua *Viagem literária ás Igrejas de Espanha* 6, no *Inventário* dos livros pertencentes aos Templários de Daroca, e que foram confiscados pela coroa aragonesa depois da extinção da Ordem, um volume chamado *Lo Thederich*, em catalão. Anterior portanto a 1308 7.

Modernamente o manuscrito parisiense foi cuidadosamente

1 Desconheço este autor e a sua *Tabla*.

2 Vol. iv, p. 355.

3 *Handschriftenschätze Spaniens*, pp. 185 e 202.

4 Vol. II, p. 73, nota: «Fratrem Tedricum sive Thudericum Catalanum ex Ordine Praedicatorum qui circa annum MCCXII scripsisse dicitur patrio Limosino sermone *De Chirurgia: De Arte Veterinaria ac De Avium Cura Ad Andream Albalatum Episcopum Valentinum*. Apud Quetifum & Echardum, t. 1, p. 355, qui id opus extare aiunt in Bibl. Regis Galliarum, n.º 7249 (eo tamen loco atque in Indicibus frustra id quaesivi) atque in Catalogo Codd. MSS. Angliae, t. 1, p. 1, n.º 7802». — É curioso que indicasse o número verdadeiro, ao passo que Quetif (so *apud* Rodriguez de Castro?) dera o n.º 7149.

5 *Les Manuscrits français de la Bibliothèque du Roi* (Paris 1836-1848), vol. VII, pp. 130 e 142. — Não recebi a tempo a transcrição que pedi. — Ochoa não trata do MS. 7249 no seu *Catálogo Razonado de los Manuscriptos Españoles existentes en la Bibl. Real de Paris*, Paris 1894.

6 Vid. *Viage Literario á las Iglesias de España*, vol. v, p. 200; Beer, *Handschriftenschätze Spaniens*, p. 149 sgs. (130, 2). Principiando: «En nom de Deu comença lo Thederich», acabava: «val mes que daltre et pedre un pocho».

7 Item *alium librum cum tabulis ligneis cohoptertum cum pargio viridi scriptum in pergameno qui incipit: En nom de Deu comença lo Thederich*.

descrito por Morel-Fatio no *Catálogo* oficial <sup>1</sup>, e mencionado também na *História da Literatura Catalã*, do mesmo <sup>2</sup>. Rectificando tacitamente os erros dos predecessores <sup>3</sup>, é o primeiro que, pelos extractos do Prólogo que dá, assenta claramente o haver o erudito Valenciano escrito a *Cirurgia* em latim, e que os textos catalanescos, contidos naquele único códice por ora examinado <sup>4</sup>, são tradução de Galieno de Maiorca, aprendiz na arte de cirurgia — Galieno, ou antes *Galien Correger*, de Maiorca <sup>5</sup> — a qual foi feita ainda no reinado de En Jaime. Quanto aos tratados de alveitaria e falcoaria, verdade é que não os atribue a Frei Theuderique (apesar da opinião contrária confessada por Quetif, Bayer, Rodriguez de Castro, Paulin Paris) pela razão de nos próprios textos nada se afirmar a este respeito. O testemunho de Mestre Giraldo, explicito quanto ao tratado de alveitaria, não deixa contudo margem para dúvidas. Derivado de um exemplar anterior ao traslado parisiense, e que continha provavelmente o texto latino, em cópia vinda da casa real de Aragão, devemos dar-lhe crédito, a meu ver.

A data da composição original, totalmente perdida ao que parece <sup>6</sup>, seria pelos anos de 1276, segundo Quetif. Marcando apenas o *terminus ad quem*, fica válida só para a versão em vulgar. Bayer diz *perto de 1260*. Eu calculo que o *terminus a quo* fica muito perto de 1248, por entender que a posição de *simplex prægador* — *de la esgleya dels Betonç minister no dign*, como ele se qualifica na Dedicatória — é inferior e muito anterior à de capelão pontificio e Penitenciário apostólico, e também porque Jordão de Calábria dedicou antes de 1250 uma imitação do tratado de alveitaria ao Emperador Frederico, como o leitor sabe.

<sup>1</sup> *Catalogue des Manuscrits Espagnols et des Manuscrits Portugais* (Paris 1892), p. 33 (n.º 94; aliás 202 do núcleo espanhol).

<sup>2</sup> *Grundriss*, II<sup>b</sup>, p. 112.

<sup>3</sup> Alguns erros do manuscrito permanecem. Por ex.: *paciencia* por *provençia*; e *Galien de Cremona*. Vid. *Apêndice IV*.

<sup>4</sup> Oxalá o de Londres, se subsiste, seja colacionado com o de Paris, por algum interessado.

<sup>5</sup> Opino que *Correger* é apelido. De officio era cirurgião: *aprenent en la art de cirurgia*. Morel-Fatio é de outro parecer, pois imprime *Galien, correger, de Mayorchá* — *Correger, correzer, corretjer*, i. é, *correeiro*, fr. *courroyeur*, de *corretja*, lat. *corrugia*. Escuso lembrar quam vulgarizado é o nome *Correa*, *Correia*.

<sup>6</sup> Du Cange nunca menciona Frei Theuderique, salvo erro. Nem mesmo encontro noticia dos textos latinos em catálogos de livrarias medievaes.

## APÉNDICE I

### Outros tratados de Alveitaria

A lista que vou dar de outros *Livros de Alveitaria*, positivamente existentes em manuscrito, ou apenas atestados por alusões fidedignas, tem o fim de mostrar aos Romanistas que se importam do assunto quantos problemas estão ainda por decidir, e quanto convém que possamos confrontar os textos guardados em centros afastados. O *Catálogo de algunos autores españoles que han escrito de veterinária*<sup>1</sup>, que só conheço de nome, dificilmente registará as referências a textos antigos, catalães, castelhanos e portugueses, nem tão pouco resolverá as dúvidas que aponto.

Neste reino houve seguramente, além do *Livro de Mestre Giraldo* e dos originaes que aproveitou, mais alguns, perdidos hoje<sup>2</sup>. Provavelmente do século xiv. Em primeiro lugar torno a lembrar o Prólogo do *Livro de Monteria* de D. João I, escrito entre 1415 e 1433, em que afirma que *homens sabedores fizeram livros de phisica e de celurgia e de alveytaria e de falcoaria e de outras muitas artes que seriam longas de contar*.

Um pouco depois, seu filho e sucessor D. Duarte repetiu a mesma afirmação no *Livro da Eusinação de bem cavalgar por toda a sela*<sup>3</sup>. Falando<sup>4</sup> «da maneira que se ha de ter na governança das bestas em verão e em inverno e pera as poer em carne e governar em ela, e do conhecimento das doenças, criamento e ensino, em sendo novas», diz que não entende falar d'isso *porque è largamente scripto em alguns livros d'alveitaria*.

Quaes seriam os que os dois monarcas tinham em mente, ou presentes? Só os que já conhecemos? Ha outro, extenso, dividido

<sup>1</sup> Madrid 1790. Vid. Salvá, *Catálogo*, n.º 2459.

<sup>2</sup> *Em linguagem*, se eu tiver razão na conjectura que enuncio neste capitulo.

<sup>3</sup> D. Duarte começou essa obra no seu tempo de Infante, isto é, antes de 1433 (mas depois de 1415). Durante o seu curto e atribulado govêrno apenas lhe juntou tres capitulos. Na parte vi, capitulo 1 (p. 109), conta como, depois que pela graça de Deus foi feito rei, se passaram quatro anos sem que pudesse continuar a empresa. No último (p. 118) promete falar das malicias das bestas, mas não chegou a realizar o intento.

<sup>4</sup> Liv. I, cap. II.

em sete livros <sup>1</sup> (e mais outro anexo, dialogístico, em que se repete a matéria, ao modo escolástico, em perguntas e respostas) que podiam ter conhecido, por ser do século XIV; subsiste porém apenas em castelhano, embora com attribuição a um *Frei Bernardo Português*. Desconhecido aos bibliographos nacionaes, este figura no *Catálogo de Autores Portugueses que escribieron en castellano*, de Garcia Pérez <sup>2</sup>, o qual pensava portanto que o texto de *Los Siete Libros del Arte de la Ciencia de Albeiteria*, conservado num códice da Biblioteca Nacional de Madrid <sup>3</sup>, era o original, comquanto produção de um Português <sup>4</sup>.

Dos parcos extractos de Pérez Bayer vê-se que Frei Bernardo <sup>5</sup> compôs a obra a pedido de um seu irmão (ignoro, se espiritual ou carnal) e que julgava haver exposto a anatomia dos cavalos com mais largueza do que todos os demais autores de livros de alveitaria <sup>6</sup>. Nada diz acêrca da sua nacionalidade, nem da era em que

<sup>1</sup> Os *Livros* dos autores medievaes costumam ser relativamente curtos. O tratado de *Bem Cavalgar*, por ex., consta de sete, e não abrange senão 118 paginas.

<sup>2</sup> PORTUGUEZ (Sr. Bernardo). *Los siete libros del arte de Albeiteria*, Ms. Biblioteca Nacional de Madrid, I.-21. — Nesse artiguito escasso, que é cópia inexacta de outro contido no *Ensayo* de Gallardo (vol. II, Apêndice, p. 131), ha dois lapsos. Em *Amador de los Rios*, IV, 355, e sobretudo em Nicolas António, ed. Bayer, *Vetus*, II, 144, Garcia Pérez teria encontrado apontamentos mais explicitos, embora insufficientes para a minha curiosidade.

<sup>3</sup> I.-121 (e não 21).

<sup>4</sup> Se do estudo do manuscrito essa hipótese saísse verdadeira, Frei Bernardo, transplantado a Castela por quaesquer circunstâncias, seria dos primeiros Portugueses que se serviram do idioma estrangeiro em obras literárias. Vid. Carolina Michaëlis, *Romances velhos em Portugal*, p. 330.

<sup>5</sup> Não me meto a adivinhar quem entre os diversos Frei Bernardos que houve, em Alcoabaça e allures, seria esse que passou a Castela.

<sup>6</sup> Começa: «En el nombre del que fizo todo esto... Yo Fray Bernaldo Portugués comienço esta obrecilla a servicio de Dios e ruego de un mi hermano que me lo ha rrogado». E acaba: «Hasta ahora he tratado de la anatomia segun creo tan largamente que deydó (l. dudo) se falla por tal via oy por su punto assi como lo has visto, assi que en todos los libros de Albeyteria dudo si se hallará de tal guisa, ahora razon es que seas esaminado», dando assim principio à repetição em diálogo. Ocupa 132 folhas. O resto das 196 que constituem o volume é preenchido por um tratado sobre *Hervas Medicinaes* (fls. 133-148) e por outro intitulado *Flos Chirurgiae quem composuit Mestr e Fernando de Cordoba*, terminando com uma extravagante rubrica do escriba, que talvez fôsse Português (pois emprega o termo *aldravado* no sentido de *mal feito*). — Segundo Gallardo o manuscrito contém tambem ensalmos. Ha outra obra d'esse mesmo celeberrimo letrado no códice CC-78; e noticias a respeito dele em I. 53. Escuso lembrar que floreceu perto de 1500. Na *Bibl. Hisp.*, I, 285, Nicolas António não menciona a obra de cirurgia.

trabalhou. A esse respeito formula apenas a pergunta vaga, se a obra de Frei Bernardo seria utilizada pelo físico de D. Denis, a qual desde já se pode responder pela negativa (quer o manuscrito seja de fins do século xiv<sup>1</sup>, quer posterior, como supponho), porque a linguagem não é de 1300, a julgar das escassas amostras comunicadas pelos bibliógrafos. Quem a examinar com critério, dirá se me engano.

A tradução castelhana de Frei Theoderique que subsiste na Biblioteca do Escorial<sup>2</sup> também merece ser estudada com o intuito de se apurar quem tem a prioridade: se o Anônimo de Castela, se Mestre Giraldo; e no caso de a sentença ser favorável a este, se o estilo é porventura o de Gonzalo Rodriguez de Escobar, nacionalizador do tratado de falcoaria de Pero Menino<sup>3</sup>.

O mesmo digo de outro texto castelhano importante, guardado também na livreria de S. Lourenço, e mencionado pelos próprios investigadores que citam o Theoderique<sup>4</sup>. Anônimo e sem epigrafe característica, esse *Libro de Arte Veterinaria*<sup>5</sup>, contém o desenho de freios e ferros cirúrgicos, que talvez valha a pena comparar com os que ilustram, parcimoniosamente, os opúsculos de Mestre Giraldo (e também o *Livro de Caça* do seu imitador Pero Lopez de Ayala). A Introdução, de que o informador principal traslada grande parte, diverge das de Frei Theoderique e seu imitador português. Mas parece ser o original de outra catalã, que passo a descrever.

Sinto não poder estabelecer que relações ha entre ele e os códices n.ºs 215 e 207 do nucleo espanhol da Biblioteca Nacional de

<sup>1</sup> *Exeunte ut videtur XV saeculo exaratus* (Pérez Bayer).

<sup>2</sup> Marcação b-III 17.

<sup>3</sup> Amador de los Ríos (iv, 355, nota) coloca a em fins do século xiii. Rodriguez de Castro (ii, 603) no século xiv. Cfr. Beer, *Handschriften-Schätze*, pp. 185 e 202. As quatro partes juntas constam de 145 capítulos (41 + 20 + 24 + 60). Num d'elles ha referências a certo *Johã Mçio* (João Macéncio, segundo Rodriguez de Castro). No fim do manuscrito falta uma folha. Ao todo tem 215.

<sup>4</sup> Vid. mais acima p. 163, notas 2 e 3. — Rodriguez de Castro, Pérez Bayer, e Amador de los Ríos.

<sup>5</sup> Cod. membranáceo com a marcação b-iv-31. Do século xiv. — Pérez Bayer (ii, 144) dá a seguinte tradução ou síntese latina do conteúdo. «De Arte Veterinaria. De signis et equorum coloribus de cura circa nos adhibenda deque eorum morbis et medicamentis cum figuris frenorum quibus curari lunulisque ferreis in unguis muniri oportet». Não explica quantos livros e capítulos tem, nem como termina.

Paris<sup>1</sup>: um tratado de alveitaria em quatro livros, ao todo com 192 capítulos, escrito em catalão, mas, segundo se diz na rubrica que o encabeça, traduzido de outro, feito *por ordem del rey D. Alfonso de Castela*. Em latim? ou em castelhano? Gottfried Baist adjudica esse acto literário a Alfonso XI<sup>2</sup>, e Ochoa<sup>3</sup> já manifestara anteriormente opinião parecida<sup>4</sup>. Ignoro com que direito; pois o mero título não é prova suficiente. Em teoria, claro que eu não acharia de modo nenhum estranhável que o monarca, ao qual devemos um *Livro de Montaria*, documentasse também de forma duradoura o seu gosto da criação de cavalos. O que me faz hesitar é o vocábulo afrancesado *Manascalía*, pelo qual, que eu saiba, só substituíram no século xv o até então usado termo peculiarmente peninsular de *alveitaria*, como logo se verá. Duvido muito que ele já surgisse antes de 1350, no reinado e sob a égide exactamente de quem se prezava de *muy castelhano*. A conjectura que em lugar de *Castela* se deva ler *Aragão e Napoles*, ou a outra de que o redactor da rubrica inicial pensasse no Sábio de Castela<sup>5</sup>, não tem valor, em frente das indicações positivas de Ochoa, Morel-Fatio e Baist, enquanto pesquisas no texto não a autorizem. O pouco que d'ele sei, o que faz admitir é: relações de parentesco entre ele e o Escorialense, b-iv-31.

Neste temos uma espécie de Prólogo, que principia:

«Porque los Reyes e los Principes e los altos Señores han a defender e a conquerir las tierras, tengo que ninguna cosa non les puede ser tan noble ni tan a pro pora ellos como los caballos».

É no parisiense, ou nos parisienses<sup>6</sup>, segue-se depois da ex-

<sup>1</sup> Morel-Fatio, *Catalogue*, n.º 96 e 97 e *Grundriss*, nº 113, «Ein andrer Traktat über die Behandlung des Pferdes führt sich in zwei Pariser Hss (Esp. n.º 215 und 297) ein als tresladat d'un libre quel rey don Alfonso de Castella mana fer en feyt dells cavals e de lurs faysons».

<sup>2</sup> *Grundriss*, nº 417.

<sup>3</sup> *Manuscritos Españoles*, pp. 257 e 259. Os n.ºs 7813, 2 e 7919 (e não 7913, 3, como lá se diz por engano), correspondem aos modernos 215 e 297. Vid. *Catalogue*, 96 e 97.

<sup>4</sup> Segundo ele, o livro seria do próprio Alfonso XI; isto é: «Parte II do *Livro de Montaria* que trata da fisica e cirurgia dos cães». — Mas muito embora haja semelhança nos tratamentos prescritos num para cavalos, no outro para os cães, a identidade está por provar.

<sup>5</sup> O título pode ser postico nos traslados do século xv, tanto no vocábulo *Manascalía* como na referência a um *Alfonso de Castela*.

<sup>6</sup> No códice 7813, 2 ou 215 (Morel-Fatio, n.º 97) ele está incompleto; de fls. 99 a 135.



plicação «*Aquest libre es estat trasladat dun libre quel Rey Don Alfonso de Castella mana fer en feyt dels cavalls e de lurs fayçons e de lurs malalties*», a mesma fórmula introdutória — *Perque los Rers ells princeps*<sup>1</sup>.

Do século XIII, coevo de Frei Theoderique e Jordão de Calábria, é um tratado catalão, que escapou ás pesquisas de Morel-Fatio, por já não existir, ou pelo menos estar occulto em qualquer livreria particular. O único bibliógrafo que o descreve é Nicolas António, que o viu e examinou em Alcalá de Benzaide<sup>2</sup>, em casa de um seu sobrinho, *maniscal* ou *marechal* por officio<sup>3</sup>, e por isso perito e interessado no assunto. Mesmo se não tornar a aparecer<sup>4</sup>, as indicações são de péso, porque provam o facto, já em si verosímil, que no tempo do Sábio de Castela, também a hipiátrica havia merecido, se não a atenção do próprio Rei, pelo menos a de alguém da familia; e também por nos proporcionar mais um elemento para o capitulo das influências mútuas das tres literaturas medievaes da Península.

O *Libro que parla de les malalties dels cavals e per guarirlos de totes les malalties quels esdevenen*<sup>5</sup>, é, como se explica no cap. 1, uma tradução do latim («de lati em romanz») feita por ordem do Infante D. Fadrique, filho de Fernando III (o Santo), Conquistador de Sevilha, e da Rainha D. Beatriz da Suábia. Isto é, d'aquelle irmão rebelde de Afonso X — justicado sem processo em 1277 — que os Hispanófilos conhecem como autor, ou promotor de uma versão castelhana do texto arábico do *Sindibad* ou seja do *Libro de los Engaños e los asayamentos* (= picardias) *de las mugeres* (1253)<sup>6</sup>. Por sinal, note-se que o tradutor (e seguramente também o autor) se louvava em Hipócrates: *E seuls Hippocras lo*

<sup>1</sup> Ochoa, p. 259. — As últimas palavras são as seguintes: «Siali mes al coll unes costelles por que no puxa gratar ni escorxar tro sia guarit».

<sup>2</sup> Filho de sua irmã Beatriz, casada com D. José de Bernuy y Mendoza.

<sup>3</sup> Beer não deu com nenhum exemplar. Do *Livro dos Enganos*, ms., também só se conhece um exemplar único.

<sup>4</sup> Vid. Nicolas António, *Bibl. Hisp.*, II, 270. O título é precedido da observação: «Anonymus Catalanus interpretatum se ait ex Latino in sermonem suæ». — No Índice (II, 564) catalogou-o com o título latino *De Morbis equorum*.

<sup>5</sup> Amador de los Rios (III, 536) engana-se portanto quando assevera que D. Fadrique se occupou de empresas literárias só uma vez, mandando traduzir do árabe o *Livro dos Enganos*. E Ad. Bonilla y San Martín, que o imprimiu em edição esmerada na *Bibliotheca Hispánica* (1904), foi omisso na introdução.

*bon fisich que o fizera per pregaries e per manament del rey*<sup>1</sup> *qui era en aquella sahó molt poderos*<sup>2</sup>. Atribuição fantasiada, em harmonia com um processo derivativo em que a idade-média era useira e vezeira, e que torna a aparecer em tratados de *manascália* do século xv<sup>3</sup>, mas que naturalmente provocou reservas críticas de Nicolas António<sup>4</sup>.

Quanto a volumes que faziam parte da livraria del Rey D. Martinho II de Aragão (1396-1410) como, p. ex., *De jeneraciõ e medicina de bestias*, em latim (n.º 70), ou *Libre de natura de besties* (215)<sup>5</sup>; e aos dois que em 1440 pertenciam à selecta colecção de Rodrigo Afonso Pimentel<sup>6</sup>, ninguém sabe o que eram: traslados ou versões dos textos de Frei Theoderique? Jordão de Calábria? Frei Bernardo Português? o *Livro* de D. Fadrique? o de Alfonso de Castela?

Segue-se, ainda no século xv, a *Menescália* ou *Manascália*<sup>7</sup> verdadeira (em tres partes)<sup>8</sup>, do Mordomo de Afonso V de Aragão e Nápoles, o nobre Mossen Manuel Díez, Senhor da Vila de Andilla, composta por ordem do seu magnânimo soberano<sup>9</sup>, a qual

<sup>1</sup> Creio que aqui falta um nome-próprio. Mas qual? Ptolemeo? Demétrio? Alexandre?

<sup>2</sup> No que se segue há a indicação: «E lo primer capitol parla del quil feu trasladar de lati en Romanz: D. Fadrich, fil del molt poderos Don Fernando Rey de Castella e de Leão».

<sup>3</sup> Por ex., no de Joan Álvarez de Salamiellas (*sobre los dichos de Ipoeras*) (Ochoa, 254; Morel-Fatio, n.º 98). — Com relação à cetraria, terei de lembrar mais abaixo que diversos tradadistas antigos attribuem a sua invenção a *Ulysses*, enquanto outros nomeiam *Ptolemeo* do Egipto ou certo Rei *Darcus* ou *Dancus*. Os de medicina, que não se referem a Hipócrates, citam Galeno.

<sup>4</sup> «Vulgare est opus quod commendare velis magno aliquo nomine inscribere. Quam fabulam in hac nuncupatione actam spero».

<sup>5</sup> Vid. Beer, *Handschriften-schätze*, p. 94 (n.º 53, 70 e 215).

<sup>6</sup> Vid. Beer, *Handschriften-schätze*, p. 107 (n.º 67, 75 e 76). Ambos velhos, em papel toledano, o que me leva a observar que o livro de Frei Bernardo Português foi escrito em Toledo.

<sup>7</sup> *Menescália*. *Manascália*, mas também *Menescálcia*. *Manascálcia*, de *maniscal* por *mar-ih-scalc*, vocábulo composto de duas palavras germânicas *mari* = *MÄHR*, «cavalo», e *skalc* = *Schalk*, «criado, servente».

<sup>8</sup> Um relativo a cavalos, outro a mulas, e o terceiro a outras *bestias*. Em alguns manuscritos ha apenas dois livros. — Outro de *medecinas* (*medesines*), que anda sóto (Villanueva, xviii, 184, e Beer, 40, 85 e 513, 4) é considerado por alguns como quarto livro da obra do nobre Catalão.

<sup>9</sup> Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 34 (n.º 97-215, antigamente 7813, 2) e *Grundriss*, 11<sup>b</sup>, p. 113.

foi espalhada em numerosos traslados <sup>1</sup>, traduzida em castelhano <sup>2</sup>, e impressa em 1495, e repetidas vezes <sup>3</sup>.

Outro tratado catalão foi escrito por Mossen Bernart de Cassés (de Gerona), em 1496, para D. Fernando de Aragão <sup>4</sup>. É um castelhano por João Álvarez de Salamielles, também em fins do século <sup>5</sup>. Todos eles, e mesmo os do século xvi e xvii, de Juan Ruiz, e D. Juan Suárez de Peralta (ambos inéditos <sup>6</sup>) e de Fernando Calvo, <sup>7</sup> Francisco de la Reina <sup>8</sup>, Fernando de Mena <sup>9</sup>, Martim de Arredondo <sup>10</sup>, Pedro López de Zamora <sup>11</sup>, Alonso Suárez <sup>12</sup>, e outros, citados por Salvá, embora tardios, podem muito bem conter reflexos dos do século xiii — exactamente como acontece com o *Livro das Aves de Caça* de Mestre Giraldo, que se espelha claramente no de Diogo Fernández Ferreira, de 1616, como passo a demonstrar.

Deixem-me acrescentar apenas ainda duas observações: também seria de utilidade conhecermos pormenores sobre dois tratados árabes de alveitaria (manuscrito), citados ás vezes por Dozy <sup>13</sup>. Na parte lexicográfica ver-se-ha quantos termos hípicos, medicinaes e cirúrgicos, tem origem ou forma arábica.

Na *Biblioteca Lusitana* ainda se registam oito tratados de alveitaria dos séculos xvii e xviii, cuja pista o curioso poderá seguir, recorrendo ás indicações dadas nos artigos relativos a Afonso Es-

<sup>1</sup> Vid. Villanueva, iv, 136; xviii, 184; xxii, 218, e Beer, *Handschriften-schätze*, 46, 85 e 513, 7.

<sup>2</sup> Por Martin Martínez Dampiez. Vid. Salvá, 2612 e 2613; Nicolas António, *Bibl. Hisp. Nova*, ii, 106; *Vetus*, ii, 277.

<sup>3</sup> Méndez-Hidalgo, *Typografía Española*, pp. 72, 74 e 334.

<sup>4</sup> O manuscrito de 1544, existente numa livreria particular, foi descrito por Fr. Viñas y Serra na *Revista de Gerona*, xi, 142-150. Cfr. Beer, *Handschriften-schätze*, p. 241; Morel-Fatio, *Grundriss*, ii<sup>b</sup>, p. 113.

<sup>5</sup> Morel-Fatio, *Catalogue*, n.º 98.

<sup>6</sup> Bibl. Nac. de Madrid: L-183 e L-191.

<sup>7</sup> *Bibl. Hisp.*, i, 282. Vid. Salvá, 2665.

<sup>8</sup> *Ibid.*, i, 336; Salvá, 2602 e 2663. O seu *Libro de albeiteria* foi impresso em 1546, 1552, 1580, 1623 e 1647.

<sup>9</sup> Impresso em Alcalá em 1602, 1623 e 1647. Vid. Barbosa Machado.

<sup>10</sup> Salvá 2665. (Madrid 1658, 1669 e 1723).

<sup>11</sup> Logroño, 1588.

<sup>12</sup> Alonso Suárez, médico em Talavera, traduziu um tratado de veterinária de latim em castelhano, que fez imprimir em 1564, em Toledo, nas oficinas de Miguel Ferrer. Vid. Pérez Pastor, *La Imprenta en Toledo*, n.º 302. — Entre outras cousas ele nacionalizou também a *Agricultura* de Pedro Crescentino.

<sup>13</sup> Veja-se o *Glossaire*, por ex., a pp. 45, 141 e 314, s. vv. «alifafe», «mesell», «adivas». — Os mss. teem na Biblioteca de Leyden a numeração 528 e 299.

teves, Alexandre Dias Ramos, Brás Pinto, João Álvares Borges, Lourenço Ruscião, Miguel Martins Cavaco, Miguel Rodrigues Açafate, Sebastião da Silva.

## II. — O Livro das Aves, Caçadores

Repito o que já expliquei mais acima <sup>1</sup>. O tratado sobre *Enfermidades das aves de caça* e sua cura é atribuído a Mestre Giraldo, e o original que ele nacionalizou a Frei Theoderique, muito embora careçamos de explicações claras dos próprios, ou dos que se ocuparam d'elles. O opúsculo português não tem Prólogo nem rubrica inicial ou final sobre o assunto. Na Introdução pequena que precede o *Livro das Enfermidades dos cavalos* não ha frase alguma que se refira ao das Aves. No texto o Mestre emprega a fórmula «o que este livro fez» (que relaciono com o modelo imitado), aludindo a outros livros de teoria divergente. É pois unicamente em virtude de se haver o *Livro das Aves* propagado num mesmo manuscrito com o dos *Cavalos* que os bibliógrafos peninsulares <sup>2</sup> consideraram como autor o físico de D. Denis.

Quanto ao texto catalão, também anda no mesmo manuscrito parisiense (n.º 212, antigamente 7249), com o *Livro de Alveitaria*, que esse físico atribue a Frei Theoderique; e com a *Cirurgia* que o tradutor Galieno Correger, de Maiorca, atribue ao próprio <sup>3</sup> — igualmente sem Prefácio, nem rubrica inicial ou final, relativa ás origens do texto. Não se sabe portanto com certeza se ele é de Frei Theoderique; nem tão pouco se foi escrito em latim, e traduzido pelo vulgarizador da *Cirurgia*. Ambos os tópicos são contudo tão prováveis que foram aceitados também como certos pelos bibliógrafos Quetif, Pérez Bayer, Rodríguez de Castro, Paulin Paris e por Gabriel Pereira <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Vid. pp. 151 e 157.

<sup>2</sup> Jorge Cardoso, Soares de Brito, Franco Barreto, Niculus António (vid. mais acima p. 153), Pérez Bayer, Barbosa Machado, Gabriel Pereira.

<sup>3</sup> Considerando o *Livro das Aves* como mero anexo do de *Alveitaria*, é que Gabriel Pereira diz que Frei Theoderique tem no tratado dos cavalos uma parte relativa ás muitas questões de falcoaria. Do exame da *Cirurgia* talvez resulte que o plano do médico de Valeça era tratar primeiro do homem, depois dos cavalos, e finalmente das aves de caça, de sorte que ambos os livros, traduzidos livremente por Mestre Giraldo, seriam meras parcelas separadas do corpo da obra principal (que por ventura também traduziria).

<sup>4</sup> Apenas Morel-Fatio se viu obrigado a afastar-se d'elles, pelo rigorismo scientifico moderno.

Houve até no principio do século xvii quem imprimisse *Lo libre dell nudriment he de la cura dells ocels los quals se pertanyen ha cassa* <sup>1</sup>, servindo-se do códice que já então existia na Biblioteca dos Reis de França, e acompanhando-o de uma versão (retroversão?) abreviada latina <sup>2</sup>. Os passos que dei para obter uma cópia não surtiram efeito. Por isso estou sujeita a errar, como nos outros pontos, por não conhecer senão o trecho inicial e o final do texto.

Esses, e as breves indicações dos descritores, mostram as claras que ha diferença de forma, notável, entre o opúsculo catalão e o texto português.

O do manuscrito parisiense tem a forma artistica de Carta, ou pelo menos principia com uma carta. Essa Epistola encontra-se igualmente em outros tratados sobre o mesmo tema, latinos e franceses <sup>3</sup>. O seu caracteristico é fingir-se dirigida por tres Sábios da Chaldea (nomeados Aquila, Synachus e Theodocion, como os tradutores da *Septuaginta*) a Ptolemeo, Emperador do Egipto, o qual passava por ser inventor e primeiro protector da cetraria; como Ulysses, Machabeu e o Rei Dancus ou Darcus (Elyseu d'Arcússia), em outras regiões.

Abrindo paréntese devo dizer que H. Werth divide, no seu estudo fundamental, os Livros medievaes de Caça em grupos, conforme os taes inventores fabulosos. E coloca o tratado catalão á testa do grupo II, ptolemaico <sup>4</sup>, persuadido de que pertence ao século xii <sup>5</sup> e serviu de base não somente ao poema didáctico *Dels auzels cassadors*, do Provençal *Dande de Pradas*, mas também ao livro erudito de Alberto Magno, (que floreceu antes de 1250), a um tratadito francês, e a dois latinos <sup>6</sup>. Pelo que fica

<sup>1</sup> Nic. Rigault que publicou em 1612 diversos tratados de cetraria e montaria, com o título duplo greco-latino de *ἱερακοσόφιον* (*Hierako-Sophion*): *Rei accipitrariae scriptores nunc primum editi* *Accessit κύνοςόφιον* (*Kynosophion*): *Liber de cura canum*. Ex Bibl. Regia Medicea. Lutetiae 1612, vol. II, pp. 185-200 (cat.) e 201-211 (lat.).

<sup>2</sup> H. Werth (*Zeitschrift*, XII, 161) diz que o *sumário* (*die Rumpfübersetzung*) fóra redigido para um compêndio de historia natural (*De natura rerum*). -- Cfr. Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 33.

<sup>3</sup> H. Werth, baseado em P. Paris (*Zeitschrift*, XII, 161).

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 160.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 162: «Und man wird mit Recht das katalanische Original in das XII s. hinaufrücken».

<sup>6</sup> O investigador alemão supõe que textos latinos, correspondentes ao catalanesco, subsistam em Oxonia no *Coll. Corporis Christi*, n.º 274 (s. XIV) de fls. 127 b a 130, e no Museu Britânico (Add. 18752).

dito a respeito da vida de *Frei Theoderique*, a conjectura só pode corresponder á realidade, se o texto inteiro, ou pelo menos a *Pistola* e a primeira parte *De diversis generibus falconum sive accipitrium* não lhe pertencer, sendo antepostas ao tratado meramente cirúrgico do erudito Dominicano, *De infirmitatibus et medicamentis earum*, por algum copista que trabalhava para um aficionado. — Quanto á carta sôbre a nobreza da arte e á explicação sôbre as espécies, é mais natural ser obra de algum antigo falcoeiro *ex-officio*, ao serviço de algum reinante, como foi o *Moa-min* do Imperador Frederico, o Valeriano, e o Guilherme d'esse mesmo ou de Rogério I (de Sicilia, † 1154); e como posteriormente Pero Menino, na côrte de Fernando I, e Diogo Fernández Ferreira dos reis e infantes de Portugal. De um eclesiástico exemplar, que alem de ser pregador da Ordem, capelão pontificio, e penitenciário, era sabedor de medicina, entendido em fisica, química e história natural, compreende-se que — como Mestre Giraldo — escrevesse de cirurgia aplicada, estendendo o seu interêsse dos homens a cavalos e aves. Menos provável é que também fôsse falcoeiro prático, e se occupasse da criação e do adestramento de aves de caça. Nos Livros escritos por Magnates (como Dom Juan Manuel, Infante de Castela e pelo Chanceler Pero López de Ayala) as partes dedicadas a doenças e curas, em geral curtas, derivam quási sempre de escritos de especialistas de cirurgia <sup>1</sup>, (muito embora o cetreiro ideal houvesse de ser sabedor de remédios caseiros e dos primeiros cuidados samaritanos); e vice-versa, esses tiram das obras de falcoeiros as noticias cinegéticas que julgam necessário adicionar aos seus tratados.

Fechando o paréntese, volto ao texto português, que se compõe exclusivamente de matéria médica, sem a *Epístola Aguila, Simaco e Teodocio a Ptolemeu Emperador do Egipto e a todos os seus, deliciosamente viventes, saude e paz* <sup>2</sup>, e sem a parte relativa

<sup>1</sup> Na obra de Don Juan Manuel, que confessa abertamente a sua incompetência em tal assunto, só quinze páginas, de setenta e cinco, são dedicadas á medicina.

<sup>2</sup> As frases iniciais do texto catalão, transmitidas por Paulin Paris e H. Werth, estão deturpadas, de sorte que é arriscado interpretá-las. Aludindo a um texto hebraico e caldeu, em que havia referência a Apolo Menor, a outro grego, de Alexandria ou com atribuição a Alexandre, e um terceiro latino chamado Machabeu, a *Pistola* começava com a fórmula: «aquela (l. Aquila) Simacus et Theodosus a Tolomeu emperador d'Egipte et a tots los segens (?) deliciosament vivents salut he pau. Gran emperador et senyor...

aos diversos géneros de aves de caça <sup>1</sup> — É claro que essa divergência não inibe que possa ser versão quasi literal. Mas, se as impressões que recebi na leitura não forem illusórias, ele não se cinge muito mais de perto ao modelo do que no *Libro de Alreitaria*, sistematicamente remodelado.

Quanto ao tamanho, no manuscrito francês o *Libre dels ocells de cassa* abrange apenas tres folhas de  $345 \times 245$  milímetros, ou tres e meia (fl. 110–112 <sup>2</sup>); o titulo parece que está em 109 v. Na impressão de Rigault conta ao todo quinze páginas (onze na latinização); o português abrange quinze folhas (de  $270 \times 195$  milímetros <sup>3</sup>) de trinta linhas, termo médio, o que na impressão rendeu dezoito paginas (de quarenta linhas). Não tiro ilações, porque sem vermos pelo menos fac-similes de ambos os originaes, os cálculos podiam falhar por completo: se, p. ex., a Epistola occupasse pouco espaço (como supponho), e a primeira parte também fôsse breve, a proporção estaria restabelecida.

De outros tratados antigos, que só conheço de nome, direi alguma coisa no *Apêndice II*. Primeiro tratarei de dois que me são familiares, mostrando que derivam directamente do livro de Mestre Giraldo, e foram elaborados neste país.

O mais tardio é o único bem conhecido em língua portugueza, porque é o único que se imprimiu <sup>4</sup>, enquanto todos os predecesores se abstiveram dos incómodos e das glórias da publicidade; único também que por isso mesmo foi julgado digno de ser adoptado pela nação vizinha <sup>5</sup>.

O autor da *Arte de Altaneria* <sup>6</sup>, Diogo Fernández Ferreira, era filho e neto de falcoeiros <sup>7</sup>. O pae, Pero Fernández, estivera ao serviço do Infante D. Luis (1505–1555), caçador entusiástico, com

<sup>1</sup> Sete. — Outros, posteriores, põem cinco, por contarem apenas como *variações* os que os antigos consideraram como *géneros*.

<sup>2</sup> De 44 v a 59.

<sup>3</sup> Em 1616 (Lisboa). Ha reimpressão moderna na *Bibliotheca de Clássicos Portuguezes* (Lisboa 1889). É pena que nessa colecção, importante, não se desfaçam, em notas, as numerosas incorrecções que, em regra, deturpam as primeiras impressões portuguezas. É a ela que sempre me refiro, porque a de 1616 é inacessível a quasi todos os estudiosos.

<sup>4</sup> A tradução de 1625 é de João Baptista Morales (Vid. Gallardo, *Ensayo*, II, Apêndice, p. 110) e existe manuscrita na Biblioteca Nacional de Madrid, com a marcação L. 175. Cfr. *Biblioteca Venatória*, I, p. cxxxii (n.º 80).

<sup>5</sup> *Altaneria* (*altanaria*, como os modernos preferem dizer) = *volateria*, *volaria*, *voaria*, *cetraria*, *falcoaria*. Vid. vol. I, p. 25.

<sup>6</sup> No vol. I, p. 29, ele se refere ao avô.

oitenta cetreiros assalariados, entre nacionaes e estrangeiros, e que dentro do seu paço entregava as aves de caça de mais estima aos seus moços da camara, dois ou tres a cada um <sup>1</sup>. O próprio Diogo, criado desde a meninice na «sciencia e arte da caça», foi na sua juventude occupado como experto, ora pelo Infante citado <sup>2</sup>, ora por D. João III, seu irmão <sup>3</sup>, ora pelo filho do rei, o mal-logrado Principe D. João <sup>4</sup>, posteriormente por D. Sebastião <sup>5</sup>, e pelo pretendente do trono D. António, Prior do Crato, que ele costuma apellidar o *último Gram-Caçador de Portugal*. A este servira algum tempo de pagem, passando depois da catástrofe de 1580 á categoria de moço da câmara dos Felipes. Continuou todavia, sempre na pátria, a criar e ensinar gaviães, falcões, açores, gerifaltes para magnates nacionaes. Sobretudo para o Marquês de Ferreira, a cujo neto dedicou a sua obra.

Na velhice, já septuagenário <sup>7</sup>, é que se pusera a escrever o seu extenso estudo sobre Aves de caça, sua criação, enfermidades e curas. Nos seis livros da *Arte de Altanería*—I. *Das Aves de rapina em geral, e em particular dos Gaviães*; II. *Dos Açores*; III. *Dos Falcões*; IV. *Das Doenças e Curas das Aves de Caça*; V. *Das Armadilhas*; VI. *Das Aves de arribação e das que não peregrinam* <sup>8</sup>—intercala uma infinidade de ditos e de casos curiosos que ocorreram nas caçadas a que assistiu em volta de Évora, Almeirim, o Crato, os quaes (exactamente por não serem anecdotas tradicionaes de façanhas inverosimeis á *la Muenchhausen*, ideadas por *chufadores*, constituem um vivo e pitoresco quadro, de valor sociológico, amenizam a leitura <sup>9</sup> e documentam a paixão secular dos grandes senhores portuguezes pelo despôrto saudável, que era acreditado como pródromo natural do exercicio da guerra, e remédio contra a ociosidade em tempos de paz. Embora, se-

<sup>1</sup> Vol. II, 113.

<sup>2</sup> Vol. I, 73, 78, 113, 114, 143; II, 87, 99, 104, 120.

<sup>3</sup> Vol. I, 43; II, 107.

<sup>4</sup> Vol. I, 79.

<sup>5</sup> Vol. I, 39 e 51.

<sup>6</sup> Vol. I, 113, 146; II, 114.

<sup>7</sup> Vol. I, 5. Quanto ás datas em que lançou ao papel os diversos capitulos vejam-se vol. I, p. 47 (1612), 70 (1613); II, 134 e 138 (1614); I, 92 (1615), e II, 89, (onde por engano se lê 1625, por 1615). Naturalmente ha também referências a tempos passados como 1605 (I, 117) e 1608 (ibid., 72).

<sup>8</sup> Sou eu que lhes dou esses titulos.

<sup>9</sup> É costume contar a *Arte de Altanería* entre os livros classicos da literatura, o que só se pode admitir eufemisticamente, e com bastantes restricções.



gundo Ferreira, a falcoaria estivesse em plena decadência desde Alcácer-Quebir<sup>1</sup>, ou (melhor) desde que as armas de fogo se haviam senhoreado do mundo (a não ser entre os Mouros de Africa)<sup>2</sup>, ele conviveu com tantos aficionados e apaixonados<sup>3</sup>, que de longe em longe dá expressão á esperança de ver o renascimento da medieval Arte de Altanería<sup>4</sup>.

Apesar da larga experiência de Ferreira, a doutrina que expõe não é nova senão em pormenores, sobretudo quanto a aves de caça e a drogas vindas das Índias orientaes e occidentaes, mas também quanto á predilecção dos Portugueses por açores. Em geral hauriu-a, toda feita, nos tratados preexistentes, tanto de Portugueses como de Castelhanos, ou Neo-latinos, de diversas nacionalidades. Peculiarmente, o *Livro Quarto: Das enfermidades e mezinhas* tem pouca originalidade.

Familiarizado com as Crónicas portuguezas e castelhanas, de que extraiu notas sobre os reis que foram amigos da caça, cita também alguns clássicos latinos (Tulio, Ovidio)<sup>5</sup>. Entre os autores medievaes que alega<sup>6</sup>, figura um, Limosim: *Guido de Cauliaco*<sup>7</sup>. O nome que todavia ocorre com mais frequência é o de *Pero López de Ayala*, chanceler-mor de tres reis de Castela.

A Mestre Giraldo, não o cita de nome. Nem tão pouco ás autoridades a que o físico de D. Denis se encostara.

Apesar d'isso cinge-se na Parte IV muito de perto ao tratado das *Aves Caçadores*, seguindo a antiga exposição, de capítulo em capítulo e, ás vezes, de oração em oração, ou mesmo de verbo a verbo.

<sup>1</sup> Vol. II, 88.

<sup>2</sup> Ibid., II, 118.

<sup>3</sup> P. ex., vol. I, 73.

<sup>4</sup> Os protagonistas dos casos que narra são, além dos já mencionados, o Duque de Aveiro (I, 48), o Marquês de Ferreira (I, 45, 138, 146), o de Castello-Rodrigo (I, 72), o de Barcarrota (I, 78), o Conde de Tentugal, etc., etc.

<sup>5</sup> Não sei se as incorrecções, nos passos que Ferreira alega, provém de falta de conhecimentos linguísticos.

<sup>6</sup> Guilherme Benedicto, Johannes Textor, Jorge Agricola, Pero de Boavistão, Leonardo Feravante, Eneas Piccolomini. Ignoro quem seja um Mathias Banha, autor de uma *Praça Universal*, com mais de 517 páginas (vol. I, p. 24), e advogado da lenda que «o grande principe Ulysses Grego, fundador da cidade de Lisboa, fora o primeiro inventor da *Caça das Aves*». (Cfr. *Zeitschrift*, XII, 160).

<sup>7</sup> Já falei d'ele mais acima (p. 159). O afamado médico provençal († 1363) escreveu um livro de cirurgia (*Collectorium*), que foi impresso em Veneza (1490), e outro sobre furúnculos e unguentos, traduzido para catalão em 1501. — Vide *Grundriss*, II<sup>a</sup>, 260, e II<sup>a</sup>, p. 112. — Do primeiro havia tradução castelhana, de João Calvo, impressa, com glosas, em Sevilla, 1520, e em Valença, 1596.

Como explicaremos essa contradição aparente? Recorrendo ao *Libro de la Caza de las Aves*, escrito em castelhano pelo nobre Basco Pero López de Ayala, livro que manuseio desde que saíu na *Biblioteca Venatória* de Gutiérrez de la Vega<sup>1</sup>. Tornando a lê-lo agora, com o fim indicado, descobri cousas curiosas.

Abstraindo de numerosas descobertas etimológicas, de que me ocuparei na Parte II d'este estudo, verifiquei que Diogo Fernández Ferreira havia, de facto, utilizado amplamente a obra do Grand-Chanceler, não só na Parte IV, em que o declara sem circunlóquios, mas também na Parte III, relativa à criação e ao ensino dos falcões, e ainda em alguns capítulos das restantes Partes. Não como plagiador servil. Pelo contrário, com critério e consciência, aceitando o que era racional, abandonando o que lhe parecia antiquado ou insensato, acrescentando o que a experiência do século xv e do xvi havia introduzido de novo; substituindo, p. ex., parte dos medicamentos antigos, conforme já indiquei, por outros de proveniência oriental ou ultramarina, descritos em obras eruditas de botânica, farmacéutica e medicina (*verbi-gratia* nos *Colóquios* de Garcia da Orta); juntando indicações sobre aves de caça vindas das Índias Orientaes e Occidentaes e do Brasil; cortando minúcias dispensáveis sobre usos e costumes de França; e ilustrando tudo com a narração de scenas portuguezas a que assistiu em pessoa, ou de que ouviu falar. De vez em quando ha divergências do texto castelhano<sup>2</sup>, que podem ser erros de interpretação, ou provir de variantes nos traslados conservados em Portugal<sup>3</sup>.

Eis o elenco da Parte I do *Libro* do Chanceler, em confronto com a Parte III da *Arte de Alcañeria*, de Ferreira. O cap. 1, sobre aves de rapina em geral, passou para a frente da

<sup>1</sup> Vol. III, *Libros de Cetrería*, pp. 137-353 (Madrid 1870). — Já fôra impresso, um decénio antes, por Lduente y Alcántara e Pascual de Gayangos na colecção da *Sociedad de Bibliófilos Españoles*. — Essa, não a tenho ao meu dispôr.

<sup>2</sup> Eis um exemplo, de muitos. Segundo Ferreira, os falcões *Donzela* e *Botafogo* eram de D. Fernando de Portugal (II, 109). Segundo Ayala, eram de D. Pedro de Castela (p. 109), o Rei Justiceiro, cujo favorito o autor fôra e a quem se refere numerosas vezes.

<sup>3</sup> Onde Ayala se refere ao *Senhor de la Ribera*, camareiro-mor del rei de França (p. 167), Ferreira dá-lhe o nome mais completo Monsieur de Ribeira Targe. Em outro capítulo (p. 174) o mesmo Grand-seigneur é chamado *Bureo Señor de la Ribera*, onde Ferreira põe apenas (p. 110) *Monsieur de la Ribeira*.

obra inteira do Português, sendo reescrito. Só do cap. II em diante começa a correspondência <sup>1</sup>:

AYALA	FERREIRA
Cap. II De los plumajes de los Falcones et primeramente del falcon nebli.	Cap. I Dos Falcões nebris.
III Del falcon bahari et tagarote.	II Do falcão bahari-tagarote.
IV Del falcon girifalte.	III Dos Gerifaltes.
V Del falcon sacre.	IV Do Falcão sacre.
VI Del falcon borni.	V Do Falcão Borni.
VII Del falcon alfaneque.	VI Dos alfaneques.

O cap. VIII de Ayala, com Regras Práticas, é dividido por Ferreira em nove Advertências. Na exposição do assunto de cada capítulo, o Português procede com independência, aproveitando apenas notas soltas do Quatrocentista, cujo nome cita, cada vez que narra um «exemplo» antigo. No fim, isto é, na descrição das famílias e espécies, é que traduz mais ou menos literalmente.

Ayala escrevera:

«Falcones hay neblis que han lo blanco mucho et muy blanco, et lo al como gris, et son estos falcones llamados en Francia falcones de *dames*, quiere decir falcones de dueñas, et son muy fermosos, et muy dulces de facer, et de muy buen talante; et han el plumaje muy bueno et non tan brozno como los otros plumajes; et aun han las colas más luengas et salen buenos garceros. Et á tales falcones de tal plumaje suelen en Castilla llamar los falconeros et cazadores *doncellas* (p. 165)».

Ferreira nacionalizou o trecho com desembaraço:

«Os falcões nebris tem o branco muito alvo no peito e o demais preto (*sic*); a estes chamam os Francezes Falcões de damas, e são mui formosos e doces de fazer, e de mui bom semblante (*sic*), e tem a plumagem mais limpa que todos os mais; e os cabos (*sic*) um pouco mais compridos; e as coxas por dentro alvas; sabem excellentes garceiros; os caçadores castelhanos lhes chamam *donçeis* (*sic*) (p. 108)»<sup>2</sup>.

As partes imediatas de Ayala — cap. IX a XXXVIII — constituem a Parte IV de Ferreira. E esta corresponde ao *Tratado* de Mestre Giraldo, como o leitor pode verificar pela tabela comparada que se segue:

<sup>1</sup> Correspondência ou paralelismo, mas não identidade. Ayala distingue seis plumages, Ferreira sete (como a carta acima citada) porque trata da espécie nova dos Aletos, vindos das Índias de Castela, e do Brasil (cap. VII).

<sup>2</sup> Repito que o manuscrito utilizado por Ferreira divergia talvez do que serviu de base á impressão de Gutiérrez de la Vega.

## FERREIRA (Parte IV)

## AYALA

## MESTRE GIRALDO

Cap.

Cap.

Cap.

- 3 Como se cura no falcão a água vidrada.
- 7 Das gosmas.
- 8 Do falcão que *amante* e com papo.
- 9 Do falcão que tem o papo cheio de vento.
- 10 Do falcão que tem plumadas velhas.
- 11 Do falcão que tem o bucho inchado e  
grosso.
- 12 Do falcão que tem lombrigas.
- 13 Das filandras ou filomeras.
- 14 Do falcão que tem pedra.
- 15 Da fistula que se faz em a ferida do  
falcão.
- 16 Da comichão que os falcões tem nas  
pennas e as tiram e comem.
- 17 Da unha que se tira ou cabe ao falcão.
- 18 Do falcão que tem cravos nos pés.
- 19 Do falcão que tem os pés inchados.
- 20 Do falcão que tem perna quebrada.
- 21 Do falcão que se lhe quebra a azu.
- 22 Do falcão que se lhe quebra o olho.
- 11 Como se deve purgar el falcón del agua  
vedriada.
- 15 Del falcon que ha güermeçes.
- 16 Del falcon quel remancece el papo.
- 17 Del falcon que tiene el papo lleno de  
viento.
- 18 Del falcon que tiene plumas viejas.
- 19 Del falcon que tiene inchado el buche.
- 20 Del falcon que ha lombrices.
- 21 Del falcon que ha filandras ó filomeras.
- 22 Del falcon que tiene piedra.
- 23 De la fistola que se face en la llaga del  
falcon.
- 24 De la comezion que tiene el falcon en  
las plumas que se las come et se las  
tira.
- 25 Del falcon que se le tira la unha.
- 26 Del falcon que ha clavos en los piés.
- 27 Del falcon que se le finchan los piés ó  
le arden.
- 28 Del falcon que se le quebra la pierna.
- 29 Del falcon que se le quebra el ala.
- 30 Del falcon que se le quebra el ojo.
- 1 Da auga vidrada 1.
- 2 Das gozmes.
- 3 Da ave que ha o papo cheio de vento.
- 4 Dos refeitos (reselitos) velhos 2.
- 5 Do inchimento do bucho.
- 6 Das lombrigas que som geeradas no  
bucho.
- 7 Das lombrigas que som chamadas fyl-  
landas.
- 8 Da pedra.
- 9 Da fistolla.
- 10 Do pruido que a ave ha nas pernas e  
çancas 3.
- 11 Da unha quando sayr (ou saae) 4.
- 12 Dos cravos que ham as aves nos pees.
- 13 Das aves que haam os pees inchados.
- 14 Da perna quebrada da ave.
- 15 Da az quebrada 5.
- 22 Do olho quebrado.

- Cap. 16 Do inchaço da ave que he no ventre a que chamam tropigo.
- 17 Dos inchaços que as aves ham antre o coiro e a carne.
- 18 Da frieldade.
- 19 Da ferida aberta e curada.
- 20 Da queda o[u] derramadura.
- 21 Das tripas que som fora.
- 22 Das queixadas que som fora.
- 23 Pera a ave aver de mudar hem.
- Cap. 31 Del falcon que ha tropigo ó finchazon en el ventre.
- 32 Del falcon que regita et tiene el papo et tripas frias.
- 33 De los falcones que son feridos de aves.
- 34 De la ferida del falcon.
- 35 De la abatidura del falcon.
- 36 Del falcon que tiene las tripas fuera.
- 37 Del falcon que tiene las quiexadas torcidas.
- 38 Como debes fazer la muda á tu falcon.
- Cap. 23 Do falcão que tem inchação entre o couro e a carne.
- 24 Do falcão que regeita e tem as tripas frias.
- 25 Da ferida que o falcão tem aberta ou cerrada.
- 26 Das debateduras e cahidas do falcão.
- 27 Do falcão que tem as tripas fora.
- 28 Do tropigo do falcão ou inpaço.
- 29 De como se deve fazer a muda ao falcão.

<sup>1</sup> Dou os títulos que enclimam o texto. Na *Taboza* divergem quanto á forma. <sup>2</sup> Vide *Contribuições para os Dicionários*, etc. <sup>3</sup> Tanto na *Taboza* como no texto ha erro: *comcar e comcar*. <sup>4</sup> *Taboza quando say a unha de todo á ave.* <sup>5</sup> *Faba na Taboza.* <sup>6</sup> *Ho papo e do bucho e das tripas frias.* <sup>7</sup> Os cinco capitulos finais filiam no Ms. 2264. Constan todavia da *Taboza* dos capitulos.

No *Libro de la Caza de las Aves* ha ainda nove capitulos que quasi todos foram aproveitados por Ferreira

## FERREIRA

- 30 De alguns falcões que não querem mudar.
- 31 Como se havera o caçador com o falcão depois de mudado.
- 32 Das pennas quebradas e como se enxiem.

## AYALA

- 39 De algunos falcones que non quieren mudar.
- 40 Como farás despues que tu falcon fuere mudado.
- 46 De como se deben enjericir las pennas quebradas.

Os cap. 41-44 de Ayala (*Ajores, Gavilanes, Esmerjones, Alcotanes*, tem correspondencia na Parte I e II de Ferreira. Quanto ao 45, *Del paso de las aves*, o Português substituiu-o por um livro inteiro (vi), relativo á peregrinação das aves do norte.

Na ordem dos capitulos ha apenas uma divergência: troca entre os cap. XVI e XXI. Além d'isso Ayala e Ferreira tem a mais dois capitulos iniciaes <sup>1</sup>, e tres, intercalados, que não derivam do texto antigo <sup>2</sup>. As diferenças de redacção são insignificantes. Certos traços, privativos do estilo do fisico de D. Denis, apagaram-n'os naturalmente nas modernizações: vocábulos de um vulgarismo demasiadamente cru (empregados, de resto, sem pejo pelos trovadores palacianos dos séculos XIII e XIV, não em cantigas de amor, mas em sirventeses de escárneo e maldizer), foram substituidos por outros, menos rudes.

O confronto dos textos confirma plenamente o que a mera inspecção das Táboas comparadas evidencia: dependência indubitável. Mas directa? ou indirecta?

Podia ser que Ferreira recorresse exclusivamente ao Chanceler de Castela, e que só este consultasse o manuscrito de 1318. Também ele podia haver-se inspirado em outro livro derivado do antigo, entre 1318 e 1385, já algo modernizado: porventura o de Pero Menino, falcãoiro del Rei D. Fernáudo, que Ayala conheceu; ou o de D. João da Costa, a que me hei de referir no *Apêndice II*. Em terceiro lugar Ayala e Ferreira poderiam ter aprendido as doutrinas cirúrgicas nos escritos primordiaes de Frei Theoderique, entregues por D. Denis ao seu médico a fim de os trasladar e ordenar <sup>3</sup>.

Este ponto fica necessariamente em aberto até alguém haver examinado os escritos do sábio Catalão, assim como os posteriores dos peritos portugueses.

Ha, porém, motivos para eu provisoriamente me declarar pela primeira hipótese, opinando que Diogo Fernández Ferreira teve presente não só a obra de Ayala, mas também a de Mestre Giraldo; e que o Castelhana, pela sua vez, se havia servido do manuscrito arcaico, em território português, no ano de 1385.

<sup>1</sup> *Como se alimpa o falcão de piolho* (Ferreira I = Ayala IX: *Como se debe alimpiar el falcon del piojo*). — *Como se cura a agua commum do Falcão que não é vidrada* (Ferreira II = Ayala X).

<sup>2</sup> *Da purga commum do Falcão* (F. 4 = A. XII). — *Do Falcão que emagrece* (F. 6 = A. 13). — *Do Falcão assombrado* (F. 6 = A. 14).

<sup>3</sup> Tocando de novo num ponto já acima discutido, exprimo a opinião que — embora (segundo o ditado em cima) que *O bom ceteiro ha de ser bom fisico e bom cirurgião*) ambos soubessem em caso urgente curar as suas aves, expertos pela prática — não podiam como teigos escrever de matéria médica, sem se valerem da sciência acreditada de um especialista.

O ilustre Basco *Pero López de Ayala* (1332-1407), — magnate aparentado com as casas reinantes de Castela e Aragão; partidário favorecido primeiro de D. Pedro I, e depois de todos os seus successores até Enrique III (inclusive), que o elevaram a altas dignidades; autor de quatro *Crónicas* de reis <sup>1</sup>, de uma miscelânea poética, que é praxe denominar *Rimado de Palácio*, e de importantes traduções de textos latinos, — foi, como todos sabem, capturado na batalha de Aljubarrota, e ficou preso em Portugal, até ser resgatado por trinta mil dobras de ouro.

Os escritores que se occupam d'ele, tanto nacionaes como estrangeiros, affirmam — sem excepção notável que eu possa apontar — que o preso passou os quinze meses do seu cativo no Castelo de *Oviedes* <sup>2</sup>, afirmação na qual se regulam pelos dizeres do próprio Ayala <sup>3</sup>. Em regra acrescentam a fórmula tétrica *en jaula de hierro* <sup>4</sup>. Desconhecendo um castelo d'esse nome em Portugal, suponho que se trata do lindíssimo forte antigo da vila, cercada, de *Óbidos*, que, sempre fiel ao Mestre de Avis, foi naturalmente envolvida na guerra de successão <sup>5</sup>. Suponho também que os copistas castelhanos do *Libro de la Caça de las Aves*, ignorando a pronúncia da grafia arcaica *Obedos* <sup>6</sup>, empregada pelo Chanceler, transformaram o nome, pouco conhecido fora de Portugal (até a gentil pintora Josefa de Óbidos o tornar afamado) em *Obiédos*,

<sup>1</sup> Claro que neste lugar não entro em discussões relativas á veracidade do seu depoimento sôbre D. Pedro I de Castela e sôbre cousas de Portugal. Aos peninsulares recomendo a leitura da *Geschichte von Spanien*, de F. W. Schirrmacher, vol. v. (Heeren, Ukert und Giesebrecht, vol. LI, 1890).

<sup>2</sup> Citarei apenas J. Fitzmaurice-Kelly e A. Bonilla y San Martín; isto é, a excelente *Historia de la Literatura Española* do primeiro, na tradução do último (p. 131).

<sup>3</sup> No trecho final do *Libro de la Caça*, que traslado no texto.

<sup>4</sup> *Biblioteca Venatória*, III, p. xxxv, XLVII, LIX e 344. — Menéndez y Pelayo, *Origenes de la Novela*, vol. I, p. ccvi.

<sup>5</sup> Vejam a *Crónica* de D. João I, de Fernam López, I, cap. xxxi, II, cap. xlv, etc., e Schäfer, *Geschichte Portugals*, II, 216. — *Óbidos* fica, por assim dizer, a meio caminho entre o lugar da batalha e Santarem, para onde Pero López de Ayala se refugiara com outros Castelhanos (II, cap. LI).

<sup>6</sup> No utilíssimo *Onomástico Medieval Português*, de A. Cortesão, em via de publicação no *Archeologo Português* (XIII, 164), o curioso encontra a documentação d'essa forma arcaica.

á castelhana, e depois em *Oviédes* (lembrados de *Oriedo*). E tenho por quasi certo, em terceiro lugar, que o magnate ficou bem guardado, *pelo gran proveito que se de tal pessoa seguia*, dentro do castelo escolhido como mais seguro, num recinto com porta chapeada ou gradeada de ferro, segundo a praxe de todos os países e todos os tempos, — postoque o tratassem com a cortesia devida á sua prosápia, alta posição e excellentes qualidades pessoaes.

Baseio estas conjecturas em ter ele tido precisamente nesta prisão<sup>1</sup>, não só ócio e os elementos e materiaes precisos, mas também disposição de espirito para compôr — o quê? — o *Libro de la Caça de las Aves et de sus plumajes et dolencias et melecinnamentos*. E isso folgadoamente, de bom humor, com nobre alento, sem uma única palavra acerba que testemunhasse rancor contra os Portuguezes. Na Dedicatória ao Bispo de Burgos, D. Gonzalo de Mena, seu parente, e mestre na arte peregrina da caça, alude apenas com justíssima mágua ao cativeiro prolongado: *á grande cuita ó queja que tomé de tiempo acá, en la prison dó está*. Na rubrica final declara singelamente: *Aquí se acaba el Libro de la Caça de las Aves que fizo Pero de Ayala en el castillo de Obiedes en Portugal en el Mes de Junio, Año del Señor de Mill et Treientos et Ochenta y seis años; era de Cesar de MCCCCXXIV años*.

No Prólogo ha, com respeito á parte que nos importa — á arte de medicinar — dizeres de valor: *Vi algunos escriptos que departian desto pero non concordaban unos con otros* — raciocínio empregado por quasi todos os compiladores (incluindo Mestre Giraldo)<sup>2</sup>. Em outro passo expõe que o seu livro era fruto tanto de conversas com muitos e insignes caçadores como da leitura de escritos sobre a espécie, e da própria experiência.

O texto comprova estas declarações. Contando numerosos tentames que fez, duzias de casos que presenciou, outros tantos que

<sup>1</sup> Em 1367 também ficara prisioneiro, do Príncipe Negro, na batalha de Nájera. E não falta quem afirme que durante esse suposto cativeiro (em França ou Inglaterra) escreveu o *Rimado de Palácio*. Erro certo, porque não ha passo algum que o ateste. Muito pelo contrário, sabemos que logo foi entregue ao seu Rei, que lhe perdoou a sublevação. Vid. Schirmacher, v, 480. É todavia um facto que esteve em França; talvez como embaixador. No *Libro de la Caça* conta nove vezes, pelo menos, casos a que assistiu em Paris (pp. 155, 167, 173, 174, 182, 196, 322 e 329).

<sup>2</sup> *Biblioteca Venatória*, III, 155. No capítulo 1 torna a repetir que «algunos fieron libros, cada uno segund se le entendió et alcanzo la esperiencia, Et . . . porque habia diversas opiniones entre los cazadores acordé de ayuntar en este libro todo aquello que oí á grandes señores et muy cazadores».



lhe foram contados, nomeia uns quatorze informadores de alta categoria <sup>1</sup> (contra dois falcoeiros profissionais); mas a respeito da doutrina médica não menciona a Mestre Giraldo (nem a Frei Theoderique), embora o siga muito de perto. Não me atrevo a decidir se desconhecia o seu nome, ou se um simplez físico lhe parecia indigno das honras do reconhecimento público. O leitor já está informado de que, no traslado que hoje subsiste (do século xv), Mestre Giraldo não figura no *Livro das Aves Caçadores*. E a cópia de que Ayala e Ferreira se serviram, talvez contivesse exclusivamente esse, e não o *Livro de Alveitavia*, assinado com o nome do físico de D. Denis.

Que havemos de concluir das circunstâncias alegadas? Que o nobre Senhor de Ayala e Salvatierra de Alava, alférez mor da ordem da Banda, não passou muito mal no cativeiro português, mesmo se realmente num momento de enfado tratou hiperbolicamente de jaula de ferro a sempre incômoda prisão <sup>2</sup>. Que o alcaide de Óbidos, os guardas pessoas que lhe deram, os Senhores de Portugal que o visitavam, e o próprio D. João I, do qual não se conhecem actos de crueldade, o distraíram dentro dos muros do forte, do melhor modo possível, facultando lhe, logo que manifestou o desejo de redigir um livro de falcoaria, planeado e preparado talvez de ha muito, todos os textos de consulta de que dispunham <sup>3</sup>, assim como o livre uso dos manuscritos que trouxera na sua bagagem. Por excelente que fôsse a sua memória e o seu saber, de boa consciência não podia citar as *Éticas* de Aristóteles, Santo Isidoro, o Psalmista, sem os ter presentes. Nem se meteria a contar casos que se passaram decénios antes, sem reler os seus cadernos de notas. Neles haveria assentos sôbre os falcões predilectos del Rei D. Pedro de Castela, seu primeiro soberano, e sôbre costumes e usos dos amadores de caça em França, Borgonha e Inglaterra. Não ha vestigio de que conhecesse algum tratado francês <sup>4</sup>, nem tão pouco de que lesse durante o cativeiro o admirável *Libro de la Caça*, em que D. Juan Manuel, o notabilissimo sobrinho de Alfonso X, havia ordenadamente exposto, com clareza e elegância, o que vira praticar no ultimo quartel do século xiii e

<sup>1</sup> *Aprendi, vi, oi, probé*, são verbos que repete continuamente.

<sup>2</sup> Não me lembro de haver encontrado a expressão nos escritos do Chanceler.

<sup>3</sup> Nos Apêndices trato dos *Livros de cetraria* que D. João I possuia, e a que vagamente alude.

<sup>4</sup> O de Gastão de Fox ainda não estava escrito em 1385.

primeiro do xiv<sup>1</sup>. Verdade é que cita o Infante por duas vezes na lista dos informadores<sup>2</sup>, alegando vagamente ditos d'ele<sup>3</sup> e uma sentença que costumava repetir<sup>4</sup>. Não duvido que Ayala ainda visse e ouvisse o longo príncipe, quando servia de donzel a D. Pedro I, entre 1344 e 1354. Menos ainda duvido de que soubesse em 1385 da existência das numerosas criações literárias do Infante, resguardadas no Mosteiro de Peñafiel. Em especial do *Libro de la Caza*, porque não esqueço que ele gaba a D. Juan Manuel como *muy cazador e muy sutil en esta sciencia de las aves*. Nem acho impossível que em Óbidos lhe fôsse apresentado um exemplar: talvez aquele *Libro de Cetraria por castelão* que figura na livreria del Rei D. Duarte (n.º 58), na qual não faltava um *Conde Lucanor*. Mas na obra de Ayala não descubro imitação alguma. Mesmo a sentença citada não provém de ahí. A invalidar mais ainda as possibilidades citadas — que não são probabilidades — temos o depoimento de Ayala: que na sua mocidade, quando começou a trabalhar com o falcão neбри, não conhecia tratado algum de cetraria. *Et quando yo comencé á afanar con el nebli, mucho me ploguiera haber fallado un pequeño escripto tal como este, por dó me podiera regir et gobernar et guardar de facer algunos yerros en la caza que fice...*<sup>5</sup> O capítulo extenso em que se ocupa dos nebris mostra bem quaes progressos a caça das aves tinha feito de 1325 a 1385; e a independência, o saber e a prática de Ayala. Quanto á caça, bem entendido; mas não quanto á medicamentação. Essa, ficara no mesmo ponto em que Mestre Giraldo a deixara. O tratado d'este, — a redacção portugueza —, foi proporcionada ao Chanceler; e não a catalanesca, nem o original latino.

Em geral a versão castelhana é boa. Não inferior á redacção muito mais moderna de Ferreira. Livre, em ambos os casos. Di-

<sup>1</sup> Gottfried Baist estabeleceu na edição d'esse *Libro de la Caza*, que publicou em 1880 (Halle), que o Infante o havia composto entre 1325 e 1336.

<sup>2</sup> Pp. 154 e 155.

<sup>3</sup> P. 155: «oí ... en Castilla lo que dijo Don Juan fijo del Infante Don Manuel».

<sup>4</sup> «Et por esto dicia D. Johan ... que grant diferencia habia de querer cazar et seer sabidor dello en las regir et facer las aves, et otrosi habia grant diferencia de saber facer una ave á la saber guarescer et seer buen acetrero que quiere decir buen físico et buen cirujano» (p. 154).

<sup>5</sup> P. 185. Gutiérrez de la Vega não esclarece o problema satisfatoriamente nas tres Notas que dedica a D. Juan Manuel (pp. 154, 155 e 186). — Saber em 1385 da existência do *Libro de la Caza* não equivale a tê-lo lido e conhecido quando era novo.

vergências e descuidos que notei, serão, em parte, erros de impressão; em parte, da lavra de copistas. Certos passos de Ayala servem para emendarmos os correspondentes, deteriorados, no traslado português. De tudo, incluindo a substituição de termos grosseiros por outros mais delicados, passo a dar exemplos.

Eis primeiro um trecho muito semelhante nos tres autores. Junto-lhe o correspondente de D. Juan Manuel, para se ver a absoluta independência do grande escritor. Não modifico as grafias deficientes do século xv, muito peores que as do tempo de D. Denis. Apenas acrescento alguns sinais de pontuação e emendo entre [ ] e ( ) os erros positivos <sup>1</sup>:

### Mestre Giraldo, cap. vi:

«Sabe que per mingua das purgas que nom som feitas aas aves quando lhes compre, se jeeram as lonbrigas no bucho da ave; que esto seja verdade, e [l. a] muitos caçadores acontece que quando metiam [l. metem] o tartago aas aves, lançam com elle as lonbrigas porque nom erom ainda vivas mas erom jeçadas. Ca se ellas vivas fossem, aquella ora nom as mataria o tartago, mas amortificallas hya por alguus dias, e doutra goissa nom. E ainda digo que este mesmo *cartago* [l. *tartago*] quando lho metem os caçadores (as), lançam a semente delle por o raho; e digo que he [semente] porque som huus graaos pequenos como vermões de que se ellas jeeram. E desque som geçadas e vivas <sup>2</sup>, [a] ave que as ha depenase no ouveiro e nas coixas e no papo; e estas lonbrigas se pagam de vianda grossa e doce. E porem se devem de curar em esta magneira: tomar ho açafrom e metello dentro em huum coração de galinha e darlho a comer; e desque vires que seera esmundo [l. *esmuudo*], tomar a semente da erva lonbrigueira e darlhea [l. *darlha*] em outro coração ou em outra carne de galinha em que possa a semente esconder. E se esto nom tiveres toma ho leite das cabras e mestura o com ho çumo do codesso e mete o em huma tripa de galinha e metelho per força; e outrossy lhe daras as pilloras do acentipatico [l. *aceuer-patico*] per a guissa que susso dicto hey. E poderias dizer que razom da *o que este livro fe?* per que se as lonbrigas paguem [l. se paguem] de cousa doce, pois [l. por] que lha elle manda dar? ca o leite he doce e o acefer [l. *açafrom*] doce, e demais que cheira bem. Respondo<sup>3</sup> que he verdade, mas a razom *porque* he esta: quando elas comem esta docidoem, faz as talentossas de comer, em tall maneira que quando veem outra cousa que

<sup>1</sup> *Cartago* por *tartago*; *esmuudo* por *esmuudo*; *acefer* por *açafrom*; *acentipatico* por *aceuerpatico*; *quanto* por *tanto*, etc. O mesmo vale dos textos de Ayala, Ferreira e Don Juan Manuel.

<sup>2</sup> Na impressão de Gabriel Pereira «e vivas» está repetido.

<sup>3</sup> Creio que *o que este livro fe?* é Frei Theodorico, e o que *responde* é Mestre Giraldo — de modo que teríamos aqui um exemplo do procedimento do adaptador português, e ao mesmo tempo um testemunho de que Ayala, que não omite o passo, copiava o opusculo do fisico de D. Denis.

amarga comemna com desejo da doce que comerom. E estas cousas que amargam, quaesquer que sejam, quanto mais amargosas som, quanto [i. tanto] mais em breve matam as lombrigas. E de hy em diante nunca ponhas mais em de-longa purgar tua ave aos tempos que lhe conpre. E ainda he boo e certo pera as lombrigas cozer milho bem e molhar a carne na auga do milho e darlha a comer».

### Ayala, cap. xx :

«Por mengua de las purgas que non son fechas á los falcones quando les cumplen, se engendran las lombrices en el buche; et que esto sea verdat, á muchos cazadores acaesció que quando dan el tártago á sus falcones, lancen con ello las lombrices<sup>1</sup>, porque non eran aun vivas, mas eran ya engendradas. Ca si ellas vivas fuesen, aquella hora non las mataria el tártago, mas mortificarlas ia por algunos dias, et de otra guisa non. Et aun digo mas, que este mesmo tártago, quando lo dán los cazadores, echan los falcones por de yuso la semente de las lombrices; et digo semente, porque son así como granos bermejós pequenos de que ellas se engendran; et desque son engendradas et vivas, el falcon que las há mesase en el cuero [i. overo] et en las dos piernas et en el papo. *Pero muchas veces non facen nen muestran los falcones estas señales, et tienen las lombrices; et tú cata las tolleduras siempre á tu falcon á menudo; et si las ha vivas, luego verás algunas dellas bermejas como gusanillos en las tolleduras, et si vivas non son, non las echan, salvo con la premia del tártago, como dicho es;* et estas lombrices se pagan de vianda gruesa et dulce, et por ende se deben curar desta guisa: toma el azafran et metelo dentro en un corazon de gallina et dágelo á comer et desque entendieres que será ya desmolido, toma la semente de la yerva lombriguera, et dágela en otro corazon, ó en otra carne de gallina tan grande en que la yerva se puede esconder. Et si esto non tovieres. toma la leche de las cabras, et vuelve con ella el zumo de la raiz del condoso — *et en fin deste libro fallarás que cosa es el condoso*<sup>3</sup> — et metelo en una tripa de gallina et metegelo por fuerza; otrosi le darás las pildoras del acébar patigo (de la guisa que digo en el capítulo xix *del finchamento del buche* et que deben ser fechas como las pildoras del acebar cecotri, que manda en el capítulo xi *del agua vidriada*)<sup>4</sup>. Et podrás preguntar así: porque dice *este que fizo* este libro que las lombrices se pagan de cosa dulce (et) porque gela manda el dar, ca la leche es dulce et el azafran es dulce e uele hien. A esto respondo que verdat es, mas la razon por qué es esta: quando las aves comen estas cosas dulces, fácelas talantosas de comer por tal figura que, quando viene otra cosa que amarga, comenla deseando aquella dulcedumbre que co-

<sup>1</sup> Mesmo a irregularidade ou familiaridade da construção sintáctica está conservada na tradução.

<sup>2</sup> Esta oração, de «*Pero*» até «*dicho es*», parece acrescento da lavra do Chanceler. A não ser que se encontrem em Frei Theodorico.

<sup>3</sup> Acrescento relativo ao cap. XLVII, em que dá a lista, muito incompleta, do que o bom *acetrero* deve trazer consigo. Lá se regista, a p. 342, *Zumo de condoso*. A p. 344 segue a descrição do *cytisu*.

<sup>4</sup> Acrescento, ou antes desdobraimento.

mieran, et estas cosas que amargan, cualesquier que asi amarguen [l. sean], quanto mas amargan, tanto mas aina matan las lombrices; — ca con el sabor que toman en comer aquellas cosas dulces remuovense (sic), et la yerva lombriguera et las pildoras fallanlas movidas, et salen mas de ligero <sup>1</sup>; et asi dende adelante nunca pongas lengua en purgar tu ave en los tiempos que le cumple.

... otrosí <sup>2</sup> es bueno tomar la leche de las cabras en una cosa limpia, et pon la sobre el fuego sin fumo, et desque fuere caliente toma las yemas de los huevos et bátelos et echalos en la leche et todavia traelo con una cuchara fasta que sea cuajado et fecho como unguento, et duro un poco, et tiralo á fuera et da-gelo á comer que non sea muy caliente, et otro dia dále la yerva lombriguera segund dicho es, et despues dále las pildoras del acébar pátigo como dejimos».

### Ferreira, iv, cap. xii: <sup>3</sup>

«Por não serem os Falcões purgados a seu tempo e terem o bucho sujo se geram as lombrigas. Que isto seja verdade se prova purgando algumas vezes os caçadores aos Falcões com os tartaros, ignorando haver lombrigas; porque com os tartaros as lançam, não sendo ainda vivas, mas já engendradas; que se ellas vivas foram, não as matariam os tartaros, mas mortificá-las biam por alguns dias. Ainda (que) digo mais que os tartaros, quando lh'os dão, deitam a semente das lombrigas sómente, vermelhas como grãos; e desque são geradas, são más de lançar <sup>4</sup>. Sendo vivas conhecer-se ha té-las o Falcão porque vae muitas vezes com o bico ao ovejiro e se coça nelle e entre as pernas e no papo. — Algumas vezes não mostram estes signaes e tem lombrigas, pelo que o caçador mui a miúdo veja a tolhedura da sua ave; e se o Falcão as tem, logo se verão na tolhedura algumas, vermelhas como bichinhos, e se collige quando isto fazem terem-as vivas <sup>5</sup> — as quaes se geram <sup>6</sup> de vianda grossa e doce, pelo que se devem curar d'este modo: tomem *açafrão* e mettam-no dentro em um coração de gallinha; e desque entender o caçador que está já *esmoido* no bucho, tomem semente de erva lombrigueira e deem-lh'a em coração de gallinha, quantidade que bem se possa esconder a erva; e não havendo isto tomem leite de cabras — [em 7 um vaso limpo e se ponha sobre o fogo hrando e neste leite se deitem duas gemmas de ovos que serão mechidas até que se coalhem, e d'estes ovos (se) deem a comer ao falcão]; e como d'elles não tiver nada no papo lhe deem a erva lombrigueira ou pos de losna metidos em uma tripa de gallinha que faça vulto de uma avellã, porque estão as lom-

<sup>1</sup> Acrescento de «ca» até «ligero»

<sup>2</sup> Acrescenta outra receita nova: para substituir a do milho.

<sup>3</sup> Não reproduzo as *Alineas* da impressão de 1899, porque me parecem arbitrarias.

<sup>4</sup> Leve modificação das orações que pareciam escuras a Ferreira.

<sup>5</sup> Testemunho certo, se carecéssemos de outros, de que Ferreira tinha presente o *Libro de la caza*, de Ayala.

<sup>6</sup> Por: «se pagam!» expressão que em 1616 era desconhecida.

<sup>7</sup> Daqui em diante, na medicamentação contra as lombrigas, funde as receitas de Mestre Giraldo com as modernizadas de Ayala, abreviando tudo.

brigas movidas com o açafraão, e com o doce mimosas, e indo o amargo, as mata, para o que se darão também as pilulas de azebre, feitas como ensina o capítulo da agua vidrada e da inchação do bucho».

D. Juan Manuel, cap. XI, (p. 61, 3o):

«Otrosi quando el falcon a lonbrizes, la señal es que se le descoloran las manos e la çera del pico e el falcon mesase en aquel lugar do lo siente, e de noche quando duerme quexase entre sueños. Et para esta enfermedad deuen le dexar degollar anades, ca la sangre es probado que mata las lonbrizes. Et si por esto non guaresçiere, deuen le dar la carne mojada en el çumo que sale de la camisa del sancó [l. sauco]. Et si con esto non guaresçiere, deuen le echar por la garganta vnas cucharadas de pimienta molida destenprada con agua tibia, pero que sea el agua mucha e la pimienta poca. Et dize don iohan que de todas las cosas que el vio para guaresçer las lonbrizes, que esto es lo mejor. Et esto aprendio el por aventura, que vn dia vanando [l. bañando] los falcones en peurada para meter los en la muda, cayo de aquella peurada en la voca a vn falcon que avie lonbrizes et a muy poco rato que començo a toller las lonbrizes muertas. Et despues aca sienpre vso don iohan de lo fazer a los falcones que an lonbrizes quando con todas las otras melezinas non pueden guaresçer».

Agora um passo característico, poético á antiga, que Ferreira não achou em harmonia com o gosto do seu tempo, e suprimiu por isso. Por duas vezes o guia e mestre dos caçadores tentara inculcar-lhes carinhosos cuidados com as aves, durante o ensino: Logo no cap. I, recomenda:

«pollo qual compre aquelles que as ham de trauctar que sempre se revejan em suas aves como a molher no espelho por veer se parece bem ou nom: tal deve seer o caçador com sua ave (p. 12).

É mais tarde (no cap. VII, relativo á doença melindrosa das filandras) repete o mesmo conselho:

«pero se o caçador quisesse fazer o que eu hey dicto nas derradeiras regras do capitollo da auga vidrada (s. no primeiro) honde diz que se devia a reveer o caçador em sua ave como a molher no espelho, e poderia seer que veria entom estes signaaes (p. 16)».

Ayala não desdenhou a linda imagem. Lá diz nos trechos correspondentes:

«Por la cual razon cumple á los cazadores que siempre se revean en sus falcones como la mujer en el espejo, por veer si parece bien ó non, et atal debe ser el cazador con el su falcon, para ver si se le muda el semblante, etc. (p. 225)».

## E novamente :

«Pero si el cazador quisiere hacer lo que dicho he en los renglones pos-trimeros del capitulo del agua vidriada, allí do dice que debia el cazador re-veerse en su falcon como la muger en el espejo, podria ser que veria en el falcon estas señales ... (p. 252)»<sup>1</sup>.

Eis algumas deficiências nos textos, que o confronto esclarece :

O falcão que sofre de agua-vidrada, isto é, de catarro, sente muita comichão na cabeça «et quando se debate ó deixa de vojar, tienta con la boca et dá en él» (Ayala, p. 210). — Mestre Giraldo tinha dito: «e quando se derramar ou quando leixar de voar, tenta com a boca e dá no oveiro» (p. 10). — Em Ferreira (II, 8) lemos: «e quando se debate ou quando deixa de voar vae com a cabeça abaixo e dá em o outeiro com o bico».

Claro que teremos de pôr *en el overo* no texto de Ayala; e *ou-veiro* no de Ferreira (*ou* por *ó* é frequentíssimo na grafia antiga).

«Güermeces (isto é, pústulas) son en figura de granos tan grandes como mijo et mayores et son por toda la boca et por los forados de la lengua et entran fasta dentro en la garganta et está en dubda se podran guarescer ó non». (Ayala, 236). — Em Mestre Giraldo lê-se o seguinte: «som em legura de granos [l. grãos] tamanhos como de milho e mayores, e som perto da boca. E per as forcas da lingua e se entram na boca do gorgomillo he em du-vida se guarecerá a ave ou non» (p. 12). — Ferreira traduz livremente, omitindo o que não percebia bem: «pequenas como grãos de milho e as tem tambem por toda a boca e entram até á garganta, e são más de curar» (II, p. 16). — Emendo, ou antes interpreto, o texto arcaico, lendo «e som per toda boca (= per toda a boca) e per as forcas (?) da lingua; e se entram», etc. — Sou todavia incapaz de dizer o que são *forças* ou *forados* (= *buracos*) da lingua. Por isso não proponho correcção alguma.

Quando teu falcão tiver ventosidades, «toma el palomo, ó paloma, vivo et dalle dello et coma et tire et trague todas las plumas que levar podiere, et finchele bien el papo desto et esto le faz tres ó quatro dias, et luego será el viento fuera» (p. 242). — No texto arcaico impresso lê-se: «E quando assy he cheo de vento filha ho poombo per tres ou quatro dias e dalho a comer com todas suas penas quantas poder levar. E enchele bem o papo. E esto lhe faze(e) e logo sairá o vento fora ...». Evidentemente a locução

<sup>1</sup> Nada parecido ha em Ferreira (IV, cap. III e XII; pp. 9 e 23 do vol. II).

«per tres ou quatro dias» está fora do seu lugar, devendo entrar depois de «faze».

Em caso de indigestão da ave «non le des de comer salvo un miembro de polla al dia, salvo si fuer falcon girifalte o azor que debe mas comer e terció, et asi menos á las otras aves que son menores que estas sobredichas» (p. 248). — Mestre Giraldo dissera: «nom coyua senom huua (hũa) vez e huun soo nenbro de frango. E se for açor nom deve comer mais que o terço. E isto meesmo. as outras aves que som meores que outras» (p. 15). — Creio que Ayala escrevera, introduzindo um pequeno acresceto: «salvo si fuer falcon girifalte que debe más comer el terció, e si fuer azor no mas que el terció, et asi mismo las otras aves que son menores».

Se os falcões padecem de filandras crescidas, essas comem no corpo da ave: «conviene á saber los livianos, et despues el corazon, et luego el falcon es muerto, ca apenas nunca falcon dende guarece» (p. 252). — Em português antigo (p. 16): «logo começam de comer no corpo da ave s. nos vermelhos (curiosa denominação dos bofes), e deshy no coração, e logo a ave he morta. Da aa de levemente muita ave guarece». — Claro que ha deturpação. Talvez fôsse «ca dahi levemente (ou «de leve mente») nunca ave guarece?».

Atacado do mesmo mal «quando se sacude aprieta con las manos» (p. 253). — Creio teremos de acrescentar «en la luva» visto que Mestre Giraldo dissera: «e ainda quando se assy sacude aperta com as mãaos na luva» (p. 17).

Em lugar de *milfirada* (p. 16), a erva de S. João (*hypericum perforatum*) Ayala nomeia *la mil sande* como remédio contra a pedra (p. 256), prometendo dizer no fim do livro de que planta se trata. — Mas não cumpriu a promessa<sup>1</sup>. Provavelmente ha mero erro de leitura.

No fim do mesmo capítulo (viii) o fisico recomenda certo tratamento, «nom embargando que outros livros dizem que ha hy outra pedra» (p. 18). Ayala substituiu «livros» por «caçadores» (p. 257).

O cap. xxvi principia «Non embarganse que». Leia-se «Non embargante» (p. 265).

Contra cravos nos pés receituam panos quentes, molhados, com certos ingredientes, em que entra *aciche* ou *aceche* (p. 268)

<sup>1</sup> Vid. pp. 341-344.



de *الراج az-raj*, nome árabe da caparrosa. Em Mestre Giraldo está *azeite* (p. 21), por engano quer de copistas, quer do impressor

De outros vocábulos espúrios falarei na parte linguística d'este ensaio.

Aqui registarei apenas mais um curioso dislate, d'esta vez do Chanceler-mor de Castela, por ser providencial para a minha tese que Ferreira não utilizou somente o traslado castelhano, mas também o modelo português.

Quando o falcão tem pedra, o cetreiro faz-lhe certa massagem de modo que conduz o duro corpo estranho até perto do lugar de saída. Ahí expreme-o com jeito como quem quer expremêr o carnegão e a matéria de alguma pustula. «E se a achares preme-a mausamente como quem preme foruncho» (p. 24). — «Foruncho» forma popular de *furunculo*. — Ferreira traduz correctamente, empregando o sinónimo «leicença» (de origem obscura). Em Ayala temos, pelo contrário, o curiosissimo conselho: «et si gela fallares, premegela mansamente como quando prime la furonera<sup>1</sup> al furon» (p. 256). Confundiu «foruncho» com «furon», não compreendeu «como quem», e acrescentou o complemento, que dá tanta graça à frase.

## APÉNDICE II

### Outros tratados de Cetraria

O tratado atribuído a Frei Theoderique, a Epístola ao Emperador<sup>2</sup> Ptolemeu, e mesmo a obra de Mestre Giraldo são anteriores aos livros castelhanos de D. Juan Manuel e de Pero López de Ayala.

Comtudo, seria de admirar que na época argentea de Alfonso X, o Sábio, nenhum literato se houvesse ocupado de cetra-

<sup>1</sup> Eu conheço apenas *furona* (modernamente *hurona*), e talvez estivesse assim no autógrafo de Ayala — com um traço-arabesco — que o copista considerou como abreviatura de *er-*.

<sup>2</sup> *Emperador*, em lugar de *Rei*, suscita a suspeita que a carta fôsse dirigida na realidade a Frederico II, grande fautor da cetraria, e autor ou promotor de um dos mais velhos tratados de falcoaria que subsistem: *De arte venandi cum avibus*, só parcialmente impresso uma vez (Augsburg 1596), e traduzido para alemão por Von Schöpper (Berlin 1896). Vid. *Biblioteca Venatória*, n. 19.

ria. Quanto á alveitaria, o leitor não esqueceu seguramente o irmão del Rei D. Fadrique.

Reforço a minha hipótese, lembrando que D. Juan Manuel afirma no Prólogo do seu *Libro de la Caça* que seu tio fizera «tralladar en este lenguaje de Castiella todas las sciencias e todas las siete artes liberales»; e logo depois que: «mandó fazer muchos libros buenos en que puso muy complidamente toda la arte de la caça, tan bien de caçar como del *benar* como del pescar»<sup>1</sup>. Ele, D. João, «quando llegó a leer en los dichos que el dicho Rey ordenó en *razon de la caça*, porque Don Johan és muy caçador, leyó mucho en ello e falló que eran muy bien ordenados ademas». Além d'isso fala-nos do que aprendera de falcoeiros tanto del Rei (a quem tanto venerava e comparava com Ptolemeu de Egipto<sup>2</sup>) como de seus irmãos D. Arrigo<sup>3</sup> e D. Felipe<sup>4</sup>.

No fim d'este Suplemento ha além d'isso uma série de cantigas que demonstram que também para o erudito monarca o divertimento da caça era *um dos rixos maiores do mundo*.

Parecia comtudo que, postos na sombra pelos Livros de D. Juan Manuel e de Ayala, os do Sábio não mais foram copiados, e desapareceram por completo. O futuro mostrará se tenho razão com a suspeita que alguns restos e vestígios do seu tempo perduram.

Quanto ao tratado de Frei Theoderique, é possível que a tradução, de que mais acima falei, fôsse feita antes de 1284.

No Escorial entrou em 1576, quando H. de Briviesca fez entrega, com inventário, de preciosísimos manuscritos, doados á Bibliotheca por Felipe II, um lote de tratados de montaria e caça, que constava de cinco volumes<sup>5</sup>:—tres exemplares diversos do

<sup>1</sup> *Caçar*, de *captiare* (*cazar* em castelhano) referia-se originariamente de preferência a aves prêsas em redes (com *redeiras*), ao passo que *venar*, *vêar* de *venari* (de onde *veado*, *veação*, *veador*) com os vocábulos eruditos *venatório*, etc., se applicava á matança de feras, sobretudo de cervos. Depois houve confusão entre os dois termos. Vejam o titulo citado na nota antecedente. Don Juan Manuel distingue entre os dois no Prólogo citado, prometendo «que toda la arte del *venar* poner-se-ha en este libro despues que fuere acabado el del arte de *caçar*» e explicando «arte del venar quiere dezir la caça de los venados que se caçan en el monte» — promessa que não cumpriu. — Na Península, sobretudo em Portugal, *veação* foi substituído por *monteria*, *montaria*.

<sup>2</sup> Ed. Baist, pp. 3, 19.

<sup>3</sup> *Ibid.*, pp. 44, 16; 46, 19.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 46, 20.

<sup>5</sup> R. Beer, *Die Handschriften-Schenkung Filipp II an den Escorial*, Wien 1903, p. cxiv; Lote 185: *Libros de Caça, en castellano, en folio*.

*Libro de Monteria* de Alfonso XI (um com atribuição errónea a Afonso X<sup>1</sup>, que provocou longa e acalorada discussão) e dois in-folios com vários livros de cetraria<sup>2</sup>. Um cartáceo, sem nome de autor, era intitulado *Cetraria o Caça de las Aves, sus enfermedades, remedios, inclinaciones*. No fim da última das cinco partes de que constava, havia a rubrica importante: «E fué acabado el noveno dia andado de abril era de mil e dosientos e ochenta años», o que o coloca no reinado do Sábio. Ignoro, se se conserva com a marcação V-11-19<sup>3</sup>.

O segundo foi caracterizado em 1576 com a vaga nota: «de letra muy antiga»<sup>4</sup>. Por sinal acrescentava-se: «y está con el un tratado en latin, de lo mismo, compuesto por Valeriano Excelente, caçador del Emperador»<sup>5</sup>.

Pelo confronto das escassas notícias exaradas por Amador de los Rios<sup>6</sup>, Gutiérrez de la Vega<sup>7</sup> e R. Beer<sup>8</sup>, vejo que o códice, incompleto no principio, tem 168 folhas de papel *ceuti* (= de Centa) a duas colunas. Do extenso tratado, cujo principio e fim não fixaram, sei apenas que, como os restantes, da a conhecer todas as ratés de falcões, a sua criação, ensino, alimentação, doenças e curas; mas além d'isso anedotas ou *sortes* de caça. Só as últimas duas folhas estão preenchidas pelo tal tratadito em latim *De Physica Arium*. Começa *Ego Valerinus* "excellens Imperatoris aucipitarius e acaba *Explicit liber de physica arium*.

No mesmo lote havia ainda outro, terceiro, *Libro de Cetraria*, que formava um só volume com o que mencionei em primeiro lugar. No Inventário é atribuído a *Pedro Momio*. Se como o comentador

<sup>1</sup> Ibid., p. 186, 2, 4, 5.

<sup>2</sup> Ibid., p. 185, 1, 3.

<sup>3</sup> É do *Catálogo* manuscrito de Munich (33) que provém todas essas indicações, divulgadas por Beer.

<sup>4</sup> Amador de los Rios diz que é do século xv, e Gutierrez de la Vega o põe nos meados do século xiv.

<sup>5</sup> Sic em Beer. A leitura «Valeriano (ou Valerino), excelente caçador», é todavia preferível.

<sup>6</sup> Vol. v, p. 151, nota. — Só ele comunica a marcação U-11-19, infelizmente sem falar do distintivo principal: o opúsculo de Valeriano ou Valerino.

<sup>7</sup> Vol. I, p. cxlv: n.º 1 da *Bibliografía Venatoria Española*.

<sup>8</sup> *Loc. cit.* Beer diz que falta na *Bibliografía*, o que é erro manifesto.

<sup>9</sup> Quem será esse falcão? em que relações estará com Moamino, Grisofio, Leonte, Theodoro, Demétrio, Alexandre, etc.? E quem será o Emperador? Frederico II? Theodósio? Ptolomeu? ou Nicéphoro? Como o códice subsiste, ha esperanças de obtermos resposta a essas perguntas.

ajuizadamente supõe <sup>1</sup>, *Monnio* fôr leitura errada de *Menino*, deverá tratar-se da versão castelhana da obra do falcoeiro del Rei D. Fernando de Portugal, citado como autoridade por Pero López de Ayala. Como já deixei dito, o tradutor é Gonzalo Rodríguez de Escobar <sup>2</sup>.

Importaria muito conhecermos um tratado manuscrito em catalanescos do século XIV, e que se guarda numa livraria particular <sup>3</sup>. Pelas palavras iniciais «*Dancus rey* estava en son palau» pertence ao ciclo que atribue a invenção da cetraria a um rei d'esse nome <sup>4</sup>, e deriva provavelmente de outro mais arcaico: provençal, italiano ou latino, que principia: «*Rex Gallicianus filium suum misit ad Regem Dancum ut eum doceret curam falconum, accipitrum, asturum*».

Em Portugal, D. João I possuía, como já tive de expôr por duas vezes, e citava, tratados de falcoaria: um, que passou á livraria do sucessor, em cujo catálogo se regista como *Livro de Cetraria que foi del Rei D. João* (n.º 58), e mais outro *por castelhão* (n.º 37). O primeiro tanto pode ser o de Mestre Giraldo, embora o título não lhe quadre bem, como o de Pero Menino; o segundo, o de Don Juan Manuel ou o de Pero López de Ayala. É de crer todavia que o monarca se servisse do mais moderno.

No Museu Britânico existe, no núcleo de Sloane, um volume relativamente moderno, com tres tratados de cetraria <sup>5</sup>: dois do século XVI, salvo êrro, e só um anterior, que valeria a pena examinar <sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Beer cita a *Biblioteca Venatória*, I, p. CLXXI. Isto é, o n.º 76 da *Bibliografia*. Ahi se regista um exemplar incompleto, do século XV, que andava na Biblioteca Particular dos Reis de Hespanha, fragmentado em dois volumes diversos (um com dez folhas, e o outro com vinte). E tinha no fim a nota: *Este libro es de Pomalyno falconero del Rey de Portugal*. Poderia ter citado também p. CLXXIV, n.º 87, e CXLVIII, n.º 9, assim como vol. III, p. 156 (Ayala).

<sup>2</sup> Vid. Nicolás António, edição Pérez Bayer, *Vetus*, s. v. Não é possível adivinhar quaes seriam os tratados que faziam parte da biblioteca de A. R. Pimentel. Vid. Beer, n.ºs 67, 70 e 71. Entre os livros de Isabel, a Católica, também havia dois (n.ºs 171 e 172).

<sup>3</sup> De D. José de Ayala, de Madrid, segundo H. Werth, *Zeitschrift*, XII, 149. Anteriormente fôra de D. Enrique de Leguina, segundo Gutiérrez de la Vega, I, p. CXLV.

<sup>4</sup> Corrupção de *Darcus*, que pela sua vez era abreviatura de [*Eliseo*] d'*Arucus[sia]* (Werth., *loc. cit.*).

<sup>5</sup> N.º 821, I, 2, 3.

<sup>6</sup> *Zeitschrift*, XII, 29. Todos eles são intitulados *Libro de Cetraria* (sic).

O mais moderno, anónimo, tem a data de 1566. Autor do outro é Francisco de Mendanha, nome que talvez seja o do Prior de S. Vicente de Lisboa que para um dos Cardeaes Protectores escreveu em 1540 a *Descripçam e Debuxo do Mosteiro de Santa Cruz*<sup>1</sup>. Pelo menos, não conheço outro, homónimo.

A identificação talvez pareça menos estranhavel ao leitor, logo que saiba que o mais antigo tratado é obra de um Bispo e Governador de Santa Cruz, chamado João da Costa. Bispo de quê? De Coimbra? Estabeleço que entre os de nome João nenhum é designado com esse apelido, mas igualmente, que não conheço os nomes de familia de D. João II (1334-1336) e de D. João III, Cabeça de Vaca (1379)<sup>2</sup>.

Além d'esses, que não figuram nas Bibliografias nacionaes, ha, nelas, assentos relativos ao famigerado Cristóvam Falcão<sup>3</sup> e Onofre de Lemos<sup>4</sup>; assim como António Rodriguez Pimentel<sup>5</sup> e Estévam Soárez de Melo<sup>6</sup>, caçadores ambos de D. João IV (1640).

Alguns elementos para a história da falcoaria em Portugal foram reunidos por Gabriel Pereira nos seus opúsculos sobre *Caçadas* nos admiráveis campos de Santarem e nas charnecas do Alemtejo, sobretudo na região de Évora: caçadas de açores, das ilhas d'esse nome, de tagarotes de Cabo Verde, gaviões da Serra da Estrela e do Gerez, mas também montarias de ursos, lobos, javalis. Juntamente com noticias sobre as corças brancas e a cabra

<sup>1</sup> Vid. Barbosa Machado, II, 203, e Sousa Viterbo, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, Coimbra 1890.

<sup>2</sup> Apenas posso repetir uma indicação de H. Werth: que um *Costa falchoniéro* *rechissimo* é citado por Jacobello Tragunno, tradutor italiano de Alberto Magno. — Mas o nome Costa é trivial também na Itália.

<sup>3</sup> Vid. Barbosa Machado, I, 573: *Criação e cura que se deve fazer aos Falcões e Gaviões*, Ms.

<sup>4</sup> *Ibid.*, III, 509. Do autor, falecido em 1590, ficou manuscrito um *Tratado da Caça dos Açores* e outro *Das Enfermidades das Aves e como se devem curar*. Cfr. *Bibl., Ven.*, n.º 54. Gutiérrez de la Vega cinge-se a dizeres de Nicolas António e Ceán Bermúdez. Parece que este ultimo confundia a obra de Onofre de Lemos com a de Diogo Fernández Ferreira.

<sup>5</sup> *Biblioteca Venatória*, n.º 88. Mas pelo que diz Barbosa Machado (IV, 58) o *Tratado da Curiosidade aa Caça* é de *montaria*: Ms. em tres livros, de 26 e 30 e 19 capitulos. — Pertencia ao Arquivo da Casa de Bragança.

<sup>6</sup> *Ibid.*, n.º 75, e Barbosa Machado, I, 764: *Tratado de todos os modos de caçar, e tudo o necessario para este exercicio, assim de instrumentos como segedros particulares, em dialogo*. Ms. fol.

montês de Portugal, apresenta outras sobre caçadores afamados dos primeiros séculos da monarquia, e sobre a respectiva legislação <sup>1</sup>.

A inclinação de Sancho I para a caça colhe-se em uma das Epístolas de Inocéncio III, que o censura por obrigar os clérigos a sustentarem-lhe cães e aves <sup>2</sup>.

O testemunho é confirmado pela lei de 1210, em que o próprio rei concedia aos cónegos de Coimbra isenção do encargo de hospedarem açoreiros e falcoeiros com aves del Rei, e de lhes darem cavalgaduras que os conduzissem á Ribeira <sup>3</sup>.

Outra do sucessor, Afonso II (de 1211), liberta os mezquinhos da obrigação de darem *aljavas* para os falcões reaes <sup>4</sup>.

Em 1258 ordenava-se, numas Posturas relativas á casa real, que o Bolonhês tivesse um só monteiro e quatro falcoeiros, *com senhas bestas* <sup>5</sup>. Em 1261 já foram elevados a tres açoreiros e quatro falcoeiros <sup>6</sup>.

Na lei de 1253, em que o mesmo monarca fixara o preço das mercadorias <sup>7</sup>, havia a prohibição que ninguém se apossasse de ovos de açores, gaviães e falcões; nem tirasse aves de caça, dos ninhos, antes da quinzena que precede o S. João; e mesmo então apenas *de tres, um*. Além d'isso se estabelecia o preço de luvas, cascaveis e piós <sup>8</sup>.

Em 1288 D. Denis legislava a respeito de aves de caça achadas, e das alviçaras que o dono havia de pagar por cada espécie (*terços, primas, etc.*) <sup>9</sup>.

Um pouco depois, D. Juan Manuel referia-se com louvores aos cavaleiros de Portugal e Galiza *que sabem muito de caça de açores* <sup>10</sup>. Um dos principaes que nomeia é o velho Conde D. Gonzalo

<sup>1</sup> *Estudos Eborenses: As Caçadas*. Évora 1892 e 1893.

<sup>2</sup> Herculano, *História de Portugal*, liv. III, p. 35.

<sup>3</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 162.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 172 — Verdadeiras *aljavas-coldres*, isto é, *aljaveiras*, e não uma contribuição assim chamada.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 198.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 200.

<sup>7</sup> *Ibid.*, pp. 192-196 (em especial 194).

<sup>8</sup> Uma prova de como mesmo em tempos de guerra os cavaleiros de Portugal não deixavam de se desenfadar na caça de aves, temo-la nas *Crónicas dos Reis de Portugal*, de Acenheiro (*Inédito*, v, p. 80).

<sup>9</sup> *Ordenações Afonsinas* (v-54-2): «Dos que furtam as Aves, que ajam pena assy como de qualquer outro furto».

<sup>10</sup> Ed. Baist, pp. 8, 13, 15. Cfr. 46, 10.

Garcia, magnate da côrte do Bolonhês, que figura no Cancioneiro galego-português com uma cantiga <sup>1</sup>.

D. Pedro, o Justiceiro, tinha fama de grande caçador e monteiro <sup>2</sup>. Seu filho D. Fernando era apaixonadíssimo de aves de caça, *em guisa que nenhum tempo asado para ello deixara que o não usasse* <sup>3</sup>.

«A ordenança como ele partia o ano em taes desenfadamentos, contado tudo pelo miúdo, seria longo de ouvir, ca ele mandava chamar todos seus monteiros, no tempo para elo pertencente, e não se partiam de sua casa até que os falcões saiam da muda; e então desembargados iam-se para onde viviam, e vinham os falcoceiros e outros que de fazer aves tinham cuidado. Ele trazia quarenta e cinco falcoceiros de besta <sup>4</sup> afora outros de pé e moços de casa, e dizia que não havia de folgar até que povoasse em Santarem uma rua em que houvesse cem falcoceiros. Quando mandava fóra da terra por aves, não lhe traziam menos de cincoenta, entre açores e falcões nevrís e girofalcos, todos *primos*. Com ele andavam mouros que apresavam garças e outras aves; e estes nadavam os pêgos e paues, se os falcões caíam neles.

Quando elrei ia á caça todas as maneiras d'aves e cães que se cuidar podem para tal desenfadamento, todas iam em sua companhia em guisa que nenhuma ave grande nem pequena se levantar podia, posto que fosse grou ou betarda, até o pardal e pequena folosa que, antes que suas ligeiras pennas a podessem pôr em salvo, primeiro era presa do seu contrário; nem as simplezas pombas que a nenhum fazem impedimento, em semelhante caso não eram isentas de seus inimigos . . . ».

Outro filho de D. Pedro, o Mestre de Avis, já o conhecemos como amigo da caça; mas este preferia as montarias <sup>5</sup> como seu filho D. Duarte, que favorecia em especial a Arte de bem cavalgar toda a sela <sup>6</sup>.

<sup>1</sup> *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, n.º 347. Cfr. *Livros de Linhagens*, passim; Lang, *D. Denis*, p. xxviii; Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 330.

<sup>2</sup> Fernam López, *Crónica de D. Pedro*, cap. 1.

<sup>3</sup> Id., *Crónica de D. Fernando*, Prólogo (*Inéditos*, IV, 124). Cfr. *Acenheiro*, *Inéditos*, V, p. 140.

<sup>4</sup> Por este trecho conhece-se que também nos textos mais arcaicos, *besta* é *bestia* = cavalgadura.

<sup>5</sup> *Crónica*, I, cap. 98 e 99.

<sup>6</sup> Todos os Infantes seus irmãos gostavam de falcões. Vid. *Acenheiro*, p. 222.

No século XVI temos dois entre os filhos de D. Manuel, — D. Luis, tão louvado por Diogo Fernández Ferreira, e D. Duarte <sup>1</sup>, e como últimos gram-caçadores de Portugal a D. Sebastião e o Prior do Crato.

Tanto a poesia palaciana como a popular, no período arcaico que vai até 1500 (a respeito da qual nos orientamos pelos restos conservados por Gil Vicente), tiraram assuntos, motivos, e figuras retóricas muito pitorescas da caça de altanaria, sobretudo do voo da garça real, da agilidade do gavião, dos olhos do falcão. Aproveitando também aneddotas e alusões contidas nos Livros de linhagens, talvez eu dedique algum dia um artigo a esses reflexos, realmente curiosos.

Por ora ponho ponto final a esse já longo elaborado, acabando o *Apêndice II*, como o I, com a advertência que Árabes e Bérberes tiveram larga parte no desenvolvimento da cetraria peninsular (e na da Sicília) <sup>2</sup>. Se não fôsse assim, como se explicavam termos como *baharí*, *borní*, *tagarote*, *aljara*, etc.?

Como illustração junto algumas cantigas dos Cancioneiros gallego-portugueses: uma única, do profano; e seis, das narrativas sacras do Rei Sábio. A profana é também obra de um reinante peninsular: Sancho I de Portugal <sup>3</sup>, ou (antes) Afonso IX de Leão. Infelizmente, esta muito mal conservada <sup>4</sup>. Certo é apenas que motejando de algum dos seus cortesãos, por causa de infaustas aventuras de caça, que lhe aconteceram com cães e aves mal ensinadas, o autor lhe deseja entre outras cousas, ironicamente, um falcãozinho bornil que «não voasse e nemigalha lhe fílhasse». Em tres das *Cantigas de Santa Maria* trata-se de açores perdidos e reencontrados, graças a votos feitos a Santa Maria de Salas (*CM.* 44), de Vila Sirga (*CM.* 232), e Santa Maria do Porto (*CM.* 366); de aves saradas maravilhosamente de feridas e doenças (*CM.* 352); e de falcoeiros em perigo (*CM.* 142, 243).

<sup>1</sup> Vid. André de Resende, *Vida de D. Duarte*, cap. VIII, p. 24; Goes, *Cronica de D. Manuel*, III, cap. 78; *História Genealógica*, «Provas», II, 612.

<sup>2</sup> Vid. *Zeitschrift*, XII, 194.

<sup>3</sup> Vid. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, p. 595, e *Randglossen*, XIII.

<sup>4</sup> Não estou de modo algum satisfeita com a minha tentativa de restituição.



## CCB. 457 (= 340)

Mester avia don Gil  
 un falconcinho bornil  
 que non voasse  
 [a don Gil],  
 nemigalha nen filhasse!

[E] un galgullo lebril  
 que ña lebor de mil  
 non filhasse  
 [a don Gil],  
 mais rabejass(e) e ladrasse!

[E] podengo de riba (de) Sil  
 que rufass', e tam vil  
 que lhi mejasse  
 a don Gil  
 quando lebor [lhe] achasse!

[E] osas d'un javaril  
 que dessen por seu quadril,  
 [e que rasgasse]  
 a don Gil  
 quando lebor levantasse!

2 fial conçoio or nil — 6 galgullo vil — 11 deiribo de Sil —  
 12 cufiasse hun mjr — 15 achasse — 16 Osas d'ũn joudaril. Cfr.  
*Zeitschrift*, xxviii, p. 425.

## CM. 44

Esta é de como o cavaleiro que perdera seu açor et foy-o pedir  
 a Santa Maria de Salas, et estando na eigreja posou-lhe a mão <sup>1</sup>.

Quen fiar' na Madre do Salvador  
 non perderá ren de quanto seu for

Quen fiar' en ela de coração,  
 averrá-lhe com' a un infançon  
 avêo eno reino de Aragon  
 que perdeu à caça un seu açor,

---

<sup>1</sup> Ponho *v* por *u* consoante; *lh* por *ll*; *nh* por *nn*; não repito o refrão no fim das quartetas; altero um pouco a pontuação, a acentuação, e a repartição de fórmulas compostas.

Que grand' e mui formos' era, et ren  
non achava que non filhasse ben  
de qual prijon açor filhar conven,  
d'ave pequena tro en a mayor.

E d'aquest o ifançon gran pesar  
avia de que o non pod' achar;  
et por ende o fez apregõar  
pela terra toda en derredor.

E pois que por esto non o achou  
pera Salas seu caminho filhou  
et de cera semelhança levou  
de ssa av' e diss' assi: «Ai Senhor

Santa Maria! eu venho a ti  
con coita do meu açor que perdi  
que mi-o cobres, et tu faz-lo assi  
et aver-m'ás sempre por servidor.

E demais esta cera ti darei  
en sa figura, et sempr' andarei  
pregõando teu nome e direi  
como dos santos tú es la melhor».

Pois esto disse, missa foi oyr  
mui cantada; mas ante que partir  
s'en quisesse, fez-lh'o açor viir  
Santa Maria, ond' ouv' él sabor,

E que ouves' end' él mayor prazer,  
fez-lh' o açor en a mão decer  
como se ouvesse log' a prender  
caça con él como faz caçador.

E el enton muit' a Madre de Deus  
loou, et chorando dos olhos seus  
dizend': «Ai Senhor, tantos son os teus  
bêes que fazes a quen ás amor».

Quen fiar' na Madre do Salvador  
non perderá ren de quanto seu for!

## C.M. 142

Como Santa Maria quis guardar de morte un ome d'un rei  
que entrara por ùa garça en un rio.

Ena gran coita sempr' acorrer ven  
a Virgen a quen fia en seu ben,

Com' ùa vez acorreu ant' el rei  
don Afonso, com' ora vos direi,  
a un ome que morrera, ben sei,  
se non fosse pola que nos manten.

Esto foi eno rio que chamar  
soen Fenares, u el rei caçar  
fora, et un seu falcon foi matar  
en el ùa garça muit' en desden,

Ca pero a garça muito montou  
aquele falcon taste a acalçou  
et d'un gran colb' [a] aa lhe britou  
et caeu na agua, que ja per ren

Os cães non podian acorrer,  
ca o rio corria de poder,  
porque ouveran a garç' a perder.  
Mas el rei deu vozes: «Quen será, quen

Que entre pola garça, et a mi  
a traga logu' e aduga aqui?»  
Et un d'Aguadalfaiara assi  
disse: «Senhor eu a 'dur[r]jey aquén

Do rio». Et log[u] en el se meteu  
con sas osas que sol non as tolheu,  
et aa garça foi et a prendeu  
pela cabeça et quisera-ss' en

Tornar, ca avia mui gran sabor  
de dá-la garça al rei seu senhor.  
Mai' la-agua o troux' a derredor  
de guisa que lhe fez perdê-lo sen,

Ca a força d'agua assi o pres  
que o mergeu duas vezes ou tres;  
mas el chamou a Virgen mui cortês  
que pariu Jesu-Crist' en Bel[em].

E todos a chamaron outro tal,  
mas el rei disse : «Non averá mal,  
ca non querrá a Madr' esperital  
que nos guarda et nos en poder ten».

E macar todos dizian : «Mort'é»  
el rei dizia : «Non est, a la fé,  
ca non querría aquela que sé  
sempre con Deus et de nos non desten (?)».

E assi foi : ca logo sen mentir  
o fez a Virgem do rio sair  
vivo et são et al rey viir  
con sa garça que trouxe ben d'alén.

E foi-a dar log' al rei manaman  
que bñeizeu muit' a do bon talan  
por este miragre que fez tan gran ;  
et todos responderan log' «Amen !

Ena gran coita sempr' acorrer ven  
a Virgen a quen fia en seu ben.

### CM. 232

Como un cavaleiro que andava a caça perdeu o açor et quando viu que o non podia achar, levou un açor de cera a Vila-Sirga et acho-o.

En toda-las grandes coitas  
[h]a forcia grand' e poder  
a Madre de Jeso-Cristo  
de quen a cham' a valer,

Ca essas enfermidades  
[h]a ela poder atal  
que as tolhe et guarece  
a quen quer de todo mal ;  
et outrossi enas perdas  
ao que a chama val.  
Et d'aquest' un gran miragre  
vos quer' eu ora dizer.

En Trevin[h] un cavaleiro  
foi que era caçador  
et perdeu andand' a caça  
ũa vez un seu açor  
que era fremos' e bõo ;  
de mais era şabedor  
de filhar ben toda ave  
que açor dev' a prender.

Des i era mui fremoso  
 et ar sabia voar  
 tan apost' et tan aginha  
 que non lh' achavan seu par  
 eno reino de Castela ;  
 et un dia, pois jantar,  
 foi con el filhar perdizes  
 et ouve-o de perder.

Tod' aquel dia busco-o  
 mais per ren non o achou,  
 et foi-se pera sa terra  
 et seus omes enviou  
 buscá-lo a muitas partes ;  
 et por el tanto chorou  
 pois viu que o non achavan  
 que cuidou enssandecer.

Assi passou quatro meses,  
 segund' eu aprendi,  
 que o buscou ; mais ach[á-lo]  
 non pode, per com' oí ;  
 et con coita mandou cera  
 filhar et disse assi :  
 «Faça-m'un açor d'aquesta,  
 ca o quer' ir oferer

Aa Virgen groriosa  
 de Vila-Sirga, ca sei  
 que se eu aquesto fazo  
 que meu açor acharei»  
 Et esto foi logo feito  
 et foi-ss' e, com' apres [h]ei,  
 foi aquel açor de cera  
 sobe-lo altar pœer.

E rogou Santa Maria  
 chorando dos olbos seus  
 chamando-lhe : «Piadosa  
 Virgen et Madre de Deus,  
 Senhor santa et bœita,  
 mostra dos miragres teus  
 porque meu açor non perça,  
 ca ben o podes fazer»

Pois que sa oraçon feita  
ouve, ar-tornou-ss' enton  
a sa casa u morava.  
chorando de coraçõn ;  
et pois entrou pela porta,  
catou contra un rancon  
et viu seu açor na vara  
u xe soia pões.

Quand' esto viu, os gões  
pos' en terra et a faz,  
loando Santa Maria  
que taes miragres faz ;  
et aa vara foi logo  
filhar seu açor en paz ;  
ena mão et á Virgen  
começou a bñeizer.

En toda-las grandes coitas  
[h]ja força grand' e poder  
a Madre de Jeso-Cristo  
de quen a cham' a valer.

*CM. 243*

Como uns falcões que andavan a caça estavam en coita de  
morte en un regueiro, et chamaron Santa Maria de Vila-Sirga, et  
ela por sa mercee acor[r]eu-lhes.

Carreiras et semedeiros  
busca a Virgem Maria  
pera fazer todavia  
seus miragres verdadeiros.

E de tal razon com' esta  
avão ãa vegada  
un miragre mui fremoso  
que a Virgen corõada  
mostrou cabo Vila-Sirga  
per ãa mui gran geada,  
como guareceu de morte  
estranha dous falcões.

Estes con el rei andavan  
 Don Afons' e seus falcões  
 tragian; et ar-caçavan  
 con eles muitas sações  
 sen el, mas por seu mandado:  
 aquestes dous compan[h]ões  
 non quiseron chamar outro  
 et foron caçar senlleiros.

E pois foron na ribeira  
 u muitas aves andavan,  
 aas anades deitaron  
 os falcões que montavan;  
 desi deceron a elas  
 et assí as aguavan  
 que con coita se metian  
 so o geo nos regueiros.

Quando esto os falcõeiros  
 viron, veeron aginha  
 et chegaron aa agua  
 cada un como vinha;  
 et britou-ss' enton con eles  
 o geo; mas a Rainha  
 chamaron de Vila-Sirga  
 que os valess', e certeiros

Foron ben que lhes valria;  
 pero ant' ali jouveron  
 ùa peça so o geo  
 que sair en non poderon;  
 mais chamand' a groriosa  
 os geos se desfezeron  
 et sairon ende vivos;  
 et log' a seus semedeiros

Cavalgaron. Des í foron  
 a Vila-Sirgu' e loores  
 deron a Santa Maria  
 que é Senhor das Senhores  
 que sempre nas grandes coitas  
 acorr' aos peccadores.  
 E pois est' al rei contarõn  
 ante muitos cavaleiros.

Carreiras et semedeiros  
 busca a Virgen Maria  
 pera fazer todavia  
 seus miragres verdadeiros.

## CM. 352

Esta é como Santa Maria del Viso guariu un açor d'un cavaleiro.

Fremosos miragres mostra  
a Madre da fremosura  
et grandes, ca [h]a vertude  
do mui gran Deus sen mesura.

E d'est' un fremoso miragre  
vos direi, se m'ascuitardes,  
que fezo Santa Maria  
et se í mentes parardes,  
por mui grande o terredes  
quant' en ele mais cuidardes,  
et veredes com' a Virgen  
[h]a poder sohre natura.

Aquest' a un cavaleiro  
conteceu que vassal' era  
d'un fi-de-rei, et por ele  
fazia justiça fera,  
et que un açor mui bõo  
ũa vegada lhe dera  
que fõra d'un cavaleiro,  
natural d'Estremadura.

Est' açor filhava garças  
et ánades et betouros  
et outras priijões muitas;  
et nen crischãos nen mouros  
atal açor non avian,  
et davan de seus tesouros  
muito por el, que lh'o dessen;  
mas non avia én cura

O cavaleiro de dar-lh'o,  
nen sol por aver vendê-lo;  
mais avia voontade  
d'ante seu senhor tragê-lo,  
porque mui mais d'outra cousa  
lhe prazeria d'avê-lo  
ante que o aver outre,  
ou perdê-lo per ventura.



E el con el cada dia  
muit' a sa caça andava  
et quantas aves podia  
fihar, con ele filhava  
pero foron ben dous anos  
que o açor non mudava,  
et o cavaleiro havia  
d'esto pesar et tristura.

E meteu maitos dinheiros  
en lhe fazer meezinhas  
que nulha ren non valveron ;  
pois, no tempo quand' as vinhas  
vendimian foi-se con ele  
aa Senhor das Reinhas  
a sa eigreja do Viso  
que jaz en ùa altura.

E quando chegou a Touro  
ouv' outro gran desconorto  
do açor, que non queria  
comer et tal come morto  
era, et o bic' inchado  
muito, et o colo torto,  
dizendo todos: «Mort' este,  
se lhe dous dias atura».

O cavaleiro de cera  
fez log' ùa semelhança  
do açor et foi con ela,  
avendo grand' esperança  
ena Virgen groriosa,  
et creendo sen dultança  
que seu açor lhe daria  
viv' e são sen laidura.

E foi-se logo con ela  
quanto pôd' aa eigreja  
da Virgen Santa Maria,  
que é bēcita et seja,  
que lh' amostrou essa noite  
mui gran mercee sobeja,  
ca tornou o açor são  
et a el tolheu loucura.

E demais fez-lh' outra cousa :  
 que as penas, que mudadas  
 ante aver non podera,  
 ouve-as logo deitadas,  
 et meteu outras tan boas  
 et atan ben cooradas  
 que per ren non poderian  
 taes pintar de pintura.

Esto fez Santa Maria,  
 Madre do que formou suso  
 os ceos maravilhosos  
 et ar' pos a terra juso,  
 que miragres mui fremosos  
 fez senpr' e [h]ja-o por uso  
 por nos fazer ben creentes  
 et guardar-nos de loucura.

CM. 366

Esta ccc et lxxvi é como Santa Maria do Porto fez cobrar  
 a D. Manuel un azor que perdera.

A que en nossos cantares  
 nos chamamos Fror das flores  
 maravilhoso miragre  
 fez[o] por uns caçadores.

E de tal razon com' esta  
 ãa maravilha fera  
 avẽo já en Sevilha  
 eno tempo que i era  
 el rei e que de Granada  
 de fazer guerra vëera  
 aos mouros d'es[s]a terra  
 que i eran moradores.

E outros muitos genetes  
 que d'África i passaran,  
 ca todos filharon dano  
 d'ele qual nunca filharan  
 en pães, ortas e vinhas  
 e en quanto lhes acharan ;  
 e pois aquesto foi feito,  
 el rei con seus lidadores,

Quand' este feito fezeron,  
tornaron pera Sevilha  
e el rei mui mal doente  
foi i a gran maravilha;  
mais guarriu pela merçee  
da que é Madr[e] e filha  
de Deus, que o guarecera  
já d'outras grandes doores.

Enquant' el guarecia  
don Manuel, seu irmão,  
vêo i e foi enfermo,  
e pois guarriu e foi são  
filhou-se con seus falcões,  
que mudara no verão,  
a caçar que é dos viços  
do mundo un dos maiores.

E ind' a aquela caça,  
levou poucos cavaleiros;  
mais levou outra gran gente  
de mui bõos falcociros  
que levavan seus falcões  
de garça, e ar gruciros,  
mais ante que se tornasse  
perdeu un dos melhores,

Que se foi da outra parte  
d'Aguadalquivir voando  
de guisa que foi perdido.  
Et andaron-o buscando  
ben preto de tres domaas  
et sempre apregoando,  
cuidando que o achara  
algun d'esses lavradores.

Que os acham a vegadas  
e os tēen ascondudos  
e os van vender a furto  
por non seeren conhoscudos.  
Por-en mandou o Infante  
que fossen aperçebudos  
seus falcõeiros, et logo  
filhou dos mais sabedores

E foi con eles a caça  
 ao chão de Tablada  
 en dereito da aldea  
 que Coira este chamada ;  
 e viron da outra parte  
 no exarafe, coitada !  
 ũa ave que tragia  
 un falcon dos montadores

Por filhá-la. E tan toste  
 aquel falcon con[h]osceron  
 que era o que perderan,  
 et en el mentes mereron,  
 et o falcon e a ave  
 viron como se mergeron  
 et foron caer en terra.  
 Mais os que con[h]oscedores

Eran de conhoscer aves  
 que doral era ben viron :  
 e don Manuel e todos  
 logo merçee pidiron  
 aa Virgen do gran Porto  
 de que falar muit' oiron ;  
 que se lhes o falcon desse  
 que de cera con loores

Un falcon lhe dessen feito  
 que mui de grado farian  
 e que ena sa igreja  
 ant' o seu altar porrian.  
 E pois esto ouveron dito  
 chamaron quanto podlan  
 o falcon que lhes véesse ;  
 mais macar braadadores

Eran muito en chamá-lo,  
 nen per siso nen per arte  
 sol vïr non lhes queria ;  
 ca falcon tra[l. tro] u se farte  
 da caça que á fil[h]ada  
 con medo que o enarte  
 o que o trage, en tolher-lh'a,  
 punha d'aver seus sabores

En comer quanto mais pode.  
 Mais don Manuel, con manha  
 d'aquelle falcon avê-lo,  
 apartou-se da companhia  
 et chamou-o mui de riço;  
 et maravilha estranha  
 foi, ca log' a ele vêo  
 en un campo u aradores

Con seus bois ali aravan.  
 O falcon passou agin[h]ja  
 de Guadalquivir o rio  
 con seu doral que tiin[h]ja  
 e pos-lo ant' o Infante  
 que loou muit' a Rainha  
 dos ceos Santa Maria  
 que é Senhor das Senhores.

A que en nossos cantares  
 nós chamamos fror das flores,  
 maravilhoso miragre  
 fez[o] por uns caçadores.

## APÉNDICE III

### Gastão de Fox

Transcrevi mais acima <sup>1</sup> o artigo da *Bibliotheca Hispana* <sup>2</sup> em que Nicolas António, repetindo dizeres de Jorge Cardoso, attribue a um eclesiástico bracarense a versão portugueza de uma obra literária de *Gastão de Fox* — versão que, segundo o mesmo informador lusitano, fôra realizada por mandado del Rei D. Denis. Erra todavia no que acrescenta da sua própria lavra (como acontece quasi sempre quando falamos sem conhecimento directo de causa). A data *antes de 1325* bem se vê que está exacta. Mas não a conjectura anacrónica de a obra indicada ser aquele afamado *Livre de Chasse* <sup>3</sup> que um Gastão de Fox compôs — predilecto de todos os *aficionados* da idade-média e do século xvi, por ser o mais completo, exacto e erudito tratado que existe, e por expôr as regras de arte com grande clareza e elegância. Erra também na

<sup>1</sup> P. 153.

<sup>2</sup> *Bibl. Vetus*, ed. 1696, vol. II, p. 98b, (ou ed. Bayer, II, p. 114; n.º 201)

<sup>3</sup> Única obra geralmente conhecida de Gastão de Fox.

classificação d'esse livro como *De cães e aves de caça*<sup>1</sup>, pois na realidade só se ocupa de *Monteria*; mas esse êrro não é individual. Os copistas haviam confundido e amalgamado a obra do Senhor de Bearne com outra, anterior, de *Gace de la Buigne*; e o primeiro impressor, irmanando ambas, havia propagado, cêrca de 1500, a ideia que o *Phébus* e o *Roman des deduiç*, em que de facto se trata de montaria e de cetraria, eram duas partes da mesma obra<sup>2</sup>. Ao propagá-la, Nicolas António não se lembrava de que o autor do formoso *Livre de Chasse*, Gastão III (de alcunha *Phébus*, quer pelo seu cabelo de oiro, quer pela sua rara beleza geral), falecera em 1391, e que, segundo a declaração contida no Prólogo-dedicatória a Felipe de França, Conde de Flandres e Artois e Duque de Borgonha<sup>3</sup>, ele a havia começado em maio de 1387<sup>4</sup>. Nem tão pouco sabia que a segunda metade do chamado *Roman des deduiç de la chasse des bestes sawaiges et des oyseaux*

<sup>1</sup> «Fuxii unicum laudatum opus novimus «De canibus & accipitribus, Gallicum ut par est credere».

<sup>2</sup> Ant. Vêrard, Paris 1505 ou 1507. Vid. *Zeitschrift*, xii, 383-415. — Na obra de Gace de la Buigne ha um afamado debate sobre o valor superior da *Monteria* ou da *Cetraria*, em que é árbitro ou juiz o *Conde de Tancarville*, citado por Pero López de Ayala no cap. 1 (p. 135), tema capital que, de resto, já fôra tratado anteriormente no *Livre del Roi Modus et de la Reine Ratio*.

<sup>3</sup> 1363-1404.

<sup>4</sup> O exemplar, ricamente iluminado, de Felipe, o Audaz, foi trazido á península por Felipe, o Belo, que o herdara. Depositado em 1576 na livreria do Escorial por Felipe II, desapareceu em 1809. Ha (ou houve) todavia naquella opulenta biblioteca outros exemplares dos que foram dados pelo próprio autor a testas coroadas, ou copiados mais tarde, a favor de curiosos. Vid. Beer, *Handschriften-schenkung Philipp II an den Escorial*, p. xxxi (Serojas 91) e cxx (Inventario 219, 1); xxxii (Serojas 98) e cxv (Inventario 192, 3). Cfr. ib. xxx (Serojas 48). — Vejam também *Biblioteca Venatória*, iii, p. lxxxii, onde se regista uma carta da Rainha de Aragão, D. Violante, ao Conde de Fox (*Comiti Favensi*), escrita em Monção (Montço) a 28 de Abril de 1339 (êrro por 1389), em que lhe agradece a remessa do seu *Livro da Caça*. — O Conde estava casado com D. Joana, filha de D. Violante e D. João I de Aragão. — Ainda ha outros documentos das relações literárias entre as duas côrtes. Em 1380, a Rainha acusava ao mesmo seu primo (*cosi*) a recepção do livro de Guillem de Mai-xant. (Entendo Guillaume de Machault, em voga então, como se vê nas obras do Marquês de Santilhana, e nas de D. João I). Em 1383 o Rei encomenda vários volumes; e em 1384 brinda o Conde com um *Marco Polo*. Vid. Beer, *Handschriften-schätze*, p. 91 (n.º 51 da biblioteca particular del Rey D. Juan I de Aragon). Bofarull y Sans, que ele cita, fala do *Libro de Caça*, de 1389, mas não com sufficiente clareza. Uma *Crónica* do Conde de Fox existia na livreria de D. Martim II, de Aragão (Beer 53, n.º 184).

de proye, fôra composta anteriormente, entre 1359 e 1373, e dedicada ao mesmo Felipe, O Audaz (*Le Hardy*). Na sua mocidade: mas ainda assim decênios depois da morte de D. Denis.

Claro que o moderno investigador dos tratados neo-latinos de caça acompanha por isso o artigo de Nicolas Antonio, que reproduz ao falar de Gastão Phebus, de uma nota crítica <sup>1</sup>, sem saber explicar o caso.

Quanto aos verbetes manuscritos da *Biblioteca Lusitana*, de Jorge Cardoso, já deixei dito o preciso. A breve referência a Gastão de Fox, no artigo transcrito por Nicolas Antonio, é elucidaada pouco na sua obra principal.

No *Agiolôgio Lusitano*, nos parágrafos relativos a 22 de maio, ou por outra ás festas comemorativas da fundação da Sé de Evora <sup>2</sup>, é que surge, na penumbra de uma anotação, um Gastão de Fox mais antigo, como autor de uma obra de teologia e filosofia cristã. Enumerando os Bispos primeiros da importante capital do Alemtejo, reconquistada perto de 1166 <sup>3</sup> pelo famigerado Giraldo Sem-Pavor; é que o investigador nomeia em primeiro lugar D. Sueiro, o qual assina documentos de 1166 e 1169 <sup>4</sup>; logo em seguida *Gastão de Fox*; e como terceiro um Pelayo ou Payo, ao qual escriptores mais antigos haviam dado o lugar primacial <sup>5</sup>. Os restantes informadores omitem o seu nome, porque, sendo *Eleito* e indo a Roma, em missão teológica, foi morto no caminho, ao passar os Pyrenéus, a punhaladas de ladrões. Da sua sepultura na Igreja de S. Paulo de Tolosa <sup>6</sup> e do epitáfio, que ainda lá estava no século xvi, mas hoje é destruída, assim como de manuscritos perdidos ou occultos, é que saíram as poucas notícias que d'ele subsistem.

<sup>1</sup> «Diese Uebersetzung widerlegt sich selbst durch ihr Datum. Cardosus, *schedae* sind mir unzugänglich, so dass ich der Sache nicht weiter nachgehen konnte». (*Zschr.*, xi, 410).

<sup>2</sup> Vol. III, p. 367, nota A (1166).

<sup>3</sup> Melhor seria dizermos: no reinado de D. Afonso Henriquez, entre 1147 e 1166.

<sup>4</sup> O foral de Evora de 1166 tem a assinatura de *Domnus Suarius, Eib. Episc.* Vid. *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 393.

<sup>5</sup> Por ex.: André de Résende, nas *Antiguidades de Evora*, cap. xv.— Gabriel Pereira, nos *Documentos Eborenses*, principia a lista dos bispos com D. Soeiro I (1166—1180); D. Paio (1180—1204).

<sup>6</sup> Toloseta, em Cantábria, diz o primeiro informador. Creio ser Tolosa de Guipuzcoa, na carreteira que vac de Espanha a França, tratada de «pequena». Pelo menos, desconheço outro lugar com a forma diminutiva.

Outro amigo de Jorge Cardoso, o continuador da *Monarchia Lusitana*, Frei Francisco Brandão, havia mencionado Gastão de Fox, quasi ao mesmo tempo, dando mais alguns pormenores<sup>1</sup>. Na *Quinta Parte* (1650), ao falar da actividade literária de D. Denis, escreveu o seguinte:

«Trabalhou El Rey D. Diniz muito por enriquecer a lingua Portugueza & a este fim mandou traduzir nella muitos livros, escritos em várias linguas, que hoje nos faltão. Em particular se traduzio por sua ordem da lingua arabiga a historia do *Mouro Rasis*, Chronista do primeiro Almançor Rey de Cordova, na qual se deo hũa noticia das cousas de Hespanha antigas, mui necessaria. *Flavio Jacobo Eborensis* no seu livro de poesias, impresso no anno de 1596 em Veneza diz que vio em Roma na livraria do Cardeal D. Miguel da Silva, nosso Portuguez, hum livro trad. de Arabigo em Portuguez por *Pedro Gabião* á instancia do mesmo Rey D. Diniz. Era author do livro *Gastão de Fox*, Portuguez de nação, mas descendente de Francezes, de Aquitania, príncipe dos Theologos do seu tempo, & insigne nas linguas Franceza, Hebræa, Latina & Arabiga, na qual escreveu por ser então vulgar em Hespanha. O livro era repartido em sete partes; nas 3 primeiras tratava de Deos & da immortalidade da alma; & nas outras fez huma concordancia dos ditos das Sybilas com os Profetas, & discorreo sobre o estado da bemaventurança & purgatorio. Diz q fora *eleito* Bispo de Evora em tempo del Rey D. Alfonso Henriques &, ioviado per seu Embaxador a Roma, morrera no caminho. O que diz deste author & de seu traductor tem algumas duvidas; comtudo a certeza de ser o livro traduzido por mandado del Rey D. Diniz, devia constar da prefação delle, & abona bem a curiosidade deste Príncipe».

Antes dos dois, João Pinto Ribeiro († 1649), o grande patriota, havia aludido, num belo discurso sobre a preferéncia das letras ás armas<sup>2</sup>, ao saber do teólogo luso-francês, dando a conhecer, pela suspeita que os escritos d'ele andassem por ventura perfi lhados no seu tempo *por quem se acreditou com os seus trabalhos*, que já na primeira metade do século xvii, não se sabia onde paravam os velhos códices.

Acceptando esse modo de ver, como verosimil, foi que o erudito Académico e consciencioso historiador da Universidade de Coimbra, Francisco Leitão Ferreira, lhe juntou a hipótese que o teólogo português, oriundo de príncipes franceses, haveria estudado quer no Colégio da Sé de Coimbra, quer no Mosteiro de Santa Cruz<sup>3</sup>. E

<sup>1</sup> *Monarchia Lusitana*, xvi, cap. iii.

<sup>2</sup> Impresso em 1645.

<sup>3</sup> As minuciosas «Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra» começaram a sair nas *Memorias da Academia de Historia Portugueza* em 1729. As 639 páginas publicadas abrangem apenas a Primeira Parte. A segunda,



copia um trecho latino de Flávio Jacobo que havia descoberto vestígios do mal-logrado Eleito de Évora, primeiro nos Pirenéus, e mais tarde em Roma.

Aos dizeres dos quatro eruditos juntou Barbosa Machado apontamentos de João Soares de Brito <sup>2</sup>, dos quaes resulta que o Cardeal D. Miguel da Silva, dono dos manuscritos, não consentiu que o citado humanista os trasladasse <sup>3</sup>.

No século passado tornou-se a falar naturalmente de Gastão de Fox. Bastará citar Francisco Freire de Carvalho, no seu *Primeiro Ensaio sobre Historia Litteraria de Portugal* <sup>4</sup>, e T. Braga, na *Historia da Universidade* <sup>5</sup>.

O consenso de varões tão distinctos pouco significa contudo, porque todos se baseiam, directa ou indirectamente, em *Flávio Jacobo*, ou por outra em Diogo Pires (1517-1607). A veracidade d'este Eborense nunca foi impugnada por ninguém.

Letrado, de origem judaica, primo e correspondente do grande Amato Lusitano <sup>6</sup>, ele abandonou a pátria em 1535, com receio da Inquisição, cuja entrada próxima em Portugal amedrontava com razão os Cristãos-Novos. Nas suas peregrinações através da Espanha, França, Flandres, Inglaterra, Constantinopla, Palestina e Italia, onde estabeleceu residência, primeiro em Ferrara, depois em Ragusa, encontrou — não sei se por acaso — vestígios do afamado teólogo, seu conterrâneo, ao visitar a já citada Igreja de Tolosa ou Toloseta. Lá leu o epitáfio: *Gastonis Foxis Lusitani a latronibus interfecti ossa hic quiescunt. Vixit an. lxxv mens. x die(s) xxv*. A sua curiosidade, excitada pelos lacónicos dizeres da lápide funerária, foi satisfeita muito mais tarde, e mediocrementemente.

autógrafa, existe na Biblioteca Nacional de Lisboa (com o n.º 626). D'ela foi extraída, e está em publicação, *A Vida de André de Resende*, graças ao admirável zêlo de Anselmo Braamcamp Freire. — Vid. *Archivo Historico Portuguez*, n.º 80 e seguintes.

<sup>2</sup> Letra G, n.º 34.

<sup>3</sup> Barbosa Machado, n, 376.

<sup>4</sup> Lisboa 1845. — Vid. pp. 45 sgs. e 290.

<sup>5</sup> P. 58. — Freire de Carvalho dá os titulos em portuguez. Theóphilo Braga, um único, em latim muito deturpado.

<sup>6</sup> Vid. Maximiano de Lemos, *Amato Lusitano*. Porto 1908, *passim*. Ele baseia-se nos apontamentos que A. Portugal de Faria fez imprimir com o titulo de *Portugal e Italia*, Leorne 1905. — Em *Jewish Encyclopedia* se registou *Flavius Eborensis*. Kayserling não o incluiu na sua *Biblioteca Española-Portuguesa-Judaica*.

No palácio de D. Miguel da Silva, na preciosa livraria do nobre Cardeal, a quem Castiglione havia dedicado o seu *Cortesão*<sup>1</sup>, viu as obras teológicas do ducentista eborense; mas debalde mostrou desejos de as trasladar. Desgostoso dedicou-lhe pelo menos um poema, acompanhado de anotações em prosa. Numa d'elas diz: «Porro Foxceius hic sub Alfonso primo Portugalliae Rege vixit a quo Eborae patriae meae Episcopus designatus et orator Romam missus (ut erant ea tempora turbulenta) a latronibus in itinere confossus est»<sup>2</sup>. Entrou numa colecção de *Disticos Moraes* em latim, que publicou em Veneza, no ano de 1592, com o título de *Cato Mayor*, sob o nome de *Jacobus Flavius*<sup>3</sup>. Segundo o costume da época grecizara a princípio o seu nome, traduzindo o vulgaríssimo *Pires* com *Pyrrhus*<sup>4</sup> (o *Ruívo*), ou *Pyrrhus Lusitanus*<sup>5</sup>. Depois preferiu latinizá-lo, hesitando então entre Jacob Flavius, o *Ruívo*<sup>6</sup>, e *Jacobus Eborensis*<sup>7</sup>. Tantas variantes induziram em erro o bibliógrafo principal da literatura portuguesa<sup>8</sup>.

Não me é dado reproduzir agora o Poema, como era meu propósito. Nem sei dar notícias novas a respeito de Gastão de Fox, sua suposta obra arábica, a versão portuguesa, e a redacção latina, destinada a torná-la conhecida entre os Humanistas<sup>9</sup>.

<sup>1</sup> A vida acidentada d'este Português já deu matéria para muitos artigos, mas ainda não teve o biógrafo que merece.

<sup>2</sup> Leitão Ferreira, %, 7-8.

<sup>3</sup> P. 126. — Outra colecção de disticos saiu em Veneza (1596) com o título de *Cato Minor*.

<sup>4</sup> A primeira colecção de versos latinos que fez imprimir (Ferrara 1545) tem por título *Didaci Pyrrhi Lusitani Carminum Liber unus*. Apud Franciscum Rubrum. — Pela descrição, dada na *Revue Hispanique* (IX, 491), por Hugo Vaganay, vejo que era aparentado com o celeberrimo Vaseo. — Assim se chama também numa Elegia, em louvor de Quinto Calabro, o afamado continuador da *Iliada*, cujas obras saíram em 1639, em Anvers, das oficinas de Juan Steelsio. Já o mencionei a p. 11, ao falar de Jordão de Calábria.

<sup>5</sup> Vid. *Amato Lusitano*, p. 10.

<sup>6</sup> *Monarchia Lusitana*, Parte v, liv. xvi, cap. III; e Fonseca, *Evora Gloriosa*, p. 411; Innocencio da Silva, *Diccionario Bibliographico*, III, 249.

<sup>7</sup> *Notizie istorico-critiche sulle antichità di Ragusa*, II, 324.

<sup>8</sup> Vid. *Bibliotheca Lusitana*, II, 79 e IV, 103. Registrando-o com o nome de Flávio Jacobo talvez se deixasse influir pela lembrança do historiador dos Judeus, que é costume intitular *Flavius Josephus*.

<sup>9</sup> Duvido da exactidão d'essas noticias; isto é, do poliglotismo do antigo teólogo, apesar de obras scientificas escritas em árabe, vertidas primeiro para latim e depois para romance, serem frequentes. Em todo o caso, o antigo texto latino estava perdido quando D. Miguel da Silva se resolveu a retroverter a redacção portuguesa.

Certo é apenas que Jorge Cardoso tinha em mente a obra teológica do prelado português de 1180<sup>2</sup>. E não o tratado cinegético do Príncipe de Bearne, de 1387.

O suposto tradutor bracarense Pedro Galvão — arcediogo, e não arcebispo<sup>3</sup> — passou por lapso a *Dionysio*, na prosa de Nicolas António. Talvez porque as notas abreviadas que extraira das papeletas de Jorge Cardoso, rezavam lacônicamente: *Galvão. Dionys.*

## APÉNDICE IV

Isaac Almansor

Falo de erros e de dúvidas, e tenho a ousadia de aventar hipóteses, para que outros as resolvam e me rectifiquem<sup>4</sup>.

Um erro evidente de Quetif, a que deu curso Rodríguez de Castro, e recentemente Gabriel Pereira<sup>5</sup>, consiste na fusão em um só título de dois que haviam de caracterizar as últimas parcelas do códice medicinal parisiense 7249 (agora 212).

Das palavras iniciais da 3.<sup>a</sup> que, ocupando apenas as fls. 109-112, trata da *cura de aves de caça*, e da rubrica final da 4.<sup>a</sup>, que é um tratado *de medicina*, chamado *Almansor* ou *Isaac* ou *Rasis*, fizeram o monstro que já apresentei ao leitor:<sup>6</sup> «Assi comensa lo libre del nudriment e de la cura dells ocels los quals se pertanyen a caça, id est de cura accipitrum aviumque aucupum liber unus . . . in librum Isaaci filii rege jubente Almassore scriptum ex Arabico translatum a Gallieno . . . de Cremona».

Onde eu pus pontos . . . ha omissões, a meu ver. Na primeira lacuna, Quetif talvez quisesse pôr: «e acaba». Na segunda . . . Mas vejamos o caso um pouco mais de perto. Na sua exacta descrição do códice, Morel-Fatio separa claramente os dois tratados,

<sup>2</sup> No século XII, outro Gastão de Bearne — o sétimo visconde d'esse nome (1290) — tomou parte nas empresas de Alfonso X. — Vid. *Cancioneiro da Vaticana*, Cant. 466 e 1000.

<sup>3</sup> Foi Freire de Carvalho que o transformou em arcebispo. Que eu saiba, não houve nenhum d'esse nome.

<sup>4</sup> De dois médicos portugueses que nos últimos anos se dedicaram a investigações literário-científicas — Maximiano de Lemos e Ricardo Jorge — talvez um se veja tentado a empreender essa campanha.

<sup>5</sup> *Aves de Caça*, p. 4.

<sup>6</sup> A p. 162. Com lapsos de Rodríguez de Castro, que aqui emendo.

sem deixar margem para dúvidas <sup>1</sup>. Mas quanto ao segundo salto, não se afasta dos predecessores; pois diz: «Lo libre que es dit Almassor trasladat per mestre Galien de Cremona en Toledol (sic) de arabic en latin . . .». É pois certo que assim está desde fim do século xiv (ou princípios do xv) no traslado que possuímos. O velho copista saltaria por descuido de um «per» a outro «per» ou de um «trasladat» a outro, omitindo «per Galien de Mayorcha de latin en romans catalanesch . . .» <sup>2</sup>. A obra escrita em arábico no século xi, talvez por um sábio Judeu, creio que foi latinizada no século imediato pelo indefesso tradutor Gerardo de Cremona <sup>3</sup>, e vulgarizada no reinado de Jaime o Conquistador pelo mesmo Galien de Mayorcha que verteu os escritos de Frei Theoderique — a *Cirurgia*, e também, provavelmente, a *Alveitaria* e a *Cura das Aves de Caça* — isto é, tudo quanto está no apógrafo que existe na *Bibliothèque Nationale*.

As dúvidas duplicam-se, para mim, com relação ao original. O investigador francês estabeleceu que se trata de uma versão (em trinta e sete capítulos) do *Tractatus Primus: De figura et forma membrorum* — anatómico portanto, e talvez cirúrgico, como os outros tres que o aprendiz de cirurgia estudava, — do *Liber Abubecri Arazi filii Zacharie, qui ab eo Almansor vocatus est, quod regis Mansoris, Isaac filii, precepto editus est, translatus ex arabico in latinum apud Toletum a Gerardo Cremonensi*, etc. <sup>4</sup>. — No resto da epigrafe catalã, que os editores de Lyon e Quetif traduziram, expõe-se igualmente depois de *latin . . .* a origem do titulo Almassor: «qui es appellat Almassor per so col rey Almassor lo feu fer al fyl de Isaach». Desastradamente, se eu, pontuando de modo diferente o texto latino, entendo bem que Gerardo de Cremona traduziu do arabe em latim — conforme já se disse — uma

<sup>1</sup> *Catalogue*, p. 33.

<sup>2</sup> Exemplos de taes descuidos? Quem não os conhecer, pela própria experiência, que m'os peça, e ministrar-lhe-hei centenas. Sobretudo em livros traduzidos de portuguez em castelhano: na *Destruição de Jerusalem*, na *Demanda do Graal*, no *Palmeirim de Inglaterra*, etc., etc.

<sup>3</sup> De *Cremona*, e não de *Carmona*, como se julgava no século xviii (c. 1187). A respeito d'esse latinizador de setenta e seis textos árabes (entre elles Galeno e Avicenna) consultem, além de Nicolas Antonio, II, 263: Menéndez y Pelayo, *Heterodoxos*, I, 404; Groeber, *Grundriss*, II, 255 e 257; Beer, *Handschriften-Schenkung*, p. LVIII; Gallardo, *Ensayo*, II, Apéndice, pp. 5 e 64 (Bibl. Nac. de Madrid, L. 14, 63); Fabricius, II, e Wüstenfeld, *Die Uebersetzungen arabischer Werke in das Lateinische* (Göttingen 1877).

<sup>4</sup> Lyon 1511; f. 1-20 v. Não consegui vê-lo.

obra que fôra composta originariamente (em árabe), segundo as ordens de Isaac, filho del rei Almansor, por Abu-beer, de sobrenome *Rasis*, filho de Zacharias.

A multiplicidade das indicações levou os eruditos medievaes a darem ao tratado titulos abreviados muito diversos como *Almansor*<sup>1</sup> — *Rasis*<sup>2</sup> — *Isac*<sup>3</sup> — *Rasis Almansor*<sup>4</sup> — *Isac Almansor*<sup>5</sup> — *Abubecrus Rasis*<sup>6</sup>. E, como houvesse mais de um *Isac*, os bibliógrafos confundiriam às vezes com esses o filho de Almansor, afamado como médico e como escritor.

Aos leigos é impossivel apurar que autores são os que nos catálogos de livrarias medievaes e quinhentistas figuram como autores de tratados medicinaes com os nomes Mahamet-Aben-Isaac Judio<sup>7</sup>, Mahamet Aben-Zacharia Judio<sup>8</sup>, Zacharia Arazi<sup>9</sup>, Isaac-Aben-Çulayme (ou Ibn-Sulaiman) Judio<sup>10</sup>, Joseph hijo de Isac Judio<sup>11</sup>, Aben-Çulayma Almançor<sup>12</sup>, Isaac Judio<sup>13</sup>.

Os peritos que falem!

<sup>1</sup> Bibl. Nac. de Madrid, L-65-70.

<sup>2</sup> Garcia da Orta cita *Rasis e Isac*.

<sup>3</sup> T. Braga, *Universidade*, p. 229.

<sup>4</sup> Beer, *Handschriften-Schenkung*, p. LVIII, n.º 116,8; *Rajsis Almansor translatus a Magistro Gerardo Cremonensi Toleti*; e 9, *Almansoris e Rajsis Opera De arabico in latinum translata Toleti per magistrum Girardum*.

<sup>5</sup> *De febribus*; mas também *De febribus et de aliis ad medicinam spectantibus* ou *De Medicina*. Vid. Beer, *Handschriften-schätze*, p. 508; *Handschriften-Schenkung*, pp. CVII e CXXI. No *Inventário* do Escorial cita-se entre os livros do lote n.º 178 (Médicos en castellano, de mano en folio) como volume terceiro, en papel: «Isaac *De febribus*, y otros tratados de medicina y receptas, de letra antigua; traduzido de arábigo en lat. por Maestro Costantin y de latin en romance por Maestro Pedro». — Acêrca de *Constantinus*, de cognome *Afer* ou *Africanus*, *monachus Cassinensis*, vejam Nicolas António, II, 374; *Grundriss*, II, 258, e *Fabricius*, II, 391.

<sup>6</sup> Vid. Fabricius, III, 38, *Practica et Antidotarium Abubecri Rasis*.

<sup>7</sup> Beer, *Handschriften schätze*, 224, 31 (año de 1264).

<sup>8</sup> *Ibid.*, n.º 224, 26, 28, 29, 32, 33 e 35.

<sup>9</sup> *Ibid.*, n.º 224, 30 (Murcia DXC 1).

<sup>10</sup> *Ibid.*, n.º 224, 41 (Toledo 1267).

<sup>11</sup> *Ibid.*, 224, 52.

<sup>12</sup> *Ibid.*, 224, 48. Cfr. Rodriguez de Castro; A. de los Rios, *Judios*, p. 229; T. Braga, *Universidade*, I, p. 230; Beer, *Handschriften-schätze*, p. 508.

## PARTE II — ESTUDOS ETIMOLÓGICOS

### CONTRIBUIÇÕES PARA O FUTURO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS PENINSULARES

#### I

#### ALBARRAZ — FALPARRAZ — PAPARRAZ

A mais eficaz entre as ervas-piolheiras — *Delphinium staphisagria* —, cuja semente se emprega em pós e como untura <sup>1</sup>, tinha entre os Árabes e Mouriscos o nome de حَبُّ الرَّاسِ, *habb-ar-rás*, «grão da cabeça». O vocábulo, divulgado pelos médicos, alveítas e farmacêuticos, mouros e judeus, tomou na península formas muito variadas, por causa das dificuldades na nacionalização do som gutural da primeira sílaba, mas também em virtude do etimologizar fantasioso do povo, e do desejo inconsciente de distinguir o termo botânico e farmacêutico de outro muito parecido, mas de origem e significação diversa. D'este (*al-baraz* البرص, «lepra branca») falarei em artigo independente (ALVARAZ).

Na evolução fonética de *habb-ar-rás*, o *h*, fortemente aspirado, pronunciava-se ora *f*, ora *h*, que, como de costume, breve se volatilizou por completo <sup>2</sup>; *bb*, tornado medial, foi simplificado, ou abrandado em *v* (neste país, todo de branduras); o *rr* conservou-se, quer duplicado, quer simples; o *sin* final foi em regra pronunciado *ç* <sup>3</sup>. — As modificações irregulares, promovidas pelo influxo de outros vocábulos, consistem na conversão do *a* (*ha*, *fa*) inicial no artigo *al*. (em centros espanhoes onde a princípio haviam pronunciado *abbarrazç*). — Assim dividido, erroneamente, em *al* + *barazç*,

<sup>1</sup> Hoje chamam os primeiros, *pós de Joanne*; e a última, *pomada de Joanne*.

<sup>2</sup> Em Espanha. — Em Portugal o *f* condensou-se.

<sup>3</sup> Em Espanha ficou *s*, em muitas palavras.

coincidia com o já citado nome do *fogo salvage, fogo de S. Marçal*, tão frequente na idade-média. Para diferenciarem os dois, carregariam com tanto vigor no *b* (*p*) que resultou a explosão forte, soando *alparraz*. Da fusão d'este com *fabarraz* saiu *falparraz*. Mas como *falpa* não desse sentido assaz compreensível ao vulgo português, o povo passou a dizer *paparraz*, pensando no imperativo *papa* de *papar*, «comer». *Rãs* era-lhe familiar em *aguarás*<sup>1</sup>. Desde que *s* e *z* se fundiram num único som, mais de um gracioso entenderia e diria *paparás* (subentendendo *tu*: 2.<sup>a</sup> sing. do futuro).

Claro que nem todas essas formas históricas figuram nos *Dicionários*<sup>2</sup>; e que mesmo as de facto registadas carecem de exemplificação. No da Academia Espanhola ha a moderna *albarraz*<sup>3</sup>; das antiquadas apenas *abarraz*<sup>4</sup>, que seguramente não teve vida prolongada.

Don Juan Manuel emprega *habarras* e *habarraz* repetidas vezes no capítulo (xi) dedicado ás enfermidades das Aves de Caça. «Et si por este non guaresçen usan agora de echar le habarras por las bentanas» (p. 55, 23)<sup>5</sup>. — «et tienen que [sc. la ruda] es mas sin peligro que el habarras» (ibid., l. 26). — «et despues destemprar el habarraz en el agua tibia» (p. 56, 6). — «Et por esta razon dice Don Johan que es mejor la melecina del habarraz que non la otra» (p. 56, 3). — «Otrosí echarle habarraz para sagudir el agua de la cabeza» (63, 18).

Ayala prefere *favarraz*: «una onza de favarraz molido» (p. 215). — «otros dejan de darle el favarraz» (p. 218). — «A las veses acaesce que dan los cazadores á sus aves más favarraz de lo que cumple» (p. 241).

Mestre Giraldo havia empregado nos passos correspondentes *falparaz*, *falparraz*. Os caçadores não dão ás aves «seu falparraz quando lhes compre» (cap. 1); ou ás vezes lançam «o falparraz aas aves mais forte do que convém . . . e elas quando lhes asy lançam o falparaz nom queren sacudir» (ibid.)<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Os panos de *Rãs* (= *Arras*) são muito posteriores e nunca podiam ser populares.

<sup>2</sup> Cfr. Dozy, *Glossaire*, p. 31. Na lista dos *Nomes triviaes de plantas*, elaborada por Brotero (no *Compêndio de Botânica*, vol. II, p. 325-355), ha quasi todas; algumas no plural, que costuma designar medicamentos, feitos de muitas sementes. Vid. *albarazes*, *alvarazes*; *alvarraz*, *fabaraz*, *paparaz*.

<sup>3</sup> Ela já existia no tempo de Alfonso XI. — Vid. *Monteria*, p. 173.

<sup>4</sup> Não posso documentar essa forma.

<sup>5</sup> Ed. Baist. (= p. 86 da *Bibl. Venatória*. Os outros passos a pp. 87 e 97).

<sup>6</sup> Pp. 12, 16; 13, 23 e 26.

No tempo de Ferreira já se dizia *paparra*<sup>1</sup>, como se vê do cap. 1 da parte iv<sup>1</sup>.

Seria notável, se em Catalunha dissessem *paparra*<sup>2</sup>, com troca do acento, em lugar de *paparrás*. Suspeito todavia que seja mera palavra de papel, abstraída da grafia *paparras* por alguém que, desconhecedor do vocábulo, julgou reconhecer no s o indicador do plural. A correspondência com o vocábulo português é digna de nota.

\*

Ignoro o que sejam «figos alvarazes»<sup>3</sup>. Só conheço *figos alvares*.

## II

### ALCAFAR

Quatro passos do *Livro de Alveitaria* servem para confirmar a definição do termo (como parte do lombo em que estão os rins), que dei nas *Contribuições*, I, p. 49.

«Se [o cavalo] tiver a manjadoira baixa engordará e cobrará per hy mais em alcafar» (p. 9, 34).

«... mais engrosará ho cauallo no alcafar e nas partes derradeiras» (9, 40).

«E assy parece que mais engrosará ho cauallo no alcafar e nas partes derradeiras, teendo a manjadoira e[m] a estada baixa de deante» (9, 40-42).

«E o alcafar [deue de seer] longo e ancho» (16, 22).

Insuficientemente explicado no *Glossaire* de Dozy, como mostrei, falta por completo no *Lexicon Etymologico* de Frei João de Sousa.

## III

### ALCÁNDARA — ALCÁNDORA — ALCANDÔRA

A forma com *a*, usada por Mestre Giraldo, como nome usual da vara ou do poleiro do falcão<sup>4</sup>, é a primitiva, a única existente em Espanha, e a que mais de perto se cinge ao étimo árabe *al-*

<sup>1</sup> Duas oitavas de *paparra* (vol. II, p. 7). Frei João de Sousa escreve *paparra* nos *Vestígios da lingua arabica em Portugal* (1789).

<sup>2</sup> Assim está no *Diccionario* de Esteve y Belvitges.

<sup>3</sup> Brotero, *Nomes triviaes*, p. 327.

<sup>4</sup> *Caça*, p. 10, 21; 12, 14; 14, 1; 21, 22.



*kándara*, الكندرة<sup>1</sup>. Todavia não é justo banir como errónea a alterada com *o*, como pretende o editor do *Livro das Enfermidades das Aves Caçadores*<sup>2</sup>. Mais de um lexicógrafo regista mesmo exclusivamente esta<sup>3</sup>, por haver sido a preferida por Diogo Fernández Ferreira, na sua *Arte de Altanería*<sup>4</sup>; e também porque todos os derivados tem *o* (*alcandorar-se*, *alcandorado*, *alcandoradamente*). Quanto à dissimilação praticada, confira-se *comaro*, *cómoro* < *cumulus*; e também *véspara*, *véspara*, *aréspara*, formas vulgares de *abespa*, *bespa*. O sentido derivado de *alcandorar-se* = empoleirar-se, guindar-se a grandes alturas, deu lugar à bonita etimologia popular *alcondorado*. — Do Peru, onde nasceu, á vista dos *condores* dos Andes, talvez ainda passe ao velho mundo.

\*

Aproveito o ensejo para lembrar que o nome da peça mourisca do vestuário varonil e mulhieril que se escreve *alcandora*, deve ser pronunciado *alcandóra*, visto ser *candir*, قندور (ou *candüra*), e *ta-candir* entre os Berberes<sup>5</sup>. Camisa de pano de linho, em geral com gorjeira, ás vezes de quatro, ás vezes de oito nexas, e pespontada, conforme as descrições nas *Posturas de Évora*<sup>6</sup>. A forma *alcandieira*, que se lê uma vez nos extractos publicados por Gabriel Pereira, é mero lapsus de escrita.

#### IV

#### ALCATENIS — ERVATUNIS

Para efeitos resolutivos em casos de inflamação, provocada por qualquer pisadela, entaladela, *encaçadura*, espinha ou *estripe*, etc., empregava-se uma planta, esmagada, mexida com manteiga e es-

<sup>1</sup> Dozy, s. v.

<sup>2</sup> Gabriel Pereira diz no seu *Glossáriozinho*: *alcandara* e não *alcandora*. (Sem acentuação).

<sup>3</sup> Moraes, F. A. Coelho, Candido de Figueiredo, etc. O primeiro, seguido de outros, acentua erradamente *alcandóra*.

<sup>4</sup> Centenas de vezes. Baste remetermos o leitor á *Advertência preliminar* (p. 19), onde diz: «Ao pau em que costumam pôr e atar o falcão [chamam] *alcandora*».

<sup>5</sup> Dozy, *Glossaire*, p. 84 (sem acentuação, como em geral nessa bela obra, que merece 3.ª edição, melhorada ainda). — Não está no *Lexic. Arab. Lat.* de Freytag.

<sup>6</sup> *Documentos Eborenses*, 1, p. 140.

tendida assim em forma de emplastro. O veterinário de D. Denis diz no cap. xxxv: «Outrossy lhe presta pera esto a rrazz da canavea e da erua tunjz» (p. 44, 3-4). E novamente no cap. XLVII, relativo a espinhas nos joelhos: «E outrossy val pera esto a rrazz da canavee e a rrazz da erua tuniz» (p. 51, 4-5).

Estou convencida de que no complicadissimo tratamento de cravos nos pés de aves caçadoras se empregava a mesma composição, ou outra parecida. No primeiro dos cinco actos, de que ele constava, arrancavam os cravos por meio de diversas cataplasmas; depois, uma porção de verdete <sup>1</sup> havia de morder e comer as carnes podres da cova; no terceiro acto auxiliavam a criação de carne nova por meio «do *catanez* que acharás nos solorgiaaes» <sup>2</sup>. No quarto, o emplastro *diaguilom* <sup>3</sup> igualava essa carne. No quinto, outro emplastro, composto de muitos ingredientes, encoirava-a tesamente.

Na adaptação de Pero López de Ayala (cap. xxxv), que diverge bastante, falta (por lapso) a scena principal do quarto acto. No trecho respectivo o chanceler servia-se (salvo êrro) do nome *al-catenis*, em lugar de *o catanes*, porque esse nome de planta, semente de planta, ou antes de um medicamento preparado com as sementes da planta, figura na lista das cousas indispensáveis ao bom caçador <sup>4</sup>, sem ter sido nomeado no texto.

Ferreira abrevia (por não compreender), omitindo o medicamento de que trato <sup>5</sup>.

Onde o tornei a encontrar foi no *Libro de Monteria*, de Alfonso XI. No cap. xxiii da parte I do livro II recomenda-se ao bom monteiro que, em casos de quebradura nas mãos ou nas pernas do cão, aplique á chaga «cada dia dos veces de la melecina que dicen *alcatenes* et sea hi puesto aceche con ello» <sup>6</sup>. E no capítulo immediato diz que quando a «espátula sair do seu lugar a endireitem, pondo-lhe depois de los *alcatenes* con el aceche» <sup>7</sup>.

E tornei a dar com ele, nuns versos dirigidos ao próprio Pero Lopez de Ayala, depois de ele haver dissertado sobre unguentos,

<sup>1</sup> Vid. *Azeyre e Açinhavre*.

<sup>2</sup> P. 21, 2 (cap. xii).

<sup>3</sup> Hoje prefere-se escrever *diachylon*, á grega.

<sup>4</sup> P. 343, 3.

<sup>5</sup> Cap. xviii, (ii, p. 29).

<sup>6</sup> P. 251. — *Aceche*, *aciche*, nome árabe do vitriolo, ocorre também nas *Enfermidades*, de Mestre Giraldo, p. 21, e em Ayala, p. 268.

<sup>7</sup> P. 253.

bizmas, bálsamos, chagas, no seu *Libro de la Caça de las Aves*. Não digo bem: torno a dar com ele na resposta que o «Velho» deu a Fernan Sánchez de Calavera<sup>1</sup>. Esse havia pedido (num longo poema<sup>2</sup> de quatorze oitavas castelhanas com *finida*)<sup>3</sup> explicação dos mistérios da predestinação e do livre alvedrio, descrevendo as dúvidas que o atormentavam, como chaga do seu coração; e conselhos que lhe servissem de medicina, unguento e bálsamo.

E pues me non curan las melesinas  
sobre esto á mí dadas 4 ssyn que lo meresca,  
por vuestra mercet de otras mas fynas  
me fazed vos graçia porque non padescas,  
tales que cierre la llaga e encoresca  
por vuestro sseso, que de otro non curo:  
e mandat poner del bálsamo puro  
en ella, por tal que sseñal non paresca.

Ayala responde em outras tantas estrofes, e pelos consoantes, á maneira galego-portuguesa. Eis as estrofes 5 e 6:

E sy la llaga aun non es madura  
de aquesta dubda que agora tenedes,  
poned del halsamo, olyo e untura  
de buena creença, e luego podredes  
amansar el dolor, e vos folgaredes;  
e vos non curedes d'espender en ocçio  
el vuestro tiempo, e un buen xicrocio  
de la penitença en ella pornedes.

E ssy en tirarse la fleca materya  
de vuestra llaga aun 5 se portfya,  
cortad 6 con lança la dura arterya  
que saque el venino 7 e guaresçerya.  
E con este inguente mucho valdría  
el *alcatenes* de grant contriçion;  
e devota bidma de la confesyon  
por mi consejo ally se pornya.

(N.º 518)

<sup>1</sup> Talavera 2

<sup>2</sup> Vid. *Cancionero de Baena*, n.º 517.

<sup>3</sup> A *finida* das cantigas galego-portuguesas.

<sup>4</sup> Na ed. de Madrid ha *darás*, o que é erro evidente.

<sup>5</sup> Na ed. de Leipzig está *é aun*.

<sup>6</sup> *Ibid.*, *cortadat*.

<sup>7</sup> Na ed. de Madrid, *vennino*.

No Vocabulário que acompanha a edição de 1851 ha a seguinte glosa :

«*Alcaten* ó *alcatenes*. Pronunciado *aljatén* vale tanto como cortadura, sajadura que se hace al tiempo de la circuncision; del verbo arábigo *jatana*, que significa *circuncidar*». — 554.

Pela página indicada vê-se que o intérprete tinha, de facto, na mente o texto de Pero López. Sem isso... eu duvidava! — *Alcatenes* — como penso devemos ler no verso citado — não pode vir de *ختن*, *jatana*, «circuncidar».

Dozy bem o reconheceu, mas, não sabendo dos passos de Mestre Giraldo, imaginou que o vocábulo devia ter o significado primordial de «unguento» ou «emplastro»<sup>1</sup>. E imaginou mais que *alcatenes* seria má leitura de *albareme* por *al-marham*, *العروم*! Conjectura que não se pode sustentar.

O *catanes*, *el alcatenes*, que veio a ser *erva tuniz* em português, por influencia de dúzias de nomes botânicos que principiam com *erva*<sup>2</sup>, é uma planta medicinal, empregada na polifarmácia medieval, para unguentos, bálsamos, cataplasmas.

Nada mais pude apurar até agora. Não é impossível que as primeiras duas sílabas (*alca*) correspondam a *عرق* (*arq*, *irq* = «raiz»). — Neste caso formariam grupo com *alcazuq*, *عرق سوس*, *glycyrrhiza*<sup>3</sup>. Como todavia ignore o que seja *tanés*, *tenés*, \**tenis*, *tuniz*, deixo a decisão em aberto<sup>4</sup>.

## V

### ADRAGUNCHOS

Glândulas engorgitadas, quer no peito, quer nas pernas, ou nos braços, facilmente movediças, quando a mão do médico as apalpa,

<sup>1</sup> *Glossaire*, p. 87.

<sup>2</sup> Abra quem quiser o *Compêndio* de Brotero ou o *Novo Dicionário*. Lá encontrará oitenta *ervas* —, mas nenhuma que se pareça com *tenes*, *tuniz*, *catanes*. — Será a que hoje crismaram de *turca*?

<sup>3</sup> Freytag, III, 143.

<sup>4</sup> Na curiosa lista de *preços das mezinhas*, elaborada pelo Doutor Mestre Rodrigo, físico-mor de Évora em 1497, não encontro nada que nos esclareça. (*Documentos Históricos da Cidade de Évora*, III, p. 75-80). — Ferreira recomenda no trecho modificado, tanto o famoso *unguentum apostolorum*, assim chamado por constar de doze ingredientes, como o de *tutia* e o unguento *amarello* — que não faltam na lista citada. — Mas isso, que prova?

eram consideradas pelo povo como bichos que espontaneamente se criavam entre o coiro e a carne: *bechócos*<sup>1</sup>, vermes, lombrigas, serpentes, dragõesinhos.

Um dos nomes que por isso lhes davam era *draciunculos*: *dragunchos*<sup>2</sup>, com prótese de *a*.

Mestre Giraldo trata dos adragunchos no cap. xii<sup>3</sup> do *Livro de Alveitaria* (p. 4, 13)<sup>4</sup>, e no imediato do adraguncho *roadio* (*vom stiegenden Drachen*)<sup>5</sup>. «E esta infirmitade chamam em latim *vermis*». Mais de uma vez fala das cabeças dos adragunchos (27, 24, 32). — Cfr. VURMO e SAPINHOS.

## VI

## ALFARROBA — ALGARROBA

É mero suplemento ao artigo LADELA, sem novidade etimológica, visto que Dozy tirou bem ambas as palavras do mesmo étimo árabe (*al-haruba*, الخروب)<sup>6</sup> e Gonçalves Viana já registou a variante *ferroba*, sem artigo, e com vogal pretónica reduzida<sup>7</sup>.

Por achar os artigos citados excessivamente concisos, e para que na segunda edição do *Novo Dicionário e Dicionário Prático* entre o desprezado *algarroba*, vou glosá-los levemente. Os Portugueses, quero dizer, o povo português distingue entre *algarroba* e *alfarroba*.

A *alfarrobeira* — *Ceratonia siliqua* — com o seu fruto, *alfarroba*, adocicado e farináceo, que constitue um alimento admirável para o gado, a mais importante das árvores forrageiras, é cultivada em todo o litoral mediterrâneo da península, mas sobretudo no Algarve. Do fruto, uma grande vagem castanho-escura com sementes da mesmo côr, fabricam até, para exportação, bolos nutritivos. O nome topográfico *Alfarrobeira* é bem conhecido, pela fatal batalha civil que ahí se feriu (1449)<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> No Algarve *bechóco* designa o *furunculo*.

<sup>2</sup> Cornu, § 93.

<sup>3</sup> Leia-se duodécimo, terceiro décimo, quarto décimo, etc.

<sup>4</sup> 26, 28, 33, 34; 27, 45, 24, 32, 34; 28, 37.

<sup>5</sup> P. 4, 14; 20, 18; 28, 12, 17, 20.

<sup>6</sup> *Glossaire*, p. 121.

<sup>7</sup> *Apostilas*, p. 456.

<sup>8</sup> Extremadura. Ha no sul de Portugal mais oito localidades d'esse nome. E, além d'isso, *Alfarrobeiras*.

A *algarroba*, de fama apenas local, tão pouco divulgada que não figura nos dicionários <sup>1</sup>, e não serviu para denominações topográficas, é pelo contrário uma planta anual leguminosa, *Ervum monanthos*, cujo fruto, ervilha pequena cor de café escuro, tem semelhança vaga com o da ceratónia, no aspecto geral e no gosto açucarado, assim como nas suas qualidades alimentares. Com a diferença, porém, que o grão se aproveita só para pombas, e que a planta inteira, verde ou em feno, se dá a cavalos, mulas, burrinhos. Vi a planta em Freixo de Numão, Linhares, Urros, Moncorvo, isto é, na região fronteiriça de Trás-os-Montes.

Recapitulando:

A ceratónia *algarroba*, ou *garroba* de Castela, *garrofa* em Valença e toda a costa mediterrânea de Espanha, com *garrofero* e *garrofines*, chama-se em Portugal *farroba*, *ferroba*, *alfarroba*, com *alfarrobal*, *alfarrobeira*. Também ha o verbo *alfarrobar*, aplicado a linhas de pesca; mas falta nos dicionários. A ervilha-lentilha, que em Espanha aparece como *algarrobilla*, é em Portugal *algarroba*. Só a primeira passou á França como *caroube*; á Alemanha como *Karobe*. Na Galiza applicaram o nome a outras papilionáceas, por ex. á *Robinia pseudo-acacia*.

## VII

### ALFÁVEGA, ALFAVA — ALFAVACA, ALBACA

É um dos casos em que do mesmo tema árabe, com ou sem o  $\bar{s}$  de unidade, saíram duas formas românicas, de sentido igual, mas de vocalização e acentuação diversas. A proparoxítona, usada no periodo arcaico da lingua portuguesa, subsiste em algumas regiões, na boca do vulgo. A paroxítona, preponderante em Espanha, tornou-se literária neste reino, do século xvi em diante <sup>2</sup>.

*Alfavega de cobra* <sup>3</sup> (*alfavega de cooura*) chamava-se no tempo de D. Denis uma planta silvestre, officinal, de acção emoliente como as malvas, applicada p. ex. pelos alveitares, de mistura com outras

<sup>1</sup> Nem mesmo em Brotero se encontra. Será portanto de introdução moderna.

<sup>2</sup> É possível que do conjunto de taes duplas formas se possam abstrair ulteriormente regras sobre a acção exercida, de 1580 a 1640, por eruditos peninsulares, na terminologia scientifica.

<sup>3</sup> Não disponho de noticias sobre a virtude de curar de mordedelas de cobras, que porventura attribuiam a alfávega.

substâncias, contra digestões difíceis de cavalos, interiormente em forma de clísteres, mas também exteriormente, em forma de cataplasma, contra dôres nas pernas, etc.

Mestre Giraldo ajuda-nos d'esta vez a determiná-la, visto que acrescenta o nome científico de «paritaria». Ora fala de «a parytaria que chamam alfauega de cooura» (p. 31, 34), ou «a parytaria que chamam em nossa linguagem alfauega de cooura» (p. 34, 27); ora de «alfauega de cooura que chamam paritaria» (p. 43, 27)<sup>1</sup>.

Botanicamente trata-se portanto da urticácea que Linneu e Brotero apelidam *parietaria lusitânica* e *parietaria do reino*, por nascer junto a muros velhos e pardieiros de Portugal<sup>2</sup>. Sem o epíteto *da cobra* denomina diversas labiadas cheirosas que perfumam as várzeas de Portugal: *Ocimum basilicum* (o *Basilikum* dos Alemães); *Mentha pulegium* (poejos; em alemão *Polei*), e também o *mangericão* (*Mairan*), sobretudo o de folha larga (*Ocimum maximum*)<sup>3</sup>.

Linguisticamente *alfávega* é representante directo e correcto do arábico *al-hábaq*, الحبق, ou antes de *al-hábaqa*, الحبقة, com ã de unidade. Q medial reduzido a g, como nos vocábulos de origem latina. Pronunciado *alfábega*, subsiste no Minho (Vizela, Santo Tirso, Pombeiro, Vilarinho).

Reduzido a *alfara* ocorre numa conversa de comadres, cheia de vulgarismos de ideias e palavras, num *Auto* do século XVI<sup>4</sup>. O povo, acostumado a acrescentar o sufixo átono, -ego < -icus (de *prátego*, *étego*, *tisego*, *trôpego*) e -ega<sup>5</sup> a diversos vocábulos curtos (p. ex., *irtego* de *hirta*, *cóbrega* de *cobra*, *pittega* de *pinta*), ou

<sup>1</sup> Vejam ainda p. 36, 24, e 38, 11-12.

<sup>2</sup> Ha boa representação gráfica no *Diccionario Enciclopédico Hispano-Americano*, vol. xiv, 9. Por causa das folhas peludas, que se pegam á roupa de quem as roça, passando, o povo português dá-lhe também o nome de *pegamaça* (sobretudo ás *alfavacas do rio*); e além d'isso o de *erva leiteira* por julgar que é capaz de aumentar a secreção do leite nas amas de criar.—Todos sabem, de resto, que o vulgo dá os mesmos nomes botânicos não só a espécies da mesma família, mas também a plantas de sistemas muito diferentes, quando tem alguns característicos semelhantes.

<sup>3</sup> Brotero, *Nomes triviaes*, p. 326, regista: *Alfavaca de cobra*—*parietaria lusitânica* e *Alfavaca*—*Ocimum basilicum*. Mas o povo applica o nome também aos poejos e ao mangericão, conforme digo no texto.

<sup>4</sup> *Auto das Regateiras*, de Chiado; p. 53 da ed. de Pimentel.—Epitânio Dias não rectificou a forma no *Compte-rendu* critico que inseriu em *Zeitschrift*, xv, p. 598 sgs. Portanto aceita-a como redução legitima.

<sup>5</sup> *Cismátego*, *viátego*, *somitego*; *irdego*. (Cornu, 2 107).

a desenvolvê-lo como em *abrôtega* de *abrotea*, *salamântega* de *salamandra*, deixou o cair neste caso e em mais alguns, tendo-o em conta de elemento dispensável<sup>1</sup>.

Em Castela, claro que houve *alfábega* anteriormente a *alhábega*, *alábega*. Em catalanescos foi reforçado por *r*: *alfábrega*. De Catalunha passou a França, onde naturalmente se fez *oxitona*: *fabrègue*<sup>2</sup>.

A paroxitona *alfabaca*, *alfavaca*, corresponde ao castelhano *albahaca*, a que Dozy deu o lugar de honra<sup>3</sup>, sem explicar que deve provir necessariamente, por metátese entre as duas sílabas internas, do maghrebino *al-habaga*, الحباقة. Em Leão contrairam-na em *albaca*, como vejo das *Poesias em dialecto berciano* (p. 263).

Gonçalves Viana trata num parágrafo das preciosas *Apostilas* (I, 41), de *alfavaca*, *alfabega*, juntando a forma *alfadega*. Confesso que nunca ouvi a forma com *d*; nem tão pouco a pronúncia *alfabéga* (com troca de sufixo). Mas também não sabia que *favaca*, sem artigo, designava no Ribatejo a flor de oliveira.

## VIII

### ALFENINA, ALFININA

Quando o cavalo tem o espinhaço inchado e ferido (gretado e com crosta, quer mole, quer endurecida), claro que a sela, se lh'a põem, o magôa muito. São portanto precisos mil cuidados.

«E por ende fazem algũus assy, e he muy bem, quando vêe tal jnchaço fazem *alfinju* aa sela no bardom en dereito daquell jnchaço por tall que lho nom tanga» (*Alveit.*, cap. xxx, p. 40, 31-34).

«E se nom poderes escusar de caualgar pon-lhe hũa tona de queijo mais delgada jaque e quente, como dicto he, e ponha em cyma da sostra e legalha inteiramente e lançalha sela com sa *alfenyna* e vayte com Deos» (*ibid.*, p. 40, 39-42).

<sup>1</sup> No Algarve ha *trápo* por *trópego* < *hidropicus*; *prita*, *perta* por *pritega* < *peritica*; *lampo* por [*re*]lâmpago, *lâmpado* < *lampade*. A mesma redução da parte metatónica deu-se em *stamo* em lugar de *stámego*, *estámago*, *estómago*.

<sup>2</sup> Vid. Devic, *Dictionnaire étymologique des mots français d'origine orientale*, 1876.

<sup>3</sup> *Glossaire*. p. 62. — Nada diz da acentuação.



Evidentemente uma cousa mole; um chumaço, ou encolchoado (*eine weiche Unterlage*), uma almofadinha.

*Al-finina*, não é, que eu saiba, árabe. Ha فانيد<sup>1</sup>, *al-fenid* (do persa پانيد, *panid*: *species dulciorum saccharum*), étimo de *alfenim* (port.) e *alfeñique* (cast.): massa de açúcar, levada ao ponto em que se torna branca, e de que se fazem figurinhas, conforme foi estabelecido por Sousa e por Dozy.

Não me parece provável que massa tão quebradiça, e tão pouco flexível e mole, pudesse ter servido de nome a um *chumaço*. Proponho الفينقة, *al-fanika* = *saccus magnus*<sup>2</sup>, com esperança de acertar, visto que diversos derivados árabes da mesma raiz figuram com definições em que ocorre *mollis*, *molliter*, *mollius*.

\*

A prova de que almofadinhas eram colocadas sobre chagas, temo-la no *Livro de Monteria*<sup>3</sup>. Se o cão tiver ferida na cabeça, lavam-na, enxugam-na com um lenço fino «et despues sea juntada la llaga con faceruelos<sup>4</sup> et con venda conveniente».

## IX

### ALFORVAS — ALFORFIÃO — ALFORFES

Na cura de cavalos lesados por coices (da qual trato no artigo ENCALÇAR), os alveitares do tempo de D. Denis utilizavam uma cataplasma, feita de linhaça, terebintina, raiz de malvaisco e *alforva*<sup>5</sup>, com unto de porco. Para efeitos emolientes (mucilaginosos), bem se vê que o aplicavam quente.

Na cura de falcões, doentes de quebradura, os cetreiros usavam outra mistura que ministravam às aves em forma de pós,

<sup>1</sup> Em Freytag, III, 375, só encontro فانيد.

<sup>2</sup> Ibid., III, 376.

<sup>3</sup> Apêndice, cap. 1, p. 226.

<sup>4</sup> Em português *faceiro* < \**facicriotas*. — Vid. *Elucidário*, s. v. *Faceiro* e *Faceiroa*.

<sup>5</sup> *Alveitaria*, cap. XLII (p. 48): «E depois fazelbe este enprasto que se segue, ca he bom pera o sanhamento e pera o ynchaço dos neruos. Ffilha a alforua e a linhaça e a tormentjna, que he hũa goma liquida, e a rrayz do malvaisco, e malba todo com vnto velho de porco e cozio e pœlho quente sobre o neruo ynchado...».

dentro de um coração de galinha, por este ser um petisco que engoliam sôfregamente. A droga amarga, destinada nesses casos a soldar interiormente as partes quebradas, compunha-se de pez, múmia, e tres vegetaes: duas consoldas diversas e sementes de *alforfes* <sup>1</sup>.

Será a mesma planta? Creio que não, tanto pelo destino diverso e composição diversa dos medicamentos, como pela forma divergente dos vocábulos.

O chanceler castelhano <sup>2</sup> e seu imitador português <sup>3</sup> não nos elucidam. No passo correspondente substituíram os *alforfes* por sementes de *nasturcium* <sup>4</sup>.

*Alforvas* existem todavia ainda hoje em ambos os reinos; são mal vistas como plantas daninhas que atacam os trigaes e comunicam ao pão um gôsto desagradável. Conservam o seu velho nome árabe الحلبة, *al-holba* <sup>5</sup>. Em obras scientificas se dá todavia a preferência á designação sistemática, internacional, latina de *feno-grego* (*Trigonella foenum graecum*, de Linneu) <sup>6</sup>. O vulgo caracteriza a planta ora com a vaga metáfora de *ervinha* ou *ervamá*; ora com o titulo de *linhaça galega* <sup>7</sup>. As sementes, essas são em regra chamadas *alforvas*.

<sup>1</sup> *Caça*, cap. xiv: «(Da perna quebrada da ave). E a solda seera facta per esta magneira: toma a maminha e o pez e a zargatoa e a semente da erva mendinha que se chama solda meodinha e a semente dos alforfes e a solda raca. E da maminha seja a moor parte e do pez as duas partes, e entendese que seja meos [que] o terco, e da zargatoa a quarta parte e da erva mendinha a quarta parte e da semente dos alforfes a oytava parte» (p. 23).

<sup>2</sup> Ayala, cap. xxviii: «Et la suelda se face de aquesta guisa, et es muy noble et preciosa para todas las quebrantaduras dentro del cuerpo: toma la momia que tienen los buticarios, et la pez, et la zaragatona et la semiente de la yerba menodilla que llaman suelda menor, et semiente de mestuerzo et suelda raca; et de la momia sea la mayor parte et de la zaragatona toma la cuarta parte, etc.» (p. 275.) Cfr. *ibid.*, p. 348, onde a *sumiente de mestuerzo* é mencionada entre os medicamentos que o caçador deve trazer sempre consigo. Na lista respectiva não figuram nem *alforvas* nem *alforfes*.

<sup>3</sup> Ferreira, cap. xx: «A solda melhor de todas se faz tomando momia, que tem os boticarios, e pez e a zaragatoa e semente da erva menodilha que chamam solda menor e semente de masturços e solda raca de Allemanha». — As medidas divergem das indicadas por López de Ayala.

<sup>4</sup> Cast. *mestuerzo*, port. *masturço*, hoje *mastruço*; gal. *mastorço*; em livros scientificos *nasturço* < *nasturtium* (*nasitortium*).

<sup>5</sup> Vid. Dozy, p. 138.

<sup>6</sup> Brotero, *Compendio de Botánica*, n. 327.

<sup>7</sup> Recolhi-as da boca do povo.

Quanto á forma, o *Diccionario* da Academia regista *alforva*, *alforba* e *alforfa*<sup>1</sup>. Documenta todavia apenas duas: a primeira, por ser a mais correcta<sup>2</sup>, e a última, por ser muito usada.

Em Espanha, a forma predominante é igualmente a que mais se aproxima do original: *alholva*<sup>3</sup> (antigamente *alfolva*); as variantes *alholba* e *alforva* porventura devamos juntar *albolga*. Não sei todavia de onde Dozy<sup>4</sup> a tirou.

\*

Os *alforfes* de Mestre Giraldo, que faltam em todos os Dictionários, já disse que não me parecem ser *alforfas*. Creio que são os *alforbes* que Brotero regista como *euphorbiáceas*, com a declaração expressa de serem euphórbias das boticas<sup>5</sup>. O grego *euphorbium* passou, da boca de Arabes ou Mozárabes, onde se fizera *الفربينون*, *alforbíyün*<sup>6</sup>, á de Portuguezes e Castelhanos, em

<sup>1</sup> Os outros Dictionaristas registam as mesmas tres: e mais algumas que me parecem espúrias. P. ex.: *alforna* (com *n* por *u*) que encontro em Brotero e Candido de Figueiredo, e considero como gralha tipográfica de textos antigos; *alfarva* (com *a* por *o*), que provávelmente tambem não seja outra cousa, no *Diccionario Prático*, s. v. «ervinha»; *alforria* (ibid.), que anda no *Glossaire* de Dozy, entrou no artigo seguramente por *nefas*. Na *Arte da Caça de Altanería* ocorre uma vez *alfofa*. Não, duas vezes no mesmo capítulo (vol. II, p. 51). É ingrediente de um aperitivo para lalcões *mudados*. A perda do *r* pode ser acidente de tipografia, ou variante popular.

<sup>2</sup> P. ex. Garcia da Orta, *Colloquio* XII, (vol. I, p. 178) onde diz *feno-greco* ou *alforvas*.

<sup>3</sup> No *Dicc. Enciclopédico* ha o artigo seguinte: **ALHOLVA**, (del a. *alholba*). Planta de un pie de altura con hojas cenicientas por debajo que nacen de tres en tres, flores pequeñas y blancas, y fruto que es una vaina larga y encorvada, plana y estrecha, con semillas amarillentas, duras y de olor desagradable. || Simiente de esta planta || Bot. Leguminosa que corresponde á la especie *Trigonella faenum graecum*, de Linneo. Su semilla es de color agradable parecido al del meliloto, y de sabor amargo y mucilaginoso. En su cubierta externa dicha semilla contiene goma basorina, y en el resto, aceite . . . y una materia amarga. Antiguamente se usaba como atemperante y mucilaginoso». Vid. FENOGRECO.

<sup>4</sup> O artigo diz lacónicamente: **ALHOLVA**, *alholva*, *alforva*, *alforria*, *albolga* pg. *alforvas* (espèce de plante. fenugrec), de **الحنبله** (*alholba*), «*faenum graecum*».

<sup>5</sup> *Compendio*, II, 327. — Ainda ha outro *alforbe*, variante vulgar (minhota) de *alfobre*, *alfoubre* (الحنبرة) *althofre* ou melhor *alfofre* (*alfoufre*), e, com queda do *l*, *alfoube*: viveiro de plantas em regos de água. (Dozy, p. 114).

<sup>6</sup> Dozy, pp. 116 e 268.

formas que é costume tratar injustamente de corruções <sup>1</sup>. Neste reino diziam e dizem *alforfião*, e d'esta formação, aparentemente aumentativa, o povo pode ter abstraído *alforfe*, fazendo também de *alferbiyão* a variante *alfebran*, que, segundo Garcia da Orta, era dada à espécie *esula*. Ele chama-a «poçonhenta, que onde cae o seu sumo ou leite, incha muito, como eu já vi muitas vezes em Portugal» <sup>2</sup>. É sabido que o *latex* das euphórbias originou aqui nomes populares como: *leiteira*, *leituga*, *má-leitas*, *erva maleiteira*, *erva das maleitas* (alemão *Wolfsmilch*). As formas com *-e-* condizem com as de Castela *alfervion* e *servion*. D'este, abreviado por aférese da primeira sílaba, considerada como artigo árabe, ha dois exemplos, que já foram apontados por Dozy <sup>3</sup>.

Quanto a *gorvião* (um *Hapax legomenon*) que figura como ingrediente numa receita para falcões na *Arte da Caça de Altaneria* (vol. II, p. 55), ignoro, se estamos em frente de mais uma gralha tipográfica (*gorvião* <sup>4</sup> por *forvião*, variante de *\*forfião* pouco afastado de [eu]forbião), ou se se trata de outra planta officinal conhecida.

\*

Cornu confundiu *alforra* e *alforfião*, como se vê na primeira edição da sua admirável *Gramática Portuguesa*, § 22 (ó em sílabas seguidas de *i*) <sup>5</sup>, e § 155 (*l* precursor epentético de *r*) <sup>6</sup>. Na 2.ª edição cortou o exemplo nesse passo (comquanto houvesse bastado substituir *alforra* por *alforfião*, *alforfe*) <sup>7</sup>, deixando-o subsistir no primeiro (p. 932), onde deve ser riscado.

Gabriel Pereira também identificou os *alforfes* com *alforba* ou *alforvas* (p. 5).

<sup>1</sup> F. A. Coelho, *Manual Etymológico*, s. v. «alforfião».

<sup>2</sup> *Colloquio* LIV; vol. II, p. 337. No XIII (vol. I, p. 178) o ilustrado físico identifica *alforvas* com *fenugreco*, e alude ás suas sementes negras, que compara com as da nigela cardamomo.

<sup>3</sup> Dozy, p. 268. São do *Libro de Monteria* de Alfonso XI; pp. 141 e 153 da ed. de Gutiérrez de la Vega.

<sup>4</sup> Das erratas tipográficas da *Arte* e dos livros de Mestre Giraldo e Pero López de Ayala já dei amostras para que o leitor não estranhe as numerosas emendas que me vejo obrigada a propôr.

<sup>5</sup> P. 10.

<sup>6</sup> P. 49.

<sup>7</sup> P. 980.

*Alforfon* (com a variante *alforjon*, se pudermos dar crédito aos dicionários) é outro vocabulo diferente. Está por *alforfor*, tem a variante *alfolfol*, representa الفرقور (*al-forfôr*), e denomina o trigo sarraceno ou mourisco, *Polygonum fagopyrum* (*Buchweizen*).

## X

## ALJABA—ALJAVA

Queiram recorrer ao artigo *Linjavera*. Nele mostro que sacas e saquinhas de pano de linho, chamadas *linjaveras*, serviam aos adeptos da arte de altanaria para nelas arrecadarem as viandas que levavam à caça para sustento dos falcões. Em outras guardavam as numerosíssimas ralés de passarinhos mortos pelas suas aves<sup>1</sup>; e ainda em outras, os utensílios de que podiam haver precisão em qualquer accidente de caça.

Entre os sinónimos de *linjavera* o mais usado era o nome árabe do coldre e carcaz: *aljaba*, *aljava*, (vulgarmente também *aljavra*, *aljabra*), الجعبة, *al-djaaba*<sup>2</sup>. Por isso os dicionaristas de Portugal costumam traduzir *aljava* não só com «coldre, carcaz», mas também com «bolsa, estojo»<sup>3</sup>. Ainda hoje ha caçadores que chamam *aljava* ao canudo em que levam o furão (*cacifre* em Trás-os-Montes)<sup>4</sup>.

As sacas de *linha verdadeira*, chamadas em Espanha *linjaveras*, creio por isso que eram *aljavas* em Portugal, onde falta a designação que no reino vizinho caracterizava os productos importados de cá. Eis como provo, conjecturalmente, a minha ideia.

No tempo do segundo rei de Portugal, rei apaixonadissimo da caça e de touradas, como já disse na parte literário-histórica d'este estudo, o clero tinha motivos para se queixar a Innocêncio III, porque Sancho gastava réditos de igrejas no sustento de bês-

<sup>1</sup> Ayala enumera diversas castas a pp. 152, 164, 200, 204; Ferreira, outras no vol. 1, p. 40.

<sup>2</sup> Freytag, 1, p. 281: s. v. جعب, *djaab*, *pharetras confecit*, com muitos derivados que se referem a *pharetra*.

<sup>3</sup> P. ex., Frei Domingos Vieira.

<sup>4</sup> Ibid.

teiros, cães de caça, falcões e cavalos do serviço real<sup>1</sup>. A massa dos mezquinhos, essa gemia porque eram obrigados a fornecer as *aljavas* para o desporte accipitrario do monarca. Tão iniqua era essa exigência, que uma das primeiras medidas do sucessor, logo em 1211, foi anulá-la legalmente.

«Constituição . . . por que el Rey manda que nenhum seja constrangido para dar *aljavas* para as sas aves:

Porque os mezquinhos ssem atormentados ssem rrazom quando ssem costreniudos a dar aliauas que nós auemos mester pera nossas aues, porém quitamolaz pera todo sempre. Estabeleçemos que nem nós nem aqueles que de nós as terras teuerem ou alcaydaria en todo nosso rreyno, nom seiam theudos de tal cousa deles leuarem. E se o fezerem, sseiam peados en quinhentos soldos»<sup>2</sup>.

Objectos de luxo, ou de mão de obra complicada, não os podiam exigir no século XII dos mezquinhos das terras de Portugal. Antes cousas de pouquíssimo valor, de tão fácil fabrico que mesmo nas cabanas dos humildes os pudessem preparar. Mas cousas que era preciso renovar constantemente. Sacas e saquetes de bom pano de linho, tecido em casa, nos teares primitivos que ainda hoje funcionam nas aldeias de Entre-Douro-e-Minho; do fiado nas rocas pelas Minhotas que «seu fuso torcendo, cantavam cantigas de amor»: com fio das fibras que colhiam dos seus pequenos agros de linho.

\*

Se em Portugal chamavam *aljaras* ás sacas de linho que o ce-treiro levava á caça para as suas aves, não as chamariam ás vezes com o mesmo nome no reino vizinho: *Aljavas de linha vera*? E tambem apenas *aljaras*?

Ha indícios no *Libro de la Caça*, de Don Juan Manuel. Ao tratar da alimentação dos girofalcos (ou *girefaltas*, como ele diz, menos correctamente), o grande *sportsman* exige que aos que chegam estafados da longa viagem da Noruega ou Suécia para terras de Espanha, dêm no comêço muito boas carnes. Mas não todos os dias. Tres vezes na semana carne de galinha; duas vezes vaca ou lebre; «et otros dos, de otra aliaba que sea muy fresca».

<sup>1</sup> Vid. Herculano, *Hist. de Portugal*, II, pp. 124 e 136.

<sup>2</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 172 sgs.

Na segunda semana muda-se de regime: «et la otra semana, menguarles la aliaba, que non fuere fresca. Et dar les tres dias aliaba fresca»<sup>1</sup>.

Essas carnes mais leves (*livianas, lurianas*?, como então diziam) e mais ou menos *manidas*, eram evidentemente aves meudas e tenras das que falcões já adestrados haviam caçado e que o ceireiro havia levado para casa e guardava para esses e outros fins em *aljavas* ou *linhaveras* competentes.

Escuso acrescentar que nem todas as aljavas seriam de pano de linho. Seguramente as haveria, para outros destinos, de outros panos; e principalmente de coiro.

## XI

### ALJAVEIRA — ALJIBEIRA

De *aljaba, aljava* (الجمعة), coldre, estojo, saco de coiro, bolsa, derivo *aljaveira* que teve o mesmo significado. E d'este o moderno *algibeira*, bolso, bolsa, em todos os sentidos (*Kleider-tasche, Satteltasche, Geldtasche*, etc.). A derivação artificial de Dozy não resiste à prova. Ele reconhece que o moderno *al-djebira*, bolsa de coiro, usadissimo em Tanger, Marrocos e na Argélia, é mera alteração do português *algibeira*. Mas neste vocábulo vê um derivado do verbo *djabba*, جَبَّ, «cortar, recortar»<sup>2</sup>. Híbrido portanto. No sentido que o ilustre sábio lhe dá, não existe nenhum hibridismo em português. Ha alguns vocábulos de origem árabe com o sufixo *-eiro, -eira*, mas em todos o tema simples continua a

<sup>1</sup> Cap. IV, p. 15, 1-3 da ed. Baist.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 16. Em outros sítios chama-as *malas carnes* (p. 28). A p. 108 Baist explica-as bem como *geringere Fleischsorten*, mas sem dar com a origem da designação figurada e abreviada: «carnes pouco substanciaes, como as de aves meudas caçadas por falcões, levadas e guardadas em aljavas de pano de linho». O termo *alina* (?) de *cabra caliente* pode estar por *aljava* (*alh[ava]*). Não o sei explicar de outro modo. Nem Mestre Giraldo nem Diogo Fernández Ferreira nos valem neste apuro.

<sup>3</sup> Freytag, I, 228: جَبَّ = *djabb*; *resecuit, exsecuit*. Nos Dicionários portugueses diz-se: «*algibeira*, do verbo árabe *jaba* = trazer alguma cousa consigo». Mas tal verbo com tal significação não existe. Apenas o que registou.

O que, de facto, vem de *djabba* é جُبَّة *djubba*: *al-juba*, «tunica ex panno gossipino» (Dozy, p. 147).

subsistir. P. ex., em *zambujo*, *azambujo*, *zambujeiro*, *azambujeiro*; *adelo*, *adela*, *adeleiro*, *adeleira*. Mostrem-me *giba* ou *algiba* com o significado de «bolso, bolsa», e acreditarei. Ou, pelo menos, no sentido de abertura de camisa ou de saia (*maneira*, *Schlitze*), que é o significado de *جيب* (ou *حبيب*), *djaiba*, *djeib* (*fente de chemise*), do qual Dozy quer tirar *algibeira* <sup>1</sup>.

Eis o que tenho de alegar a favor da minha etimologia:

Em concorrência com as aljavas ou *linhaveras* baratas, para os cetreiros *ex officio*, havia naturalmente outras bolsas mais sólidas e ornamentadas para os nobres amadores da caça. As de coiro recortado, que os mouros do norte da África vendem aos estrangeiros, com cinco ou seis repartições, engenhosamente distribuídas (tal qual nas algibeiras das lindas Minhotas de Viana do Castelo), e enfeitadas como essas com encaixes de bocados de pano ou coiro de muitas côres, são seguramente tradicionaes. Outras havia de *ouropel* e *argenpel* <sup>2</sup>. E essas chamavam-se *aljaveiras* quando D. Alfonso III fez elaborar em 1253 a famosa tabela de preços, á qual terei de recorrer mais de uma vez para documentar vocabulos raros <sup>3</sup>.

Os productos naturaes e industriaes, indigenas e estrangeiros, guarnições de aves de caça, arreios de cavalos, mulas e jumentos, vestuários senhoris e de humildes servos, tudo é ahí avaliado. Depois de chapéus de luxo (soombreyros), surgem aljaveiras ou algibeiras. «Et melior aljaueira de orpel et de argempel ualeat decem solidos; et alia melior ualeat quinque solidos» <sup>4</sup>. Quem se admirar d'esse luxo, leia o documento inteiro e reconhecerá que bolsas de coiro dourado ou prateado estão em harmonia com os sapatos, os chapéus, as cabeçadas, as rédeas, as esporas, as faixas e todo o resto.

No século XVI encontro *aljabeira* na *Historia da India*, de Castanheda <sup>5</sup>, na descrição de um pequeno roedor (marsupial?) do Brasil <sup>6</sup>, que segundo ele «tem bolços como aljabeiras na barriga».

<sup>1</sup> *Glossaire*, p. 125.

<sup>2</sup> As algibeiras de Viana do Castelo são muitas vezes enfeitadas de lenteioilas e bordadas a ouro.

<sup>3</sup> Vid., p. ex., ALMAFACE, VESSADE.

<sup>4</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

<sup>5</sup> Liv. VI, cap. XVII.

<sup>6</sup> *Preia* (ou *preid?*).



Hoje a forma comum é *algibeira*. Subsiste, porém, *aljabeira*; e não falta quem pronuncie *aljubeira*, *algebeira* e *alçebêra*<sup>1</sup>. Na alta sociedade ha a moda de dizer *alçebeira*.

*Aljaba*, *aljabeira*, *algibeira*, significa coldre<sup>2</sup>, bolsa de caçador, bolso, em sentido geral.

Não vejo razões para complicarmos essas evoluções singelíssimas.

## XII

## ALMAFACE — ALMOFAÇA

«E sabe outrossy que estando ho cauallo na estada, tanto que ffor manhã, tiremilhe a cama e ponhamilhe ho *almaface* e ho *mondill* e alynpêno muy bem e esfregêno muito estremadamente nas coixas e nas pernas e nos travadoiros . . .». (*Alveitaria*, cap. vi, p. 10, 2, 3).

Trata-se da *toilette* matinal do cavallo. A *almofaça*, com que hoje se asseia o corpo dos solípedes, tirando-lhe caspa e pó, é um raspador de pau com dentes de ferro; espécie de escova. Na idade-média parece todavia que se serviam em Portugal de um pano muito áspero de estopa e lã cheia de arestas, como ainda hoje fabricam para cobertores de pobres, para cobrir cavalos (*Pferdedecke*), ou para esfregões. Pelo menos este é o sentido que *almaface* tem na lei importante de 1253, em que D. Afonso III fixava os preços de todas as mercadorias de então (*res venales*), verdadeira mina para os que se ocupam dos arcaísmos da língua portuguesa: «Et melior almafacede valeat unum solidum, et melior manta galeca ualeat duas libras»<sup>3</sup>. O modo de dizer de Mestre Giraldo «ponham-lhe ho almafacede e ho mondill» e o significado de *mondil* justifica e confirma o meu modo de ver.

Sousa e Dozy<sup>4</sup> já apontaram o étimo: *al-mihassa* المِحْصَا, mas com excessivo laconismo. O Português<sup>5</sup> estabeleceu pelo menos que *al-mohassa* (alemão *Striegel*; francês *étrille*), como es-

<sup>1</sup> No Algarve.

<sup>2</sup> *Coldre* denomina hoje o alforge das pistolas em selas e albardas (sempre de coiro); e outros sacos de coiro que servem de *bornal*.

<sup>3</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

<sup>4</sup> P. 172. Lamento não poder recorrer ao *Dictionnaire des noms de vêtements*, do mesmo erudito.

<sup>5</sup> Sousa, *Lexicon*, p. 48.

creve, provém do verbo حَسَّ, *hassa*, «raspar, esfregar». — Vid. Freitag, 1, 377: حَسَّ 3) «strigili a sordibus mundavit jumentum»; مِحْسَةً, *mihassa*, «strigil quo equus mundatur».

Alteração da vogal átona, em sílaba pretónica (*a*, *o*, em lugar de *i*), também em *almafada*, *almofada*, de المَحْدَّة, *al-mihadda*<sup>1</sup>; *almafreixe*, *almofreixe*; *almotolia*, *almotaria*.

*Almafassa*, a forma de transição, encontra-se no *Rol* das cousas que a Infanta D. Beatriz levou em 1521 a Saboia. Ela era «de pano vermelho», de mais a mais «mourisco!»<sup>2</sup>.

## XIII

## ALMAFADA — ALMOFADA

«... e todo esse dia jaça a ave encamisada sobre hum chumaço ou almafada co o ventre pera fundo» (*Caça*, cap. XVI, p. 25, 22)<sup>3</sup>.

Sousa e Dozy já estabeleceram que o étimo é المَحْدَّة, *al-mikhadda* (francês *oreiller*). O Português explica que o vocábulo é instrumental de حَدَّ, *khadd*. — Vid. Freitag, 1, 464: حَدَّ, «mala gena»; مِحْدَةٌ, «pulvínar cervical (quia sub genis ponitur)». Cfr. ALMAFACE.

## XIV

## ALMECEGA — ALMAZAQUE

A resina da *pistácia lentisco*, muito semelhante ao *incenso*, mas menos preciosa, *μαστιχα* em grego, المصطك *al-maçtaca*, entre os médicos árabes, conservou o *st* em Castella, onde *almástiga* foi muito usado na idade-média. D. Alfonso XI<sup>4</sup> e o Chanceler Pero López de Ayala<sup>5</sup> empregaram-no em numerosas receitas. A metátese de *ts* (*st*, *çt*), que o mudou em *almazaque*, já se havia rea-

<sup>1</sup> Cornu não conhecia as formas arcaicas. Vid. §§ 80, 81, 92 e 93.

<sup>2</sup> *Provas*, II, 503.

<sup>3</sup> Ayala, p. 286, diz: «encamisado sobre um cabezal». Ferreira (II, 49) «e esteja encamisado em um panno de linho deitado sobre um cabezal, o ventre abaixo».

<sup>4</sup> *Monteria*, pp. 134, 158, 160 e 248.

<sup>5</sup> *Caça de las Aves*, pp. 274 e 291.

lizado todavia anteriormente. D. Juan Manuel dizia *almazaque*<sup>1</sup>. Em Portugal temos *almecega*<sup>2</sup>, *almecegueira*, *almessigueira*, como nome da arvore (alias *aroeira*), etc., e ja o tinhamos no tempo de D. Denis<sup>3</sup>, muito embora Dozy assentasse exclusivamente *almacega*<sup>4</sup>. Os eruditos de hoje não desdenham *mastique* e *mástigo*.

Creio que o *i* do sufixo actuou no *a* tónico, e que *almecega* esta por *almazega*.

## XV

### ALQUETIRA

No *Livro das Aves Caçadores* faltam os últimos capitulos. Entre eles o sôbre as *mudas*. Ferreira só ensina como é que se faz fome verdadeira ás aves ao saírem da muda<sup>5</sup>. Nas pilulas amargas que recomenda entrava *alquetira*, isto é, o suco gomoso do *Astragalus tragacanthus gommifer*, leguminosa que se dá muito bem no Algarve. É variante de *alquitira* (cast.), *alcatira* الكشيرة, *al-cathira*<sup>6</sup>.

## XVI

### ALVAIADE

O nome árabe peninsular da *cerusa* (البياض, *al bayadh*, *albayalde* em castelhana), é *alvaade* no *Livro das Enfermidades das Aves Caçadores*, de Mestre Giraldo, cap. XIII, p. 21.

## XVII

### ALVARAZ—ALBARAZO

«*Albaraço*, port. «alvaraz» (la lepre blanche), de البرعى (*al-barac*) qui a le même sens».

Assim se lê no *Glossário* de Dozy. No *Diccionario* da Academia Espanhola inseriram *albaraço* lepra tuberculosa; e *albaraç*.

<sup>1</sup> Ed. Baist, pp. 65, 23 (p. 100 da *Bibl. Venatoria*).

<sup>2</sup> *Diccionario* da Academia, e todos os outros.—Ferreira, II, 55.

<sup>3</sup> *Caça*, 22, 20; *Alveitaria*, 11, 24; 42, 11. 19. 21.

<sup>4</sup> P. 147.

<sup>5</sup> Parte IV, cap. xxxiv; vol. II, p. 51.

<sup>6</sup> Dozy, p. 186, não registou formas portuguezas, embora *alcatira* seja naturalmente muito vulgar no sul de Portugal.—Vid. Freytag, IV, 12, onde leio:

كشيرة «liquor qui emanat e radice arboris in montibus Beirut et Lobnan».

*albarazo*, com *albarazado* = enfermo de albarazo <sup>1</sup>. No da Academia Portuguesa ha tres passos documentaes de tratados de alveitaria e legislação respectiva, e a explicação seguinte: «*Alvaraz* ou *Alvarazo* = espécie de impigem, bustella ou mancha branca, aspera e escamosa que sae na pelle das bestas cavallares ... em todas as partes que estão faltas de pêlo. Também se diz do corpo humano. Do árabe *albarás*» <sup>2</sup>.

É possível que alguns Peninsulares relacionem o nome com o adjectivo *albo*, *alvo*, «branco», mas é impossível que no modelo árabe se esconda o grego *alphos* (ἀλφος), «mancha branca», como já foi conjecturado por alguém <sup>3</sup>. O tema *برص*, *baraç*, «lepra correptus fuit» e *برص*, «lepra alba», não o admitem <sup>4</sup>.

A prova de que realmente *alvaraz* também se applicava ao corpo humano, denominando as erupções ardentes que mais enfaticamente costumavam chamar «fogo salvaje» ou «fogo de Sam Marçal», temo-la numa das cantigas de Alfonso o Sabio. Num Milagre (CM., 105) Santa Maria cura uma sua devota doente: «et dissell': Eu trago as meezinnas | con que são <sup>5</sup> de fog e de aluaraz» (estr. 14).

Outro exemplo, mas esse relativo a uma mula, está numa cantiga grosseira, de *escarnho*, de um jogral galego-português <sup>6</sup>, como o curioso poderá verificar no artigo *Espumilha*.

### XVIII

#### ÁMAGO — MEYOGOO

Volto a um assunto de que já tratei <sup>7</sup>, porque novos materiaes modificaram a maneira como é preciso encarar o problema. Veremos se, á vista d'elles, investigadores tão argutos como J. Cornu <sup>8</sup> e Gonçalvez Viana <sup>9</sup> continuam a tirar *ámago* de *meyógoo*.

<sup>1</sup> Vid. *D. Quixote*, II, cap. xxxix.

<sup>2</sup> Usa-se comumente no plural.

<sup>3</sup> Pelo editor das *Cantigas de Santa Maria*.

<sup>4</sup> Freytag, I, 108.

<sup>5</sup> *São* = *sano*, como repetirei no artigo *SARAR*.

<sup>6</sup> *CCBr.* 446 (= 338).

<sup>7</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, III, p. 148 = N.º XXIV e XXV de *Fragmentos Etymologicos*.

<sup>8</sup> *Gramática*, §§ 130 (e 244), pp. 970 e 995 da 2.ª edição.

<sup>9</sup> *Apostilas*, I, p. 130.

A innegável tendência da língua portuguesa para transposições de letras e sílabas, tão enérgica nos tempos antigos como nos modernos, e que deu origem a formações curiosas <sup>1</sup>, obriga a conceder, *a priori*, que *meyógoo* (irmão de *milieu* e *miluogo*) poderia ter evoluído até dar em *ámagoo*, e de ali em *ágamo*, *ágemo* na boca do vulgo, passando por *meógoo*, \**meágo*, \**maágo*, *ámagoo*, etc. Concedo também que, semasiologicamente, do sentido abstracto «meio, centro», se possa ter chegado ao positivo de «medula e meolo de plantas, cerne e alburno de árvores». É mesmo ao significado de «polpa de frutas hesperideas», ainda não registado por ninguém. Comtudo a evolução contrária, do positivo ao abstracto, se me figura em teoria mais natural <sup>2</sup>.

Se tivéssemos no primeiro periodo da língua exclusivamente *meyogoo*, *meogoo*, *meogo*; e *ámagoo* no segundo; se as formas vetustas dissessem respeito algumas vezes (ou uma só vez num manuscrito fidedigno) á polpa de frutas ou medula de juncáceas ou de caules; e, — terceira condição *sine qua non* —, se algumas vezes (ou uma só vez num manuscrito fidedigno) surgisse uma forma com *á* acentuado em qualquer dos estádios primitivos (\**meyágo* <sup>3</sup>, *meágo*, \**maágo*, \**meágo*, \**maago*), eu me submetia, convencida.

Mas é apenas a primeira e menos importante d'essas exigências que se realiza nos numerosos exemplos que cuidadosamente juntei. *Meyogoo* pertence ao periodo arcaico ou galego-português. Em Gil Vicente e no *Cancioneiro Geral* já não se encontra. Mesmo nos escritos dos filhos de D. João I, e seus coevos, será difficil dar com as fórmulas «neste meyogoo» em sentido temporal, e «no

<sup>1</sup> Vid. Cornu, § 244.

<sup>2</sup> Por ora quasi todos os Dicionários principiam com a definição abstracta: «a parte mais íntima de uma cousa, o seu coração». — Apenas no de H. Michäelis se principia com *Kern (als Gegensatz zu Schale)*, *Griebs*; passando-se depois ao fig. *Grund*, *Innere*, *Kernpunkt*.

<sup>3</sup> No Testamento da Rainha D. Beatriz (de 1358) ha uma vez *meiagoo* (*Hist. Geneal., Provas*, I, p. 231), como indiquei no artigo xxiv da *Rev. Lusitana*. — Mas logo depois ha *meyo goou*, *meo gëo*, *mejo goo*, deturpações tão evidentes (com *ó*) que não ha que fiar na grafia com *a*. — Com *-a-* canta-me na memória apenas um epítáfio chulo de algum Galego:

*Yo soy don Pero Miago  
Que sobre lo mio yago*

A rima é certa; quanto ao resto, não o affianço.

meyogoo de» em sentido local<sup>1</sup>. Estas duas acepções, com predomínio quasi completo de centro local de qualquer cousa, podendo onde quer ser substituído pelo «simplex» *meio*, são os únicos que se ligam a *meiógoo*, *meiogoo*, *meiogo* e *meogo*. A última forma contraída já aparece no século XIII, mas só em verso, conforme deixei dito nos *Fragmentos Etymológicos*, mas de modo pouco explícito e claro.

Eis os exemplos que extrai das *Cantigas de Santa Maria*. No interior de versos ha «en meogo d'un gran val» (119); «per meogo do paaço» (245); «a festa qu' é en meogo do mes» (311). Em todos os restantes casos está em fim de verso, em rima com «fogo», «rogo» (1 sg.), «logo»:

E o ermitan deu-lle sa carta logo  
que lle leuass', e disse-lle: Eu te rogo  
que l'la leues; et se en este meogo  
morreres, morrerás de Deus perdóado.

(65, estr. 19).

Dizend' esto, a omagem  
foi pōer en o meogo  
de ssa vinna, et a pedra  
feriu mui de rrijo logo  
en todas as outras vinnas,  
mais na sua pelo rogo  
que fez a Santa Maria  
non tangeu par caridade.

(161, estr. 5).

foi: et pois, no concello,  
no uermello  
pano connoceu logo.  
no meogo  
papa da crecezia.

(115, estr. 13).

E a Virgen escolleyta  
tragia[m] en o meogo  
da companna que dereyta-  
mente a el vëo logo  
et disse-lle: «Sen sospeyta  
di-m' hũa ren, eu te rogo  
que de ti saber querria».

(132, estr. 12).

<sup>1</sup> Com a nova dinastia começa linguisticamente uma era nova, como já mostrei em outros lugares. — Quanto a D. Duarte e ao *Leal Conselheiro*, já ha demonstração, feita proficientemente por Leite de Vasconcelos. — O *Graal* pertence ao período galego-português. Em tudo. E *meiogoo* não faz excepção. A fl. 127 ha «por meiogo o regno de Logres»; a fl. 179ª «en meiogoo».

foi-ss' o angeo logo-  
 a Ioachin que era  
 metudo no meogo  
 d'ũas grandes montannas  
 Et disse-ll: eu te rogo  
 tornes a ta cassa.

(404, p. 560)

Na prosa de Mestre Giraldo ha por tres vezes a forma extensa:

«E outrossy o podem queymar no meyogoo da frente com hũu ferro redondo» (*Alveitaria*, 20, 21).

«Ffazensse ao caualllo hũus jnchacos molles e pequenos e negros no meyogoo [da boca]» (23, 23).

«Quando vires que lhe jncham aquellas landoas . . . filha hũu ferro feruente agudo e queimalhas com elle per meyogoo ataa rraiz delas» (25, 33).

A indispensavel forma de transiçãõ com *á* tónico, nunca a vi.

\*

*Ámago*, pelo contrario, já existia, na forma de hoje, em tempo de D. Denis! Com o sentido real e positivo de *polpa succulenta agredoce de hesperideas*, que por isso merece o lugar de honra na escala dos significados.

Mestre Giraldo é a testemunha principal. Ha todavia outras posteriores, do século xvi, que nos elucidam; e não duvido que existam mais em tratados de botânica e medicina que por ora não explorei.

Contra comichão doentia nos cavalos — *proido* na linguagem de então —, provocada por sobejidão de sangue, o fisico de D. Denis ordena sangrias; e além d'isso um unguento em que entram vinagre, ourinas de menino (!) e *ámago de cidra costal* (*Alveitaria*, 30, 30); ou vinagre, *ámago da cidra costal, azeite e fezes de ouro*, (ibid. 41, 34). «Das saftige Fruchtfleisch, der saftige Samenmantel einer der Hesperiden».

No século xvi foi Garcia da Orta quem se serviu do mesmo vocabulo com acepção idéntica. No *Colóquio* xxxviii, em que trata «Dos mangostães», isto é, da árvore equatorial *Garcima mangostana* (de Malaca), da familia das *gummiferas, guttíferas*, descreve a fruta, só de ouvido, como um pomo, do tamanho de uma

laranja pequena; e conta que separando a casca, lhe comem o *ámago* <sup>1</sup>.

Pouco depois repete: «tirando-lhe a casca fora, o de dentro sam amagos, así como de laranjas pequenas».

Que concluir de ahí? Que *ámago* no singular é termo colectivo que, em opposição à casca sem valor, denomina toda a parte interior, aproveitável e mesmo preciosa, das frutas hesperídeas (ou aurantáceas), divididas, como toda a criança sabe, em *gomos*, *lóculos* ou *cámaras*. Camada tegumentar, succulenta, aromática, de excelente sabor, que envolve as sementes <sup>2</sup>; branca nas mangostanas; amarela-clara em limas, cidras e limões; amarela-escura ou avermelhada em laranjas e tangerinas.

*Ámagos* no plural são, evidentemente, esses mesmos gomos, lóculos ou cámaras, de laranjas, cidras, limas, limões, toronjas, tangerinas. E de mangostanas, que nunca vi <sup>3</sup>.

Com este sentido é que *ámagos* no plural passou a ser termo de ourivezaria: designação de certo lavor (*repoussé*) <sup>4</sup>. Lendo no Rol das lindas cousas que D. Beatriz de Portugal levou em 1522 a Saboia, descrições como a de «humá sobrecopa d'ouro, esmaltada (que serve com púcaro, lavrada de amagos compridos» <sup>5</sup>, e a de «outro gomil de prata, pequeno, lavrado de *amagos*» <sup>6</sup>, surge pelo menos diante da minha vista mental uma tampa alta, em forma de cúpula, do feitio de meia-laranja (partida ao través) <sup>7</sup>, com oito, doze ou dezaseis gomos. E mais do que isso: surgem os gomos de pedra das cúpulas da Torre de Belem.

O singular, na acepção derivada de parte interior de uma cousa concreta; o intimo, mais substancial e essencial de uma cousa abstracta, esse é bem conhecido pelos seus reflexos literários. Os quinhentistas e seiscentistas gostavam de falar, p. ex., do *ámago*

<sup>1</sup> Neste passo (vol. II, pp. 161 e 162) ha a ortografia deficiente *amaguo*, vulgaríssima como sabe quem lê textos antigos. Escusado é dizer que ella não nos autoriza a supôr a existência de *amagoos*.

<sup>2</sup> São palavras do Conde de Ficalho nas anotações ao *Colóquio* citado.

<sup>3</sup> Nunca ouvi chamar *ámago* á carne (sarcocarpo) de maçãs, peras, pêsegos, damascos, nêspêras, ameixas, cerejas, etc.

<sup>4</sup> Ha lavor de *alcachofres*, *pinhas*, *maravilhas*, *carrascos*, *bastiães*, *meias-canas*, etc., etc.

<sup>5</sup> *Hist. Geneal., Provas*, II, p. 455.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 447.

<sup>7</sup> Ou mais de meia-laranja, como, p. ex., nas tampas de crystal, para queijo e manteiga, ou frutas altas como o *ananás*.



das leis, entendendo o seu espirito, a sua alma, em opposição a letra ou ás palavras que são o corpo, a casca. Hoje é vulgar dizer-se que alguém puxa voz *do âmago do peito*; ou que sentiu certa dôr *no âmago do seu peito* (*till to the core of his heart*).

Os dicionários apontam exemplos suficientes: De *âmago* como alburno e cerne de arvores e arbustos, em Garcia da Orta<sup>1</sup>, Castanheda<sup>2</sup>, Magalhães Gandavo<sup>3</sup>, Agostinho da Cruz<sup>4</sup>, em opposição quer á casca ou cortiça, quer também ao entrecasco<sup>5</sup>. Como interior de sertões e terras, em Fernam Mendes Pinto<sup>6</sup>, Frei João dos Santos<sup>7</sup>. E como coração, espirito, parte melhor, intrinseca, essência de alguma cousa abstracta, nos oradores e tribunos Frei Heitor Pinto, Bartolomeo dos Mártires, Frei Amador Arraes, Pinto Ribeiro, etc.

Como de costume, o passo-modêlo, mais peculiarmente português, é de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que chama o Português namorado, «amego e timbre dos Espanhoes, e grimpa de todas as nações», numa longa dissertação sobre o amor, em que diz que só ele como atilado, gentil, galante e nobre esposo, compadece todos os efeitos de amor «puro»<sup>8</sup>.

\*

Paro aqui. A etimologia de *âmago*, *âmego*<sup>9</sup>, *ágamo*, *águemo*<sup>10</sup>, continua desconhecida. Tentei vários caminhos, mas nenhum me conduziu ao fim ambicionado.

<sup>1</sup> *Colóquio* xxv (vol. II, p. 51). Do *Linaloes* assenta «que não cheira bem senão o seu *âmago* a que chamam os Portugueses *cerne*». Prova de que *âmago* neste sentido ainda não estava bem vulgarizado. E também de que é a parte íntima que designa, sem respeito á consistência mole ou dura.

<sup>2</sup> *Hist. Ind.*, III, II, 133.

<sup>3</sup> *Hist. Santa Cruz*, cap. v.

<sup>4</sup> *Recopilação*, v, 160.

<sup>5</sup> Segundo os Dicionários *alburno* ou *alburno* é a parte mole (?) e branca entre a casca e o cerne da *arvore*; e *cerne* a parte mais dura e bem lignificada da madeira das arvores.

<sup>6</sup> *Peregrinações*, cap. xcvi.

<sup>7</sup> *Ethiopia*, II, 2, 8.—Manuel Correia emprega-o com relação a tempos remotos nos *Lusíadas Commentados*, I, 8.

<sup>8</sup> *Eufrosina*, v, 5.

<sup>9</sup> Em *tártago*, *tártego* por *tártaro* (ambas de Mestre Giraldo) ha a mesma modificação do pseudo-sufixo.

<sup>10</sup> O termo científico *á-gamo* (sem órgãos sexuaes) claro que não influíu na vulgarização de *âmago*.

Lembrei-me de que um Romanista tentou derivar *gomo*, botão, de *gummus*, *gumma*<sup>1</sup>. Esforcei-me para tirar de ahí também *gomo*, lóculo de frutas hesperideas, por saber que a *Garcinia mangostana* era gumí- e gutifera. Mas não é de crer que se esperasse com o bñtismo das divisões de frutas tão familiares aos europeus, até o período dos descobrimentos<sup>2</sup>. E ha outras objecções.

Andei á procura de rimas de *ámago*. Isto é, de palavras de construção paralela. A que encontrei em terras de Portugal é . . . o único vocábulo popular em que *á* acentuado provém de um *o* latino: *estámago*, vulgarmente *estámego*, equivalente a coração como sede da valentia e energia, e por isso bem acreditado ainda no tempo de Camões<sup>3</sup>. Na Galiza ha mais um que, por um acaso singular, também entra no círculo de idéias a que tive de tocar: *sámago*, forma derivada de *samo*, que é sinónimo de «alburno» e «sabugo»: parte branda do interior das madeiras (*weicher Splint*)<sup>4</sup>. Mas não encontrei a chave do enigma.

## XIX

## ANACAR—AÑACEAR

Pelo modo como o fisico de D. Denis emprega o misterioso *anaçar*, vê-se que o vocábulo tinha no século xiv não só a mesma forma mas também a mesma significação que ainda hoje se lhe liga no campo restrito e enormemente conservativo da arte culinária: a de mexer e remexer, sacudir, vascolear (líquidos contidos em frascos)<sup>5</sup>, sacolejar (pós)<sup>6</sup>, fustigar (ovos)<sup>7</sup>. Isto é: *schütteln*,

<sup>1</sup> D. Behrens, em *Zeitschrift*, xiv, 369.

<sup>2</sup> Não juntei exemplos até agora.

<sup>3</sup> Vid. *Lusiadas*, I, 39; II, 85. — Sonhando cheguei a imaginar uma noite que o povo havia transformado *estámego* em *ámego*, alijando-o do inútil pseudo-demonstrativo *est*. — Fantasia efémera, bem se vê.

<sup>4</sup> Na Galiza *alburno*, *alburne*, fez-se *borne*, com queda do *al*, considerado como artigo árabe, e abrandamento da final, que é frequentíssima naquele país.

<sup>5</sup> Os Dicionaristas dizem apenas: «revolver um líquido fazendo vir as camadas inferiores para cima». Creio que abstrairam esta definição dos dois passos de João de Barros que traslado no texto, e a que já se referira Moraes, seguido de Domingos Vieira.

<sup>6</sup> No artigo de Domingos Vieira ha por engano *succolejar*.

<sup>7</sup> *Strömungen*.

*schuckeln; aufröhren, aufwühlen, aufpeitschen*. A mesma também que lhe in-heria no meio-tempo. No período classico João de Barros applicava o participio adjectivado ao Mar de Meca (perto de Suez), descrito como revolto, espumante, empolado de fervura, encapelado e arrebrandiço.

«Como a costa he aqui mais descuberta de serrania e patente aos ventos do Norte, com pequena força d'elles logo o mar he posto nesta furia, como que não cabe em tão pequeno lugar . . . donde se causa fazer huma maneira de aguages que sahem de baixo do mar *anaçadas*, em grande alvura, do movimento d'elles»<sup>1</sup>.

Pouco depois o mesmo historiador repete o termo, ao referir a opinião do domador de Ormuz e Aden acêrca da suposta côr vermelha do Mar Roxo. Segundo ele, Albuquerque, *o terribil*, afirmara que ela provém de ramaes de coral, arrancados do fundo com a fôrça de impeto do mar, quando nortadas tesas «lhe *anação* as aguas de baixo a cima»<sup>2</sup>, opinião com a qual D. João de Castro não se conforma no seu importante *Roteiro*<sup>3</sup>.

Comparemos agora o passo de Mestre Giraldo. Quando o nosso cavalo estiver doente de dissenteria<sup>4</sup>, será bom não o obri-garmos a exercicio algum. Pelo contrario, devemos dar-lhe ampla liberdade, não sòmente quanto aos repastos, mas também com relação ao descanso e passeio. Com o movimento forçado, o mal podia agravar-se. «Ca se o movem, *anaça-xi-lhi* o ventre e as tri-pas, e esnuará porém mayormente»<sup>5</sup>.

É evidente que, como nas *Décadas*, assim no *Livro de Alveitaría* se trata de uma *revolta*; ou seja de um *excitamento insano*: involuntário.

<sup>1</sup> Década II, liv. viii, cap. 1 (vol. II, parte II, p. 263).

<sup>2</sup> Ibid., p. 265.

<sup>3</sup> Ed. 1833, p. 256: «Se este mar do estreito he vermelho ou nam, e as causas porque lhe chamam Mar Roxo.» — No trecho que corresponde aos de Barros, que citei, emprega termos diversos, pois diz: «Ora este mar contido des o Toro até Soez, he muito tempestuoso e supito, porque como quer que começa a ventar do norte (que he o vento que reina e vive nesta parte) inda que a sua força nam seja muita, incontiente se alleuanta o mar tam alto e soberbo que he cousa de marauilha, andando per todo lugar huns mares acapellados e arre-benta(n)diços que sam muito pera temer».

<sup>4</sup> Ignoro por que razão este mal se chama *enterimento* (35, 20), *intirimento* (ibid., 35). Vid. o artigo LVII.

<sup>5</sup> P. 36, 3-4. — Note-se *esnuar*, tradução de *evacuar*. — Cfr. *esnuamento* (36, 6).

Reconhecendo isto é que alguns dos lexicógrafos, que se occuparam das origens de *anaçar*<sup>1</sup>, o derivam do grego ἀνασσειν<sup>2</sup>, *aufhetzen, aufwiegeln*; emquanto outros, supondo-lhe origens latinas, o tiraram quer de *\*ad-nateare* (de *natare*)<sup>3</sup>, quer de *initiare*<sup>4</sup>.

Eu voto pelo germânico *anazan*<sup>5</sup> (*aufhetzen*), cuja passagem ao dominio românico é atestada por tres passos das *Glosas de Reichenau*<sup>6</sup>, e que além d'isso sobrevive em italiano<sup>7</sup>. Este *anazan*, que seguramente daria em primeiro lugar *anatsare* (e só depois em algumas regiões *anetsare*), coaduna-se perfeitamente com o verbo português, não só quanto ao sentido de *excitare, instigare, impellere, compellere* (*aufhetzen, antreiben*), mas também quanto á forma: os dois *aa* originários perduraram, inalterados, no verbo português. Através de séculos.

\*

Além dos textos de 1318 e 1553, que o leitor viu, posso apontar outros dois do século XII em latim bárbaro, importantes porque dão a aplicação *aufwiegeln, sich empören* ao verbo *anatsare*, que apresentam na grafia *anaziare*; e um do século XIII, de um trovador palaciano, com o mesmo significado.

<sup>1</sup> Domingos Vieira e Constâncio.

<sup>2</sup> Os significados: «levantar e sacudir ameaçadoramente as mãos, os braços, a égide; revolucionar o povo, a multidão», serviriam menos mal. Mas não serve á forma. É a base histórica!?

<sup>3</sup> F. A. Coelho, no *Manual Etymologico*.

<sup>4</sup> A. Morel-Fatio, *România*, xxvi, 319. Semasiologicamente não contenta. Quanto á formação, é impossivel que *n* intervocálico se conservasse em português em palavras populares. *Initiare* dava [i]inçar. — De passagem seja dito que no bable de Astúrias *niciar* significa: «dar comienzo a una cria de gallinas, palomas, etc.», facto curioso e, só aparentemente, perturbador das minhas ideias acerca de *inçar* < *indiciare*.

<sup>5</sup> *Althochdeutsch*.

<sup>6</sup> F. Diez, *Altromanische Glossare berichtet und erklärt* (Bonn 1865). — Vid. p. 10. n.º 118, 128, 136, e p. 41. Estranhando a escrita *anetsare* e desconhecendo naturalmente os monumentos que hoje nos é dado explorar, é que Diez dizia: «Dieses *anessar* (= *anetsar*) ist eins derjenigen Wörter, welche der Romane, noch bevor er in seiner Sprache schrieb, wieder aufgab; wenigstens hat ihm die Litteratur keinen Zutritt gestattet».

<sup>7</sup> N. Caix registou nos seus *Studi di Etimologia Italiana e Romanza* (Firenze 1875) o vocabulo montalese (toscano) *annizzare* = *aizzare*: *hetzen, aufhetzen, schüren* (n.º 153, p. 70).

Os textos prosaicos são dois foraes, outorgados a vilas da Beira Alta: um por Afonso Henriquez (ano 1136) e outro anteriormente por sua mãe D. Teresa (ano 1114). No de Seia «os homens que *anaziarent* ad Mauros», e no de Tavares os *anaziadores* (sem qualificação especificada do crime cometido), são ameaçados com a perda dos seus bens: «Et si (leia-se *Et de*) illos qui *anaziarent* ad mauros prenda rex suam mediam partem»<sup>1</sup>. «De *anaziador* apprehendent (l. apprehendant) illum quantum abuerit»<sup>2</sup>. Um excelente *anaziador* de documentos arcaicos peninsulares<sup>3</sup> — hoje diríamos *vasculhador* — que explorou os de que trato<sup>4</sup>, não os interpretou bem, embora chegue a conferir *anaziar* com o *anaçar* moderno e os defina como «revoltar-se, insurgir-se». Engana-se ao referi-los a roubos: (*brigandage à main armée, Räubereien*)<sup>5</sup>. Incursões ilícitas, assim como homicídios e raptos de mulheres, figuram separadamente nos parágrafos legislativos dos documentos explorados.

A meu ver, *anaziado* (*anaciado, anaçado*) ou \**anaziator, anaciador, \*anaçador*, era o súbdito cristão de reis de Portugal que se passava aos Mouros, o rebelde que adoptava a lingua, os usos e costumes e a religião dos Sarracenos<sup>6</sup>. E também o Mouro batizado, o renegado, apóstata, tornadiço, ou elche, inimigo da nação e da lei em que nascera. Numa palavra, o *anaciado, enaciado, naziado* da literatura castelhana<sup>7</sup>.

Mostrarei agora que neste reino occidental davam positivamente o título de *anaçado* ao batizado que se tornara Mouro. É o trovador Ruy Gomes de Briteiros, valido de D. Afonso III<sup>8</sup>, que nos ministra a prova, applicando-o injuriosamente, embora de burla, a

<sup>1</sup> *Port. Mon. Hist.*, «leges», p. 371.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 360.

<sup>3</sup> Jules Tailhan.

<sup>4</sup> *Romania*, VIII, p. 613.

<sup>5</sup> Körting regista esta opinião no seu *Wörterbuch*.

<sup>6</sup> Esse crime naturalmente frequentíssimo no período da reconquista com as vicissitudes da guerra, punia-se do único modo possível: pela sequestração dos bens do expatriado.

<sup>7</sup> Não reproduzo os materiaes que coligi a respeito dos enaciados castelhanos, porque correspondem aos que figuram no *Glossário* da esplêndida monografia de D. Ramón Menéndez Pidal sobre os *Infantes de Lara* (p. 440). Além d'isso remeto o leitor para o *Diccionario de la Academia e Dic. Enciclopédico*. — As etimologias, propostas sem demonstração sufficiente, passaram despercebidas. — Houve quem pensasse em *e-naçoado* = *ex-nationatus*, lembrado de *anaçoado*.

<sup>8</sup> Vid. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, pp. 336-341.

um cortesão mal visto. Entre 1241 e 1244. A cantiga não é de fácil interpretação por ser de *escarnho*; de mais a mais incompleta<sup>1</sup>, e bastante deturpada. Examinando-a de perto, à luz de várias outras, em que o mesmo João Fernández é apodado por outros autores de cantigas de mal-dizer<sup>2</sup>, reconhece-se todavia que, de corpo mal-feito («mal-talhado», aleijado nas pernas; provavelmente coxo e derreado)<sup>3</sup>, e de cabelo crespo<sup>4</sup>, que lhe dava ares de Africano<sup>5</sup>, foi ridicularizado a meúdo; sobretudo quando, por ocasião das invasões dos Tártaros na Europa<sup>6</sup>, mostrou veleidades, sinceras ou fingidas, de tomar a cruz e peregrinar a Jerusalem demorando-se em Roma<sup>7</sup>. Só quem estiver ao facto d'estas circunstancias, que analisei no *Cancioneiro da Ajuda*<sup>8</sup>, e souber que os trovadores se referem sempre a um seu Mouro fugido e escondido<sup>9</sup>, visando o próprio João Fernández, poderá achar algum sabor aos versos seguintes:

Joam Fernandiz, aqui é chegado  
 um preit' <sup>10</sup>, e anda um mouro buscando,  
 e anda d'ele os sinaes dando  
 e diz que é cresp[o] e mal tal[h]ado.  
 E ide-vus d'este preito [guardando],  
 ca atal era o voss' anazado  
 que vos eu achei [mouro] habtizado <sup>11</sup>.

\*

Ainda não acabei. Na linguagem pastoril, fixada pelo primeiro poeta bucólico de Espanha, também encontro *anaziar* e *anaciado*, infelizmente, em passos tão pouco característicos que, por si sós,

<sup>1</sup> Possuimos apenas uma estrofe (de sete decassílabos: *ababaa*), de tres ou quatro que formariam o original.

<sup>2</sup> João Soares Coelho, *CV*, 1012 e 1013; Martim Soares, *CV*, 975 e 978.

<sup>3</sup> *CV*, 978.

<sup>4</sup> *CCB*, 417 (= 1544).

<sup>5</sup> *CV*, 975 é encimado de uma rubrica que diz: «Esta cantiga fez d'escarnho a hum que diziam Joam Fernandis e semelhava mouro e jogavam-lh'ende...»

<sup>6</sup> *CV*, 1013.

<sup>7</sup> Na cantiga indicada tratam no de *mouro cruzado*, *mouro pelegrim* e [*mouro*] *habetizado*. Só falta a fórmula *mouro latinado* (= bilingüe), para a lista estar completa.

<sup>8</sup> Vol. II, 323, 339, 451, 462.

<sup>9</sup> Um *pregão* (*ein Steckbrief*) com os sinaes do Mouro fugido, o qual fingiam procurar em casa de João Fernández.

<sup>10</sup> *CCB*, 417 (= 1544) — 1 *Joham* — 2 *freyt* — 6 *Quem*.

<sup>11</sup> *CV*, 1012.

não se elucidariam. Só conhecendo previamente a origem e as diversas acepções do vocábulo, é que os podemos compreender; hesitando todavia.

Na Égloga vergiliana I, o pastor Melibeu aplica o verbo à cabra-mãe doente, enfraquecida por haver dado à luz uns chibinhos gémeos numa fraga nua.

Hic inter densas corylos modo namque gemellos  
spem gregis, ah, silice in nudo conixa reliquit.

E diz:

Desta cabra he gran pesar  
que comienza de *anaçar* <sup>1</sup>.

Isto é: começa a ficar para trás, «a afastar-se do rebanho», obrigando o pastor a levá-la ao colo?

Na Égloga II (das não vergilianas) é o pastor e evangelista Marco que incita os tres companheiros a chegarem-se afoitamente ao menino Jesus no seu presépio; com um enérgico *ramos! avante!*

Aballemos, aballemos!  
y no estemos *anaciados* <sup>3</sup>.

Entendo: «excluídos, afastados» (*fremd und von ferne; nie aus-geschlossene, ausgestossene*).

Camilo Castelo Branco, entre os novelistas portuguezes aquelle que mais intimamente conhecia não só a linguagem popular, mas também os textos literários, emprega o verbo *anaçar* no *Esqueleto*, cap. XI, com relação a faculdades intellectuaes ou fôrças de alma entorpecidas pela falta de exercício: «Olhou o moço em si; viu-se com vinte e tres annos, futuro largo, vinte primaveras ainda a re-florirem-se. Enojou-se da inercia de seis mezes, em que deixara *anaçarem-se* as suas ardentes faculdades». Encontro o trecho — e so esse — nos excellentes *Subsidios para um Diccionário completo da Língua Portuguesa*, de A. A. Cortesão. Estranho, porém, que ahi se imprimisse *anáçar-se*, tanto no tema como na exempli-

<sup>1</sup> Por não estarem nessas condições, é que os editores das *Obras* de Juan del Encina interpretaram *anaciado* a bel-prazer. A sereia da homofonia levou-os a escreverem no *Glossário*: *anaciados* = *aneiciados, atontados*.

<sup>2</sup> *Antologia*, VII, p. 16.

<sup>3</sup> *Teatro completo*, ed. 1893, p. 25.

fição. Não seria impossível que, lendo os versos de Encina, Camilo identificasse *añziar* com *enfexar*, *apoucar*, e que introduzisse a dicção nova no seu rico pecúlio. Pelo menos, não me lembro de o ter ouvido, nem de o ter lido em qualquer dos estudos sobre dialectologia publicados na *Revista Lusitana*, por Leite de Vasconcellos, Gonçálvez Viana e outros. Quem o conhecer que o diga.

De *expatriar-se*, *apartar-se*, para *perder-se*, *apoucar-se*, o caminho não seria muito grande, em verdade.

\*

Na linguagem pastoril de 1500 ha outro verbo parecido: *añacear* e *reñaciar*, com reforço do prefixo *re*, tão frequente nas palavras populares, mas com *ñ*<sup>1</sup>. Conheço dois trechos: um de Juan del Encina, outro de Gil Vicente. O Salamanquino põe o termo nas *Coplas del Repelon*, em boca de Piernicurto, um dos *Sayagüeses*<sup>2</sup>, burlados e maltratados por estudantes de Salamanca. Ao companheiro, medricas que se refugiara na casa de um cavalheiro e não quer sair d'esse valhacouto, diz repetidas vezes que venha com ele, para juntos voltarem á sua aldeia:

Hora llevántate ya!  
aballemos ya de aqui!  
yérquete hora ende, Joan!  
nó estés ende reñaciando!<sup>3</sup>

Que deixasse o sítio onde estava a descansar.

No *Auto Pastoril Castelhana*, do Plauto Português, temos o pastor Gil, inclinado á vida contemplativa, á procura de um sítio agradável, onde o seu gado pudesse repastar e folgar sossegadamente:

Quiero aqui poner mí hato,  
que cumpre estar *añaceando*<sup>4</sup>.

Em ambos os casos trata-se de um acto aprazível, de um gozo, gaudio ou regozijo.

<sup>1</sup> É certo que os Italianos possuem *anniizzare*; mas na Peninsula não se dobram consoantes.

<sup>2</sup> De *hacia Ledesma*, p. 245.

<sup>3</sup> P. 243.—No *Glossário* dizem, guiando-se também aqui pela sereia da homofonia, *haciendo-se el rehacio*, isto é «respingar» (*widerspänstig sein*).

<sup>4</sup> Vol. 1, p. 7. No *Glossário* dão-lhe a acepção de «folgar».



Por isso derivo os dois verbos, e o *añaciar* dos Asturianos, do substantivo castelhano *añacea* (*añaza*) = festa, regozijo, diversão; isto é, do árabe التزاهة, *an-naẓaha* (*an-naẓaha*)<sup>1</sup>.

## XX

## ANAFAFES

Tumores duros ou aquosos nos joelhos dos cavalos: «O tricesimo septimo capitulo he de hũa jnfirmidade que he dicta em latim *gedra* e em nossa lingoagem *anafafes*» (pp. 5, 17-18 e 44, 24). — «E esta doença chamam em latim quando sse faz nas pernas *lardas*, e quando sse faz nos geolhos *gallas* e *gedras*; e em nossa lingoagem *anafafes*» (44, 33-35). — Pela terceira vez repete-se onde contra a «curba» se recomendam «todallas outras cousas assy como dicto he no capitulo dos *anafafes*» (46, 5-6).

Preciosa variante do moderno *alifase* (que já prevalecera no século XVI)<sup>2</sup>, porque confirma a etimologia proposta por Dozy الفسف, *an-nafakh*. Como ele, creio que a alteração é devida à influência de *alifase*, pele, colcha, cobertor dos que chamam de papa, de اللهاف, *al-lihaf*, termo arcaico. Este antiquou muito cedo<sup>3</sup>.

## XXI

## ARRETAI. — ARRETAES

«E outrossy nas pernas deue de teer hũa corda legada, a de parte em cada perna. E esta prisam chamam *arretall* e deve estar de tal guissa liado que nom possa hir contra diante» (*Alveitaria*, cap. IV, p. 9, 11-14). — «E deue destar em soltas<sup>4</sup>, e sobre todo esto deue de teer legadas nas pernas hũuas cordas que chamam *rretaes*», (cap. XIII, p. 14, 8-10).

<sup>1</sup> Dozy, p. 115.

<sup>2</sup> Jorge Ferreira de Vasconcelos empregou-o em sentido figurado (o defeito grave, mas encoberto) na sua *Ulysipo*, fl. 3. — Na *Ley Extravagante* de 1566, relativa à padreação de cavalos, citam-se *sparavães*, *alifaffes* e *alvarazes* entre as doenças mais prejudiciaes. (§ 38, p. 756 da ed. de 1786).

<sup>3</sup> Ainda se usava em 1314, quando a Rainha D. Isabel ditava o seu testamento (*Provas*, I, 114). *Alifase* (como está no *Etucidário*) é erro. Nem significava travesseiro, como lá se diz. — Cfr. Dozy, p. 140 sgs.

<sup>4</sup> Vid. SOLTAS.

*Retal, arretal*, é portanto uma corda destinada a atar cavalos, para os reter nos presépios enquanto comem; um cabresto (*entrave pour attacher le cheval au ratelier*).

Derivado, a meu ver do verbo árabe رَتَعَ, *rata'a*, com artigo ou sem ele. Quanto á acepção «cabresto», vejamos o que Dozy conta a respeito do sinónimo castelhano *al-martaga* por *al-marta'a*, المَرْتَعَة, derivado da mesma raiz. Quanto ao *l* final, não etimológico, é útil conferir *alacran, alacral, alacrau* de *al-acrab*; assim como *cifag, cifat*; *alfenim, alfeñique* de *al-fenid*; *zenith, zenique*, e também *azarnefe, arzanefe* de *az-zirnikh*, que representa *asenicon*, isto é: *arsénico*.

## XXII

## ASA

Acostumei-me, como todos quantos se ocupam de etimologias portuguesas, a considerar como muito boa a engenhosa solução que, já ha tempo, J. Cornu deu ao problema que esse substantivo encerra <sup>1</sup>.

Fiquei quasi persuadida de que o representante directo do latim *ala* — reduzido a *aa* pela queda do *l* medial <sup>2</sup>—, fôra, por assim dizer, refortalecido por duplicação. Em lugar de se contentar com *as* (por *aas*), o povo teria juntado a esse plural de dimensões extremamente curtas a terminação *-as*, dizendo *asas* <sup>3</sup>.

Pensando assim, o illustre Romanista supunha, salvo erro, que o povo inculto fôra criador do neologismo; porque os eruditos, esses teriam escolhido o processo usual: mera latinização do termo <sup>4</sup>. Esta deu-se positivamente no emprêgo técnico de *ala* pelos architectos (que dizem *alas* de um edificio), pelos militares que falam das *alas* de um exército, pelos botânicos que se referem ás *alas* de labiadas e papilionáceas; assim como pelos poetas, quando falam de *asas* em sentido figurado (*palavras aladas*).

Uma variante d'esta solução foi excogitada por Gonçalves Viana, que assim provou não ter ficado inteiramente satisfeito com

<sup>1</sup> Em 1882, na *România*, xi, p. 95, e posteriormente no § 130 da *Gramática Portuguesa*.

<sup>2</sup> É sabido que *aa* subsiste no dialecto galego.

<sup>3</sup> Parece que o povo não sancionava plurales monossilábicos. Pensem em *poses, nóses, cháses*, etc.

<sup>4</sup> Como, p. ex., em *pena, feno, menos* por *pēa, fēo, mēos*.

as ideias do amigo <sup>1</sup>. Segundo ele <sup>2</sup>, o povo tomou o plural *as* por singular; juntou-lhe a terminação *-es*; converteu posteriormente *ases* em *asas*; e abstraiu d'esse o singular *asa*. Equipara portanto *asas* ao plural vulgar *póses* e à longa série de formas oxítonas e paroxítonas que o povo trata pelo mesmo processo <sup>3</sup>.

Nas minhas leituras de textos arcaicos conservei-me sempre alerta, a ver se encontrava exemplos documentaes de uma ou outra evolução; e se fixava a época em que a restauração da ruína linguística se havia realizado.

De 1200 a 1500 encontrei numerosos exemplos de *aa* e *aas*. Mas nenhum de *ases*, na acepção de *asas*; nem tão pouco *asas* no sentido de «asas de voar».

Nos opúsculos de Mestre Giraldo é que agora encontrei materiaes que me parecem lançar luz sobre o processo, o qual (se não me engano) foi um tanto diverso do que os dois sábios imaginaram.

Em geral, o fisico de D. Denis emprega, como todos os antigos, *aa*, ou simplez *a* (= *ā*) para designar a asa de voar, quer do falcão, quer de outras aves. Lê-se, p. ex., a p. 24, 7: «toma huma agulha e huma linha e çaralhe *aa* (= *a a[s] a*), como quando a ave está saan»; — *ibid.*, l. 9: «toma hum pano de linbo e envolve em elle toda *aa* (= toda a *a[s]a*) assy çarrada»; — *ibid.*, l. 12: «e hum ramall deita per tras *aa* saan (= a *a[s]a* san)»; — *ibid.*, l. 13: «e juntem-se ambos os ramaes so *aa* saan (sob a *a[s]a* san)»; — *ibid.*, l. 15: «no pano que for envolto no coto *daa* (= da *a[s]a*)», etc. <sup>4</sup>

Por duas vezes serve-se comtudo de outra expressão, substituindo *ā* por *aʒ* ou *haʒ*. Isto é, pelo representante legitimo do lat. *acies*, que se empregava em Portugal e Espanha no sentido de

<sup>1</sup> Leite de Vasconcelos acredita na mera substituição de *aa*, por *asa* («ansa (metáfora popular). Vid. *Philologia Mirandesa*, vol. II, p. 153.

<sup>2</sup> *Rev. Lusitana*, I, 217.

<sup>3</sup> A opinião corrente é que o povo considera singular os pluraes regulares *mós*, *pós*, etc. Eu já disse, ha muito, que não adopto a explicação, porque nunca ouvi dizer *um pós*, *uma nós*, etc. Os vulgarismos *móses*, *póses*, *chises*, *paletoses*, *alferezes*, etc., são imitação de numerosas formas que no singular terminam em *-ʒ* ou *-s*, tendo por isso dois pluraes (p. ex., sing. *cádeʒ*, pl. *cádeʒ* e *cádezes*; *simpleʒ*, pl. *samples* e *simplezes*; *ourives*, pl. *ourives* e *ourivezes*); e também dos oxítonos em *-aʒ*, *-oʒ*, como *paʒ*, *voʒ*. — Vid. *Fragments Etymologiques*, n.ºs VI, XXI, LXV e LXVIII Conf. *Guerneces*, *Lesnezes*, *Verezes*.

<sup>4</sup> Quem procurar mais exemplos de *aa*, *aas* de «voar», recorra às *Cantigas de Santa Maria*, n.º 142, ao *Livro de Linhagens*, p. 238, e aos *Inéditos* de Fortunato de S. Boaventura, III, pp. 15, 16, 125, 176, 189 e 224.

*ala* de exército<sup>1</sup>, fileira, esquadrão, bando (*Heeresabteilung, Schlachtordnung, Schlachtreihe*).

Na epígrafe do cap. xv lê-se: «da az quebrada da ave». E logo no texto: «alguuns porcos ou alguuas outras animalhas quando o[s] uuê asy jazer liados, veem a eles e quebram-lhes alguua *haç*».

Se na realidade empregavam assim, no século XIV, indistintamente *aa* e *aç* (*haç*), ao falar de asas de voar, é de boa lógica supôr que também empregavam indistintamente os pluraes *aas* e *açes*<sup>2</sup>, os quaes finalmente foram fundidos num único — *aças* ou *asas*. Isto com tanta maior facilidade porque a par de *aas* e *açes* havia também o conhecidissimo *asas* (*Henkel*) < *ansas*<sup>3</sup>. Vejam-se p. ex., as *Histórias do Testamento Velho*, publicadas por Fr. Fortunato de S. Boaventura (vol. II, p. 122): «e tomou Moyses a meatade do sangue deles e deitou-o em vasos de vimē teçudos com *aasas*»<sup>4</sup>. E vejam como este *asa* (ou já a forma fusionada de *aa*, *aç* e *asa*?) serviu a designar a *ala* ou a *acies* (*aç*) de um exército, nos *Livros de Linhagens*, onde ha a expressão «a aza do cor[r]al»<sup>5</sup>.

Resumindo:

*aa*, de *ala* com o plural *aas*;

*aç*, de *acies*, com o plural *açes*;

*asa*, de *ansa*, com o plural *asas*;

fundiram-se no vocábulo *asa*, na acepção de «ala de voar».

<sup>1</sup> Vid. *Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», p. 185: «a az do curral, redonda como moo — ordinhou estas duas aazes de coinha pera a fenderem — deles em magotes e deles em aazes longas, e deles em aazes de coinha».

*Cantigas de S. Maria*:

52 et ant'a porta parauan-ss' en *aç*.

82 que viu de diabres vïr mui grand' *aç*.

105 u trouxe sigo d'angeos grand' *aç*.

122 mais quisu que na *aç* dos mortos fosses.

170 e nos meteu dos ssantos em ssa *aç*.

169 que come *açes* paradas era seu nom' espantoso.

<sup>2</sup> Ainda não encontrei exemplos do emprêgo de *aç* com a significação de *acies*.

<sup>3</sup> Um derivado é *asado* (*behenkelt*), como nome de um cântaro de duas asas. De *ad* + *ansiare* resultou *aaçar*, com o substantivo verbal *aaço*, *aço* e *desaaçar*, *desaçar* (empregado apenas em sentido figurado). — Da possibilidade de o *anaçar* de Camillo Castello ser *in* + *ansiare* = inutilizar, não aproveitar, preferi não falar por ora.

<sup>4</sup> Na impressão de 1829 está *asaas*.

<sup>5</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», p. 188, l. 31.

O povo creio bem que identificou as *alas* dos galináceos, em que se pega como numas *ausas*, de cada vez que se agarra um d'elles, com os arcos ou argolas de pegar de cestos, das ceiras, dos cántaros, das panelas, etc.

## XXIII

## AVIR — DEVIR

No Glossariozito que Gabriel Pereira juntou ao *Livro de Caça*, figura *aver* = *acontecer*. Emende-se *avir* < *advenir*, pois é este o infinitivo que ele deveria ter abstraído da forma impessoal (3.º sing.) *avém*, usada por Mestre Giraldo, (p. 11, 13; 20). Menciono o lapso (talvez apenas erro tipográfico) unicamente para falar de outro derivado arcaico de *venir*, cujo desaparecimento me parece lamentável, por não existir em português termo algum, apropriado, para traduzir o francês *devenir*, e o alemão *werden*. Tanto assim que espíritos com propensões filosóficas já resuscitaram *devir*<sup>1</sup>. Num opúsculo notável, que me veio do Império dos Mandarins no inverno passado, li com prazer o aforismo de Lao-tze: «Tudo devém e nada morre». No século XVI posso apontar um exemplo pelo menos no *Livro de Marinharia*, editado por Brito Rebello. E do tempo de D. Denis um provérbio que corria entre os trovadores da sua côrte: «Quem muito quer, a pouco devém» — *Wer [zu]viel begehrt, kommt zu wenigem*<sup>2</sup>.

## XXIV

## AZARNEFE — ARZANEFE

Dozy<sup>3</sup> registou apenas o castelhano *arzanefe* como nome, (em química), do sulfureto amarelo de arsénico, derivando-o de *الزرنيح*, *az-zirnikh* (com *hâ*). Mas sem declarar que o vocabulo árabe não é outra cousa que o lat. *arsenicum*, do grego *ἀρσενικόν*, *asenicon*, alterado na consoante final. Nem deu exemplificação; nem indicou as variantes portuguesas.

<sup>1</sup> Se o quiséssemos conjugar, devia ser pelo paradigma de vir: *devenha*, *devem*, *devem*, *devimos*, *devindes*, *devém*; etc.

<sup>2</sup> CV., 405. — Já o citei algures; por ex., em *Rev. Lusitana*, t. 60 sgs. e em *Tausend portugiesische Sprichwörter*, Braunschweig 1905, p. 14.

<sup>3</sup> *Glossaire*, p. 227.

Nos textos de Mestre Giraldo temos *azarnefe*, *azarneffe*, sem a metátese do *r*, formas portanto mais próximas do modelo árabe. Para tirarem os cabelos ao cavalo que sofre de *greças* ou *grapas*, os alveitares applicavam-lhe uma calda «que se faz de cal e azarnefe fervudos em auga» (*Alveitaria*, cap. XLIV)<sup>1</sup>. Em casos de quebradura nos pés ou nas unhas, empregava-se o mesmo medicamento, chamado *psilotro*<sup>2</sup>: «Outrossy lhe podem fazer esto: filha a fillugem e o azimlaure<sup>3</sup> e ho azarnefe e o niell» (cap. XLV)<sup>4</sup>. Contra o cancro (cap. XLIX) utilizavam çumo de raizes de abrótea, cal viva e «do poo do azanafe»<sup>5</sup>. Essa variante, sem *r* e com *a* na silaba acentuada, talvez seja mero êrro de imprensa.

Em 1500 ainda se dizia *azarnefe*, como se vê nas *Ordenações Manuelinas*, título CIX do livro V: «Que ninhũa pessoa tenha em sua casa rosalgar nem outro semelhante material, nem os Boticairos os vendam senom a certas pessoas: Mandamos e defendemos que ninhũa pessoa, de qualquer condição que seja, nom tenha em sua casa pera vender ninhũu rosalgar branco, nem vermelho, nem azarnefe<sup>6</sup>, nem soliman, nem agoa delle, nem simonea, nem apio<sup>7</sup>, saluo se for Boticairo examinadó e que licença tenha pera teer botica e vsar do officio...»<sup>8</sup>.

D'ái entrou para o *Diccionario* da Academia juntamente com outro trecho documental do *Repertório das Ordenações*, de Duarte Nunes de Leão (1560)<sup>9</sup>. A explicação que dá é vaga porém: «es-pécie de veneno». E *hélas!* na epigrafe do artigo lê-se *Azarnefe!* Gralha que passou como ouro de lei a outros dictionários (p. ex., ao de Domingos Vieira). E como os homens e objectos mal conhecidos são em geral maltratados, transformou-se no de Moraes em *azarnese!* Outro anónimo trabalhador que reeditou esse dictionário<sup>10</sup> — repetindo o êrro — colheu, além d'isso, a variante *arzenefe*,

<sup>1</sup> Pp. 40, 48.

<sup>2</sup> Em Plínio *psilothrum* é nome da norça branca; em Marcial designa um medicamento para pelar e fazer cair o cabelo.

<sup>3</sup> Vid. o artigo AZINHAVRE.

<sup>4</sup> 49, 41.

<sup>5</sup> 51, 37.

<sup>6</sup> Na reimpressão de 1797 imprimiram *azar nefe*.

<sup>7</sup> Entenda-se *ópio*; e não o inocente *apio*.

<sup>8</sup> A 1.ª ed. é de 1512.

<sup>9</sup> Fl. 10: «Azarnefe não pode vender ninguem senão os Boticairos pera cousa do officio e a pessoas conhecidas».

<sup>10</sup> Aproveito a 3.ª ed. revista por P. J. de Figueiredo (1823), sentindo não ter á mão a 1.ª de 1789, nem a 2.ª de 1813. — Costumo conferi-la com a 7.ª de

na qual, sciente ou inscientemente, o termo peregrino fôra reaproximado de *arsénico*—documentando-a com um trecho de Valentim Fernández, o de Morávia <sup>1</sup>. Modernamente ambas as formações foram acolhidas no *Manual Etymológico* de F. A. Coelho, que recorrendo, como era seu dever, ao *Glossário* de Dozy, dá a definição exacta e a etimologia, e explica a relação de parentesco que ha entre o arábico *aṣ-ṣernīkh* e *arsénico* <sup>2</sup>.

Na cura de falcões parece que não empregavam o arsénico. Pelo menos Ayala não o menciona. No *Libro de Monteria* de Alfonso XI se indica *asenico solimado* como remédio de cães que feridos *en la cola* vertem muito sangue <sup>3</sup>.

Dos accidentes a que estão expostas as consoantes finaes de vocábulos isolados na sua passagem do árabe para as linguas neolatinas da península, já dei alguns exemplos nestas *Contribuições* e ainda darei outros.—Vid. ARREJAL, CIFAQ, EXAGUAZ.

No futuro queiram portanto incluir nos Dicionários portuguezes *aṣarnefe* e *arṣaneḥ*. Mas nem *aṣar nefe* nem *aṣarnete*, nem *aṣarnese*.

## XXV

## AZEVRE

É sabido que o nome *aṣ-ciber*, ou antes *aṣ-ḡiber*, dado pelos Arabes ao suco amargoso do álcoé (ou alóesi <sup>1</sup> passou a ser *azevre* em Portugal, *acibar* em Castela <sup>2</sup>, *cerer* na Catalunha, e *ṣabbāra* na Sicília <sup>3</sup>.

---

1877—tão ásperamente criticada constantemente por Candido de Figueiredo. E, com franqueza, não compreendo essas acriminosas censuras. Quanto á palavra de que trato, acrescentaram a *arṣaneḥ*, «significação incerta» conservando ao lado de *aṣarnefe* (sem gralha) a vaga determinação «espécie de veneno».

<sup>1</sup> De 1537.

<sup>2</sup> Arábico-pérsico, conforme outros investigadores.

<sup>3</sup> P. 243, cap. xviii; Parte II.

<sup>1</sup> Dozy não acentua as formas peninsulares. Mas como as deriva de الصبار, *aṣ-ṣibār*, citando ainda a maghrebina, الصبارة, *aṣ-ṣabbāra*, creio que as tem em conta de oxitónicas.

<sup>2</sup> *România*, II, p. 91, onde todavia em lugar de *ṣibār*, devia estar a forma maghrebina já citada, *ṣabbāra*. Isto é, se os Sicilianos dizem *ṣabbāra*, e não *ṣabbāra*.

<sup>3</sup> Freytag, III, p. 477, صبر (in carminibus صبر) succus plantae amarac; ... myrrha).

Documentarei as formas arcaicas, intermédias: port. *acéver* (*Caça*, 11, 26, e 28); *açéver*, (ibid., 11, 26; 15, 22; 19, 16); *açebre* (*Altanería*, II, pp. 10, 26 e 27<sup>1</sup>); e Garcia da Orta, *Colloquios*, I, 25, 33, 34, 47, 49, 53, 59, etc.)<sup>2</sup>; cast. *acebar* (Ayala, 221, 223, 228, 239, 248, 250, 253, 261, 264, 342).

Com relação ás plantas diversas da familia do aloé, de que se extraia uma essência medicinal muito amargosa, direi unicamente o que resulta dos escritos que citei<sup>3</sup>. Por causa do mau gosto era quasi sempre applicada em forma de *pilula*. A melhor vinha da ilha de Socotorá. A socotorina valia quatro vezes tanto como a das outras partes (Cambaia, Bengala, etc.). A mais ordinaria servia para curar cavalos, sobretudo na encarnação de chagas. Por isso a chamavam *açerre cabalino*<sup>4</sup>. Ainda no século XVI servia nas quebraduras das pernas de aves<sup>5</sup>.

Além das acepções documentadas do vocábulo *açerre* (extracto de *hera-babosa*; extracto do *linaloes*; e planta *aloés*)<sup>6</sup>, houve e ha também quem o applique ao *verdete*, falando de aloés mineral e de azevre metálico. Do lindo conto «O segredo da cadeirinha» (dos *Açulejos*, do Conde de Sabugosa & Visconde de Pindela), já passou nesta acepção para o *Diccionario* de H. Michaélis, minha boa irmã.

## XXVI

## AZINHAVRE

Contra os cravos, ou mais exactamente para destruição da carne podre que se desenvolve na cova dos cravos, é que o alveitar antigo recomenda *açinharre muido* (p. 20, ult. e penúltima). No passo correspondente do livro castelhano, o chanceler receita

<sup>1</sup> Várias vezes *acever*, *açever*, apparecem deturpados no *Livro das Aves Caçadores*: p. 16, 19, *acemipatico*; ibid., 17, 19, *açeverer* patigo.

<sup>2</sup> Ele menciona a origem de termo dizendo: «no arabio está cebar» (I, 28).

<sup>3</sup> Na sua edição monumental dos *Cobiquios*, o Conde de Ficalho comenta bem não só o II, relativo a liliacea *Aloes (aloe perfoliata)*, a que em Portugal se dá o nome comum de *hera-babosa*; mas também o XXX, relativo ao *Linaloes*.

<sup>4</sup> «D'esta (sc. da bola feita de azevre e mirra) usam muito para curar cavalos, e para matar os bichos das chagas, e por tanto nam he muito chamarse ácerca de nos o *aloes ruym Cabalino*, como escreve um moderno doctor dizendo que o mais ruym se gasta ácerca dos albeitaes».

<sup>5</sup> «E nós tambem usamos do *açerre* nas quebraduras das pernas das aves, cousa bem usada dos *ceireros*».

<sup>6</sup> Orta, I, p. 34 e 41.



*cardenillo molido* (p. 268); no texto de Ferreira (II, 29), são «pós de verdete» que se prescrevem. Em ambos os casos, a tradução é adequada. *Azinhavre*, hoje *azinhobre*, *zenabre* no Algarve, termo de origem arábico-pérsica, privativa de Portugal (الزنجار, *az-zindjār*)<sup>1</sup>, é o nome científico do óxido de cobre ou verdete (*Grimspar*).

Afoitamente podemos emendar um passo do *Livro de Alreitaria* (II, cap. XXXV, p. 49, 40), em que juntamente com azarnefe e felugem se recomenda *azimlaure* como ingrediente de um unguento contra quebraduras. O copista antigo, ou o moderno, leu *ml* onde estava *nh*.

## XXVII

## BALDREU

Hoje pelica para luvas. Antigamente coiro para bolsas, para ligaduras, etc. A principio para cintas. Mas sempre uma pele de estimação, escolhida. Parente próximo de *boldriē*<sup>2</sup> e, como este galicismo, derivado do germânico *baldrich*, «cinto» (*Gurt, Degengehenk*). Em castelhano *baldrés, baldés*.

A fim de curar unhas quebradas das aves de caça, Mestre Giraldo manda polvilhá-las com certos pós que se fixam por meio de tirinhas finas de peles de *baldreu*: «e filha o mais delgado coiro de *baldreu* que poderes achar e cose-lho em aquell sabugo» (p. 9, última).

Para soldar pernas quebradas faz-se uma mistura de diversos ingredientes solidificantes que dentro de um «saquete pequeno de *baldreu*» (p. 23, 13) são expostos quer ao calor do sol-fito, quer ao do seio humano, onde se unem muito bem.

Na lei-tarifa de 1253, fixa-se o preço da pele preparada e da sem preparo, infelizmente sem pormenores bastantes para precisarmos a rês de que se tiravam, ou a parte do corpo de que procediam (o ventre ou o peito?).

«Pellis de meliori *baldreu* scudado ualeat tres solidos, et si non fuerit escodado<sup>3</sup> ualeat decem et octo denarios. . . »

«Et melior pellis de *baldreu* ualeat duos solidos et medium»<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Vid. Dozy, p. 227; e Sousa, p. 69, *azenhavre*, o qual remete o leitor para a *Pharmacopea* afim de documentar a pronuncia *alzenjar*.

<sup>2</sup> Fr. moderno *baudrier*. Cfr. *baudroyer, baudroyeur*.

<sup>3</sup> «Scudado, escodado» quer dizer alisado com o instrumento *escoda* < *scuta* (Cornu, § 27).

<sup>4</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 194.

*Pele de baldreu*, claro que pode ser *pele para boldriés*. No mesmo documento fala-se de correias de cervo, corço ou gamo «proad cintazes»<sup>1</sup>. Mas também podia ser pele de um animal que tivesse esse nome. Pele de ovelha, pele de carneiro, etc. Suspeito que a mais fina e delgada das pelicas seria a do cordeirinho nascido morto, ou que faleceu pouco depois do seu nascimento. Mas por ora não encontrei passo algum que demonstrasse que o nome da pelica mais estimada, por ele fornecida, designasse a própria rês.

## XXVIII

BANHA — LARDO<sup>2</sup>

*Banha* é vocábulo essencialmente popular e, salvo êrro, privativamente português. No *Dicionário Prático* é definido concisamente como «Gordura animal». «Pomada para o cabelo». H. Michaëlis e Louise Ey traduzem bem *Tierfett*, *Schmalz*, *Pomade*. Em Frei Domingos Vieira ha explicação mais extensa, e os sinónimos «unto, graxa, gordura», aos quaes eu acrescento «pingue» (como de preferência se diz no Porto), riscando «graxa», cujo dominio não coincide com o de banha. Segundo ele, a banha, definida insufficientemente como gordura contida nas aréolas do tecido celular, é uma substância mole, branca, inódora, insípida, oleosa, inflamável, que se derrete facilmente e se altera exposta ao ar, tornando-se rançosa pela fixação do oxigénio.

Para o meu gôsto, faltam ali elementos positivos e passos documentaes<sup>3</sup>. O mais velho que conheço, até hoje, é de Diogo Fernández Ferreira.

No passo que transcrevo no artigo SAIM (arcaismo que repugnava ao Seiscentista), ele explica como os açores, bem tratados no tempo da muda, «tomam muita carne e criam *banhas* a que chamam *enxulha*»<sup>4</sup>. Na barriga bem se vê.

Hoje *banha* designa o gordo fino e delgado, extraído por decocção dos intestinos e da barriga do porco; do *soventre*<sup>5</sup> ou

<sup>1</sup> *Ibid.*, p. 195.

<sup>2</sup> A conferir com os artigos GROSSO e SAIM.

<sup>3</sup> Dá todavia duas frases da linguagem viva: *derreter banhas* = fazer torresmos (*Grieben*); *ter banhas* = ser sumamente gordo, como os suínos.

<sup>4</sup> Vol. 1, p. 20.

<sup>5</sup> *Soventre* é vulgar nas leis medievaes. Mestre Giraldo diz *so o ventre* (*Alveitaria*, 16, 21, e 33, 24). Hoje ha *soyantre* (*Rev. Lusitana*, xii, 316, linguagem de Penedono). Também se dizia *deventre* (*Documentos Eborenses*, I, 39).

*redanho* (Netz; fr. *crépine*); da parte, portanto, que sem ossos vae das costelas até ao fundo, ao peito, à fralda <sup>1</sup>; parte que os carneiros de algumas regiões (p. ex. de Vila Nova de Gaia) chamam figuradamente o *pano*.

*Banha* < *pamea*, gordura extraída do *pano*; com a redução de *p* a *b*, que caracteriza *bandurriha*, *beldroega*, *bisnaga*, *bolor*, *bostela* <sup>2</sup>.

Ela é essencialmente líquida. Quem quer que seja rija, acrescenta um terço de gordo de boi. E quem a quer saborosa deita-lhe quando vae ao lume um raminho de salsa e algumas folhas de hortelã-pimenta. Receita que os franceses do século xii já conheciam, se eu interpreto bem a fórmula «lardum prius aliquantulum cum oleribus coctum» <sup>3</sup>, que é uma definição de *sagimen*.

\*

*Lardo* < *lardum* < *laridum* é sempre «a carne do porco salgada» <sup>4</sup> (do lombo e do pernil), tanto mais estimada quanto mais rija e branca for.

Hoje prefere-se o termo *toicinho* (*toucinho*) e *presunto*.

*Sebo* é, como em todo o orbe neo-latino, o gordo das vísceras abdominaes dos ruminantes, sobretudo de carneiros e ovelhas.

## XXIX

### BARVOS

Doença de cavalo. Tumores pequenos, como grãos de trigo, por baixo da lingua (*Alveitaria*, 4, 4 e 23, 35). *Barbulos* em lat. medieval, segundo o próprio Mestre Giraldo: masc. de *barbula*. Claro que está por *barvoos*.

<sup>1</sup> Os Catalães chamam essa parte *soldavall*, *solderall* (ventre de porco).

<sup>2</sup> Cornu, § 164 — Vid. *Fragmentos Etymologicos*, DOBAR. — No Algarve chamam *bestigo* ao *postigo*.

<sup>3</sup> Du Cange, vi, p. 22.

<sup>4</sup> *Alveitaria*, 24, 22: «filha o mell bem vermelho e alardo da carne do porco salgado»; 354: «e depois dem-lhe a comer a lardo do porco salgado». Hesito quanto à aceitação da forma *alardo* porque logo depois (35, 5), encontro: «ca polo sal do lardo comeloa de boa mente». No *Libro de Caça*, de D. Juan Manuel, ha *lardones*, pp. 63, 23 e 27. — Talvez se dissesse *lardo* e *larda*.

## XXX

## BATAFALUGA

Designação arcaica dos grãos aromáticos de anis; e seguramente também da planta: a umbelífera *Pimpinella anisum* L., a que os eruditos modernos dão o nome de *aniseira*. O povo, pelo contrário, a conhece apenas como *herva doce*<sup>1</sup>. E esse nome vulgar é (pelo menos no seu elemento principal) mera tradução do *batafaluga* dos peritos árabes e mozárabes.

*Batafaluga*, hoje completamente perdido e nunca registado em dicionários portugueses<sup>2</sup> — mas sim nos da nação vizinha — vem de *habba-halwa*, como diz Dozy<sup>3</sup>. Eu prefiro transcrever *habbat-halwa*, porque só a vocalização da semi-consoante e a especialização pelo sinal de unidade explica a formação peninsular primitiva e as transformações diversas por que passou (como tantos outros nomes botânicos), por não ser transparente nos seus elementos, e difícil de pronunciar.

*Halwa* ou *halwa* é «doce», do verbo *حلا hala* «ser doce»<sup>4</sup>; *habbat* é o mesmo *habb*, «grão», que forma a primeira parte de *habb-ar-rás*, «grão da cabeça», e de *habb-al-mosc*, «grão almiscarado»<sup>5</sup>.

No artigo, muito conciso, do grande arabista neerlandês, entraram como base, correctamente, as formas castelhanas com *b* — *batafalua*, *batafaluga*; e como variantes *matafalua*, *matafaluga*<sup>6</sup>. Miguel Colmeiro, que se baseia, no seu *Diccionario de Nomes Vul-*

<sup>1</sup> Note-se todavia que a verdadeira pimpinela é rara em Portugal, e que *herva-doce* denomina quasi sempre um seu proximo parente: o *funcho* (ou *folho*) < *foeniculum*.

<sup>2</sup> Quer geraes, quer de botanógrafos.

<sup>3</sup> *Glossaire*, p. 238.

<sup>4</sup> Freytag, 1, 320.

<sup>5</sup> Cfr. *Abelmosco* (*hibiscus abelmoschus*) nas linguas peninsulares; e *Abelculcut* ou *hab alculcut* (colocássia). Vid. Orta, 1, 280: «*hab* quer dizer em arábico *semente grande* e *al* he articulo de generivo».

<sup>6</sup> Eis o artigo: «BATAFALUA, BATAFALUGA, (anis), de l'arabe حبة حلو (habba-halwa); qui se dit dans la même acception. Évidemment les formes *matafalua*, *matafaluga*, ont la même origine. Pour la permutation du *b* et du *m* voyez p. 20 de l'Introduction».

*gares de Plantas*<sup>1</sup>, nas formas com *m*, aventurando por isso outra etimologia, inaceitável, junta as modernas *matalahuga*, *matalahua*, *matalahuva*, *matalaura*, *matahalua*, tratando as com *b* como variantes catalanescas<sup>2</sup>.

A ordem racional seria *batalahua*, *batafalua*, com metátese das tres consoantes de *habbat* que, collocando o *há* no centro do vocábulo, motivou a sua fusão com a inicial de *halua* num só *f*; depois *matalahua*, *metafalua*, com troca corrente de *m* por *b*<sup>3</sup>, que neste caso equivalia a uma curiosa modificação do sentido (*mata!* em vez de *bata!*); e em último lugar, pela epéntese, ora de *g*<sup>4</sup>, ora de *r*, de um lado, *batafaluga*, *metafaluga*, *matahaluga*, *matalahuga*; e do outro lado, *batafalura*, *matalaura*<sup>5</sup>. Esta última, interpretada na mentalidade popular por *mata-la-ura*, conduziu na Galiza a *mata-ura*<sup>6</sup>, com omissão do suposto artigo.

Para documentação posso apontar um exemplo castelhano, antigo, de *matahalua*, no *Lirro de Monteria* de Alfonso XI<sup>7</sup>.

E outro português, mais antigo ainda, na *Alreitaria* de Mestre Giraldo. Este cita *batafaluga* como ingrediente de uma das bebidas, da polifarmácia da idade-média, contra a pulmoeira dos cavalos. Nela entravam cozidas em vinho bom, e com gemas de ovo, quasi todas as espécies cheirosas e excitantes (*auswurf befürdernd*) conhecidas então: «cravos girofres (= cariófilos); noz moscada; galingal; cardemomo; cominhos; grãos de funcho, um pouco de açafraão e... *batafaluga*»<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> P. 220: «*Matalahua, Matalahuga, Matalahuva, Matalaura, Matahalua* (*Pimpinella Anisum* L.) *Mata-al-habra* que significa mercancia dulce. Los catalanes dicen *Matafalua* ó *Matafaluga*, y tambien usan las voces anticuadas *Batafalua, Batafaluga* que, segun Engelmann, derivan de *habba-habra*, cuya significación es «semilla ó grano dulce».

<sup>2</sup> Desconheço *mata-mercancia*; e acho que pelo sentido não servia. — No Dicionário de Belvites ha, como antiquado *batafalua*, e como usual *metafaluga*.

<sup>3</sup> Vid. Cornu, §§ 120 e 169; e Dozy, p. xx.

<sup>4</sup> Exemplos portugueses são *melanciga* por *melancia*; *fatiga* por *fatia*.

<sup>5</sup> No Dicionário da Academia Espanhola sancionam exclusivamente *matalahuga* e *matalahuva*.

<sup>6</sup> Vid. Cuveiro-Piñol.

<sup>7</sup> P. 134, cap. vi.

<sup>8</sup> Parte II, cap. xvi (pp. 29-30).

## XXXI

## BOETA

É bom estabelecer que esse galicismo, hoje desusado, é do período arcaico, visto que Mestre Giraldo se serve d'ele <sup>1</sup>. Digo Mestre Giraldo, ou o continuador, que acrescentou cinco parágrafos finais ao *Livro de Alpeitaria*.

A p. 29, 11, recomenda: «que cinco vacas-louras sejam metidas em hũa bueta com unto velho, do tamanho de um ovo»; e se com este ainda não morrerem afogadas, junte-se outro tanto do unto. «E depois que as vacas-louras forem todas mortas, pisará todo ho unto e ellas bem; e desque ffor bem pisado, tornaloás á boeta.

*Bueta, boeta* < *boite* < \**buxida* (de *pyxida*, sob a acção de *buxus*).<sup>2</sup>

Hoje diz-se *buceta, boceta* < \**buxiditta* <sup>2</sup>. Ainda não encontrei a forma primitiva \**boxeta*, á qual corresponde o castelhano *bojeta*.

Caixinha, quer de papelão, quer de madeira, quer (modernamente) de cellulose, em especial para drogas de boticários.

## XXXII

## BOÍNHO—BUÍNHO—BUNHO

São o nome arcaico, o moderno, e o vulgar de uma juncácea (*Schilfrohr*) ou tifácea de cujas palhas, cheias de meolo, se fazem esteiras, cadeiras e outros objectos de uso caseiro. Mas qual? Não se percebe bem, mas é facto que Brotero enfileirou *bunho* na lista das plantas que não pôde observar, nem achou descritas. No *Diccionario Prático* falta. No *Manual Etymologico*, diz-se apenas: «espécie de junco, segundo Bento Pereira» <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Vid. *Fragments Etymologiques*, n.º viii.

<sup>2</sup> Cornu, §§ 105 e 166.

<sup>3</sup> Eu vi *bunhaes* e falei com *bunheiros* em Estarreja e nas margens do Vouga; e sei pelo esteireiro que trabalha para a nossa casa que os melhores juncos, muito redondinhos e muito cheinhos de meolo, vem de Setúbal. Pelo *Dictionario Contemporaneo* consta que os ha no Alentejo. Além d'isso conheço diversos nomes topográficos *Bunheira, Bunheiras* (da região de Estarreja), *Bunhoso, Bunheiro, Bunheiros*.

Mestre Giraldo aproveitava a côdea ou casca do junco (*boinho*) para fazer d'ela um aparelho em redor de pernas quebradas: «toma das palhas dos boinhos e tiralhes o miollo, e faze da cœdea d'ellas tavoletas» (*Caça*, p. 22). Ferreira explica vagamente: «c de cannas farão umas canellas á feição de taboinhas delgadas», (pp. 31-32). O Chanceler traduz: «las cañas del carrico» (p. 272).

Não é provável que esse junco *boinho*, que o físico de D. Denis teve em mente, fôsse o «carrico das lagoas». Pela forma talvez derive antes do latim *buda* (*Schilfgras*). Ou então virá de *tabua* (*Typha minor*), que passa por ser termo puramente berbérico, dos Algarves de aquê m e além mar. Todavia é possível também que seja apenas o lat. *typha*, em pronúncia árabe metatésica, com o prefixo berbere *ta*?

A forma antiga de *tabua* é *atabua*. Gil Vicente fala de «freschas d'atabua» (III, 256); e Miguel Leitão de Andrade refere-se (em 1629) a «esteiras de atabua», num passo pitoresco sobre hotéis, que recomendo aos sócios da Propaganda de Portugal<sup>1</sup>.

## XXXIII

## BOLARMÊNIO — BOLOARMÊNICO

Não tenciono dissertar a respeito das terras argilosas (sigiladas), empregadas, em tempos que lá vão, como tónicos e astringentes; nem dos abusos a que a fé nas suas qualidades medicinaes conduziu tantas damas do século XVII<sup>2</sup>. Apenas vou registar, como sintomáticas da ignorância dos copistas, as metamorfoses por que fizeram passar o vocábulo composto.

Claro que Diogo Fernández Ferreira escrevia correctamente *bolo* (ou *bollo*) *armenico* (vol. II, p. 27) e que no *Libro de Monteria* de Alfonso XI, trasladado por mãos distintas, o termo não foi maltratado<sup>3</sup>. No *Livro de Alreitaria* temos (além da boa forma, 58, 14); *bollo armerjco* (21, 25); *bono almerjco* (42, 17); *bolo almenjco*

<sup>1</sup> *Miscellânea*, Diálogo IV, p. 68. Ele diz *hostaria*.

<sup>2</sup> Creio que o simplez *bol* foi abstraído da composição *bol(o) armenio*.

<sup>3</sup> Quem de sejar informar-se a este respeito leia o interessante artigo sobre *bucarofagia*, com que A. Morel-Fatio colaborou em *Mélanges de Philologie romane dédiés à Carl Wahlund*, assim como o opúsculo que publiquei no *Bull. Hispanique* de 1905 (ano XXVII): *Algumas palavras a respeito de pícaros de Portugal*. (Paris 1905).

<sup>4</sup> No original haveria *bola almenio*?

(42, 16). No das *Aves Caçadores* ha *bualmeiro* (cap. 11, p. 19)<sup>1</sup>; *bolar menique* na obra de Ayala (pp. 263-264), mas também sem êrro *bolarmenico*<sup>2</sup>.

*Almerico, armerico, almenico*, podem passar por variantes populares. O resto, tenho-o em conta de mera corrupção de copistas descuidados.

Ainda havia outra maneira de designar essas grandes pilulas orientaes. O nome que os médicos árabes lhe haviam dado, traduzindo o *bolus* por *طين*, *tin*, *طين أرمني*, *tin-armini*, era usado por seus successores no tempo de Alfonso XI. No seu *Libro de Monteria* surge pelo menos duas vezes, na forma dissimilada *teliarmin*, como ingrediente dos complicados medicamentos que receitavam a cães. No livro II, cap. VII, lê-se: «tomar acienzo et almagista, tanto de lo uno como de lo otro, teliarmin tanto como de amas» (p. 136); e no cap. XX (p. 158), se repete a mesma indicação, tendo a mais «*nuez de ciprés, teliarmin media onza*».

O mesmo adjectivo forma a segunda parte do nome scientifico *pedra armenia*<sup>3</sup>, que Garcia da Orta chama *hager armini*, isto é *حجر الارمني*, *hadjer-el-armini*, contando que com ela purgavam melancolia<sup>4</sup>.

## XXXIV

## CACHAGEM — CACRAGEM

Evidentemente duas formas da mesma palavra. Elas occorrem (com a variante gráfica *chachagem*) nos cap. I e II do *Livro da Caça*, relativos a doenças da cabeça: defluxos simples ou infectiosos. Para a sua cura Mestre Giraldo prescreve, entre outras cousas, pontas de fogo na cova que ha «antre o olho e a ventaa até que ele (o botão de ferro em brasa) toque nas chachagens» (11, 6); sem isso as secreções mormosas tapariam «todos os canos, assy como as ventaas e os olhos e as cachagens» (11, 38); e o continuo corrimento pelas «cacragens da boca» faria nascer «gozmes» (12, 27).

<sup>1</sup> *Armonieco* (*Alycitaria*, 42, 18) «que fede muito», é, a meu ver, *amonniaco*.—Portanto eu pronunciaria *armonieco*.—Valentim Fernández parece confundir as duas cousas, visto que fala de *sal armenico*.

<sup>2</sup> Dozy, p. 350.

<sup>3</sup> *Monteria*, p. 204.

<sup>4</sup> *Colóquio XI. III* (vol. II, pp. 203, 204, 212).



Vejamos como Ayala entendeu essas indicações. No capítulo da agua vidrada diz: «ponle aquel boton bien caliente en un foyo que le fallaras entre el ojo y la ventana et por tantas veces gelo pon quel boton vaya dentro a las entrañas de las narices» (p. 222). No segundo trecho enuncia apenas que a tal agua vidrada «atapa los caños así de las ventanas, et de ojos et de narices» (p. 223). Finalmente explica que «aquella agua correndo por las narices a la boca cria guermeces» (p. 235) <sup>1</sup>.

Evita portanto o termo *cacragem*, ou porque o não entendesse, ou porque não lhe achava correspondência em castelhano.

Sem os precisos conhecimentos de anatomia apenas posso conjecturar que se trate da parede divisória do nariz (e dos dois canaes que a ladeiam, visto que o vocabulo so aparece no plural). E também, que o nome d'essa parede fôsse *cartilagem*, pronunciado *ca'lagem*. Com supressão do r, em contacto com duas consoantes, como p. ex. em *sacho* < *sa(r)c'ium*; *cacho* < *ca(r)c'ium*; *macho* < *ma(s)c'ium*; *facha* < *fa(s)c'ia*; *sobejo* < *sope(r)c'ium*.

P. S. — Nos Excerptos publicados por Nic. Rigault encontro a seguinte definição: «super nares ubi vertex coniungitur oculo ad nares». (*Excerpta ex libro incerti auctoris de natura rerum*, p. 204).

## XXXV

## CAÍNHIO

*Caínho* < *caninus*. Forma divergente, popular, portanto da literária *canino* =- próprio de cão; que pertence ou diz respeito ao cão. — Foneticamente, esta etimologia é tão simplez e transparente <sup>2</sup> que admira não fôsse de ha muito registada <sup>3</sup>. O motivo é: a falta de exemplos selectos em que o adjectivo conservasse o seu sen-

<sup>1</sup> Ferreira não se cinge ao tratamento usado no seculo xiv.

<sup>2</sup> As formas intermedias \**caño*, \**caño*, desapareceram depressa. No seculo xiii. Ou anteriormente, visto que nas *Cantigas de Santa Maria* e em outros textos coevos ha muitas formas com *-inho* por *-io* (*festinho*, *frontinho*, *aginha*, *madodinho*, *ladinho*).

<sup>3</sup> No de H. Michaëlis ha *raça canha* = *Hunderasse*. Confesso não me lembrar de onde tirámos a fórmula, não registada nos outros léxicos. Provavelmente de um tratado de zoologia. — O adjectivo também é traduzido correctamente em primeiro lugar por: *vom Hunde*.

tido primitivo. Os dicionários, com uma única excepção <sup>1</sup>, registam apenas o sentido figurado «mesquinho, miserável, de bolsa apertada, tacanho» <sup>2</sup> (*geizig, filzig, knausrig; armselig, elend*). E, levado por essas guias, é que o editor do arcaico livro de caça traduziu com «mesquinhas, acanhadas» a locução «caynhas em comer», que é o ponto de partida da minha descoberta.

Mestre Giraldo nota que ha aves de caça tão vorazes e sôfregas, isto é, com fome habitual tão canina, que, ao arrancar-lhes a presa, o cetreiro, impacientado, leva ás vezes com ela as unhas ou a unha do falcão. «E por o caçador sanhudo acontece que ha hy aves caynhas em comer, e quando o caçador o quer despollegar saylhe a hunha» <sup>3</sup>.

Ayala comprova a minha etimologia, pois diz que «hay falcones que son caninos al comer, et quando el cazador quiere desempulgar su ave, con queja que toma [—] com a raiva que se apossa d'ele], sacale la unha» <sup>4</sup>. Em outro lugar já havia empregado o mesmo qualificativo, caracterizando os falcões *baharis* como especialmente «rabiosos, caninos et trabadores» <sup>5</sup>.

Ferreira repetiu posteriormente, com mais clareza ainda, que ha muitos «falcões tão cainhos, famintos e apegadores que estando aferrados na ave que matam, os não podem desaferrar d'ella» <sup>6</sup>.

É isso mesmo: tendo fome canina <sup>7</sup>, estão aferrados no que tem entre as unhas.

Tal qual o avarento que sempre quer mais, e não larga o que uma vez agarrou.

Qualidade de animaes bravios, «e de muita fome, tragões e cainhos» <sup>8</sup>.

O sentido de «cnico, vil, impudente, desavergonhado», em que outros idiomas empregam *canino* (*hündisch*), liga-se em português sobretudo ao feminino *cadela* (e a *cabra*). Ha, todavia, quem se sirva de *canino* nessa acepção.

<sup>1</sup> No *Diccionario* de Domingos Vieira se enunciou a ideia de *canho* derivar de *cão*. O adjectivo que se aponta é todavia *caneus*.

<sup>2</sup> Alguns põem *miserio* em vez de *miserável*.

<sup>3</sup> Cap. xi (p. 19, 28-30).

<sup>4</sup> P. 263.

<sup>5</sup> P. 169.

<sup>6</sup> Vol. II, p. 27 (II, cap. XVI).

<sup>7</sup> Na Alemanha dizemos *fome de lobo* (*Wolfshunger*).

<sup>8</sup> *Altanería*, vol. I, p. 141.

Vejamos agora os derivados: primeiro de *canho*; depois do tema *can* e *cão*, e como apêndice os de *catulus*, *catellus*.

De *canho*, «sovina», vem *cainheza*, «avareza», *Knanserei*. Ha exemplos clássicos em Jorge Ferreira de Vasconcelos, pois fala na *Eufrosina* (p. 102) da «cainheza de um amo (de vosso amo)». O exemplo típico de *canho* — «cheio de fome e de miséria», está onde o procurei. Em Gil Vicente. Nas *Trovas da Maria Parda*, que geme:

Oh anno triste, canho,  
porque nos fazes pagãos! \*

Parco de uvas, obrigando os devotos de Baco a matarem a sêde «pela lei de Mafamude, com a triste da agua fria». De *canho*, *canino*, podíamos derivar o verbo *cainhar*, «latir», como cão batido que se queixa, com a cauda entre pernas, a guinchar *Caim! caim!*<sup>3</sup> É todavia mais provável que *cainhar* venha de *cain*, imitação onomatopaica do grito canino<sup>4</sup>.

Do tema *can* ha derivados populares: como os aumentativos *canaç* e *canzarrão*; os diminutivos *canito* e *cãozinho*; *canil* e *canzil* (*Hundestall*)<sup>5</sup>, *canejo*; *cançoada*, *cançoal*, assim como o internacional *canalha*<sup>6</sup>. Outros são eruditos como *canino*, *canina*, *canicula*.

Anteriores a todos, do período em que a metátese de *n* intervogal originou *vinda*, *finda*, *trindade*, *painço*, *maunça*, etc., são *cainça*<sup>7</sup>, *cainçada*<sup>8</sup>, *cainçalha*<sup>9</sup>, tres nomes diversos que desi-

1 Cfr. *Ulysipo*, II, 2.

2 Vol. III, 368.

3 Gil Vicente usa de *hã!* *hã!* (III, 15) em rima com *mã!*.

4 É conhecida a seguinte lenda: Abel tinha um cão que estimava muito. Quando Caim matou Abel, o cão foi pelo mundo fora a dizer: *Caim! Caim!* D'aquí o grito do cão quando lhe batem. — Vid. Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 197.

5 Neste sentido falta em quasi todos os Dicionários portugueses.

6 Os estrangeiros talvez não saibam que, no Norte de Portugal, *canalha* se aplica sobretudo à pequenada, pensando assim o caracter de impropriedade que tem nos outros países.

7 Gil Vicente, III, 20: *Mã cança que te coma!*

8 *Ibid.*, III, 15: *Não ouço bem com a cainçada!*

9 Também se diz *cainçalha*, se os dicionaristas falam verdade.

gnam um ajuntamento, um bando, uma multidão, quer de cães, quer de gente vil. Tanto podem provir de *can + itius*, como de *can + icius*.

Com queda completa de *n* existe em Trás-os-Montes *queira* < *canaria*, «matilha de cães».

De *cat'lus*, pronunciado *caç'lo*, talvez viesse *cacho* e *cachorro*. *Cadelo*, *cadela* < *catellus*, *catellas*. *Escanzelado* e *escanifrado* (magro como cão faminto) — e também *canifraz*, vulgarismos, com máscara de entrudo, só poderão ser satisfatoriamente explicados, se os agruparmos com outros termos carnavalescos.

\*

Quanto a *cauho*, *cauhoto*, *acanhado*, *canhestro*, ignoro por ora se tem relações de parentesco com *cainho* de *can*. O sentido primordial foi, salvo erro, «esquerdo. desajeitado».

\*

*Caíno* — termo isolado, recolhido por Santa Rosa de Viterbo<sup>1</sup>, mas sem documentação que o autentique, talvez seja mero erro de escrita ou imprensa por *cainho* (na aceção de *cauhenho*). Ponho-o de banda, como se fôsse contrabando<sup>2</sup>.

### XXXVI

#### CALDEJAR

Na escrita de Mestre Giraldo encontramos, como em todos os textos arcaicos, bastantes vezes *g* onde a etimologia exige *j*, conseqüência fatal dos dois valores que tem em português. Temos, por exemplo, *orgo* por *orjo* < *hordeum* (*Alreitaria*, 10, 20 e 22; 33, 6); *rrigo* em vez de *rijo* < *rigidum* (*ibid.*, 55, 10); *esponga* (57, 7); *megar* por *mejar* < *mejare* (por *mejere*); *esfregē* (10, 4); *abranga* (21, 27); *tanga* (19, 3); *langam* 55, 21).

<sup>1</sup> Do *Elucidário* passou aos Dicionários.

<sup>2</sup> *Petição de miséria e pobreza, feita ao Príncipe e seus ministros*. — A não ser termo oriental, bem podia ser o requerimento de um mesquinho, *avaro* e *avido* = *cainho* portanto.

À vista d'esses exemplos entendo *caldejem* onde vejo «caldegemhy com ella muyto as pernas» (ibid., 33, 39); e também *caldeja* onde ha *caldega* (*Caça*, 11, 21 e 26, 5). Em todos os tres casos trata-se de aquecer ou aquestrar certos lugares do corpo constipado, quer de aves, quer de cavalos <sup>1</sup>.

Na tradução de Ayala ha sempre *caldear* <sup>2</sup>, que em Portugal é hoje a única forma usada. Na Galiza subsiste todavia a forma *caldejar* <sup>3</sup>.

*Caldegar*, de *cal'dificare* não seria impossível: em tempo de D. Denis devia, comtudo, ter a forma *caldeguar* ou *caldevegar*, se existisse <sup>4</sup>,

## XXXVII

## CANAVEA — CANAVEAL

c

## OUTROS DERIVADOS E COMPOSTOS DE «CANA»

*Canaveal*, *cannaveal* <sup>5</sup>, ou modernamente (com grafia sónica) *canavial*, é um conjunto de *canas* e o lugar onde elas crescem ou se plantam. *Canas* — isto é, *arundines*, *junci*, *calami*, e, sobretudo, *cannae* <sup>6</sup>. Em regra, das bravias, comuns, ordinárias, indígenas; mas por excepção, espécies exóticas, preciosas, como o *bambu*, a *cana de açúcar*, etc.

O tema *cana* deve estar no derivado *canavial*. Para illustração,—mas também com fins recónditos que o leitor verá depois,—copiarei um dos trechos documentaes que conheço, por ser belo, pela sua ingenuidade. Imagine o leitor os habitantes de Coimbra, a sairem pelas portas da cidade, festivamente, ao encontro do Mestre de Avis: «todos com cavallitos de cannas, que cada um

<sup>1</sup> Gabriel Pereira traduz «soldar», o que não é bem exacto.

<sup>2</sup> No *Libro de Monteria*, claro que *caldear* é também frequente (vid. p. 194).

<sup>3</sup> Quanto a *-ear* e *-ejar* de *-idiare*, vejam-se Cornu, § 195, e Schuchardt em *Literaturblatt*, 1884, n.º 2.

<sup>4</sup> Em Trás-os-Montes ha *verdegar* por *verdejar*.

<sup>5</sup> É assim que está em Bluteau, Moraes, Constância, etc.

<sup>6</sup> A classificação pliniana de *arundines*, *cannae*, *calami*, como maiores, medianas e pequenas (*Rohr*, *Riet*, *Schilf*, *Binse*) não tem razão de ser.—Brotero, *Nomes Triviaes*, define a cana ordinária (que chama também *caneira*, como *arundo donax* (cana das flautas), e *carriço* (*carex*) como *arundo phragmites*. Ambas as espécies são vulgarissimas em Portugal.

fazia nos cannaviaes; com pendões; correndo todos e bradando: *Portugal, Portugal, por El-Rei D. João* <sup>1</sup>. E diga *in petto* que esses taes habitantes eram decerto criançolas <sup>2</sup>.

O sentido e a origem da segunda metade de *canaveal* são todavia problemáticos.

Sei de duas tentativas etimológicas. Segundo F. A. Coelho (e, independente d'ele, também segundo A. A. Cortesão), teríamos em *canaveal* o nome *cânave* e o sufixo *-al*. Pela explicação muito lacónica que dá o autor do *Manual Etymologico* <sup>3</sup>, não se percebe porém se com *canave* «de *cana*, forma antiquada», ele queria dizer (como suspeito) que *canave* (*canáve*?) <sup>4</sup> era um derivado antigo, mas hoje perdido, de *cana*; ou então que se trata de *cânave*, representante de *cannabis*, forma antiquada de *cánnabo*, *cánamo*, *cânhamo* (*Hanf*). Quanto ao autor dos *Subsídios* <sup>5</sup>, diz-nos claramente que esta última opinião é a que defende. Como se *cânhamos* e *canas* fôsem idénticos!

A outra tentativa é de J. Cornu. Ele vê <sup>6</sup> em *canavial* (como em *canaveira*) derivações de *calamus* + *canna*. Entendo que, além dos sufixos *-eira* < *-aria* e de *-ial* distingue nos vocábulos citados dois substantivos, fundidos num só, *cana* e *cálamo*. Aquele inteiro; este abreviado: contraído em primeira instância em *caam*, *cam*, e depois condensado em mero *m* por supressão da sílaba inicial, com o fim de anular a reduplicação aparente <sup>7</sup>. Finalmente, a tal *cana[cala]meira* veio a ser *canaveira*, por troca de *b* e *m* <sup>8</sup>.

Teóricamente, a junção dos sinónimos *cana* e *cálamo* seria

<sup>1</sup> Fernam López, *Crónica del Rey D. João I*, parte I, cap. lxxxI (ed. de 1807, que é reprodução da de 1644).

<sup>2</sup> Em baixo veremos a lição autêntica que confirma essa suposição.

<sup>3</sup> *Loc. cit.*, s. v. «canavial».

<sup>4</sup> Ele não emprega acentos gráficos. — A minha suposição baseia-se nos artigos *canave* = *canavee* do *Dicionário* de Frei Domingos Vieira, de que foi revisor.

<sup>5</sup> «De *cânave*, do lat. *cannabis*», s. v. «canavial».

<sup>6</sup> Vê: ou viu, uma vez que na 2.<sup>a</sup> edição do *Grundriss* não repetiu a concepção que enunciara no § 120 da primeira.

<sup>7</sup> J. Cornu dissera concisamente: «Ableitungen von *calamus* + *canna*». Mais acertado fôra *canna* + *calamus*, se no texto interpreto bem o seu modo de ver.

<sup>8</sup> O § 120, em que o cuidadosíssimo e arguto romanista falava de *canaveira*, *canavial*, é dedicado á troca de *b* e *m*. Mais simplez teria sido portanto citar ahí as formas modernas *cánamo*, *cânhamo*, que substituíram as antigas *cánabo*, *cánave* e *câneve*; assim como *canhamaço*, correspondente ao arcaico *canhavaço*.

possível; mas somente se *cálamo* fôsse vocábulo vulgar. — o que não é <sup>1</sup>. Sendo semi-erudito, não circulando na boca de muitos, não podia passar por tantas alterações e ficar reduzido a um único som, que já não dizia nada ao espirito das massas.

Quanto á confusão entre *canna* e *cannabis*, em que pelo menos um dos eruditos Portuguezes acredita, repugna-me crer que o povo, em geral bom observador de fenómenos naturaes, equiparasse plantas vulgares, cultivadas frequentemente pelo mesmo lavrador; plantas que não tem nada comum, nem no seu aspecto geral, nem nas extensões de terrenos que elas costumam ocupar — me-  
ras bordas á beira de regatos quando *canaviaes*, e agros inteiros quando *canavaes* —, nem tão pouco nos tratos por que passa, ou nas suas applicações. Nada, a não ser a silaba inicial de seus nomes.

A *cana* — simbolo biblico da inconstância e fraqueza — servia de flauta ao pastor, de vara de pescar aos marinheiros, de castiões aos cortesãos em provincia <sup>2</sup>, de simulacro de lança em jogos cavalleirescos, e, como vimos, em festejos improvisados de crianças. D'ela faziam e fazem com simplez atilhos, *caniços*, *caniças* e *caniçadas*: tectos, telhados de cabanas e palheiros, adufas, etc. <sup>3</sup>. O *cánhamo* (*linho cánabo*, *linho cánevê*), pelo contrario, dá filamentos para obras de cordoaria e outras obras téxteis. Suas sementes são alimento de aves e pássaros. Na botica é que talvez esses *cañamones*, o rhizoma aromático de algumas *canas*, e a polpa da *cana fistula*, se poderiam ter encontrado. Mas não confundido.

Formalmente um derivado *canáve* de *cana* é inverosímil, por não haver sufixo *-ave* <sup>4</sup>; e *-ial* por *-al*, aceitado como crível por

<sup>1</sup> *Cálamo* existe na península exclusivamente como *mot savant*. Em Portugal denomina em botânica a cana dos cereaes (vulgarmente *colmo*): entre os poetas bucólicos, a flauta pastoril; entre os escrivães e escrevedores, a caneta dos antigos. Na Galiza originou uma bonita corrupção etimológica, mas somente entre os semi-eruditos da botânica: *calamagosto* por *calamus agrostis*.

<sup>2</sup> *Castiçal* = *canicistall*, com metátese de *ç* e *st*, como mostrei em *Rev. Lusitana*, xi, p. 25.

<sup>3</sup> *Canas* partidas ao longo em duas, em quatro ou em mais tiras (nas artes de alveitaria, cetraria e montaria) para a feitura rápida de aparelhos, applicados em casos de fractura de ossos, como já se viu no artigo *Boinho*. Mestre Giraldo recomenda tavoletas de *buinho* (*Caça*, 22 e 23). Alfonso XI *tablas de cañajeja* (*Monteria*, p. 15).

<sup>4</sup> De *suave* e *grave*, únicos adjectivos em *-ave*, mal o poderiam ter abstraído. De mais a mais, não ha vestigio de *canáve*. Só de *canávê*, como o leitor verá.

todos os tres etimologistas, é tão duvidoso como o acrescentamento de *-al* ao vocábulo inteiro (*cánave*), sem supressão da átona final <sup>1</sup>.

\*

Que resta pois a favor das duas etimologias? Nada. Nem mesmo um indicio que a principio me perturbou um pouco. Uma cantiga popular arcaica, em que *canas* e *canavaes* <sup>2</sup>, isto é, plantações de *cánave* caminham de mãos dadas:

Canas do amor!  
Canas,  
Canas do amor!

Polo longo de hum rio  
Canaval está florido.

Canas do amor! <sup>3</sup>

Julgo, comtudo, que não devemos separar essas *canas do amor*, do *canaval* inteiro <sup>4</sup>. A meu ver elas são os talos altos e erectos, às vezes gigantescos, quer do cânhamo sativo, quer do cânhamo de água <sup>5</sup>, ou de outro arbusto análogo, pois *cana* não denomina apenas a haste flexível, ôca e nodosa das verdadeiras gramíneas com folhas de espadana, mas também o talo, de polpa, de outros vegetaes que tem qualquer semelhança com *arundo*, *calamus*, *cana*, *carex*: *junco*, *tabua*, *buinho*, etc.

<sup>1</sup>No capítulo de Meyer-Lübke, relativo a *-al* em substantivos que designam o lugar onde crescem plantas (II, 435), está por engano *cañavan-* em vez de *cañaver-*. Eu pelo menos desconheço *cañavanal* do já raríssimo *cañavana*.

<sup>2</sup>Note-se bem *canaval*. Evidentemente um agro canhameiro, ou um grupo de plantas análogas no seu porte ás *cannabáceas*, quaesquer que fôssem.

<sup>3</sup>Fragmento de um cantar paralelistico, com refrão anteposto, á moda do periodo galego-português. Quem o conservou foi Gil Vicente (vol. III, p. 143).

<sup>4</sup>Não tive ensejo de verificar o vocábulo na edição-principe. Se lá houver *canavial*, nem por isso deixam de existir *canaval* e *canavaes* (pelo menos em nomes topográficos).

<sup>5</sup>Penso no cânhamo de agua, (*Wasserhanf*; *Eupatorium cannabinum*; *chanvrine* em francês) que durante todo o verão enfeita as margens do rio Leça com as suas umbelas ligeiramente rosadas. Nem os canavaes comuns nem os canaviaes ordinários, são, de longe, tão bonitos como os formados por essa *syn-genesia* rústica.



Portanto, resta apenas este facto: que o povo teve de apegar-se a processos um pouco descomunes a fim de tirar de *cana* os derivados precisos <sup>1</sup> para designação de espécies, objectos feitos de cana, actos em que elas figuram, e o lugar onde crescem, etc.

*Canal*, p. ex., formado segundo a regra geral, não se prestava, porque o mesmo vocábulo já existia pronto, com significação diversa, vinda de Roma. *Caneiral* nem mesmo foi tentada, porque *caneira* < *canaria* não é formação antiga e vulgarizada. Instintivamente tomaram para ponto de partida um sinónimo, mais sonoro e mais pregnante: o composto *canavea*.

\*

Mas que é *canavea*?

Passo a dizer qual o caminho que seguí depois de haver descartado as tentativas alheias. Persuadida de que *canaveal* não estaria completamente isolado, procurei termos aparentados, e encontrei: o verbo *canavear* (*canavear*, *acanavear*) <sup>2</sup> e os nomes *canavea*, *canavee*. O verbo significa meter pedaços de canas por entre as unhas de alguém, para atormentá-lo ou supliciá-lo, costume atroz de Mouros e Turcos para com os seus prisioneiros. Ocorre quasi exclusivamente em obras históricas, que referem casos acontecidos <sup>3</sup>.

*Canavea* ocorre na versão arcaica da *Biblia*, que Frei Fortunato de S. Boaventura inseriu nos *Inéditos Alcobacenses* <sup>4</sup>. Símbolo da fraqueza e volubilidade, tal qual *cana*. Um enviado de Sanherib, da Assíria, admoesta o rei Ezequias, mandando-lhe dizer entre outras cousas: «se confias no rei do Egypto, encostas-te em *cajado de canavea*» <sup>5</sup>. Na tradução de J. F. de Almeida ha *bordão de cana quebrada*. A mesma figura é referida na *Côrte imperial* <sup>6</sup> a pessoas, confiadas em demasia, e que se estribam em cousas

<sup>1</sup> Ainda assim parece que o povo emprega ás vezes *canal*, na acepção de canavial. Uma quadra açoreana, principio de um despique, principia: *Entre canas e canaes*. Os Castelhanos possuem *cañal*.

P. S.—O meu amigo Leite de Vasconcellos lembra-me, ao rever das provas, que o povo da Beira Alta emprega *canal* por *canavial*.

<sup>2</sup> Em castelhano *cañaverar*.

<sup>3</sup> P. ex. Zurara, na *Crónica do Conde D. Pedro*, cap. lvi; Andrada, na *Crónica de D. João III*, parte II, cap. cx; Goes, na *Crónica de D. Manuel*, II, 81; Mariz, *Diálogos*, IV, 18; Meneses, *História de Tanger*, III, 82.

<sup>4</sup> Vol. III, p. 75.

<sup>5</sup> *Livro dos Reis*, IV, cap. xxv, que corresponde a on, cap. xviii, 21, da *Vulgata*.

<sup>6</sup> Ms. 814 da Biblioteca Municipal do Porto (fl. 48 e 50) — impresso agora mesmo, como vol. I de uma *Colecção de Manuscritos Inéditos*. Porto 1910.

vãs: *sobre o bago da canavea quebrada*. Muito depois de conhecer esses passos <sup>1</sup>, tive o prazer de encontrar outro, muito curioso, do século xv. É a lição original, autêntica, da scena da entrada de D. João I em Coimbra, que já narrei. Na cópia melhor da crónica original das arquivadas na Torre do Tombo <sup>2</sup> trata-se de um cortejo infantil, improvisado, de cachopos «com cavallinhos de canas, que cada hũu fazia, e nas mãos canaveas <sup>3</sup> com pendões». Ou «como pendões?»

Agora vejo no *Livro de Alveitaria* que em certas enfermidades dos cavalos lhes applicavam cataplasmas de «rajz de canavea, malhada, e com manteiga» <sup>4</sup>.

Além d'isso descobri, ahí mesmo, um exemplo da variante *canavee*, a qual antes tivera em conta de mero erro de imprensa, quando apenas conhecia um único caso.

O fisico de D. Denis recomenda de novo o remédio citado, contra feridas causadas por espinhas ou estrepes: «É outrossy val pera esto a rrajz de canavee» <sup>5</sup>.

Na *Regra de S. Bento*, que faz parte dos *Inéditos* de Alcobça, a comunidade dos frades é incitada a não esquecer a parábola da cana rachada (*vom zerstossenen Rohre*): «E némbresse da *canavee* esfachada: nom na quebrante!» <sup>6</sup>.

Para analisar correctamente essas formas que haviam dado que pensar a todos os investigadores <sup>7</sup>, pus-me a observar os processos empregados por Portuguezes e Castelhanos na denominação das numerosas espécies de *cana* que medram na península.

*Cana*, sem mais nada, é, como sabemos, ora o nome genérico do caule, colmo, cálamo, tronco, quer ôco, quer meduloso, não

<sup>1</sup> O exemplo contido nos *Inéditos* já anda nos *Diccionários*; só nos melhores, bem se vê.

<sup>2</sup> Publicada por Braamcamp Freire como brinde valiosíssimo do *Archivo Historico Portuguez*.

<sup>3</sup> P. 342 da edição de 1909. Por não entenderem e nas mãos *canaveas*, substituíram esse pormenor característico de jogos infantis pela frase *enos canaviaes*. Vejam o artigo CANAVOERA, onde dou outro exemplo.

<sup>4</sup> Cap. xxxv (p. 44, 3).

<sup>5</sup> Cap. xli (p. 51, 4).

<sup>6</sup> Vol. 1, p. 284.

<sup>7</sup> No *Elucidário* de Santa Rosa de Viterbo ha *canavee*; alhures ha *cananea*. Cortesão pronuncia *canávea* e deriva-o de *cannabis*, *canávea* < *canabea*. Ad. Coelho, finalmente, subordina-o a *canáve*, no *Diccionario* de Frei Domingos Vieira, e indirectamente também no *Manual Etymologico*, como já deixei explicado no texto.

só das gramíneas, mas também de plantas semelhantes; ora é nome da cana comum, bravia, ordinária. Para caracterização de espécies servem quer qualificativos como em *cana-van*<sup>1</sup>, *cana-verde*<sup>2</sup>, *cana-doce*<sup>3</sup>, *caña-rroya*<sup>4</sup>, quer substantivos apostos como em *cana-fistula*<sup>5</sup>, *cana-frecha*<sup>6</sup>, *cana-bras*<sup>7</sup>, etc.<sup>8</sup>. Ou então complementos determinativos, com a preposição de: *cana de açucar*, *cana do mato*, *cana das lagoas*, *cana da Índia*, *cana dos brejos*, *cana de macaco*.

<sup>1</sup> Que eu saiba, espécie de trigo, idêntico ao trigo *cañi vano* ou *cañi-hueco* de Castela. Segundo Candido de Figueiredo, planta aquática. — Creio que o adjetivo *vão* < *vanus* entrou em outros nomes de plantas, por *fas* ou por *nefas*; p. ex., em *urgevão*. Mas ainda não prestei atenção a essas formações.

<sup>2</sup> As cantigas e danças da *cana-verde*, *verde-camuiha*, são bem conhecidas. E não menos o *Senhor da cana-verde*.

<sup>3</sup> Em Castela *caña dulce*. Na Galiza *cañadu*; era nome da flauta, antigamente, segundo Cuveiro-Piñol.

<sup>4</sup> Parietária: *canna-roja* em Catalunha. Em Castela ha além das já citadas: *cañarota*; *caña hedionda*, e sobretudo *caña vera*.

<sup>5</sup> *Cassia fistula*. Vid. Garcia da Orta, *Colóquio* XIV.

<sup>6</sup> *Frecha* por *fercha* < *feric'la*. Essa forma *frecha* conservou-se porque a *cana ferula*, cortada em ponta de frecha, servia de lança nos jogos desportivos de cana (*Rohrspielen*). Topograficamente ha diversos *Cannafrexaes*, mas também *Cannafichal* e *Cannaficheira* (com queda do *r*). *Ferula*, o verdadeiro nome latino do *Gertenkraut*, *Rutenkraut* (*spanisches Rohr*) deu em castelhano *ferla*, *herla*, *erla*, mas também *huerla*, (*cañaherla*) *cañaherla*, *cañierla*, *cañerla*; *fer'c'la* deu *jelga*, mas também *heja*. A variante *cañareja*, que também anda nos léxicos, não se explica a não ser por influência de *reja*, possível se da *ferula*, como da cana comum, faziam grades, adufas, *celosias*, etc.

<sup>7</sup> É o *heracleum sphondylium* — branca ursina (*Bärenklau*), umbelifera frequente em lameiros portugueses. O nome latino é estropiado em quasi todos os dicionários, mas sempre de modo diverso. Mas que tem de fazer nele o nome próprio de *Bras*? Como ha a variante *canabaço* (que colhi em Entre-os-Rios) suponho que esta seria a forma primitiva (de *cannabaceus*), modificada depois por etimologia popular.

Caso, portanto, de fusão ou confusão entre *canna* e *cannabis*, numa planta que não é *cana* nem *cánave*.

<sup>8</sup> A cana aromática geralmente chamada *acorus calamus* (grego *ἀκόρος*; vid. Garcia da Orta, *Colóquio* X) chama-se em Castela *cañacoro*. A pronúncia errónea *acôro*, em lugar de *ácoro*, que esta formação indica, parece que também se introduziu em Portugal. Em Espanha ha também *caña + miel*. A *canavoura*, forma portuguesa cujo segundo elemento é escuro, dedico um artigo. *Cannaberge* (com a variante gráfica, ou antes mera deturpação gráfica *cana-berge*, embora Brotero a incluisse nas suas listas), não é *cana* nenhuma; é o francês *canneberge*, que pela sua vez é corrupção do inglês *cram-berry* (*vaccinium oxycoccus*).

*Canavea* — com *canaveal*, *canavear* e os nomes topográficos *Canaveias*, *Cannarial*, *Cannariaes*, tem lugar em ambas as categorias: *canavea* é *canna* + *avena* (como o espanhol *cañacoro* é *canna* + *acorus*); *canavee*, formação antiga que teve de deixar o campo por causa da insólita terminação, é *canna avenae*, um dos casos portanto em que a declinação latina deixou vestígios em português <sup>1</sup>.

Para me darem fé, só falta, penso eu, a prova de que a aveia era cultivada em Portugal; e que não sòmente o grão se aproveitava, mas também a *cana*. Ainda aqui é Mestre Giraldo que no-la ministra. Creio que também as *Cantigas de Santa Maria* confirmam poéticamente o que o erudito enunciou em prosa chã, mas não encontrei o passo relativo a um cavalo encevadado de aveia, que tenho em mente <sup>2</sup>.

No *Livro de Alveitaria* fala-se a meude das gramineas preciosas que dão grão, e enumeram-se milho, trigo, cevada, aveia, orjo, ladela. Quanto aos cavalos, os vegetaes que mais lhes convém, «as coussas que os cauillos deuem a comer som estas: ffeno e palha, orgo (= orjo), aveia, e cousas semelhantes» <sup>3</sup>.

A *cana* da aveia servia de flauta pastoril. Os Quinhentistas e Seiscentistas, como imitadores dos poetas bucólicos gregos e romanos, dão ao instrumento rústico, ora o nome de *cana* <sup>4</sup>, ora o de *avena* <sup>5</sup>. Creio que, para concluir, bastará um, que vale por todos, — o cantor dos *Lusíadas* na alocução a Caliope:

Dai-me uma furia grande e sonora <sup>6</sup>  
e não de «greste avena ou frauta ruda.

Da popularidade da planta como cereal até dão prova alguns provérbios, como: «De trigo e de aveia, minha casa cheia», e «Sega sua aveia quem ganhar deseja». Em derivados conheço

<sup>1</sup> Vid. Cornu, § 305, e Leite de Vasconcelos, *Revue Hispanique*, II, 117.

<sup>2</sup> Apenas dei, nos meus apontamentos, com uma cantiga relativa a um mi-lagre «como Santa Maria do Porto (notabene o *Puerto de Cadix*), guarriu um cavalo d'um escrivão del Rey», mas ahí não é aveia, mas antes muita cevada que comeu.

<sup>3</sup> Cap. xx (p. 10, l. 20).

<sup>4</sup> Na *Égloga vi*, do Dr. António Ferreira, ha o verso: «ao som da pastoril e baixa cana»; na Prosa x da *Lusitania Transformada*, de Álvarez do Oriente, outro que diz: «na destra cana alegre som fazendo».

<sup>5</sup> Em rima quasi sempre com *amena* e *camena*.

<sup>6</sup> *Lusíadas*, I, 5.

apenas *aveal* (campo de aveia) <sup>1</sup>. Claro que trigo e cevada eram mais estimados, de sorte que ha referências depreciativas da aveia <sup>2</sup>.

\*

Entre os derivados de *cana* um só teve força produtiva — *caniço* < *cannicius*, pois d'ele saíram: *caniça*, *caniçada*, *caniçado*, *caniçal*, *caniçoso*, *canicinho*; e numerosos nomes topográficos *Caniço*, *Canigos*, *Canica*, *Canigas*, *Canigada*, *Canical*, *Canicaes*, *Caniceira*, *Caniceirinho* (quasi sempre com *m*) <sup>3</sup>.

Como sinónimo temos, além d'isso, *carricho* por *cariço* < *cari-cius*, de *carex*, comquanto originariamente denominasse apenas uma espécie (*carex acuta*). *Carrica*, *Carrical*, *Carricosa*, existem como apelativos, e como nomes de lugares <sup>4</sup>.

### XXXVIII

#### CANAVERA — CANAVEIRA (5)

Refiro-me ao vocábulo denominador de uma espécie ou de várias espécies de *canas*, para o qual já descartei (creio que de modo convincente) a derivação de *cannabis*, por ser semasiologicamente inaceitável <sup>5</sup>.

<sup>1</sup> No *Elucidário* ha *aveaco* = pão de avea. Mas um exemplo só não convence. Em Frei Domingos Vieira vejo-o transformado em *aveaço*. A emenda parece-me boa. Todavia desejava encontrar a sua confirmação. *Aveaço* < *avenaceus*.

<sup>2</sup> Numa das *Églogas* de Sá de Miranda é o aldeão queixoso que diz:

Comem o trigo, nós d'avea.  
Eles bebem, homem sua;  
doe-lhes pouco a dor alhea.

Cfr. *Cancioneiro Geral*, II, p. 566: *porque lavras... em campo que certo é que nem colherás avea?*

<sup>3</sup> Vid. *Corographia Moderna* de João Maria Baptista, livro excelente, mas impraticável, por causa do sistema de referências, e só utilizavel por quem tiver muito vagar e muita paciência. Prefiro recorrer ao *Novo Dicionário Corográfico*, de F. Cardoso de Azevedo (Porto 1906).

<sup>4</sup> P. S. — Leite de Vasconcelos junta agora Carrazedo, Carrazeda e Carrgado.

<sup>5</sup> Quanto a *Canaveira* = *canaveira*, agro de *canave*, veja-se o artigo CÂNEVE.

Cornu menciona a forma galego-portuguesa no mesmo parágrafo em que se ocupa de *canaveal*, juntamente com as formas castelhanas *cañavera*, *cañaveral*, como se correspondessem ás portuguesas não só quanto ao sentido, mas também formalmente, e quanto á etimologia, o que é êrro <sup>1</sup>.

Já mostrei que *canaveal* vem de *canavea* < *canna* + *avena*. *Cañavera*, pelo contrário, é *canna* + *vera* <sup>2</sup>: a indígena, comum, ordinária, bravia, que o povo considera como a única *verdadeira*, em opposição ás falsas, estrangeiras, exóticas, preferindo o termo composto por achar vago e equívoco o mero *caña*. Tal qual em Portugal. De *cañavera*, e não de *caña*, derivaram por isso *cañaveral* <sup>3</sup> e o verbo *cañaverar* (*cañaverear*; *acañaverar*; *acañaverrear*) <sup>4</sup>, com *cañaverero* e *cañavereria*.

Quem duvidar de que *cañavera* seja antigo sinónimo de *caña*, leia p. ex. o cap. xxv do *Livro de Monteria* de Alfonso XI, onde o régio escritor expõe, sem o aprovar, um meio supersticioso para impedir os cães de saírem da casa dos seus donos <sup>5</sup>. Usando duas vezes o termo composto, substitue-o cinco vezes por *caña*. Como simbolo de extrema leviandade é que Frei Luis de Granada menciona a «cañavera que se muda á todos vientos».

Na Galiza perderam por completo a consciéncia dos elementos constitutivos de *cañavera*, se não estava já perdida em Castela. Segundo Cuveiro Piñol dizem *canavela* e *canivela*. Além d'isso empregam o masculino *canaveiro*, em estilo chulo, para designar um homem alto como as *canas* (*wie eine Bohnenstange*).

Em Portugal *canaveira* é um intruso ou adventicio, vindo de Castela. Ignoro onde Cornu o encontrou. Ainda não o ouvi empregar. Nem o li nos textos que manuseio. Os dictionários tão pouco o contém. Talvez algum dos estudiosos que se occuparam das *Enfermidades da Lingua* ou fizeram *Reflexões sobre a lin-*

<sup>1</sup> Eis as suas palavras: «*canaveira* (sp. *cañavera*), *canavial* (sp. *cañaveral*), Ableitungen von *calamus* + *canna*» (§ 120).

<sup>2</sup> No *Diccionario* da Academia Espanhola explicam *cañavera* por *carrizo*, e *carrizo* como graminea cujas folhas servem de pasto a cavalos, emquanto as paniculas, reunidas em molhos, servem de vassoura, e dos talos secos fazem tectos horizontaes (*cielos rasos*). Em livros hotánicos dizem *phragmites communis*, mas também *arundo donax*.

<sup>3</sup> Sitio povoado de canas ou *cañaveras* = *Röhricht*; portanto, equivalente de *carrizal*, e do *canaveal* e *carrizal* português.

<sup>4</sup> Supliciar alguém, metendo-lhe canas cortadas por baixo das unhas. Ferir com canas cortadas em ponta de flecha.

<sup>5</sup> Pp. 184 e 185.

*gua portugueza*, o recolhesse na fronteira espanhola <sup>1</sup>? Presumo todavia que alguém leria, de facto, *canaveiras* num manuscrito elaborado em 1535 por um eborense, do qual falarei no artigo seguinte.

\*

Esqueci dizer que um romanista propõe o étimo *canna* + *vária*, sem dizer porque a cana comum merece este qualificativo <sup>2</sup>. Só se *vária* tivesse em castelhano o sentido abstracto de «leviano, ligeiro», que subsiste em português em *tresvairado*, *desvairado* = doido, o que não será fácil provar. Já estabeleci que a cana é o simbolo da fragilidade e inconstância <sup>3</sup>.

### XXXIX

#### CANAVOURA?

Brotero menciona o vocábulo duvidoso entre as plantas que não pôde observar, nem achou bem descritas <sup>4</sup>. De lá passou para o *Diccionario* de Frei Domingos Vieira como planta que tem a folha como a da espadana e dá uma flor branca; para o *Manual Etymológico* de F. Adolpho Coelho (planta, cuja folha é como a da espadana); e não só para o *Novo Diccionario* de Candido de Figueiredo, mas também para o *Prático Ilustrado* <sup>5</sup>, onde, segundo o meu humilde parecer, não deveriam haver tido entrada senão vocábulos de incontestável certeza.

Ninguém deu exemplos. Eu conheço um. Duvido todavia da sua legitimidade. O leitor tem voto no caso, porque já leu dois textos paralelos. Na *Chronica dos Reis de Portugal*, compilada

<sup>1</sup> Exactamente por ele ser quem é, autoridade respeitadíssima para todos nós, não suprimo o reparo que costuma acolher nas suas colecções bastantes formações e deturpações tão raras e tão isoladas que mesmo os mais instruídos Portuguezes as desconhecem por completo.

<sup>2</sup> Vid. Körting, 1.<sup>a</sup> edição, n.º 8:515, *Nachtrag*.

<sup>3</sup> A meu ver a pronúncia e grafia com *ei* quer dizer apenas que aquele que a assentou julgou reconhecer em *canaveira* o sufixo *-aria*. Em teoria *veira* port., correspondente a *véra* cast., podia ser *vária* = de duas côres (*zweifarbige*) ou de côres variegadas (= *bunt*). Cfr. *Zeitschrift*, xxv, p. 170.

<sup>4</sup> Vol. II, p. 353. Lá figura também *canoura*, com muitas outras palavras deformadas por enganos de escrivães.

<sup>5</sup> Rio 1910 (Publicação do *Jornal do Commercio*). Na metade lexicográfica reconhece-se a mão adestrada de Candido de Figueiredo.

por Cristóvam Rodríguez de Acenheiro (sem critério e arte, mas com curiosos materiaes anecdóticos em algumas partes, que os historiadores graves omitiram<sup>1</sup>) ha edição nova do cortejo infantil que vimos sair de Coimbra em recepção festiva do Mestre de Avis. D'esta vez o vitoriado foi D. Manuel, na sua ida a Castela (1498) ao passar por Elvas. «E fora dos muros da dita cidade, e portas della, sairão bem dozentos moços inocentes ou mais, cõ cavalos de cana e lamsas de canavouras, com ferros de papel, cõ hũ alferes de S. Jorge...»<sup>2</sup>.

Por desconhecer absolutamente o vocábulo *vouro* (ou *voiro*, como se lê nas duas publicações de Candido de Figueiredo), e ignorar também de onde pudesse proceder, conjecturo que *vouras* seja mero lapso de escrita ou impressão, por *veiras*<sup>3</sup>. Em todo o caso as *canavouras* dos meninos de Elvas mal podem ser diversas das *canareas* de Coimbra. Bom seria verificar em Évora e Elvas, que espécies de *canas* são as mais vulgarizadas, e que nomes lhes dão.

Se os autores citados as conhecem *de visu*, e de ouvidos o nome *canavoura*, queiram desculpar o meu scepticismo e dar por menores precisos que satisfaçam e convençam.

## XL

### CÁNEVE — ALCÁNEVE

Da forma latina *cannabis*, gr. *κάνναβις*, saiu regularmente *cánave*, e com redução da vogal átona *cáneve*. Mestre Giraldo recomenda o *linho-canave*, malhado em pó, em casos quasi extremos: «E sabe que, se sse comer (= coçar) o caualo no cançer com a boca, façam poo do linho caneue e deyttem lho ataa que seja saão»<sup>4</sup>. Os Árabes diziam, segundo Dozy<sup>5</sup>, *al-kimab*, *الكنب*, (ou, com *ق* em vez de *ك*, *القنب*); mas seguramente pronunciariam também (e talvez de preferência) *al-kännab* e *al-kännib*, pois essas formas devem ser pontos de partida para o adjectivo *alcanavi*

<sup>1</sup> Desde que Herculano a qualificou de rol de mentiras e disparates, é costume falar com desprezo d'essa *Crónica* como da de Garcia de Resende.

<sup>2</sup> *Inéditos da História Portuguesa*, vol. v, p. 330.

<sup>3</sup> Nada sei com respeito aos manuscritos da *Chronica* indicada.

<sup>4</sup> Cap. XLIV (p. 52, 14).

<sup>5</sup> *Glossaire* (pp. 83 e 247).



que Santa Rosa de Viterbo extraiu de um documento do século XIV<sup>1</sup>; e para *alcánave*, *alcánere*, de que ha exemplos bastantes, dos séculos XV e XVI<sup>2</sup>. Derivados antigos de *cánave* são: *canaval* (o da cantiga arcaica com as suas *canas de amor*) e *canaveira*<sup>3</sup>; com *Canaavaes*, *Canavés*, *Canaveses* (Marco de), e *canavejinhos* (escritos em geral com s).

Da variante *cannabum* saiu *canabo*<sup>4</sup>, transformado em *cánamo*<sup>5</sup> (*cánemo*, *cánimo*) com troca de sufixo, de onde procedem *canameiro* (plântio de cânamos) e *Canameiro*<sup>6</sup>. O autor do Glossário árabe documenta a forma *qimam*, persuadido de que a troca de *b* e *m* fôra obra dos Árabes. Todavia ella é tanto mais vulgar entre Portuguezes do que entre Mozárabes que me inclino a ter o contrário por mais provável<sup>7</sup>.

*Cânhamo* (com *nh*), forma literária predominante do século XVI em diante, veio de Castela<sup>8</sup> seguramente com artefactos de *cânhamo galego*. Derivados são *canhamiça* (= palha de cânhamo) e *canhamaço* < *cannabaceus*; por dissimilação *calhamaço*<sup>9</sup>. *Canhavaço*<sup>10</sup> em lugar de \**canavaço* (= *Káveras*) ainda se usava no século XVI.

Da confusão entre *canav* + *al* e *cana* + *vea* + *l*, *canav* — *eira* e *cana* + *vera* já falei nos artigos antecedentes.

## XLI

## ÇAMBARCO

Planta medicinal, empregada para soldar escoiramentos, em concorrência com pós de murta, de lentisco ou de galha.

<sup>1</sup> S. v. — Acolhido no *Diccionario* de Frei Domingos Vieira, onde está todavia o étimo *cannel* por *canneb*.

<sup>2</sup> Vid. Orta, *Colóquio* VIII (1, 95), e *Diccionario da Academia*. — Cabelos da côr do linho *alcâneve*, isto é: muito louros, são hoje *côr de estriga*.

<sup>3</sup> Vid. González Viana, *Apostilas*, 1, 217.

<sup>4</sup> Registado nas listas de Brotero. — Vid. *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 196, *lino canabo*. — Dozy pretende que a variante *cinibo* ocorre repetidas vezes nas *Décadas* de Barros. Até hoje não a encontrei.

<sup>5</sup> *Ibid.* e em todos os *Diccionários*.

<sup>6</sup> Nos *Livros de Linhagem* (p. 266) ha o caso de um Infante *que matou o usso em Canameiro*.

<sup>7</sup> Cornu, § 120.

<sup>8</sup> O mesmo vale de *cañamones* (sementes de cânhamo).

<sup>9</sup> Cornu, § 121; Meyer Lübke, II, 503; *Altanería*, I, 33, 50, etc.

<sup>10</sup> Vid. *Archivo Historico Portuguez*, VIII, p. 31.

«E saby que em todollos lugares escoirados que quiseres sol-dar deues a deitar ho poo da murta seca ou do lentisco ou da galha ou do çambarco». (*Alveitaria*, p. 39, 26-28).

Parece alteração, em boca de Arabes e Moiriscos (?) de *samarc*, isto é, de *samargo*<sup>1</sup>, nome que no Minho e na Galiza dão ao *saramago* < (*si*)*ser* + *amargo* < *siser amaricus*<sup>2</sup>, em Castela *saramago*. Pois é exactamente essa crucifera, *amarela*, que é oficial<sup>3</sup>.

A epéntese de *b* depois de *m* é vulgar em Portugal. Ao par de *tarimba*, e dos vulgarismos *carumba*, *combro*, *cambara*, *tumblo*, *cambarote*, *numbro*, ha p. ex. *tambo*, de *tamo* < *thalamus*, e mesmo *combeta*, como ouvi um d'estes dias.

Todavia conservo dúvidas sobre a engenhosa derivação de Cornu<sup>4</sup>, porque ha outros nomes de plantas officinaes que tem cara de parentes de *çambarco* e *saramago*. Colmeiro<sup>5</sup> menciona *sarmaraje*, *althaea off.* (com etimologia árabe, que não sou capaz de fiscalizar) — e jasmim *sambac* que ele faz vir da Persia.

### III

#### ÇARAFAR

No seu *Livro de Alveitaria*, Mestre Giraldo recomenda para casos de *encalçadura*<sup>6</sup>, isto é, de inflamação e inchação, provocada por coices nas mãos e pernas de cavalos (*atinctio nervi*), que logo se façam raspagens e incisões a fim de facilitar a saída de pus e sangue pisado. «E se a encalçadura for noua, em outro dia çarafelha, e deitará o sangui podre (p. 48, 9)». O verbo *çarafar*, com ç inicial e *r* simplez<sup>7</sup>, documentado por ora neste único trecho, é sinónimo do termo scientifico *escarificar* = *leviter in superficie radere et scalpello aperire* (*tritzen, aufrützen*), que o fisico de

<sup>1</sup> Valadares Nuñez.

<sup>2</sup> Cornu, § 108.

<sup>3</sup> Brotero regista apenas o *saramago maior* = armoriçea (*cochlearia armoracia*).

<sup>4</sup> Cornu, § 120.

<sup>5</sup> *Diccionario*, pp. 222 e 234.

<sup>6</sup> Cap. XLII. Vid. artigo ENCALÇAR.

<sup>7</sup> Ao *r* simplez em textos arcaicos, em palayras onde *rr* é originário, não podemos em regra dar importância, porque em traslados do século xv, o *R* arcaico, que valia *rr*, foi a meude transcrito por *r* singelo. Mas no caso de que trato, pode ser significativo.

D. Denis traduz em geral por *raer* < *radere*<sup>1</sup>. Parece ser portanto forma arcaica, até hoje ignorada, do moderno *sarrafar* — vocábulo privativamente português, do qual descenderam o substantivo verbal *sarrafo*, tira delgada de madeira (*Schmitzel*, *dünne Latte*) com o aumentativo *sarrafão*; o pejorativo *sarrafaçar*, «escarificar mal ou com mau instrumento, roçando e rasgando muito»; e como derivados d'ele *sarrafaçador*, *sarrafaçadura* e o adjectivo *sarrafaçal*, «mal-feito, desajeitado, inhabil»<sup>2</sup>.

Qual será a etimologia? Diez<sup>3</sup> havia identificado *sarrafar* com *scarificare*. Mas como tirasse do mesmo étimo latino (na forma *scarficare*) os verbos *sarjar*, *sajar*, sem dar demonstrações suficientes, os sucessores não se conformaram. O grego *σκαριφασθαι*, que propuseram, idéntico na primeira parte, não é todavia mais plausível<sup>4</sup>.

Tomando por base *çarafar* < *scarifare*, e tendo em conta que os médicos, físicos e alveitares mouros e mozarabes se serviam, entre termos puramente arábicos, de muitos outros de origem greco-latina, com pronúncia mais ou menos alterada, talvez se acredite que dissessem, para aligeirar a insólita inicial *sc*<sup>5</sup>: *esc-*, *ecs-*, *ei-xerafar*. Chegado a *\*xerafar*, *\*xarafar*, o caminho para *çarafar* e *sarrafar* seria fácil e curto. Ignoro, se porventura Simonet regista essa forma.

*Ss* e *ç* por *x* são tão vulgares em português, que é desnecessário apresentar exemplos<sup>6</sup>; apenas lembrarei por suas condições especiaes *xenabe* = *cináb*, *صناب*, de *sinapi*: *xarope* (*syrup*): *xeringa*; *xofre*, *enxofre*, *enxufre* (*sulfur*); *xerga*, *enxerga* (*serica*); *xofrango* (*ossifrago*); *xaguão*, cast. *çaguan*: *enxalmar* (*insagmare*); *xastre*.

*Rr*, em lugar de *r*, tão pouco exige documentação. No artigo *SARAR* hei de referir-me à pouca diferença que aparentemente

<sup>1</sup> Só no cap. xiiu temos tres vezes *raer* (p. ex., 8, 20 e 24. Veja-se o artigo n.º cviii).

<sup>2</sup> Quanto a *sarrafusca* (*Krawal*) estou em dúvida. Esta formação e outras semelhantes exigem exame especial.

<sup>3</sup> *Etym. Wörterbuch*, n.º: p. 486 da 5.ª ed. (Scheler).

<sup>4</sup> G. Baist em *Zeitschrift*, v, 563.

<sup>5</sup> Körting ultima o artiguinho respectivo de *Lat. Rom. Wörterbuch* com a nota: «Ursprung dunkel».

<sup>6</sup> Medial, deante de *c*, *i*, dá regularmente *x*; por ex., em *mexer* de *miscere*.

<sup>7</sup> Metátese de *sk* em *ks* talvez fôsse tão frequente como foi a de *çt* em *tç*, que produziu *açor*, *açor*; *reçar*; *praço*; *amizade*; etc.

<sup>8</sup> Vid. Cornu, §§ 207 e 234. Cfr. 162, nota.

houve entre *r* e *rr*; e a confusão constante entre os dois sons no manuscrito de Mestre Giraldo. Mas uma vez que Cornu menciona apenas os casos *bandurra* e *escarrar* <sup>1</sup>, chamarei a atenção de nova mente para *arraigar*, *arranhar*, *arrancar*, *arrotar*, *estarrecer*, *carranca*, *borrasca*, *parroco*, *carricho*; *carrancho* e *carrage* (em gal.); etc.

Quanto a *far*, temos a mesma abreviação de *fac'ire*, a meu ver, não sòmente em *escalfar* (*cal*[id']*fare*), mas também em *safar* (*salv* + *fare*), *sofvar* (*sol* [id'] *fare*) <sup>2</sup>.

*Escarvar*, aplicado sobretudo ao cavalo que escava ou esgravata o chão com as patas, de impaciente, cast. *escarbar*, (astur. *esclabar*) <sup>3</sup>, não o derivo de *scar'fare*, embora autoridades como Schuchardt <sup>4</sup>, Cornu <sup>5</sup>, Gonçalvez Viana <sup>6</sup>, se pronunciassem a seu favor. Prefiro *scabrare*, proposto por Baist <sup>7</sup>.

### XLIII

#### COLHAR <sup>8</sup>

Forma arcaica de *colhér*; próxima ainda de *cochlearis* (*Alvetaria*, p. 21, 5). — Don Juan Manuel dizia também *cuchar* (p. 89) <sup>9</sup>.

Note-se que Mestre Giraldo dizia *colheradas* (p. 48, 13 e 18), e não *colharadas*.

A predilecção dos portugueses por *-aria*, *-areiro*, *-aradas*, em opposição ao uso castelhano, é muito mais moderna do que pensam os que hoje lhe dão carácter dogmático, exigindo que se diga mesmo «infantaria, cavalaria, lotaria, galantaria», etc.

<sup>1</sup> Vid. § 145.

<sup>2</sup> Reforçar as margens de livros estragados com tiras de pergaminho, cartão ou papel. Termo de encadernador. De *espatifar* conto falar oportunamente.

<sup>3</sup> Não está no Vocabulário de Rato de Argüelles.

<sup>4</sup> *Romanisches und Keltisches*, p. 22.

<sup>5</sup> Vid. § 185.

<sup>6</sup> *Rev. Lusitana*, 1, 218.

<sup>7</sup> *Zeitschrift*, v, 240.

<sup>8</sup> *Coliar* em latim bárbaro. Vid. López Ferreiro, *História de Santiago*, vol. II, p. 206.

<sup>9</sup> Ed. Baist, 57, 23.

\*

Parece que no Sul de Portugal se desenvolveu também a forma *cuchar*, feminino insólito cujo sufixo o povo substituiu por *-arro*. Creio pelo menos que o nome *cucharro*, que os pastores do Alentejo e os serranos do Algarve dão a uma espécie de escudela de cortiça, com a qual bebem água, não seja outra coisa do que *cochleare*. Cfr. *chuchar*, *rocha*, *concha*.

## XLIV

## CONDILHÕES

Quando as aves de caça tem os pés inchados, á maneira de gota, acontece que «per cima deste inchaço se levantam huuns condilhoosens tamanhos como ervanços» (*Caça*, cap. xiii, p. 21, 40)<sup>1</sup>. Hoje *godilhões*, *gudilhões*, são pequenos nos formados de fios empastados que se encontram nos tecidos, ou se juntam no enchimento de colchões, e também grumos ou caroços que se formam na farinha mal diluída. Se a forma moderna admitia, mal embora, que a derivássemos de *guedelha*, *gadelha* (all. *Zotte*), a arcaica opõe-se a tal identificação.

Tenho em mente os termos germânicos *Quaddel* e *Kuttel*; mas não disponho de materiais suficientes para estribar a conjectura.

## XLV

## COYTO

Hoje o unico representante do lat. *coctus* figura em *bis-coito*<sup>2</sup>. Em tempos de D. Denis *coyto* ainda era participio de *cozer* e irmanava com o cast. *cocho*. Vejam uns exemplos do *Livro de Alveitaria*, I, e do de *Monteria*, II:

I. «faze todo feruer e meixio todo ataa que seia coyto» (43, 30).

«Outrossy lhe prestaram as lesmezes malhadas com manteiga e coytas» (44, 5).

<sup>1</sup> Nós e gudilhões, no dizer de Diogo Fernández Ferreira, parte IV, cap. XIX.

<sup>2</sup> Claro que no século XIV eram muito usados *comesto* (*Alveitaria*, 27, 34), *colheito* (ibid., 16, 23; 14, 32) e *tolheito*. *Cantigas de Santa Maria*, 50, 117, 170, etc.

«Pera esto meesmo presta se filharem a rraiz do maluaysco e a do liry e a do baruasco molhadas com do unto e depois coytas» (47, 8).

«ponham-lhe as maluas e os farelos . . . todo coyto» (56, 29) <sup>1</sup>.

II. «toma vino caliente en que sean cochas las cosas sobredichas» (p. 234).

«Et esto todo sea cocho en el vino» (p. 256) <sup>2</sup>.

Comtudo Mestre Giraldo já se servia do participio analógico. A p. 34, diz: «E depois que estas cousas todas fforem cozidas, coēnas» <sup>3</sup>.

Os derivados *coytar* < *coctare* e *çoçar* < *coctiare*, claro que também já existiam. No sentido primitivo de irritar e magoar a pele, causar nela comichão e ardência incomodativa:

«e nõ no coytem das esporas, ca pella ventura tornarja ende rreuelador» (14, 15).

«quando primeiramente meteres o ffreo ao cauallo . . . deuño coçar mujtas vezes no dia ataa que seia mansso» (13, 9).

\*

Ao mesmo tema pertence *decouçon* < *decoctione* (*Alreitaria*, 34, 26: «E depois façamlhe hũa decouçon tallj»).

## XLVI

### ÇOFRA

Dozy provou que *açofra* (*açofora*) fôra empregado na idade-média no sentido de trabalho forçado (*corvée*) <sup>4</sup>.

E provou que no idioma árabe *السكّرا*, *as-sokhra*, tem o mesmo significado <sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Cfr. 56, 7.

<sup>2</sup> Vid. pp. 145, 164, 169; etc. — Por faltar no notável *Manual Histórico*, de Menéndez Pidal, relevarei também o conjuntivo *cuega* (*Monteria*, 169, 194, 206, 209, 220; etc.): *cueganlas con del aceite*.

<sup>3</sup> *Figos coitos* talvez sejam uma espécie muito cozida e ressequida pelo sol.

<sup>4</sup> *Glossaire*, p. 227.

<sup>5</sup> Cfr. Freytag, II, 295, *السكّرا*.

Ducange registou um exemplo, relativo aos Reis de Aragão, em latim medieval, no qual igualmente designa um serviço obrigatório (*munera personalia praestanda*)<sup>1</sup>.

Mestre Giraldo ensina que: «se o cauallo trabalha na gram quentura, quebra lhy a çofra, e desseca, ataa que morre» (*Alreitaria*, II, cap. xvii, p. 17, 36).

O sentido diverge. Trata-se de «capacidade de trabalhar; ardor no trabalho». Mas o desvio não é bastante grande para se decretar incompatibilidade.

## XLVII

### CRÉ

É axiomático entre os lexicógrafos que esse nome português do carbonato de cal amorfo vem do francês *craye*. Indirectamente de *creta* (grego κρηται), que directamente deu *grêda*,<sup>2</sup> nome da pedra macia com que se tiram nódos de gordura.

Todavia, não pode ser. *Craie* é moderno. Ainda no século xvi os franceses diziam *craye*. E Mestre Giraldo já se servia em 1318 do vocábulo *crec*. Devemos portanto «precisar», dizendo que ele é representante do francês arcaico *crée*. Importado com produtos industriaes, denominados *crées de Paris* ou *crées de França*? — *Crayons* primitivos para desenhadores e alfaiates?

No capítulo viii, *Da pedra*, o físico de D. Denis compara a que se forma nos intestinos das aves á natural que «chamam cree» (p. 17). Ayala modifica e exemplifica, substituindo *gesso* (sulfato natural hidratado de cal) ao *cré* de Mestre Giraldo: «que es como una que traen los alfayates con que señalan, que parece de yeso blanco» (p. 255); e Ferreira até emprega a palavra moderna «gis de alfaiate» (p. 23). *Giz*, em boa ortografia etimológica, porque *gypsum* passou pela boca de Arabes e Mozárabes, e de lá veio transformado em *giz*, جيس, *djibs*, provavelmente por intermédio de hábeis alfaiates.

*Gesso-cré*, como hoje chamam a variedade que, pulverizada, serve para limpar metaes, *gesso* e *giz* comunicariam ao simples *cré* (de *crée*) o seu género masculino.

<sup>1</sup> Vid. *çofra* (vol. II, 417). Em paréntese remete ao artigo CAENA, no qual ha extractos extensos das *Chartas* aragonesas (1283).

<sup>2</sup> Cornu, § 166.

## XLVIII

## CRÉTANO MARINHO

«Ffilha o cardo beeyto e cretano marjnho e parjtarja que chamam alfauega de cooura e as rraizes do espargo e da gilbarbeira... e feruam todas conujnhauellmente». (Cap. xxv<sup>1</sup>). Para fomentar os rins e a bexiga do cavallo.

*Crithmum maritimum*<sup>2</sup>, com troca do sufixo; cfr. *abrótano*, *ébano*, *ládano*, *pámpano*, *rábano*, *sinfano* (de *cinife*, mosquito)<sup>3</sup>. Em Castela transformaram-no de outro modo, pois dizem *cresta-marjna*<sup>4</sup>.

Hoje o nome vulgar que se dá em Portugal a esta erva (cujas folhas carnudas se comem, em conserva de vinagre, como estimulantes do apetite, mas também como diuréticas e depurativas) é *perrexil*<sup>5</sup>.

## XLIX

## DE COMEYOS?

O cavallo não deve ser nimiamente grosso (= gordo) nem nimiamente magro... «e assy conuem de o tragerem sempre de boa carne de comeyos». (*Alreitaria*, 10, 46).

Ha em português a locução adverbial *neste comenos*, nunca analisada por ninguém, que eu saiba. Conheço-a apenas com sentido temporal: «neste meio-tempo, no entretanto».

Sempre pensei que *neste comenos* estava por *neste comeio* (= *com-mediõ*), sendo latinizado erradamente, por confusão com outra fórmula de que vou ocupar-me. Mas no caso de que trato, a conjectura serviria apenas, se *de comeyo* teve também o significado de *meio-termo*, o que esta por provar.

Por causa dos numerosos erros que ha no manuscrito de Mestre Giraldo devo encarar também a possibilidade de *comeyos* estar

<sup>1</sup> P. 36, 24.

<sup>2</sup> All. *Meeifenchel*; fr. *fenouil de mer*. — Brotero regista *crithmo* e *crethmo* e além d'isso *calcifraga de lobelio*.

<sup>3</sup> Em Trás-os-Montes. — Das numerosas formas duplas em -o e -ão < ão, como *lodo*, *lódão*; *estêva*, *estevão*; *fungo*, *fungão*; *feto*, *fetão*; *ourêgo*, *ourégão*; *golfo*, *golfão*, já falei em outra parte. Vid. *Pucarinhos em Portugal*.

<sup>4</sup> Creio que também ha *erétamo* e *cretmo*.

<sup>5</sup> Vid. este artigo.



por *comeos* = *de someos*. *De somenos* (*sub - minus*), como se dizia do século XVI em deante, significa *de qualidade inferior*.

É possível, é mesmo provável que o físico quisesse recomendar, quer alternância entre carnes muito substanciaes, de primeira qualidade, e outras menos nutritivas <sup>1</sup>. Ou então recomenda apenas carnes, boas sim, mas das menos nutritivas. O passo trasladado significava nesse caso: «convem que o tratem sempre com carnes boas, embora de somenos sustância».

De outros livros de Alveitaria deve vir a confirmação da minha conjectura.

## L

## DIALTER? — DIALTHEA

*Dialter* é erro de imprensa, ou de escrita, por *dialtea*. Verdade é que a recomendação de Mestre Giraldo (para casos de inchação gotosa dos pés), «e desy ave ho ingoento a que chamam dialter» <sup>2</sup>, corresponde na *Arte de Alveitaria*, «unguento de althea» <sup>3</sup>, sem mais nada. Mas Pero López de Ayala que traduz, como sabemos, com muito mais rigor, fala do unguento que «llaman dialtea que tienen los cirujanos» <sup>4</sup>. E na lista dos medicamentos, que o bom ceteiro deve sempre trazer consigo, figura novamente *dialtea* <sup>5</sup>.

Claro que se trata de uma pomada cuja base era a *althaea officinalis* (malva de malraisco <sup>6</sup>). Assim o indica o prefixo grego *dia-*, que figura em numerosas composições da farmacopeia medieval <sup>7</sup>. Nas próprias obras do físico de D. Denis, temos ainda *diacquillom* (*Caça*, 21, 5 e Ayala, 268) <sup>8</sup>; com *diapalma* no *Livro de Monteria* (p. 249); e nada menos de vinte e cinco drogas diversas na *Lista de Preços das Mezinhas*, elaborada em 1497 pelo físico-mor Mestre Rodrigo <sup>9</sup>.

<sup>1</sup> Vejam uns passos de D. Juan Manuel que transcrevi no artigo ALJABA.

<sup>2</sup> *Caça*, p. 21, 37.

<sup>3</sup> Vol. II, p. 36. Assim se nomeia também na lista dos preços que menciona no fim d'este artigo (p. 80).

<sup>4</sup> Duas vezes a p. 271.

<sup>5</sup> P. 343.

<sup>6</sup> Vid. n.º LXXXIX.

<sup>7</sup> Vid. Garcia da Orta, *Coloquios*, vol. II, p. 35, *diaturbit*, *dialaca*, etc.

<sup>8</sup> *Dia-chylon*.

<sup>9</sup> *Documentos Eborenses*, vol. III, p. 77.

## II

## DELIR—DESLIR:

*Delir*, «desfazer, dissolver». De *delere*? ou antes de *diluere*? Termo semi-erudito ou pseudo-erudito de cozinha e de botica. Aplicado a gemas de ovo, vinho, açafão e outras espécies pisadas: «e misturem todo muy bem e deliãno em tall guissa que o possa beuer ligeiramente» (*Alveitaria*, 30, 4); ou em outro passo a carne de cobra, cozida em azeite «ata que se delja a carne dela» (54, 32). Eu pronuncio *deliam* e *delia*. Creio que, como no dia de hoje, não empregariam senão as formas arizotónicas.

No *Libro de Caça*, de D. Juan Manuel, cujo único manuscrito está muito deteriorado, ocorre uma vez no mesmo sentido *desdeyr*<sup>1</sup> ou *desdeir*<sup>2</sup>. O príncipe manda que o cetreiro trabalhe um pouco de manteiga crua entre os seus dedos, amolecendo-a ou desfazendo-a para depois a meter nas ventas do falcão doente. Lاپso, provavelmente de quem, com o propósito de escrever *deslyr*, repetiu as duas letras iniciais. Em *deslyr* teríamos troca de prefixo: *des-* em vez de *de-*, muito vulgar em ambas as línguas<sup>3</sup>.

Em Mestre Giraldo ha o exemplo *defolgar*<sup>4</sup>, *desfolgar*<sup>5</sup> («respirar»).

## III

## CIBADO(?) = EIBADO

Com respeito á hidropesia dos girofalcos, Mestre Giraldo, depois de dar preceitos múltiplos conclue o capítulo (xvi) com a afirmação seguinte: «e çabe, se esto for fecto ante que o bucho e o figado sejam cibados, que logo guarecerá; e se o já forem, seerá em duvida».

Ponhamos e em vez de *c* e teremos *eibados*; e mais um exemplo que acrescentar aos que estudei, ha tempos<sup>6</sup>. Outro colhi, vivo, em

<sup>1</sup> Ed. Baist, 156, 10.

<sup>2</sup> Ed. Gutiérrez de la Vega, p. 88.

<sup>3</sup> *Estrebuir* por *distribuir*; *estruir* por *destruir*; *estância* por *distância*; *esgraça* por *desgraça*, são formas algarvias.

<sup>4</sup> *Alveitaria*, 25, 28; 26, 1 e 29, 23.

<sup>5</sup> *Ibid.*, 30, 25.

<sup>6</sup> *Miscellanea Cais-Canello*, n.º 17.

Entre-os Rios, num passeio de barco pelo Rio Douro. A barqueira, linda e valente mulherona, gabava com orgulho um seu filho, recruta então: «Aquele é que é um rapagão! Sem eiba alguma!»<sup>1</sup>. O *ei* era quasi o arcaico *ai*. Além d'isso note-se a locução «dar a alguém nas eivas»<sup>2</sup>.

Ayala emprega no passo correspondente (p. 285) o termo *escalgado*, que não é tradução. Ferreira tem *dammado* (II, p. 41), que serve menos mal.

Das etimologias propostas nenhuma satisfaz plenamente. Nem *eiva* < *leiva* < *labies* (mácula), que propus; nem *eibado* < *elibatus*, de Cornu; nem o céltico *aiba* («exterior») de Meyer-Lübke. Junte-mos mais materiaes até que do conjunto ressalte luz.

\*

Digno de nota é que já em tempos tão antigos *iscado* tivesse o mesmo sentido popular de *eirado*, *contaminado*. O capitulo *Dos refeitos velhos* termina com outra admoestação de Mestre Giraldo: «E em todo esse anno guarda-o [o falcão] dos refeitos [velhos] ho mais que poderes; que desque aas vezes assy som iscados, fazem mui mall o refeito»<sup>3</sup>.

### LIII

#### EIRIÇO

Representante directo de *ericiolus* = *ouricinho*, applicado a um tumor de superficie áspera, irregular (em alemão *Igel-Geschwulst*), que nasce por cima dos cascos, e nos joelhos dos cavalos e os faz çopegar.

«O tricesimo oytavo capitullo he de hũa door que chamam sporuanus (l. sparuanus<sup>4</sup>) em latim, e emnoessa linguagem eyricoos (l. eyriçoos) e exaaguazes» (*Alveitaria*, p. 5, 19; e 4<sup>5</sup>, 19 e 25).

<sup>1</sup> Na Galiza recolhi a frase *eivado para serviço* (militar, bem se vê); aparentemente contraditória, mas o que se quer dizer é: inutilizado por doença ou falha no corpo.

<sup>2</sup> «An seine schwache Seite rühren; aber auch seine Tücken und Nücken (manhas e baldas) berühren».

<sup>3</sup> P. 15, 25. — Ayala, p. 243, emprega *entecado* < *hecticatus*?

<sup>4</sup> Quanto a *sparuanus* (*esparavão*, *espravão* = *Sperber*), vid. Körting, *Lateinisch-Romanisches Wörterbuch*, s. v.

Em outro lugar explica que depois de um banho de água doce ou salgada é preciso enxugar muito bem as pernas do cavalo, e ter a «estada» limpa, «ca muitas vezes a quentura do estrabo, se lhe acha as mãos ou as pernas molhadas, faz lhe enfermidades desvairadas, assy como ouas e eyrçoos e greças» (p. 10, 15, sgs.)

\*

O tema *ericus* deu o nome do mamífero: *oriço*, *ouriço*: gal. *oriço*, *ouriço*; astur. *oriçio*, que passou a denominar também equinodermes do mar, de concha ericada de picos móveis; depois, o envólucro espinhoso da castanha e de outros frutos; além d'isso, com aférese da vogal, *riço*, tecidos ou plumagens encrespadas.

#### LIV

#### ENCALÇAR — ENCALÇAR-SE — ENCALÇADURA — ENCALÇA

São formas arcaicas, ainda não registadas nos Dicionários portugueses. *Encalçar* significa: aplicar coices (*calcitrare*; *Fuss-tritte versetzen*<sup>1</sup>); *encalçar-se*: lesar-se o cavalo com as ferraduras (*sich mit den Hintereisen streichen*<sup>2</sup>); *encalçadura*: lesão produzida por coices<sup>3</sup>; *encalça*: a mesma cousa, se não for mera gralha de impressão<sup>4</sup>. Todo o cap. XLII do *Libro de Alveitaria* trata do assunto<sup>5</sup>.

Em outros textos do primeiro período da lingua portuguesa o verbo *encalçar* ocorre com o significado «seguir, perseguir e atingir», em regra a *unhas de cavalo*<sup>6</sup>. Nem falta *encalço*, acto de perseguir e atingir (*Jemand verfolgen und einholen*), usado em fórmulas como *levar em encalço*<sup>7</sup>, *ir por encalço* ou *no encalço*<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> *Alveitaria*, p. 47, 33.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 47, 31.

<sup>3</sup> *Ibid.*, 47, 28, 35, 39; 48, 9, 21.

<sup>4</sup> *Ibid.*, 48, 13.

<sup>5</sup> Vid. o artigo que dediquei a ÇARAFAR.

<sup>6</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», p. 188, l. 26, «e o Infante Bazavme, seu filho del Rey, encalçaronno e filharonno pela redea do caualo». Cfr. D. Duarte, *Enssyança*, cap. XII.

<sup>7</sup> *Ibid.*, 188, 1, «os castellaños os leuauam en encalço».

<sup>8</sup> *Ibid.*, 188, 25, «yam por seu encalço»; l. 32, «os cristaños que yam per o encalço».

Nesse sentido é muito conhecido <sup>1</sup>, e emparelha com o castelhano *encalçar* <sup>2</sup>, *encalço* <sup>3</sup>, prov. *encaussar*, *encaus*, a. fr. *encalcer*, *enchalcer*, *encalz*, *enchalz*.

Claro é que na aceção privativamente portuguesa não pode ser outra cousa do que representante directo de \**incalcare*, de *calx Ferse*.<sup>4</sup> Em ambas considero o predecessor legítimo do verbo usado *alcancar* (cast. *alcançar*) que tem hoje o mesmo sentido positivo, — geral e especial — e além d'isso inúmeras applicações abstractas e figuradas, e bastantes derivados <sup>5</sup>. Para prova da unidade de *encalçar*, *alcancar*, bastaria estabelecer que os alveitares e hipólogos modernos chamam *alcançada* à lesão que se faz a si próprio o cavallo que *se alcança*, isto é, que se toca com as ferraduras.

Nem faltam as formas intermédias: *acalçar*, *alcalçar*. *Acalçar*, «perseguir», foi muito usado no século XII, em Espanha, em documentos juridicos <sup>6</sup>. No immediato, era familiar aos trovadores galego-portugueses. Das *Cantigas de Santa Maria* vou extrair alguns exemplos: «Ca med' ouve, se fogisse que seria acalçado» (277, 00); «foi tan toste depos eles e poi'los ouv' acalçados, disse lhes. . .» (175, 5); «ca pero a garça muito montou, aquel falcon toste a acalçou (112, 3) 7.

A primeira substituição do prefixo *en* por *a*, seguiu-se a de *a* por *al*, tão freqüente na península em termos de origem árabe, e em outros latinos por influência d'aqueles. Temos *alcalçar* na *Demanda do Graal*, a fl. 173<sup>a</sup> e 173<sup>d</sup>. O último passo — já dado no século XII, comquanto as formas arcaicas se conservassem durante séculos ainda, — consistiu na dissimilação de *l-l*, a qual também se deu em outro ramo do mesmo tronco. Digo em *percançar*, *percance*, formas empregadas nos séculos XV e XVI, que todavia não

<sup>1</sup> Moraes tirou exemplos suficientes dos *Cronistas*. Ainda assim não figuram nos *Diccionários* modernos.

<sup>2</sup> *Lib. Alex.*, 723.

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> Vid. Moraes, s. v.

<sup>5</sup> *Alcançada*, *alcançador*, *alcançamento*. — *Alcanços*, como nome dos dedos do falcão, que estão separados dos outros, ajudando (como o polegar da mão humana) a agarrar objectos, tira-se perfeitamente, quanto á forma e quanto á ideia, do verbo *alcancar*.

<sup>6</sup> Tailhan publicou exemplos na *România*, IX, p. 294.

<sup>7</sup> Vejam ainda *CM*, 189, 2; 213, 13; 237, 7; e *Graal*, f. 86; *Cronica Troyana*, 20, 213; *acalço*, 36, 231.

baniram por completo as primitivas *percalce*, *percalço* (*precalço*), *percalçar* <sup>1</sup>.

Concorda, como se vê, o que aqui apurei, com Dozy <sup>2</sup> e Engelmann, que não aceitaram a proposta de Diez <sup>3</sup>, de derivarmos *alcance* (e todo o resto) de القسص, *Jagdbeute* <sup>4</sup>, significado de que não ha vestigio nas línguas peninsulares.

## LV

## ENCIENSO — ENCIENZO

Formas castelhanas, como se vê <sup>5</sup>. A troca constante entre s e ç, ss e ç, que se nota nos antigos textos peninsulares, mas sobretudo nas impressões de manuscritos do século XIV, trasladados no XV <sup>6</sup>, originou confusão entre dois vocabulos de origem e significação diversa: representantes, um de *incensum* (*Weihrauch*), de *incendere* «queimar» (nas grafias *ençenso*; *enciensso*, *ençenço*, *engienso*); e outro de *absinthium* (*Wermut*), do grego ἀψινθιον (nas grafias *encienzo*, *enciensso*). A confusão, a principio talvez meramente gráfica, parece haver-se tornado positiva entre os leigos <sup>7</sup>, que só se lembravam vagamente de que diversas substâncias assim denominadas faziam parte da farmacopeia medieval, muita vez de mistura com a não menos famosa *mirra*.

Do *absinthio* (ou *absinto*), indigena nas Espanhas — *artemisia* <sup>8</sup> *absinthium* <sup>9</sup> — botanicamente uma *syrigenesia superflua*, herbácea conhecidissima pela sua grande amargura <sup>10</sup>, aproveitavam as sementes e as cascas que, moidas em pó, entravam em pílulas aperi-

<sup>1</sup> «Conseguir, alcançar, arranjar, obter». Vid. Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*: «allí vireis uns cavalgar nas bestas que percalçar podiam». Figuradamente, «ganhar, lucrar».

<sup>2</sup> *Glossaire*, p. 83, nota 1.

<sup>3</sup> *Etym. Wörterbuch*, 1.

<sup>4</sup> Freytag, III, 504<sup>b</sup>.

<sup>5</sup> Em português *ençenço*, como direi no texto.

<sup>6</sup> Já deixei dito que ainda estou recolhendo materiaes para demonstrar a parte que a pronúncia dos Mouros teve nesta confusão. Notem-se desde já *çumo*, *çanco*, *çafões*, *çumaque*, *celga*.

<sup>7</sup> Atingiu também a vogal tónica.

<sup>8</sup> O povo diz *artemiça*.

<sup>9</sup> É também do *Absinthio do Ponto*, que julgo ser a espécie *aiosna*.

<sup>10</sup> «Amarga como fel», «planta infernal», etc.

tivas e em unguentos resolutivos, tanto para homens como para bestas e aves.

O *incenso* <sup>1</sup>, vindo da Arabia ou, na linguagem do Poeta, das *costas odoríferas sabeias* <sup>2</sup>, da *Sabeia odorifera* <sup>3</sup>, primeiro por terra, mas desde 1496 nas caravelas da Índia, era, pelo contrario, uma goma ou resina aromática, extraída de várias espécies arbóreas do género *Boswellia*, familia das *Burseraceas* <sup>4</sup>. Conhecida desde a remota antiguidade, muito antes que os reis magos viessem da Caldéia adorar o menino Jesus, o incenso era e é queimado nos turíbulos das igrejas cristãs <sup>5</sup>. No Oriente os médicos muçulmanos e indos aproveitavam-no também para perfumes e unguentos <sup>6</sup>. Os Mouros, e depois d'elles os cristãos, fariam o mesmo na Península, apesar de ahí ser muito precioso e considerado naturalmente como cousa santa, reservando-se, conforme já disse,

o mais cheiroso incenso para as aras <sup>7</sup>.

Mas não a cada passo, em receitas comuns. Dos exemplos contidos no *Libro de la Caza de las Aves*, do Chanceler, talvez em um só *enciense* equivalha a *incensum*. E talvez em nenhum. Nos restantes trata-se de *absinto*.

Eis as minhas provas:

Num passo, relativo á cura de fistulas, Mestre Giraldo recomenda a *cicuta* <sup>8</sup> (cap. ix, p. 18, 22). Ayala substituiu esse veneno por *encenço* (p. 259), e para que ninguém entendesse *incenso* oriental serviu-se da paráfrase *una yerva que dicen encenso*, indicando

<sup>1</sup> O único derivado popular que sei apontar é *encensero* (asturiano).

<sup>2</sup> *Lusiadas*, iv, 63, 5.

<sup>3</sup> Camões, *Égloga* vii, 348.

<sup>4</sup> No *Colóquio* ix, *Do Thure que he encenço e da mirra*, ha explicações sufficientes. Afim de combater ideias erróneas a respeito da sua proveniência, Garcia da Orta diz expressamente: «Nesta terra (isto é na Índia) não ha *encenço*, mas mandam-o a el-rey de Portugal de cá pera que faça esmolaa muytas casas de religiosos da cristandade; mas na India não o ha senão trazido da Arabia».

<sup>5</sup> Das *Notas do Conde de Ficalho* (vol. 1, p. 359 sgs.) é que vem a minha sciência a este respeito.

<sup>6</sup> «Usam muyto os físicos indianos do encenço pera unguentos e perfumes; e comido pera muytas enfermidades da cabeça e pera camaras». *Colóquio* ix. Temos um que comia encenço, *ca non al*, no *Poema de Alexandre*, 2316 e 2323.

<sup>7</sup> *Lusiadas*, x, 101. — É o de Dofar que o poeta distingue assim.

<sup>8</sup> *Cicuta* na impressão.

assim que se tratava de uma herbácea comum, geralmente conhecida.

No segundo passo, onde o Português dá a fórmula de uma solda para pernas quebradas, composta de «encenço, almecega, sangue do dragom, e pedra-sanguinha»<sup>1</sup>, o Chanceler põe simplesmente *enciensio*<sup>2</sup>, a não ser, bem se vê, que essa cacografia seja obra do copista, o que para o caso tanto monta. Em todo o caso Ferreira<sup>3</sup> leu, entendeu e escreveu *incenso*, sem hesitar.

Noutro trecho<sup>4</sup>, onde não ha correspondência exacta, uma mistura destinada a incitar o apetite da ave contém entre outras cousas *enciensio et almastica* (como no primeiro caso), mas também *mirra*, o que me leva a hesitar.

No *Libro de Monteria* de Alfonso XI, o bom Castelhana, *absinto* (que ele chama *aciensio*<sup>5</sup>, *aciensio*<sup>6</sup>, *asensio*<sup>7</sup>) empregado a meude na cura de cães, se combina em regra com almástica e sangue de dragão. Claro que estas formas só podem designar a herua amargosa.

Agora uma curiosa contraprova. A *artemisia absinthium* tinha e tem em Portugal outro nome, mais usado (porventura por causa do som equívoco de *encenço*): o de *alosna* ou *losna* — e mesmo *losna do reino*. Pois bem, de cada vez que Mestre Giraldo a recomenda<sup>8</sup>, o Chanceler junta ao nome a definição: «el alosna que es encenso amargo (p. 287); el alosna que es enciencso amargo» (pp. 288, 294, 343, 295)<sup>9</sup>.

<sup>1</sup> Cap. xiv, p. 22, 19. Confira *Alveitaria*, 42, 19 e 21, 24, onde se fala de *encenço redondo e longo*.

<sup>2</sup> P. 274.

<sup>3</sup> Vol. II, p. 31.

<sup>4</sup> P. 291.

<sup>5</sup> Ed. Gutiérrez de la Vega, pp. 129, 134, 244, 245, 248 (*corteças de aciensio*), 232 (*aciensio albar*), 238, 251.

<sup>6</sup> Pp. 158, 139, 141, 151.

<sup>7</sup> P. 200 (*simiente de asensio*), 218, 245. Brotero, *Nomes triviaes*, regista: «ABSINTHIO, *Artemisia absinthium*; c. LOSNA = *Artemisia absinthium*, — sem distinctivo — *Losna do reyno* — *Artemisia arborescens*». Possível é que se trate de espécies diferenciadas. Além das duas citadas ha *artemisia maritima* e *artemisia pontica*.

<sup>8</sup> *Caça*, 25, 28: *Alveitaria*, pp. 43, 27, 34, e 38; 38, 12. Quási sempre *alosna*: algumas vezes *a losna*, p. ex. 43, 27. Era o *çumo da alosna* que se aproveitava. Às vezes se cozia a planta inteira em vinho branco.

<sup>9</sup> Creio que *alosna* (e o fr. ant. *aluisne*) é *aloesina*. — O *aloxinus* das *Glossas* de Reichenau (*Altromanische Glossare*, p. 40, e Ducange) seria neste caso mero êrro de escrita: *x = es*.



Em Portugal *encenço*<sup>1</sup> < *absintio* quasi que desapareceu, substituído por *alosna*, *losna*, que já concorria com ele no século xiv. *Acintro*<sup>2</sup> por *acinto* é pouco usado<sup>3</sup>. Em Castela é *ajenjo* (de *acienço*), que permanece. As variantes *enciênço*<sup>4</sup>, *ensienso*, com troca de a, considerado como prefixo, por *en*, pelo influxo de *encenso*, *enciênso*, que ocasionou igualmente a metamorfose da vogal, produziram *enjenjo*, *enjenço*, registadas nos Dicionários.

## LVI

## ENSARTILHAR \*

«O quadragesimo seisto capitollo he dos ensartilhamentos que aveem aos cavallos». (*Arbitaria*, p. 5, 33 e 50, 8).

«Aqueeeçe . . . per cajom . . . que sse ensartilham nas pernas ou nos braços . . . e chamam lhe em latim *escortiliadura* e em nossa linguagem *emsartilhadura*». (Ibid., 13).

«e se per cayom (*sic*) do *ensartilhamento* lhe saae algũu osso de seu logar» (Ibid., 21).

Pelo tratamento prescrito, e também por se dizer logo depois que «hũu osso se desencasa do outro», opino que se trata de «ex-articulação», e que portanto devemos ler «*escartiladura*» (= *exartiladura*).

Na linha 15 e 21 fala-se do «lugar *emsartilhado* hu he *emsartilhado*».

De *ens-* < *ex* ha exemplos em *ensaiar*, *ensanchar*. Quanto a *ilho* < *iclu*, em substituição de *iclu*, vejam Meyer-Lübke, II, § 422, e confirmam as duplas formas *rencelho*, *vincilho*.

<sup>1</sup> Vid. Brotero e *Diccionario da Academia*.

<sup>2</sup> Vid. Leite de Vasconcelos, *Ensaio Ethnographico*, IV, 487.— Houve epêntese de *r* (depois de *t*) como em muitas outras formações vulgares de que tomei nota. P. ex. *celestre* (por causa de *terrestre*, *pedestre*, *equestre*), *Calistro*, *Mafaldra*, *Ermelindra*; *bonecra*, *monecra*, *lagostra* e *langostra* em rima com *ostra*, *aljabra*, *seletra* = *selecta*, *ganefra* (= *ginefra*), *testro* e *lestro* (por causa de *sestro*).

<sup>3</sup> Ao par de *acinto* ha *acinte*. Os Galegos dizem *asente* e *asentes*; mas também *asentos*.

<sup>4</sup> É assim que escrevia D. Juan Manuel. (Ed. Baist, 65, 23).

## LVII

## ENTERIMENTO

«O vicesimo quarto capitulo he de hũa enfermidade que chamam em latim arrigiatura e em nosa linguagem *enterimento*». (P. 4; a p. 35, 19 e 35, ha *enfirimento*).

Trata-se de *enterite*. Derivado portanto, por meio de um sufixo latino, popular entre nós, do grego *ἐντέρον*, *énteron*, «intestino».

## LVIII

## ENTERTINHO

Termo de altanaria.<sup>1</sup> Os Dicionários escrevem *entretinho*. Explicam «pasto da ave»; «comida da ave». E sustentam a etimologia *entreter*. Um *entretimento* ou *entretimento* portanto!<sup>1</sup>

Na *Arte* de Ferreira notei o vocábulo em dois passos. Uma vez na forma *entertinho*. Ambas as vezes com relação á fressura (*Gekröse*) de aves; em especial á viscera gorda.

No ensino do açor novo convém «entretê-lo» no inverno com perdizes. E da que ele voar melhor, faz-se-lhe gasalhado «dando-lhe o coração e entertinho com alguma gordura». (Parte II, cap. XVII)<sup>2</sup>. No dos falcões, sacres e gerifaltes, adestrados para a caça do «vilão do milhano», o caçador leva uma galinha «da qual tirarão o coração e entretinho»<sup>3</sup> e o darão ao sacre que está aferrado no milhano.

Modernamente applica-se ainda nas aldeias e cidades, na boca dos que matam porcos, ao mesentério dos suínos, isto é, aos refolhos do peritoneu que mantém na sua posição natural as diversas partes do intestino (*Binde-gewebe*)<sup>4</sup>. Certa de que o termo é antigo, derivo *entretinho*, *entertinho*, do lat. *intertignium* = travessão que liga dois barrotes (*Zwischenbalken*).

<sup>1</sup> Vid., p. ex., *Manual Etymologico e Dicionário Prático*.

<sup>2</sup> Vol. I, p. 84. — O verbo *entreter*, usado por Ferreira, provocou a etimologia.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 141.

<sup>4</sup> Os Dicionários dizem *termo provincial*.

## LIX

## ENVAIAIS—EM VIÉS

Para cura de inchacos o fisico de D. Denis preceítua que os queimem com ferro em brasa (fervente) «ao longo (em longo) e en ujaes» (*Alveitaria*, 46, 8); «enuiais» (44, 36); «en vjaes» (46, 4); «em viaes» (45, 29 e 46, 24). Uma vez a locução é substituída por «ao longo e ao traves»; em outra ocasião acrescenta-se a explicação prática «como naçem os cabelos (do cavallo)».

Quanto ao significado não ha pois a menor dúvida. Oposto a «ao longo», «em longo», *enuiais* é sinonimo de «ao través»<sup>1</sup>. Isso podia ser tanto de cima a baixo ao direito<sup>2</sup>, como obliquamente, em diagonal (*quer, überzwerch; schräg, schief*). É este ultimo é o sentido que posteriormente prevaleceu. As modistas chamam *vieses* a umas tiras, mais ou menos largas, de fazendas de toda a qualidade, talhadas não pelo fio mas obliquamente, para com elas guarnecerem peças de vestuário (*Querstreifen zum Besatz*).

Quanto à forma *viais* já passara à forma intermédia *vies* no tempo de Zurara. Este cronista diz na descrição de um vao: «mas o porto ... começava em fundo e subia pera cima ao vies»<sup>3</sup>, isto é, subia obliquamente (*in schiefen Fläche, als Böschung*). Modernamente prevaleceu a grafia *viez*, segundo o sistema do século xviii. Não se pode chamar anti-etimológica, neste caso.

Claro que *viais*, *vies*, *vies*, que não tiveram aqui senão o sentido geométrico de «não-direito, obliquo, diagonal», correspondem ao francês-provençal-catalão *biais* e as restantes formas neo-latinas<sup>4</sup>, algumas das quaes substituem s por x (ital. *sc*)<sup>5</sup>.

Segundo o consenso dos mestres, elas derivam, na acepção de obliquidade, linha obliqua, sentido obliquo, vesgo, de *bifax* = *faisant double face: duos habens obtutus*.

Com a final, as formas peninsulares devem ser galicismos antigos.

<sup>1</sup> *Alveitaria*, 38, 40. É por isso que Gabriel Pereira, iludindo-se, identificou *enviaes* com *enves* < *inverse*.

<sup>2</sup> Parece-me que este é o sentido de *em travesso* (46, 9). O golpe dado *em travesso* é ahí diferenciado da incisão *enviesada*.

<sup>3</sup> *Crónica do Conde D. Pedro*, cap. li.

<sup>4</sup> Vid. Diez, *Etymolog. Wörterbuch*; Littré, s. v.; Meyer Lübke, I, § 447.

<sup>5</sup> Em *viaç* < *vivace* temos -ç.

## LX

## ERVANÇO—ERVANÇAL—HERVAÇAL

Os *garbanços*, que em Castela tem quasi honras de instituição nacional <sup>1</sup>, dão em Portugal, onde são muito menos acreditados, por vários nomes, que os distinguem claramente da *ervilha* commum <sup>2</sup>. «Grão de bico» é a designação mais usada para o *garbanço* secco (*trockne gelbe Erbse; die richtige «Hülsefrucht»*). Em Trás-os-Montes preferem *chicharos, chicheros* <sup>3</sup>. Mas dizem também *granços*, sobretudo nas regiões fronteiriças de Espanha <sup>4</sup>. O vocábulo verdadeiramente nacional, com direitos a literário, era, porém, outrora *ervanço*. Hoje não figura em dicionários modernos <sup>5</sup>; mas sim nos da Galiza <sup>6</sup>.

No *Livro de Alreitaria* o *Cicer arietinum* L. serve tres vezes de termo de comparação para pilulas, seixos, gudilhões. No *Livro de Caça*, as pilulas de solda para os falcões também são tamanhas «como huum ervanço» (p. 22, ult.); e López de Ayala conserva esse simile popular <sup>7</sup>.

«E faze antre as mãaos pirollas tamanhas como ervanços» (p. 11, 30);

«mas deveslhe a meter per a boca huum seixo ou dous, tamanhos como ervanços» (14, 6);

«per cima deste inchaço se levantam huuns condilhoens tamanhos como ervanços» (21, 40).

O campo de *ervanços* chamava se naturalmente *ervançal*, como em Espanha *garbançal*, e na Galiza *garavançal*. Parece que, como o *algarrobal*, era considerado como de excelente pastagem. Lembre-se o leitor da frase proverbial «distinguir un garbanzal de un algarrobal».

<sup>1</sup> Um Português, espirituoso, chamou um dia ao garbanço — *um grão, inchado de fidalgo, e na matéria um pobre*.

<sup>2</sup> Como o castelhano *arveja*, vulgarmente também *alberja* (*vicia Wicke*), de *ervilia*. Vid. Cornu, p. 15.

<sup>3</sup> Linguisticamente, claro que vem de *cicer*. (Cornu, § 173). Botanicamente é, todavia, *eryum lathyris*.

<sup>4</sup> Faltando nos Dicionários antigos, figura nos modernos.

<sup>5</sup> Está nos antigos.

<sup>6</sup> Cuveiro-Piñol e Valladares Nuñez.

<sup>7</sup> Cfr. Ayala, p. 223. — No livro de *Monteria* não faltam. Nem nas *Cantigas de Santa Maria*, onde também se emprega o feminino *garvança* (9, 14).

Enganam-se portanto os que identificam *ervançal* com *ervaçal* (terreno em que ha muita e boa *erva* para pastagem<sup>1</sup>), derivando ambos do latim *herba* <sup>2</sup>.

De *gravanços*, que já vimos equiparados a tumores pequenos, deriva o termo hipiátrico *gravancelos*<sup>3</sup>, cast. *garbanuelos*, gal. *garavançelos*, tumores nos joelhos do cavallo; sinónimo de *esparavão* (*Spath*) que o substituiu, por influência de qualquer tratadista posterior <sup>4</sup>. No tempo de D. Denis ainda não estavam fixados a este respeito, como se vê no cap. xxxviii do *Livro de Alveitaria*: «O trigesimo oitauo capitollo he de hũa enfermidade que he dicta em latim *sparuanus* e em nossa linguagem *erricoos e exaaguazes*» (p. 45, 16).

Quanto á etimologia, mal se pode separar *ervanço* de *ervilha*, leguminosas intimamente aparentadas, e ambas da familia *errum*. Iguualmente inverosimil é diferença de origens entre *garbanço* e *ervanço*. Para este último servia perfeitamente \**erebintius*, do grego ἐρεβίνθος, com mera substituição de *-enço* por *-anço*. Quanto ao reforço da vogal do início, primeiro por *h* e depois por *g*, em Espanha — compreensível em *ervanço* pela influência de *herba*, que se manifesta na escrita secular, *hervanço*, *hervançal* — reforço atestado por vocábulos como *huesped-guesped*, *hisopo-guisopo*, e talvez no tema *harp-garp*, claro que não me conservei estacionária no ponto de vista baixo, a que subira com auxilio de dicionários de sexta ou sétima ordem, antes de escrever, em 1876, *Studien zur Romanischen Wortschöpfung*. Não vejo, contudo, bastante claro e de bastante alto para dirimir a contenda. *Adhuc sub iudice lis est*.

## LXI

## ESLANHADO

O que hoje chamariamos uma boca bem fendida (e já foi chamado assim por Duarte Nunes de Leão<sup>5</sup>), era nos tempos antigos

<sup>1</sup> Vid. D. Duarte, *Livro de Cavalgar*, p. 118. — Cast. *yerbaçal*.

<sup>2</sup> Cornu, § 161. Cfr. Coelho, *Manual Etymologico*, s. v. — Mais de uma vez, a *rir e a sério*, a *ervilha* tem sido tratada de *erva* diminuta.

<sup>3</sup> Também os chamam *gravançados*, *gravançados*.

<sup>4</sup> É ponto que fica por averiguar Pinto Pacheco, *Cavalaria de Gineta*, 1670? Rego. *Summula de Alveitaria*, 1679? — Duarte Nunes de Leão, *Leis Extravagantes* (Adição, 38, p. 756), emprega *sparavões*. Andrade, na *Luz de Cavalaria*, p. 113, distingue entre *esparavões* manifestos, e *gravansuelos* (sic) occultos.

<sup>5</sup> *Leis extravagantes*, p. 38.

uma boca grande e eslanhada, «feitura» que o cavalo bonito deve ter (p. 16, 15), porque só assim pode ser «bem enfreado» (p. 17, 10).

*Eslanhar* < *ex-laniare*, como *lanhar* < *laniare*, de onde vem o substantivo verbal *lanha*, muito usado pelo vulgo em Portugal, na Galiza e nas Astúrias, para designar um golpe não muito profundo, feito com instrumento cortante (*Riss, Schmiss, Hautwunde*), assim como *lanhaço*. Nas Astúrias ha ainda *lanha*, «greta, fenda».

## LXII

## ESPUNLHAS — ESPONLHAS

«G quinquagesimo tercio capitollo he das esponlhas que nace[m] aos cauall[os]» (*Albeitaria*, 6, 5 e 53, 50).

Ffazesse hũa doença ao cauallo apar da juntura do pe ou em outro lugar, e fazesilhe hũa sobegidõe de carne com graaos (i. grãos) per çima; e nom tem hy coiro nem cabelo, e este xe lhe faz dumores sobejos que lhe correm aaquelle lugar. E esta doença chamam em latim *morus*, e em nossa linguagem *espunlha*» (53, 33-37).

Na taboada ha á margem, em letra do fim ou meado do século XVI, a nótula: *esponias*. Mesmo sem ella creio que todos os leitores teriam traduzido *esponja*, pensando nas excrecências esponjosas que ás vezes se desenvolvem de feridas mal tratadas.

A «sobegidão da carne» é atestada por outro texto arcaico: uns versos grosseiros, de *escarinho* do jogral Pero Viviães, a que já aludi no artigo *alvara*. A mesma composição<sup>1</sup> assegura a pronúncia, inesperada<sup>2</sup>, com *u*, visto que *espunlha* rima nela com *unlha*. Quanto ás consoantes temos a par de *espunlha* a grafia *du uha* (= *d'unha*) no único manuscrito existente<sup>3</sup>. Ficariamos portanto na incerteza, se pela sua vez Mestre Giraldo não confirmasse *nlh* com os seus tres exemplos; e se *unlya*, *unlha* não fôsem documentados em outros textos<sup>4</sup>, como *senlho*<sup>5</sup>, *senlheiro*<sup>6</sup>,

<sup>1</sup> CCBr., 446 (= 338).

<sup>2</sup> Vid. Cornu, § 19-21 e 23.

<sup>3</sup> O apógrafo *Colocci-Brancuto*, propriedade, de ha muito, de Ernesto Monaci, o illustre editor dos *Cancioneiros*.

<sup>4</sup> *Cantigas de Santa Maria*, 225; *Crónica Troyana*, II, 265 e 289.

<sup>5</sup> *CM.*, 294; *Crónica Troyana* 173; II, 126.

<sup>6</sup> *CM.*, 45 e 281; *Crónica Troyana*, p. 127.

*cinlha*<sup>1</sup>, e por reverberação curiosa do *n* inicial, em *munlho*<sup>2</sup> e *nenlhur*<sup>3</sup>.

Esses textos galego-portugueses pertencem ao período arcaico da língua, em que o Norte (Entre-Douro-e-Minho) prevalecia naturalmente, e tinha de comum com a Galiza propriamente dita, numerosíssimas particularidades fonéticas, morfológicas e vocabulares, que depois se perderam, em virtude da prevalência primeiro de Coimbra e da Beira, e posteriormente de Lisboa.

Na Galiza ainda hoje dizem *coenlho*, *gionlho*<sup>4</sup>, *quenlha*, *monlho*<sup>5</sup>, comquanto também existam *coelho*, *giolho*, *quelha*, *molho*<sup>6</sup>.

Em todos os exemplos (com excepção de *munlho*, *nenlhur*) *nlh* provém de *nel*, *ngl*<sup>7</sup>.

Por isso derivo também *esponlha*, *espunlha*, de *spongula*, diminutivo de *sponga*; e não de *spongia*, que deu *esponja* (gal. *esponxa*).

Ha uma única forma que me fez hesitar: *enxunlha*, ao par de *enxulha*<sup>8</sup>, *enxunha*, *enxundia* (e *enxunda*<sup>9</sup>), de *axungia*. A hesitação foi todavia inútil, porque podemos considerar, naquela forma tão rara que nem mesmo a sei documentar) a *nasalização* como *secundária*.

Eis agora a cantiga sobre o macho de Fernam Furado, magro, doente, cheio de chagas e respingadiço, com todos os achaques que a fantasia do maldizente soube inventar.

Comprar quer' eu, Fernam Furado, muu  
que vi andar muy gordo no mercado;  
mas trage já o alvaraz ficado,  
Fernam Furado, no oiho do cuu;  
e anda bem, pero que fere d'unlha;  
e dizem-me que trage ùa esponlha  
Fernam Furado no oiho do cuu.

<sup>1</sup> Muito freqüente. Vid., p. ex., *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

<sup>2</sup> *CM.*, 109, 266.

<sup>3</sup> *CM.*, 5, 15; 205, 14 e muitas mais vezes.

<sup>4</sup> *Crónica Troyana*, p. 106, ha *geonllo*.

<sup>5</sup> Vid. Cuveiro-Piñol e Valladares Nuñez.

<sup>6</sup> Além d'essas formas, que posso documentar, existem outras; p. ex. *unlheira*, *anlhar*, *senlhar*.

<sup>7</sup> Cf. Cornu, § 140. — Vid. *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195, *sinlha*, *cinlha* < *cingula*.

<sup>8</sup> *Alveitaria*, p. 22, 5, e dúzias de vezes na *Arte de Alcaneria*. Hoje este arcaísmo passa por ser plebeísmo. Vid. Cornu, § 221.

<sup>9</sup> *Alveitaria*, pp. 29, 30.

E, dom Fernam Furado, d'aquel muu  
 creede bem que era eu pagado,  
 se nom que tem o alvaraz ficado  
 Fernam Furado, no olho do cuu.  
 e caçurr' é, [e] vejo que rabeja,  
 e tem espunha de carne sobeja,  
 Fernam Furado no olho do cuu.

CCBr. 446 (= 338) — 1 comprar quereu — muo 2 q̄uj — 3 o  
 aluaraz — 4 fura do — cuo = 5 pera du uha — 6 dizenie — 8 fer  
 nã — daq̄l — 9 cree de — 10 oal uaraz — 11 ncolho docuu — 12 cacur-  
 reuer, o q̄ rabeja — 16 uoolho docuu.

## LXIII

## ESTADA — ESTABRO

Um dos nomes medievaes dos parques com arribanas para cavalos; ou das próprias arribanas-cavaliariças.

No Regimento rigoroso que nos princípios da monarquia prescrevia a economia doméstica dos reinantes, preceituava-se que:

«el rey nom tenha nem faça ter bestas em estada, nem em outro lugar, senom quatro cavallos em estada, e nom mais;

dê el rey cevada aos guardadores seus em estada;

dem aas bestas del rey e da rainha (asi azemellas como de sella) em estada alqueire e meio cada dia»<sup>1</sup>.

Oposto a *estada* < *stata* (*Stehplatz*) havia *andada*. Em caminho, de viagem as cavaladuras recebiam dois alqueires<sup>2</sup>.

Mestre Giraldo servia-se, em 1318, do mesmo vocábulo. Sobre tudo no cap. v «... qual deue seer a estada e manjadoira dos caualllos ... Deues a saber que a estada dos cavallos deue de seer temperada e boa; e deue de seer cada dia linpa do estrabo e de todo lixo» (p. 9, 18 e 22)<sup>3</sup>.

Que *estada* conservava então, além de *aído*, o sentido primitivo e geral de lugar onde alguém está<sup>4</sup>, mas também o de *estante*, móvel para os cavalos estarem a comer, quietos e em boa posição,

<sup>1</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», pp. 200 e 201.

<sup>2</sup> Tudo isso em 1261.

<sup>3</sup> Cfr. p. 10, 2 e 13; 28, 24.

<sup>4</sup> Hoje é a acção de estar, de assistir, de se demorar.



vê-se de diversos trechos; p. ex., onde explica que o cavalo engrossa no alcafar (= no lombo) e nas partes derradeiras, «teendo a manjadoira e a estada baixa de deante» (p. 9, 41) <sup>1</sup>.

\*

A par de *estada* dizia-se *estabro*. Parece que era palavra mais nobre. Encontro-a nas *Cantigas de Santa Maria* (228) e na *Demanda do Graal*, fl. 158. No *Livro de Alveitaria* na forma *estrabo*, quer por lapso quer por metátese popular (p. 35, 2 e 36, 38) <sup>2</sup>. *Estrabe*, como dizem Galegos e Catalães, subsiste em Portugal apenas no composto *condestabre* < *comite stabuli*.

## LXIV

## ESTALLO—ESTILLO (?)

O *Livro de Alveitaria* principia com a definição do que é um cavalo de padreação: «Deves a saber que estillo em latym tanto quer seer em nossa linguagem como cauallo que lançam aas egoas pera geerar» (p. 6, 26).

Claro que se deve ler *estallo* <sup>3</sup>, tema germânico do ital. *stallone*; fr. *étalon*, e do port. \**estalão*, que na linguagem moderna subsiste apenas no sentido derivado de *padrão*, *craveira*, *bitola*, mas que provavelmente foi o nome técnico do *Zuchthengst* entre os alveitaires e ferradores, de 1318 em diante.

\*

*Estilo*, com o significado *estilete*, pertencia ao vocabulário de Mestre Giraldo. Para uma das operações cirúrgicas que analisa, recomenda um ferro delgado, revólto na ponta, e «agudo como ponta destillo» (p. 23, 28).

<sup>1</sup> Vid. ESTRAR. PRESEVE.

<sup>2</sup> *Estrabo*, existe e ocorre numerosas vezes no sentido usual de excremento de cavalo, que tem no exemplo citado neste artigo.

<sup>3</sup> Du Cange, III, 69: «Equus ad Stallum = admissarius», em *Leg. Wisigot.*, lib. VIII, § 4, unde nostri *Estalon*. — Vid. *Stalonus*, vol. III, 352 (*stalo*, *stalonus*, *stalonus*).

## LXV

## ESTRANGULHO

Doença de cavalo; obstrução na garganta, que não o deixa respirar. — *Alreitaria*, p. 4, 11, na ortografia dubia *estrangullo*; com *lh* a p. 26, 5 e 11.

Substantivo verbal de \**estrangulhar* < \**strangulare*, de *strangulare*.

## LXVI

## ESTRAR — ESTRUME

*Stratum* era participio passado de *sternere*, «espalhar, estender»; e, como substantivo, nome de alcatifas, leitos, plataformas, mas também da cama de palha destinada aos cavalos. D'este participio abstrairam em Portugal o infinitivo *estrar* = cobrir de palha, fazer uma cama de palha, ou de outra qualquer substância.

No *Livro de Alreitaria* ha tres exemplos. O imperativo *estra*: «E des y estralhe dos seixos sob elle assy como cama»; o participio: «e sejam estrados de guissa que tenha os pees sobre elles» (p. 32, 36 e 38); o optativo, com poderes de subjuntivo: «E aa noyte façamlhe boa cama da palha longa, ou do feno, e estrem lhe bem a estada pera folgar hy» (ibid., 9, 24-25).

A incómoda cama de pedras, — «tamanhas como homem pode filhar com sa mão» —, tinha a virtude terapéutica de obrigar o cavalo a mexer as pobres pernas, já doentes de cansaço demasiado.

\*

*Estrume* por *estrame* (*Streu*) parece-me, antes do que descendente de *stramen*, um derivado de *estrar*, com troca de sufixo, porque *-ame*, a não ser em *arame*, não é popular; *-ume*, pelo contrário, era do gosto do povo, como se prova com *açedume*, *cardume*, *carregume*, *ciume*, *chorume*, *cortume*, *costume*, *legume*, *mansedume*, *negrume*, *ordume*, *pesadume*, *queixume*, *tapume* <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Vid. Meyer-Lübke, § 274, e Leite de Vasconcelos em *Rev. Lusit.*, II, 368.

## LXVII

## ESTREPE—ESTERPE—ESTREPADURA

*Estrepe* < *stirpe*, na acepção de *espinho*, pua de madeira (*Splitter*), é assaz conhecido<sup>1</sup>; nem tem dificuldades a sua etymologia. Faltavam, porém, exemplos antigos. Temo-los no tratado de *Alveitaria*, onde concorre com *espinha* e *estaca*:

«Muytas vezes aqueçe cajom nas pernas do cauallo, de couçe doutra besta ou de ferida, ou dalgũu estrepe que lhe entra per ella» (p. 43, 23).

Todo o cap. LXVI trata de «estrepaduras [derivado ainda não registado] nos geolhos ou nas outras junturas» (p. 5, 33; 50, 34; 56, 4).

A variante *esterpe* (ou *esterpo*) está no *Auto da Festa*, de Gil Vicente, onde o Parvo exclama: «Meteu-se-me esterpe no pé» (ed. do Sr. Conde de Sabugosa, p. 109, 15).

*Estrep*, como corda da balista, e *esterp*, estribeira, que ocorrem no *Tirant* catalão, são derivados do germânico *stripe*, «corda», que em Portugal deu de um lado *estribo*, e do outro *tripa*.

*Estrepeiro*, como nome do *espinheiro* e do *pilriteiro*, rivaliza com *escalheiro* e *escambroeiro*, que são outros tantos apelidos da que é *árvore de picos*, por excelência. *Fiscalheiro* deriva de *squalius*, por *squalus*, nome do tubarão e também da raia que tem a alcunha de «diabo-marinho» (*Stachelroche*). *Escambroeiro*, *escambroeira*, está por *escabroeira*, e vem de *crabro* (*Stachelbiene*, «moscardo, vespão»).

## LXVIII

## EXAGUAZES—EXARGUAZES

É nome arábico ou mozarábico dos *eiriçós*: do *Igel-Geschwulst*; tumor verrugoso nos joelhos do cavalo, como já expliquei.

Temos a forma principal a p. 5, 20; 45, 19; e *exaarguazes* a p. 45, 25.

<sup>1</sup> Vid. Cornu, §§ 14 e 303. — *Estrepar*, *estrepada*, não tem nada digno de nota.

Creio que nenhuma está em ordem, e que as verdadeiras lições seriam *exagnaques e exaugages* (q por ç)<sup>1</sup>, porque o vocabulo, de que evidentemente derivam, é *ax-xuqâq*, الشقاق, do tema *schaqqa: fudit, dilaceravit*<sup>2</sup>.

## LXIX

## FAVELLA —ESFAVELLAR—ESFAVELLAMENTO

Aos cinco anos, ou dos quatro em diante, era uso dos alveitaes medievales o arrancarem ao cavallo duas espécies de dentes, de ambos os lados da queixada de baixo. A uma chama *pás*, *paas* < *palas*, o nosso Mestre Giraldo; á outra, *favellas*. Ao acto de os tirar, *esfavellar*; ao processo *esfavellamento*. Segundo as ideias de então, o cavallo assim maltratado tornava-se em seguida mais manso e de melhores costumes. Além d'isso engrossava. É tudo quanto nos diz no cap. XIV do seu livro (Parte I). Suspeito porém, pelos parágrafos que se seguem, relativos a freios, que as lacunas artificiaes eram precisas para a colocação de certa barbela do freio.

Quaes dentes seriam? E porque lhes deram o nome de *favelas*? Favas pequenas? Por terem configuração semelhante á das favas? encovados no meio, de perfil escavado, ou por estarem em contacto com as glândulas da maxila de baixo, tão sujeitas a engorgitamentos, a que o povo dá o nome de *faras*?<sup>3</sup>

Confesso a minha completa ignorância quanto á dentição dos equideos<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Dozy emendou no *Livro de Monteria, aluayaque*, propondo *aluaxaque*. Claro que este não é o único erro cometido por escriptores em palavras, pouco vulgares, de origem arábica.

<sup>2</sup> Freytag, II, 437. Vid. Dozy, *Glossaire*, p. 220. Em castelhano ha *axuaga* (em orthografia moderna *ajuaga*), com queda estranha de um q. Parece mesmo que por metítese e influencia de *agua* dizem *aguaja*; e *enxada* em algumas regiões fronteiriças d'este país.

<sup>3</sup> *Fava* (*haba*; *fève*) é também o nome de uma doença caracterizada por inchação no céu da boca dos cavalos. (*Froschgeschwulst*).

<sup>4</sup> Apenas sei o que Duarte Nunes do Lião ensina na Adição ás *Leis Extravagantes* (§ 36): «dos duas vezes seis dentes deanteiros os cavalos mudam os duas vezes dois do meio aos trinta meses; outros quatro no principio dos quatro anos; e ao principio dos cinco os quatro derradeiros».

Eis os passos que motivam essas perguntas. «O quarto decimo capitollo he do tempo em que deuem a esfaucelar os cauillos e ho proveito que lhes tem» (xiv, p. 15, 17-18. Cfr. 3, 211. «O cauillo deve de seer esfaucelado dos quatro anos adiante; pero he mjhor de o esfaucelarem aos cinco anos e esto he por lhy nom nacerem outra vez os dentes. E quando ho esfauellarem deuem lhy a tirar as fauellas e as paas da queixada de fundo da hũa parte e da outra».

## LXX

## FERRAN — FERRAËS — FARRAGEM — FORRAGEM

No cap. vi, da Parte II, do seu *Livro de Alveitaria*, o físico de D. Denis explica quaes cousas devem comer os cavalos. Para os «de idade comprida» recomenda entre outras cousas, para um mês inteiro do verão, prados ou *ferraes*, a fim de se purgarem (p. 10, ult.)

Creio que falta til sobre *e. Ferraës* < *ferragines*, nome comum na idade média<sup>1</sup>, e ainda hoje, de uma mistura de grãos, semeados de propósito para servirem de pasto verde, temporão, a bestas e ao gado bovino. Cevada, aveia, alcacér<sup>2</sup>, antes de espigarem. (*Mengfutter, Mangfutter, Wickfutter*).

Na antiga Roma diziam *farragines*. Esta forma literária subsiste, designando um conjunto de cousas mal ordenadas<sup>3</sup>.

Nas formas populares ha muitas variantes, com *a* e *e* no tema: O suffixo *-agem*<sup>4</sup> (reconhecível no catalanescos *farratge*) foi reduzido a *-aem*, *-aẽ*: *farrãẽ*, *ferraãẽ*; contraído para *ẽm*, *ẽ*: *fervem* (cast. *herren*), *farrem*: ou para *an*, *ã*: *farrã*, *ferrã*, que com troca de sufixo deu: *ferral* e *farrão*; gal. *ferraya*; mirandês *fer-ranha*.

Do derivado *farraginal*, *ferragenal*, saíram *farragial*, *farrageal*, *farrajal*, *farrejal*; *ferrageal*, *ferregial*, *ferrejal*.

Do verbo *farrejar*, *ferrejar*, vem o substantivo verbal *farrejo*, *ferrejo*.

<sup>1</sup> Vid. Schuchardt, *Vulgärlatein*, 1, 202.— *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 568, *ferragem*; 629, *ferragines*; 703, *ferragenalem*; 401 e 470, *farragem*.

<sup>2</sup> *Alcacer* (ou *alcacel*) de *القصيل*, *al-cacil*. Vid. Dozy, p. 78, e *Doc. Ebor.*, 136 e 140.

<sup>3</sup> *Ferragem*, de que dei um exemplo na nota antecedente, desapareceu, atugentado pelo parónimo, derivado de *ferro*.

<sup>4</sup> Cfr. *sartãe*, *sertan*.— Cornu. 23 220 e 282.

*Forragem*, herva para alimentar gado, com numerosos derivados, entre os quaes não faltam *fORAGEAL* nem *fORAGEAR*, corresponde ao francês *fourrage*, do germânico *fodr* (*Futter*, *Futterstroh*). Não se confunda com *farragem* nem com *ferran*. Cada um tem o seu terreno, de acção limitada.

## LXXI

FORÇAS DA LÍNGUA?—FORADOS DE LA LÉNGUA:  
FOETAS DA GARGANTA?

Que será? Mestre Giraldo, ao falar de «gozmes» na boca das aves, diz num passo, evidentemente deturpado, que é duvidoso se a ave guarecerá ou não, «se som perto da boca E. per as forcas da lingua e se entram na boca da gorgomilla» (12, ult.). Ayala auxilia-nos na restituição, pois diz «son por toda la boca»; mas quanto à segunda metade não compreendo as palavras «et por los forados de la lengua et entram fasta dentro en la garganta» (p. 236). No *Libro de Monteria* é que se fala de enfermidades dos cães «en las gargantas ó en las foetas» (p. 197).

## LXXII

## FORUNCHO

Para ajudar o falcão doente de pedra, no acto de expelir alguma d'elas, o assistente cirúrgico havia de lhe fazer carinhosamente umas massagens «como quem preme foruncho». Isto é: como quem expreme um *furúnculo*<sup>1</sup>. Ferreira diz correctamente como quem expreme um *leicença*<sup>2</sup>. Já contei na Parte I, que o Chanceler compreendeu mal esta indicação, trocando *foruncho* com *juron*.

\*

Epifânio Díaz já explicou o vocabulo (*Rev. Lusitana*, XI, p. 142).

<sup>1</sup> *Caça*, cap. viii, p. 17 (penúltima).

<sup>2</sup> Vol. II, p. 24. Ainda não descobri o que seja etimologicamente este nome vulgar do furunculo. Masculino do gal. *neixença* = *nascença* = *nascida*?

## LXXIII

## FRANGEENS

No tratamento da doença das plumadas velhas (isto é, de indigestões de falcões garganteiros), Mestre Giraldo aconselha primeiro um purgante de tártaro e mel. Depois, alguns dias de dieta. A primeira comida, de fácil digestão, seja um coração de carneiro, limpo de peles, gorduras, veias, nervuras; isto é: de todas as aparas, lavado em água de zaragatona<sup>1</sup>.

«filha huum coração de carneiro e tiralhe huma pele delgada de que he cuberto e as veas e ha grosura, e fendeo e tiralhe todas as frangeens que tem dentro e os callos, etc.» (Caça, 14, 381).

Ayala simplifica, falando só de «nervios e durezas» (p. 24). Ferreira, na mesma, diz «bem limpo de gordura e nervos» (vol. II, p. 19).

Creio que se trata de um derivado do mesmo tema *frag.*, *frang.*, que temos em *frangalho* (farrapo), *frangalhona*, *frangibil* (Orta, II, p. 344). *Haderu*, *Zaddein*. Mas a formação? \**Frang-agines*? De sorte que teríamos de pronunciar *frangèns*, como *ferrens* < *farrens* < *farragines*; *sartens* < *sartans* < *sartagines*?

## LXXIV

## FRONTINHO

Qualificativo de um cavalo baio, alazão, castanho ou ruço que tem uma malha clara, geralmente branca, no meio da testa — uma estrela (*eine Blässe*), considerada como sinal de bom agouro, indicativa de excelentes qualidades<sup>2</sup>.

Mestre Giraldo emprega-o ao falar das feituraz e das côres do bom cavalo: «E o cauallo [sc. o bayo claro e o ruço cardeio, gabbado na proposição anterior] vall majs por seer frontinho e alazam dũa perna ou de duas».

<sup>1</sup> Mestre Giraldo serve-se de duas formas (não registadas por Dozy, p. 365) do nome da planta *ba7r-catõna* (*plantago psyllium* = herbe aux puces, de origem persa, mas propagado pelos Arabes), ambas com queda da sílaba inicial. *Zergatõa* (Caça, 14, 40) e *7argatõa* (14, 43 e 15, 20) apresentam além d'isso dois traços bem portugueses: redução da vogal pretónica, e queda do *n* medial.

<sup>2</sup> Vid. *Leis Extravagantes*, Adição, §§ 31, 32, 33.

Claro que *frontinho*, por *frontio*, é representante directo do lat. *frontinus*. Hoje diz-se *frontino*, em Portugal como em Espanha. Quanto á formação, já falei de *cainho* < *caninus*; *festinho* < *festinus*; *sobinho* < *supinus*; e podia citar diversos outros arcaísmos, como *madodinho* < *matutinus* (CM., 152); e também *maninho*.

A segunda parte da oração citada creio que se refere a cavalos de pé calçado de escuro <sup>1</sup> (côr de canela ou de castanha), porque malhas brancas, a não serem iguaes ás estrelas do rosto, não eram estimadas <sup>2</sup>. Por isso havíamos de pôr virgula depois de *frontinho*, numa edição critica. Sem isso podia haver equívocos.

## LXXV

## GALINGAL

*Alreitaria*, 29, 40. — Variante, ainda não registada, de *garengal* <sup>3</sup>, *galangal* <sup>4</sup>, *calanga*, *galanga*, alemão *Galgant*; do persa *khalandjan* que os Árabes de Espanha vulgarizaram (خالنجان) <sup>5</sup>. No Colóquio XXIV que dedicou a esta raiz medicinal, Garcia da Orta transcreve-o «calvegiam — cha[mil]igiam — galungem». Conta que muitos a confundiam com a raiz da espadana, o cálamo aromático do *acoro* <sup>6</sup>. E distingue-as assim: «a galanga he mais quente e com mais suave cheiro [que o acoro]; e as cousas pera que aproveita a galanga, tiradas dos Arabios que escrevem dellas, nam sam aquellas pera que aproveita o acoro; porque as da galanga sam pera o estamago e pera o mau cheiro da boca; as do acoro sam pera o cerebro e pera os nervos» <sup>7</sup>.

<sup>1</sup> Malhas brancas nos pés e nas mãos era ruim sinal. Ao cavalo calçado do pé direito ou do pé esquerdo e mão direita, chamavam *argel*; ao calçado da mão direita e pé direito ou da mão esquerda e pé esquerdo, *argel travado*; ao calçado da mão esquerda e do pé direito, *argel trastravado*. *Argel* por *raajel* راجل (Freitag, II, 127, «in pede uno posteriore album locum habuit»).

<sup>2</sup> Os bons-bons deviam ter somente o pé de cavalgar calçado.

<sup>3</sup> *Poema de Alexandre*, 1301; na ed. de Morel-Fatio, est. 1413, ha *galjngal*. Tal qual em Mestre Giraldo.

<sup>4</sup> Catalão. Dissimilação, como a forma portuguesa.

<sup>5</sup> Freitag, II, 521. — Vid. Dozy, p. 271.

<sup>6</sup> Vid. CANAVEA.

<sup>7</sup> Vol. I, p. 353 sgs.



## LXXVI

## GORGOMEL — GORGOMILO — GORGOMILA — GURGUMELA

D'esta vez tenho o prazer de apresentar ao leitor um grupo de vocábulos, de formação pitorescamente popular, predilectos de gente do campo, usados sobretudo pelos *çagales* de Gil Vicente e Juan del Encina, mas já familiar ao físico de D. Denis, e, meio século antes, ao Sábio de Castela.

Numa Cantiga, o rei conta «como Santa Maria guará uun ome en Euora que ouuera de morrer d'un osso que se ll' atrauessara na garganta». O homemzinho, gran comedor — *garganton*, como era costume dizer—, que engulia bocados desmesurados, regalou-se uma noite duns coelhos assados, com tanta voracidade que, sentindo um ossito atravessado nas goelas <sup>1</sup>, pensou de morrer:

Ca aquel osso ll'auia  
O gorgomel atapado.

(cccxii)

Glândulas, das que chamam *olivas*; apertam ás vezes «o gorgomillo do cauallo de gujssa que adur pode comer e beyer e defolgar» (*Albeitaria*, II, cap. X, p. 25, 27).

Gil Vicente, ao retratar certa Branc'Annes, tipo da mulher brava, mostra que achava mal tudo quanto seu homem fazia e em especial o bom apetite d'ele:

porque vai-se-me ás figueiras  
e come verde e maduro;  
e quantas uvas penduro  
jeita nas gorgomileiras!

(I, 171)

Maria Parda, a amiga de Baco, pedindo fiado á Biscainha, exclama:

Oh senhora Biscainha  
fae-me canada e meia,  
ou me daí hũa candeia  
que se vai esta alma minha.  
.....  
e çarra-se me o gorgomilo!  
emquanto posso engoli-lo  
soccorrei-me minha vida!

(III, 368)

Num Auto carnavalesco, Juan del Encina introduz dois pastores repantigados no acto de sacrificarem ao Santo padroeiro do Entrudo — San Gorgomillaz ou Gorgomellaz (p. 77). Um d'elles declara, de farto,

aun somera  
tengo mi gorgomillera (p. 76) 1.

E assim por diante.

Se estas formações, ás quaes ha de juntar-se *gurgumelas* 2 e *gragomilho* 3, fossem privativamente portuguezas, eu diria que saíram da juxtaposição de *gorg-* < *gurges*, e *gomil* < *aquamanele*, sob o influxo de *gamela* 4 (de *camella*); *Kehle* — (*Giesskanne: Kehle* + *Napf*. Citaria, para tornar plausivel metáfora tão apropriada a gargantões, a applicação de *pauela*, *testo*, *cana*, a outras partes do corpo. E para tornar plausivel a anulação da aparente reduplicação lembraria vocábulos como *ligamba* (= *ligagamba*), *mogato*, (= *mofigato*), *heroi-comico*, *joco-serio*, *cephalalgia*, etc. Sendo comum a diversas línguas románicas, como se prova pelo fr. *gargamelle*, prov. *gargamela*, também não sei propôr outra etimologia. A substituição de *gurg-*, *gorg-*, por *garg-*, é motivada pela multidão de palavras em que *gargar-*, *gorgor-*, *gorgol-*, *gurgur-*, imitam o cair da água ou de outros líquidos em vasos, ou na garganta.

## LXXVII

### GOZMES — GUERMECES

Volto aos vocabulos peninsulares *gormar*, *gormador* (castelhano) 5; *gosmar*, *gosmento*, *gosma* (português), de que falei não ha muito 6. As importantes formas arcaicas que encimam este artigo obrigam á revisião do processo, com respeito tanto á forma e ao

1 Também ha *gorgomillera*. Vid. Gallardo. *Ensayo*, III, c. 768.

2 J. Ferreira de Vasconcelos, *Ulysipo*, pp. 100 e 223.

3 J. J. Nunes. *Dialectos algarvios*.

4 *Ganiella* nas *Cantigas de Santa Maria*, 351, 15.

5 Ambos são antiquados em Espanha, no sentido real e no figurado. *Gormar* também anda consignado em Dicionários portuguezes. Sem documentação. Não duvido todavia que existisse, e exista em algum dialecto.

6 Vid. *Contribuições*, I, p. 54 (*Rev. Lusitana*, XI).

sentido originário das palavras, como as suas origens. Se ainda não foram tomadas em consideração, depois do exemplo dado por Diez, por nenhum dos eruditos que se ocuparam de *gosma* e *gostar*, (ou de *gourme*, *morre*, *mormo*, *morbus* e congêneres), muito embora a castelhana estivesse patente desde a publicação do livro de cetraria de D. Juan Manuel <sup>1</sup>, foi porque, na falta de *gozmes*, ninguém reconheceu o parentesco entre *gosma* e *guermeces*.

Mestre Giraldo não emprega *gozmes* no *Livro de Alveitaria*, comquanto trate nele extensamente da doença do *mormo*, que é, como a das *gozmes*, inflamação da membrana pituitária. Só no tratado das *Enfermidades das aves caçadores*. Nele ensina, no capítulo II, *Das Gosmes*, a operar, com lanceta ou pena aparada, as pústulas de mucosidades grossas («água-vidrada» na terminologia dos cetreiros) que se geram na cabeça inteira, fossas nasaes, boca, garganta, ouvidos dos falcões constipados (aguados). Diogo Fernández Ferreira, que abrevia e modifica um tanto essas longas explicações sobre o mormo (*Rotz-Krankheit*) das aves, principia o capítulo respectivo com a definição: «Gosmas são umas bostellas que nascem na boca e ouvidos dos falcões» <sup>2</sup>. O Chanceler, que traduz quasi literalmente o texto do português, serve-se no capítulo XV, *Del falcón que ha guermeces*, constantemente d'essa forma, e só d'essa <sup>3</sup>. Mas não foi de modo algum introdutor de um neologismo que, porventura, tirasse do português. Antes d'ele D. Juan Manuel já havia dissertado, independentemente, sobre o mesmo tema, empregando sete vezes a seguir o vocabulo *guermeces*, no sentido indicado de humores viscosos mais ou menos espessos e sua erupção pustulenta <sup>4</sup>.

Como se pronunciaria? G. Baist imprimiu *guermeces*; Gutiérrez de la Vega *guermeces*. Ambos sem acentuação gráfica, e sem anotação. No *Diccionario* da Academia Espanhola ha *guermeces*. Mas só porque os autores o tiram do inglês *warmth* («calor») <sup>5</sup>!

<sup>1</sup> Isto é: desde 1879.

<sup>2</sup> Parte IV, cap. VII (vol. II, p. 15). — Moraes levou este passo (e mais nenhum) ao seu *Diccionario* como prova documental do sentido de «enfermidade de aves de caça».

<sup>3</sup> P. 235.

<sup>4</sup> Cap. XI, pp. 55, 14 e 57, 5 e 6, da ed. Baist (pp. 86, 88 e 89 da *Bibl. Venatoria*). O Infante distingue claramente entre água que corre, e água que não sae líquida pelo caminho natural das ventas, apodrecendo por isso e tornando-se grossa, em *guermeces*.

<sup>5</sup> Não o relacionam com *gormar* que, segundo eles, vem de *grumo*.

Quanto á etimologia, *passons outre!* A pronúncia parece-me todavia exacta <sup>1</sup>. Ela corresponderia ao português \**gormezes*, respectivamente *gosmezes* ou *gozmeses*, que não posso documentar, mas que seria plural duplo popular de *gormes*, *gozmes*, emparelhando com *lezmezes* e *verezes*, de Mestre Giraldo <sup>2</sup>; *calezes* e *simplezes* das *Ordenações Afonsinas* <sup>3</sup>; *ourivezes*, *arraeses*, *coses*, de Barros, Resende <sup>4</sup>, etc.; *alferezes* de Camões <sup>5</sup>, e com a já longa série de plurales duplos, tradicionaes, a que me tenho referido tantas vezes <sup>6</sup>. Aqui cumpre lembrar que essas formações não são de modo algum inauditas em terras de Espanha. Mesmo fóra da Galiza onde *leises*, *reises*, *monteses* são muito usados <sup>7</sup> diziam antigamente *pieses*, *traspieses*, *maravedises* <sup>8</sup>, etc.

*Gozmes* ocorre onze vezes no texto de Mestre Giraldo <sup>9</sup>. Sempre com *z* <sup>10</sup>; sempre com *e* na parte postónica. Sempre no feminino. Só uma vez ha «outros gozmes» <sup>11</sup>. Lapsó provavelmente, embora o género masculino de *guermeces* <sup>12</sup> possa levar a admitir

<sup>1</sup> A ideia de ver em *guermeces* o tema *guerm-*, *gorm-*, e o sufixo *-ez*, não resiste ao mais leve exame, pois esse só serve para tirar abstractos de adjectivos de origem em geral latina. Vid. Meyer-Lübke, n. 3 480.

<sup>2</sup> Vid. n.º LXXXV e CXL.

<sup>3</sup> Liv. II, tit. VI, art. 3 e liv. VI, tit. VI, art. 2.

<sup>4</sup> Vid. Cornu, 3 308; J. J. Nunes, *Chrestomathia Archaica*, 3 127.

<sup>5</sup> *Lusiadas*, IV, 27.

<sup>6</sup> Vid. *Fragmentos Etymológicos e Asa*, nota 4. Aos exemplos literários conhecidos posso juntar *lebréses* (escrito *librises* na *Crónica de Azenheiro*, p. 222). Da boca do vulgo recolhi muitos: *adçuses*, *chíses*, *alvaraçes*, *satamases*, *maréses*, *lavapéses*, *crochéses*, *cachenéses*, *filhoses*, *belhoses*, *eiroses*, *moses*, *poses*, *noses*, *paletoses*, *enchoses*, *pioses*; *irmanses*. Cfr. *Dialectos Algarvios*, p. 9.

<sup>7</sup> Vid. V. García de Diego, *Elementos de Gramática Histórica Galega* (Burgos 1909), 3 154, nota. Aos pequenos rendeiros que veem ao Porto ouvi *tisuses* e *demitises*. Na *Revista Gallega* colhi *atélises*, *munises* (ingl. *money*), *pitoreises*.

<sup>8</sup> *Conquista do Ultramar*, p. 278.

<sup>9</sup> P. 6 (Taboada); 12, 24, 26, 28, 32, 34, 38; 13, 7, 8, 12, 16.

<sup>10</sup> Já disse que as grafias de Mestre Giraldo (ou do seu trasladador) não são exemplares, e que, pelo contrário, ele confundiu frequentemente *ss* e *ç*, *s* e *z*, *rr* e *r*, *g* e *j*. Mas quanto a *gozmes*, não ha hesitação; e depois, temos a contraprova na forma castelhana. De resto, essa troca entre *s* e *z* (*c*) é o fenómeno mais curioso da formação; explicável pelo influxo de *lesmezes*, *verezes*, *alferezes*, *calezes*, *simplezes*, *arraezes*, *ourivezes*, escritos todos eles ora com *s*, ora com *z*.

<sup>11</sup> P. 12, 32.

<sup>12</sup> *Los guermeces; estos guermeces; tantos guermeces; los primeros guermeces; otros guermeces.*

a variante. A multidão das *gozmes* (*Eitersäckchen, Pusteln*) em que a água-vidrada se junta, exigia o *plurale tantum*<sup>1</sup>. Desconhecemos portanto o singular. É provável todavia que fosse *güermes* em castelhano; e em português \**gosmes* (*gozmes*) por *gormes* (*gormes*)<sup>2</sup>.

De *gormr*. Se eu já considerava os verbos *gormar, gosmar* como derivados do termo «nórdico» indicado por Diez, por ser o mais apto entre os diversos que foram propostos<sup>3</sup>, é claro que os substantivos arcaicos robusteceram essa convicção. Eles dão valor ao verbo *grosmar*, usado ainda no século XVI por Jorge Ferreira de Vasconcelos, e também a grafia *gozma, gozmar*, que sem elas não valia cousa alguma<sup>4</sup>. D'esse infinitivo *grosmar* por \**gromçar, \*gromzar*, saídos por dissimilação de *gromrar*, ou derivados do substantivo, com o significado de expelir água-vidrada (= humores viscosos) pelas ventas, vomita-los pela boca ou pelo bico (forma mais leve da doença do mormo, sem contágio), é que procederia o substantivo verbal *gosma*<sup>5</sup>. Humor viscoso expellido por aves de caça, por galináceos e por poldros.

Os dicionários modernos, práticos, dão explicações divergentes, cingindo-se talvez ao uso actual de Lisboa (?). No *Prático Ilustrado* encontro, p. ex.:

GOSMA, s. f., (fr. *gourme*)<sup>6</sup>. Pellicula que se forma na ponta

<sup>1</sup> «Et dice Don Johan que yal contenscio que un su girifalte havia tantos güermeces que por muchos quel sacaban siempre tenia las llngas llenas» (p. 89).

<sup>2</sup> *Calez, cales; ourivez, ourives; alferes, alferes* são singular e plural.

<sup>3</sup> Claro que me refiro somente a notabilidades, como Scheler, Groeber, Schuchardt, Behrens, Parodi, Cornu, cujas opiniões estão consignadas no *Manual de Körting* (s. v. «gormr» e «vulnus») e não a anónimos que, sem conhecimento bastante, falaram de origens quer vasconças, quer francesas; de *grumo*, do alemão *worgen* (= *würgen*), «fazer esforços para engulir ou para vomitar alguma cousa». Cornu fez bem em eliminar da 2.ª edição da *Gramática* a derivação do grego *ζωμα*, e de não se preocupar com *romax*.

<sup>4</sup> Duarte Nunes de Leão cita *gozma, gozmento* nas *Origens*, p. 99, entre os vocábulos que os Portuguezes tem seus nativos.

<sup>5</sup> Verdade é que *lesma* (*lêsmia*) saía directamente de *lesne*. E mesmo sem esse paralelo podíamos apontar *infanta, portuguesa, senhora* (com todos os substantivos em *-or, -ora*) assim como *cuchara, grua* em castelhano, em prova de que a substituição de *-e* por *-a* para caracterizar o genero feminino está no espírito da lingua.

<sup>6</sup> Admira-me encontrar o inútil galicismo *gurma*, doença dos potros durante a dentição, introduzido por qualquer afrancesado amador da locução *jeter sa gourme*, no mesmo *Dicc. Prático Ilustrado* sem a nótula (nódoa) *estrangeirismo*. No livro *Estrangeirismos* (1902) é que deviam figurar.

da língua das aves e que as impede de beber <sup>1</sup>. Corrimento nasal que ataca os poldros. *Pop.* Escarro <sup>2</sup>.

GOSMAR, *v. t.*, (de *gosma*). *Pop.* Escarrar. Proferir tossindo ou escarrando: gosmar tolices. *V. i.* Expellir escarras.

GOSMENTO, *adj.* (de *gosma*). Que tem gosma. Que escarra muito. *Por ext.*: Fraco, adoentado.

Os antigos diziam mais correctamente: «humor glutinoso que os potros lançam das ventas, as gallinhas pelo bico. Nos falcões são bostellas que lhes nascem na boca, cabeça, ouvidos e orelhas» <sup>3</sup>.

Como nasceram as formas *guermeces* e *gozmes*? Suponho que de *gormeç* por *gormr*, conforme já disse. Quanto á substituição de um *r* final por *s* ou *ç*, conheço tres casos: *tórtozes* de *tortores* < *turtures*; *amargós* por *amargor* <sup>4</sup>, ambos com dissimilação; e sem ela *quemós* de *quimor* <sup>5</sup>.

A de *r* medial seguido de consoante, parece-me pelo contrário tão rara <sup>6</sup> que julgo devermos supôr influxo de qualquer sinónimo de formação análoga.

<sup>1</sup> Se a definição que se repete tal qual no artigo PEVIDE, for correcta, e o povo de Lisboa identificar realmente a *gosma* com a *pevide*, não o é quanto ao Norte. Só na aplicação figurada do adj. *gosmento* a quem, tendo qualquer defeito na língua ou em outra parte dos órgãos fonicos, pronuncia mal, *tem pevide na lingua*, é que confundem as duas doenças.

<sup>2</sup> De ahí, ou antes do *Novo Dicionário*, de Candido de Figueiredo, procedem as traduções de Louise Ey: «*Gosma*. Pips. Drüse. Auswurf»; *gosmar* spucken, hervorstossen»; e as de H. Michaëlis que dá «*Drüse bei jungen Pferden* (ambas parece que desconheciam o termo veterinario *Druse* que eu lhes indicara) Pips, Pips (bei Vögeln); vulg. Speichel, Schleim», e além d'isso *Kropf* que é preciso riscar.

<sup>3</sup> *Arte da Caça*, IV, cap. VI; é a única referência registada por Moraes.

<sup>4</sup> Ambos foram citados por J. Cornu, § 145.

<sup>5</sup> J. J. Nunes, *Dialectos Algarvios*, p. 3.

<sup>6</sup> Temos *sastre* < *sartore* em castelhano, *xastre* na Galiza, *chaste* em Trás-os-Montes, onde cantam:

Sani'Amaro era chaste  
e também era ladrão.  
Desde então cada chaste  
rouba o seu bocadão.

O contrário *r* < *s* é frequente. Além das formas citadas por J. Cornu, § 210 (*churma*, *cirne*, *luberno*) posso indicar *fantarma* por *fantasma*, *forfro* (*forfe*, *forfo*) de *fósforo*. *Caspa*, *carpa*, *cárepa*, é de origem desconhecida.

Tenho em mente *bonçar* < *vomitiare*, hoje *bolçar* (*bolsar*, por causa de *bolsa*)<sup>1</sup>, que seguramente influíu também na evolução semasiológica<sup>2</sup>. Não na positiva aplicação da palavra a galináceos e equídeos, mas quanto á acepção figurada: restituir por fôrça o que se reinha sem razão nem justiça; pagar com juros (ou com algum desconto) o que se devia. Jorge Ferreira empregava a fórmula rude «grosmar o comido»<sup>3</sup>, «gosmar o comido»<sup>4</sup>. Os modernos dizem com maior reserva «gozmar motes» (Camilo Castelo Branco); «gosmar tolices, chalaças, injurias»<sup>5</sup>.

\*

Ao simples *defluxo* ou constipação da cabeça (friura da cabeça) do cavalo dá o nosso alveitar o nome de *mormo* (parte II, cap. II, p. 18, 37) «que nom corre muyto»; e á «que faz deytar ao caualo muyto pollos narizes», «mormo que corre» (cap. III, p. 20, 14), em latim *chimorrhea*<sup>6</sup>. Do seu carácter contagioso nada sabia.

Sem repetir o que, desde Diez, foi exposto a favor da derivação de *mormo*<sup>7</sup> (port.), *muermo* (cast.) e *morve* (fr.) do latim *morbis*, com aplicação da palavra comum de «doença» á enfermidade prin-

<sup>1</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, I, 299. Alguns defeitos d'esse artigo foram emendados aqui.

<sup>2</sup> Derivação directa de *gozmar* de *vomitiare* seria possível, visto que houve e ha *gomitar*, *gómio* tanto em Castela como em Portugal (*gómetar*, *gómeto*), se não houvesse as formas preexistentes *gozmes* e *guermezes*. Mas mesmo neste caso os representantes directos do termo medicinal são semi-eruditos. Os populares e antigos eram *volver pela boca* (*Alveitaria*, 30, 11), *lançar* (*Caça* 10, 19); *arremessar* (*Arte*, I, cap. VI, vol. I, pp. 20 e 30, e vol. II, p. 52 e 125); *arrevessar* (*Cancioneiro Geral*, I, p. 253; Garcia da Orta, I, p. 42); e sobretudo *rejeitar* (Vid. n.º cix). *Escarrar* (= *conspir* < *conspuere*; *speien*, *spucken*); *esgarro* em castelhano, continuam enigmáticos para mim.

<sup>3</sup> *Eufrosina*, v, 9 (p. 330); *Ulysipo*, III, 6.

<sup>4</sup> *Eufrosina*, v, 8 (p. 327).

<sup>5</sup> Cervantes serviu-se de *gormar* na novela exemplar da *Señora Cornelia*, no sentido de «entregar, restituir forçado uma pessoa sonogada e escondida». (p. 307 da *Col. de Autores Españoles*, de Brockhaus).

<sup>6</sup> Grego *χιμορραία*? *Chimorrhea*. (*Alveitaria*, 28, 27).

<sup>7</sup> Por lhe parecer isolado em Portugal, é que J. J. Nunes o classificou de termo espanhol (*Chrestomathia archaica*, I, 114). Não vejo que arraigasse menos fundo na região galego-portuguesa, produzindo *mormaço*, *mormacento*, *mormoso*, do que em Espanha, onde ha *muermora* e *muermoso*, e em França onde ha *morveux*.

cipal dos cavalos, e contra ela <sup>1</sup>, pedirei apenas ao leitor que veja o que escrevi a respeito de *wurmo* (*Wurm* = *verme* <sup>2</sup>), e o que mais abaixo junto sobre o mesmo assunto <sup>3</sup>. E depois diga-me, se não lhe parece que em Portugal houve contaminação entre os representantes do latim *mormus* < *morrus*, *morbus* <sup>4</sup>, do germânico *wurm*, do nórdico *gornr*, e também dos de *vomitus*). -- *Mormo* podia ser muito bem o *morro dos gormes* (*guermeces*, *gozmes*).

(O *Rotz* ordinário é *monco* < *muccus*; e também *ranho* < *\*raneus* < *nareus* <sup>5</sup>).

## LXXVIII

## GREÇAS

São tumores, ou nascidas, nas juntas dos pés do cavalo. «E a esta doença chamam em latim *grapas* e em nossa linguagem *greças*» <sup>6</sup>.

Não percebo em que relação de parentesco estão as duas palavras entre si, e porventura com *greta* < *crepita* <sup>7</sup>, e as *crepácias* <sup>8</sup> de que Mestre Giraldo fala em outro lugar.

Nem encontrei luzes no artigo substancial que H. Schuchardt escreveu sobre *malandres* (*Mauke*), fendas transversaes na presa do Joelho das cavalgaduras <sup>9</sup>.

## LXXIX

## GROSSO — GROSSURA

Modernamente *grosso* < *grossus* indica uma das tres dimensões dos *sólidos* (*Dicke*). Equivalente de *espesso* (no sentido real e

<sup>1</sup> Vid. Schuchardt, *Vulgärlatein*, I, 182 e *Zeitschrift*, XI, 494; Scheler, s. v. «morve»; Groeber, *Arch. für Lateinische Lexicographie*, IV, 121; Cornu, § 188.

<sup>2</sup> *Rev. Lusitana*, vol. XI, 54.

<sup>3</sup> N.º CXLIII.

<sup>4</sup> As formas *bourmo*, *broumo*, *bornmo*, que em algumas regiões do Sul da França emparelham com *gourmo*, *groumo*, *gormo*, *gosma*, talvez fôsem também influidos por *wurm*, que evidentemente actuou no catalão *vorm* (= *muc*, *muccus*), no provençal *vormo*, *vorma*, e nas variantes galegas *brume* e *brumo* (*wurmo*).

<sup>5</sup> Vid. Cornu, §§ 144 e 244.

<sup>6</sup> *Alveitaria*, II, cap. XLIV, pp. 5, 36; 10, 17; 49, 8 e 16.

<sup>7</sup> Cap. LV, pp. 6, 8 e 54, 19.

<sup>8</sup> Cap. XIV, p. 49, 37. Em português *quebraduras*.

<sup>9</sup> *Zeitschrift*, XIV, 178.



no figurado), é oposto a delgado (*dimin*). Antigamente significava também *gordo*<sup>1</sup>. *Grossura*, *grus[s]ura*, era sobretudo gordura animal.

Eis as provas.

O falcão que sofreu de indigestão, e foi por isso purgado, fica naturalmente de dieta. Entre as carnes tenras que o cetreiro lhe dá, tem o primeiro lugar corações de carneiro, mas sem a pele, sem veias e sem *grossura* (*Caça*, 14, 36). *Grossura de cobra*, derretida ao lume e deitada ás gotas sobre tumores no espinhaço do cavalo, passa por remédio eficaz (*Alveitaria*, cap. xxviii, *Do pulmão do lombo*, 38, 42 e 39, 1). O cavalo muito folgado apanha facilmente a doença da pulmoeira, se de repente o obrigam a trabalhar. Então a «enxundia e a grusura... rretesse e dessoluesse, e corrillhe pera aquell logar [a par do bofe, e tapalhe as arterias e as veas... de guisa que nom pode defolgar [- respirar]» (p. 29, 51). «E coalhaxilhy muitas vezes aquella grosura naquell lugar» (ibid., 29, 36)<sup>2</sup>.

Hoje os veterinários chamam *graxa* < *crascea* a esta doença; vocábulo que, vulgarmente na pronúncia *graxa*, denomina também pós de çapatos, preparados com sebo e glicerina, para polimento de calçado. Do adjectivo *graxo*, pouco usado, em vez de oleoso, gordurento, vem o verbo *engraxar*, *engraixar*, aplicado quasi sempre ao acto de limpar botas; mas também em algumas regiões (sobretudo no Algarve) ao engorduramento da panela.

*Grassento*, modernismo literário, veio de Castela, onde *grasa*, *graso*, com numerosos derivados<sup>3</sup>, é termo muito usado, para todas as qualidades de gordura. No século xiv não desdenhavam todavia *grosura*. Se Alfonso XI prefere *grasa*<sup>4</sup>, o Chanceler serve-se de *grosura*, na acepção geral de gordura, onde prohibe que a dêem ao falcão, «ca le empalaga» (p. 194); e onde receita «grosura de garça» (p. 270).

Nos monumentos jurídicos de Portugal, em latim-bárbaro, *grosso* refere-se a todas as espécies de animaes: vacas, porcas, ca

<sup>1</sup> Em mirandês conserva este significado.

<sup>2</sup> No cap. xvi, sobre as feitura do cavalo ideal, *grosso* ocorre, pelo menos, uma dúzia de vezes. Claro que também se usava no sentido comum de «volumoso, avultado, dick».

<sup>3</sup> *Grasera*, *grasería*, *graseza*, *grasilla*, *grasones*, *grasoso*. As formas catalanesas *greix*, *grex*, etc., irmanam com as portuguesas, como de costume.

<sup>4</sup> P. ex. *Monteria*, p. 151.

bras <sup>1</sup> e cevadas, para serem abatidas nos açougues, e vendidas nas *alcaçarias* <sup>2</sup>.

Nos Cancioneiros galego-portugueses ha confirmações, naturalmente. Traslado uma sátira sobre um cavalicoque de um infanção, por ela conter muitos dos vocábulos familiares a Mestre Giraldo <sup>3</sup>, e mais alguns, que não sei interpretar, e que recommendo aos iniciados nos segredos do hipismo.

O fidalgo leonês Fernam Soárez de Quinhones <sup>4</sup> entretém os seus amigos com os escárneos seguintes:

- Contar-vus-ei costumes e feituraz  
 d'un cavalo que traj' un infançon:  
 ha pees moles e as sedas duras,  
 e ten o frêo e esporas non;
- 5 É velh' e sesgo nas aguilhaduras,  
 e non encaçaria un leiton  
 e encaçar ia mil ferraduras (?)  
 De dia empeça ben com' a escuras;  
 non s'alevan' ergo su o bordon;
- 10 non corre, senon pelas mataduras,  
 nen traz caal (?) se enas unhas non,  
 u trage mais de cem *canterlhaduras* <sup>5</sup>;  
 e as sas rês sempre magras son.  
 mais nas queixadas ha fortes grossuras.
- 15 E quando lhi deitan as armaduras,  
 logu' el faz contenance de foron <sup>6</sup>;  
 e se move, tremen-lh' as commerturas (?)  
 come doente de longa sazón;  
 ha muit' espessas as aaugaduras <sup>7</sup>
- 20 e usa (?) mal se nos gêolhos non,  
 en que trage grandes esfoladuras.

<sup>1</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 743.

<sup>2</sup> *Algaçarias* (*Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 743); escrito *aljaçarias* a p. 634; *alcaicerias*, no Sul de Espanha (p. ex. em Granada).

<sup>3</sup> *Feituraz, sesgo, encaçar, empeçar* (= *tropear*), *aaugaduras, esfoladuras*.

<sup>4</sup> Chamo-o Leonês, porque Quinhones ocorre na toponímia e no onomástico do antigo reino.

<sup>5</sup> Nas Cantigas 949, 950 e 952 do *Cancioneiro da Vaticana* temos uma sela *canterlhada* (rachada?).

<sup>6</sup> Na Cantiga 1080 do *Cancioneiro da Vaticana* aparece *caval' agudo que semelha foron*; na 1152 *rostr' agudo come foron*.

<sup>7</sup> Em Mestre Giraldo ha diversos exemplos do infinitivo *augar* (*Alveitaria*, 36, 10), *aaugar* (11, 21), do participio *augado* (32, 11), *aaugado* (4), 26, *augoado* (4, 2), *a agoado* (33, 11), e do derivado *augoamento* (32, 16; 36, 11).

Non vos contarei mais en sas feiturás,  
 mais com' eu creio no meu coraçõn :  
 quen x' en gran guerra andass' a loucuras  
 25 en feuzá d'aqueste cavalon,  
 falecer-lh' ia el nas queixaduras;  
 e ena paz non ar sei eu cochon <sup>1</sup>  
 que o quisesse traier nas Esturas.

CCBr., 1556 (= 429); 2 Infancõ; 4 temo frco; 5 uelho sesgo nas aguy ihaduras; 6 ã calcaria hu; 7 en calcaria—feiraduras; 8 enpeca bê coma escara; 9 bardon; 13 magra; 17 Esse moue t'menhas cõm'turas; 18 doante; 19 muytes peffás; 20 geõlho; 22 cãtarey; 23 cro; 24 Quẽ xẽ gm gueyra andassa loucas; 28 falacerlhia.

\*

Em outro artigo ver-se-ha que grossura animal, derretida, também se chamava *grossaim* < *grossum sagimen*, ou simplesmente *saim* < *sagimen*. Sobretudo óleo de baleia, de sardinha, e de fígado de bacalhau (*Thran*). E também que o emmagrecimento, natural ou forçado, de falcões e cavalos se chamava *dessaina*, *dessainamento*, *dessainadura* (*Entfettung*).

### LXXX

#### -IDÕOE < -ITUDINE

Aos exemplos conhecidos <sup>2</sup> temos de juntar mais quatro: *do-cidõe* (*Caça*, 16, 24), como variante de *dulcidõe*; *mollidõe* (*Alveitaria*, 11, 11); *prodidõe* *ibid.*, 38, 30), variante de *podridoem* <sup>3</sup> (25, 38), e *siquidoem* <sup>4</sup> (*ibid.*, 10, 10).

### LXXXI

#### IUGAR

*Iugar* (*yugar*, por *iguar*, *yguar*) < *aequare*; isto é, *igualar*. Podia documentá-lo com dúzias de exemplos, colhidos tanto na

<sup>1</sup> CV. 14. Nome injurioso dado ao vilão cavaleiro.

<sup>2</sup> Vid. J. Cornu, *Romania*, vii, 365 e ix, 96; e *Gramática*, 35 31 e 195.

<sup>3</sup> A p. 25, 4, ha, por engano, *podridoem*.

<sup>4</sup> Além d'isso, Mestre Giraldo emprega *escuridõe* (21, 20) e *sobegidõe* (10, 37, 16, 25 e 53, 35).

prosa como na poesia do primeiro e segundo periodo da literatura portuguesa <sup>1</sup>. Mas não vale a pena. Menciono-o apenas para estabelecer que no *Libro das Aves de Caça*, cap. xv, *Da az quebrada*, devemos ler: «nom lhe ajas doo das penas e iuga-lhe bem as canas» <sup>2</sup>. *Juga* (como se imprimiu na edição de Gabriel Pereira, porque no original havia *i* longo), não dá sentido. Ayala (p. 278) confirma o meu modo de ver, pois diz «et despues egualale bien las plumas del ala quebrada».

## LXXXII

## LADELA

«O nono deçimo capitollo he do cauallo açeuadado que come muyto trijgo ou muyta ladella» (*Alveitaria*, 4, 24 e 31, 24).

«Ay hũa door que sse faz ao cauallo no corpo, do muyto comer da ceuada... E esta doença se faz do muyto comer do trijgo ou do çenteo ou da ladella» (ibid., 31, 33).

Evidentemente uma espécie de grão, muito nutritiva. Mas qual? Gramínea, como as outras que Mestre Giraldo menciona? Ou leguminosa, como favas, feijões, alfarrobas, algarrobas? Todas essas podiam em rigor ter recebido o qualificativo de *ladelas* < *latillas*, deminutivo do adjectivo *latus*, por causa das vagens, mais ou menos chatas que são o envólucro das sementes; ou também porque as próprias sementes merecem o distintivo de anchas, largas, chatas, em contraste com garvanços, grãos de bico, ervilhas, que sempre são mais ou menos redondos e inchados.

Ha todavia razões imperiosas para referirmos o termo a uma espécie de cevada, cujas espigas são achatadas: *hordeum distichon* (al. *zweizeilige Gerste*, fr. *pau[m]melle*), tão produtiva neste fértil chão de benção que o povo lhe dá o nome de *cevada santa*. Os botânicos, esses preferem naturalmente o termo erudito, cevada dística <sup>3</sup>.

A razão principal é que em Castela se dá positivamente o nome de *ladilla* ao cereal mencionado. No *Diccionario* da Academia defi-

<sup>1</sup> Vid. Cornu, § 116; *Cantigas de Santa Maria*, n.º 358; *Inéditos*, de Frei Fortunato de S. Boaventura, II, 117, 126, 127, 148, 284, etc.

<sup>2</sup> P. 24, 1. Cfr. *Alveitaria*, 40, 26, etc.

<sup>3</sup> Vid. Brotero, *Nomes Triviaes*.

nem-na como «espécie de cebada cuja espiga tiene dos ordenes de granos y estos son chatos y pesados»<sup>1</sup>.

Quanto à formação, não ha dificuldade alguma. O mesmo adjectivo substantivado designa um insecto, especialmente chato e largo: o piolho do corpo — que pela mesma ordem de ideia descriptiva o povo nomeia também *chato* (em alemão igualmente *Plattlaus*) — e o das aves (*ricinus pedicularis*). Só nas provincias fronteiriças usam do castelhanismo *ladilha*, cast. *ladilla*; cat. *ladella*, *lladella* e *nadella* por dissimilação<sup>2</sup>. Todavia tem ainda outro nome em todo o continente, que não só deriva de *latus* mas é esse próprio adjectivo, transformado de *lado* em *ladro* por etimologia popular: *piolho ladro*.

Esse adjectivo ainda era usado por bons autores quincentistas, no sentido comum de «largo», acompanhado do derivado *ladeza*<sup>3</sup>. Teve todavia de ceder o lugar a *chato* < *plattus*, *platus*, por causa da confusão com *lado* < *latus*, *lateris*.

Embora seja costume tirar d'este substantivo o qualificativo familiar *ladeiro*<sup>4</sup>, aplicado aos pratos chatos<sup>5</sup>, em opposição aos *coveiros* ou fundos, que servem para a sopa, eu advogo a etimologia \**latarius*.

\*

P. S.

1) Quanto a *ladilha*, piolho, remeto o leitor a um artigo substancioso de H. Schuchardt, na *Zeitschrift*, xxxiv, p. 331 sgs.

2) Em *estera lada*, o nome trivial do *cistus ladaniferus*, tão frequente na península, *lada* é forma abreviada de *ládano*, cujo sentido se obscureceu.

3) Ainda ha outro derivado de *latus*, «largo», nos tratados de Mestre Giraldo. O verbo *aladar*, «alargar e achatar». Com relação

<sup>1</sup> No grande *Dicc. Encicl. Hispano-Americano* alegam como documento um trecho de Olivan.

<sup>2</sup> Exemplo a juntar a *novelo* por *lovelo* < *globellum*; *negalho* por *legalho* < *ligaculum*; *nível* (antigamente *nível*) por *livel* < *libellum*.

<sup>3</sup> Exemplos de ambos os vocabulos, tirados das *Décadas*, de Barros e Couto, e de outros coevos, figuram nos Dicionários documentados. Vid. Moraes e Frei Domingos Vieira. Barros fala de *barcas grandes, ladas e rasas*; e também de *pés ladas*. Entendo *largos* (*breit*), mas d'esta acepção passava-se facilmente á de *chato* (*platt*).

<sup>4</sup> Coelho explica até: *que está de lado*.

<sup>5</sup> Tautologia inconsciente, cuja consonância o povo queria evitar.

a doença do *gavarro* diz que a carne que cresce dentro da chaga, alastra para fora e «... alada-lha e atorta-lha assy como figo pas-sado» (56, 42).

4) De passagem direi que a identidade do vulgarismo castelhano *jato*, *xato* = «vitellino», com *chato* (*platt* = *Plattnase*) é reforçada pelo asturiano. Nesse dialecto *xato* designa tanto o que tem nariz achatado (*eine Plattnase*), como o vitellino<sup>1</sup>.

## LXXXIII

## LANÇOO — LANCEIRO

«Boas lançoos agudas» (*Alveitaria*, 22, 32); «furae-o com hũa lançaoo (sic)» (ibid., 39, 24); «furẽ-no em fundo delle com hũa lançaoo» (ibid., 44, 10); «hũa lançaoo bem aguda» (*Caça*, 25, 5). Feminino, como em geral os vocábulos em -oo < *ola*. — *Lançaoo* < *lançoala*, com acento transposto. Duas vezes ha o sinónimo *lanceta*<sup>2</sup>, que veio predominar mais tarde (*Caça*, 13, 15 e 21 ult.): *lanceta bem aguda*. Para esvurmarem pequenas bostelas moles substituíam os instrumentos de aço por penas de escrever bem aparadas<sup>3</sup>, a modo de lancetas<sup>4</sup>, ou por palhetas subtis: (*Caça*, 13, 1)<sup>5</sup>. Láminas de tartaruga, do género das que serviam para os trovadores tocarem harpa, psaltério e cítara.

\*

Gabriel Pereira disse no *Glossário* pequeno que acompanha o *Livro das Enfermidades das Aves de Caça*: «Lançaoo, lançaoo aguda = pena aparada». E Epifânio Díaz indicou a etimologia (*Revista Lusitana*, xi, 142).

<sup>1</sup> *Xatera* é um «pequeño cercado que suele haber junto a las cabañas para guardar los *jatos* mientras sus madres pastan por el monte» (Rato de Argüelles, *Vocabulário*).

<sup>2</sup> Não ha motivo algum para considerarmos *lanceta* como galicismo. Ayala emprega esta forma (p. ex., a p. 285).

<sup>3</sup> D. Juan Manuel fala expressamente de *peñola tajada* (p. 57, 8, da ed. Baist).

<sup>4</sup> Em castelhano *paletas*. Vid. Ferreira, II, p. 16.

<sup>5</sup> Vid. Ayala, p. 235.

De passagem direi que o adjectivo *lanceiro*, «movediço, facilmente movível», que não se aplica sômente á lançaadeira do tear, mas a numerosos objectos que é preciso abrir, fechar e manejar a meúde (como portas, gavetas, máquinas de uso culinário), falta no *Novo Dicionário* e no *Dicionário Prático*.

Na Galiza empregam no mesmo sentido *lançal*, e *dançal* com bonita etimologia popular; e aplicam-no a pessoas esbeltas, bem lançadas, airosas e de porte garboso.

## LXXXIV

## LEGRA—LEGRAR

O instrumento cirúrgico com o qual se perfuram ossos, chamado *trépano* (gr. *τρέπανον*) nas outras línguas românicas, tem na península o nome de *legra*. Operar com a *legra* é *legrar*, e o acto, *legração*, *legración*<sup>1</sup>. Não se aplica todavia exclusivamente aos ossos do crânio. Nas unhas, nos cascos, e nos dentes dos equideos faziam-se também perfurações e raspagens por meio do mesmo instrumento, cujo ferro cortante tinha feitiço ora de ver-ruma, ora de serra circular, ora de espátula.

Sendo privativo das Espanhas, e termo medicinal, nada mais óbvio do que origens arabes. Não existem todavia.

No núcleo latino encontro um termo que serve bem quanto ao sentido, e também quanto á formação semi-erudita. Como *regra* procede de *regula*, milagre de *miraculum*, *legra* pode ser *ligula*, ferro pequeno com feitiço de língua, espada ou punhal<sup>2</sup>. *Espátula*, portanto.

A favor da hipótese posso alegar diversas circunstâncias. No Alemtejo, onde *legra* ainda é popular, designa uma lâmina curva e cortante para escavar a madeira, da qual os cabreiros fazem colheres de pau e outros objectos<sup>3</sup>.

E a *legra*, mencionada por Mestre Giraldo, servia aos alveitares para *cavarem*.

<sup>1</sup> Em castelhano ha ainda o augmentativo *legrón*. No dialecto malhorquino ha *alegra* e *alegrar*, com a protético, talvez por aproximação de *alegre*, *alegría*.

<sup>2</sup> Vid. Cornu, § 14  $\tilde{r} < e$ ; e 137.

<sup>3</sup> Vid. Conde de Ficalho, na revista *A Tradição*.

No cap. LV, relativo a sedas e gretas nas unhas dos cavalos, diz ele:

«e cauemlhe com hua legra antre a hunha e a carne ata que cheguem ao vjuo da carne, e que saya ho sangue (p. 54, 29).

«e deste lungoento lhe hunta cada dia a seda aly hu foy legrada a hunha (ibid., 33, 5)».

«legramlhe a hunha como dicto he (55, 1)».

## LXXXV

## LEZMES — LEZMEZES

Lešmas e minhocas, pisadas e cozidas com manteiga, eram postas em forma de cataplasma sobre inchaços provocados por espinhas e coices.

Mestre Giraldo recomenda-as por tres vezes: «Outrossy lhe prestaram as lezmezes malhadas com manteiga, e coytas» (p. 44, 6). — «Outrossy pera esto he boo a çebola asada, malhada com as minhocas e com as lezmes». (48, 18). — «Outrossy sfazem as lezmezes malhadas com manteyga e coytas» (51, 6).

Uma vez o plural *lezmes*; duas vezes o duplicado *lezmezes* (como *guermezes*, *verezes*, *simplezes*, *ourivezes*, *alferezes*, *alvarazes* <sup>1</sup>, etc).

Se nos falta o singular *lezme*, por *lemce* < *limâce*, a forma conservou-se na Galiza <sup>2</sup>. Do feminino *lezme* para *lezma*, *lesma*, não ha mais passos do que de *gozme* para *gozma*, *gosma*.

Prefiro este meu modo de fixar os estádios de evolução de *limâce* as explicações dos que derivam *lesma* do nominativo *limax* <sup>3</sup>.

Na Galiza ha ainda *limigocha* < *limacosa*, com mudança de sufixo; e *lamáhega* < *limacia* (com epéntese de *g*). Os Asturianos servem-se de *limaꝝ* (que é evidentemente masculino de *\*limaꝝa*) e de *llimiaga*.

*Lismo* (masculino de *lesma*) designa a saliva viscosa dos moluscos, em ambas as Galizas, aquém e além Minho.

<sup>1</sup> Etc. significa *hamezes*, de *hameꝝ*, termo de volataria, que Dozy deriva do tema arábico *هامة*, *hādha* (*هامة*, *mahidh* = *maheꝝ*, por metátese *hameꝝ*). A pronúncia deve portanto ser *hameꝝ*, *hamēces*.

<sup>2</sup> Vid. Cuveiro Piñol e Valladares Nuñez. Os Galegos possuem também *lesma* e *lesma* (paralelos de *ondia*, *onda*; *blusia*, *blusa*, etc.).

<sup>3</sup> Cornu, §§ 18, 242, 306; Meyer Lübke, I, § 65; Coelho, *Manual Etymologico*, s. v.



## LXXXVI

## LINJAVERA

Termo antiquado, usado em Espanha apenas no período medieval, antes que *j* tivesse o som gutural de hoje e quando *j* longo, *i* breve e *y* grego alternavam entre si constantemente na escrita<sup>1</sup>, como sabem todos quantos manejam documentos arcaicos.

Nos grandes cemitérios onde jaz tanto vocábulo cadavérico, que nunca viveu, apuseram á *linjavera*<sup>2</sup> o rotulo de *carcaj* = *Köcher*, *carquois*. Mas como não lhe ajuntassem nenhum *curriculum vitae*, fiquei eu<sup>3</sup>, e ficou o leitor, sem saber se denominava apenas o *carcaj* de flechas, a *pharëtra* dos povos grecoromanos, ou também outros estojos de coiro (sola) de feitiço de *aljaba*: p. ex., aquele em que os sacristães prendem o extremo da cruz profissional, e os coldres de pistolas que é costume prender no arção da sela<sup>4</sup>.

Só agora é que sei e posso dizer, pouco mais ou menos, o que eram em 1385 as *linjaveras*, que os falcociros levavam quando iam á caça, e o que levavam dentro d'elas.

Ouçamos o Chanceler.

Quando o falcocero está a adestrar o *nebli*, *nebri*, *nibri*<sup>5</sup>, e chega ao ponto de querer tirar-lhe o caparão (caparote, capirote) pela primeira vez, deve levar consigo qualquer petisco — asa ou perna de galinha — dentro de uma pequena linjavera. Linjavera de lienço! «Et dáte della algunas picaduras et dáte á desplumar, et quando el estoviere en mejor sabor de comer, tórname su capirote dulcemente»<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Sobretudo na de textos e vocábulos portugueses. Quanto aos textos de que trato temos, p. ex., *Ionia* (Baist, 21, 25) e *canya* (Ayala, p. 349).

<sup>2</sup> Às vezes aparece com acentuação errada: *linjávvera*.

<sup>3</sup> Em anos verdes (1873) ocupei-me de *linjavera* (e de *cañavera*) num estudo sobre os nomes diversos do *coldre* nas linguas românicas. Sem acertar, hem se vê. (*Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, XI, p. 321). Quanto a *coldre* (em cast. *goldre*) de *corÿtus* (gr. *κορυθία*), desejo rectificar um erro que então cometi. A p. 214 eu quis attribuir, e com razão, a Diez a grafia *corÿtus*, e por engano saíu *corÿthus*, lapso de que A. Scheler me acusou como editor da 4.ª ed. da obra fundamental do grande romanista.

<sup>4</sup> *Rev. Lusitana*, XI, 300.

<sup>5</sup> Vid. Ayala, p. 160. Na sua paródia, Evangelista explica a rir: «Los falcoceros neblies son así llamados porque son de color de niebla». *Zeitschrift*, I, 231 (cfr. 230).

<sup>6</sup> Cap. VIII, p. 191.

Em outro sitio recomenda que o encarregado das aves faça ou mande fazer diversos *saquetes de linho* [isto é: de *lienço*], do tamanho da palma da mão: um para rosas, dois para milho, que aquecidos servem para fomentar e caldejar a cabeça da ave constipada <sup>1</sup>.

No resumo das regras geraes sobre os medicamentos, aparelhos, instrumentos, etc., de que o cetreiro deve sempre andar munido, vê-se que por costume não levava apenas uma única linjavera para o fim indicado, mas várias, de diversos tamanhos, a tiracolo:

«Otrosí debe traer sus pequeñas linjaveras, de *lienço*, bien fechas, para traer al costado, do acorra á meter et á esconder et cobrar el ánade o la ralea quel falcon tomare, porque la non vea, et do traya la vianda para su falcon, et sus roederos, et el capirote sobrado, et los cascabeles; ... et debe traer una grande linjavera, do traya sus gallinas muertas, et plumas et roederos et sus viandas para quando han de dar de comer á sus falcones» <sup>2</sup>.

Estes passos illustrativos inspiram-me a etimologia *linha vera*, isto é: verdadeiro pano de linho; daquele bom e legítimo de Guimarães ou de Coimbra que o lenceiro típico de Portugal apregoava e vendia em toda Espanha.

*Linja*, por *linia* (como se escrevia em latim bárbaro, e nos alvares dos idiomas neolatinos) é o português *linha* < *linea*, de *linum* > *linho*. Nome portanto do *fio de linho de Portugal*, que tanta fama teve.

*Vera* é o feminino do lat. *verus*, que já desvendei em *caña-vera*, e que posso apontar em *vera cruz* <sup>3</sup>, *vero Deus* <sup>4</sup> e *veramente* <sup>5</sup>.

<sup>1</sup> P. 222.

<sup>2</sup> Cap. xlvii (p. 390).

<sup>3</sup> Num *cantar de amigo*, dos Cancioneiros galego-portugueses, lindo solilóquio nocturno de uma menina desamparada, (do qual Leite de Vasconcelos se occupou no vol. viii, p. 223, da *Rev. Lusitana*), ouvimos a seguinte confissão ingénua:

Pater-nostros rez[o] eu mais de cento  
 Por aquel que morreu na vera-cruz,  
 Que el mi mostre mui cedo a luz!  
 Mais mostr' a mi as noites de advento!

(CV., 771).

Do lenho da vera-cruz do Marmelar fala-se extensamente na bella descrição da batalha do Salado, que se conserva no *Livro de Linhagens* (*Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», pp. 186 e 187).

<sup>4</sup> *Cantigas de Santa Maria*, n.º 346.

<sup>5</sup> *Ibid.*, n.º 59.

No tempo do Chanceler já não se lembravam da origem e significação do nome <sup>1</sup>. De bolsa, saca, saquete, aljava, qualificados *de linhavera*, tinham passado a *linjavera*, sem mais nada, talvez porque em objectos prontos, talhados e cosidos, os lenceiros não trouxessem outros de linho, de Portugal. Mas em 1385 o sentido estava tão obliterado, que o escritor consciencioso julgou necessário acrescentar, tautologicamente, *de linço*.

Recordando quanto eu e outros <sup>2</sup> já dissertaram sobre o fio português, o pano de linho tecido neste país, e o lenceiro, sempre namorado, que o vendia no país vizinho, lamento desconhecer até hoje os *pregões* com que ele gabava as suas mercadorias, entre as quaes, supponho, havia: *sacas e bolsas de linha vera!*

## LXXXVII

## LOMEDRO — ESLOMEDRAMENTO

Este curioso derivado de *lomo* por *lombo* < *lumbus* (com assimilação, como em *prumo*, *rumo*, *amarelo* e no vulgarismo *tamém* <sup>3</sup>), subsiste nos dialectos galegos, onde designa o iliaco (osso da coxa, anca, cadeira, quadril) e o femur <sup>4</sup>. Entre os defeitos naturaes com que o cavallo nasce, Mestre Giraldo menciona «hũu lomedro grande e outro pequeno» (p. 18, 12); entre as doenças que apanha, por accidentes, o *eslomedramento*, isto é, a deslocação ou luxação do femur (5, 11 e 42, 35 e 41).

Um sufixo *-edro* não existe, que eu saiba. De duas uma: semi-eruditos abstrairam o grego *-édra* («face, lado») de termos crista-

<sup>1</sup> O plural, que era *linjaveras* (e não *linhas veras*), irmãa com *veracruzês*, forma que se encontra no *Cancioneiro Geral*, vol. II, p. 220.

<sup>2</sup> Digo «eu e outros», porque comeei a falar do fio português na *Rev. Lusitana*, I, 63 (continuando, já não sei aonde). Mas lembro-me perfeitamente de que A. Morel-Fatio acrescentou novos documentos aos meus na mesma *Rev. Lusitana* (III, 368). Posteriormente encontrei outros, p. ex.: um trecho do *Elogium Conimbricæ*, de Ignacio de Moraes (1556, p. 29), e um capítulo da *Descripçam de Portugal*, de Duarte Nunes de Leão (xxx). Todos sabem que já em Roma o *linho galego* passava por ser do mais fino e do mais resistente.

<sup>3</sup> Cornu, § 101.

<sup>4</sup> Cuveiro Piñol define-o assim: «hueso del muslo, ó sea el femur, y tambien el que forma el anca de qualquier animal».

lográficos como *octaedro*, *heptaedro*, *hexaedro*; ou *-edro* está por *-édo*, com introdução de *r*, injustificada, se não se aceitar como tal o influxo do *l* inicial (como em *lendre*, *landre*, *lastro*, *listra*)<sup>1</sup>.  
*Lumb* + *etum* = sitio onde começa o lombo?

## LXXXVIII

## MACHO

O cavalo que sofre de *peeira* não pode estar sobre os pés, e se a doença «lhe em elles durar muyto fazlhy desaprender a hunha dos machos» (*Alveitaria*, 25, 3).

«E pollo mall que ja teuer nos pees sangrêno nos machos ou lhos furem com um ferro agudo quente» (25, 10), e «desabafa o com hũa legra antre os machos e ha hunha» (25, 12).

«E sabe que eu aprendy de hũu freire que, se fenderem a fferadura pello lume em dereito da seda e juntarêna das canellas antre os machos, e ferrarem ende o cauallo que teuer a seda per meo da hunha, soldalhaa» (24, 38).

Hoje dá-se o nome de *machinho* á parte posterior da junta da quartela nas cavalgadas, como o curioso pode verificar no quadro illustrativo do cavalo no *Diccionario Prático Illustrado* (p. 205): isto é, das nervuras que ligam o casco á primeira junta.

Tendo em vista que o sabugo da unha<sup>2</sup> dos falcões se chama *maslo*, *maçlo* em castelhano<sup>3</sup>, e que o mesmo nome designa a raiz da cauda dos quadrúpedes (*Schwanzwurzel*), acho provável que ambos sejam representantes de *masculo*<sup>4</sup>, comquanto não compreenda porque lhe dariam este nome.

Todas as palavras, convergentes em *macho*, ainda estão mal elucidadas.

<sup>1</sup> Cornu, *Gramatica*, p. 160. *Romania*, xix, p. 120. Nos dialectos de Entre-Douro-e-Minho e nos da Galiza propriamente dita ha muitos que ele não regista. Aos que citei mais acima (no artigo LV, ENCIENSO) posso acrescentar ainda *listra* e *mastro*.

<sup>2</sup> *Caça*, 18, 35 e 43; 20, 1.

<sup>3</sup> *Ayala*, p. 263.

<sup>4</sup> Vid. D. Juan Manuel, p. 17, 28, da ed. Baist (cfr. p. 100 e 113).

## LXXXIX

## MALVAISCO

*Malva-isco* < *malva hibiscus* <sup>1</sup>. Cfr. cast. *malvarisco*; gal. *malvabisco*; ital. *malvavischio*, *malvariscio*. Nome da *Althaea officinalis* <sup>2</sup>. Vid. *Alreitaria*, 40, 12; 48, 6; 56, 7, onde se fala expressamente das *malvas de malvaisco*. Também ha o augmentativo *malvaiscão* (Brotero, *Nomes Trinães*, p. 342).

## XC

## MAMINHA

No artigo ALFORFA, e no que dediquei á SOLDADA MAIOR e SOLDADA MENOR, transcrevi os trechos principaes relativos ás pílulas que o falcoeiro dava ás aves de asa ou perna quebrada, para interiormente solidificar-lhe os ossos. Nelas entrava *maminha* (*Caça*, p. 23, 1 e 4). Um leitor lançou á margem *anomia*. E que não o pusesse, tínhamos na tradução de Pero López de Ayala <sup>3</sup>, assim como na *Arte de Altanería* <sup>4</sup>, a prova de que realmente se tratava de *momia*, *mumia*. Este nome era dado pelos alquimistas e boticários medievaes a um amálgama de pez e mercúrio, mas principalmente ao repugnante licor betumoso segregado de cadáveres mumificados ou mirrados pelo sol <sup>5</sup>, a que supersticiosamente atribuíam grandes virtudes salutíferas <sup>6</sup>. Na lista das drogas e dos instrumentos que o bom cetreiro deve sempre trazer consigo, o Chanceler lhe dá o lugar de honra:

«Buena mumia que es la mas preciosa melecina para los quebrantamientos del falcon que puede seer, et es fecha de carne de home conficionada (1), et lo mejor della es la cabeza» <sup>7</sup>.

<sup>1</sup> Cornu, II, 17, sem explicação. E, de facto, a etimologia é óbvia, para todos os Latinistas. — Nosso jardineiro diz *beliscos*. Os Asturianos tem *malbarisco*. Vid. *Colección Bable*, p. 69.

<sup>2</sup> Vid. DALYER.

<sup>3</sup> P. 273. Cfr. p. 275 e 297 (ora diz *mumia*, ora *monia*).

<sup>4</sup> Vol. II, p. 31 sgs.

<sup>5</sup> Frei João de Sousa, *Lingua arábica em Portugal*, p. 130.

<sup>6</sup> Vid. Conde de Ficalho, *Coloquios de Garcia da Orta*, vol. I, p. 41.

<sup>7</sup> P. 342.

*Maminha* é deturpação de *momia* por *momia* <sup>1</sup>, do persa *mum*, «cera», que representa a forma árabe *mumiya*, موميّة <sup>2</sup> ou موميا <sup>3</sup>.

Hoje diz-se *momia* e *múmia*: mas só de cadáveres embalsamados á moda do Egito. No século XVI Castanheda falava ainda de «carne momia a que chamão solda» <sup>4</sup>.

## XCI

## MEL GRANADO

Transparentíssimo quanto ao significado e á formação. O autor do *Livro das Enfermidades das Ares de Caça* é bem explicito, cada vez que receita esse depurativo suave. Os tradutores também. O português fala de «mel duro», «um torrãozinho de mel», o espanhol de «miel en terron», «miel bien dura en terron», «miel terron dura» <sup>5</sup>. Trata-se portanto de mel velho, coalhado ou granulado, em grumos <sup>6</sup>.

Bastam poucos exemplos: «E em outro dia toma hum pouco de mell granado <sup>7</sup> e metelhe delle na boca, [e] desdeque lho meteres, tapalle a boca ataa que lance delle pellas ventaas» (10, 14). Ou então: «E metelhe ho mell granado pella boca, e vaa ao ventre, e desdeque vires que o mell faz sua obra . . . dalhe o coraçõ do carneiro» (17, 27).

Quem visse o vocábulo num posto isolado podia imaginar que se tratava não de *mel mellis*, mas de outro *mel granatum*, de que subsistem vestígios em textos arcaicos galego-portugueses e em dialectos espanhoes <sup>8</sup>. *Melum granatum*, ao par de *malum granatum* (*mala granata*), é o nome característico que o vulgo latino deu á *maçã púnica* (*malum Punicum*) <sup>9</sup>. Em Portugal teve todavia

<sup>1</sup> Cfr. *ninho de nio*; *linho de lio* < *linum*. Cornu, 2, 151.

<sup>2</sup> Dozy, p. 317.

<sup>3</sup> Freytag, IV, 221, *mumia*, vulgo *bissaspalton* (Dioscórides, I, 100; Abdallat, *Relation*, p. 273).

<sup>4</sup> Vol. II, fl. 151.

<sup>5</sup> *Cetreria*, pp. 220, 245 e 255; *Altaneria*, II, 8, 43, 50.

<sup>6</sup> *In Klumpen*, visto que terron é um *Klumpen* de terra.

<sup>7</sup> *Guado*: com (ou sem?) o sinal de abreviatura.

<sup>8</sup> So estes me importam agora. Mas o ital. *melograna* também merece atenção.

<sup>9</sup> Em Isidoro, XVII, 7, 8, ha *malogranatum* (com o duvidoso). Nas *Glosas de Reichenau*, (n.º 232), encontra-se: *Mala punica* = *mala granata* (Diez, p. 56).

de ceder o campo ao sinónimo árabe *roman*, رومان, *rommán*<sup>1</sup>, conservando-se apenas em acepções derivadas<sup>2</sup>. É bem possível que a voga que teve no século XIV o *mel granado* dos boticários influísse na preferência dada ao vocabulo *roman*. Em Espanha o qualificativo foi substantivado: *granada* (Granada) é a fruta, e *granado* nome da árvore<sup>3</sup>.

Já falei, ha tempos, dos representantes arcaicos e provinciaes de *malum granatum*, *melum granatum*. A revisão dos materiaes, e alguns elementos novos, levam-me todavia a refazer o artiguito (que era mera anotação)<sup>4</sup>.

De *mal(a) granata* veio *malgranada*, citado nos *Milagros de N. S.* (restr. 39), de Gonzalo de Berceo, entre os nomes figurativos da Virgem.

Es dicha vid, es uva, almendra, malgranada,  
.....  
oliva, cedro, balsamo, palma bien avimada.

D'ahi abstraiu-se *malgrana* como tema de derivados, em *-ar*, *-er*, *-era*, pelo tipo de outros nomes de árvores de fruta. No Romance de Lopo de Moros, de território aragonês, a romanzeira é denominada *malgranar*<sup>5</sup>. No dialecto de Valença a forma mais usada é *mangrana* com *mangraneta* para a fruta, e *mangraner*, *mangranera*, *mangraneret* para a árvore<sup>6</sup>. Mas, a par com ella, ha *magrana*, com queda da nasal, como nome sobretudo de uma dança notável, cuja música e descrição o curioso encontra na collecção de *Cantos y Bailes Populares de España*, de J. Inzenga<sup>7</sup>. Claro que nessa dança figura uma enorme *roman* de papelão, has-

<sup>1</sup> Freytag, II, 196. A árvore tem os nomes de *romaneira* (Algarve), *romanzeira* e *romeira*.

<sup>2</sup> Pedra preciosa encarnada, da côr da romã, e projectil explosivo; de onde *granadeiro*, etc.

<sup>3</sup> Fr. *grenade*; alemão *Granate*. Os Italianos conservaram *melagranata*, *melagrana*.

<sup>4</sup> Anotação ao *Romance de Lopo de Moros*. Vid. *Rev. Lusitana*, VII, p. 13.

<sup>5</sup> Versos 152 e 157. Na *Revista* dei expressão á hypothese que *malgranar* fôsse lapso por *manzanar*; mas da revisão dos textos, feita por Ramon Menéndez Pidal, resulta que não devemos alterar a lição *malgranar*.

<sup>6</sup> J. Eiserig, *Dicc. Val. Cast.* (1871). Em Valença, cujas hortas produzem admiráveis romãs, *mangrana* designa diversos objectos que figuram a bella fruta: uma espécie de pão, paliteiros de barro pintado, etc.

<sup>7</sup> N.º IX, *La Magrana*. Vid. pp. 38 e 61.

teada num pau, e divisível em gomos. Exactamente como em Elche, de Alicante, na afamada e antiquíssima dança hierática das Festas da Assunção da Virgem, que também se chama *magrana*<sup>1</sup>. Em toda a Catalunha essa forma, com *magraner*, *magranera*, é usada para todos os efeitos<sup>2</sup>.

*Mel um*<sup>3</sup>, protónico, passou cedo a *mil* por etimologia popular, quasi inevitável<sup>4</sup>. Onde em dialectos vivos pronunciam *mel*, é difícil decidir se se trata de enfraquecimento dêste *mil*, documentado de 1250 em diante em Espanha e Portugal, ou de representantes directos do latim *melum*.

Em uma das lindas bailadas primaveris do cancionero galego-português, uma mãe instiga a filha a dançar em presença do namorado:

Por Deus, ay filha, fazed' a baylada  
ant' o voss' amigo, de so a milgranada<sup>5</sup>.

O clérigo Gonzalo de Berceo, emprega *milgrano*, ora em sentido real, falando de «buenas arboledas»:

milgranos e figueras, peros e manzanedas<sup>6</sup>;

ora simbolicamente (distinguindo entre *milgrano*, árvore, e *milgrana*, fruta), como no passo relativo a *malgranada*:

Ond' nacio tal milgrana, feliz fo el milgrano!  
Et feliz la milgrana que dio tanto buen grano!<sup>7</sup>

<sup>1</sup> Vejam o excelente estudo de Felipe Pedrell sobre a arcaica representação lírico-dramática que a 15 de agosto se realiza, todos os anos, em Elche. A *magrana* é uma cupula movediça (meia laranja). Dos passos de Berceo, que cito no texto, vê-se qual é o seu sentido simbólico.

<sup>2</sup> Vid. Esteve e Belvitges.

<sup>3</sup> *Melum* perpetuou-se, além d'isso, em *melâpio*, *melocotão*, e no ital. *mela-rancia*.

<sup>4</sup> *Mil* entrou em vários nomes botânicos. Além de *milfurada* (n.º XCII), temos *mil-flores* (*Schiffgarbe*), *mil-folhas*, *mil-en-rama*. Ha mesmo *mil-en-grana* na Galiza, e *milgrana* em Castela, nome característico da *saxifraga granulata*, *taladra-piedra*, *quebranta-piedra*, herba do mal de pedra), que terei de mencionar no artigo sobre SEIXEBREGA (n.º CXVII).

<sup>5</sup> N.º 464. Theophilo Braga, desconhecendo esse nome antigo da romanzeira, substituiu *mil* por *frol*. Mas a boa lição já foi restituída na *Chrestomathia archaica*, de J. J. Nunes, p. 351.

<sup>6</sup> *Milagos de N. S.*, estr. 4.

<sup>7</sup> *S. Domingos*, estr. 675.



E novamente:

Salió un sancto grano de la sancta milgrana 1.

Posto que em Portugal os termos neo-latinos lóssem substituídos pelo nome árabe *roman*, *romanzeira* — *milgrana* continua viva em Trás-os-Montes, em diversas corruções que obscureceram o sentido. De *miligrā*, *meligrā*, de onde vem *meligraneira*, *melgraneira*, *milgraneira* 2, passou-se a *mirgrā*, *mirgā*, *mingrā*, e a *margā*. Também com troca das líquidas temos *minglancera* e *minglana* em Aragão 3, cujo dialecto tem tantos traços comuns ao galego-português.

Claro que evolucionando, *granatus* 4 devia aqui findar em *grado*. Eu registei nas minhas notas *melgrado*, *milgrado* e *malgrado* 5, mas não encontro agora exemplos comprovativos. Em todo o caso, mesmo se todas as tres formas precisassem do asterisco como meramente conjecturaes, não ha dúvida que d'elas saíram as variantes trasmontanas *milgrada*, *melgrada*, *meigrada*, *mirgada* 6, que pela sua vez procriaram *milgradeira* e *mirgadeira*.

## XCII

### MILFURADA — MILSANDE (1)

A *milfurada*, empregada no tratamento do mal de pedra, isto é, a erva de S. João (*Hypericum perforatum* 7), é substituída na tradução livre do Chanceler por *milsande* 8, *milsanda*, planta da

1 Ibid. 683. Alfonso XI, emprega *milgrana* no *Livro de Monteria*, pp. 194 e 216, em sentido realístico, bem se vê. As cascas (ou os cascos secos) entravam em diversos decoctos.

2 *Rev. Lusitana*, v, 97.

3 Borao, *Voces Aragonesas*.

4 *Granado*, como participio do verbo *granar*, «produzir grão, começar a frutificar», applicava-se a outras árvores de fruto, p. ex. à *avelaneira* (CIV, 761).

5 Vid. *Rev. Lusitana*, vii, 13.

6 *Rev. Lusitana*, ii, 250; iv, 188; v, 97.

7 Escusado é lembrar que este *per* significava *muito*, adverbialmente, e que o qualificativo se refere ás folhas da planta que, vistas contra a luz, mostram centenas ou milhares de como orificios minúsculos.

8 P. 256: «toma la milsande, et en la fin del libro fallará que yerva es. . . Et si non podieres haber la milsanda toma la yerva que dicen *capil veneris*».

qual promete tratar no fim do livro, dizendo que *yerra es*. No capítulo final, com a lista dos medicamentos indispensáveis ao bom ceteiro, esqueceu-se todavia da promessa.

Creio que *sande, sanda* (com *f* comprido) seria apenas grafia ilegível de *furada* ou *furado* (também se diz *milfurado*), porque desconheço por completo *milsande*<sup>1</sup>. Ao traçar o seu capítulo XXII, *Del falcon que tiene pedra*, a Musa do Chanceler dormitava, como mostrei na Parte I (literário-histórica) d'este meu estudo sobre Mestre Giraldo, e no artigo FERRENÇO.

## XIII

## MINHOCA

Sem me preocupar com as dificuldades que os vocábulos do tema *mina* suscitam, derivei, já ha muito<sup>2</sup>, o nome popular da lombriga terrestre (lat. *lumbricus*), corrente no país, do verbo *minare*.

A isso me levou o costumar a *minhoca*, que abunda em terrenos húmidos, argilosos, de pouca resistência, abrir efectivamente profundos canaes, pelos quaes deslisa com facilidade, e galerias com duas saídas<sup>3</sup>—trabalhos mineiros de que o lavrador não gosta, persuadido de que por ele se estragam as raizes das plantas<sup>4</sup>. Também influiu a lembrança de que na minha pátria a chamam *Wühle* (= «mina» ou «minadora»)<sup>5</sup>.

Gonçalves Viana não concordou. Preferiu dar-lhe origem africana: o vocábulo quimbundo, *nhoca*, «cobra», com o prefixo pl. *mi* da segunda classe<sup>6</sup>, baseando-se em que já orçavam por quarenta os termos portugueses de uso geral cuja proveniência quimbunda lhe parecia indubitável.

<sup>1</sup> Em nota suplementar, Ayala recomendava ainda la *mirasolis*: «que son cañamones montesinos».

<sup>2</sup> *Rev. Lusitana*, III, p. 136, (1894).

<sup>3</sup> Em livros destinados ao povo e á infância, costumam caracterizar a *minhoca* como um bichinho, parecido ás cobras, que faz muito mal, porque *mina* a terra. «Sie wühlt Gänge in feuchter Erde».

<sup>4</sup> Hoje já ha muitos que sabem que a *minhoca* ventila o chão.

<sup>5</sup> Quanto á forma, entendia e entendo que deriva do tema *min-* e do sufixo *-oca*: *minhoca* por \**mī-oca*.

<sup>6</sup> Como exemplo cita *mindele* «brancor», no sing. *mundele*, segundo Héli Chatelain.

Registei essa opinião no *Jahresbericht*<sup>1</sup>. Mas não fiquei convencida. Qual, perguntava eu a mim própria, qual seria então o nome com que o povo e as crianças de Portugal o Velho designariam (e distinguiriam das lombrigas intestinaes) o verme terrestre que viam a cada pouco, nos seus campos e jardins? o bichinho que servia de isca aos pescadores de água doce? e que os médicos e alveitares applicavam, pisado e fervido, na repugnante terapêutica medieval<sup>2</sup>? E quaes são os termos quimbundos que rivalizam em popularidade e vitalidade com *minhoca*?!

D'essa popularidade juntei provas suficientes. O sentido derivado de *engodo*, *isca*, *cebo* (*Köder*), é documentado nas comédias do principal anexirista do século XVI: na *Ulyssipó*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, acto II, scena VII, onde um finório confessa que anda «comendo a minhoca a todo estado»<sup>3</sup>; e também na *Feira de Anexins*, do seu sucessor seiscentista: «Aquillo foi mostrar-lhe a minhoca, a ver se o pescava»<sup>4</sup>. Antes d'eles Gil Vicente, mestre de todos, havia falado em minhoca pela boca da Maria Parda. Em falta de suco da parra diz:

Que estou já como minhoca  
que puseram a secçar<sup>5</sup>.

Mas tudo isso não era sufficiente. Importava provar que os Portuguezes chamavam *minhoca* ou *míoca* ao anélido *Vermis terrestris*<sup>6</sup>, antes de estarem em contacto com o gentio da Africa.

O fisico de D. Denis proporciona exemplos também neste caso.

Para adelgazar e desfazer «sobr'ossos, outrossy presta per' esto a çebola assada e malhada com as minhocas da lama» (*Alveitaria*, 47, 11).

<sup>1</sup> Vol. IV, p. 343.

<sup>2</sup> Vid. Bluteau, s. v. As minhocas eram um remédio diurético e sudorífero contra *sciáticas*, *reumatismo* e *raquitismo*.

<sup>3</sup> P. 110 v. Camões teria dito *tomar o pulso*.

<sup>4</sup> Parte II, Diálogo II, § 2. Em metáfora de bichos.

<sup>5</sup> Vol. III, p. 364.

<sup>6</sup> Em outras línguas o seu nome é mera tradução do termo latino: franc. *ver de terre*; ingl. *earth-worm*; casf. *lombrízes de tierra*. Ou então foi a crença que nascem com a chuva e pela chuva, que lhes deu o nome: al. *Regenwurm*; ingl. *dew-worm*.

Contra encaçaduras vale a mesma mistura: «çebola asada malhada com as minhocas e com as lezmes»<sup>1</sup> (ibid., p. 48, 18).

*Minhoca* e não *mīoca*, porque no século XIV, e mesmo no XII, -i- já tinha passado a -inh-, conforme se vê em *aginha*, *festinho*, *frontinho*, *madodinho*, *sobinho* (e em *maminha*).

Na Galiza dizem *minhoca* (*miñoca*), como em Portugal.

Alguns Dicionários castelhanos registam a forma, sem explicar que ela é exclusivamente galego-portuguesa.

No *Diccionario Enciclopédico Hispano-Americano* ha, além d'isso, *miñosa*. Variante criada também na provincia indicada?

O sufixo *-óca* (masc. *-óco*, *-ouco*) não é raro em palavras populares. *Baboca*<sup>2</sup>, *bichoca*, *bicharouco*, *beijoca*, *beijoca*, *carouco*, *dorminhoco*, *engenhoca*, *machoca*, devem bastar. Dois podem ser considerados como derivados de verbos (*babóca* e *carouco*).

## XCIV

### MONDIL. — MANDIL

S. V. ALMAFACE já se viu para que servia o *mondil* no século XIV. Para esfregar ou limpar cavalos. Não ha dúvida de que *mondil* seja o *mandil* de hoje: um esfregão de pano grosseiro. E não só de hoje. O próprio Mestre Giraldo emprega-o, e diz-nos de que era feito, e que outros destinos tinha. Para coar certas decocções (p. ex., a da tona do ulmeiro) servia um «mandil d'estamenha» (p. 21, 3)<sup>3</sup>.

De duas uma, portanto. *Mondil* é mero erro, quer de imprensa, quer de escrita<sup>4</sup>. Ou então *mandil* — forma arabizada de *مندیل*, que vem de *mantellum*, ou do grego *μανδύλιον*<sup>5</sup>, *mandelion* — foi transformado sob influência de *monda*, *mondar*, e congêneres.

<sup>1</sup> Vid. LESME.

<sup>2</sup> *Babosa*, *baboca*, derivados diversos de *baba* (saliva), denominam o bichinho da seda. Alfonso X chamava-os *babous*.

<sup>3</sup> Tecido de lã, ou de linho cânhamo, pouco apertado, como a linhagem.

<sup>4</sup> Antes de escrita, porque entre os erros de imprensa, de que o Sr. Gabriel Pereira deu a lista, a meu pedido, (*Rev. Lusitana*, XII, p. 328), não encontro *mondill*.

<sup>5</sup> Dozy, *Glossaire*, p. 299. Inscrevi no meu exemplar a definição inglesa: «a hair-cloth coarse apron». Não me lembro de onde a tirei.

## XCV

## MORNO — TIBO

Para designar a temperatura meio arrefecida, meio quente de líquidos, cataplasmas, etc., Mestre Giraldo recorre ora a *tibo* < *tepidu*<sup>1</sup>, ora ao representante do germânico *murni* (*finster*, de *maurnan*, *mornen*), que hoje é o único termo usado pelo povo; correspondente do francês *morne*, prov. *morn*<sup>2</sup>. *Morne* (respectivamente *borne*) na Galiza, enquanto aqui foi e é *morno* (respectivamente *bornu*)<sup>3</sup>, *lauwarm*.

Parece que o vocábulo latino lhe servia para designar temperaturas ainda elevadas, e *morno* a que equivale a «quebrado de friura». Na oração «e filha o saquete das rosas tiby como ho tu possas sofrer» trata-se p. ex. de uma cataplasma bem quente, destinada a fomentar a cabeça do falcão constipado. A que diz: «E acaenta todo e lançalho tibe pella garganta de guisa que o troça (= engula)» (*Alveitaria*, 21, 7), refere-se a uma droga para cavalos constipados.

Quanto a *morno* temos: «e lançalhe dauga morna» (*Caça*, 10, 15); «e fazia ferver e desque for cozida leixa arrefecer em tall maneira que seja morna» (ibid., 10, 30). Cfr. 10, 31; 11, 22; 22, 8.

Com relação á forma, só uma vez ha *tibo*, *tiba*: «e nas uezes auga tiba» (*Alveitaria*, 31, 19). Nos outros dois trechos *tiby*, *tibe*, como se viu. Se não forem meros lapsos, emparelham com o catalanesco *tebi*, prov. *tebe*. Note-se que temos *alty*, *alte* no *Livro de Alveitaria* e alhures<sup>4</sup>.

Ambas as formas, os advérbios *longe*, *toste*, *a meide*, e os numerosos substantivos arcaicos e dialectaes em *-e*, onde se devia esperar *-o*<sup>5</sup>, merecem exame.

<sup>1</sup> Vid. Cornu, § 113; Meyer-Lübke, n. 265. Cfr. *siba*, *liro*, *siro*. Hoje, e desde o século xvi, diz-se *tibio*, quasi sempre em sentido figurado.

<sup>2</sup> Vid. Diez, n.º, *Morne*. Cornu, § 21.

<sup>3</sup> Ambas as formas com *b* são vulgarismos.

<sup>4</sup> *Cantigas de Santa Maria*, n.ºs 35 e 191.

<sup>5</sup> P. ex.: *miragre*, *segre*, *venabre*, *diabre*.

## XCVI

## NORÇA

Planta julgada outr'ora eficaz contra constipações da cabeça, como hoje as folhas do eucalipto. Mestre Giraldo aprendeu de Frei Theoderique a receita seguinte:

«Filha a norça e talhaa com sas ffolhas e com seus rramos em pedaços de hũu palmo, e malhaa antre duas pedras, e metea em hũu sacco e leixa a ir a flundo, e mjtj dentro a cabeça do cauallo de guisa que tanga a norça com a boca e com os narjzes e aper-talhe o sacco em cima em tall guissa que a nom possa comer, e assy o leixa estar e polla quentura que o çelebro hende rreçebera desta erua, desoluerssam os maaos humores e seeram ffora»<sup>1</sup>.

No século XVI a norça, de cheiro nauseabundo, ainda era muito empregada na medicina popular<sup>2</sup>. Dos efeitos drásticos que ainda hoje lhe atribuem dão ideia os cognomes que o povo dá ás briónias em França *naret du diable*, *naret de serpent*; em Alemanha *Hunds-rübe*, *Tollrübe*.

Do talo, de feitio de nabo, é que lhe vem esses nomes populares; e o de *Zaurrübe*, «nabo das sebes», porque trepa nelas e lá envolve outros vegetaes com os seus intrincados labirintos.

Na Galiza dizem *noza*, *nouza*, nabo de *nouza* e nabo *caínho* (*Hundsrübe*); em Castela ha *meza*.

Seria *nuxca*, de *nux*? Mas porque? Ou, se o *r* da forma portuguesa for primitivo, terá alguma relação com *Nurtia*, a deusa etrusca? ou com a cidade de Nursia (modernamente Norsa)?

As rimas *fôrça*, *corça*, *orça*, *torça* não indicam novos caminhos.

Ahi fica exposto o problema.

<sup>1</sup> Pp. 19, 27 e 51.

<sup>2</sup> No *Auto das Regateiras*, de Chiado, p. 55, aparece uma mulher que a bebe todas as manhãs.

<sup>3</sup> Ha *bryonia alba*, de fruto preto, e *bryonia dioica*, de fruto encarnado. Na Madeira e nas Canárias dizem que produz tubérculos alimentares. *Norça negra* é *Tamus communis*.

## XCVII

## NUVIOSO

*Albeitaria*, I, cap. n: «O cauallo deue de seer filhado primeiramente e preso em tempo temperado e nuujosso» (pp. 8, 9).

*Nuvioso* < \**nubilosus*. De *nubilus*, que deu *nubiado*, *nureado*, (*Cantigas de Santa Maria*, n.º 101), com *anuriar*, *anuriador*, comquanto os eruditos preferiam *nublado* e os semi-eruditos o substituíam a meude por *emuroado* (de *névoa* < *nebula*)<sup>1</sup>. Nas Astúrias ha o adjectivo *nublo*, a par de *nuble* < *nubilis*. Uma nuvem grande é um *nurrejão*.

Quanto ao tema, outr'ora diziam em ambas as Galizas *nube*, *nue*<sup>2</sup> (*Cantigas de Santa Maria*, n.º 1). Hoje só subsiste além Minho. Aquém, os cultos servem-se da forma nasalada, que os investigadores querem tirar de *nubes*, \**nubimis*<sup>3</sup>. Estou persuadida que o influxo do *n*, inicial, e a analogia com *homem*, *virgem*, etc., são suficientes para explicar o fenómeno vulgar da nasalização.

## XCVIII

## OUGAR — DESOUGAR

Que tem Mestre Giraldo, ou por outra, que tem falcões ou cavalos com essas palavras, vivissimas na boca do vulgo, mas somente com applicação a criancinhas? Muito, como se verá!

A derivação de *ougar* de *augar* < *aguar* < *aquare* é óbvia e conhecida. Mas quanto à evolução dos significados parece-me que não vimos claro até agora. Julgo poder dar-lhes nova ordem, e ordem mais completa do que a registada nos Dicionários comuns<sup>4</sup>. E opino que é vantajoso colleccionar variantes dialectaes e sobretudo formas e exemplos arcaicos, a fim de mostrar mais uma vez quanto importa *historiar*, fonetica e semasiologicamente. Sem a pretensão, bem se vê, de ultimar os resultados, perfeita-

<sup>1</sup> Os antigos possuíam *nevooso* < *nebulosus*. Vid. *Ineditos*, de Frei Fortunato de S. Boaventura, n, 127.

<sup>2</sup> E *nue*?

<sup>3</sup> Meyer-Lübke, n, § 16; J. Cornu, § 51.

<sup>4</sup> As formas populares faltam em todos quantos consultei.

mente sciente de que neste artigo, como em todos os mais, ministro apenas *Contribuições para o futuro Dicionário etimológico e historico das linguas románicas peninsulares*.

\*

O que averigui em Portugal, pouco depois de nacionalizada, no contacto diário com mulheres do povo, inçadíssimas, como todos sabem, de crenças, credices, superstições e costumeiras tradicionais, é o seguinte:

*Coitadinho! não lhe mostre o peito, que pode ficar augadinho*, dizia uma velha de S. João da Madeira, com seu netinho ao colo, a outra nova que aleitava o seu pequeno. Ulteriormente, quando eu educava meu filho, pobres e ricas não deixavam de admirar-se de que eu comesse morangos ou qualquer gulodice em presença d'ele, sem lhe dar alguma parte. *Cautela, que pode ougar!* E nunca se esqueciam de ensinar-me, como havia de proceder, se por ventura o visse com o cabelo levantado. Aprendi então que quando as crianças cobiçam qualquer cousa, é preciso dar-lhes pelo menos um cibinho. Aliás *ficam ougadas* <sup>1</sup>. Definham e podem morrer, se não se lhes acudir pela forma tradicional. Mas felizmente essa é simples. Basta dar-lhes atrás de uma porta (segundo outras, detrás da porta de um forno) um bocado de pão (de milho) amassado com azeite. O resto do bolo deita-se a um cão preto. E pouco depois entra a medrar e a ter boas côres <sup>2</sup>.

Na tentativa de comprehender o termo técnico duplo, lembrei-me de que o aspecto de cousas apetitosas faz crescer a agua na boca da gente <sup>3</sup> (isto é: promove a secreção mais abundante de saliva péptica), e que, pelo contrário, o amargor da inveja faz secar essa humidade benéfica. Também me lembrei de que ha prazeres, gostos, contentamentos *aguados* <sup>4</sup>, festas e alegrias *aguadas* com

<sup>1</sup> É curioso que *ougar* e *desougar* não se apliquem também a mulheres grávidas, e aos appetes mórbidamente imperiosos das histéricas, uma vez que se afirma que a não-satisfação de taes *desejos* pode ser prejudicial á mãe e ao filho em gestação. *Veja lá se lhe apetece alguma cousa*, diziam-me as vizinhas na aldeia sorrindo, sempre que eu entrava em casa alheia.

<sup>2</sup> Vid. Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 335; Trindade Coelho, em *Tradição*, II, 102.

<sup>3</sup> *Das Wasser läuft im Munde zusammen.*

<sup>4</sup> *Zu Wasser werden; ins Wasser fallen.* «Desta arte sabe a Ventura aguar um contentamento» (Camões, *Filodemo*, IV, 6).



lágrimas, como vinhos que os leigos estragam, deitando-lhe água <sup>1</sup>.

E dei-me por satisfeita.

Depois procurei e encontrei na literatura exemplos d'esse segundo sentido figurado de *aguar* <sup>2</sup>, e naturalmente também de todos os outros positivos. Passo os conhecidos, para apresentar *aaguar* < *ad* + *aquare*, no sentido de *in-aquare* «deitar na água, meter, empurrar para a água» nas *Cantigas de Santa Maria*.

Um falcão do rei Sabio caca aves numa ribeira gelada. Os falcões deitados às *ánades* (adens) montam primeiro, para descerem depois com mais impeto sobre a presa:

et desi deceron a elas  
et assi as anguavan  
que con coita se metian  
so o geo nos regueiros.

(Cant. 243, 3) <sup>3</sup>

O sentido é evidente, a meu ver. Todavia não ocorreu ao editor, pois traduz *aaguar* no *Glossário* com «acossar, perseguir» <sup>4</sup>.

A acepção relativa a cavalos não me parecia digna de atenção. Só agora é que a leitura dos tratados de Mestre Giraldo me esclareceu sobre a importância dos termos populares e técnicos da linguagem. Em geral, e em especial quanto a *auga*, *augar*, *augado*, *augoamento*, termos que já registei mais acima.

«O vicesimo capitollo he do cauallo *augado* per muito comer ou per muito beber ou do gram trabalho».

<sup>1</sup> Um velho primo nosso, grande viticultor, que não admitia que eu deitasse água no meu vinho, costumava dizer: «Aguar é estragar». E acrescentava «a mesa pelo menos. No campo aguar é medrar» (< *meliorari*).

<sup>2</sup> Seria na ordem de ideias, indicada na nota precedente, que Jorge Ferreira de Vasconcelos empregava *aguar*, não em relação a um bem convertido em mal, mas, pelo contrário, no sentido de converter um mal em bem (*Aulegracia*, acto 1, scena 7: «aguar os enfadamentos do paço com ir á casa de Gradisel de Abreu»). Em geral usa-o na acepção vulgar: vid. *Sagramor*, p. 334, «e foi agoar-lhe a soberba opinião que tinha»; e p. 367, «Fortuna augou o gosto desta festa com um desastre».

<sup>3</sup> Na *Demanda do Gral*, ha outro exemplo.

<sup>4</sup> «La forma en que está escrita en la Cantiga la palabra *anguavan* indica probablemente que, el *ai* pudiera leer-se *ala* (= *asa*). Con fundamento puede conjeturarse que procede del provenzal *alaguiar*, importunar. La etimología de este vocablo es (segun Honnorat, *Dict. de la langue d'oc*) a *lagui* (del catalan antiguo *sinsabor*, *desasossego*) y de la desinencia verbal *AR*».

Parece incrível. Em geral passo em silêncio, ou de fugida, por taes descertos. Mas este merece pelourinho.

«O vicesimo primeiro c. he de *enquoinfastico* e he do cauallo *augoado*<sup>1</sup>, que se faz quando chega quente e sũurcento e leixãno estar sem trager e sem comer» (p. 4, 26, 30). Assim na Taboada. No texto (p. 32, 11) ha *augado* e *aagoado* (33, 11).

«Ahy outra doença que vem ao caualo per muyto comer ou per muyto beuer e aas vezes lhe vem do gran trabalho sem mesura e chamamilhe em nossa lñguagem *augoamento*» (34, 16).

«e esta door chama ho meestre que fez este livro *enfasticom* e nos a chamamos *agoa*» (33, 21).

«e he como magneira *dauga*» (33, 16).

Quanto a doenças intestinaes (Vid. ENTURIMENTO), observa que «algũas vezes daquesta door *auga* ho cavallo» (36, 10). Definha; enfraquece muito. «E a aquell façam assy como he dicto no capitollo do *augamento* sobredicto» (36, 11).

«Outrossy quando ho cauallo andar mui quente nom lhe dem a beber, entrante aa pousada, ca podia *aangar* muyto *aginha*» (p. 11, 26).

Constipar-se. Desenvolver humores, mais ou menos aquosos, doentios, do simples defluxo até ao mormo e à hidropesia (*Sich verwässern — sich verkühlen, sich verkälten, verschlagen*). Detinhar (*clend werden, herunterkommen*).

Com relação a pessoas adoentadas também já empregavam o termo no tempo de D. Denis. Num grosseiro cantar de *escarnho*, dos piores que ha nos Cancioneiros, diz-se de uma mulher do mundo:

Ca llii conven que ali moira enton  
de polmoeira ou de torcilhon;  
ou per força fica ende aguada.

(C.V. 993).

*Bresthaft, siech, krank gemacht*. Ignoro se o povo considerava a doença do *augoamento*, *augamento* ou da *auga*, *augoa*, como efeito da crueldade com que os que cuidavam do cavallo prohibiam e inhibiam que logo bebesse ou comesse quando, depois de longas carreiras ou trabalhos forçados, voltava a pousada estafado, cheio de sêde e de fome. Julgo, todavia, bem possível esta maneira de pensar. E creio que as crianças *augadas*, e todos os animaes domésticos a que o termo se applica, são sucessores dos cavalos que *agoaram* ou *aaguaram*.

<sup>1</sup> O cavallo aguado tem *auga. incha* e *çopega*. Agora é que se comprehende também como foi que *trôpego. tropo*, de *hydropicus*, veio a denominar o que mal pode andar, o que tem dificuldade em mover os membros.

Por isso eu formularia o artigo AGUAR do modo seguinte:

AGUAR (*augar, ougar*, na boca do vulgo). *V. t.* borrifar, regar, irrigar, alagar com água; diluir, destemperar, misturar com água; *fig.* estragar, frustrar, malograr um prazer. — *V. i.* adquirir a doença do aguamento (augamento, ougamento) por resfriamento; salivar (por acto reflexo) com desejos; *Fig.* definhar por causa de desejos não satisfeitos.

DESAGUAR (vulgo *desaugar: desougar*), tirar a água, enxugar, secar; desembocar. — *Fig.*, tirar a doença do aguamento (augamento, ougamento).

Quanto á formação, tão escusado é falar de *auga* < *agua* < *aqua* (que corre pares com os vulgarismos *tauba, euga, leuga, reuga* por *táboa, égoa, légoa, régoa* e com o arcaico *igual* = *igual* < *aequalis*) como da redução de *au* a *ou*<sup>1</sup>.

Nas provincias, onde costumam reduzir o ditongo *ou* a *ô*, dizem *ôgar* (*ôgar*). P. ex., em Lisboa<sup>2</sup>.

Como o leitor viu, o verbo *augar* já se conjugava no século XIV correctamente *augo, augas*. Claro que o povo diz *ougo, ougas*. Apenas nos Dicionários se regista *aguo, aguas*.

Nas Astúrias corresponde pouco mais ou menos *enaguar* < *in* + *aquare*; *naguar* com aferese da inicial átona. Traslado os artigos do *Vocabulário* de Rato de Argüelles, por serem curiosas contribuições, na parte que diz respeito a animais domésticos, — (o gado em geral) e a mulheres com desejos; e também porque o lexicógrafo pensa sobre as origens como eu pensava outr'ora.

ENAGUAR, *v.* Fazese la voca agua, viendo á otros comer dalgun petite<sup>3</sup>. — V. GOLAR y LLANVIAR.

NAGUAR, *v.* Enaguar, golar, llanviar<sup>4</sup>.

GOLAR, *v.* Los rapaciños y les muyeres preñaes golen<sup>5</sup> si ven comer duce y ay q daios la preba<sup>6</sup>; al cebar<sup>6</sup> ganao golen si danyos a unos y a otros non.

<sup>1</sup> Vid. Cornu, § 30.

<sup>2</sup> Petite = appetite = petisco.

<sup>3</sup> A sereia da consonancia levou os Asturianos (ou levaria apenas o autor de *Palabras y Frases Bables*?) a meter entre as definições de *Maguar* a nota: «Dize que tien magna el ñeñu que ve á otro comer un carambelu y non y dan á el».

<sup>4</sup> Cobiçam; tem gula de.

<sup>5</sup> A prova: uma amostra, um cibato; tal qual nesta terra.

<sup>6</sup> Dando a comida ao gado (cebar = *atzen*) como em Portugal.

LLANVIAR, *v.* Envidiar la comia los petites, pa pasaiyos la llingua <sup>1</sup>.

As formações usadas na Galiza não são bem claras.

No Dicionário de Cuveiro-Piñol encontro apenas:

DEGOADIZO, avaro, ambicioso.

DEGORADO, degoadizo, el que desea con avides una cosa, ó se le van los ojos por ella.

DEGORAR-SE, mortificarse por conseguir algo <sup>2</sup>.

No de Valladares Nuñez ha: DEGARAR, desear con avides una cosa; com *degaramento* e *degaro*, e tambem *degoirador*.

Parece que houve contaminação entre *degoar* por *agoar* (com substituição do pseudo-sufixo *a* por *de*) e *devorar* <sup>3</sup>.

### XCIX

#### OUVEIRO — OVEIRO

Com respeito ao orificio anal das aves de caça, ha nos textos de que me ocupo vários incidentes curiosos.

Em primeiro lugar a grafia *oureiro*: «[a] ave que as ha [sc. lombrigas] depena-se no ouveiro» (*Caça*, 16, 9). Que significa? Tomando em conta *oriente*, *occidente*, *oucioso*, *ouriço*, *ouxalá*, *ouriginal*, *oupimião*, *ouliveira*, *Ovidio* <sup>4</sup>, conjecturo que os escriptores queriam indicar d'esse modo a pronuncia fechada, *ô*, da átona inicial; a não redução da átona a *u* <sup>5</sup>.

Na tradução do Chanceler lê-se por engano *cuero* (c por o): «el falcon que las ha, mesase en el cuero» (p. 249).

A ave que padece de deluxo ou reuma cerebral (*agua vidrada*) dá com o bico no oveiro, depois de se haver debatido e sacudido (16, 11).

<sup>1</sup> Apetecer. Creio que *llanviar* não vem de *emvidiar*. É derivado de *llamber*. Cfr. *llanviotada* = lambedela.

<sup>2</sup> *Nach etwas giepern*.

<sup>3</sup> Na Alemanha temos «devorar com os olhos» (*mit den Augen verschlingen*) para significar «cobiçar, ter gula de». *Degoirador*, de *degoirar* < *devoriare*, com troca de *v* e *g*.

<sup>4</sup> Todas essas grafias ocorrem dúzias de vezes em textos dos séculos xiv e xv (p. ex. na *Côrte Imperial*), e ainda no xvi. P. ex. nos *Lustadas*. Em *ourina* (*Caça*, 30, 30) talvez haja influxo de *ouro*. Em Mestre Giraldo ha *ouusso*.

<sup>5</sup> No Algarve pronunciam, p. ex., *ôrelha*, *ôvelha*.

No texto de Ayala (p. 219) falta o substantivo, por lapso, bem se vê: «et quando se debate ó deja de volar, tienta con la boca et dá en el . . . ». Claro que na *Biblioteca Venatória* imprimiram en él, Mas em quem?

Em caso de indigestão (refeitos velhos) <sup>1</sup>, Mestre Giraldo manda examinar «ho oveyro em o lugar honde anda ho bucho (!) e acharás aquelle lugar duro» (p. 14, 22). Em espanhol: «catale el cuerpo et el lugar do anda el bucho» (p. 244). Acho ambos os passos defeituosos e proponho: «catalhe ho coyro em o lugar», etc. — «catale el cuero en el lugar».

Mais uma nota relativa ao mais pitoresco dos capitulos do fisico de D. Denis. Ele estava evidentemente familiarizado tanto com a linguagem chulamente realistica das cantigas de *escarinho* e mal-dizer como com a dos caçadores, escudeiros e veterinarios e usava de plebeísmos que o Chanceler substitue por termos menos grosseiros (*sieso*, *overo*). Diogo Fernández Ferreira pela sua vez explica com circunlóquios palacianos que: «a carne se coze no bucho e a Natureza encaminha aquellas fezes ao lugar que para isso está deputado d'ella, ao qual chamam *oveiro* por honestidade. . . » <sup>2</sup>.

\*

De passagem deixem-me assentar o que ainda não vi impresso em parte alguma: que em linguagem familiar se dá, á mesa, o nome bem aplicado de *mitra*, á última vértebra das aves (o uropigio; *Steiss*, em alemão); e que os cetreiros castelhanos se serviam para o mesmo fim de *bispiello*, e de *bispete*, para a última ponta (o *Bitrzel*), deminutivos humoristicos de *bispo* <sup>3</sup>. — Em Portugal usam também de *rabadilha*, e, com respeito a criancas, de *rabistel* (formado de rabo por analogia com *canistel*, *canistrel* = *canastro* pequeno).

<sup>1</sup> Vid. o artigo REFEITO, n.º CXL.

<sup>2</sup> Vol. I, p. 19.

<sup>3</sup> D. Juan Manuel, cap. III, ao falar das feituraz do falcão ideal, quer que «o bispiello que sea muy llegado entre las ancas» (p. 9, 14). Na sua paródia, o *Evangelista* diz: «que la cola les sale del *obispillo*» (var. *abispero*). O editor A. Paz y Mélia diz muito bem (censurando uma etimologia fantasiosa do *Diccionario* da Academia) que lhe dariam aquele nome pela semelhança que tem com uma mitra. «Et el *bispete* do andan las pennolas que sea de poca carne» (*Caça*, pp. 9, 17 e 13, 3).

## C

## PARAR

«... ca desque pera mall para por marauilha nom pode doutra guissa guarecer...»<sup>1</sup>. O cavallo com peçeira na lingua.—O editor diz em nota que este passo deve estar corrompido.

Talvez sim, e talvez não. O sentido é evidentemente «logo que vires a doença mal parada, desandar em mal, corta-lhe o bocado ruim da lingua». Hoje não diríamos «parar para mal», mas Mestre Giraldo não é muito escrupuloso nem muito elegante no seu modo de dizer.

*Parar* tem nos textos d'ele o significado activo, — impedir de andar, de mover-se; fazer estar, quedar-se, estar quieto, fixar, ou acomodar —, como o leitor pode verificar em meia dúzia de passos<sup>2</sup>; mas seguramente também se usava no sentido de «estar quieto, ficar estacionário».

## CI

## PATIGO

Leia-se *pátigo* e entenda-se *hepático*. O azevre passava por ser um remédio eficaz em doenças do fígado. Mestre Giraldo receitava-o frequentemente a falcões. Principalmente aos que haviam comido demais.

«E este *açerer* he desvairado do outro que he chamado cano-  
tym, ca o patico he boom pera o corpo, e ho outro he boom pera  
a cabeça» (p. 15, 22).

«e aos que sofriam de lombrigas» (16, 19), «ou de filandras» (17, 10).

O Chanceler procede do mesmo modo (vv. 230, 248, 250, 253). No tempo de Diogo Fernández Ferreira, outros medicamentos haviam suplantado este. Pelo menos, ele não o nomeia nunca.

É mais um caso de aférese, a juntar aos muitos que registei em outros trabalhos meus; exemplo também da adjectivação esdruxula em *-ego* (do latim *-icus*).

<sup>1</sup> *Alveitaria*, 24, 17.

<sup>2</sup> *Alveitaria*, 27, 40; 33, 22; 37, 29; 45, 7; 49, 2.

## CII

## PEEIRA

Hoje *pieira* (*piado*) designa o som produzido pela respiração difícil de um doente. É onomatopáico, como *pio*, *pipio*, *piar*, *pi-pilar* das aves, ou vozes que imitam o grito de certas espécies.

Mas além d'isso subsiste *peeira*, ulceração nas unhas do gado bovino que produz febre e o faz coxear.

No tratado de Mestre Giraldo *peeira* designa tanto uma doença nos pés do cavalo como outra na lingua.

«O quinquagesimo primeiro capitollo he da peeira que uem aos caualllos nos pees» (*Alveitaria*, p. 6, 1, e 52, 35 e 39).

«O nono capitollo he do mall da lmgua que nos chamamos peeyra da lmgua» (4, 5, 24, 6); «em latym *malum lingue* e em nossa linguagem peeyra da lmgua» (24, 14 e 31).

O fisico relacionava uma doença com outra: «E esta doença da lingua que se gera de cousa podre e corrupta e é infecciosa deçelhe aas vezes aos pees pollo sanguy corrupto que ly pera alos (*sic*) corre, e aas vezes de mau estrabo; e desque esta doença tem nos pees nom pode estar sobre elles; e se lhe em elles durar mujto, faz lhy desaprender a hunha dos machos (124, 25). «E saby que se lhy da a peeyra em huum pee e lhy nom acorrem logo, xi lhy faz em todos» (25, 17). Chegado ao cap. 11, repete apenas o principal: «Ffazesse hũa doença aos caualos nos pees a que chamam peeira; e nom falo aqui dela porque he dicto conprjdamente no capitollo da peeira da lmgua».

A grafia e essas relações patológicas obrigam a propôr a etimologia *peeira* < \**pedaria* de *pes*, *pedis*. Da pronuncia e grafia *pieira* resultaria a etimologia popular indicada. Ou então o moderno *pi-eira* não é descendente do arcaico *peeira*.

A continuação de *peeira* como nome de doença (não registada nos dictionários) prova que esta última hipótese deve prevalecer.

P. S.—Nas *Tradições Populares de Portugal* (5 349), Leite de Vasconcellos regista uma lenda segundo a qual a sétima irmã é fadada *para peeira dos lobos*. E conta que, perguntando pela significação do termo, lhe responderam «peeira é a que vive ao pé dos lobos!»

## CIII

## PENÇAS

«O cauallo que tem as orelhas grandes e *penças* e os olhos cauados scerá molle e preguçoso» (*Alveitaria*, 17, 3).

O cavallo bem feito deve ter *orelhas* grandes mas *agudas* (16, 13). O oposto seria, portanto, curtas, arredondadas e carnudas? Como o nariz *penca* (parecido ás folhas carnudas da couve d'esse nome?)<sup>1</sup> cujas origens de resto ignoro. Ou *pensas*, pendidas? Viradas para baixo? Os mais espertos em cavalarias altas, que o digam.

## CIV

## PERREXIL

Contra o mal de pedra, a que estão atreitas as aves de caça, sustentadas demasiadamente bem, com carnes muito substanciosas, receitavam os falcoeiros do século XIV, entre outras cousas, sementes de *perrexil*, como se vê no cap. VIII de Mestre Giraldo<sup>2</sup>, metidas num coração de galinha ou de carneiro.

Pela tradução do Chanceler de Castela, e pela paráfrase de Diogo Fernández Ferreira, parece que se tratava da umbelífera conhecidíssima *Apium petroselinum* (gr. *πετροσέλινον*); isto é, d'aquella *salsa* comum, cujo nome latino é a origem remota do vocábulo que agora nos ocupa.

O primeiro autor emprega *perejil*<sup>3</sup>, nome que sem qualificativo teve sempre, e tem, em Castela o significado de *salsa*; o Português fala decididamente de *semente de salsa*<sup>4</sup>. Creio que com razão. Nutri todavia dúvidas durante algum tempo.

O nome *perrexil* foi transferido em Portugal a outra planta, da mesma familia (tribo das peucedáneas), da qual já entretive o leitor<sup>5</sup>, porque as suas qualidades condimentares e o seu cheiro aperitivo o aproximam da *salsa*, para o gôsto e o olfacto do povo.

<sup>1</sup> Vid. López de Ayala, p. 338: *toma entonces un troncho de berça de col ó la foja penca.*

<sup>2</sup> P. 175, 26.

<sup>3</sup> P. 255.

<sup>4</sup> Parte IV, cap. XIV (vol. II, p. 23, 24).

<sup>5</sup> Vid. n.º XLVIII, CRÉTANO MARINHO.



Com a diferença, porém, que o *Crithmum maritimum* ou *perrexil do mar*, que outras nações comparam com o *Anethum foeniculum* (*fenouil de mer*, *Meer-fenchel*, *funcho do mar*), manifesta as suas origens pelo sabor salgado que o distingue <sup>1</sup>.

Pois bem, este funcho marítimo ou *perrexil* que se dá admiravelmente nesta beira-mar portuguesa é um verdadeiro quebra-pedras. E (*nomen omen*) na opinião de médicos e farmacêuticos serve para combater o *mal da pedra*. *Herbe de Saint Pierre* em França, *Pero-Gil* entre os Minhotos, tem em Castela o cognome de *taladra-peñas* <sup>2</sup>, e em França o de *perce pierre*, *passe-pierre*. Em disfarce científico *saxifrage maritime*. Nas fendas das muralhas do Castelo do Queijo, entre o Porto e a Foz, colhi-o eu muita vez, para em seguida o preparar com vinagre para a nossa mesa.

Como Mestre Giraldo dava todavia á planta oficial o nome de *crétano marinho*, entendo que o *perrexil* que cita, é a salsa.

Por ora não verifiquei, quando e por que influências *salsa* substituiu *perrexil*. Em todo o caso, este exercia certas funções artísticas. Com o seu verde garrido, de todo o ano, e o seu cheiro apetitoso serviu, e serve, para enfeite de pratos de peixe e de carne <sup>3</sup>. D'este uso veio a *perrexil* o sentido figurado de «peralvilho, janota, homem muito enfeitado». Bastará lembrar um passo de Sá de Miranda, em que o pastor Bento diz:

Fui um dia á vila, Gil,  
e logo, ó sair da casa,  
mais verde que um perrexil,  
cuidei que matava á brasa  
de galante e de gentil <sup>4</sup>.

A um dizedor, que sabe entreter uma reunião inteira com anedotas e chalaças engraçadas, chamam em Lisboa «o perrexil das salas» ou «perrexil da conversação».

Como acrescento ao *Manual Etymologico* de Körting, muito incompleto na parte galego-portuguesa, seja dito que na Galiza ha

<sup>1</sup> Apesar d'isso deram o nome de *salsa* á *Petersilie* (que eu acho adocicada), retirando o aos *molhos* (= *den Saucen*).

<sup>2</sup> O vulgo diz *perejil de mar*.

<sup>3</sup> Já assisti a uma scena, em que umas lagostas vieram á mesa com tal abundância de salsa, que as meninas convidadas teceram d'ela uma coroa para um poeta presente.

<sup>4</sup> *Poesias*, n.º 103, 493 (p. 174). — Cfr. Gil Vicente, t, p. 256.

*pirixel, prixel, prijel*. E em abono do que acabo de contar, ouçam a cantiguinha seguinte:

Pirixel, pìrexelinho!  
 Pirixel, plantei-no eu.  
 O p'rixel tran-no as nenas  
 Que veñen do xuhaleu!

Meninas enfeitadas de salsa, ao regressarem de alguma romaria.

## CV

## PRESTUMEIRO—POSTREMEIRO

No período galego-português não se dizia *último*, nem *derradeiro*<sup>1</sup>. Aquele que vem depois de todos os outros, o que vem no fim era *postremeiro*, *prestumeiro*, *postumeiro* ou *postomeiro* (e talvez *pestumeiro*)<sup>2</sup>.

*Prestumeiro* está no *Foro da Guarda*<sup>3</sup> e no *Livro de Abteitarriz* (30, 20); na impressão ha duas vezes *pestumeiro* (19, 36 e 21, 36). Como em todos os casos se trata de um remédio que só se deve aplicar em última instância, creio que Mestre Giraldo escreveria sempre *prestumeiro*. O copista não reparou provavelmente no sinal de abreviatura que traçava a perna do *p*.

*Postremeiro* é do Rei Sabio. (*Cantigas de Santa Maria*, 168, estr. 5).

*Postumeiro* vem na lenda de *Barlaam e Josaphat* (ed. de Vasconcelos Abreu, p. 11); *postomeiro* no *Graal*, f. 101<sup>b</sup>.

Todas podiam ser representantes de *\*postremarius*<sup>4</sup>, transformado na pronúncia lusitana em *\*prostremarius*<sup>5</sup>. Mas talvez seja melhor considerar as formas sem *r* no tema como descendentes de *postumarius*.

<sup>1</sup> De *retrum*. Vid. Cornu, § 146. — Na sua edição do *Vespasiano*, Esteves Pereira substitue sempre o arcaico *derrador* por *darredor*. Para que?

<sup>2</sup> No *Elucidário* figuram ainda *pustrumeiro*, *pastumeiro*, *pestrumeiro*, mas sem documentação. Ainda não dei com eles nem com *prostemeiro*, *prosiumeiro*.

<sup>3</sup> *Inéditos*, v, p. 442: «no prestumeyro mês do anno».

<sup>4</sup> A atracção do *r* pela explosiva continua inicial, e a labialização da vogal ao contacto de *m*, são fenómenos *vulgares* em Portugal.

<sup>5</sup> Cfr. Meyer-Lübke, I, § 386, e Leite de Vasconcelos em *Rev. Lusitana*, II, 369. — Este meu amigo prefere o esquema: *\*prostemario* > *p'r*ostemeiro > *perstremario* > *pestumeiro*.

## CVI

## PRESEVAL — PRESEVEL

Palavras antiquadas (de étimo transparente, mas de significação e formação um pouco escura), as quaes o leitor procuraria debalde nos *Diccionários* e no *Elucidário*.

Nos capitulos III e IV do *Livro de Alveitaria*, Mestre Giraldo ensina como o cavallo novo, que se quer amansar, deve estar ligado no *preserall* (2, 30, 14, 7), *preserval* (8, 23), ou *preserell* (8, 27 e 9, 8), com um cabresto grosso mas mole, de sorte que, por bravo que seja, não se possa tirar d'ai nem aleijar-se.

O *preserall*, *preserell*, era, portanto, dentro da estada onde se recolhiam cavalos<sup>1</sup> — no aido, curral, estábulo, *estabro*, na cavallariça, estrebaria, cabana, arribana ou *estada*, como diziam no século XIV<sup>2</sup> — uma qualquer *estante* fixa (*ein Gestell*), em que se amarrava o cavallo ainda não educado. Essa estante estaria ligada porventura, por meio de travessões, com a prateleira, ou caixa, em que lhe deitavam a comida. Isto é a *manjadoira* (9, 26 e 31) (*Raufe, rätelier; Krippe, crèche*), em que hoje pensamos em primeiro lugar quando se fala de *presepio*, porque ela com o menino Jesus dentro sobre as palhinhas, entre o boi e o jumento, forma a parte principal das representações, plásticas ou pictóricas, do Natal, a qual denominamos *presepio*<sup>3</sup>.

*Preseval*, *presevel*, derivam, evidentemente, de *preseve*. E *preseve* é *praesepe*. Em galego-português havia ainda a variante *perseve*. Os Galegos de hoje pronunciam *presebe*; os Castelhanos *presebre*. *Presepe* e *presepio* são latinismos dos Quinhentistas que perduram. Principalmente o de acentuação esdrúxula. Tal qual *praesepe*, *praesepis*, *praesepia*, em latim, designavam a mangadoira e o sitio onde ela estava. E este último sentido prevaleceu.

<sup>1</sup> *Parque* nas luxuosas coudelarias do século XVIII.

<sup>2</sup> Vid. o artigo n.º LXIII. — *Stala* (que é a epigrafe de um artigo de Santa Rosa de Viterbo que também recomendo aos senhores da «Propaganda de Portugal» — artigo em que, de resto, ele deriva o vocabulo erroneamente de *stabulum*) — ou antes *estalla*, como escrevia D. Francisco Manuel de Melo, deve ter sido popular, visto que d'ele (do germânico *Stall*) deriva *estalagem*, lugar onde os viajantes albergavam as suas cavalgadas.

<sup>3</sup> Vid., p. ex., *Diccionario Prático*, s. v. «curral, estábulo. «Retábulo ou escultura, representando a scena do nascimento de Cristo, segundo o Evangelho».

Dou todavia a prova, de que antigamente também tinham o primeiro, com alguns passos das *Cantigas de Santa Maria*.

No *Hymno* 1.º Alfonso X diz da Virgem e do seu menino: «e foy o deytar u deytou a ceuada, no preseu' ontre bestias d'arada». No Milagre 180. 7, repete: «seu fillo Deus ya deitar no preseue». E na Cantiga 1 (estr. 3) das *Festas de Nosso Senhor Jesus Christo*, diz d'ele, ao enumerar as suas virtudes: «pero mais [fez] u eno vil perseu' ontr'elas iouu' o mui fiiz»<sup>1</sup>.

Quanto a derivados, o único que persiste em Portugal é *perse-não*, fundo de coche. A forma *pesebrão*, indicada por J. Cornu, juntamente com *pesebre* (§ 159) é mero castelhanismo fronteiriço<sup>2</sup>. E as pronúncias vulgares, ou corrutelas *prasarão*, *prazarão*, *prazarrão*, que também cita, são mais raras ainda<sup>3</sup>.

Em Castela ha *pesebrejo*, termo técnico que denomina as lacunas, os vácuos em que estão encaixados os dentes do cavalo; e *pesebrera*, conjunto, ordem e disposição de *presépios* nas cavalariças.

É com este que devemos relacionar *perseral*, indirectamente, por causa da concorrência assidua de *-al*, *alís*, *aris*, com *-ero*, *era* (< *arius*, *-aria*) e com *el*, *er*, no mesmo campo. A grafia com dois *ll* deve indicar a oxítonia dos vocábulos. E mesmo, sem respeito à grafia caótica dos textos de Mestre Giraldo, que não constitue prova, *perséral*, *persérel* seriam menos explicáveis do que *perserál*, *perserél*<sup>4</sup>.

## CVII

### PETEIRO (?) — PENTEEIRO

*Cardo peteiro*. É assim que no *Livro de Alveitaria* chamam ao *Carduus dipsacus fullonum* no penúltimo dos capítulos acrescentados ao texto de 1318, provavelmente ainda no século XIV<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Vol. II, 590.

<sup>2</sup> *Pesebron* (aumentativo de *pesebre*) m. «En los coches, cajon que tienen debajo del suelo en que se asientan los pies. En los calesines y calesas, el mismo suelo».

<sup>3</sup> § 157.

<sup>4</sup> De *ramo* procede *ramal*; de *banco*, *bancal*; de *boca*, *bocal*. Confiram *aluguel*, *bacharel*, *saquítel*, *caramanchel*.

<sup>5</sup> Não ha nesses apêndices divergências linguísticas que nos obriguem a collocá-los no século XV.

(p. 60, l. 2). Conjecturo que devemos ler *peiteiro*. Hoje diríamos *pentieiro*. Mas este termo denomina apenas o fabricante e negociante de pentes. Ao cardo aplica-se outro derivado de *pectine*: *penteador*<sup>1</sup>.

É sabido que *pectine* deu em castelhano *peine*, astur. *peñe*; em galego *peite*. Em português *\*peitem* foi transformado por nasalização em *pentem*: *pente*, com queda do *m* final<sup>2</sup>. Em conformidade *pectinare* é *peñar* em cast.; *\*peñar* em astur.; *peitear*, em galego, antigamente *peitêar*; *pentear*, em português; *pendar* nos dialectos de Leão<sup>3</sup>.

O arcaico *peiteiro* subsiste na Galiza na forma contraída *peiteiro*. Com ela emparelham alguns vulgarismos portugueses. P. ex.: *freixeiro* < *fraxinarius*; *maceira* a par de *macieira* (mançaneira) < *mattianaria*; *ameixeira*, ao par de *ameixieira* < *damascenaria*, segundo Cornu; *vimeiro* ao par de *vimieiro* < *viminarius*; *romeira* de *roman* como se houvesse *\*romaneira*; *bateira* por *bateira* de *batel*; *sáveiro* de *sável*<sup>4</sup>; *Póreiro* de *Póroa*; *relojeiro* por *relojeiro* (comunmente *relojoeiro*)<sup>5</sup>.

### CYIII

#### RAER — REER — RER (ARRER)

Representantes legítimos do verbo lat. *radere*; ou antes estádios sucessivos do mesmo.

Os primeiros dois eram familiares a Mestre Giraldo. Os últimos contraídos subsistem isolados como termos técnicos de uma indústria nacional; e em todas as suas acepções nos dialectos da Galiza.

<sup>1</sup> Vid. Brotero, *Compêndio de Botânica*, ed. 1788, vol. 1, p. 331.— *Penteador* significa também: *Frisiermantel*.

<sup>2</sup> Cfr. os vulgarismos *orde* (com o derivado *ordeiro*), *vime*, *virge*, *muge* de *mugem*, por *mugel* (com o derivado *mugeira*).

<sup>3</sup> Vid. *Alex.* 444 do manuscrito *O* (Osuna; em Madrid). Na ed. de Morel-Fatio ha *peynados* (453); Encina, *Teatro completo*, p. 246.

<sup>4</sup> Já citei *mugeira*, *ordeira*.

<sup>5</sup> Por analogia com formas derivadas de *-onarius*, *-ionarius*, como *algodoeiro*, *bacalhoeiro*, *colchoeiro*, *cordoeiro*, *melgotoeiro*, *prisoeiro* (arc. e gal.) *quinhoeiro*; *ladroeira*, *couçoeira*; etc. Formações aparentadas são *cachoar*, *tiçoar*, *arrincoar*, *desbagoar*, *seroar*; *afeiçoado*, *atordoado*, *mal compleiçoado*; *descaroável*; *bordoada*, *cançoada*; *ladroice*, *parvoice*; etc., etc.

No *Livro de Alveitaria* temos *raer*: «deuem ante arraer <sup>1</sup> o logar hu see ho jnchaço» (48, 8). Mais vezes ha *reer*: «fazio (= faze-o) reer muyto bem» (p. 39, 21); «deuem a rreer aquel inchaço muy bem arredor e poeremilhe cada dia da cal viva com do mell» (41, 10); «e saby ajnda, que bõo pera o sobreosso he rreerem bem o logar» <sup>2</sup> (47, 18).

As flexões de tempos derivam pelo contrario, todas de *raer*: «*raẽ n'os*» (41, 16); «*rray lho com hũu cuytelo*» (23, 29); «*rayãna* a rredor» (40, 8); «*rraudo*» (42, 7; 47, 13; 15, 24; 21, 28); «E untent-lhe tres vezes no dia o neruo jnchado, pero que seia ante *rraudo*» (48, 20).

O significado é sempre: «raspar, rapar» <sup>3</sup>.

Hoje os pádeiros empregam *raer* no sentido de vassoírar o forno depois de aquêcido para a cozedura. Em Alcacer do Sal servem-se de *raer*, mas também da forma contraída *rer*, e de *arrer* na acepção de rapar ou puxar com o rodo o sal das marinhas. E formam o participio presente *rendo*, e o passado *rido* <sup>4</sup>; respectivamente *arrendo*, *arrido*.

\*

Com queda de *d* temos ao par de *raer* o arcaico *caer*, com *caes*, *cae* (*cais*, *cai*), substituido posteriormente por *cair*. Na Galiza conservaram *caer* (e *queer*, com *dequeer*). Flexões *caes*, *cae* (ou *cais*, *cai*) e *can*. *Roer* < *rodere* evolucionou ahi mesmo até dar *rór* com *rós*, *ró*, *rónu*. — *Crer*, *rer*, *ser* são conhecidos.

*Oir* (hoje *ouvir*) subsiste além Minho com *oes*, *oe*, *oen*; *ois*, *oi*, *ou*; *rir*, em ambos os países *trís*, *ri*, *rín*). *Choir* < *claudere*: *goir* (posteriormente *gouvir*) < *gaudere*, estão antiquados <sup>5</sup>.

Com queda de *g* temos *ler*; e de *tragere* (*trahere*), *tras*, *traí*, *tran* <sup>6</sup>.

*L* caído nos infinitivos *doer*, *moer*, *sair*, e no arcaico *soer* conservou-se, segundo a lei das finaes, em *dol*, *mol*, *sal*, *sol* e em

<sup>1</sup> Compreenda-se a *rraer*, porque *dever* era antigamente seguido de *a*.

<sup>2</sup> No *Cancioneiro da Vaticana*, Cantiga n.º 905, relativa a uma vinha mal podada, vejo empregado *reer* como sinónimo de «podar».

<sup>3</sup> Confirmam ÇAKAFAR, n.º XLII.

<sup>4</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, IV, 132. Ha também o derivado *rêdoria*, a acção de rapar o sal nos talhos das marinhas. Vid. J. J. Nunes, *Dialectos algarvios*.

<sup>5</sup> Do plebeismo *peer* < *pedere* só ficou *peido* < *peditus*.

<sup>6</sup> Quanto a *treyr*, *treyde*, *treydes*, vid. *Fragmentos Etymologicos*, n.º I. xxxi.

*cal*<sup>1</sup>, *val*<sup>2</sup>, substituídos depois analogicamente por *doe*, *moe*, *sae*, (*sai*) *soe*, e *vale*. Na Galiza dizem além de *saes*, *sae* (*sais*, *sai*), *saen* e *san*; e *val*, bem se vê. Mesmo *dór*, *sór*, *mór* em vez de *doer*, *soer*, *moer*, não são inauditos.

*R* caiu em *proer* < *pruir* < *prurere* com *proe* (*proi*), *proen*. De *querer* vinha *quer* e *qués* < *quer's* que subsistem na linguagem familiar.

A queda de *n* produziu *ter*, *vir*, *pór* de *tēer*, *vīir*, *pōer*. Com *rens*, *vem*, *ven*; *tens*, *tem*, *tem*; *pões*, *põe*, *põe* ou *pōem*; antigamente *pou*. Na Galiza *tés*, *ten*, *ten*; *vés*, *ven*, *ven*; *pos*, *pon*, *pon*. *Maer*, *meer* < *manere* com *man* está antiquado.

Juntemos *ruir*, e *far* com *fas*, *fai*, *fan*; *dir*, com *dis*, *di*, *din*; *dar* com *dou*, *das*, *dá*, *dan*, *dé*; *rou*, *raes*, *vai*, *van* de *radere*; o infinitivo *ir*; e *son* (ou *sò*) *és*, *é*, *sòs* (= *sodes*) *son*; *ei*, *ás*, *á*, *an*; com as formas que em Portugal lhe correspondem. E creio que ficará completa a lista das formas verbaes que emparelham com *rer*<sup>3</sup>.

\*

Quanto a *sar* de *sarr*, *sãr* < *sanare*, dediquei-lhe um artigo especial.

## CIX

### REJEITAR (RESEITAR, REFEITAR) — REFEITOS

No Livro das *Enfermidades das Aves de Caça* ha os tres verbos que encimam este artigo (e, além d'eles, *arrescitar*), com a mesma significação, pouco asseada, de *vomitar*, a qual ainda é expressa por outros vocábulos<sup>4</sup>.

Creio que teremos de eliminar por completo *reseitar*, e também *refeitar*, explicando ambos como erros não só de escrita (s por i

<sup>1</sup> *Cal* de *calere* não se conservou.

<sup>2</sup> *Vale* é formação erudita, mas popularizada: *vae* ter-se-hia confundido com *vae*, *vai*, de *vadere*.

<sup>3</sup> De todos posso apresentar exemplos colhidos nos versos de Curros Enríquez, D. Rosalia Castro de Murguía, no *Cancioneiro* popular de Ballesteros, e na *Revista Gallega*, com a qual bons amigos me obsequiaram durante um par de anos.

<sup>4</sup> *Volver pela boca* (*Alveitaria*, 30, 11); *lançar* (*Caça*, 10, 14); *regoldar* (*Ayala*, p. 241, *regüeldo*); *arremessar* (*Arte*, 1, 20 e 36; 11, 52 e 125); *arrevessar* (*Orta*, *Colóquio* XLII), conforme já expliquei ao tratar de *gosma*, *gosmar*.

em lugar de *j* longo; e confusão entre *s* longo e *f*), mas também de confusão ideal entre dois actos semelhantes, mas não iguaes.

O leitor que tire comigo as ilações lógicas, depois de haver examinado os materiaes que para esse fim lhe apresento.

*Rejctar, regeitar (regitar em castelhano)*, era termo de falcoaria no tempo de Diogo Fernández Ferreira; tradicional, como todos os mais. De dúzias de passos que podia relevar baste um do capitulo xxiv da Parte IV, *Do falcão que regeita o que come*. «Esta doença se conhece quando o falcão *regeita* a miúdo e não logra o que come»<sup>1</sup>. No trecho correspondente de Pero López de Ayala, *Del falcon que regita*, temos: «et debes conoscer esta dolencia por esta guisa . . . cuando el falcon regita á menudo et non logra cosa que toma»<sup>2</sup>. No de Mestre Giraldo se lê, no meio do capitulo xvii<sup>3</sup>, epigrafado *Da friellidade*, por ela ser causa da enfermidade que ataca o papo, o bucho e as tripas: «quando a ave reseita a meude e nom logra [o] que coyma . . .; ca se lhe nom acorreres logo como começa de areseitar, quando quiseres já lhe nom poderás] aproveitar».

Este mesmo vocábulo esta a p. 17, 12: «E se vires que as quer reseitar \* . . . torvalhe, que as nom refeite, o mais que poderdes (sic)». Entenda-se: se vires que o teu falcão quer lançar fora as pilulas de azevre hepático contra lombrigas, que tu com artes e manhas lhe administraste, aperta-lhe o bico e não admittas que as vomite logo, para que pelo menos o cheiro amargoso d'elas actue no seu bucho.

\*

O editor notou que havia êrro ou confusão. O modo como nos elucida é todavia contraproducente. Entre parênteses dá a explicação *refeitar* no sitio onde introduzi o asterisco; mas no *Glossáriozito* registou como sinónimos *refeito*, *reseito*, com a tradução «vômito». Tendo ambas por boas e não pensando na terceira, pela qual advogo (*regeitar*), escusava de propôr modificações. Não é verdade?

Examinemos agora o adjectivo substantivado *refeito* (e *reseito*). De *refeito* (e de *reseito*) poderia naturalmente ter vindo o verbo

<sup>1</sup> Vol. II, p. 36.

<sup>2</sup> Cap. xxxii (p. 289).

<sup>3</sup> Último, por estar incompleto o manuscrito (p. 26, 18 e 22).



*refeitar* (e *reseitar*), no sentido de «deitar pela boca quaesquer comestíveis *refeitos* (ou *reseitos*)», pois *refeitos* (*reseitos*) são certas cousas engulidas pelas aves de caça e *refeitas*, isto é, preparadas e transformadas pela humidade do papo<sup>1</sup>.

Certas cousas? Mas que são elas? *plumas* ou *plumadas*<sup>2</sup> na linguagem técnica de Don Juan Manuel, Pero López de Ayala, Diogo Fernández Ferreira, e os restantes autores de Livros de caça. Pelo que ensinam aprendi (a custo, porque nenhum d'elles escreveu para leigos, como nós dois, eu e tu, leitor amigo), aprendi que havia plumadas de dois géneros: umas, naturaes, compostas de molhinhos de plumas com ossos machucados ou não, provenientes das carnes que as aves haviam comido e que não desceram do papo ao bucho, ou voltaram do bucho ao papo, sendo logo expelidos pelo bico fora; outras, quer sécas como essas, quer misturadas com alguma carne picada<sup>3</sup> que o cetreiro ministrava ás suas aves regularmente, dia a dia, logo de madrugada, antes da primeira refeição, para assim lhes enxugar e limpar o papo e instigar o seu apetite e desejo de caçar<sup>4</sup>. *Desayuno curioso*, e bom remédio caseiro! Pois não se dava á ave, comida alguma até ter lançado a plumada<sup>5</sup>. Sobrepôr plumada a plumada, ou comida a plumada, era pecado inqualificável, e perigo de morte para a ave<sup>6</sup>.

Quem não estiver satisfeito com a minha explicação recorra á *Arte de Altanería*, a ver se comprehende melhor: «Plumada é um vultosinho feito de pennas, do tamanho da cabeça d'um dedo pollegar (se de *falcão* fôr) que os falcões, gaviões e açores lançam pela boca cada dia pela manhã; o qual vulto é conforme ao corpo

<sup>1</sup> «Die vom Falken gefressnem Federn; die natürliche oder künstlich bewirkte Abfuhr derselben durch den Schnabel». Não me parece que a ave as *tolhia*, com o que honestamente chamavam *tolheduras* (cast. *tulliduras*).

<sup>2</sup> Ha *plumas* na epigrafe do cap. xviii do Chanceler, e na *Sátira* de Evangelista, p. 236. Quanto a *plumadas* vejam Ferreira, I, 21 e 126; II, 136.

<sup>3</sup> As vezes, em certas doenças, metiam estopa ou algodão em lugar de plumas. Vid. Ayala, p. 243.—Posteriormente os chamavam *curalle's*.—No *Dicc. Acad.* explicam: «pelotilla de plumas blandas, de lienzo usado ó de algodón (= *Charpie*; *Watte*) que los cazadores dan á sus halcones, mojada en confecciones medicinales y purgativas, para que limpien el papo».

<sup>4</sup> O termo técnico era *dar plumadas* Vid. D. Juan Manuel, pp. 16, 24, 58; Ferreira, I, 81; II, 18, 36.

<sup>5</sup> *Fazer plumada* ou *echar plumada*. Vid. Ayala, 243; D. Juan Manuel, 16.

<sup>6</sup> Por isso os tratadistas dedicam um capítulo especial ás *Plumadas velhas*.

da ave e se ajunta no bucho, das pennas e ossozinbos que estas aves comem, misturadas com a carne d'aquellas aves de que se cevam»<sup>1</sup>.

E depois, ouça o que Mestre Giraldo diz dos *refeitos*, termo privativamente português, ao que parece, e que tem certa importância<sup>2</sup>.

Ao cap. 1, *Das plumadas velhas* (Ferreira, IV, 10, e Ayala, XVII), corresponde o IV do Português, *Dos refeitos velhos*<sup>3</sup>. Nele diz:

«Todos os caçadores que aves ham de ter, se devem sempre avisar que nunca den aa sua ave de comer sobre o refeito». Gabriel Pereira põe entre parênteses *reseito*.

«E pera esto ho devem sempre poer em boa alcandara e mandar bem ba[r]rer debaixo della, em guisa que o refeito se nom possa esconder» (14, 2).

«E se os fizer co o refeito (uns seixitos do tamanho de ervanços) dá-lhe de comer, pouco» (ibid., 6).

«avem... que nom cuidam... de oolhar pollos refeitos e dam aas aves de comer sobre elles e depois que som dous ou tres refeitos sobrepostos ao bucho da ave, logo a ave he treita de door mortal» (ibid., 13, 14).

«pero se sostem a ave enquanto os *refeitos* nom som poderes» (ibid., 17).

Seis vezes *refeito*<sup>4</sup>; uma vez *reseito*; uma vez *rejeito*.

Todos os *refeitos* são efectivamente *rejeitos*. Mas ainda assim, sou de opinião que não temos em *refeito* erros de escrita por

<sup>1</sup> Vol. I, p. 19. Claro que o vocábulo é repetido a cada pouco no livro de Fernández Ferreira. No fim do cap. X diz «que para falcões doentes de plumadas velhas e podres lhas dem de pelle de lebre (cabello de lebre), depois de restabelecidos». A p. 81 explica-se «que a ave faz por si boas plumadas, se o ce-treiro lhe dá as viandas como deve: rolas bem cevadas, pombinhos grandes mas bem depennados e as tripas fóra, e os ossos das asas e pernas e os pés e o pescoço machucado, assim como os nós de todas as juntas; os pequeninos passarinhos do mesmo modo, mas mal depennados para que engulam a penugem». Ayala recomenda como melhor de todas a que se faz de plumas, de juntas ou de pés de pato e lebre (tiradas as unhas), tudo bem amachucado e banhado em água morna.

<sup>2</sup> Sem conhecer os tratados em que Mestre Giraldo se inspirou, não é lícito basear nesse termo, e em outros, teoria alguma.

<sup>3</sup> P. 13, 3<sup>o</sup> sgs. Na *Taboada* (9, 5) é que ha *refeitos*.

<sup>4</sup> E ainda mais alguns: P. 15, 4: «E em todo esse anno guarda-o dos refeitos ho mais que poderes, que desque aas vezes assy som iscados, fazem muy mall o refeito».

*reseito*; e nesse *reseito*, uma variante saída de *rejeito*. Proponho, pelo contrário, que conservemos *refeito* como nome da *plumada*; mas substituamos o *reseitar* de Mestre Giraldo por *rejeitar* para actos de vomitórios do comido, incluindo mesmo plumadas velhas e novas.

*Rejeitar* nos passos apontados a p. 17, 12 e 26, 18, ar[r]ejeitar, 26, 22.—*Refeito, refeitos*, a p. 9, 5; 13, 39 e 41; 14, 2, 6, 13, 14, 17. *Reseito*, nunca.

Etimologicamente, é certo que *rejeitar, regeitar* (cast. *regitar* <sup>1</sup>), representam *rejectare*. De *rejectus*, participio passado de *reicere* <sup>2</sup>. Este, que já teve entre os latinos o significado de «vômito» <sup>3</sup>, denominava em Portugal um projectil, ou arma de ferro, a tiro, como igualmente já fôra uso em Roma. Como, além da forma ampliada *arrejeitar* <sup>4</sup>, ha a simplificada *jeitar* <sup>5</sup>, parece que constituem a climax *jeitar, rejeitar, arrejeitar*, mas não é bem assim, visto que *jeitar* representa *jaclare* <sup>6</sup>.

*Refeito*, que existe na linguagem moderna apenas como participio de *refazer* <sup>7</sup>, representa *refectus*. E creio que o nome das plumadas não seria outra cousa («o que se tornou a dar»), embora ignore a qual substantivo o devamos referir. Como se vê, em *refeição, refectório*—dizia respeito á alimentação e comestiveis. Até o próprio *refectus* significava *refeição*.

*Reseitar*, se existisse, era *resectare* de *resectus*, participio de *resecare*, «tornar a cortar, recortar». Mas o sentido não serve. As únicas palavras populares que provêm do tema *sectus* são *seita* e *seitoira* < *sectoria*, «foice para ceifar o pão» <sup>8</sup>.

<sup>1</sup> Freqüente, ou mesmo único representante do port. *rejeitar* na obra de Ayala (pp. 239, 280, 290). Ainda assim é catalanesco. Em castelhano *rejectare* dava *rechar*.

<sup>2</sup> *Recere* em italiano.

<sup>3</sup> Vid. Celso, *De Medicina*. Mesmo o infinitivo tinha bastantes vezes a mesma acepção (*von sich geben*).

<sup>4</sup> P. ex. Barros, *Decada* III, 3, 10, onde com relação á Ilha de Maçuá, diz: «que lá havia tão grande numero de lebres que alguns dos nossos as tomavam a *cosso*, com rejeitos que lhes remessavam».

<sup>5</sup> Vejam p. ex. Gil Vicente, III, 23: «jeita-te ao liar»; e I, 171: «e quantas uvas penduro jeita nas gorgomileiras», trecho que já citei no artigo LXXVI.

<sup>6</sup> O castelhano *echar* confirma esta etimologia. *Deitar* é *de-ictare* (vid. *eito* < *ictum*), como já foi dito por J. Cornu (p. 110, nota, da 2.<sup>a</sup> ed.). De *jeitar* vem *enjeitar*, etc.

<sup>7</sup> Reparado, restaurado. Restabelecido. Reforçado. Que se refez.

<sup>8</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, II, 255 e XII, 124. Na Galiza *seitura* é a colheita do centeio. Nas Astúrias *sechoriu*, a relha do arado (*Pflugschar*).

## CX

## RETER—DERRETER

Do presumível representante imediato de *terere*, «pisar, esmagar, trilhar», não conheço exemplo algum <sup>1</sup>. *Terer* não agradou aos ouvidos dos Peninsulares <sup>2</sup>. Nem mesmo as formas alargadas pelos sufixos *de-* e *re-*. De *reterer* saiu todavia em Castela *reterir* (3.<sup>a</sup> sing. *retiere*), como outr'ora mostrei <sup>3</sup>, baseando-me num único exemplo <sup>4</sup>. Em todas as restantes houve metátese muito cedo.

Os Castelhanos, passando-as á 3.<sup>a</sup> conjugação: *retir* <sup>5</sup>, *derretir*, como *reterir*, deram um pouco de colorido á vocalização ensossa.

Em Portugal, onde *reterer* falta por completo, a formação *reter*, nunca registada, servia muito bem, enquanto o sucessor directo de *retere*, contando tres silabas (*retêer*) não lhe punha embargos. Quando, porém, em fins do século xv, a forma contraída *reter*, já de ha muito dominante na linguagem familiar, prevaleceu também na escrita dos conservadores natos da boa pronúncia arcaica, a preferência foi dada a *derreter*, que já coexistia com *reter* < *terere*.

Nos textos de Mestre Giraldo temos *reter* umas sete vezes; e *derreter* apenas uma vez <sup>6</sup>.

Curioso é que o consonantismo ingrato do vocábulo, transplantado ao Ultramar, originasse lá nova metátese. Em Montevideu dizem *redetir* <sup>7</sup>.

Eis os passos que nos ministram o infinitivo pessoal *rreterem*; o presente (3.<sup>a</sup> sing.) *rrete-sse*; o imperativo *retty*, o conjuntivo *rretam*; e o particípio *rretudo*:

«presta de filharem a manteiga e rreterē-na com ho olio do loureiro» (*Alreitaria*, 19, 22).

<sup>1</sup> Não trato aqui do particípio *tritum*, bastante prolifico.

<sup>2</sup> Nem tão pouco aos outros povos românicos.

<sup>3</sup> Na *Miscellanea Caix Canello: Studien zur hispanischen Wortdeutung*, n.º 14. Nesse artigoito ha dois erros (já não sei, se de imprensa, ou da minha mão). Substituaam *reterer* e *derreter* por *reterir*, *derretir*.

<sup>4</sup> *Cancionero de Baena*, n.º 174.

<sup>5</sup> *Cancionero General*, n.º 125 (p. 302<sup>b</sup>).

<sup>6</sup> *Alreitaria*, 38, 43: «e asaas (i. é, assa-as, sc., postas de cobra) sobre las brasas ataa que saya dellas a grosura e que se derretam».

<sup>7</sup> Compare-se o vulgarismo português *deregir*, por *digerir*, motivado por *dirigir*, que todos ou quási todos pronunciam *deregir*.

«e rrete...sse e aqueeeçelhe a enxūda e a grusura» (ibid., 29, 30).  
 «e rretesse e desolueese e corrilhe pera aquell logar» (ibid., 29, 31).

«toma duas partes de seuo de carneiro e a terça parte de çera e retty todo» (58, 7).

«e rrety o pez e a çera e o olio» (58, 16).

«ffilhem o pez e ho ençenço e almeçega-se e rretāno» (43, 3).

«Ffilhēno pez e rretāno» (42, 9).

«e deitēno por cyma daquell pez assy rretudo» (42, 3).

## CXI

## RODOMA

*Alveitaria*, p. 51, 38: «Filha do çumo das trayzes das abro-teas ... e da cal vjua ... e do poo do azanase ... e moy tudo e mestura o e amasa o ... e metio em hūa rodoma de barro, e tapalha boca e metia em hūu fog».

A rodoma de que se trata é pois uma vasilha de barro refractário, destinada a ir ao lume com ingredientes de botica<sup>1</sup>. Provavelmente bojuda, de gargalo cilíndrico ou afunilado, para os perfumes não evaporarem demasiadamente.

A par da forma *rodoma* (com *arrodoma*, *arrotoma* e *rotoma*<sup>2</sup>) já havia no século XIII a variante *redoma* (e *arredoma*)<sup>3</sup> que permaneceu, e subsiste hoje, vulgarmente corrompida por metátese em *derroma*<sup>4</sup>. Nas *Cantigas de Santa Maria* o rei-trovador introduz um clérigo nigromante que conjura uns diabos que lhe façam a vontade:

se non ... en hūa redoma  
 todos uos enserraria.

(N.º 125).

<sup>1</sup> Moraes traduz *redoma* com «vidro azul para água de cheiro»; d'aqueles que ainda hoje se vêem nos mostradores dos farmacêuticos.

<sup>2</sup> Dozy, *Glossaire*, pp. 330 e 288, onde cita exemplos de todas as tres formas, tiradas de documentos publicados na *España Sagrada* e no *Elucidario*.

<sup>3</sup> No *Dicionário* da Academia ha tres exemplos do periodo clássico da língua. Outros ha em cartas e diplomas de Portugal; p. ex., em *Port. Mon. Hist.*, «Dipl.», p. 202 (anno 1043): «Necnon etiam ibidem adicimus ccc.™ solidos de argento... et uaso airages (= do Irãq) m; arrotomas xii™; uasos de cristalio iij.™; una alcalla; una tructa de cristalio».

<sup>4</sup> Da boca do vulgo (isto é: de criadas minhas).

O diabo na redoma! Como nas lendas relativas a Enrique de Vilbena, ou como o homúnculo na retorta de Fausto.

Modernamente *redoma* designa mangas cilíndricas de vidro, abertas por baixo, mas terminando por cima em *redondo* como calotas, destinadas a cobrir relógios, estatuetas, flores artificiaes, e outros objectos delicados para os resguardar da poeira <sup>1</sup> (*Glasglocke*) e de accidentes.

Pelo sentido parece ser *rotundus* (com a variante vulgar *retundus*). O que causa dificuldade é apenas a substituição de *nd* por *m*, estranhável, porque *-undo*, freqüente em latinismos poéticos, e *-ondo*, divulgado pelo menos em *hediondo* e *redondo*, eram sufixos <sup>2</sup> conhecidos, enquanto *-omo*, *-oma*, se existiam em *maroma*, *paloma*, *farroma*, etc., não dispunham de fôrça vital criadora.

Creio por isso que *rodondo* foi assim modificado ao passar pela boca dos *alfareros* mouros e mozarabes; primeiro na forma abreviada *roton*, *rodon*.

## CXII

## ROSALGAR — RESALGAR

*Alveitaria*, II, cap. XII. *Dos adragunchos*: «E algũus lhe fazem assy, por seer mais forte meezinha... metemlhe do rrosalgar muudo... E eu nom louuo esta cura, que o rrosalgar he prijgosso, hu quer que o pœo» (p. 27, 3o sgs.).

Cap. XXVIII. *Da polmoeira*: «Outra cura hy ha melhor pera esta doença e mais ligeira e esto he se lhe deytarem o rrosalgar... ca o rrosalgar matara ligeiramente o polmõ. E este rrosalgar lhe deuem a poer assi como he dicto em no capitollo dos adragunchos».

Cap. I. *Das fistollas*: «e por esso lhe pœo algũus ho rrosalgar quando vêe que lhe conpre». Cap. XXVII: *Do polmom do calo*: «e deyta-lhe do re[s]algar».

Dozy não registou as formas portuguezas no artigo que dedicou a «*Rejalgar*, fr. *réalgar* ou *réalgal* = *arsenic rouge*»<sup>3</sup>. Expli-

<sup>1</sup> Estar numa redoma; meter alguém numa redoma; pô-lo debaixo de uma redoma, significa tratá-lo com requintes de delicadeza e cautela.

<sup>2</sup> Na nação vizinha frutificaram bastante. Vid. Diez, *Grammatik*, II, 378 sgs. As formas que eu juntei pouco a pouco são *berrondo*; *barr-*, *cach-*, *gach-*; *gor-*, *lir-*, *mor-*, *or-*, *tor-*; *sabiondo* e *verrondo*.

<sup>3</sup> *Glossaire*, p. 332.

cando o nome do óxido de arsénico pelo árabe, راجح الغاد, *rahdj-al-ghar, rehdj-al-ghar* «pós de caverna», porque o arsénico vermelho se tirava das minas de prata, o erudito catedrático de Leyden insurge-se contra Diego Hurtado de Mendoza por ele haver dado a *rejalgar* o significado de «acónito». Talvez com razão. Notarei todavia que o povo peninsular aplica o nome do veneno mineral, levemente modificado, a diversos vegetaes e a alguns bichos venenosos. Em Vila Real *resalgário* denomina uma pequena lagarta (*Raupe*) que roe as ramas dos pinheiros<sup>1</sup>. Em Vizela chamam *ressalgar[e]* ao cogumelo *Agaricus muscarius* (*F'liegenpilz*), *garico* no Tratado do Chanceler (p. 34).

A mesma etimologia popular que se manifesta nestas formas (*re* + *ssalgar* de *sal*) faz que na Galiza chamem ao proprio arsénico *resalgário* (e *rosalgário*).

## CXIII

## SAEN ALCATAR

Entra numas drogas para feridas de cão. No cap. xix do *Apêndice* á primeira parte do Livro II da *Monteria* de D. Alfonso XI (p. 244 e 251). Numa das receitas figura *grasa*, sinónimo de *sain*, *saen*: gordura, portanto. E embora a outra se aplique em forma de pós, e dois casos sejam poucos como base de uma etimologia, creio que, tendo em vista os resultados do artigo *sain*, podemos supôr no ingrediente desconhecido o gordo animal liquido, mais purificado que houvesse em 1385, apto para unguentos e cosméticos (*durch Köchen geläutertes animalisches Fett: Schmalz*).

O verbo arabe *câthara*, قَطَر, *stillavit, guttatim fluxit*<sup>2</sup>, que deu aos Peninsulares *alcatara*, *alquitara*<sup>3</sup> e também *alcatrão*, *alquitran*<sup>4</sup> é que existe, a meu ver, na segunda parte da denominação farmacéutica. *Gordo de alambique* (*geschmälztes, geläutertes tierisches Fett*).

<sup>1</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, xii, 121.

<sup>2</sup> Freytag, iii, 465.

<sup>3</sup> Vid Dozy, p. 186.

<sup>4</sup> Dozy, p. 186. Não menciona as formas portuguezas (o vulgo diz *alque-trão*), nem o ital. *catrame*, nem explica o francês *goudron*.

## CXIV

## SAIM — SAIL — GROSSAIM

## ENSAINAR — DESSAINAR — DESSEINAR — DECEINAR (DECENRAR)

Quem abrir Dicionários, Vocabulários dialectaes e Glossários<sup>1</sup> portugueses, procurando definições claras e documentos ilustrativos dos vocábulos que encimam este artigo, ou não encontra nada, ou então defronta com formas e explicações tão incoerentes e mesmo tão contraditórias que fica perplexo<sup>2</sup>.

Omitindo o supérfluo — e supérfluas são todas as tentativas etimológicas<sup>3</sup> não baseadas em alicerces largos e sólidos — esboçarei a história de *saim* < *sagimen* em Portugal, e em Espanha<sup>4</sup>, utilizando o que outros escreveram aproveitável<sup>5</sup> e os materiaes que pessoalmente colleccionei<sup>6</sup>.

1) Milagres de uma Imagem da Virgem, trazida de Jerusalém por um peregrino, a pedido de uma religiosa, são narrados pelo rei Sábio em uma das suas cantigas galego-portuguesas. Como Santa Maria «fez que a ssa omagem... pintada en hũa tauoa... sse fizesse carne et manass' oyo».

El, este pensando, uin a port' aberta  
et foi aa dona contar esta fazenda;  
et deu-ll' a omagem, ond' ella foi certa,  
et sobe-lo altar a pos por emenda.

Carne non dultemos  
se fez, et sa'a  
d'ela, mas non rança,  
*grossain*, et seiamos  
certos que corria  
et corr' auondança.

(N.º 9, estr. xv).

<sup>1</sup> Incluindo os do Cardeal Saraiva.

<sup>2</sup> Nos castelhanos pode consultar com proveito os artigos SAIN e SAINETE.

<sup>3</sup> Hebraicas, gregas, africanas, como se verá nalguns traslados que tenho de dar.

<sup>4</sup> E em Espanha. Entendo que assim deve ser sempre. Portugal sem Espanha não pode ser.

<sup>5</sup> O artigo *Saine* de Diez (*Etym. Wörterb.*, 1); e outro de Meyer-Lübke (*Literaturblatt*, 1891, p. 302).

<sup>6</sup> Incompletos embora, contém o essencial. A lacuna grande de 1385 a 1616 ha-de ser preenchida, creio e espero eu, em novos *Subsidios* ou novas *Apostilas*.



*Oyo* < *oleum*. Portanto um gordo liquido, animal. A palavra é evidentemente um composto, tautológico, de *grosso*<sup>1</sup> e *saim*; como se disséssemos: gordo adiposo<sup>2</sup>.

2) Devia seguir-se Mestre Giraldo. Mas no manuscrito falta o capitulo final das *Enfermidades das Aves de Caça*, em que tratava da melindrosa *muda*, e (segundo creio) do regime melhor para fazer emmagrecer os falcões. No *Livro de Albeitaria*, onde expõe a que achaques estão sujeitos cavalos muito alentados, serve-se do vocábulo *grossura*, e não de *saim*.

3) Na exposição sobre o melindroso estado dos falcões na muda D. Juan Manuel distingue falcões *magros faubrientos* (47, 23) de *gordos ensainados* (48, 12); isto é, *cevados* (*fettgemacht, gemästet*). Nessé tempo de folga forçada precisam de boas viandas e engordam naturalmente. Por isso é necessário no fim da época modificar o regime, de modo que pouco a pouco fiquem reduzidos á carne admissivel em todos os bons animaes caçadores (aves e cães). Para este fim o Infante exige que lhes diminuam as rações diarias, e que essas sempre sejam dessangradas por completo.

No capitulo x, *Como los deuen desaynar* (50, 17), diz, depois de estabelecer a lista diária dos girifaltes: «E desta manera los deuen gouernar e mantener fasta que entienda el falconero que el falcon es bien desaynado» (51, 12). Para ajudar o processo recomenda muito ar fresco e passeios nocturnos para que o falcão não durma, ou durma muito pouco. E quando estiver «bien desaynado e que aya muy grand hambre» (51, 26), devem acostumá-lo pouco a pouco a exercicios de *volaria* (com o *rol* ou *señuelo*) até que esteja novamente apto a recommear caças á ralé que fôr a sua especialidade. O capitulo xi principia: «Pues que en el capitulo ante deste fabla en commo deuen desaynar los falcones dirá en este de las purgas e delas melezinas» (52, 15).

*Ensainar* < *in* + *saginare* «engordar» (*fettmachen*).— *Desainar* < *de* + *saginare*, «des-engordar» (*entfetten*). Assim em castelhano. A boa escrita portugueza seria *dessainar*.

<sup>1</sup> Vid. n.º LXXIX: *Grosso* = gordo, *grossura* = gorduras.

<sup>2</sup> Confirmamos o francês *saindoux*, «gordo ensosso ou adocicado»; e o catalanês *sagi-fos*, «gordo derretido», (*fos* < *fusus*, «fundido»). Notemos também o género da palavra galego-portugueza, a não ser que *rança* na *Cantiga* tradada no texto se refira a carne, como se podia supôr.

4) O Chanceler mostra pela sua vez (no capítulo x) *como los deben desaynar*<sup>1</sup>. Perdão! Na *Biblioteca Venatória* ha *desayunar*! Erro desculpável no país dos «desayunos» de chocolate, mas que não devia passar aos Dicionários. Principia: «Pues en el capítulo ante deste se muestra como se deben mudar los falcones, departirá en este commo los deben desainar» (p. 79). — «Et desta manera los deben gobernar et mantener fasta que entienda el falconero que el falcon es bien desainado» (p. 80). — «Et quando quisieren sennolarlos ha mester que el falcon sea bien desainado et que haya grand fambre» (p. 81). — «Pues que en el capítulo ante deste fabla en commo deben dasainar los falcones, dirá en este de las purgas et de las melecinas» (p. 82). No capítulo xli repete as prescrições: «et vaya gastando de su vagar el sain que tiene» (p. 311). — «... ca quando salen muy cerrados de carne es grand peligro si se debate et le quebrase sain<sup>2</sup> ...; ponlo en una alcandara en casa fria et oscura ... et desque fuer tarde, tomalo en la mano; et así le faz de manera que vaya gastando el sain, et le finque buena carne; et desque fuer desainado faz lo volar al señuelo á la tira ... ca non ha cosa en el mundo que mas desaine al falcon que el volar á la tira» (p. 312)<sup>3</sup>.

5) Tenho de dar um salto de 1385 a 1616, porque me faltam textos intermédios<sup>4</sup>. No longo intervalo houve evolução, fonética, semasiológica, e também quanto aos objectos das Artes de Cetraria e Alveitaria. Das alterações fonéticas falarei depois. Basta dizer aqui que *des-sainar* (única transcrição e única pronúncia admissível de *desaginare*, quer viesse directamente de *de + saginare*, ou *dis + saginare*, quer por via de Espanha, ou de França) fôra rebaixado a *desseinar*; e que na ortografia irracionalmente

<sup>1</sup> O leitor sabe que os passos que traslado em todas estas *Contribuições* foram escolhidos de propósito, para demonstração das relações íntimas entre os tres tratadistas do século xiv. Nos capítulos relativos á muda e á *desainadura* ha quasi identidade entre os dizeres do Infante e os do Chanceler, que não deixa de citar o seu predecessor. «Et dice Don Johan que tambien en el desainar commo en todas las otras cosas» (p. 81) o falcociro deve regular-se principalmente pela sua própria cabeça e não seguir *á letra* as regras tradicionaes.

<sup>2</sup> Diogo Fernández Ferreira fala também d'essa doença perigosa da enxulha quebrada (t, p. 87).

<sup>3</sup> Vejam ainda p. 305. Ao par dos derivados ha agora o tema puro *sain* < *sagimen* (ou francês *sain* < *saginus*, como depois direi). Em português *saim*.

<sup>4</sup> Nenhum dicionário português ou castelhano vale-me neste apuro.

caótica de 1600 deram a preferência á grafia anti-etimológica *deceinar*. Em lugar do tema *saim*, Diogo Fernández Ferreira emprega sempre os vocábulos *enxulha* e *banha*<sup>1</sup>. Mas o seu *deceinar* é indubitavelmente sucessor de *desainar* (castelhano), ou provavelmente de *dessainar* (português) no trecho de Mestre Giraldo que nos falta.

Quanto á educação, á escolha e ao tratamento das aves, a invenção da pólvora e os descobrimentos ultramarinos haviam originado grandes alterações. Mas mesmo antes d'elas houvera em Portugal sempre outros gostos do que em Castela. Sempre preferiram os açores. Açores são debatidiços, bravos e mal acondicionados. O principal objectivo do adestramento primitivo, e do que de novo se torna preciso depois da muda, é quebrar-lhes o orgulho excessivo, sem os debilitar. A este fim (e não a *desfazer a enxulha*, de que talvez nunca tivessem demasiado, em virtude do seu génio inquieto e agastadico) tendiam as práticas usadas antigamente, sobretudo passeios nocturnos, de que resultam outras tantas insónias; muita frescura no quarto da muda; e além d'isso banhos frios também nocturnos. Embora *deseinar* conservasse ainda o sentido primitivo, «des-engordar» (*entfetten*), o significado essencial para Ferreira, e para os seus leitores e imitadores, é «amansar, abrandar o génio».

Quem quiser provas leia primeiro o capítulo xvii da parte II, em especial as páginas 86 e 87 da nova edição. Depois de descrever por miúdo os passeios e também a liberdade que se dá ao açor dentro da casa da muda, onde o deixam voar de uma alcandora para a outra, o autor explica que «com aquella mudança e voar se lhe desfaz a enxulha . . . a frescura da agua é boa para se deceinar como para se tirar d'aquelle orgulho com que sahiu da muda» (p. 96). Não recomenda que lhe cerceiem a comida. É mesmo êrro notável dar-lhe pouca comida. E repete que «voando, melhor se deceina, e mais depressa se desfaz a enxulha . . . assim procedendo se deceinará com facilidade. . . Conhecer-se-ha o açor estar *deceinado* (< *de* + *sagínatus*) na fome que mostrar, e na levidão com que voar» (p. 87).

O movimento é para ele o agente principal na *Entfettungskur*. Melhor do que os predecessores, compreendeu que só se tratava de desfazer gorduras inúteis e prejudiciaes, e de modo algum carnes e fôrças. Quanto ao sentido primordial de *deseinar*,

<sup>1</sup> Vejam os respectivos artigos.

ignorava-o, porém, assim como as suas relações de parentesco com *sainete*.

Na definição dada na Advertência Preliminar é que melhor se reconhece o modo de pensar de Ferreira, e como na sua mentalidade trocava o fim e o meio. Ahi diz positivamente:

«*Deceinar* é o verbo que significa propriamente *trazer as aves na mão de noite* (1). Estas depois de tiradas da muda (as quaes para bem mudarem as pennas velhas e criarem outras de novo bem fornidas, lhes dão a comer boas viandas) ellas bem curadas e quietas na casa da muda, tomam muita carne e criam banhas a que chamam enxulha, e ao sahir da muda vem ásperas, por mansas que entrem nella <sup>1</sup>. Como naquelle tempo se não trazem na mão, se fazem esquivas e tomam orgulho e para as tornarem a abrandar e pôr nas carnes que convem para caçar, trabalham com ellas de noite. A este trabalho chamam *deceinar*».  
(p. 20).

Notemos que a ave *desseimada* se acha num estado de irritação e agastamento, e que por isso se debate e agita, e talvez berre tambem a miudo.

6) Aqui entra o emprêgo de *desseinar* em sentido metafórico. O seu emprêgo em obras literárias, bem se vê. Emprêgo isolado; p. ex. numa obra politica do grande patriota J. Pinto Ribeiro, que uma vez (em 1640) se lembrou de exclamar com respeito a um caso de consciência, discutivel: *Lá o deceynem com seus confessores!* <sup>2</sup> O emprêgo popular, se realmente existe, e se uma suspeita minha fôr certa, é anterior, da era de Jorge Ferreira de Vasconcelos, muito embora fosse atestado só no século XIX, e insufficientemente.

7) Talvez o grupo inteiro de termos derivados de *sagina*, *saginum*, *sagimen*, com significados reacs, e quando não, seguramente o derivado *des'slainadura*, derretimento natural mas doentio de matérias adiposas no corpo do cavallo, era familiar a um successor de Mestre Giraldo: o autor da *Arte de Cavallaria de Gineta...* e *Alveitaria* <sup>3</sup>. A enfermidade, que ataca cavalgaduras muito folgadas, entupia, segundo o fisico de D. Denis, artérias e veias, causando *pulmoeira* <sup>4</sup>. Galvão de Andrade afirma, pela sua vez, que desce como defluxo até os cascos.

1678

<sup>1</sup> Reparem na syntaxe tósca do escritor «clássico».

<sup>2</sup> Vid. *Relação*, II, p. 66.

<sup>3</sup> Lisboa 1678. Não o possui.

<sup>4</sup> Reproduzi o trecho respectivo no artigo n.º LXXIX: GROSSO, GROSSURA.

8) O primeiro filólogo que se occupou de *desseinar*, *deceinar*, improficientemente, por não haver passado pela escola de Diez, sendo pelo contrario celtomano<sup>1</sup> e encarniçado propugnador de origens hebraicas, gregas, e africanas de todos os vocábulos cuja formação não é evidente, é o Cardeal Saraiva, D. Francisco de S. Luis. Menciono-o porque assentou *deceinar* como termo provincial (minhoto) com a significação de «lavar e bater as meadas de fiado de linho, depois de *encuradas* para se lhes tirar a cinza e começarem a côrar e branquear»<sup>2</sup>. Definição que não é bem exacta, como hei de mostrar. D'esse (com *c*), que a meu ver pertence ao tema *sagin-*, separa imaginosamente outro *deseinar* (com um só *s*), também mui vulgarmente usado no Minho, no sentido de «irritar, fazer exasperar, afligir alguém»<sup>3</sup>. Logo direi porque hesito em lhe dar fé.

\*

Ignoro se as ideias de Ferreira, as de Galvão de Andrade, Pinto Ribeiro, Cardeal Saraiva eram do dominio geral, ou desvios individuaes. Em todo o caso, os dizeres d'essas autoridades influíram nas opiniões dos lexicógrafos. A bem dizer, formaram-nas. Mas tal jurar *in verba magistrorum*, sem investigações próprias e critério superior, tem os seus inconvenientes.

O que ha exacto nos Dicionários portuguezes [s. v. «deceinar, desainar, dessainar, deseinar, desseinar»] deriva do experto em cetraria. Mas como ele escorregasse na definição que trasladei, não souberam combinar com ela os significados secundarios e metafóricos. Por isso as explicações que tentam são perifrásticas,

<sup>1</sup> Em 1837, portanto um anno apenas depois do inicio da publicação das obras fundamentaes de Diez, appareceu a «*Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portuguesa não he filha da latina*» (*Memorias da Academia*, vol. xi), tão nitidamente impressa quão falha de critica.

<sup>2</sup> *Glossario de Vocabulos Portuguezes derivados das Linguas Orientaes e Africanas excepto o Arabe* (1837). Reimpresso nas *Obras*, tomo viii, p. 255. A p. 336, na *Resposta a varias censuras feitas ao Glossario*, repete a definição: «tirar a cinza ás meadas». E tambem a imaginosa derivação do hebraico *deshenn*, *excinerare*.

<sup>3</sup> *Glossario de Vocabulos da Lingua Vulgar Portugueza que trazem origem do grego* (1859). *Obras*, vol. ix, p. 37. Do grego *σαίνομαι* (*saino*), «inquietar, abalar, perturbar, pôr em movimento». Como exemplos cita: «fez-me deseinar, estou-me deseinando».

verbosas, deficientes em muitos pormenores<sup>1</sup>. Desconhecendo a origem e a verdadeira pronúncia não escolhem a forma melhor; assentam duas, tres, quatro. sem referências de uma a outra.

Lá vão como amostras os artigos de Moraes (I)<sup>2</sup>, Frei Domingos Vieira (II), e os de Candido de Figueiredo (III), reproduzidos quasi á risca por Gonçalvez Viana no seu *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico*.

I. a) DECEINAR, *v. a.* Tornar a amansar o falcão, depois da muda, trazendo-o no braço á noite. — *v. n.* Gritar muito, disputar: «Lá o deceynem com seus confessores». Pinto Ribeiro, *Rel.* 2, p. 66.

b) DESAINADURA, *s. f.*, *Limbo de Abreitaria*. Defluxo que desce aos cascos que de ordinario vem aos cavallos folgados. Galvão.

c) DESSEINADO, *p. p.* de *desseinar*. *Fig.*, aquella moça arisca, esquivosa, já está mais desseïnada.

d) DESSEINAR, *v. a.*, amansar, fazer á mão o animal bravo, arisco esquivo. — Desseinar-se: debater-se com raiva, desengonçar-se.

II. a) DECEINAR, *v. a.* Lavar e bater as meadas de linho para se lhes tirar a cinza para depois cõrarem e branquearem. Termo de *Altaneria*: amansar o falcão. — *v. n.* Gritar muito, disputar.

b) DESAINADO, *part. pass.* de *Desainar*. Falcão desainado, emmagrecido depois da muda.

DESAINADURA, *s. f.* (Do thema *desama*, de *desainar*, com o suffixo *-ura*!) Termo de veterinaria. Doença que ataca os cavallos muito gordos, derretendo-se-lhe a gordura no corpo.

DESAINAR, *v. a.* Amansar o falcão depois da muda, privando-o de carne ou dando-lhe menos, para que não cobre demasiado vigor. — *v. n.* Gritar muito, enfadar-se, agastar-se, metaphora tirada da ave que se assanha e grita.

c) DESSEINADO, *adj.* e *part. pass.* de *desseinar*. Desainado, amansado. — Figuradamente: manso, calmo, moderado, frouxo. «Um mancebo que se mostrava bravo, arisco, intratavel, tornou-se desseïnado»<sup>3</sup>.

DESSEINAR, *v. a.* (Comp. incerta). Amansar, domesticar. Acostumar a vir á mão o animal esquerdo, arisco ou bravo.

DESSEINAR-SE, *v. refl.* Debater-se, agitar-se com força, estrebu-

<sup>1</sup> Para não ser extensa demais, suprimo reparos criticos a muitos termos das definições (*gritar, defluxo, animal, privar de carne*).

<sup>2</sup> Ed. 3.<sup>a</sup> de 1823, anterior portanto aos *Glossários* do Cardeal Saraiva.

<sup>3</sup> O exemplo de Moraes, *mutatis mutandis*.

xa com raiva, desengonçar-se, por lhe não darem a ralé, a carniça do costume.

III. a) DECEINADO, *part.* de *deceinar*, *v. t.*, lavar meadas para lhes tirar a cinza da barrela; \* *ant.* trazer de noite na mão (a ave) depois da muda, pôra a amansar de novo (falando-se de volataria). Do lat. *de* + *cinis*? ou do hebr., segundo P. Caldas?

b) DESAINADO, *adj.*, emmagrecido, *part.* de *desainar*.

DESAINADURA, doença nos cascos dos cavallos folgados (De *desainar*).

DESAINAR, *v. t.*, amansar (o falcão) privando-o de carne.— *v. tr.*, gritar enraivecido, como o falcão privado de carne. Do lat. *de* + *sagina* <sup>1</sup>.

c) DESSAINADO, *part.* de *dessainar*, *v. t.* (prov.), zangar, irritar <sup>2</sup>.

Não regista *desseinar*, porque a etimologia *decinerare* exige ç.

O leitor desculpe a minha prolixidade. Num exemplo, pelo menos, queria mostrar-lhe *ad oculos*, como é que na difícil arte lexicográfica se fazem e evoluem definições; também quanto á ortografia <sup>3</sup>.

\*

O exemplo de Pinto Ribeiro, isolado como está, prova apenas o que já sabíamos d'antes: que esse benemérito, muito amigo de Portugal, o Velho, e muito lido e estudioso, gostava de empregar modismos raros e antiquados, applicando-os com alguma arbitrariedade. Tendo aprendido na *Arte de Altanería* que o açor deceinado era debatidoço, serviu-se de *enceinar* para traduzir a ideia de *debater encarniçadamente*.

O exemplo da moça arisca, dessejada por quaesquer tratos, tem evidentemente a mesma origem, e podia ser de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que era conhecedor da linguagem popular como poucos. Mas não o encontro nas minhas notas. Por isso, desconfiada pela experiência, duvido também da *deseina* e do *de-*

<sup>1</sup> Muito desejava saber onde os tres lexicógrafos encontraram *desainar*, *desainado*, e o último o seu *dessainado*. Suspeito não ser outra cousa que o *deseinado* do Cardeal Saraiva.

<sup>2</sup> Confirmam Gonçalvez Viana, *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico*, pp. 109, § 209 e 222.

<sup>3</sup> Claro que posso enganar-me. Nesse caso, retratar-me-hei com franqueza. Se o director da *Revista* fizesse elaborar pelos seus discipulos um índice geral dos 12 volumes publicados, prestava aos estudiosos um verdadeiro serviço, poupando lhes um tempo precioso que se desperdiça em buscas.

*seinar* do illustre prelado; muito mais, desde que verifiquei que não entrou em nenhum dos Vocabulários dialectaes, conscienciosamente elaborados, que se publicaram na *Revista Lusitana*.

*Deceinar* meadas de linho (isto é, *desseinar*) existe de facto no Minho. Ouvi-o mais de uma vez na região do afamado fio português: em Vizela, Santo Tirso, Vilarinho e outras aldeias proximas, por ocasião de assistir a espadeladas e maçagens, etc., mas com aplicação, um pouco diversa, e que se harmoniza melhor com a etimologia que advogo <sup>1</sup>.

Pelo que sei, as meadas de linhas são lavadas duas vezes antes de irem ao coradoiro. Duas vezes, como tudo quanto se lava, «em termos!». A primeira vez com cinza (ou sabão) para tirar as gorduras e outras impurezas, ou naturaes ou que provenham das mãos de quem maçou, espadelou, assedou, fiou e ensarilhou o linho. É a barrela, decoada, lixivia, ou *encenrada* < *incinerata*. E é o acto de des-engordurar, *des-sainar*, *des-seinar*, em linguagem antiga. A segunda vez, em água pura, corrente, para tirar a cinza e o sabão. Então é que *de-cenam* ou *de-cernam* as meadas.

O informador do Cardeal Saraiva é que confundiu dois processos e dois vocabulos que, por acaso, se parecem muito: em tudo, menos em uma letra.

\*

Passemos ao tema *sain*, *sain* ou *saĩ* (como queiram figurar a nasal). *Sain* em castelhano, conforme se viu nos trechos do Chanceler. Muito usado, frutificou bastante. Além de *sainar* <sup>2</sup>, *ensainar*, *desainar* ha *sainete* com *sainetear* (e talvez *saino*?) <sup>3</sup>. — *Sainete*, originariamente o reбуçado dos falcões! *Ciballo* ou *acepipe*, *açebibe*, com que o falcoeiro seduz ou recompensa a sua ave:

«... e os caçadores famosos para terem as aves amigas, fazem seus doces, aos quaes os castelhanos chamam *sainetes*; e se fazem [assim]: Tomem enxundias de gallinha [ou tutano de boi] e ponha-se ao sereno em tempo de inverno, pisadas com canela fina, misturado tudo com assucar branco; tudo bem pisado e posto algumas noites ao sereno, que se endureça a enxundia com a mais mistura; e d'esta massa faça o caçador pinhões; e os deem á sua

<sup>1</sup> Quem duvidar, recorra ao *Primeiro Livro de Leitura*, de Trindade Coelho, para crianças de seis a sete annos.

<sup>2</sup> *Engordar á los animales*.

<sup>3</sup> Nome de um porco americano.



ave, que tomam grande sabor nisto <sup>1</sup>; e conhecem que folgam com o que elle fez, e lhe ficam sempre amigos» <sup>2</sup>.

Aposto que o leitor não conhecia a receita? D'este significado muito positivo deriva o de môlho apetitoso; adôrno no vestuário; ingrediente de comidas que realça o seu sabor; e o mais conhecido, de acepipe teatral (peça jocosa, num só acto).

Eis os sentidos que o *Diccionario Acadêmico* dá a SAIM: (Del lat. *sagina* crasitud) *m.* «Grosura de un animal». «Grasa de la sardina que se usa como aceite, sobre todo el alumbrado en muchas partes del litoral de España». «Grasa que con el uso suelen descubrir los paños, sombreros y otras cosas» <sup>3</sup>.

Nas regiões catalanescas, onde não é menos usado, nas formas *sagi*, *sagin*, desenvolveu-se um pouco diversamente <sup>4</sup>. Denominando em geral a gordura animal, refere-se sobretudo ao pingue de porco, fino e sem misturas. E além d'isso a doces de massa esfolhada <sup>5</sup>, que, como devem saber todos os «gargantões», se compõe em partes iguaes de farinha e manteiga (de vaca ou de porco, ou de ambas).

Em Portugal *saim* não figura em *Diccionario algum*. Portanto não é da linguagem comum. Em sete séculos de vida literária não veio á superfície da terra. Consejou-se todavia, como tantos outros termos dos que examino nestas *Contribuições*, na provincia de Entre-Douro-e-Minho, que linguisticamente merece o nome de Galiza d'aquém Minho, e foi dominante no primeiro periodo da literatura nacional. Intimamente aparentados com a Galiza própria-mente dita, de além-Minho, com Leão, com as Astúrias, e mesmo com Catalunha e Aragão, mais do que com Castela, os dialectos minhotos tem comum com os das regiões citadas vocábulos e

<sup>1</sup> A linguagem, popularmente incorrecta, de Ferreira provoca-nos a cada instante a corrigi-lo. Mas... não deve ser.

<sup>2</sup> Ferreira, II, 52. Conf. I, 125, Ayala; e p. 193 e 233.

<sup>3</sup> Os *Sainetes* de D. Ramón de la Cruz são os melhores do género.

<sup>4</sup> No *Diccionario* de Esteve y Belvitges ha os artigos seguintes:

SAGI, *s. m.* grex. *s. m.* sain. grosura (*sagina*, *adeps*). *Saji-fos*, manteca de tocino, manteca (*adeps liquefactus*).

SAGIN, *v.* *Sagi*, *llard*.

SAGINAR, *v. a. ant.* engrexar alguns animals = engordar (*saginare*, *impinguare*).

No de Saura *sagi* é *greix de qualsevol animal*; e em especial do *soldayall del ventre*, i. é, do soventre do porco ou redanho; *saginar* «engordar». *Saginadas* e *ensaginadas* são tortas ou pastéis. Além d'isso regista *segínera*. No Valenciano de Escrig notemos *saginá*, *ensaginá*, «torta con azucar y chicharrones», e *saginós*, «mantecoso».

<sup>5</sup> *Blätterteig* (cast. *hojaldre*).

fenómenos fonéticos que faltam ao idioma do centro e do sul, os quaes tomaram a deanteira de 1350 em deante.

*Saim* pertence a este grupo. Encontrámo-lo no composto *gros-sain* das cantigas galego-portuguesas de Alfonso X, embora sem relação a falcões e só no sentido geral, primitivo, de gordura líquida, animal; ou como o rei Sabio o identifica com óleo, provavelmente óleo de iluminação.

O que no *Diccionario Académico* se diz do litoral, tem applicação ás Asturias e á Galiza, porque é lá que, em casa dos pobres, o óleo de sardinhas e outros peixes substitue o azeite vegetal, na iluminação, mas também no tempêro de comidas (frituras de peixe). No Minho o pote (cântaro, asado, porrão, boião) do *saim* ou *sail* costuma conter hoje banha, o gordo líquido do redanho do porco. Em tempos antigos é de crer que também aproveitassem o *saim* da sardinha, que arde (dizem) melhor do que o gordo de porco.

Exemplos: Da boca do vulgo colhi-os em passeios que dei em volta de Entre-os-Rios (Penafiel, Cabeça-Santa, Gandara, Boure, Bôle <sup>1</sup>). Ha mesmo uma cantiga, humoristica, tradicional em que entra o *porrão do sail*. E esta está impressa, desde 1882, nas *Tradições*, de Leite de Vasconcelos <sup>2</sup>. Eu ouvi a redacção seguinte:

A minha galinha pinta  
põe tres ovos cada dia.  
Se ela pusera quatro,  
que dinheiro não fazia!  
Já me davam p'la cabeça  
uma vaquinha moiresca, etc., etc.  
.....  
Já me davam pelo ril  
um caneco de sail <sup>3</sup>.

No *Diccionario Galego* de Cuveiro Piñol ha *Sain* <sup>4</sup> «grasa de las sardinas y otros peces, que sirve para alumbrarse la gente pobre, por equivalencia del aceite y para otros usos de las artes» <sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Estas e as regiões de Vizela, com as de Moncorvo (Trás-os-Montes) e S. Pedro do Sul, são as que melhor conheço de *visu*.

<sup>2</sup> Vid. § 286, p. 152. É das filhas do próprio informador de Leite de Vasconcelos, o excelente médico Dr. Baptista, que o ouvi.

<sup>3</sup> Na lição recitada ao meu amigo figura um porrão de *sahil*. Ele juntou a nota: *porrão* é um pote; *sahil* é um certo líquido *combustivel*.

<sup>4</sup> Ouvi *sail* em Bayona, ao pé de Vigo.

<sup>5</sup> P. 280. *Óleo de peixe*, para pinturas, é o que ha de mais repugnante e mal-cheiroso nessa arte.

No *Vocabulário Bable*, de Rato de Argüelles, regista-se «*Sain*: aceite de sardina (y de ballena!) del que se hacia uso para amechar los candiles»: as candeias do tempo de Alfonso X; as *Sagimentarias*, de Du Cange<sup>1</sup>. Posso documentar o vocábulo asturiano com dois passos rimados. Nas *Poesias*, de Teodoro Cuesta, ha a oração: «siempre á escures, por falta de sain, aceite ó grasa» (p. 131). Na *Colección de Poesias en dialecto asturiano*: «sé qu'estuvistí na villa pa mercar sain y sal» (p. 131).

\*

Da derivação de *sain* e de *desseinar* do tema latino *sagin-*, não ha que duvidar. Está certa desde que Diez nos deu o seu *Diccionario Etymologico*. Mas acêrcia do modo de derivação discutiu-se e ainda se tornará a discutir.

Ha formas, poucas, com *-m*: e outras, mais numerosas, com *-n*. É costume derivar os primeiros de *sagimen*; e os restantes de *saginum*. Os literatos latinos empregavam, segundo os dictionarios mais propagados, exclusivamente *sagina* — ceva, mantimento abundante para engordar aves. No *Magnum Lexicon* dos Portugueses figura, todavia, *sagimen* como de Columella, e *sagimnare* como de Caesar<sup>2</sup>.

Em todo o caso, os escritores latinos medievales (neo-latinos, portanto) serviam-se de *saginum* e *sagimen*, como o curioso poderá verificar no *Glossário* de Du Cange. Um trecho de Joh. de Garlandia, relativo aos sinónimos *sagimen*, *pinguedo*, *sagina*<sup>3</sup>, serviu de base a Diez. *Saginum*, com a variante *sainum*, significava *adeps suillum*<sup>4</sup>.

Meyer-Lübke<sup>5</sup> é de opinião que no pequeno grupo franco-italo com *-m* (às formas *ensaymmer*, *enseymer*, *cusimer*, *essimer*, ital. *saine*, junto o malhorquino *sain*) *m* não é primitivo, e pretende derivá-los de *saginum* com todos quantos existem com *-n*

<sup>1</sup> Vol. vi, p. 22.

<sup>2</sup> Os livros que posso utilizar não chegam para eu verificar as bases d'essas afirmações.

<sup>3</sup> Vol. vi, p. 22.

<sup>4</sup> *Etym. Wörterbuch*, I, s. v. «Saine».

<sup>5</sup> *Literaturblatt* 1891, p. 392, numa noticia critica acêrcia de G. Cohn, *Suffixwandlungen im Vulgärlatein, etc.*, Halle 1891, em que o autor explicara *sagimen*: *sagina* por troca de sufixo. Segundo o illustre catedrático de Viena de Austria, foi de França que saíram todos os termos romanos que menciona (eu juntei os que não menciona).

(afr. *sain*, *dessainer*, prov. *sai*, *sain*, (com *n* móvel), cat. *sagi*, *sagin*, cast. *sain*, *saen*, e gallego-port. *saim*, *sail*, etc.).

É facto que diversos termos de falcoaria, dos que eram familiares a Mestre Giraldo<sup>1</sup>, Don Juan Manuel e ao Chanceler Pero Lopez de Ayala, vieram de França, p. ex., *vianda*, *boeta*, *euviés*, e talvez *trainar*, mas em *saim*, *desainar*, *desseinar* ha evolução perfeitamente peninsular.

Quanto á queda do *-g-* (depois de rebaixado a *-i-*), basta lembrar *seta*, *sagitta*; *mestre* < *magister*; *quaresma* < *quadragesima*<sup>2</sup>; com respeito á redução de *-ai-* a *-ei-*, além dos exemplos alegados por J. Cornu, *meigo* < *magicus*; *seixo* < *saxum*, *seiva* < *saliva* (ant.); *treinar*, *trainar*; *treidor*, *traidor*; *treição*, *traição*, e nos modernos dialectos galegos *arreigar*, *beilar*, *peisano*<sup>3</sup>. Com relação a *-l* < *-n* ha *ril*, de *rin*<sup>4</sup>. Troca immotivada, de *ç* e *ss*, como resultante da insciência dos que fantasiaram etimologias falsas, têmo-la, ou tivêmo-la, em *sossêgo*, *pêssego*, *senreira*, *sebo*, *sevan-dija*, *sedaçõ*, *sumo*, *çumaque*, *çafões*, *çancos*<sup>5</sup>.

*Sain*, *saim*, *sagi[n]* emparelham com os substantivos castelhanos *orin*, *hollin*, ferrugem, felugem, fuligem. *Saen*, pela sua vez, irmana com *farrem*, *sartem*, por *farrã*, *sartã*, antigamente *sartãe*, *farrãe*.

Sôbre os vocábulos portuguezes e castelhanos, derivados de modelos latinos em *-agine*, *-igine*, *-ugine*, e, em geral, sôbre as leis das finaes em ambas as linguas, ha tanto que dizer e ponderar, que prefiro reservar os meus materiaes para uma terceira serie de *Contribuições*.

\*

Se eu escrevesse um *Diccionario Português* haviam de encontrar nele as parcelas seguintes:

*Deceinar*, ortografia defeituosa por *desseinar*.

*Decernar*, *decernar*, lavar meadas de linho para lhes tirar as cinzas da barrela. *De* + *cinerare*.

<sup>1</sup> Modo de ver, contra o qual se insurgem os numerosos derivados peninsulares.

<sup>2</sup> Mestre Giraldo talvez descendesse de Franceses. Mas se assim fôsse, nem por isso deixava de ser muito bom Português.

<sup>3</sup> Cornu, §§ 219 e 238.

<sup>4</sup> Cornu, § 3.

<sup>5</sup> Vid. Gonçálvez Viana, *Ortografia Nacional*, 1904, e *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico*, 1910.

*Desainar*, ortografia defeituosa de *dessainar*.

*Dessainar*, ant. Vid. *Desseinar*,

*Desseinar*, desengordar. 1) ant. tirar a gordura demasiada ás aves de caça; agastá-las com este intuito por meio de passeios e banhos nocturnos, assim como de rações diminuidas de carne; 2) prov. desengordurar meadas de lã por meio de lavagem com cinza e sabão. — *Fig. 1) amansar génios bravos*, quer de aves, quer de pessoas; 2) debater agitadoamente qualquer assunto. — *Refl.* debater-se, agastar-se.

*Sail*, *saim*, (*prov.*), gordo liquido animal, de porco ou de sardinha.

## CXY

## SAPOS

*Alveitaria*, II, cap. VII: «O septimo capitulo he de hũa jnfirmitade que chamam em latym floncellos e em nosa llinguagem *sapos*» (p. 23, 18). Pelo conteúdo se vê que se trata de aftas, inchãos moles, negros no meio, no beico dos cavalos, contra os dentes queixaes. Hoje se diz *sapinhos*<sup>1</sup>.

O latim familiar a Mestre Giraldo, claro que era o medieval, entremeado de dições de todos os idiomas europeus, principalmente de formações neo-latinas. *Floncellos*, por *floncellos*, talvez seja o italiano *filosello*, *filugello* < *filucellum*. Ignoro, todavia, as razões por que uma nação via fios delgados onde a outra reconhecia batráquios. Só se *sapo* designasse em tempos antigos não o batráquio inchado, mas antes uma *lagartixa* esbelta, como *sepa* em italiano.

Cfr. ADRAGUNCHO e VURMO.

## CXVI

## SARAR.

O que eu disse de *ala* vale também de *s:mare*. Reduzido a *sāar*, que necessariamente devia passar por *saar* e terminar em *sar*, esse infinitivo monossilábico, composto da raiz *s-* e da termi-

<sup>1</sup> Andrade, *Arte de Cavallaria*, p. 108: «Tambem padecem alguns cavallos huma molestia chamada *Sapinhos*, que são umas excrecencias de carne, que nascem debaixo da lingua, que os não deixam beber, mas são faceis de curar».

nação dos verbos da 1.<sup>a</sup> conjugação, foi (segundo J. Cornu) reforçado pelo acrescento de *-ar*: *sar* + *ar*<sup>1</sup>. Esta engenhosa explicação prevaleceu, substituindo a antiga, segundo a qual houvera substituição directa de *n* por *r*<sup>2</sup>, inaceitável á vista das formações arcaicas que vou registar neste artigo. Tenho-a por boa ainda hoje. Todavia suspeito que houve influências estranhas que favoreceram a evolução, ou actuaram nela.

De 1200 a 1500 ha muitos exemplos de *sāar*. Poucos de *saar*. Nenhum de *sar*. O primeiro de *sarar* que conheço é do século XIV, pois ocorre nas *Histórias do Testamento Velho*, publicadas por Frei Fortunato de S. Boaventura<sup>3</sup>. A recondução de *sāar* a *sanar* foi tentada: por isso depara-se-nos de longe em longe *sanar*. E este latinismo, que vingou na Galiza, por influências castelhanas<sup>4</sup>, subsiste hoje em Portugal na acepção figurada de *sanar erros, sanar faltas*, acompanhado de *sanárel, sanativo, sanatório, sanamunda, sanear, saneamento, saneárel, sanidade*<sup>5</sup>, *sanitário*. Escuso de falar do adjectivo *são* (com *sāmente*).

*Sar*, em si, tinha condições de vida—o rio *Sar* da Galiza bem o prova<sup>6</sup>. Superior em volume a *ar* e *ir*, é igual a dúzias de outros nomes, entre os quaes citarei apenas os verbos *ler, ser, rer, ver, rir, vir, pôr, dar, rôr*. A diferença consiste, todavia, em que todos eles (menos *rir*) já eram irregulares na lingua-mãe, de sorte que cada uma das formas herdadas passou ao português independentemente, individualmente.

*Sanare*, pelo contrário, era regular; de sorte que em todas as formas, regulares teóricamente, se havia de distinguir claramente entre a raiz (*san, sã*) e as terminações.

A princípio diziam de facto: *são, sã-as, sã-a, sã-amos, sã-aís, sã-am*.

Na *Cantiga de Santa Maria*, 105, lê-se p. ex: «Eu trago as meezihas con que sã-o de fog' et d'alvaraz<sup>7</sup>». Em outras (77 e 283) ha *sã-ou*. Nas *Histórias do Testamento Velho* ocorre: «Eu te

<sup>1</sup> Vid. *România*, XI, 95; e § 255 da *Gramática Portuguesa*.

<sup>2</sup> Ainda figurava na *Rev. Lusitana*, I, 264.

<sup>3</sup> *Inéditos*, III, 45: «que lhe demandassem conselho, se sararia da sua enfermidade».—Ha muitíssimos exemplos na *História de Vespasiano*.

<sup>4</sup> Abi tentaram todavia outro processo: a substituição de *saar* por *sandar* < *sanitare*.

<sup>5</sup> Em galego *saidade*; *sāydade* nas *Cantigas de Santa Maria*, 31.

<sup>6</sup> CV. 554.

<sup>7</sup> Vid. ALVARAZ = lepra branca.

beengo, Deus d'Israel, porque me castegaste e me saaste (2.ª sing. perf.)»<sup>1</sup>. Faltará o til. Julgo que todas as pessoas cultas fugiriam instintivamente de dizer *saas, saa, saam, saaste*, formas que na conversa fugidia, familiar, soavam decerto *sas, sa, sam, saste*<sup>2</sup>. Provo-o pela falta absoluta de exemplos; e também pela preferência dada ao sinónimo germânico *guarir, guarecer*. Nas *Cantigas* encontrei, a par de cinco provas documentaes de *sāar*<sup>3</sup>, dezoito de *guarir* e *guarecer*<sup>4</sup>. Nas poesias palacianas dos trovadores, *sāar* nunca se empregou<sup>5</sup>. Apenas *guarir* e *guarecer* em função transitiva e intransitiva.

Só depois de *sarar* haver arraigado é que tornou a concorrer com eles. Mas como nasceria? Por influência de outro *sarar* que Mestre Giraldo emprega por duas vezes no *Livro das Aves Cantadoras* na grafia *çarar*?

A p. 9 lê-se «Cap. da ferida aberta e çarada»<sup>6</sup>. A p. 24 (l. 6) diz: «toma huma agulha e huma linha e çaralhe (sc. ao falcão) ao (= a aa «a asa»), como quando a ave está saan, que a tem bem chegada a ssey». Em ambos os casos o significado é «fechar, cerrar»<sup>7</sup>. Equivale portanto a *çarrar* que ocorre a p. 13, 11: «E as demais das aves que as teem (sc. gozimes), teem a boca aberta, e nom a podem çarrar». Mas aplicado a feridas, que estão *curadas* quando se *fecham*, ou se *fecham* logo que estejam *curadas*, *çarar* pode ter originado a substituição de *saar, sar* por *sarar*. Na boca de médicos e alveítares.

Nos textos de Mestre Giraldo ha bastantes vezes confusão gráfica entre *r* e *rr*<sup>8</sup>; como entre *s* e *ss*; *l* e *ll*; *ç* e *ss*; *i*, *j*, *g*; *o*, *ou*.

<sup>1</sup> *Inéditos*, III, 45.

<sup>2</sup> Tres d'estas formas confundiam-se com outras palavras da linguagem arcaica.

<sup>3</sup> *CM.* 77, 105, 283, 337 e 344.

<sup>4</sup> *CM.* 270, 289, 308, 319, 322, 343, 346, 368, 375, 398 (*guarir*); 255, 256, 314, 315, 321, 367, 385, 389 (*guarecer*).

<sup>5</sup> No *Cancioneiro da Ajuda* ha dúzias de exemplos de *guarir* = *gesund werden*, curar-se, p. ex. nos versos 763, 1617, 1528, 1567 e *gesund machen*: curar, v. 1101, 1321, 1361, etc.

<sup>6</sup> Só a epigrafe existe. O texto está perdido.

<sup>7</sup> Não é difficil alegar provas de que *sarar* significava o fechar de chagas. Eis uma. No *Coloquio XI*, *Do Nimbo*, Garcia da Orta diz que as folhas d'essa árvore, pisadas e misturadas com çumo de limão, são remédio efficaz: «e así o fazem nas chaguas dos homens, e dizem que milagrosamente saram com só o çumo desta erva» (vol. II, p. 167).

<sup>8</sup> Quanto á pronúncia antiga de *r* e *rr*, que seguramente não eram tão distanciados como hoje, veja-se Cornu, § 144 e p. 964, 1.

*Çarar* podia portanto ser mera cacografia por *çarrar* (e para afastar tal suspeita por completo serão precisos novos exemplos). Em vista do étimo \**serare* de *sera* (*Riegel, Schloss* <sup>1</sup>), geralmente aceito <sup>2</sup>—comquanto a derivação nunca fôsse historiada com o desenvolvimento preciso—; em vista da frequente reduplicação de *r* em vocábulos portugueses e castelhanos, de que já dei exemplos <sup>3</sup>, em vista também da antiguidade da troca de *ç* e *ss* na dição de que se trata <sup>4</sup>, em geral nas regiões outr'ora mozárabes <sup>5</sup>, não me parece arrojado acolher no Dicionário dos arcaísmos portugueses a forma *çarar* = *sarar* < *serare* = «fechar».

## CXVII

## SEIXEBREGA

Além das sementes de perrexil, da zargatoa e da milfurada, Mestre Giraldo receita outra planta contra o mal de pedra dos falcões: «e se nom poderes aver a milfurada, toma a seixebrega» <sup>6</sup>.

Tema p. ex. de *serralheiro* (*Schlosser*).

Por Diez, Meyer-Lübke, Schuchardt.

S. v. *Çarar*. Nos textos de Mestre Gil relevei ainda as grafias *barer*, *varrer*, 14, 2; *verezes*, *verrezes*; *falparaz*, *falparraz*; *perrexil* e *taraço* (= *terraço*); *carreira* = *carreira*; 14, 11.

<sup>1</sup> *Sarar* é ladino; *sarrar*, provençal; mas também galego-português. Não falta nas *Cantigas* de Alfonso X (114, 245, 317), embora ele também escrevesse *serrar* (27, 51, 145). Hoje existe em português, além de *cerrar*, o vulgarismo *çarrar*. (Aguas Santas da Maia, Minho).

<sup>2</sup> Ela é em Portugal muito mais antiga do que é costume asseverar. Generalizada no século XVI, já começara no XIV, como tenciono provar. Quanto a palavras que ocorrem com dupla grafia nos livros de Mestre Giraldo notemos: *sancos*, *çancos*; *ssanbarco*, *çambarco*; *çacotrim*, *sacotrim*; *amaçar*, *amassar*; *ervatuneg*, *ervatunes*; *solorgiãaes*, *celorgiãaes*; *sumo*, *çumo*; *sumaque*, *çumaque*; *lesme7*, *lesmes*. Sem falar de escritas como *coussa*, *guissa*, *asa7*.

<sup>3</sup> D'esta vez faltam as contraprovas do costume. Ferreira cortou o passo. E Ayala substituiu a *seixebrega* por outra planta a que na antiguidade atribuíam virtudes saxifragas (*adiantum capillveneris*), apondo ao nome latino a designação vulgar de *culantro de poço* (p. 256). Vid. Plínio, XXII, 21. Hoje dizem *culantrillo* [*de poço*], e já assim diziam no tempo da Celestina que apregoava os seus supostos efeitos afrodisíacos expressos no nome latino. *Culantro* (*cilantro*, *ciliandro*) de *coriandro*, (*coentro coentro* em português), reservou-se para a umbelífera *Coriandrum sativum*, cujas sementes aromáticas também eram officinaes e estiveram, temporariamente, muito em voga. O adianto, esse serve em cozimentos (e em rebuçados) para facilitar a expectoração, em reumas e catarros.



Longe de me espantar, só me admiro de que essa figure no último lugar, como mero expediente. Porque *seixébrega* é evidentemente *saxifraga*: o verdadeiro «quebra-pedra», *Steinbrech*<sup>1</sup>. Predestinada a figurar na farmacopeia.

Por isso mesmo estou disposta a pronunciar *seixébrega* e a procurar um descendente d'essa forma arcaica num nome de planta, usado na Galiza, mas de que pouco sei. Apenas vejo *seigebra*<sup>2</sup> no *Diccionario* de Cuveiro Piñol, que se louva em Sarmiento, ao classificá-la de espécie de *menta* ou *saxifraga* que se dá nos muros. Se realmente existir, e denominar a *seixébrega*, dos antigos, a palavra foi reduzida de esdrúxula a paroxitona á vista de formas duplas como *estambo*, *stamego*: *lontra*, *lóntraga*: *cobra*, *cóbrega*: *pinta*, *pintega*: *hirto*, *hurtego*: *lostro*, *lóstrego*<sup>3</sup>: *trópo*, *trópego*<sup>4</sup>.

Claro que temos *seixo* em *seixébrega*. E quer corresponda directamente á forma latina citada (*saxi-fraga*, de *frangere*), quer represente deformações como *saxi-frica*<sup>5</sup> (de *fricare*), ha substituição de *f* por *b*. Um exemplo novo a juntar aos conhecidos<sup>6</sup>.

A qual das saxifragas, conhecidas na península, se applicaria o nome? Á verdadeira, branca, de raiz tão lindamente granulosa, como penso?<sup>7</sup> Ou á dourada, que dizem eficaz para males do baço?<sup>8</sup> Certamente não á bastarda, nem á umbrosa, nem á roxa, nem á pyramidal, porque nenhuma d'elas entra nas farmácias.

Nem tão pouco se podia tratar da árvore do funcho — *Laurus sassafras*, — que é indigena do Novo-Mundo<sup>9</sup>, muito embora os dicionaristas confundam ás vezes as duas plantas entre si, e com outra terceira — o *salsifis* ou *salsifris* (*tragopodum* = *Bocksbart*)<sup>10</sup>.

<sup>1</sup> Quebranta-piedra; taladra-piedra; erva do mal de pedra.

<sup>2</sup> *Seixébra*? Não está no *Diccionario de Plantas*, de Colmero.

<sup>3</sup> Vid. ALFÁVEGA.

<sup>4</sup> Não me lembro de rima alguma de taes esdrúxulos. Formas parecidas são, p. ex., o vulgarismo *áfregas* (meter-se em *áfregas* = *áflicas*); *pebrega*, que talvez seja invenção individual de uma criada minha que assim traduz *páprika*, o nome húngaro do *clarao* (*colorao* = *colorado*); e o arcaísmo *fíbrega* < *fábrica*.

<sup>5</sup> Na Itália ha *sassefriga* e *sassifrega*.

<sup>6</sup> Cornu, p. 185.

<sup>7</sup> *Saxifraga granulata*: alemão *Steinbrech*; fr. *sanicle*.

<sup>8</sup> *Chrysosplenium alternifolia* (alemão *Milzkraut*).

<sup>9</sup> Em português *loireiro sassafras*; por etimologia popular *sassafras*: e por engano de alguns lexicógrafos, *saxifras*. Em ital. *sassofrasso*, e *sassafrasso*.

<sup>10</sup> Em português *sersefi* e *sersifim*.

Ignoro por completo como se relaciona com este *salsifis* a festança que hoje denominam, em estilo chulo, um *salsifré*: um bailarico ou *sarau improvisado*, sem ordem nem cerimónia? Só se ele se combina com os destinos ou preparos culinários do *salsifis* (*Iscorecioneira negra*) em Espanha e França<sup>1</sup>? Os que eu lhes conheço, são muito simples. E talvez seja exactamente por isso, (porque um prato de *salsifis* se pode improvisar, muito de pressa, como expediente) que lhe deram essa acepção figurada? Muito moderna, só entrou, que eu saiba, no *Diccionario Prático* de 1910.

## CXVIII

## SIFAC — SIFAQUE

Antigamente usado para designar a pele que envolve os intestinos de ruminantes e solípedes, equivale a peritónio. «E aas vezes auem que do gram trabalho e da gram carrega . . . quebralhy hũa pelle em que se teem as tripas que chamam em latim *sifac*» (*Alveitaria*, II, cap. xxvi).

Esse latim é a linguagem técnica medieval dos médicos árabes e judeus. No seu *Livro de Monteria*, El-Rei D. Alfonso XI explica o vocábulo, no capítulo xiii, relativo ao tratamento de cães com chaga no ventre de que saem as tripas fora: «Et porque son tres cueros en el vientre, la costura ha de ser así: metan el aguja por el cuero primero et por el segundo, et por el tercero que es el *cifaque*; et del otro cabo de la llaça en el derecho que está el aguja<sup>2</sup> deje de meter el aguja en el *cifaque* que es el cuero mas cercano de las tripas, et pongala por el cuero de medio et por el cuero de encima et así faga de la otra parte en manera que el *cifaque* sea travado una vez del un cabo et otra del otro, et sean hi dados dos nudos» (p. 148).

No Apêndice (cap. xi)<sup>3</sup> repete-se o mesmo ensinamento. Com a diferença de que ali chamam *cifat* ao «cuero en que retienen las tripas». E como os finais de termos árabes estão sujeitos na Península a muitos accidentes modificadores, conforme já indiquei

<sup>1</sup> Cfr. PERREXIL.

<sup>2</sup> Isto é: em frente da agulha.

<sup>3</sup> P. 237.

mais de uma vez, é possível que a variante seja mais do que um lapso de escrita ou de imprensa.

Com *sifac*, *sifaque*, *cifaque*, de صفاق<sup>1</sup>, compare-se *mirac*, abdomen, de مرأى, *marác*<sup>2</sup>.

## CXIX

## SIRA

Volto a este vocábulo<sup>3</sup>, interessante por ser privativo da língua portuguesa 1: um arcaísmo de origem talvez astrológica, outr'ora usado na linguagem literária, mas que hoje persiste apenas na boca do vulgo.

Como prova do seu emprêgo limitado basta dizer que não anda no *Novo Dicionário*. Vive todavia em Lisboa, na forma *síria*, conforme me informou amavelmente o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Gonçalvez Viana, citando a frase «não tenho síria nos dedos», relativa a mãos inteiriçadas de frio, ou amortecidas de cansaço e ardor.

Em Trás-os-Montes subsiste na mesma forma e com o mesmo sentido, segundo consta do *Vocabulário* importante de Mogadouro e Lagoaça, publicado por Augusto C. Moreira<sup>4</sup>. Este folklorista dá como exemplo «ter síria nas pernas»; explica *força*, *tesura*, *consistência*, e acrescenta: «A cada passo se recommenda ás mãos que não deixem fazer *têres* grandes ás creanças, emquanto não tenham *síria* nas pernas»<sup>5</sup>.

Em outras regiões, perto da fronteira galega, deve ser *xíria* (com palatização do *s* sob influência do *i*), pois assim se lê na *Prosódia* de Bento Pereira, de onde passou para as edições acrescentadas do *Dicionário* de Moraes<sup>6</sup>.

Quanto a textos antigos, lá temos no *Livro de Alveitaria* o seguinte passo significativo: «Outrossy se o cauhallo for mui magro,

<sup>1</sup> Dozy, p. 257. Ignoro de onde o catedrático de Leyden tirou o vocábulo português, pois o não encontro no *Elucidário* nem tão pouco nos *Dicionários* de que me sirvo.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 314.

<sup>3</sup> *Vid. Rev. Lusitana*, xi, 53.

<sup>4</sup> *Galego-portuguesa*, se uma conjectura que formulei no fim d'este estudo fôr acertada.

<sup>5</sup> *Rev. Lusitana*, v, 105.

<sup>6</sup> S. v. *Têres* (fazê-los uma criança) repete: «Ir já tendo síria nas pernas = ir-se já sustentando de pé por algum tempo».

<sup>7</sup> Na de 1877 encontro: XÍRIA, s. f. Força, impeto.—B. Pereira.

minguarlha per hy a força e a sîra»<sup>1</sup>. Do tempo intermédio também tenho a felicidade de poder indicar um passo documental. Claro que é da pena de Gil Vicente, o insigne conhecedor da dição popular. Numa scena do *Auto do Purgatório*<sup>2</sup>, a representante da idade infantil ou da *innocência* chega esalfada á Ribeira dos Mortos, toda atarantada pelas visões tétricas do último transe, e desabafa num monólogozinho, dizendo entre outras cousas:

Que faleci ind' agora,  
em mui perigoso ensejo,  
porque era moça, e cuidei  
que da velhice gouvira<sup>3</sup>;  
e com tal dor acabei  
que de mi parte não sei,  
nem tenho ponta de *sira*!<sup>4</sup>

Quanto ao sentido, o de *ánimo*, *alento*, que dei ao termo<sup>5</sup>, é evidentemente o verdadeiro. Podemos juntar ainda o de *vigor e calor animal*: *força*, *ardência* e *rehemência*.

Quanto á etimologia desdigo-me. Não por inteiro, porém. Tiro *síria*, como d'antes, das regiões sideraes, mas d'esta vez de um único astro — o mais fulgurante dos fixos que refulgem no céu estrelado, a constelação canicular, cantada pelos poetas, querida e temida pelos médicos e cirurgiões da idade média; e ainda hoje venerada com sacro espanto pelo vulgo.

Formalmente, não ha dificuldade alguma. O trissilábico *síra* do século xiii e xiv, reduzido em principios do xvi, por contracção, a *sira*, e modernamente alargado de novo pela iotação da sílaba, postónica, conduz mesmo com segurança ao étimo *síria*. Exemplos da tendência manifesta da lingua portugueza de fundir num só *i* o postónico e o acentuado, temo-los em *liro*, *ciro*, *tibo*, *siba*, *vindima*, e nos vulgarismos *famila*, *Emila*, *Mila*<sup>6</sup>. E da tendên-

<sup>1</sup> P. 10, 39.

<sup>2</sup> Ia escrevendo da *Barca do Purgatório*. êrro que escapou a muitos; se estou bem lembrado, mesmo ao pintor dos azulejos do Buçaco. Acostumámo-nos todos a falar das *Tres Barcas*, esquecendo que os tibios e acidiosos tem de passear por longo tempo no limbo do Paraíso, como outr'ora os Helenos nos prados asfodélicos do Hâdes, aquêm da Ribeira do Lethe.

<sup>3</sup> Gozaria. *Gouvira* é plusquamperfecto com sentido condicional, á maneira antiga; do infinitivo *gouvir*, por *gouir* < *gudere*.

<sup>4</sup> Gil Vicente, ed. de Hamburgo, vol. 1, p. 266.

<sup>5</sup> *Rev. Lusitana*, xi, 53.

<sup>6</sup> Já dei exemplos na *Prática de tres pastores*, e alhures.

cia oposta de introduzir (ou reintroduzir) um *i* postônico<sup>1</sup>, nas mesmas dições citadas, visto que *lirio*<sup>2</sup>, *cirio*<sup>3</sup>, e *tibio*<sup>4</sup>, dos séculos XIII e XIV, tornaram a ser *lirio*, *cirio* e *tibio* no XVI, escuso de falar, tão notória é<sup>5</sup>.

Será crível comtudo que o *Sirio* influísse no falar do povo? Julgo que sim. Crível e quasi certo.

Sem dissertar mais uma vez sobre a propensão dos Galaicos para agouros, sinas, boas e más estrelas, e para a explicação astrológica de fenómenos físicos e psíquicos; sem falar extensamente de astrólogos portugueses, como Mestre Guedelha, e das ideias expendidas pelo rei D. Duarte nos seus tratados filosóficos; sem aludir ao livro (inédito) *Segredo dos Segredos de Astrologia*, attribuido ao Infante D. Henrique; e sem documentar que as *Constituições dos Bispos* ainda tiveram de prohibir nos séculos XVI e XVII<sup>6</sup> rezas á lua e ás estrelas, lembrarei apenas factos de importância universal.

Em primeiro lugar, todos os europeus vêem o *Sirio*, da primavera até o outono, quando em noites claras erguem o olhar com assombro e delicia para o céu estrelado<sup>7</sup>. O brilho da mais luzidia entre as estrelas fixas do hemisfério setentrional, é extraordinário e sugestivo: o *Sirius* (Σείρις), olho ou boca do Cão Grande (*Canis Maior*, κων, ὀστροκων) que sentado aos pés do gigantesco caçador Oriente<sup>8</sup> produz, durante quarenta dias seguidos<sup>9</sup>,

<sup>1</sup> Sobretudo em nomes que não tem *i* nenhum primitivo, como *ondia*, *vestia*. Vid. *Rev. Lusitana*, XI, 277.

<sup>2</sup> *CM.*, 211.

<sup>3</sup> *CM.*, 211.

<sup>4</sup> Ha trechos documentaes nos escritos de Mestre Giraldo, comquanto ele prefira o sinónimo *morno*. Vejam o n.º xcv d'estas contribuições.

<sup>5</sup> Julguei sempre que *lirio*, *cirio*, fossem latinismos, restaurações dos humanistas. *Tibio* (que podia ser castelhano) e *siria* fazem-me todavia duvidar.

<sup>6</sup> P. ex., as do Porto de 1585 e 1687.

<sup>7</sup> Depois da *Ursa grande* ou *Carreta*, que mesmo as crianças distinguem, e procuram com prazer, o *Oriente* é, sem d'úvida, a constelação mais conhecida; e o Cão grande, com o seu olho de primeira grandeza, assim como o pequeno com o Prokyon, formam um apêndice d'ela.

<sup>8</sup> Segundo a versão mais divulgada da mitologia clássica. Outras ha em que o cão era guarda da Europa, ou da ninfa Erigone, ou de Icario, e mais entidades fabulosas.

<sup>9</sup> Vinte dias antes e vinte depois do nascimento heliaco de *Sirio*. Para os meus fins não importa que, devido á precessão dos equinócios, o despontar da canicula tenha hoje lugar em princípios de Agosto, pois todo o mundo continua a chamar *canicula* (*Hundstage*) á mesma temporada, em especial a que decorre de 20 de julho a 23 de agosto.

na opinião da gente, grandes calores estivaes, a calma canicular <sup>1</sup>.

Em segundo lugar, temos a influência, em parte benéfica <sup>2</sup>, mas na maior parte perniciosa, que o *Sírio* ou a Canicula produz, emquanto o Sol está no Signo do Leão: inundações do Nilo, raiva de cães, insolações mortaes; fome, guerra e peste; cólera e outras doenças contagiosas; a estiagem das plantas, a ineficácia de todos os medicamentos, sobretudo na cura de feridas; crimes numerosos, pois quantos nascem nas canículas tem a má estrela de perpetrarem crimes, entregues ás fúrias do seu temperamento ardente <sup>3</sup>.

Está visto que numa época de efeitos tão funestos era preciso acalmar a ira e instigar a beneficência dos Deuses, com procissões e sacrificios. Ela era sagrada no Egito, na Grécia, e no Império romano. No tempo de Homero, os Helenos celebravam festas em que sacrificavam carneiros e matavam cães <sup>4</sup>, cantando trenos e lamentações alusivas a um jovem caçador (símbolo da primavera) morto antes de tempo, no *Sírio* da sua vida <sup>5</sup>.

Gostaria de trasladar alguns dos belos versos em que os maiores poetas épicos e bucólicos descrevem a época em que o ensífero Oriente enche de medo os marinheiros <sup>6</sup>, e o hálito inflamado da constelação *síria* abrasa a vegetação <sup>7</sup>. Suprimo-os, porém, por não serem elos indispensáveis da minha demonstração. Citarei apenas dois trechos em tradução vernácula, como homenagem a um poeta distinto que teve *síria* suficiente para traduzir em oitavas a *Eneida* <sup>8</sup>.

<sup>1</sup> Crianças fraquinhas das pernas aprendem a andar nos meses quentes.

<sup>2</sup> Mestre Giraldo recomenda também certos cuidados com falcões e cavalos nos dias caniculares (*Alveitaria*, 14 e 17).

<sup>3</sup> No dia de rever o manuscrito (14 de julho de 1910) leio nos jornaes como em New-York falecem de insolação diáriamente vinte a trinta pessoas.

<sup>4</sup> «Die dem Lämmerfest und der Hundetödtung zu Grunde liegende Idee war das Leiden der Pflanzenwelt unter der vom Hundstern Sirius herbeigeführten Glut der Hundstage» (Lübker, s. v. Linos).

<sup>5</sup> O *Lino*, a que aludo, emparelha com Adonis, Narciso, Hylos, Hyacintho. Nos trenos repetia-se como interjeição o vocábulo ἀλινος.

<sup>6</sup> Camões, *Lusiadas*, vi, 85.

<sup>7</sup> Homero, *Iliada*, xviii, 486; xxii, 20; *Odysssea*, v, 274 e 121, xi, 572; Vergílio, *Eneida*, iii, 141 e *Georgica*, iv, 425: «iam rapidus torrens sitiens Sirius Indos».

<sup>8</sup> Oitavas em endecassílabos *italianos*, mas com rimas á moda peninsular (*ababcdcd*).

Eis que, subito, os ares empestados  
Trazem tempos de morte: ignoto mal  
A arvores, gentes, sementeiras, gados  
Bafeja do seu halito feral.

E o homem e a mulher, velho ou creança,  
Deixam a vida, ou morbidos se arrastam  
Numa miseria extrema! *Syrius* lança  
Calores tão ardentes que devastam  
Os campos. Um horror! As hervas seccam;  
As espigas recusam-se mirradas  
A darem mantimento; os fructos peccam,  
Nas arvores de sede desfolhadas! <sup>1</sup>

Não serve bem? E essa outra descrição de um régio escudo <sup>2</sup>:

Vomita <sup>3</sup> o escudo d'oiro fogo vario  
Como um cometa, côr de fogo a cõma;  
Que, em noites claras, erre funerario;  
Ou qual o ardor de *Syrius*, quando assoma  
No céo, phantasma lugubre, trazendo,  
Aos miseros mortaes, a sêde e a dôr,  
E céo, e terra, e mar entristecendo,  
Com seu sinistro e pallido fulgor <sup>4</sup>.

O que urge notar, todavia, é o terem os Latinos falado positivamente de ardor *sirio*, calor *sirio* <sup>5</sup>, empregando o substantivo com funções adjectivas. Como os Portuguezes. Além d'isso, possuíam o qualificativo derivado *siriacus*, e o substantivo *siriasis*, para denominar a insolação <sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Coelho de Carvalho, *A Eneida de Vergilio lida hoje* (Lisboa 1908). Livro Terceiro, vv. 245-256. — Oxalá muitos a lessem — deleitando-se com o «esplendor do caudaloso estilo!»

<sup>2</sup> *Ibid.*, livro x, vv. 529-536.

<sup>3</sup> *Feuer speien* «vomitar». Lembrem-se do sentido figurado de *gosmar*.

<sup>4</sup> Gosto muito de comentar textos por meio de uma boa pontuação. Mas aqui ha demasia; não é verdade, leitor? Estas e outras circunstâncias dificultam, quando não impossibilitam, para mim, o traslado diplomáticamente fiel de textos portuguezes. Diplomáticamente fiel, estando eivados de erros. Eu prefiro reproduções criticamente exactas; com as notas precisas, bem se vê.

<sup>5</sup> *Eneida*, x, 273: «sirius ardor ... situm morbosque ferens mortalibus aegros» (Coelho de Carvalho, x, 532); *Columella*, x, 289, etc. Outro passo de Vergílio (iii, 141) é menos seguro.

<sup>6</sup> Como os Gregos, bem se vê.

\*

Devia concluir aqui. Podia acrescentar conjecturas sôbre a parentela possível entre as festas *sirio-caniculares* da Grécia<sup>1</sup> e do Egito, e os *cirios* veranis de Lisboa e arredores, e sôbre as relações entre *siria* em Portugal e *siries* na Galiza; conjecturas que talvez não sejam mais do que fogos-fátuos. O sonho de uma noite de verão.

A referência aos *cirios* do Sul, que consistem numa romagem procissional do povo com um *cirio* aceso (vela ou tocha), de alguma igreja da sua terra para outro orago fóra da terra, valha só como exortação dos romancistas e etnólogos da capital para que publiquem pormenores históricos documentados sôbre as origens e as práticas tradicionaes d'estas festas estivaes<sup>2</sup>.

\*

Pelos *Diccionários* galegos de Cuveiro Piñol e Valladares Nuñez conheço a palavra *siries*—o que quer dizer que a conheço mal.—Nem sei se se trata do plural de *sirie* por *siria*? ou de um derivado *siriéz*? Se a definição «frio en las manos de tal suerte que no se puede escribir por no tener tiento» for boa, o sentido em que usam *siria* em Lisboa autentica-a; se portanto o vocábulo tiver realmente as origens que suspeito, Galegos e Portugueses teriam equiparado os efeitos do demasiado calor aos do frio excessivo, por ambos destruírem a fôrça, o jeito, a flexibilidade das mãos:—o seu vigor vital.

Disse;—e *cá me canta* que disse bem.

<sup>1</sup> Vid. *Iliada*, xviii, 570. «Der Hundstern Sirius, der hellste Fixstern am Himmel, bringt mit seinem Frühaufgange die heisseste Jahreszeit, die Hundstage, mit sich. Um die verderblichen Wirkungen der Gluthitze des Sirius alzuwenden, Versengung des Landes, Krankheit und Tod von Menschen und Vieh, stiftete man an verschiedenen Orten Griechenlands Sühngebräuche» (LINOS).

<sup>2</sup> E notas sôbre superstições; assim como também cantigas e adivinhas populares que se referem a *Sirius*.



## CXX

## SOCOTORINO

A ilha de Socotôra <sup>1</sup>, Çocotora <sup>2</sup> ou mais correctamente Çacotorá <sup>3</sup>—«Sacotora co'o amaro aloé famosa» (*Lusiadas*, x, 137)—foi descrita numerosas vezes por descobridores, conquistadores e viajantes portuguezes; por exemplo no *Roteiro de Goa até Soez* <sup>4</sup>. Mas mesmo assim os iletrados ficaram naturalmente sem comprehender o que era *socotorino*, adjectivo aliás exposto a reduções e metáteses, iguaes em numero ao tamanho das suas cinco silabas, pouco consistentes. A vogal da terceira sibala, caíria em primeiro lugar, dando *socotrino* <sup>5</sup>, e em forma abreviada \**socotrim*; mas também *sacotrim* <sup>6</sup>, *çacotrim*, <sup>7</sup> e com enfraquecimento do *á* átono *secutrim* <sup>8</sup>, *cecotri* <sup>9</sup>, e mesmo *cicutri* <sup>10</sup>, como se tivesse relações de parentesco com a *cicuta*. Por etimologia, que merece o qualificativo de popular, *socotrim*, pronunciado *sucotrim*, deu ainda *sucocetrino*, curiosa formação que intrigava o autor dos *Colloquios*. Por duas vezes lhe chega:

«Como soubestes que o [azevre] de Çocotora he melhor, porque alguns escriptores o chamão suco-cetrino?» (I, 25).

«e chamarem-[no] alguns doctores suco-cetrino não he muito, porque não olharão mais que á côr; mas a verdade he que [o azevre de Çocotora] se chama assi» (ibid., 26, 27).

<sup>1</sup> É hoje a escrita e pronúncia vulgar. Assim, com *s* e sem acento, está na 1.ª ed. dos *Lusiadas*. Creio, todavia, que o verso exige a pronúncia *Socotorá*.

<sup>2</sup> Assim está nos *Coloquios*, I, 25 e sgs.

<sup>3</sup> D. João de Castro escreve sempre *Çacotorá*.

<sup>4</sup> «A terra naturalmente he proue, e nella nam achão outras mercadorias que *Azeure* e sangue de dragão. Porém o *Azeure* he grandissima cópia, e tem o preço sobre todos». (Garcia da Orta, pp. 37 e 38).

<sup>5</sup> No *Roteiro*, p. 18, ha *çacotorino* e *sacotorino*. Todas as tres occorrem nos *Tratados* de Frei Antonio Feo.

<sup>6</sup> Ferreira, II, pp. 23 e 26.

<sup>7</sup> *Caça*, II, 26; 19, 11; *çacotorino* em Castanheda, II, 39.

<sup>8</sup> *Monteria*, p. 248 (*acibar*). Nem é preciso pensar na substituição do pseudo-prefixo *so* (= *sub*) por *sa*, *ca*, *ça*, de que tratei outr'ora (*România*, II, 880, ao falar de *çabullir*, *çabucar*, *sahumar*, etc.).

<sup>9</sup> Ayala, pp. 223, 234, 248, 250, 261 e 343; *Monteria*, I, 248; *secutrim*.

<sup>10</sup> Ayala, p. 352.

Da metátese do *r* saiu depois *sacrotim*<sup>1</sup>.

Em *canotim*, *canotym*<sup>2</sup>, ha deturpações de *çacrotim*. Considero-as como meramente gráficas; formas nunca pronunciadas (*papierne Worte*). O mesmo vale de *canotrim*<sup>3</sup>.

Este artigoito irmana com o que dediquei ao *bolarménio*.

### CXXI

#### SOLDA MAIOR

O leitor lembra-se, ou não, de como os cetreiros antigos tratavam os falcões de perna quebrada? Exteriormente, punham-lhes um aparelho de tavoletas de palha de boinhos ou de canaveas, sobre uma massa bem aderente, apertando-o em seguida com uma ligadura e linhas fortes. Interiormente, ajudavam a cura por meio de umas pilulas (*pirolas*, á antiga)<sup>4</sup>, do tamanho de garbanços (ervanços, gravanços), compostas de drogas diversas. Esqueceria contudo que davam o nome de *solda* a esse medicamento.

«... e dalhe logo, desque esto (sc. o tratamento exterior) for facto, de comer da solda em hum coração de galinha; tamanha a solda como hum ervanço. E a solda seera facta per esta magneira ...»<sup>5</sup>.

Procediam assim por duas razões óbvias: porque atribuíam á droga a força unidora das soldas metálicas; e porque nele entravam sementes de duas plantas da familia das *consolidas*<sup>6</sup>, vulgarmente chamadas *soldas* em Portugal. De ambas as espécies (a *solda meodinha* e a *solda raca*) tratarei em seguida.

Em outro passo, de que ainda não me ocupei, surge mais uma espécie botânica: a *solda maior*, cuja existência estava teórica-

<sup>1</sup> Ferreira, II, 51.

<sup>2</sup> *Caça*, 19, 15.

<sup>3</sup> *Ibid.*, 19, 17.

<sup>4</sup> *Pirolas* (*Caça*, 15, 22), *pirollas* (11, 25, 16, 19 e 17, 10), em castelhano *pilhoras* ou *pildoras* (Ayala, 248).

<sup>5</sup> *Caça*, p. 22, últimas linhas. Na sua lista de medicamentos, Ayala metteu: «suelda para feridas del falcon et en polvos et fallarla has como se debe facer en el capitulo xxv» (Cfr. p. 300), pensando evidentemente na composição de *suelda*, sangue de dragão, bolo arménico e azevre com que se curam unhas saídas. Logo depois, ao falar de «Suelda que dan á los falcones en la vianda para los quebrantamientos del cuerpo», remete o consultante ao cap. xxviii. (Cfr. p. 303).

<sup>6</sup> Os castelhanos tem *consuelda*. Vid. *Monteria*, p. 246.

mente certa, implicada na da *solda menor*. Surge para os meus olhos, microscópicos pela graça de Deus, num disfarce, que attribuo ao copista, e que o editor dos textos não lhe arrancou.

Em casos de *derreamento*, o alveitar applicava ao cavallo um emplastro <sup>1</sup> forte:

«Ffilha o sal da mayor que he huua erua que semelha borragem» <sup>2</sup>.

O resto não me importa neste momento.

A erva que semelha *borragem* — no aspecto total, mas não na flor nem na raiz — é evidentemente o *Symphytum officinales*, a *consolda maior*, *la grande consoude*, a que na Alemanha damos o nome característico de *Beinheil*, *Beinwohl*, *Beinmur*; <sup>3</sup> isto é, *saude das pernas* ou *sara-pernas*.

Quanto ao nome genérico das *soldas* vegetaes — *consoldas* somente na terminologia dos eruditos — é evidente que em Portugal suprimiram o prefixo, do latino *consolida*, para o aproximarem e identificarem (ou antes, porque o aproximavam e identificavam) com o das *soldas* metálicas <sup>3</sup>.

## CXXII

### SOLDA MENOR

Não Mestre Giraldo, mas sim o seu copista, fala de uma «erva mendinha que se chama solda meodinha» <sup>4</sup>; «yerva menudilla que llaman la suelda menor» no tratado do Chanceler <sup>5</sup>; «erva menodilha que chamam solda menor» na *Arte de Altanería* de Diogo Fernández Ferreira <sup>6</sup>.

Claro que devemos ler *meidinha* (deminutivo de *meido* < *minutus*) porque «durch zweier Zeugen Mund wird alle Wahrheit kund». E testemunhas de tanto crédito.

<sup>1</sup> *Emprasto*, na linguagem arcaica.

<sup>2</sup> *Alveitria*, cap. xxxiii, p. 42, 16.

<sup>3</sup> Onde Ferreira e Ayala mencionam plantas, empregando o vocábulo *solda* (cap. xvii, n, p. 27), *suelda* (p. 265), sem distintivo, não nos é dado averiguar qual seja a que tiveram em mente.

<sup>4</sup> *Caça*, p. 23, 3 e 6.

<sup>5</sup> Ayala, p. 275.

Ferreira, vol. ii, p. 20 e 31.

Com isso não quero dizer que o adjectivo *mendinho*, cariciosamente diminuído, não pudesse existir em tempos de D. Denis <sup>1</sup>. As rimas infantis, em que ainda hoje o aplicam ao dedo mínimo da mão humana, são, seguramente, de tradição ancestral <sup>2</sup>.

Quanto à identificação botânica, ela não é difícil, muito embora Brotero não registe a *solda menor* nem a *maior* com esses distintivos <sup>3</sup>. A *menor* — o *caille-lait blanc* dos Franceses — é a *tormentilla* erecta, a que no Minho costumam dar o nome de *solda branca*. Nos Dicionários tratam também de *solda* ao *Galium molugo* (molugem) <sup>4</sup>, de qualidades molificantes. Por confusão? ou por direito?

## CXXIII

## SOLDA RACA

Quem a conhece? Eu não. Sei, como o leitor, que assim se chama um dos ingredientes das pilulas destinadas a soldarem, consolidarem ou solidificarem, numa palavra, a unirem os ossos quebrados do falcão, tão estreitamente como a solda metálica une peças também metálicas <sup>5</sup>. Ferreira chama-a *solda raca de Alemanha* <sup>6</sup>. Em Ayala encontro *suelda raca* <sup>7</sup>, mas também *suelda de raca* <sup>8</sup>.

<sup>1</sup> Muito pelo contrario. O próprio Mestre Giraldo proporciona-nos um exemplo no *Livro de Alcantaria*, cap. xxv, p. 36, 36, onde menciona o *dedo meendinho*.

<sup>2</sup> *Dedo mendinho, seu vizinho, pae de todos, furx-bolos, mata-piolhos*. Em lugar de *mendinho*, também se pronuncia *mindinho*, *meiminho*, *mèminho*, *mininho* (por influência de *mimo*). Todas as formas são representantes populares de *minim-ius*, com queda do *n* entre vogaes — contracção de vogaes e tratamento insolito de *nm*. Cornu. : 269. Ignoro o que no [ ] 16 significa *mendinho* = *defetuoso*. Ferreira usa a meúdo de *mèminho* (p. ex. vol. II, p. 79).

P. S. No último fascículo da *Rev. Lusitana* (xii, p. 130) Leite de Vasconcelos separa *meiminho* < *miniminn(s)* de *mendinho*, *mindinho* < \**minutinu(s)*. — Creio que com razão, visto que *minim-ius* e *minut-ius* são quasi sinónimos.

<sup>3</sup> *Maior e menor* relativamente. Na realidade todas as espécies são, em regra, de proporções deminutas.

<sup>4</sup> Vid. p. ex. F. A. Coelho, *Manual Etymológico*, s. v.

<sup>5</sup> *Caça*, p. 23, 4.

<sup>6</sup> Vol. II, p. 32, onde todavia os impressores a transformaram em *solda raça*.

<sup>7</sup> P. 275 (duas vezes).

<sup>8</sup> P. 342, 1.

Creio que, lendo *soldaraca*, devemos entender *sandaraca*, suppondo deturpação por etimologia popular <sup>1</sup>.

Este representante do grego *σάνδαράκη*, tem em português tres sentidos diversos <sup>2</sup>.

Em mineralogia é *rosalgar roxo* (*Rauschgelb*). Em botânica designa a resina, parecida á almácega do lentisco, proveniente da *Pinus cyparissea* e da *Callitris pinacea*, vendida em forma de grainhas amareladas, com cheiro pouco acentuado a balsamo e zimbro, e que se emprega na confecção de vernizes e betumes (*Zypressenharz*, *Sandarak*, *Sandarach*). Em zoologia — quero dizer em tratados relativos á apicultura — denomina as bolinhas de pollen, ligeiramente resinosas, que as abelhas levam ao cortiço para com elas alimentarem a rainha do enxame.

Como os Gregos já empregassem a sandaraca mineral em medicamentos dos *hipiátras*, é presumível que também no *Livro de Mestre Giraldo* se trate da sandaraca mineral.

## CXXIV

## SOLTAS

Fixemos na lembrança que esse nome, ainda hoje usado, das prisões *maniatas* ou *maniotas* dos cavalos, já se usava antes de 1253 <sup>3</sup>. Pela lei-tarifa de Afonso III sabemos que, diversas das correias de coiro, mencionadas naquele vetusto monumento nacional que merece edição comentada, serviam de *piós* («peyoos»), e que outras prisões eram feitas quer das palhas ou fibras de uma planta desconhecida chamada *alfarfa* <sup>4</sup>, quer de junças:

«Et melior solta de alfarfa ualeat tres denarios. Et melius par de soltas de junciis ualeat tres denarios».

Nos capitulos II, IV e XIII do *Livro de Alreitaria* se vê que as primeiras *soltas* com que se prendia o cavallo novo, aos dois anos, assim como o primeiro cabresto, eram no tempo de D. Denis feitas de «lãa, porque he majors molle e majors doce ca a do linho» <sup>5</sup>. De

<sup>1</sup> A acentuação *sandaraca*, que encontro por exemplo no *Diccionario de Moraes* (7.ª ed.), é errónea.

<sup>2</sup> Os mesmos que o original tinha.

<sup>3</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

<sup>4</sup> D'ela se fazem também *adivães*, objecto até hoje desconhecido, do qual me occuparei no artigo CXXII, s. v. *VIVOLAS*.

<sup>5</sup> Pp. 8, 18, 29, 93, 149.

onde concluo que depois seriam de linho (*linho cânabo* <sup>1</sup>, provavelmente).

As prisões das aves tem nomes diversos. Pode-se dizer que as *soltas* do cavalo correspondiam os *vessades* dos falcões, dos quaes logo me occuparei num pequeno artigo independente; as *peias*, as «*piós*» («*peyoos*») <sup>2</sup>.

## CXXV

## SOSTRA

Não é desconhecido. O povo serve-se do termo para invectivar alguém de muito enxovalhado, figurando-o assim como coberto de uma *crusta*, rija de velha, de imundícies <sup>3</sup>. Pelo menos, todos os dicionaristas nacionaes, cujas obras consultei, estão de acôrdo em que *sostra* é sinonimo de *crosta* e deriva d'ele. Mas como? Só se *sostra* estiver por *\*chostra* e este por *crostra*, de *crústula* <sup>4</sup>, conforme já foi aventado no *Manual Etymológico*.

No século xiv denominava uma doença de bestas, caracterizada por uma crosta tão dura (em feridas no espinhaço, provocadas por cargas demasiadamente pesadas, ou trabalho muito assiduo com sela posta) que em latim a chamavam *córnea* (*Grind, Schorf, Kruste, Hornhaut*), *córnea*, igual á de calos e cravos (*Hühnerauge, Leichdorn*), com raiz muito funda. Mestre Giraldo dedicou-lhe um capítulo inteiro. («O tricesimo c. he da *sostra*», p. 5, 6; 40, 6, 10, 30, 35, 37, 38, 41 e 38, 34). E refere-se á *sostra da besta* também no *Livro das Aves de Caça*, onde descreve as bostelas que ás vezes se desenvolvem nas solas dos pés dos falcões; cravos, por serem tamanhos como cabeças de pregos <sup>5</sup> de tamanho regular.

Pero López de Ayala adoptou o vocábulo <sup>6</sup>, que é de formação galego-portuguesa, se a etimologia proposta fôr certa.

<sup>1</sup> Ibid., p. 195.

<sup>2</sup> Ferreira, I, 19: *piós, malhos, avessadas, saltos, cós*.

<sup>3</sup> Vid. Cortesão, *Subsídios*. Mas já estava no *Manual Etymológico* (p. 1248), com o derivado *sostreiro*.

<sup>4</sup> Cfr. *legra, regra, landre, listra*. Cornu, § 160, prefere a seriação seguinte: *chostra* < *\*clustra* < *custra* < *crusta*. Isto é: o segundo r é, segundo ele, mera epêntese eufónica, pertencendo á cohorte que mencionei nas notas relativas aos artigos LV e LXXXVII.

<sup>5</sup> P. 20: «E se vires que creceo arredor aquella bostela como a sostra da besta».

<sup>6</sup> A p. 267 traduz literalmente «si vieres que crece a derredor aquella postilla como sostra de bestia».

Mestre Giraldo emprega o adjectivo por tres vezes. Na *Taboada* (4, 29) ha (na epigrafe do capitulo XXI por lapso, *sũurento* (com til, que é preciso riscar): «O viçessimo prmeiro capitullo he . . . do cauallo augoado <sup>1</sup>, que se faz quando chega queente e sũurento e leixãno estar, sem trager <sup>2</sup> e sem comer» (4, 28-30).

No texto ha correctamente *suarento*, por duas vezes (33, 10 e 17).

Hoje dizemos *suarento*. Ignoro desde quando, e desconheço por completo documentos literários em que haja esse adjectivo, ou porventura *suorento*. A modificação explica-se bem. A fim de evitar a contracção dos dois *su* em um só, que teria obscurecido o carácter do vocábulo, houve assimilação da átona á consoante immediata. E o sufixo assim modificado influu em outras formações. Tres são privativamente portuguezas, modernas (salvo erro), e rimas de *suarento*, com *u* no thema: E são *fumarento* (do inf. *fumar* <sup>3</sup>); *luarento* (do substantivo *luar*); *çumarento* (*sumarento*) de *çumo* (gr. *ζωμω*). Só uma tem um predecessor latino, muito usado, e que pode, portanto, concorrer com *suarento* para o lugar de modelo das formações novas em *-olento*, *-orento*, *-arento*.

É costume explicar o vulgarismo *sonarento* por *sonorento*, de *sonolento* < *somnolentus*, não por troca de sufixo, mas por evoluções fonéticas successivas: troca de *-l-* (intervocálico) por *-r-* <sup>4</sup>, e assimilação da vogal átona a essa consoante secundária <sup>5</sup>. Quanto a *suarento*, derivam-no os mestres pelo último processo; directamente de *sudorentus* (sem asterisco) <sup>6</sup>. Para explicar *friorento* (que podia muito bem ser derivado peninsular de *frior* < *frigore*; ou modificação, por analogia, de *friuarento*, de *friuara*) postulam, mais complicadamente, *friolento* de *\*frigidulentus* <sup>7</sup>. Consideram como arcaismo o que, a meu ver, é forma posterior, dissimilada (cfr. *frol*, *priol*, *açafrol*, etc). <sup>8</sup>.

<sup>1</sup> *Erkältet, verschnupft*, conforme expliquei.

<sup>2</sup> Isto é: sem tratamento.

<sup>3</sup> Note-se todavia que de *fumo* ha mais dois derivados populares com *r*: *fumarada* e *fumarão*.

<sup>4</sup> Cornu, § 129.

<sup>5</sup> *Ibid.*, § 90.

<sup>6</sup> *Ibid.*, § 100.

<sup>7</sup> *Ibid.*, §§ 129 e 143. Diez, *Grammática*, II, p. 382; Meyer-Lübke, *Grammática*, §§ 442 e 516. — Leite de Vasconcelos explica *friorento* < *frigorentus*, conforme me diz, na revisão das provas. Com asterisco, seguramente?

<sup>8</sup> As outras formas com *l* só, em parte antiquadas, falam a favor da minha hipótese (*friolengo*, *friolera*, *friolero*, *frioliengo*) e mesmo *frialdad*, *frialdad*, *frialeza*.

\*

Redução de *ch* a *s* é todavia rara, e só podia ser provocada por analogia com formas duplas, antigamente coevas, como *xarope*, *sarope*; *xeringa*, *seringa*; *xastre*, *sastre*; etc. <sup>1</sup>

## CXXVI

## SUUR—SUURA

Em regra, o sufixo latino *-orem* deu *-ór* em português <sup>2</sup>. *Suór*, como se disse e diz, do século XVI em diante, é fruto de dissimilação <sup>3</sup>. O povo, tanto em Trás-os-Montes <sup>4</sup> como no Algarve <sup>5</sup>, continua a pronunciar *suór*, como os antigos, com o fechado.

No tratado de Mestre Giraldo temos *suur*; de mais a mais feminino: «E des y evoluãno bem e çilhem aquell pano desta coberta <sup>6</sup> e estê assy com elle ataa que a *suur* seia sumjda toda, delle e tolheyta» (p. 33, 33).

Creio que teremos de ler a *suura* (= sudação; estado de quem transpira), pois ha falta absoluta de formações em *-ur*, e multidão de derivados em *-ura* <sup>7</sup>. Confiramos *queentura* e *friura* (*Alveitaria*, 10, 9; *Caça*, 18, 36); *freura*, 11, 3 (*Alveitaria*, 11, 36; 19, 7 e 18).

## CXXVII

## SUURENTO

De *friura* derivo \**friurento* (*friorento* na era clássica). De *suura*, *suurento*; como *gordurento* de *gordura*; *farturento* (muito usado na Galiza) de *fartura*.

<sup>1</sup> Na Galiza não ha hoje nem *chostra* nem *sostra*, que eu saiba.

<sup>2</sup> Cornu, § 24.

<sup>3</sup> Cornu, § 26. Convém notar que o eminente lusitanófilo considera o raro vulgarismo *sudro* como representante do nominativo *sudor* (§ 363). Creio que, mera variante de *xudro*, está relacionado com *enxurdar-se*, *enxurdeiro*, *enxodreiro* de *sordidus*.

<sup>4</sup> Cornu, § 26, nota.

<sup>5</sup> Vid. J. J. Nunes, *Dialectos algarvios* (*Rev. Lusitana*, VII, p. 256).

<sup>6</sup> «Pano de boa laa (l. boa lãa) bem grosso, tam grande que cobra o cauallo todo e feyra pollo chão de toda parte» (p. 33, 26).

<sup>7</sup> Claro que *suar* é freqüente nos tratados de Mestre Giraldo. Também emprega *suadoiro* (*Caça*, 11, 23).



A favor d'essas ideias podem-se alegar duas considerações. Os Castelhanos possuem *soñoliento, sudoriento, friorento*<sup>1</sup>. E a procura de adjectivos latinos com os sufixos *-entus, -lentus*, que, em virtude da sua significação, podem ser acreditados como modelos primitivos da extensa série de formações novas em *-ento* que empregamos em Portugal e Espanha na linguagem familiar, inventando neologismos a cada pouco, não encontro melhores tipos do que *somnolentus, \*sudorentus* e *\*frigidulentus* (ou *\*frigorentus*).

O exame de todos levar-me-hia muito longe. Aproveito todavia a ocasião para lembrar aos filólogos portugueses que os parágrafos, curtos, dedicados pelos mestres, nas suas obras geraes, aos sufixos, são naturalmente insuficientes. Aos que falam português e vivem em contacto constante com o povo, incumbe tratar com ampla documentação histórica e dialectal<sup>2</sup> dos que tem vitalidade, distinguindo cuidadosamente entre palavras de papel, registados nos grandes inventários lexicográficos, e os que realmente são empregados pelo povo, quer em sentido real, quer em figuras e locuções pitorescas.

Creio que, quanto aos sufixos *-ento*<sup>3</sup>, *-lento* (*-acento, -alhento, -arento, -inhento, -enhento, -olento, -orento, -ulhento*)<sup>4</sup>, os investigadores tornaram provável a invenção de neologismos<sup>5</sup> em tempos antigos, em virtude da grande liberdade com que também no campo morfológico o povo português manejou sempre e maneja os elementos construtivos, conservando embora, ao mesmo tempo, numerosos arcaísmos, que o gosto mais culto das outras nações neo-latinas rejeitou de ha muito.

Se não fôsse a conservação do *-l-* intervocálico em *sonolento*, eu estabeleceria que este foi o modelo para todos os adjectivos em *-olento, -orento, -arento*, incluindo *suarento*, de Mestre Giraldo.

<sup>1</sup> Não está nos Dicionários communs.

<sup>2</sup> Abrindo ao acaso qualquer estado sobre dialectos, encontram-se formas novas: meras variantes de formas conhecidas (como *madornento = modorrento, trablento = turbulento*), ou derivações desconhecidas como *garnento; marfalhento, marafalhento; langanhento* (de *leganha*); *ravenhento* (= *raivento*). Vid. *Dialectos Algarvios*, em *Rev. Lusitana*, vii.

<sup>3</sup> Os verbos em *-entar* provêm em geral de gerundios.

<sup>4</sup> Os derivados em *-arã, -arada*, devem entrar em conta.

<sup>5</sup> V. g. *avarento, balorento, cinçento, fedorento, ferrugento, lamacento, laçarento, niçento, nojento, peçonhento, rabugento*. Em Vila-Real ha *ferçolento* por *forçolento*, e o curioso *hardento* por *hardeiro = herdeiro*.

## CXXVIII

## TARAÇO — TARRAÇO

*Alveitaria*, 48, 14. «Filha duas colheradas de lardo e duas de fellugem e hũa de sal e hũu taraço de vinagre».

Vaso não muito grande, talvez de medida certa. O confronto com as formas modernas aparentadas, tanto portuguesas como asturianas, e com outros passos antigos castelhanos, não deixa dúvida sôbre a verdadeira pronúncia (com *rr*) nem sôbre a derivação. *Tarraço* < *terraccus*, de *terra* <sup>1</sup>.

No *Libro de Monteria* de Alfonso XI ha diversas vezes *terraço*, como equivalente de barro. Uma vez entra como ingrediente num remédio «un pedazo de la piedra del alumbre et un pedazo de terrazo» (p. 197); em outro sitio é um «tiesto de terrazo» (p. 211) que serve para caldejar um animal doente <sup>2</sup>.

Tanto no Norte de Portugal como nas Astúrias, *tarro* designa um vaso térreo em que se colhe o leite ao ordenhar; *tarrada*, o que pode colher-se num tarro; e *tarraçada*, em linguagem chula, grande porção de bebida, que os sedentos emborcam nos gorgomilos <sup>3</sup>. Claro que *tarraçada* vem de *tarraço* <sup>4</sup>, do qual *tarro* se abstrahia para servir de rima a *jarro*.

Além d'isso ha *tarreño*, no Minho *tarranho*, a rimar com *barreño*, *barranho*, nomes também de vasilhas de barro. No Algarve <sup>5</sup> e no Alemtejo *barranha* e *barranhita* denominam uma espécie de infusa para leite <sup>6</sup>.

Quanto á substituição de *e* por *a*, por influência de *r*, ha exemplos numerosos no § 60 da *Gramática* de Cornu <sup>7</sup>.

<sup>1</sup> Nos escritos de Mestre Giraldo (e em muitos outros textos do século xv, como a *Côrte Imperial* e *Virtuosa Benefetora*), ha confusão constante entre *r* e *rr*, *s* e *ss*. Já o disse repetidas vezes.

<sup>2</sup> Note-se que também metiam *pedaços de muela de molino* em certos medicamentos.

<sup>3</sup> Vid. Coelho, *Manual*, e Rato de Argüelles. Nos Dicionários galegos não dou com *tarraço*.

<sup>4</sup> Cfr. Leite de Vasconcelos, na *Rev. Lusitana*, n, 23.

<sup>5</sup> Vid. J. J. Nunes, *Dialectos Algarvios*, p. 6.

<sup>6</sup> Vid. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Algumas palavras sobre pucaros de Portugal* (Paris 1905). — Na pronúncia de Lisboa *terra* soa *tarra*.

<sup>7</sup> Os Asturianos dizem *tarron* por *terron* (*Erd-kumpfen*); os Portugueses *turrão*, conforme já expliquei no artigo MELGRANADO. Vid. Cornu, § 87.

A. A. Cortesão<sup>1</sup> deriva *tarraçada* de *taçarrada*. À vista de *tarraço*, e em falta de *taçarra*, creio que não sustentará a aliás engenhosa conjectura. Ficam também derrotados os que estranhavam a falta de *tarraço*<sup>2</sup>.

## CXXIX

## TARTAGO — TÁRTEGO

No período arcaico havia essas formas populares de *tártaro* (*Weinstein*), que o leitor deve juntar às listas de esdrúxulos em -ego que já lhe apresentei. Temos *tartago* no *Livro das Enfermidades* (p. 16, 1 e 4), duas vezes deturpado por troca de *c* e *t* (14, 5 e 20)<sup>3</sup> e *tartego* (p. 14, 9). — Além d'isso Mestre Giraldo emprega o termo inexplicado *saro* da cuba. (*Caça*, p. 21, 37; *Alveitaria*, p. 21, 37 e 22, 27); e *sarro* (*ibid.*, 30, 35).

## CXXX

## TEIRA

Tema de *teiró*, *queiró*, *queiroz*. Mestre Giraldo fala do «poo da teira ou da çijnza dos feitos» (*Alveitaria*, p. 45, 10).

Para acrescentar aos materiaes que publiquei nos *Fragmentos Etymológicos* (N.º LXVIII).

Mas a origem?

## CXXXI

## TESTO

Mestre Giraldo emprega o substantivo *testo* como nome vulgar de uma vasilha de barro, posta ao lume com cal e mel:

«Filha a cal viua e ho mell e mestura todo e cozeo no fogo em hũu testo» (*Alveitaria*, p. 54, 3)<sup>4</sup>.

Claro que *testum* é masculino e sinónimo de *testa* (*Scherbe, Schale, Deckel, Hirschale, Stirn*).

<sup>1</sup> *Subsídios*, p. 135.

<sup>2</sup> *Rev. Lusitana*, vi, 207. Cfr. ii, 23.

<sup>3</sup> Vid. Ayala, p. 228; Ferreira, ii, 19.

<sup>4</sup> Ainda hoje, *testo* denomina um vaso de grés onde se põe a cal para caiar, comquanto o sentido comum, predominante, seja *tampa* de barro para vasos.

Também se serve do adjectivo parónimo que os Dicionários modernos registam com a significação abstracta de «enérgico, resolutivo, firme», e que derivam de *testa* (fronte) <sup>1</sup>, como se, desde o principio, tivesse sido sinónimo de *testudo*, *testarudo*, obstinado.

Mal, a meu ver.

O fisico de D. Denis applica o qualificativo a cousas muito positivas: uma vez ao coiro novo de uma ferida que endureceu; outra vez a uma massa para pilulas:

«e esto faze cada dia ataa que vejas que o coiro he bem *testo*» (*Caça*, 21, 19).

«Tomarás ho acever e moy-o e filha o çumo do funcho e deyta gota e gota no acever, de guissa que nom seja muito molle, em tal guisa que ante fiqy *testo*» (ibid., 11, 28).

No século XVI ainda continuava com funções iguaes. O Chiado fala de uma *massa testa* <sup>2</sup>. Portanto era e é sinónimo do participio adjectivado *teso* (*steif*), e da variante erudita *tenso* (*gespannt*). Como estes, é participio de *tender*; formado sobre os tipos neo-latinos em *-sto* de que temos em Portugal representantes pouco numerosos, mas interessantes. Entre os herdados do latim <sup>3</sup>, os mais importantes são *posto*, com *reposta*, *resposta*; *tosta*; *quisto*; e *comesto* <sup>4</sup>. Entre os analógicos, *visto*; entre os vulgares, as réplicas aos últimos dois: *bebesto* e *ouristo*.

## CXXXII

### TITELA

É a carne do peito, quer da galinha, quer do frango ou do pombo. Em sentido figurado: a parte mais estimada de qualquer cousa <sup>5</sup>. Em castelhano *tetilla*. «Dar en la tetilla de alg.» = tocar no seu lado fraco. Ou tenro. Deminutivo de *teta* «peito»; vocábulo que hoje não tem urbanidade e fidalguia sufficiente para ter as honras de literária e poética, mas que ainda no periodo áureo da poesia portuguesa entrou na epopeia nacional, na formosa descrição da

<sup>1</sup> De *testa*, *testo*. vem o castelhano *testuço* (Ayala, 225). O Português formou *toutiço* (*Caça*, 12, 8) do tema *touta*, que subsiste em *toutinegra* (*Schwarz-höpfchen*).

<sup>2</sup> P. 77 da ed. Pimentel.

<sup>3</sup> *Pasto*, *gesto*, *misto*, *hausto*, etc.

<sup>4</sup> *Pão comesto*, *companhia desfeita*.

<sup>5</sup> Um provérbio recomenda: *Do capão a perna, da galinha a titela*.

deusa Citerea <sup>1</sup>, e nos seus primórdios foi aplicado, sem pejo, pelo rei Sabio, mesmo ao seio da Virgem <sup>2</sup>.

Mestre Giraldo pronunciava *tetella*. Vid. *Caça*, 10, 31: «E dalhe della a comer em perna de galinha ou em tetella cada dia». — Ayala prefere neste passo uma asa (p. 220); emprega comtudo *tetilla*, *tetiella* a cada pouco <sup>3</sup>. Ferreira escreve ora *titela* <sup>4</sup>, ora *tutela* <sup>5</sup>.

Para evitar a haplologização de *tetela* é que se pronuncia *i* na primeira sílaba, conforme já foi indicado por Gonçalves Viana na *Ortografia Nacional*, p. 104 <sup>6</sup>.

## CXXXIII

## TONOEIRO

Para ensinar o cavalo de sorte que não fôsse espantadiço, era praxe levá-lo, em novo, a lugares de feira e sítios barulhentos.

«Outrossy he bõo ao cauallo de o caualgarem mansamente pella villa e fazerê-no hir ameude per hu jouuerem coiros e per hu esteuer mujta gente e per hu laurarem os ferreiros e os tonoeiros» (*Alveitaria*, 14, 40) <sup>7</sup>.

Quanto ao significado e ao étimo, não ha dificuldades. *Tonoeiro* (*Böttcher*, *Fassbinder*) é evidentemente quem faz *tonéis*; *tonel* vem do germânico *tonne* (ahd. *tunna* <sup>8</sup>), que deu aos Italianos *tonello*, aos Franceses *tonneau*, *tonnelle*, aos Castelhanos e Galego-portugueses *tonel*. E *tunnel* a todas as nações civilizadas por intervenção dos Ingleses.

Mas como se explica a forma *tonoeiro* em vez de *toneleiro* <sup>9</sup>, ou a par, visto que os lexicógrafos registam também essa pala-

<sup>1</sup> *Lusiadas*, II, 36. Cfr. IX, 56.

<sup>2</sup> *Cantigas de Santa Maria*, n.º 105.

<sup>3</sup> Nos Romances velhos e nos Livros de cavalaria ha centenas de provas do apreço que davam ao deminutivo (*tetiella*, *tetellas*, *teticas*) e também ao tema. Vid. *Cetraria*, p. 36.

<sup>4</sup> Vol. II, pp. 9, 11, 37, etc.

<sup>5</sup> Vol. I, 36.

<sup>6</sup> Cfr. J. Cornu, § 96.

<sup>7</sup> Ha outro trecho documental nas *Ordenações Afonsinas*, segundo Moraes. Do século XV portanto.

<sup>8</sup> Diez, *Etym. Wörterbuch*, I.

<sup>9</sup> Esta forma não está isolada. Ha *pasteleiro*, *picheleiro* e *papelaria*.

vra, menos usada, com *tonelaria*, e com *tonelada*, que não tem substituto. Segundo a regra, *tonoeiro* devia proceder quer de \**tonão*, irmanando com *carvoeiro*, *cordoeiro*, *falcoeiro*, *latoeiro*, *pisoeiro*, *pregoeiro* <sup>1</sup>; quer de *tónoa* < *tonnula*, irmanando com *Povoeiros* <sup>2</sup>; ou então do feminino *tonóa*.

Ambos os aumentativos talvez existissem no periodo arcaico da lingua, quer como derivados directos de *tona* (prov. *tona*, fr. *tonne*), quer tirados de *tonel*, com troca de sufixo, inventada por quem achasse impróprio o *-el* deminutivo, no nome de vasilhas que costumam ter a lotação de duas pipas, ou mais. Mas por ora não os encontrei. Só descobri *tonel* e *tonelzinho* nas obras galego-portuguesas de Afonso X.

Numa Cantiga <sup>3</sup> em que narra como Santa Maria acrescentou o vinho no *tonel* a uma dona desprevenida que visitada, na Bretonha, por um rei não tinha em casa vinho bom que chegasse

mas de bon uynno pera el era muy menguada,  
ca non tijna senon pouco en un tonelcynno.

A favor da minha hipótese só posso alegar trechos muito tardios, de um escritor especialista que emprega *tonoar* na acepção de concertar toneis, e *tonóa* na locução equivalente de *fazer a tonoa* <sup>4</sup>. Além d'isso a variante *tanóa* que hoje designa fábrica de vasilhame de madeira <sup>5</sup>, como os derivados comuns *tanoaria* e *tanoeiro*, únicas formas verdadeiramente populares <sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Juntamos *nevociro* de *névoa*, *çafoeiro*, *raçoeiro*, *algodoeiro*, *limoeiro*, *vidoeiro*, *capoeira*, *ladroeira*, *pulmoeira*, *ratoeira*, para não citar senão vocábulos populares. Virtualmente podemos formar derivados em *-oeira*, *-oeiro*, de todos os substantivos em *-ão* < *one* ou *-ão* < *ano*. Ha muita observação curiosa a fazer a respeito d'essas palavras (e das em *-oada*, *-oado*, *-oar*, *-oalho*, *-oal*, *-oação*, assim como das em *-ieira*, *-ieiro*).

<sup>2</sup> Hoje dizemos *Póveiro*. — *Bacalhoeiro* talvez venha também de *Bacalhoa* e não irregularmente de *bacalhau*. *Relojoeiro*, embora incorrecto por *relojeiro*, passa por mais culto do que *relojeiro*, já o disse nas anotações relativas ao artigo CVII: PENTEIRO.

<sup>3</sup> CM. 23, 3.

<sup>4</sup> *Agricultura das Vinhas*, de Vincêncio Alarte (por outra, Silvestre Gomes de Moraes). Só o conheço de nooe, pelos Dicionários bibliográficos e os da lingua portuguesa.

<sup>5</sup> *Pipas*, *barris*, *dornas*, *tinhas*, *canecos*, de aduelas e arcos; *gamelas*, vassadas de uma só peça.

<sup>6</sup> Nos Dicionários andam também *tanoar* e *tanoado*.

De *tonoeiro* para *tanoeiro* ha um só passo. Mais um exemplo da preferência do povo por *a* na sílaba inicial átona? Dissimilação? Influxo de *canoaz*, primeira voz americana que entrou nos Dicionários peninsulares<sup>1</sup> e que tomou em Portugal, na linguagem familiar, o sentido de *banheira*, *tinaz*<sup>2</sup>. Ou de *tãalha*, *talha*, outro nome de uma vasilha para líquidos?

Quanto a esse *talha*, de *tãalha* por *tãalha* < *tinacula*<sup>3</sup>, é facto que hoje denomina vasos de boca relativamente estreita, mas bojo volumoso, do feitio de tonel e gargalo curto. De barro. Não faltam todavia indícios de que outrora fôsssem de madeira. Em primeiro lugar é costume figurar no barro os arcos do tonel que imita. Em segundo lugar servia para vinho, e é nomeado a meude juntamente com *cubas* e *tonees*. Por ex., nas *Côrtes de Évora*: «cubas, toneis e taalhas» (p. 65) e «cuba, tonel ou taalha» (ibid.). «E aqueles que quiserem deixar o vinho em taalha ou em tonel» (*Ined.*, v, p. 192). «Talhem lhy os arcos às cubas ou aos tonees ou lhy bitem as tãalhas e entornemlhy todo o vyno» (ibid., p. 491).

Da transição de uma forma para a outra ha um reflexo em *cântaros taalheiros* de Évora<sup>4</sup>, terra clássica do grande vasilhame de barro para vinhos e azeites.

Com respeito a *tinaz*, em português, a permanência de *n* parece indicar que o vulgo latino dizia *tinna*.

Nas *Cantigas* de Alfonso X ha *tinha*, que devemos considerar ou como castelhanismo arcaico, ou como forma contraída de *tinha*, *tin* + *inha*. Parece todavia anacrónica antes de 1284.

Na Cantiga 321 é que se lê:

et tal saude comprida  
ouue sen beuer sarope  
nen auer bano<sup>5</sup> de tynna»<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Vid. *Romania*, n.º 117, p. 120. Este influxo, claro que é possível só se *tanoaz* fôr posterior a 1403, como suponho.

<sup>2</sup> *Weinbutte*.

<sup>3</sup> Cornu, § 255. *Tinaja* em castelhano. *Tinelo*, *tinelária*, *tinelório*, são vocábulos eruditos.

<sup>4</sup> Vid. *Documentos Eborenses*, I, p. 146.

<sup>5</sup> Leia-se *banno* = *banho*.

<sup>6</sup> Em rima com: *meezinha*, *pastorynha*, *vinha*, *sanguinha*, *andorinha*, *aginha*, *manhaninha*, *convinha*, *espinha*, *mesquinha*, *mininha*, *reinha* e *tinha* (*auia*).

\*

Dozy<sup>1</sup> acaba o artigo *ALMOTOLIA* com a pergunta: «Le pg. *talha* qui a le même sens aurait-il aussi la même origine?».

Não, evidentemente.

Quanto a *almotolia* (= a untada de pezo; ou vidrada, como prefiro dizer com Frei João de Sousa, المظلية, ou المظلية, do verbo ظلا, ظلي, ظلي<sup>2</sup>), consignarei aqui as formas arcaicas *almetolia*<sup>3</sup> e *amol-telia*<sup>4</sup>, assim como as tradicionaes *almotaria*<sup>5</sup>; e *âmotriga*, *almo-driga*<sup>6</sup> (de *almodri-a*, com epêntese de g).

### CXXXIV

#### TORMENTINA (TERMENTINA) — TREMENTINA (TREVENTINA)

Quatro tentativas diferentes, antigas, de vulgarizar e tornar plausivel o nome erudito de *terebentina* (em português também *terebentinha*). Claro que só vingaram<sup>7</sup> as claramente influidas por *tormento* e por *tremar*, e não as de transição. *Tormentina*, precedido de *termentina*, é de Mestre Giraldo; *trementina*, precedido de *treventina*, de Pero López de Ayala. São, todavia, pouco usadas em Portugal, subsistindo pelo contrário, no reino vizinho, mesmo em linguagem literária.

Ao produto semi-líquido da resina destilada, quer provenha da árvore *terebinto* (*Pistacia terebinthus*), quer de diversas coníferas, como o pinheiro marítimo de Portugal, dá-se, em regra, entre nós, como é sabido, o nome de *agua-rás*, *aguarrás*, do

<sup>1</sup> P. 177, 8.

<sup>2</sup> Freytag, II, 68: «*allevit, oblevit, inunxit corpus oleo, pice*». O particípio passivo da 4.ª forma não foi registado pelo grande arabista, nem o sentido de «vidrar, brunir, dourar».

<sup>3</sup> *Inéditos*. de Frei Fortunato de S. Boaventura, II, p. 126, onde falando de «hũu castiçal de mui puro ouro» diz: «este candieiro tijnha set cabeças iugaes en que poinham set candieiros ou luzernas e aviam hij set almetoias douro de que lançavam o azeit enos candieiros».

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 236: «e tomou Samuel hua amoltelia d'olio».

<sup>5</sup> *Rev. Lusitana*, XI, 183 (Baíão).

<sup>6</sup> Vila Real.

<sup>7</sup> Vingaram na boca do vulgo. Vid. Cornu, § 188.



latim *rasis*, que designava uma espécie de peiz (fr. *rase*; ital. *acquaragia* < \**raseda*).

Vid. *Alreitaria*, II, cap. XLII, *Das Encalçaduras*: «Ffilha a alforua e a lynhaça e a tormentyna, que he hũa goma liquida» (p. 48, 5).

*Caça*, cap. XII, *Dos Cravos*: «... toma a termentina e ho sabom frances e cynza de vides, e a termentina seja a mayor parte, e o sabom tanto como a meetade da termentina» (p. 20, 21 sgs.).

*Monteria*, cap. X, *Llagas de nervios*: «galbano et aluxaque... fervion et cortezas de acienso... et ayuntad hi un poco de treventina» (p. 141).

*Ayala*, cap. XXVI, *Claros*: «toma la trementina et jabon francês — et ceniza de sarmientos et la trementina sera lo demas, et el jabon tanto como la meitad de la trementina» (p. 266).

## CXXXV

## TORONDO

Aos passos de Mestre Giraldo e Fernández Ferreira, que citei no artigo *Condilhões*, corresponde no tratado de Pero López de Ayala: «et si vieres que por encima desta finchazon se levantan unos torondos, tan grandes como garbanzos, non cures dellos»<sup>1</sup>.

*Torondo* < *turundus* por *turunda*. O que na antiga Roma era um inchaço ou enchimento quer de fios para feridas (alemão *Bäuschlein*), quer de massa para cevar aves (*Nudel*)<sup>2</sup>, veio a denominar na Península inchacos produzidos por contusão ou pancadas: *tumores*, *caroços*, *túberas*<sup>3</sup>. De *torondo* (com *torondon*, *torondoso*) se fez modernamente *tolondro* (com *tolondron*)<sup>4</sup>. Em Portugal *tolontro*<sup>5</sup> passa por ser castelhanismo.

<sup>1</sup> Cap. XXXVII, p. 271.

<sup>2</sup> No *Magnum Lexicon* explicam: massa para cevar aves; mecha de fios para feridas.

<sup>3</sup> *Diccionário* da Academia: «bulto ó chichon que se levanta em alguma parte del cuerpo, especialmente en la cabeza, de resultas de un golpe». Em português o nome familiar de *chichon* é *galo*.

<sup>4</sup> Vid. Cornu, II, 145 e 160. — O italiano *torrone* (Caix. *Studj di Etimologia*, II, 634) não tem nada com *turunda*, como se prova pelo português *torrão de açúcar*, e castelhano *mel en terron*.

<sup>5</sup> *Tolontro*, em vez de *tolondro*, talvez porque a esse se não acha rima na lingua portuguesa, emquanto a forma reforçada responde pelo menos *encontro* (e *lontro*, como em algumas partes se diz por *lontra*).

## CXXXVI

## TRINCHEIRA

Meros materiaes para a solução futura do problema que o tema *trinch-* encerra.

Consistem na prova de que no periodo arcaico *trincheira* era o nome usual da parede divisória do nariz do cavallo e da gente, e talvez da parte da armadura que cubria o nariz. (*Nasenbein, Nasenbein-Schiene*).

Na curiosissima paródia das gestas épicas francesas, que figura no *Cancioneiro da Vaticana*, um dos cavaleiros descritos aparece com «capelo de ferro» e «anas(s)al na trincheira» (C. V., 1080, v. 46)<sup>1</sup>. *Anasal* esta por *nasal*, como se lê na lei-tarifa de 1253 em que não falta o preço do *capello nasale*<sup>2</sup>.

Mestre Giraldo emprega-o no plural, o que faz suspeitar que se refere ás paredes nasaes.

No capitulo em que trata de doenças de olhos prescreve um emplastro de quatro dedos de largura que «abranja de uma trincheira á outra» (p. 21, 27). — «Outrossy pera ho chorar dos olhos presta muyto de lhy quejmarem duas veas meestras que tem a par de as trjncheiras» (p. 21, 35). — «Vinolas ssom hūuas landoas que naçem antre a cabeça e ho collo do caualo de hūa parte e da outra so as trjncheiras» (p. 25, 25). — «... mezhinhẽ-no danballas trjncheiras» (p. 32, 30).

## CXXXVII

## VAUGO

No capitulo 1 da Parte II do *Livro de Alveitaria*, o fisico de D. Denis trata de algumas enfermidades com que nascem os cavalos. Uma d'ellas consiste na deformidade das pernas. «E outrossy naçem muytas vezes os cauallos com as pernas tortas e vaugas» (p. 18, 16). Isto<sup>3</sup> é, com aprumo defeituoso nos membros posteriores, metendo os joelhos para dentro<sup>3</sup>. O que hoje se chama *cambaio*, *zambo*, *zambro*. Com pernas em x (*X-Beine*), como dizemos

<sup>1</sup> O vocábulo ocorre também em outra cantiga de *escarnho* (CV. 1025), com relação a outro *capelo*.

<sup>2</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

<sup>3</sup> Vid. *Diccionario Pratico Illustrado*, p. 205

na Alemanha, de modo que vistos de trás saia a linha que nas lentes de cristal é bi-concava.

*Vaugo* < *val'go* < *varicus*.

Esta etimologia tem a vantagem de ser muito singela — o que não quer dizer que me custasse pouco trabalho. A principio me enveredei por outro caminho. O de *vaugo* < *vaciuis*, que nos deu *Vouga* de *Vauga* < *Vacua*. Tive de largá-lo todavia, porque o latim *varus*, *varicus*, com todos os seus numerosos e curiosos derivados, já se applicava em Roma a cavalos de pernas tortas, e tem representantes populares na Italia <sup>1</sup>.

### CXXXVIII

#### VEADOR — VEEDOR

São duas as teses que pretendo formular, com certa hesitação, porque nos elementos de que disponho ha lacunas.

A primeira diz que o titulo *Livro de Caça*, sem o termo intermédio *das Aves* (*Livro das Aves de Caça*), considerado insufficiente por alguns criticos, é equivalente perfeito de *Livro de Cetraria*.

O teor da segunda é que, originariamente diversos, quanto á origem e quanto ao significado, os dois substantivos *veador* e *veedor*, coexistentes no século xiv, se fundiram num só — *vêdor* — no xvi, depois de o povo os haver confundido.

Para tornar aceitável a primeira, basta lembrar que *caça*, de *caçar* < \**captiare* (com *caçador*, *caçada*, etc.), se applicava na idade-média, em Portugal, exclusivamente á captura de aves, quer por meio de redes e armadilhas, quer ferindo-os com setas e flechas despedidas do arco <sup>2</sup> ou da *bêsta* < *bvesta* < *baesta* < *balista*, quer sobretudo por meio de aves de rapina, adestradas por cetreiros, falcoeiros, açoreiros: *aves caçadores*, como dizia Mestre Giraldo <sup>3</sup>. *Livro de Caça* é, portanto, um *Livro de Cetraria*: ein *Buch von der Vogelbeizę*.

Á caça das feras — ursos, lobos, javalis (porcos monteses), cervos, gamos, corças — exercida com sabujos, alãos e podengos <sup>4</sup>,

<sup>1</sup> Vid. Caix, *Studi di Etimologia*, § 126.

<sup>2</sup> No Cancioneiro galego-português ha um cantar em que a namorada descreve a *caça*: «nas ribas do lago u eu andar vi a las aves meu amigo... seu arco na mão ás aves ferir (a las aves tirar)». E, traço poético: poupava todas as que cantavam (CV. 902).

<sup>3</sup> Ainda não colleccionei passos anteriores a 1328.

<sup>4</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 200.

em montados, por homens a cavalo e de pé, armados de azcumas, azagaia, cutelos (facas de mato), dardos e outras armas de ferro, dava-se o nome de *montaria* (*monteria* no reino vizinho). O caçador que a exercia era *monteiro*<sup>1</sup>; o chefe superior dos da côrte, *monteiro-mór*<sup>2</sup>; seus ajudantes, *moços do monte* (e *buscantes*)<sup>3</sup>. Os livros que d'ela tratavam eram *Livros de Monteria*. Exemplos, o de D. Alonso XI e o de D. João I.

Nas discussões antigas sobre a preeminência da *monteria* sobre o desporto da cetraria (ou vice-versa), ha muitos passos com que podia documentar essa distinção. Baste um do último falcoeiro de Portugal, que, embora pessoalmente prefira a caça com aves, enaltece ambas como passatempos justos e saudáveis de reis e monarcas do mundo, preparo certo da milícia, conservadoras da castidade, alívio de cuidados, mães de altos pensamentos, toque no qual se conhece para quanto cada pessoa seja.

«Esta se reparte em duas caças bem diferentes: uma das feras escondidas nos bosques, outra das aves celestes... Estas duas caças são diferentes no modo de caçar. As feras se caçam e perseguem com cães e se matam a ferro e a fogo, incitando a fereza e crueldade. A nossa das aves é de príncipes, e se faz muito pelo contrário, com amor, com engenho e industria, com prudência e sofrimento»<sup>4</sup>.

O nome originário, herdado, do *monteiro*, foi *vẽador*. Seguramente, embora eu não possa apresentar textos comprovativos. Nos séculos XIV, XV e XVI ha *veador*, mas já com sentido um tanto desviado; depois *veedor* e *vẽdor*. Nos *Foraes* e na legislação do século XIII ha *venator*<sup>5</sup>—único nome de que dispunham os Romanos, e que também passou ao reino vizinho<sup>6</sup>, sendo substituído por *caçador*, como em todo o mundo neo-latino, depois da decadência da Arte de Cetraria.

*Vẽador* mal podia ter faltado no grupo de vocábulos derivados do tema *vena-*, de *venari*, «caçar». *Veação* < *venatione*: acção de caçar, caçada no monte (*Jagd*); animal bravo, perseguido e morto por homens armados e seguidos de cães (*Wild*); carne do animal

<sup>1</sup> Gama Barros, *Historia da Administração Publica*, I, p. 426.

<sup>2</sup> *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 791.

<sup>3</sup> *Inéditos de Historia*, III, 477 e passim.

<sup>4</sup> *Arte de Altanería*, I, cap. I (vol. I, p. 24).

<sup>5</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 384, 743, etc.

<sup>6</sup> *Venador*, com *venacion*, *venado*, *venadero*. Antiquados, com excepção do último.

por elles morto (*Wildpret* <sup>1</sup>). *Veado* < *venatus*, rês de caça, maior <sup>2</sup>, sem distinção do género (*Schwarzwild und Rotwild*); mas em particular (com o feminino *veada*) o *cervo*, cuja monteria passava por ser a mais nobre e magnífica: a caça por excelência <sup>3</sup>. *Veadoiro*, *veadeiro*, o sitio onde os veados tem a sua *querência*; e, como adjectivo, aplicado a cães usados na caça do cervo. *Vearia*, casa onde se guardava a veação dos soberanos. *Venatória*, *venatório*, termos eruditos dos clássicos. D'estes provém o nome próprio *Venadôro*, empregado, por exemplo, por Luis de Camões no *Auto do Filodemo*, em que um mancebo, fragueiro e muito dado ao exercício da caça, entoa panegíricos à sua arte varonil <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 462; *Ordenações Afonsinas*, 1, 67; *Inéditos*, III, 294, etc.

<sup>2</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», passim (vejam o respectivo índice). Quanto a veado, cervo, lembro o provérbio: *Porfia mata veado e não bêsteiro cansado*, variante antiga de *Porfia mata caça*.

<sup>3</sup> Houve muitos nas florestas de Portugal Velho, como se vê na legislação medieval, — sem exclusão da lei-tarifa de 1253, em que se estabelece o preço da pele e de correias de veados e corças. — *Cervo*, *cervus*, é frequentíssimo nos monumentos em prosa e também nos poéticos do primeiro periodo da literatura. Ha p. ex. no Cancioneiro galego português um jogral, que talvez fôsse monteiro de Afonso III, ou de D. Denis, com uma dezena de lindos cantares de amigo, cujo scenário é o monte, e a fontana fria onde os cervos vão beber. Chamava-se Pero Meogo (ou Moogo < *monachus*). Vejam no *Cancioneiro da Vaticana* as cantigas 789-797:

789 ena font' u os cervos vam beber  
 790 a la font' u os cervos vam beber  
 791 como cervo ferido de monteyro del rey  
 791 como cervo ferido de monteyro mayor  
 792 Ai cervas do monte, vim vos preguntar  
 793 O cervo do monte a augua volvia  
 794 Enas verdes ervas vi andar las cervas.  
 795 Irei, mia madre, a la fonte  
     u van os cervos do monte.  
 796 Poi-lo cervo i ven,  
     esta fonte, seguide a ben.  
 797 Tardei, mia madre, na fontana fria,  
     cervos do monte a agua volvian.

<sup>4</sup> Acto II, scena VIII. Este Venadôro andando um dia no campo após um cervo, perde-se dos seus e encontra, ao pé da *fontana fria* dos trovadores e dos bucólicos, uma menina no acto de encher a sua talha, ou o seu pote, da qual se namora. Vid. Argumento; acto II, scena 8.ª; III, 2.ª; IV, 4.ª, onde o poeta utiliza ora *cervo*, ora *veado*, conforme as exigências da rima.

Do sentido restrito de «monteiro-mor» *vêador* já havia passado na primeira dinastia a designar, em sentido mais lato, o inspector supremo da economia da casa real, que além de *rearias* e *reações* administrava todo o serviço de cozinhas e salas de jantar,— e mais alguma cousa <sup>1</sup>. Na hierarchia palaciana vinha logo depois do mordomo-mor (*maiordomus curiae* <sup>2</sup>), e mais de uma vez o mesmo titular acumulava as duas funções. O termo correspondente latino que aparentemente o designava, não era, todavia, *venator*, mas sim *dapifer* <sup>3</sup>.

Além do *veador-dapifer* <sup>4</sup>, e abaixo d'ele, havia diversos veadores da fazenda destinados «a veer o aver del rei <sup>5</sup>» (isto é, do estado), *veadores de obras*, p. ex. da cidade de Lisboa <sup>6</sup>, *veadores de mesteres*, que tinham de avaliar como juizes o bem ou mal feito das obras dos respectivos artigos <sup>7</sup>.

Todos elles eram inspectores; tinham de *veer*. E como o termo *veedor*, *vêdor*, existia na boca do vulgo,— formado de *veer*, *veer*, como *leedor* de *leer* < *legere*, *creedor* de *creer* < *credere*, etc.,— onde designava aquele que tinha o condão de adivinhar com a varinha de aveleira, ou sem ela, veias encobertas de agua <sup>8</sup>, nada mais natural

<sup>1</sup> Todo o serviço doméstico do soberano, todo o govêrno da casa real, incluindo as *moradias*.

<sup>2</sup> Na *Crónica de D. João II*, de Garcia de Resende, vê-se bem, na descrição das Festas de Evora, que o *veador* e os *veadores da fazenda* vinham logo depois do mordomo-mor (cap. cxxiii e cxxiv). Todos os mais officiaes da côrte iam com os barretes na mão até o estrado dos Principes, onde faziam suas grandes mesuras, «e os veaderes da fazenda hiam com os barretes na cabeça até o meyo da sala, e do meyo por diante os leuauam na mão, e o mordomo-mor hia sempre cuberto até o fazer da mesura. que juntamente fazia e tiraua o barrete».

<sup>3</sup> Vid. Gama Barros, *Historia da Administração Publica*, livro 1, título II, cap. 1 e II, vol. 1, pp. 586, 591, 601, etc., e *Elucidário*, s. v.

<sup>4</sup> *Inéditos*, III, 443. Num Regimento de Afonso V, sobre jantares e ceias do monarca, destina-se que «o veador andará sempre per todas estas ditas casas, provendo como está. porque a ele pertence *veer* e dar ordem a todos».

<sup>5</sup> *Ordenações Afonsinas*, III, 89, 1.

<sup>6</sup> *Inéditos*, III, pp. 423, 424, 425, 441, 443 e 452.

<sup>7</sup> Vid. *Inéditos*, III, p. 513 e *Documentos Eborenses*, I, pp. 138, 139, 140 e 143.

<sup>8</sup> O feminino *veadeira*, *vêadeira* designava mulheres de virtudes que adivinhavam diversas cousas. Vejam a cantiga 391 (= 1518) do *Cancioneiro Colocci-Brancuti*.

do que a etimologia popular que considerava o *reador* como um *vêdor* e a sua *readoria* como *vêdoria* <sup>1</sup>. Se no paço se esforçavam por conservar o título antigo (*o Veador da Rainha, Veador dos Infantes*, creio que subsistiu até hoje), o vulgo pronunciava resolutamente *vêdor*, já no século xiv. Os escritores vacilavam naturalmente. Não é raro empregarem na mesma página com respeito á mesma pessoa, ora a forma cortesã, ora a vulgar <sup>2</sup>.

Por isso os lexicógrafos chegaram a ter *reador, viador* (como parece, se escreveu ás vezes) em conta de mera deturpação de *veador*! <sup>3</sup>

Em prova da confusão que houve citarei uma composição do *Cancioneiro Geral* (fl. 165) <sup>4</sup>, de Nuno Pereyra a Anrique d'Almeida, porque estando em Santarem soube como ele servia de *reador* ao Duque D. Diogo.

A risota com que ele acolheu, e outros acolheram, essa nova, liga-se ao facto que, sendo já de idade, o *vêdor* *via* mal. Por isso uma das damas, que ajudaram o empresário da partida, aconselha-lhe que comprasse uns óculos <sup>5</sup>. Se não se pronunciasse comumente *veador, vêdor* <sup>6</sup>, essas picuinhas não tinham graça nenhuma.

Ha, de resto, nesses versos de *escarnho* numerosas illustrações dos deveres do *reador*.

\*  
«e agora cam (= quam) pomposo  
andareys com vossa cana  
diante das igoarias,  
com goarda, goarda porteiro . . .  
Com o rrol das moradias  
já agora neste Janeyro.

<sup>1</sup> *Vêdoria*, na acepção de «sabedoria, noticia, conhecimento», não é frequente, mas existe. Vid. *Ordenações Afonsinas*, passim: «se vier á nossa vêdoria».

<sup>2</sup> *Inéditos*, III, pp. 423, 424, 425, 441, 443 e 452.

<sup>3</sup> A começar com Moraes.

<sup>4</sup> Vol. III, p. 162: «Correm qua por Santarem que vos chamam veador... Correm qua as novas, correm da vossa veadoria». Cfr. pp. 164, 165.

<sup>5</sup> «E huuns ocolos compray Que rrequerem a tal ydade» (p. 164).

<sup>6</sup> A forma contraída já ocorre naturalmente no século xiv (p. ex. num documento de 1372, citado por Gama Barros, I, p. 601 sgs.). Lembrem-se de que nos tratados de Mestre Giraldo temos *ser, quente, gerar, quentura, mester, mezinha*, além de *cinza, trigo, funcho*.

Que mandar fazer de lume,  
 que mandar armar de panos,  
 que chamar aos moços manos!  
 que castiguos de queixume!

.....  
 Sem vos ver nem laa estar  
 vede se ssam adeuinha:  
 qu'ys çem vezes aa cozinha  
 por vos mais negoçar!

Mandar acender tochas, repartir a consoada entre os moços, são também afazeres do velho veador, ridicularizado por donzelas da senhora dona Felipa de Lencastre.

### CXXXIX

#### VEREZES (VERREZES) 1

«Ffazesse hũa infirmjdade aos cauallos no espinhaço e ssom como jnchaços e escoyramentos e fazense da sella e da gram carga ou de sobegidõoe do sanguy. E esta doença chamam em latim *crabuncollos* e em nossa ljuaguagem *verezes*» 2.

Hoje *carbúnculo* é sinónimo de *antraz*; e *várices* (na pronúncia popular *varízes*) é dilatação das veias, sobretudo nas pernas.

Antigamente, porém, ambos esses nomes de doenças tinham applicação mais extensa. *Carbúnculo* designava uma espécie de tumor; e *varices* (de *varus*, «borbulha, tubérculo») na mesma 3. O próprio fisico de D. Denis chama-a *inchaço*. Pronunciando *vérezes* 4 — e collocando o vocábulo ao lado de *lesmezes*, *guermeces* — tiro-o, portanto, de *varices*, supondo accção do *i* postónico sôbre o *a* tónico 5.

1 Na epigraphe do cap. xxxi, ha *verrezes*: *rr* por *r*. Caso frequentissimo na grafia caótica de Mestre Giraldo. E como sabem, a duplicação positiva deu-se em numerosas palavras peninsulares (*arranhar*, *carranca*, *erriçar*, *terrincar* ao par de *trincar*; gal. *carraxe*, *carrapucheirinha*, etc.), como já lembrei nos artigos I e XLIII.

2 P. 41, 9.

3 Vid. Du Cange, s. v.

4 Isto é, com redução tão forte do *e*, que seja um verdadeiro *e muet*.

5 Vid. Cornu, § 3, 2.



## CXL

## VERMELHOS

Parece ser mais uma designação popular dos *pulmões*, qualificativa como *leves*<sup>1</sup> e *levianos*<sup>2</sup>, e em França *mou, mol*.

Mestre Giraldo conta que as lombrigas chamadas *filandras* ou *filomeras* (al. *Fadenwürmer*), começam a comer no corpo das aves: «primeiro nos vermelhos e deshy no coraçam» (cap. vii, p. 16). E Ayala traduz que «en punto que ellas son complidas, tan grandes como han de ser, luego comienzan de comer el cuerpo del falcon, conviene á saber los livianos et despues el corazon» (cap. xxi, p. 252).

E não se pode dizer que o qualificativo seja impróprio.

## CXLI

## VESSADRE

Ha muito que tomei nota de um passo da preciosa lei de Afonso III, de 1253, que fala do preço de correias: «Et melior corrigia de ceruo uel de corzo uel de gamo pro ad cintazes uel pro ad uessadre ualeat tres denarios»<sup>3</sup>. Depois, tive ocasião de lhe juntar outro das *Cantigas de Santa Maria*<sup>4</sup>, curioso porque o nome da misteriosa tira de coiro ou sola tem ahí sentido alegórico. Alfonso X enaltece a fôrça e destreza com que a Virgem dá xeque e mate ao demo, num dos *Hymnos* ou das *Laudes* que, de dez em dez, interrompem os monótonos *Milagres*. Cada uma das estrofes termina, como de costume, com a repetição da ideia que fôra enunciada na primeira.

Se nela dissera: «et per esta maneira o demo destroiste»; na segunda replica: «et per esta maneira iaz o demo na grade»; na quarta: «iaz o demo nas palhas»; na quinta: «iaz o demo na lama». Na terceira «iaz o demo en uessadre». Em rima com *padre, madre*.

<sup>1</sup> *Rev. Lusitana*, 1, 180.

<sup>2</sup> Vid. *Cancioneiro Geral*, II, p. 29, onde se nomeiam *bofes, chofres e levianos*.

<sup>3</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

<sup>4</sup> *C.M.*, 90, 3.

Confesso que o modismo, cujo sentido geral de *prisão* não me podia escapar, me intrigou fortemente, como tudo quanto não compreendo bem.

Só agora o percebi, depois de haver estudado os livros de cetraria do século XIV, — trabalho que me fez reconhecer, pouco a pouco, quantas metáforas e parábolas os poetas peninsulares tiraram da nobre arte de falcoaria.

\*

*Vessadre* era o nome das tiras de coiro com que se prendia o falcão à alcândara<sup>1</sup> (alcândora). Para elas escolhiam o material melhor, que reunia à qualidade essencial da resistência a da finura. A flexibilidade era considerada, depois da solidez, como qualidade essencial d'essas prisões, porque, nos casos tão frequentes de operações cirúrgicas, serviam para amarrar a ave com segurança, mas sem a magoar<sup>2</sup>. *Vessadre* é, portanto, *versatile*: móvel, fácil de mover.

No período clássico já não entendiam o sentido do adjectivo substantivado. E por desconhecerem o sufixo *-adre*, absolutamente isolado na lingua portuguesa<sup>3</sup>, derivaram-no, Deus sabe como, de *avesso* < *adversus* ou de *avessar* < *eversare*<sup>4</sup>, dizendo *avessadas* — forma que já estava preparada no tempo de Mestre Giraldo (ou no do seu copista), pois esse escrevera várias vezes *vessade*.

Em Espanha olhavam de preferência para a extensão da correia: ela devia ser mais comprida do que todas as restantes da *guarnição* integral das aves de caça. Por isso a chamavam *lonja* < *longia*, como feminino popular de *longius*.

Comtudo, ha exactamente no reino vizinho um derivado, pertencente ao fundo latino, que irmana, quanto à formação, com *vessadre*, *vessade*. Falo de *hojaldre*, *hojalde* < *foliatilis*, massa esfolhada, nas doces artes da pastelaria!

Eis agora a documentação. Começo com a doutrina expendida por Diogo Fernández Ferreira na *Advertencia dos vocabulos d'esta arte e da significação d'elles*:

<sup>1</sup> Escolhiam *correas* de sola, «porque a corda, roerá elle, e a engulirá». (*Altanería*, I, 80).

<sup>2</sup> Vid. *Livro das Aves de Caça*, cap. XXI e XXVIII.

<sup>3</sup> Em rimas só me lembro das já citadas *padre*, *madre* (com os compostos), e das formas verbaes *quadre*, *ladre*.

Cornu, 02.

«As correias que trazem postas nos sancos chamam *piôs*; e as que tem os cascaveis *malhos*. As com que atam o Falcão (com F grande) na vara chamam *avessadas*. A correia que vae do tornel ás lagrimas ou contas, se diz *salto* ou *côs*»<sup>1</sup>.

No decurso do texto emprega o vocábulo dúzias de vezes. Escolherei tres passos instrutivos. Ensinando como se amansa o açor<sup>2</sup> observa que as piôs que se lhe puserem devem ser de bom coiro (de cão ou de veado), bem concertadas «e nas pontas suas contas de marfim, ou lagrimas de Moyses<sup>3</sup>; e boas avessadas com seu tornel». Nos preceitos sobre o roedeiro (= *señuelo*) diz: «Tome um cordel delgado, mas rijo, bem feito e comprido e o atará nas avessadas do falcão e sahirão ao campo limpo de cardos, matto e pedras...»<sup>4</sup>.

O Mestre-físico, claro que não se serve do vocábulo tantas vezes como o Mestre-cetreiro. Para a cura melindrosissima da as quebrada, recomenda que façam «boa barra (= vara) para a ave em que seja (= esteja), e prende-o per o vessade que se nom saya da barra» (cap. xv, p. 24). Em casos de inchação do ventre que exige operação: «derriba a ave que esta door ouver, e legalhe bem os pees com o vessade, e deitao de costa» (cap. xvi, p. 25).

Quanto á *lonja* dos Espanhoes basta recorreremos aos passos correspondentes do Chanceler, «et atalo per la longa» (cap. xxix); «bien atados los pies con la lonja» (cap. xxxi); ou ao belo tratado de Don Juan Manuel, «ca ante desto sienpre deue venir al señuelo con vn cordel, delgado e luengo, atado ala lonja o alas piyuelas (cap. v)<sup>5</sup>; «Et en medio del poyo deue auer una sortija de fierro o de llaton o de cuerda en que este (= estê) atado la lonja. Et la lonja deue seer de luengo tanto quanto pueda el falcon del un poyo en el otro» (cap. ix)<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Vol. 1, p. 19. Cfr. n, 7.

<sup>2</sup> Ibid., 1, p. 55.

<sup>3</sup> As rijas sementes pretas da cana da Índia.

<sup>4</sup> P. 123. Mais passos ha no vol. n, 7, 14, 34, 40, etc.

<sup>5</sup> Ed. Baist, p. 21, 2<sup>a</sup>.

<sup>6</sup> Ibid., p. 49, 1<sup>a</sup>. Claro que disponho de mais exemplos. Citarei apenas um em que *lonja* tem o sentido abstracto de prisão. É AMOR em diálogo com o VELHO que diz (*Cancionero General*, 1, p. 302):

mis piyuelas y mis lonjas  
á los religiosos atan.

No *Diccionario Enciclopédico* ha um só, positivo, extraído do *Libro de Cetreria y Monteria*, de Mossén Juan Valles (1556).

Quer o leitor mais uma prova do profundo esquecimento em que caiu o vocábulo *ressadre* e o seu herdeiro? No *Diccionario* da Academia imprimiram *avesadas*, e o erro (pois erro é, mesmo se assim estiver na primeira edição da *Arte de Altanería*) passou de lá aos *Diccionários* modernos. Por exemplo: ao *Manual* de F. Adolpho Coelho e ao *Diccionario Alemão-Português*, de H. Michaëlis, minha boa irmã.

No *Glossário* académico que pertence ás *Cantigas de Santa Maria*, lê-se:

VESSADRE. — Servidumbre, vassalaje (?) C. 90, E. 3.— Em nota tenta-se derivá-lo de *ressus* = *sierro*, da baixa latinidade, ou do francês *vesarde*, «peur, frayeur, épouvante», dando-se-lhe o sentido de *espanto*. (!)

## CXLII

### VÍNOLAS — VÍVOLAS

A epígrafe quer dizer que *vinolas*, *vinnolas*, é mero erro de leitura ou escrita por *vívolas* <sup>1</sup>.

«O deçimo capitulo he de hũa door que chamam em latijn *vinulas* e em nossa linguagem oljuas» (*Alveitaria*, p. 4, 9).

A p. 25, 22, onde se repete o titulo, ha *vinnulas*. O texto correspondente diz:

«Vinolas ssom hũuas landoas que naçem antre a cabeça e ho collo do caualo de hũa parte e da outra so as trincheiras e vãa (l. vam) creçendo da reyma e dos humores que lhe deçem da cabeça e apertamlhy o gorgomjillo de gujssa que adur pode comer e heuer e defolgar; e som chamadas em nossa linguagem olivas» (p. 25, 24-28).

D'essas *olivas*, tamanhas como ovos, fala-se ainda mais vezes (25, 31, 26, 24).

Trata-se evidentemente das parótidas e da parotidite.

O «latim» de Mestre Giraldo, é, como deixei dito na Parte I, o de Frei Theoderique e Jordão Rufo. Isto é: ora é catalanesco, ora italiano (siciliano) latinizado.

<sup>1</sup> Troca de *n* e *v*, o mais comum dos lapsos gráficos.

D'esta feita foi o Calabrês que lhe serviu de guia, como, felizmente, se pode comprovar. Du Cange, único, que eu saiba, que aproveitou o tratado manuscrito *De Medicaminibus Equorum*, dedicado ao Emperador Frederico II, extraiu *virulae*<sup>1</sup> do Livro II. E o vocábulo, sobre cuja pronúncia não pode haver duas opiniões, sobrevive não sómente no italiano *virule*, mas também no alemão *Feibel, Feifel*.

*Virulas, virulas*, é diminutivo de *viras*, forma que também foi registada no Glossário medieval<sup>2</sup>.

*Viras*, pela sua vez, que subsiste no francês *rives* (de *avives*) e no inglês *rives, fives*, é latinização do árabe *ad-dziba*, cujo representante directo e correcto *adiva[s]* se encontra naturalmente na península.

*Abiva[s]*, de *adiva[s]*, *adiuas*<sup>3</sup>, الذبيبة com *b* não etimológico, que encerra, a meu ver, qualquer ideia popular de veterinários antigos sobre as causas e origens ou sobre a acção das parótidas<sup>4</sup>, é castelhano.

Sempre no plural, para o distinguir de *adive*, *adiva*, cujo sentido principal (masc. e fem.) foi e continua a ser *lobo*, ou antes *lobo-cerval*, *chacal* ou *hyena*, em harmonia com o árabe. Em Portugal temos hoje exclusivamente *adibe*, «chacal»<sup>5</sup>.

Quanto ao sentido figurado<sup>6</sup>, lembro-me de uma tradição registada no Bestiário importante intitulado *Calila e Dymna*: «el que

<sup>1</sup> Vol. vi, p. 862. Não copia trecho algum, nem mesmo diz de que doença se tratava. Só diz: «*Virulae* Equorum morbus de quo Jordamus Rufus Calaber MS. lib. 2 de Medicaminibus equorum ad Fridericum II Imp. [Vide *Vivax*]».

<sup>2</sup> Vol. vi, p. 861: «*Vivax* ut infra *virute*. Equorum morbus. Gall. *Avives*. Mirac. SS. Urbani V. PP.: Quidam mulus suis casu fortuito cecidit in terra semimortuus, credens quod malum fuisset de *Vivis* sive *troucadis* quod vulgarter *goutes* appellatur». O mesmo passo, s. v. «*Troucada*».

<sup>3</sup> Em diversos Dicionários regista-se *adiuas*. É mero erro de leitura por *adivas*.

<sup>4</sup> *Avivas* é homónimo da 2.ª sing. pres. do verbo *avivar*. Lembrem-se de que Ménage pensou em derivar o francês *avives*, que seguramente veio de Castela, de *eau-vive*, explicando que *aguas-vivas* ocasionavam o engorgimento das glândulas parótidas! Vid. Devic, *Dictionnaire*, s. v.

<sup>5</sup> Exemplos clássicos no *Diccionario* da Academia e no de Frei Domingos Vieira. A substituição de *-ibe*, que não é sufixo, por *-iva*, que é terminação usadíssima, não precisa de explicação, pois é transliteração perfeita de الذبيبة «lupa», enquanto *adibe* representa الذبيبة, *ad-dzib* = lupus.

<sup>6</sup> Freytag, II, p. 78, regista *Lupa* e logo depois *Morbi species qua affici solet guttur iumentis*, acrescentando a seguinte explicação curiosa: «causa est res quae grano milii similis perforato loco in inferiore auri parte educitur».

se quiera matar, coma carne de lobo, et le tomará postema á la garganta et morrá»<sup>1</sup>. Tradição, com a qual devemos comparar a fábula clássica, ou o provérbio—que perde a fala quem avista o lobo<sup>2</sup>.

Será porque a angina (esquinécia) ou toda a inflamação de glândulas faciaes aperta as goelas tão fortemente, como se um lobo as atenaçasse com os seus dentes?

*Omen-nomen?* Para variar?

Não vejo que *lobo* < *lobus* com *loba*, *lobulo*, *lobinho*, etc. (*lobano*, *lobanillo*, em castelhano), influísse no desenvolvimento do sentido. Ainda assim vale a pena estabelecer o seguinte: os Mouros de Espanha acolheram na sua linguagem *lob* < *lupus*<sup>3</sup>. *Lupus* é termo medicinal geralmente conhecido<sup>4</sup>. E como os médicos árabes e judeus mal podiam desconhecer os nomes citados de *tumores e quistos* (*Balggeschwulst*) não será impossível que traduzissem ambos com *džibba*, *lupa*<sup>5</sup>.

\*

E as *olivas* de Mestre Giraldo? Embora nos Dicionários portuguezes não ande o vocábulo *adivas* no sentido de parótidas<sup>6</sup>, é de crer que existisse de 711 em diante, passando a ser modificado por etimologia popular antes de o físico de D. Denis haver nacionalizado, por ordem do monarca, os melhores tratados de alveitaria. *Olivas* (azeitonas do tamanho de ovos) é, pelo menos, figura muito apropriada a glândulas engorgitadas.

\*

Na lei-tarifa de 1253 nomeiam-se, entre as mercadorias apreciadas, *adivaaes de alfarfa*<sup>7</sup>, cordas ou tranças das fibras ou folhas da mesma planta, de que também se teciam *soltas*, conforme con-

<sup>1</sup> Ed. Gayangos, p. 30.

<sup>2</sup> Vid. Leite de Vasconcelos, *Tradições*, § 330; Sá de Miranda, ed. Carolina Michaëlis, p. 772.

<sup>3</sup> Vid. Dozy, *Glossaire*, p. 145.

<sup>4</sup> Em portuguez distinguimos *lobo* < *lobus* e *lôbo* < *lupus*. Em castelhano são de pronúncia idéntica.

<sup>5</sup> Em alemão *Wolf* é certa inflamação de pele.

<sup>6</sup> Dificilmente se encontrará em textos arcaicos anteriores a 1318.

<sup>7</sup> *Port. Mon. Hist.*, «Leges», p. 195.

tei. A tres ou quatro dinheiros cada *adival* e cada sôlta. Ignoro a proveniência do termo.

Quanto a *alfarfa* é, a meu ver, *alhalfa*, الحَلْفَة, *Stipa tenacissima*<sup>1</sup>: o esparto — uma das gramineas mais preciosas da Península (denominada *campus spartarius* pelos antigos) e do Norte da Africa — cujas canas verdes, parecidas ás do junco comum, servem de pasto ao gado, e cujas folhas sêcas, tão enroladas que tem o aspecto de cilíndricas, servem para o fabrico de sogas, cordas, cabos, redes, seirões, capachos.

## CXLIII

VURMO<sup>2</sup>

Apesar das dúvidas levantadas pelo meu muito amável crítico, continuo a aproximar *vurmo* do germânico *wurm*. Mais do que isso, identifico-os agora resolutamente. E, para o convencer, creio que bastarão as observações seguintes:

1) *Wurm*<sup>3</sup> não traduz apenas *verme*, conquanto este seja o sentido principal. Significa também *panarício*; e sobretudo a terrível doença hípica do *mormo* (*Rotzkrankheit*<sup>4</sup>), isto é, a peor de aquelas em que pelas úlceras das ventas os poldros segregam mucosidades purulentas.

<sup>1</sup> Freytag, I, 417, diz apenas s. v. «half, halfa», حَلْفَة *Halfa* Nomen plantae; s. v. حَلْفَة. Nomen herbae aquaticae, e s. v. حَلْفَة, *arundineta*. Dozy, p. 100, cita P. de Alcalá que traduziu o castelhano *alfarfa* por «esparto, yerva propia de España», e prova, por vários passos, que realmente se trata d'essa planta téxtil. Além de *alfarfa*, «lucerna» que é costume derivar de *alfacefaça*, الحَصْنَة, é muito provável que os Espanhoes tivessem também *al-halfa*, *alharfa*, «esparto». Não posso todavia apontar textos comprovativos de colheita própria. Nem posso consultar o tratado de Vivárez: *L'halfa. Étude industrielle et botanique*, Montpellier 1886. Em todo o caso, o nome arábico não foi produtivo. O vocábulo latino-grego frutificou, pelo contrário, abundantemente. Em Portugal deu-nos além de *espartal*, *espartão*, *espartaria*, *espartenhas*, *esparteiro* (e o internacional termo farmacêutico de *esparteína*) os famosos *espartilhos* das damas, com diversos derivados.

<sup>2</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, XI, 54 e 241.

<sup>3</sup> Nos periodos medievaes (ahd., mhd., nhd.) também era *wurm*; goth. *vaurms*; anglosax. *vyrm*; altnord. *orur*. Aparentados com *vermis*.

<sup>4</sup> Sem recorrer a tratados sôbre veterinária, basta que meu amigo leia em qualquer Enciclopédia moderna os artigos WURM-KRANKHEIT e ROTZ-KRANKHEIT, P. ex. em Brockhaus, XVI, 271.

2) A doença do *mormo* corresponde á da água vidrada e á das gozmes dos falcões, de que Mestre Giraldo se ocupa no primeiro e segundo capítulo do seu *Livro das Aves de Caça*. Ahí diz: «E ainda se bem o olhares, veeras as ventaas da ave que lançam como urmo qualhado...»<sup>1</sup>.

Note-se bem: *urmo*<sup>2</sup>, ao par de *vurmo*!

3) Ayala traduz: «et demás para mientes et verás en las ventanas del falcon como muermo cuajado» (p. 221), confirmando o que deixei dito no artigo *Gozmes* a respeito da identificação e fusão entre *morbus*, *gorme* e *wurm*.

Originariamente, *urmo*, *vurmo* < *wurm* designam, portanto, as secreções (vermiformes aos olhos do vulgo), que caracterizam a doença do *wurm*<sup>3</sup>, passando depois a denominar as de todas as úlceras em geral<sup>4</sup>.

Quanto a nomes de *vermes* e *reptis* applicados a doenças, confirmam ADRAGUNCHOS, assim como EYRÍÇOOS, COBRELOS e SAPINHOS.

CAROLINA MICHAÉLIS DE VASCONCELLOS.

<sup>1</sup> P. 10 a 11.

<sup>2</sup> E d'esta forma tenho mais de um exemplo. *Alveitaria*, II, cap. xxviii: «[o polmom do lombo] rronpe ho coiro e deyta ende *vrmo* ou auga (38, 26). Ibid., cap. xxix: «E aas vezes se lhe fazem empollas pequenas e inchaços cheos de sanguy e de *vrmo*».

<sup>3</sup> No seu tratado de *Alveitaria*, Mestre Giraldo occupa-se largamente d'este mal. Vid. cap. II: «da frjura da cabeça do cauallo e chamamlhe *mormo* que ainda nam corre» (pp. 3 e 18). Cap. III: «de hũa door que chamam em latym *chimorrea* e em nossa linguagem *mormo* depois que corre» (pp. 3 e 20: cfr. 28, 27).

<sup>4</sup> *Alveitaria*, passos citados e pp. 39, 23, 54, 26.



## MISCELLANEA

## I

## Espartão

(Nota à *Rev. Lusitana*, xiii, 138)

Como me lembra o Sr. Gonçalves Viana, a palavra *espartão* deve relacionar-se com a hespanhola *esportón*, augmentativa de *espuerta* «especie de cesta de esparto», cujo etymo é o lat. *sportā*, «alcofa de esparto, ou de juncos, ou cesto de vime» (*Prosodia* de B. Pereira).

J. L. DE V.

## II

Observações aos «Textos Archaicos» (2.<sup>a</sup> edição)Cfr. *Rev. Lusitana*, xi, 178

Pag. 58. — Na linha 2: *prymeira* refere-se a *fijs*, palavra citada antes, e que é feminina. Corrija-se pois o que se lê a pag. 112, penultima linha. — Na linha 3-4: imprimiu-se *uyrtutudes*, por erro typographico, em vez de *uyrtudes*.

Pag. 72, linha 3. — A forma *ffoy* significa «fui» (1.<sup>a</sup> pessoa).

J. L. DE V.

## III

## Ei- &gt; i-

Certas palavras portuguezas que começam por *e* atono escrevem-se hoje ora com *e*, ora com *i*, por ex.: *idade*-*idade*, *egreja*-*igreja*, *egual*-*igual*, — por causa do latim *aetas*, *ecclesia*, *aequalis*. Na litteratura archaica apparecem escritas com *i*, o que prova que esta pronúncia é antiga. Como se explica o *i*-, se temos outras, como *eriçar*, *estar*, que, comquanto na lingua litteraria moderna sõem com *i*-, se orthographaram sempre com *e*-?

É que o *i* de *idade, igreja, igual*, provém, não directamente do lat. *e-* (*ae-*), mas do ditongo arcaico *ei-*:

*idade* < \**eidade* < *aevitare-* (não *aetate-*); a forma com *ei-* está representada no gallego *idade* (e *eidá*), e no leonês *eidat*;

*igreja* < *eigreja* < *ekclesia* = *ecclesia* (o primeiro *c* = *k* dissolveu-se em *i*);

*igual* relaciona-se com o verbo antigo *iguar* < \**eignar* < \**ægnar* < *a da e q u a r e*; e nas mesmas circunstancias estão as outras palavras da mesma família, como *igualdade, igualdança, igualha*.

Explicação análoga tem *isento* < *eisento* < *exemptu-*, *Idanha* < *Eidânia* < *Egitania* < \**Igaeditania*, *Inês* < *Einés* < *Agnes*, e o arch. *ixido* < *eixido* < *ex-itus* (não *exitus*, pois houve o que em Glottologia se chama «recomposição»).

O *i* que se ouve nas citadas palavras *erigar, estar*, e semelhantes, é relativamente moderno.

J. L. DE V.

#### IV

### Raso, rasar, rasoura

Zu *Marcellus Empiricus*. — XXII 14 heisst es: *unum cocleare plenum, vel, si vires infirmiores sunt, RASUM, id est ruclatum, cum vino austero... dabis*. In dem *Index verborum* sagt G. Helmreich: «RASUM: Genus mensurae ignotum, cf. *Ducange s.h.v.*». *Rasum* ist kein Name eines unbekanntes Masses, sondern das Partizip des Verbums *radere* «abstreichen». *Cocleare rasum* steht im Gegensatz zu *cocleare plenum* (oder *cocleare cumulatam*, wie es XXII 24 heisst). Vom Part. *rasus* kommt das portugiesische *rasar* «abstreichen». (Streichholz heisst *rasoura*). *Ruclare*, eigentlich *ruclare* — vgl. *reclus* (*App. Probi*) für *retulus* —, ist wohl ein vulgäres Zeitwort und schliesst sich etymologisch, glaube ich, an *rutellum* «Streichholz» an.

· EPIPHANIO DIAS <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> [Com a devida venia transcrevo este artigo da *Berliner Philologische Wochenschrift*, de 5 de Fevereiro de 1910. — J. L. DE V.]

## V

## Etymologias

**I. As palavras «paspalhão», «paspalho», «paspalhice» e «paspalhar».**

Todos os nossos dicionários mencionam o substantivo «paspalhão», a que atribuem a significação de «pessoa que procura figurar com impostura» (Moraes), «parlapatão», «fátuo», «lôrpa», «tôlo», «espantalho». Nenhum dá a etimologia d'êsta palavra, que me parece dever explicar-se do seguinte modo:

Na Galiza chamam à codorniz «paspalhás», e em alguns lugares de Trás-os-Montes «paspalhós». Este nome é uma imitação do canto da codorniz, como já notaram Saco Arce e Cuveiro Pinhol.

De «paspalhás» e «paspalhós», vocabulos masculinos que seriam tomados como aumentativos, em virtude das suas terminações, passar-se-hia facilmente para outra forma com aspecto de aumentativo, «paspalhão», podendo esta haver sido também directamente sugerida pela voz da codorniz. E que «paspalhão» é o nome da codorniz em alguma das nossas províncias, di-lo também o *Novo Dicionário*, sem precisar a região a que pertence.

O canto estrepitoso da pequena ave, irónicamente interpretado, deu-lhe ares de jactância, de vaidade, de estólida pretensão. D'aí resultou que o seu nome passou também a aplicar-se, zombeteiramente, a pessoas em que avultam essas qualidades. Esta evolução de sentido tem um caso análogo na palavra *grulha*, com que designamos uma pessoa excessivamente faladora, tagarela, e que em castelhano exprime a denominação de uma ave, o grou.

\*

Além da palavra «paspalhão», todos os léxicos registam igualmente o termo «paspalho», e é d'êste que alguns fazem derivar aquele, ao contrário do que deve ser. Com efeito, vendo-se erradamente em «paspalhão» uma forma derivada, um aumentativo, procurou-se a forma primitiva, de que procederia aquela, e supôs-se que deveria ser «paspalho», exactamente como para a palavra «rosmaninho» que representa o latim *rosmarinus*, e na qual se imaginou haver um diminutivo, em virtude do aspecto da sua terminação, se tratou de obter o vocábulo de que proviria, che-

gando-se por este modo á formação do substantivo «rosmano», que substituiu em alguns logares de Trás-os-Montes e da Beira a palavra «rosmaninho».

É este mais um caso d'aquilo que a ciência da linguagem denomina formas regressivas. Outro semelhante seria o vocábulo «paparreta», de «paparrotão», se houvesse de confirmar-se a explicação que propus no *Fragmento de um estudo da linguagem de Camilo*, publicado em *A Revista*, do Pôrto.

\*

Com os substantivos «paspalhão», «paspalho» e «paspallice», que os dicionários mencionam, podemos arquivar também o verbo «paspalhar», de que usou Alexandre Herculano, como se vê em uma carta inédita que o jornal *A Lucta*, de Lisboa, publicou em 23 de dezembro de 1909, e de que transcrevo o seguinte passo:

«Se estou perfeitamente curado das vaidades tolas de auctor, não o estou 'das de agricultor. Antes assim, se é forçoso pagar tributo até á morte á fofice innata do espirito humano. A vaidade litteraria não acha nunca sufficientemente amplo o theatro dos seus desvarios; a vaidade do lavrador contenta-se em regra com *paspalhar* diante de poucos amigos. Como todos os do officio, o lavrador de Calhariz tem a rara modestia de suppor que ninguem obtem melhores produções agricolas do que elle. Dominado por esta idéa lembra-se de vez em quando de um amigo para victima e impinge-lhe um *specimen* das suas portentosas lucubrações, que provavelmente o amigo achará assás mediocres, mas que a rainha do mundo — a hypocrisia — o obrigará a declarar inimitaveis. Faz o mesmo que o litterato, que assignala para o martyrio das confidenciaes leituras ora um ora outro dos seus infinitos amigos (o litterato é amigo de toda a gente que tem a desgraça de não ser surdo) para lhe descarregar em cima um chuveiro de odes, de cantos, de capitulos, de estheticas, de transcendentalismos e de asneiras...».

## 2. Os vocábulos «estrepe», «corriola», «botefas», «rameira».

Em Lousada chamam *estrepe* ao pedúnculo das abóboras, a parte que as prende ao caule ou ramificações do caule, que denominam *corriolas*.

Os dicionários mencionam a palavra *estrepe*, com a significação de «espinho», «abrolho», — «pua»»; — «conjunto de vidros partidos ou de puas de ferro ou madeira, collocados sobre muros

para que estes não sejam escalados», — «pua de pau ou de ferro, estaca pregada no chão, junto a vallados, fossos, para que se espete nelles quem vae a entrar». Os *estrepes* eram antigamente muito usados para defenderem os campos contra os inimigos. Em Lucena, *Vida de S. Francisco Xavier*, liv. iv, cap. II, encontra-se o seguinte exemplo: «... affirmaram todos os presentes que cho-vera cinza, e foy em tanta quantidade, que alem de cobrir e entulhar o campo dos *estrepes*, de maneira que sem nenhum perigo se podia correr e saltar por cima d'elles, etc».

No Minho dão também o nome de *estrepes* ás canas do milho depois de colhidas as espigas.

Alguns léxicos registam os vocábulos compostos: «saca-estrepo — da mata», que dão como termo botânico do Brasil e que definem como «planta herbácea da familia das melastomáceas (*Spemera aerifera*, e «saca-estrepo — de campinas» (*Echinops saca-estrepo*). Estas palavras não ocorrem no *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*, do Visconde de Beaurepaire-Rohan.

Ora em latim havia *stirps*, cujo acusativo era *stirpem*, e que significava propriamente «tronco de árvore», «caule», e ainda «raiz». Esta palavra está representada na nossa linguagem culta pelo vocábulo «estirpe», o qual foi introduzido com o sentido tropológico que a palavra tinha em latim; mas creio que esse vocábulo latino é também a origem do nosso «estrepo». Na verdade *stirpe(m)*, cujo *i* é breve, daria *esterpe* em português, por evolução. Depois, a sílaba *ter* transformar-se-hia em *tre* por analogia, visto ser muito frequente na nossa lingua o grupo consonantal *str*, como *estrela*, *estrada*, *estribo*, *estrume*, etc.

No italiano ha, com a mesma origem, *sterpe* e *sterpo*, que designam o «rebento de uma raiz ou tóco de árvore cortada ou partida pelo vento» e «ramoscello mal vivo».

O nosso substantivo *estrepo* é do género masculino. *Stirps* era feminino e masculino. Com este último género usam-no principalmente os autores que tratam assuntos de agronomia (cf. Georges, *Ausführliches Lateinisch-deutsches Wörterbuch*). É, pois, natural que na linguagem dos nossos campos *estrepo* ficasse sendo masculino.

No logar em que encontrei o termo *estrepo* empregado como designação do pedúnculo das abóboras, dão a estas o nome de *botefas*, quando são pequenas, e de *botelhas*, sendo grandes. As folhas chamam *rameiras*.

Se a etimologia que proponho é exacta, como parece, temos aqui mais um exemplo de formas divergentes, isto é, de palavras que, re

presentando o mesmo étimo, tem formas e significações diferentes : assim, *estirpe* e *estrepe*, do latim *stirpe[m]*, acusativo de *stirps*.

### 3. Os termos «cervúm», «laborinho» e «laboreira».

Na *Revue Hispanique* falei da palavra *cerrum*, usada na Serra da Estrela para designar certas pastagens em que predomina a *Nardus stricta* L., e considerei esse termo como derivado do latim *cerrus*, «veado», por meio do sufixo *-umus*, como *cabrum*, *racum*, etc. *Cerrum* seria, portanto, o pasto procurado especialmente por veados.

Aqui notarei que em outros logares da mesma serra ha umas pastagens que são constituídas pela *festuca ovina*, e a que dão o nome de *laborinho*. Esta palavra parece resultar do adjectivo *leporinus*, derivado de *lepus*, *-oris*, «a lebre», e designaria particularmente ervas ou pastos preferidos pelas lebres, que portanto deveriam abundar naquelles sitios.

Também este termo, como *cerrum*, não vem ainda registado no léxico. Todavia, o *Novo Dicionário* consigna uma forma semelhante, *laboreira*, «planta da serra de Sintra».

*Laboreira* deve igualmente representar um derivado de *lepus*. *leporaria*, que daria em português «laboreira», como *leporinus*, «laborinho».

No nome de logar *Castro Laboreiro* parece haver também um derivado de *lepus*, como em tempo propôs o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

### 4. As formas «chinchage», «tanchagem» e «tantage».

Em Trancoso e Santa Comba Dão o nome vulgar da *Plantago major* L. é *chinchage*, que deve explicar-se do seguinte modo:

Do acusativo de *plantago* (*plantaginem*) proveio *chantagem* ou *chantage*, pois que o grupo consonantal *pl* passou para *ch* como em *plumbum* > chumbo, *implere* > encher, etc. Depois deu-se a metátese das duas primeiras sílabas, como em *chantar* ou *tanchar*, de *plantare* (d'onde o substantivo *tanchão*). Chegou-se por este modo á forma *tanchagem*, que é o nome geralmente usado para designar aquella planta, segundo Brotero.

Em seguida, como coexistissem as formas *chantagem* e *tanchagem*, operou-se uma contaminação ou cruzamento das duas, de que resultou *chanchagem* ou *chanchage*, e, por dissimilação do primeiro *a*, devida talvez a uma analogia, *chinchage*. Também por contaminação se obteve a forma *tantage*, achada em Ponte do Lima.

JULIO MOREIRA.

## BIBLIOGRAPHIA

## VARIA QUAEDAM

— **O Doutor Storck e a litteratura portuguesa**, por J. Leite de Vasconcellos, Lisboa 1910, XII, 338 pag. in-8.º gr., com estampas.

— **Ensaio Ethnographicos**, pelo mesmo. Vol. IV (e último), Lisboa 1910, XVI-516 pag. in-8.º pequeno.

— **A tenção de D. Duarte**, por G. L. Santos Ferreira, Lisboa 1910, 8 pag. in-8.º grande.

— Na **Zeitschrift für romanische Philologie**, XXXIV, 560, começou a publicar-se um artigo de A. A. Fokker sobre palavras portuguesas (e hespanholas) de origem oriental.

— **Frei Agostinho da Cruz**, por Hemeterio Arantes, Lisboa 1909, 60 pag. in-8.º

— **Frases feitas**, por João Ribeiro: 1.ª serie, Rio 1908; 2.ª serie, Rio 1909, in-8.º

— «**Frases feitas**» (considerações á obra precedentemente indicada), por Oscar de Pratt, Lisboa 1910, 22 pag. in-8.º

— **Palestras filológicas**, por Gonçálvez Viana, Lisboa 1910, 296 pag. in-8.º

— **Castro d'Avellãs** (mosteiro beneditino), por F. Manuel Alves, Coimbra 1910, separata de *O Instituto*, 172 pag., com muitos documentos medievaes.

— **Ferrol y Puente deume**, por César Vaamonde Lores, Coruña 1909, 90 pag., com documentos latinos e gallegos da idade-media.

— **Fragmento de un nuevo código gallego de las Partidas**, por A. Martínez Salazar, La Coruña, 18 pag.

— **O Concelho de Guimarães**, por João Monteiro de Meyra, Porto 1907, com vistas e noticias ethnographicas e archeologicas.

— **Boletim da Sociedade Archeologica «de Santos Rocha»**, n.<sup>os</sup> 4 a 10.

— **Archivo Historico Português**, n.<sup>os</sup> 5 a 12 do vol. v; vol. vi e vii e complemento; n.<sup>o</sup> 1-2 do vol. viii.

— **Bulletin Hispanique**. Publicou-se o vol. xii (1910).

— **Der Inez de Castro-Stoff im romanischen und germanischen, besonders im deutschen Drama**, por K. Kreisler, 2.<sup>a</sup> parte, Kremser 1909. Cf. *Rev. Lusitana*, xii, 148.

— **Mariana Alcoforado**, Lettere d'amore di una monaca portoghese. Traduzione e prefazione di Luigi L. Sicilliani. Milão 1909, in-16.<sup>o</sup>, 80 pag.

J. L. DE V.



## INDICE DO VOLUME XIII

### Artigos desenvolvidos:

	Pag.
<i>Documentos de Santa Maria de Aguiar (Castello Rodrigo)</i> — por Pedro A. de Azevedo.....	1
<i>Investigações ethnographicas</i> — por A. Thomás Pires.....	18
<i>Analecra litteraria e historica</i> — por Gomes de Brito.....	40
<i>Carta de tocor ou de pacto com o Demonio</i> — por Pedro A. de Azevedo	66
<i>Falas e tradições do districto de Viana do Castelo</i> — por Claudio Basto	72
<i>Noro supplemento ás tradições populares e linguagem de Villa Real</i> — por A. Gomes Pereira.....	95
<i>Vocabulario trasmontano (do concelho de Moncorvo)</i> — pelo Abbade Tavares Telxeira.....	110
<i>Mestre Giraldo e os seus tratados de Alveitaria e Cetraria</i> — por D. Car- rolina Michaëlis de Vasconcellos:	
Parte I. — Estado literário.....	149
Parte II. — Estudos etimologicos.....	222

### Miscellanea:

<i>A procissão das lanternas em Lunego</i> — por Fernando Braga Barreiros	127
<i>Colaga</i> — por J. L. de V.....	130
<i>Nomes de cavallos e mulas no seculo xvi</i> — por Pedro A. de Azevedo	131
<i>Portugal num romance do seculo xviii</i> — por J. L. de V.....	132
<i>Canções e W. Warner</i> — por Joseph de Perott.....	136
<i>Nomes do typo de «Suatorre»</i> — por J. L. de V.....	137
<i>Etymologias</i> — por J. L. de V.....	137
<i>A Menina e Moça e o Hamlet</i> — por Joseph de Perott.....	139
<i>Notas a uma poesia de D. Juan Garcia de Guilhade</i> — por J. L. de V.	140
<i>Esp. port. «mecha»</i> — por Paul Barbier Fils.....	141
<i>Dois passos do «Lyma»</i> — por J. L. de V.....	142
<i>Espartão</i> (Nota à <i>Rev. Lusitana</i> , xiii, 138) — por J. L. de V.....	433
<i>Observações aos «Textos Archaicos»</i> (2.ª edição) — pelo mesmo.....	433
<i>Ei &gt; i</i> — pelo mesmo.....	433
<i>Raso, rasar, rasoura</i> — por Epiphanio Dias.....	434
<i>Etymologias</i> — por Julio Moreira.....	435

### Chronica:

<i>Sociedade internacional de Dialectologia romanica</i> — por J. J. Nunes..	144
<i>Chronique étymologique des langues romanes</i> — por P. Barbier Fils e B. Schädel.....	145

## Bibliographia :

## VARIA QUÆDAM :

<i>Dialecto rio-grandense</i> (Gomes de Campos Junior).....	147
<i>Difficuldades da língua portuguesa</i> (Said Ali).....	147
<i>Elementos de Gramática histórica gallega</i> (Garcia de Diego).....	147
<i>Cantos Populares Portugueses</i> (Thomás Pires).....	147
<i>Cantigas de Guilhade</i> .....	147
<i>Introdução à mais antiga poesia portuguesa</i> .....	147
<i>Die Sprache des Königs Denis von Portugal</i> (Gassner).....	148
<i>O Doutor Stork e a Litteratura portuguesa</i> (Leite de Vasconcellos) ..	439
<i>Ensaio Ethnographicos</i> — pelo mesmo.....	439
<i>A tenção de D. Duarte</i> (Santos Ferreira).....	439
<i>Zeitschrift für romanische Philologie</i> (A. Folker).....	439
<i>Frei Agostinho da Cruz</i> (Hemeterio Arantes).....	439
<i>Frases feitas</i> (João Ribeiro).....	439
« <i>Frases feitas</i> » — considerações á obra precedentemente indicada — (Oscar de Pratt).....	439
<i>Palestras Filológicas</i> (Gonçalvez Viana).....	439
<i>Castro d'Avellãs</i> (P. <sup>o</sup> Manuel Alves).....	439
<i>Ferrol y Puente deume</i> (Vaamonde Lores).....	439
<i>Fragmento de un nuevo código gallego de las Partidas</i> (Martínez Salazar).....	440
<i>O Concelho de Guimarães</i> (Monteiro de Meyra).....	440
<i>Boletim da Sociedade Archeologica de «Santos Rocha»</i> .....	440
<i>Archiyo Historico Português</i> .....	440
<i>Bulletin Hispanique</i> .....	440
<i>Der Inez de Castro. Stoff im romanischen und germanischen, besonders im deutschen Drama</i> (Kreisler).....	440
<i>Mariana Alcoforado</i> (Luigi Siciliani).....	440